



















GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSIS

---

---

HISTORIA ARTE ARCHEOLOGIA

---

---

O MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DO ESPINHEIRO



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

---

1886





GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSES

---

---

HISTORIA E ARCHEOLOGIA

---

---

O MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DO ESPINHEIRO



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

—  
1886





## ESTUDOS EBORENSSES

---

### O Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro

---

A 4 kilometros proximamente a noroeste d'Evora, n'uma branda elevação do terreno, fica situado o edificio que foi mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. O sitio é ameno e saudavel, na zona das quintas que é a grande facha arborisada dos arredores d'Evora, o aro da cidade onde a propriedade está mais dividida e mais densa a população rural. De um lado o verde-escuro do montado de azinho, do outro o verde-cinzeno dos olivae matizados pelo mais alegre das vinhas, animado pelo alvejar dos casaes. Entre os arvoredos, realçando, a coroar uma ondulação do terreno granitico, o edificio branco, vasto, do historico mosteiro.

Ao estado só pertence ali o templo, tudo o mais é propriedade particular; parte do mosteiro, com suas officinas está bem conservada, outra parte em ruina completa. Vendido por insignificante quantia depois da extincção dos conventos de frades, foi em breve reduzido a pardieiro; tiraram telha, madeiras, grades, marmores, o vandalismo sabido!

Mais tarde foi comprado pelo sr. Manuel Gabriel Lopes, estimavel cavalheiro, que o restaurou em grande parte, tornando-o habitavel.

O templo foi poupado, contentaram-se em lhe tirar os quadros; no côro, como as telas estavam pregadas na madeira do cadeirado, arrancaram-nas, positivamente, com tal furor que deixaram ainda alguns fragmentos. Aqui o vandalismo foi official: a natural resultante de certas ordens improvisadas no gabinete, partindo de uma boa intenção mas olhando só o resultado immediato, sem ver sequer a segunda consequencia, sem attender á forma da execução, sem cuidar mesmo de arranjar pessoal capaz de cumprir!

Creio que em muitas cousas não estamos hoje mais adiantados.

Os quadros do Espinheiro foram para a Academia das Bellas Artes de Lisboa; esta academia foi até ha poucos annos um verdadeiro cemiterio de bellas artes; os centos de quadros dos conventos extinctos (só de Evora sahiam 443!) foram lá muito bem empilhados, porque não tinham paredes bastantes para tantas pinturas em tela e madeira, em casas mal reparadas, e passados annos tinha apodrecido grande numero. Se os tivessem posto no paço archiepiscopal, ou distribuido pelos conventos de freiras, como deposito, estavam salvos. Foi uma perda irreparavel, incalculavel.

O templo salvou-se, e ultimamente por devoção de alguns particulares se teem ali celebrado annual

e regularmente 3 ou 4 festas religiosas, que devem sem duvida contribuir para a conservação d'aquella formosa igreja que bem merecia ser aproveitada para parochia: a 4 kilometros da cidade, em bom sitio, rodeada de casaes, facilmente se formava ali uma freguezia, como poderia collocar-se tambem uma escola primaria, porque nas proximidades ha bastantes fogos.

Mas quem trata agora das commodidades, do bem estar, da educação e instrucção de uns centos de pobres trabalhadores ruraes!

Vamos nós contar a historia do mosteiro.

Ahi por 1400 um rapazinho pastor achou ali, então o sitio era ermo, uma imagem de Nossa Senhora em cima de um espinheiro.

Correu a noticia, augmentou a fama, e pouco depois (1412) ergue-se uma ermida; duas doações de João Affonso e Leonor Rodrigues, deram importancia ao novo sanctuario.

Em 1458 o bispo d'Evora D. Vasco Perdigão fundou a igreja; segue-se-lhe o mosteiro, que, ainda incompleto, foi povoado pelos monges de S. Jeronymo, sendo 1.º prior fr. Fernando d'Evora.

Eram 12 os monges no principio; este numero augmentou, e muito mais cresceu a importancia do mosteiro pela protecção de Affonso 5.º, João 2.º e Manuel, que todos o frequentaram muito por ser agradável passeio, e por devoção de Nossa Senhora.

O primeiro mosteiro arruinou-se; os monges em 1566, reconstruíram e ampliaram o edificio, que até ao seculo presente soffreu modificações e reparos.

O templo só nas linhas geraes representa a construcção do seculo 16.

Alteraram-se os ornatos, fizeram-se as capellas, collocaram-se azulejos e entalhados, concertou-se

o pavimento: a capella mór actual foi feita em 1680, e ainda no principio do presente seculo (1801) houve em todo o templo concertos importantes.

De modo que do templo antigo só ali restam, nos parece, algumas campas, a 1.<sup>a</sup> capella á direita, (pavimento e azulejos). O portal de marmore que é pura renascença deve ser da reconstrucção de 1566.

No edificio ha, porem, uma parte seguramente anterior á reconstrucção do seculo 16, é o recinto abobadado onde vem a escada do eirado da cisterna, era talvez a primitiva casa capitular: os capitais das pilastras são do seculo 15, os azulejos da escada, semelhantes aos de S. Braz e a outros conhecidos, são do tempo de João 2.<sup>o</sup>, e n'uma das paredes, a certa altura, ha dois relevos em barro n'um dos quaes se reconhece bem o pelicano, o symbolo adoptado por João 2.<sup>o</sup> que ia muitas vezes ao mosteiro resar e disciplinar-se.

D. Manuel, assevera-se isto, ali recebeu a noticia da descoberta da Inda; a princeza D. Izabel, a esposa do infeliz D. Affonso, ali esteve por alguns dias antes de fazer entrada solemne na cidade.

Era tradição entre os monges que no mosteiro o joven principe e a gentil princesinha castelhana, nas suas repetidas entrevistas, desvairados d'amor a ponto de esquecer a casa em que estavam, foram alem do amor platónico e dos innocentes idyllos; a casa encostava ao templo, e este era então coroado de ameias; n'essa noute o vendaval tombou sobre o telhado proximo uma das ameias, e os monges attribuiram aquillo a aviso sobrenatural da tragica morte do principe, e para memoria nunca mais ergueram aquella ameia.

D. João d'Austria esteve ali aquartelado; Garcia de Resende tanto queria ao mosteiro que escolheu



um canto da cerca para erguer uma ermida, uma graciosa ermida, onde abriu a sua sepultura.

E se não sobrassem estes factos para dar valor historico, bastava o grande numero de campas que encham o cruzeiro, a capella mór, as lateraes, e que escondem as cinzas de homens de grande valia, de nomes historicos, para tornar illustre o formoso templo e dar-lhe fóros de monumento.

O mosteiro possuia preciosidades de grande valor, D. Manuel deu-lhe objectos de culto de prata e ouro; no seculo 18 ainda existiam algumas d'essas davidas, outras tinham sido vendidas para acudir a certas obras; entre os frades houve muito barbaro tambem; um prior menos advertido, é como se exprime um collega, vendeu a estatuasinha equestre de prata, offerta de D. Affonso 5.º para fazer uns reparos insignificantes. Em 1700 e tal a capella de Garcia de Resende servia de pocilga a porcos; se os reverendissimos até destruíram o braço do bispo fundador!

No codice  $\frac{110}{1-8}$  da collecção de manuscriptos da Bibliotheca d'Evora existe um—Memorial das sepulturas que estão no convento de Nossa Senhora do Espinheiro da ordem de S. Jeronymo, cujo fundador foi o reverendissimo sr. D. Vasco Perdigão de boa memoria, bispo d'Evora, cuja é a capella collateral da parte do Evangelho onde tem sua sepultura mettida na parede ao presente mui bem concertada pelo P.º fr. Julião de Faria, sendo prior do convento em 1637—.

Este memorial foi escripto em agosto de 1645. É um pequeno folheto curioso, o monge que o fez teve o cuidado de desenhar os braços; as leituras não merecem inteira confiança.

Conta o auctor um facto interessante; estão hoje no cruzeiro 5 campas com extensos lettreiros re-

ferentes a pessoas da familia dos condes de Viana; basta olhar para dizer logo que taes caracteres não são do seculo 16: o folheto explica este caso. Na capella de S. Jeronymo estavam cinco sepulturas, com seus brazões e lettreiros referentes ás pessoas mencionadas; pois em 1617 mandou o conde meirinho mór D. Duarte de Castello Branco, apagar estes lettreiros com os brazões d'armas, com muito desgosto dos religiosos, e esculpir outros lettreiros. Felizmente o folheto dá-nos as primeiras inscrições, de que em breve fallaremos.

Na capella mór estavam os — infantes meninos.

Estes infantes fallecidos em tenra idade eram D. Maria, filha de D. Manuel, e de sua 2.<sup>a</sup> mulher a rainha D. Maria; a infante falleceu em 1513: D. Brites filha de D. João 3.<sup>o</sup> e da rainha D. Catharina. Junto do altar mór esteve o principe D. Manuel, filho de João 3.<sup>o</sup> e Catharina, falleceu em 17 d'abril de 1537, com 5 annos de idade: ainda foi jurado herdeiro do reino nas côrtes de Evora.

Em 8 de dezembro de 1582 o arcebispo D. Theotonio, por ordem de Philippe 2.<sup>o</sup> foi buscar os ossos dos infantes, com grande acompanhamento de fidalgos, religiosos, etc. Vieram para a sé, e logo depois transportados para o mosteiro de Belem.

Em 1645 já estava na capella mór D. Diogo de Castro, e no logar das infantes meninas D. Felippa de Mendonça mulher de D. Fernando de Castro, conde de Basto, capitão mór d'Evora: mas a capella foi reconstruida depois, fizeram-se os grandes tumulos de marmore branco e cinzento, elegantes ainda que de singelo desenho: as inscrições são as seguintes:

— Sepultura de D. Diogo de Castro conde de Basto que foi regedor das justiças, presidente do paço, governador d'este reino e visorei d'elle, falleceu em 19 de maio de 1638, e de sua mulher a

condessa D. Maria de Tavora que falleceu a 4 de outubro de 1618 que lhes mandou fazer sua nora a condessa D. Violante de Lancastro filha dos duques d'Aveiro — .

D. Diogo de Castro é um vulto historico de grande importancia, deu-se com elle um incidente notavel por occasião dos tumultos de 1637, que em outra parte contaremos.

Em frente está a — Sepultura de D. Lourenço Pires de Castro, conde de Basto, falleceu em 27 d'outubro de 1642 e de sua mulher a condessa D. Violante de Lamcastro filha dos duques d'Aveiro faleceu em 28 de março de 1691 fundadora d'esta capella com 3 missas quotidianas e 4 officios cada anno pelas almas dos condes seus sogros e pela sua e pela do conde seu marido. Celebrou-se a escriptura d'este contracto o anno de 1683 em 23 dias do mez d'agosto e está no cartorio de Domingos de Bairros tabellião de notas na cidade de Lisboa — .

No meio do pavimento da capella mór vê-se uma campa de grandes dimensões, de marmore rosado, bem lavrada, o letreiro em formosos caracteres; é a sepultura de Fernão Martins Mascarenhas e de sua mulher. A inscripção é:— Aqui jaz o magnifico senhor D. Fernam Martins Mascarenhas capitão mor dos ginetes d'el-rei D. João o 2.º, e d'el-rei D. Manuel o primeiro, e do seu conselho, alcaide mor de Montemor o novo e d'Alcacer do sal, senhor de Lavre, comendador da comenda mor de Mertola e d'Almodovar: varão mui esforçado; seus serviços foram dignos de grande memoria. Faleceu em Almodovar a 13 de novembro de 1501 — .

A campa tem dois brazões, d'elle e da mulher D. Violante Henriques, filha de Fernão da Silveira que tambem ali jaz.

Na capella do cruzeiro, á esquerda, está o tumulo do bispo fundador; está em ediculo que foi seguramente modificado; a capella teve grande concerto em 1637, tempo de fr. Julião de Faria; houve depois sem duvida novo arranjo porque no manuscripto da Bibl. que citei se menciona o brazão com os cinco perdigões em relevo; o ms. é de 1645. Agora está o escudo, mas os perdigões e ornatos desappareceram; a inscripção diz: — Sepultura em que jaz o mui reverendo senhor D. Vasco Perdigão bispo que foi de Evora o qual entre outras notaveis obras que em louvor de Deus fez edificou dois conventos e dotou este á honra de N. S.<sup>a</sup> e do P.<sup>o</sup> S. Jeronimo e deixando de si sempiterna memoria se finou em 27 de fevereiro de 1463 reinando o sr. D. Affonso 5.<sup>o</sup>

No pavimento d'esta capella está uina campa com seu brazão mui trabalhado, o letreiro bastante gasto em partes, mas é possivel restaural-o e completal-o:— Aqui jaz D. Isabel de Noronha mulher que foi de Nuno Vaz Castellobranco, a qual mandou fazer esta capella para si e seus herdeiros, falleceu a 27 de outubro de 1563 —. São formosos caracteres; no ponto de vista de belleza epigraphica ha no Espinheiro exemplares de 1.<sup>a</sup> ordem.

Na capella da Resurreição fronteira á do bispo (direita do cruzeiro) estão duas sepulturas de dois sobrinhos seus.

— Aqui jaz Luiz Freire sobrinho do bispo D. Vasco fundador d'esta casa, cavalleiro fidalgo da casa d'el-rei N. Sr.—

N'esta capella ha lindos quadros em azulejo, azul e branco; merece reparo a—aula monastica—, a profissão—, e a—bibliotheca.

No vão do cruzeiro ha grande numero de campas, muitas com interessantes brazões:— Esta se-



pultura é de Vasco da Silveira filho de Jorge da Silveira e de D. Margarida Furtada de Mendonça: e de sua mulher D. Leonor filha de Garcia de Mello e de D. Guiomar Henriques —.

— Esta sepultura é de Jorge da Silveira do conselho d'el-rei N. S. e da muito virtuosa senhora D. Margarida Furtada de Mendonça sua mulher que Deus haja; filha do mui honrado sr. Fernão da Silveira e da mui virtuosa senhora D. Isabel Henriques.

— Aqui jaz Francisco da Silveira do conselho d'el-rei N. S. coudel mor de seus reinos filho de Fernão da Silveira outrosi coudel mor regedor da justiça nos ditos reinos. E de sua senhora D. Isabel Henriques, sua mulher. Faleceu a 25 de novembro de 1537.

Como se vê ha series de campas que pertencem a uma só familia; estas dos Silveiras teem todas os seus braços, alguns de bonito trabalho e composição. Junta á grade temos outra serie. Estamos em plena historia; lidamos com os guerreiros de Africa, com os esforçados fronteiros e capitães que ahi jazem ao lado de suas damas: ha letreiros que se não podem ler sem uma certa impressão.

— Aqui jaz D. Duarte de Menezes filho de D. Fernando de Menezes que de 14 annos passou a Tangere pera que por seus serviços e de seus avós se lhe dêsse o condado de Loulé que por morte da infanta Dona Guiomar sua prima irman casada com o infante D. Fernando se uniu á coroa real. E sendo enviado no anno de 1522 delrei D. João 3.<sup>o</sup> por capitão governador da mesma cidade alcançou grandes victórias dos alcaides de Xixvão, Alcacerquibir, Tituão, e delrey de Fez; e sua 2.<sup>a</sup> mulher Dona Filippa de Castro filha de D. Diogo de Castro senhor das terras de Santa Maria de Ribatamega, de Lanhoso, de Sinfães, de Sinde e Aze-



re, alcaide mor das villas do Sabugal e Alfaiates.

Depois a sepultura de D. Maria de Castro, mulher de D. Garcia de Menezes... o qual morreu na batalha em que se perdeu el-rei D. Sebastião onde tambem lhe mataram D. Duarte de Menezes seu filho herdeiro.

Logo D. Fernando de Menezes, filho do Conde de Viana, que D. Affonso 5.<sup>o</sup> armou cavalleiro nos campos de Arzilla, e que no campo de Alcacer sendo capitão d'aquella villa com a famosa victoria que alcançou dos mouros deu seu nome á veiga que d'elle ainda se chama de D. Fernando.

Outra já; D. Garcia de Menezes, filho de D. Fernando, que foi do conselho del-rei D. Manuel e pelejou valorosamente em Tanger no rebelim com el-rei de Fez.

Um verdadeiro pantheon. Recordações historicas por toda a parte. Ali jaz Gonçalo de Sousa da Fonseca, morto em 14 d'agosto de 1587 e sua mulher D. Brites de Tavora.

Nem este pobre letreiro, a um canto do cruzeiro do mosteiro isolado na provincia, escapou ao odio votado aos Tavoras, lá está o nome picado, mas de modo que ainda se pode conhecer.

Entre os guerreiros e damas de alta gerarchia, Ignez de Cobellos freira de Santa Clara, que morreu em 1580; com seu versiculo latino — *Beati mortui qui in domino moriuntur.*

Para o outro lado a campa de Beatriz de Resende filha de Jorge de Resende.

Ainda no cruzeiro as campas de Bartoleza Vaz, de Brasia Gil, de Catharina Pereira, de Gomes de Figueiredo e Leonor de Mello. Na grande maioria campas do seculo 16; genealogistas, archeologos, epigraphistas, paleographos, heraldicos tem alli farta mina de estudo; a epigraphia principalmente tem ali letreiros de variedade e execução raras.

Na capella á direita, ao entrar no templo, estão duas campas do seculo 15; do muito honrado senhor Duarte Furtado de Mendonça do conselho d'elrei e anadel mór d'estes reinos que falleceu na era de 1450; a outra é de sua mulher — a mui virtuosa e honrada senhora D. Ginebra de Mello—.

Creia o leitor que ainda deixamos de mencionar muitas campas, porém seria fatigante e improprio mesmo de uma simples noticia, a transcripção das dezenas de letreiros que se acham no templo.

Mencionarei uma só ainda, a da capella do Senhor Morto: esta capella é o maior trabalho, e o mais perfeito, em marmores embutidos ou mosaico que temos em Evora; e não é só o trabalho em marmore que ahi prende a attenção, os azulejos são formosos, representando scenas varias, entre desenhos architectonicos de elegantes fórmas. A campa a meio do pavimento, diz: Esta capella mandou fazer o revd.<sup>o</sup> André de Sande conego da Santa Sé de Evora para seu jazigo e de seus sobrinhos o revd.<sup>o</sup> conego João de Landim e Sande, e Simão de Landim e seus descendentes, falleceu em 16 de Novembro de 1710.

Os azulejos da egreja são interessantes tambem; referem-se á vida de S. Jeronimo; os differentes quadros teem seus letreiros em portuguez; entre elles distinguem-se os intitutados — S. Jeronimo controverte no argumento o Arriano — S. Jeronimo castigado pela leitura dos livros de Cicero — O baptismo do santo, quadro muito notavel — S. Jeronimo illustra a rogo de S. Agostinho alguns logares da escriptura; mostra o santo n'uma bibliotheca, todo entregue ao seu trabalho.

Os pulpitos são de madeira entalhada, de grande ornamentação.

Uma maravilha este lindo templo apezar das reconstrucções e concertos das ultimas camadas

fradescas: custa a crer na decadencia enorme no gosto artistico, na illustração, das ordens religiosas nos ultimos tempos; cresceram as rendas e baquearam as intelligencias; mais ainda, perderam até o respeito aos restos, aos trabalhos, ás tradições dos predecessores, resultado, é claro, da falta de illustração.

No arco do côro está a data 1801; comparando os estuques e pinturas de outras partes do templo vê-se que foi esta a ultima grande obra de reparo, e simultaneamente de destruição, no formoso templo.

Logo á entrada se mostram fragmentos de inscrições que os frades mutilaram para arranjar o pavimento; escapou a porta principal que é no bom estylo da renascença. Fronteira estava a portaria; tinha tambem o seu portal de marmore lavrado mas em estylo *rococo*, grandes folhagens e volutas de grosso relevo do começo do sec. 18; como exemplar do *rococo* é interessante; este portal foi comprado pelo sr. José Ramalho que o collocou no seu predio da rua do Marquez de Pombal, lado do jardim.

Na igreja tiveram os frades perseverança bastante para quasi apagar o seculo 16, mas no claustro, n'aquella formosa quadra tão bem conservada ainda, e em algumas de suas dependencias, não ha só sec. 16, ha mais ainda; os restos da casa que foi ermida, que encosta á quadra no lado oriente, são seguramente do sec. 15 no seu principio: lá estão as ogivas, os baixos columnellos, os rudes capiteis de singellas folhagens.

Em minha opinião a quadra mesmo foi simplesmente modificada no sec. 16, não em 1566 como diz a chronica, mas antes de 1520; e d'essa obra são memoria os fechos em esphera, outros com as armas de Portugal do tempo de D. Manuel;

mas estes dados só apparecem nas abobadas, porque os capiteis de toda a claustra, em ambos os pavimentos, as grossas pilastras e contrafortes, indicam claramente o seculo 15, construcção provavel do bispo D. Vasco Perdigão.

Do 16 é a lindissima abobada caprichosamente artezoada na casa junto da parede occidente que servia provavelmente de capitulo, quando deixaram a primitiva a que já me referi: recorda a da casa capitular dos Loios, no engenho e perfeição, ainda que de diversa traça. O templosinho, em completa ruina, na parede norte, é muito mais recente.

Como se vê o Espinheiro, o templo e o que resta do mosteiro, que se póde dizer parte principal, é um grupo notavel de preciosidades.

Agora a este templo, aos restos da vetusta ermida, á formosa quadra, aos restos das salas capitulares, ás campas monumentaes de veneraveis inscripções, liguem-se as recordações historicas, tantos e tão importantes factos ali passados, e a memoria dos antigos monges de S. Jeronymo, do tempo de João 2.º, Manuel e João 3.º, quando floresceram aqui artes e sciencias n'um esplendor que não tornou a repetir-se.

No recanto de um cerco proximo ergue-se ainda bem conservada uma ermida feita por um dos mais illustres filhos d'Evora, Garcia de Rezende; tem tres corpos bem distinctos esta graciosa construcção, alpendre, corpo e capella; pequenos corucheos de volutas ornam os angulos e meios das paredes; os espaços entre os corucheos tem ameias. As abobadas artezoadas, sendo a central de traça mais complicada e artistica. Azulejos em relevo, bons exemplares do genero do sec. 16, ornam os 2 pavimentos principaes; o do alpendre é de ladrilho e pequenos quadros tambem de azulejo relevado; sobre o portico a inscripção — Esta ermida

e fonte mandou fazer Garcia de Rezende em louvor de N. S.<sup>a</sup> Anno de 1520.

No pavimento medio estava a campa do fundador com este simples letreiro — Sepultura de Garcia de Rezende.

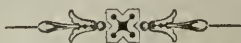
No pavimento do alpendre está a campa de Jorgé de Rezende, irmão de Garcia.

Da fonte restam poucos vestigios.









## ESTUDOS EBORENSSES

- Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores d'Evora. Evora romana. Inscripções lapidares, muralhas, esculpturas, etc,  
Antiguidades romanas nos arredores.  
Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras.  
A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI.  
Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca.  
Catalogos das pinturas, das curiosidades e objectos d'arte.  
Catalogo do museu Cenaculo.  
Misericórdia e Hospital. A Sé. As egrejas.  
A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé.  
A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis.  
Bispos e arcebispos. Factos historicos.  
A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637.  
O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663.  
Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834.  
Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio).  
Balthazar Jorge em Díu. Os papeis dos Azambujas.  
Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSES

---

---

*Historia e Archeologia*

---

---

O MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DO ESPINHEIRO

---

**2.<sup>a</sup> Edição**

---

PAPELARIA E LIVRARIA  
JOAQUIM DA SILVA NAZARETH  
Praça de Geraldo  
EVORA



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSES

---

---

*Historia e Archeologia*

---

---

O MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DO ESPINHEIRO

---

**2.<sup>a</sup> Edição**

---

PAPELARIA E LIVRARIA  
JOAQUIM DA SILVA NAÇARETH  
Praça de Geraldo  
EVORA





## ESTUDOS EBORENSÊS

---

### O Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro

---

A 4 kilometros proximamente a noroeste d'Evora, n'uma branda elevação do terreno, fica situado o edificio que foi mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. O sitio é ameno e saudavel, na zona das quintas que é a grande facha arborisada dos arredores d'Evora, o aro da cidade onde a propriedade está mais dividida e mais densa a população rural. De um lado o verde-escuro do montado de azinho, do outro o verde-cinzento dos olivae matizados pelo mais alegre das vinhas, animado pelo alvejar dos casaes. Entre os arvoredos, realçando, a coroar uma ondulação do terreno granitico, o edificio branco, vasto, do historico mosteiro.

Ào estado só pertence ali o templo, tudo o mais é propriedade particular; parte do mosteiro, com suas officinas está bem conservada, outra parte em ruina completa. Vendido por insignificante quantia depois da extinção dos conventos de frades, foi em breve reduzido a pardieiro; tiraram telha, madeiras, grades, marmores, o vandalismo sabido!

Mais tarde foi comprado pelo sr. Manuel Gabriel Lopes, estimavel cavalheiro, que o restaurou em grande parte, tornando-o habitavel.

O templo foi poupado, contentaram-se em lhe tirar os quadros; no côro como as telas estavam pregadas na madeira do cadeirado, arracaram-nas, positivamente, com tal furor que deixaram ainda alguns fragmentos. Aqui o vandalismo foi official: a natural resultante de certas ordens improvisadas no gabinete, partindo de uma boa intenção mas olhando só o resultado immediato, sem ver sequer a segunda consequencia, sem attender á forma da execução, sem cuidar mesmo de arranjar pessoal capaz de cumprir!

Creio que em muitas cousas não estamos hoje mais adiantados.

Os quadros do Espinheiro foram para a Academia das Bellas Artes de Lisboa; esta academia foi até ha poucos annos um verdadeiro cemiterio de bellas artes; os centos de quadros dos conventos extinctos (só de Evora sahiram 443!) foram lá muito bem empilhados, porque não tinham paredes bastantes para tantas pinturas em tela e madeira, em casas mal reparadas, e passados annos tinha apodrecido grande numero. Se os tivessem posto no paço archiepiscopal, ou distribuido pelos conventos de freiras, como deposito, estavam salvos. Foi uma perda irreparavel, incalculavel.

O templo salvou-se, e ultimamente por devoção de alguns particulares se teem ali celebrado annual

e regularmente 3 ou 4 festas religiosas, que devem sem duvida contribuir para a conservação d'aquella formosa egreja que bem merecia ser aproveitada para parochia: a 4 kilometros da cidade, em bom sitio, rodeada de casaes, facilmente se formava ali uma freguezia, como poderia collocar-se tambem uma escola primaria, porque nas proximidades ha bastantes fogos.

Mas quem trata agora das commodidades, do bem estar, da educação e instrucção de uns centos de pobres trabalhadores ruraes!

Vamos nós contar a historia do mosteiro.

Ahi por 1400 um rapazinho pastor achou ali, então o sitio era ermo, uma imagem de Nossa Senhora em cima de um espinheiro.

Correu a noticia, augmentou a fama, e pouco depois (1412) ergue-se uma ermida; duas doações de João Affonso e Leonor Rodrigues, deram importancia ao novo sanctuario.

Em 1458 o bispo d'Evora D. Vasco Perdigão fundou a egreja, segue-se-lhe o mosteiro, que, ainda incompleto, foi povoado pelos monges de S. Jeronymo, sendo 1.º prior fr. Fernando d'Evora.

Eram 12 os monges no principio; este numero augmentou, e muito mais cresceu a importancia do mosteiro pela protecção de Affonso 5.º, João 2.º e Manuel, que todos o frequentaram muito por ser agradavel passeio, e por devoção de Nossa Senhora.

O primeiro mosteiro arruinou-se; os monges em 1566, reconstruiram e ampliaram o edificio, que até ao seculo presente soffreu modificações e reparos.

O templo só nas linhas geraes representa a construcção do seculo 16.

Alteraram-se os ornatos, fizeram-se as capellas, collocaram-se azulejos e entalhados, concertou-se

o pavimento: a capella mór actual foi feita em 1680, e ainda no principio do presente seculo (1801) houve em todo o templo concertos importantes.

De modo que do templo antigo só ali restam, nos parece, algumas campas, a 1.<sup>a</sup> capella á direita, (pavimento e azulejos). O portal de marmore que é pura renascença deve ser da reconstrucção de 1566.

No edificio ha, porem, uma parte seguramente anterior á reconstrucção do seculo 16, é o recinto abobadado onde vem a escada do eirado da cisterna, era talvez a primitiva casa capitular: os capitais das pilastras são do seculo 15, os azulejos da escada, semelhantes aos de S. Braz e a outros conhecidos, são do tempo de João 2.<sup>o</sup>, e n'uma das paredes, a certa altura, ha dois relevos em barro n'um dos quaes se reconhece bem o pelicano, o symbolo adoptado por João 2.<sup>o</sup> que ia muitas vezes ao mosteiro resar e disciplinar-se.

D. Manuel, assevera-se isto, ali recebeu a noticia da descoberta da India; a princeza D. Izabel, a esposa do infeliz D. Affonso, ali esteve por alguns dias antes de fazer entrada solemne na cidade.

Era tradição entre os monges que no mosteiro o joven principe e a gentil princesinha castelhana, nas suas repetidas entrevistas, desvairados d'amor a ponto de esquecer a casa em que estavam, foram alem do amor platónico e dos innocentes idyllos; a casa encostava ao templo, e este era então coroadado de ameias; n'essa noute o vendaval tombou sobre o telhado proximo uma das ameias, e os monges attribuiram aquillo a aviso sobrenatural da tragica morte do principe, e para memoria nunca mais ergueram aquella ameia.

D. João d'Austria esteve ali aquartelado; Garcia de Resende tanto queria ao mosteiro que escolheu



um canto da cerca para erguer uma ermida, uma graciosa ermida, onde abriu a sua sepultura.

E se não sobrassem estes factos para dar valor historico, bastava o grande numero de campas que enchem o cruzeiro, a capella mór, as lateraes, e que escondem as cinzas de homens de grande valia, de nomes historicos, para tornar illustre o formoso templo e dar -lhe fóros de monumento.

O mosteiro possuia preciosidades de grande valor, D. Manuel deu-lhe objectos de culto de prata e ouro; no seculo 18 ainda existiam algumas d'essas davidas, outras tinham sido vendidas para acudir a certas obras; entre os frades houve muito barbaro tambem; um prior menos advertido, é como se exprime um collega, vendeu a estatuasinha equestre de prata, offerta de D. Affonso 5.º para fazer uns reparos insignificantes. Em 1700 e tal a capella de Garcia de Resende servia de pocilga a porcos; se os reverendissimos até destruíram o braço do bispo fundador!

No codice  $\frac{110}{1-8}$  da collecção de manuscriptos da Bibliotheca d'Evora existe um — Memorial das sepulturas que estão no convento de Nossa Senhora do Espinheiro da ordem de S. Jeronymo, cujo fundador foi o reverendissimo sr. D. Vasco Perdigão de boa memoria, bispo d'Evora, cuja é a capella collateral da parte do Evangelho onde tem sua sepultura mettida na parede ao presente mui bem concertada pelo P.º fr. Julião de Faria, sendo prior do convento em 1637—.

Este memorial foi escripto em agosto de 1645. E' um pequeno folheto curioso, o monge que o fez teve o cuidado de desenhar os braços; as leituras não merecem inteira confiança.

Conta o auctor um facto interessante; estão hoje no cruzeiro 5 campas com extensos lettreiros re-

ferentes a pessoas da familia dos condes de Viana; basta olhar para dizer logo que taes caracteres não são do seculo 16: o folheto explica este caso. Na capella de S. Jeronymo estavam cinco sepulturas, com seus brazões e lettreiros referentes ás pessoas mencionadas; pois em 1617 mandou o conde meirinho mór D. Duarte de Castello Branco, apagar estes lettreiros com os brazões d'armas, com muito desgosto dos religiosos, e esculpir outros lettreiros. Felizmente o folheto dá-nos as primeiras inscripções, de que em breve fallaremos.

Na capella mór estavam os — infantes meninos.

Estes infantes fallecidos em tenra idade eram D. Maria, filha de D. Manuel, e de sua 2.<sup>a</sup> mulher a rainha D. Maria; a infante falleceu em 1513: D. Brites filha de D. João 3.<sup>o</sup> e da rainha D. Catharina. Junto do altar mór esteve o principe D. Manuel, filho de João 3.<sup>o</sup> e Catharina, falleceu em 17 d'abril de 1537, com 5 annos de idade: ainda foi jurado herdeiro do reino nas côrtes de Evora.

Em 8 de dezembro de 1582 o arcebispo D. Theotonio, por ordem de Philippe 2.<sup>o</sup> foi buscar os ossos dos infantes, com grande acompanhamento de fidalgos, religiosos, etc. Vieram para a sé, e logo depois transportados para o mosteiro de Belem.

Em 1645 já estava na capella mór D. Diogo de Castro, e no lugar das infantes meninas D. Felippa de Mendonça mulher de D. Fernando de Castro, conde de Basto, capitão mór d'Evora: mas a capella foi reconstruida depois, fizeram-se os grandes tumulos de marmore branco e cinzento, elegantes ainda que de singelo desenho: as inscripções são as seguintes:

—Sepultura de D. Diogo de Castro conde de Basto que foi regedor das justiças, presidente do paço, governador d'este reino e visorei d'elle, falleceu em 19 de maio de 1638, e de sua mulher a

condessa D. Maria de Tavora que falleceu a 4 de outubro de 1618 que lhes mandou fazer sua nora a condessa D. Violante de Lancastro filha dos duques d'Aveiro—.

D. Diogo de Castro é um vulto historico de grande importancia, deu-se com elle um incidente notavel por occasião dos tumultos de 1637, que em outra parte contaremos.

Em frente está a—Sepultura de D. Lourenço Pires de Castro, conde de Basto, falleceu em 27 d'outubro de 1642 e de sua mulher a condessa D. Violante de Lancastro filha dos duques d'Áveiro faleceu em 28 de março de 1691 fundadora d'esta capella com 3 missas quotidianas e 4 officios cada anno pelas almas dos condes seus sogros e pela sua e pela do conde seu marido. Celebrou-se a escriptura d'este contracto o anno de 1683 em 23 dias do mez d'agosto e está no cartorio de Domingos de Bairros tabellião de notas na cidade de Lisboa—.

No meio do pavimento da capella mór vê-se uma campa de grandes dimensões, de marmore rosado, bem lavrada, o letreiro em formosos caracteres; é a sepultura de Fernão Martins Mascarenhas e de sua mulher. A inscripção é:—Aqui jaz o magnifico senhor D. Fernam Martins Mascarenhas capitão mór dos ginetes d'el-rei D. João o 2.º, e d'el-rei D. Manuel o primeiro, e do seu conselho, alcaide mor de Montemor o novo e d'Alcacer do sal, senhor de Lavre, comendador da comenda mor de Mertola e d'Almodovar: varão mui esforçado; seus serviços foram dignos de grande memoria. Faleceu em Almodovar a 13 de novembro de 1501—.

A campa tem dois brazões, d'elle e da mulher D. Violante Henriques, filha de Fernão da Silveira que tambem ali jaz.

Na capella do cruzeiro, á esquerda, está o tumulo do bispo fundador; está em ediculo que foi seguramente modificado; a capella teve grande concerto em 1637, tempo de fr. Julião de Faria; houve depois sem duvida novo arranjo porque no manuscripto da Bibl. que citei se menciona o brazão com os cinco perdigões em relevo; o ms. é de 1645. Agora está o escudo, mas os perdigões e ornatos desappareceram; a inscripção diz: — Sepultura em que jaz o mui reverendo senhor D. Vasco Perdigão bispo que foi de Evora o qual entre outras notaveis obras que em louvor de Deus fez edificou dois coonventos e dotou este á honra de N. S.<sup>a</sup> e do P.<sup>o</sup> S. Jeronimo e deixando de si sempiterna memoria se finou em 27 de fevereiro de 1463 reinando o sr. D. Affonso 5.<sup>o</sup>.

No pavimento d'esta capella está uma campa com seu brazão mui trabalhado, o letreiro bastante gasto em partes, mas é possivel restaural-o e completal-o:—Aqui jaz D. Isabel de Noronha mulher que foi de Nuno Vaz Castellobranco, a qual mandou fazer esta capella para si e seus herdeiros, falleceu a 27 de outubro de 1563—. São formosos caracteres; no ponto de vista de belleza epigraphica ha no Espinheiro exemplares de 1.<sup>a</sup> ordem.

Na capella da Resurreição fronteira á do bispo (direita do cruzeiro) estão duas sepulturas de dois sobrinhos seus.

—Aqui jaz Luiz Freire sobrinho do bispo D. Vasco fundador d'esta casa, cavalleiro fidalgo da casa d'el-rei N. Sr.—

N'esta capella ha lindos quadros em azulejo, azul e branco; merece reparo a—aula monastica—, a profissão—, e a bibliotheca.

No vão do cruzeiro ha grande numero de campas, muitas com interessantes brazões:—Esta se-

pultura é de Vasco da Silveira filho de Jorge da Silveira e de D. Margarida Furtada de Mendonça; e de sua mulher D. Leonor filha de Garcia de Mello e de D. Guiomar Henriques—.

—Esta sepultura é de Jorge da Silveira do conselho d'el-rei N. S. e da muito virtuosa Senhora D. Margarida Furtada de Mendonça sua mulher que Deus haja; filha do mui honrado sr. Fernão da Silveira e da mui virtuosa senhora D. Isabel Henriques.

—Aqui jaz Francisco da Silveira do conselho d'el-rei N. S. coudel mor de seus reinos filho de Fernão da Silveira outrosi coudel mor regedor da justiça nos ditos reinos. E de sua senhora D. Isabel Henriques, sua mulher. Faleceu a 25 de novembro de 1537.

Como se vê ha series de campas que pertencem a uma só familia; estas dos Silveiras teem todas os seus brazões, alguns de bonito trabalho e composição. Junta á grade temos outra serie. Estamos em plena historia; lidamos com os guerreiros de Africa, com os esforçados fronteiros e capitães que ahi jazem ao lado de suas damas: ha letrados que se não podem ler sem uma certa impressão.

—Aqui jaz D. Duarte de Menezes filho de D. Fernando de Menezes que de 14 annos passou a Tangere pera que por seus serviços e de seus avós se lhe dêsse o condado de Loulé que por morte da infanta Dona Guiomar sua prima irman casada com o infante D. Fernando se uniu á corôa real. E sendo enviado no anno de 1522 delrei D. João 3.<sup>o</sup> por capitão governador da mesma cidade alcançou grandes victorias dos alcaides de Xixvão, Alcacerquibir, Tituão, e delrey de Fez; e sua 2.<sup>a</sup> mulher Dona Filippa de Castro filha de D. Diogo de Castro senhor das terras de Santa Maria de Ribatamega, de Lanhoso, de Sinfães, de Sinde e Aze-



re, alcaide mor das villas do Sabugal e Alfaiates.

Depois a sepultura de D. Maria de Castro, mulher de D. Garcia de Menezes. . . o qual morreu na batalha em que se perdeu el-rei D. Sebastião onde tambem lhe mataram D. Duarte de Menezes seu filho herdeiro.

Logo D. Fernando de Menezes, filho do Conde de Viana, que D. Affonso 5.<sup>o</sup> armou cavalleiro nos campos de Arzilla, e que no campo de Alcacer sendo capitão d'aquella villa com a famosa victoria que alcançou dos mouros deu seu nome á veiga que d'elle ainda se chama de D. Fernando.

Outra já; D. Garcia de Menezes, filho de D. Fernando, que foi do conselho del-rei D. Manuel e pelejou velorosamente em Tanger no rebelim com el-rei de Fez.

Um verdadeiro pantheon Recordações historicas por toda a parte. Ali jaz Gonçalo de Sousa da Fonseca, morto em 14 d'agosto de 1587 e sua mulher D. Brites de Tavora.

Nem este pobre letreiro, a um canto do cruzeiro do mosteiro isolado na provincia, escapou ao odio votado aos Tavoras, lá está o nome picado, mas de modo que ainda se pode conhecer.

Entre os guerreiros e damas de alta gerarchia, Ignez de Cobellos freira de Santa Clara, que morreu em 1580; com seu versiculo latino—*Beati mortui qui in domino moriuntur.*

Para o outro lado a campa de Beatriz de Resende filha de Jorge de Resende.

Ainda no cruzeiro as campas de Bartoleza Vaz, de Brasia Gil, de Catharina Pereira, de Gomes de Figueiredo e Leonor de Mello. Na grande maioria campas do seculo 16; genealogistas, archeologos, epigraphistas, paleographos, heraldicos teem alli farta mina de estudo; a epigraphia principalmente tem ali letreiros de variedade e execução raras,

Na capella á direita, ao entrar no templo, estão duas campas do seculo 15; do muito honrado senhor Duarte Furtado de Mendonça do conselho d'elrei e anadel mór d'estes reinos que falleceu na era de 1450; a outra é de sua mulher—a mui virtuosa e honrada senhora D. Ginebra de Mello—.

Creia o leitor que ainda deixamos de mencionar muitas campas, porém seria fatigante e improprio mesmo de uma simples noticia, a transcripção das dezenas de letreiros que se acham no templo.

Mencionarei uma só ainda, a da capella do Senhor Morto: esta capella é o maior trabalho, e o mais perfeito, em marmores embutidos ou mosaico que temos em Evora; e não é só o trabalho em marmore que ahí prende a attenção, os azulejos são formosos, representando scenas varias, entre desenhos architectonicos de elegantes fórmãs. A campa a meio do pavimento, diz: Esta capella mandou fazer o revd.<sup>o</sup> André de Sande conego da Santa Sé de Evora para seu jazigo e de seus sobrinhos o revd.<sup>o</sup> conego João de Landim e Sande, e Simão de Landim e seus descendentes, falleceu em 16 de Novembro de 1710.

Os azulejos da egreja são interessantes tambem; referem-se á vida de S. Jeronimo; os differentes quadros tem seus letreiros em portuguez; entre elles distinguem-se os intitulados—S. Jeronimo controverte no argumento o Arriano—S. Jeronimo castigado pela leitura dos livros de Cicero—O baptismo do santo, quadro muito notavel—S. Jeronimo illustra a rogo de S. Agostinho alguns logares da escriptura; mostra o santo n'uma bibliotheca, todo entregue ao seu trabalho.

Os pulpitos são de madeira entalhada, de grande ornamentação.

Uma maravilha este lindo templo apesar das reconstrucções e concertos das ultimas camadas

fradescas: custa a crer na decadencia enorme no gosto artistico, na illustração, das ordens religiosas nos ultimos tempos; cresceram as rendas e baquearam as intelligencias; mais ainda, perderam até o respeito aos restos, aos trabalhos, ás tradições dos predecessores, resultado, é claro, da falta de illustração.

No arco do côro está a data 1801; comparando os estuques e pinturas de outras partes do templo vê-se que foi esta a ultima grande obra de reparo, e simultaneamente de destruição, no formoso templo.

Logo á entrada se mostram fragmentos de inscripções que os frades mutilaram para arranjar o pavimento; escapou a porta principal que é no bom estylo da renascença. Fronteira estava a portaria; tinha tambem o seu portal de marmore lavrado mas em estylo *rococo*, grandes folhagens e volutas de grosso relevo do começo do sec. 18; como exemplar do *rococo* é interessante; este portal foi comprado pelo sr. José Ramalho que o collocou no seu predio da rua do Marquez de Pombal, lado do jardim.

Na igreja tiveram os frades perseverança bastante para quasi apagar o seculo 16, mas no claustro, n'aquella formosa quadra tão bem conservada ainda, e em algumas de suas dependencias, não ha só sec. 16, ha mais ainda; os restos da casa que foi ermida, que encosta á quadra no lado oriente, são seguramente do sec. 15 no seu principio: lá estão as ogivas, os baixos columnellos, os rudes capiteis de singellas folhagens.

Em minha opinião a quadra mesmo foi simplesmente modificada no sec. 16, não em 1566 como diz a chronica, mas antes de 1520; e d'essa obra são memoria os fechos em esphera, outros com as armas de Portugal do tempo de D. Manuel;

mas estes dados só apparecem nas abobadas, porque os capiteis de toda a claustra, em ambos os pavimentos, as grossas pilastras e contrafortes, indicam claramente o seculo 15, construcção provavel do bispo D. Vasco Perdigão.

Do 16 é a lindissima abobada caprichosamente artezoada na casa junto da parede occidente que servia provavelmente de capitulo, quando deixaram a primitiva a que já me referi: recorda a da casa capitular dos Loios, no engenho e perfeição, ainda que de diversa traça. O templosinho, em completa ruina, na parede norte, é muito mais recente.

Como se vê o Espinheiro, o templo e o que resta do mosteiro, que se pôde dizer parte principal, é um grupo notavel de preciosidades.

Agora a este templo, aos restos da vetusta ermidinha, á formosa quadra, aos restos das salas capitulares, ás campas monumentaes de veneraveis inscrições, liguem-se as recordações historicas, tantos e tão importantes factos ali passados, e a memoria dos antigos monges de S. Jeronymo, do tempo de João 2.<sup>o</sup>, Manuel e João 3.<sup>o</sup>, quando floresceram aqui artes e sciencias n'um esplendor que não tornou a repetir-se.

No recanto de um cerco proximo ergue-se ainda bem conservada uma ermida feita por um dos mais illustres filhos d'Evora, Garcia de Rezende; tem tres corpos bem distinctos esta graciosa construcção, alpendre, corpo e capella; pequenos corucheos de volutas ornam os angulos e meios das paredes; os espaços entre os corucheos tem ameias.

As abobadas artezoadas, sendo a central de traça mais' complicada e artistica. Azulejos em relevo, bons exemplares do genero do sec. 16, ornam os 2 pavimentos principaes; o do alpendre é de ladrilho e pequenos quadros tambem de azulejo relevado; sobre o portico a inscrição—Esta ermida

e fonte mandou fazer Garcia de Rezende em louvor de N. S.<sup>a</sup> Anno de 1520.

No pavimento medio estava a campa do fundador com este simples letreiro—Sepultura de Garcia de Rezende.

No pavimento do alpendre está a campa de Jorgé de Rezende, irmão de Garcia.

Da fonte restam poucos vestigios.







Gabriel Pereira

## ESTUDOS EBORENSES

37 fascículos a \$10 cada

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscripções.— 3.º A Casa Pia.— 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções.— 6.º Conventos do Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczynski. Pintores eborenses. — 8.º e 9.º Vesperas da Restauração.— 10.º Brasão d'Evora.— 11.º A igreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada.— 12.º O archivo municipal.— 13.º A restauração em Evora.— 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericórdia d'Evora.— 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19., 20.º e 21.º As sédiões d'Evora em 1663.— 22.º Os Festejos de Evora em 1729.— 23.º Evora nos Lusíadas.— 24.º Procições eborenses — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredos. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte. — 30.º Evora e o ultramar, 2.ª parte. — 31.º Ibn Abdun.— 32.º Os mouros.— 33.º As caçadas, 2.ª parte. 34.º Os estudantes. — 35.º Versos Eborenses do seculo XVIII. — 36.º A volta de Cenacuo — 37.º As questões do pão.

### Documentos Historicos da Cidade de Evora

1.ª Parte — 1 vol.....	1\$80
2.ª » » » .....	2\$20
3.ª » » » .....	\$60
MADRUGADAS, contos, 1 vol. ....	\$30

### JOSÉ CARLOS DE GOUVEIA

<i>Duqueza de Bragança</i> , poema em 8 cantos.....	\$30
<i>Ilusões e devaneios</i> , poesias, 1.ª parte .....	\$30
<i>Miragens da primavera</i> , poesia, 2.ª parte .....	\$30
<i>Afonso d'Albuquerque</i> , poema.....	1\$00

### Antonio Francisco Barata

<i>Homenagem da cidade de Evora a Alexandre Herculano</i> , com inéditos .....	\$30
<i>Evora Antiga</i> , 1 vol. ilustrado.....	\$70

### DR. PEDRO DE CASTRO

<i>Congregações Religiosas</i> .....	\$10
--------------------------------------	------

### CONDE DR. BERNARDO CHOUZAL

<i>Discurso recitado na festa da Virgem do Carmo</i> ... ..	\$40
<i>Orações fúnebres</i> .....	\$40
<i>Sermão recitado na festa da Virgem das Neves em Viana do Castelo</i> .....	\$40

### .J. L.

<i>Sinopse da gramatica franceza — Morfologia</i> .....	\$12
---	------

GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSES

---

---

HISTORIA E ARCHEOLOGIA

---

---

EVORA ROMANA

I.ª PARTE

O TEMPLO ROMANO. AS INSCRIPÇÕES LAPIDARES



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 111 A

—  
1885



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

---

HISTORIA E ARCHEOLOGIA

---

---

EVORA ROMANA

I.ª PARTE

O TEMPLO ROMANO. AS INSCRIPÇÕES LAPIDARES



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 111 A

1885





# ESTUDOS EBORENSES

---

## O templo romano

---

O templo romano de Evora figura entre as principaes antiguidades da peninsula hispanica, a primeira como representante da grande arte greco-latina, uma das melhor conservadas, unica no seu genero em todo o occidente hispanico, porque existem vestigios de varios templos pagãos, de nenhum porém que se approximasse da magestosa construcção romana, em grande estylo, que formava a corôa da cidade municipal Ebora, ou Liberalitas Julia.

O templo é elegantissimo. Sobre um solido envasamento de *opus incertum*, com moldura de grossos silhares formando sócco e cornija, ergue-se a columnata completa na face norte, incompleta nas de oriente e poente; na oriental ha quatro columnas completas além da angular, na occidental restam duas completas, duas perderam os capiteis, da quinta existe a base apenas.

Sobre todas as completas assenta ainda parte da architrave; os fustes são de granito, estriados de doze mejas canas cada um; bases e capiteis de marmore branco, de Estremoz, sendo os capiteis corinthios e bem lavrados; para effeito de perspectiva, para mais elevada e esbelta parecer a co-

lumnata, os fustes são ligeiramente curvos ou boleados, isto é, não são perfeitos e regulares troncos de pyramide conica.

É' hexastylo, tem seis columnas na face menor.

É' pyknostylo, quer dizer, o intercolumnio tem diametro e meio de columna; é o minimo intercolumnio consentido na grande arte romana.

As dimensões principaes são as seguintes:

Altura do envasamento . . . . .	3 <sup>m</sup> ,46
Largura no sócco . . . . .	15 <sup>m</sup> ,25
Comprimento no sócco . . . . .	25 <sup>m</sup> ,18
Altura da columna (total) . . . . .	7 <sup>m</sup> ,68
Maior diametro do fuste . . . . .	1 <sup>m</sup> ,00

O intercolumnio varia de 1<sup>m</sup>,35 a 1<sup>m</sup>,68.

A altura total do edificio, ao vertice ou fastigium, seria proxima de 15 metros.

A disposição das columnas, as proporções, recordam a *maison carrée* de Nimes, e o templo de Antonino e Faustina (2.<sup>o</sup> seculo).

O estado actual do templo é, em nosso parecer, o mesmo em que se achava ha muitos seculos; porque no findar da idade media já servia de açougue, e por consequencia muito alheio ao fim para que foram construidos os paredões em que as columnas estiveram embebidas até 1870, e o muro ameiado sobre a architrave; não é de modo algum provavel que para um mister banal se erguessem grossas paredes, ou antes muralhas, com sua coroa de ameias; mais verosimil é pois que o templo, tal como existiu até 1870, fizesse primitivamente parte do castello que na idade media occupava a parte superior da cidade, e do qual ainda resta a torre da casa Cadaval (palacio das cinco quinas), a do posto meteorologico, e um lanço de muralha e porta, que parece principal, no edificio da Bibliotheca.

Ora o castello foi tomado pelo povo, queimado, e em parte desfeitos os seus muros por occasião dos tumultos d'Evora na acclamação do mestre d'Aviz, quando alguns dos principaes da cidade, tomando voz por Castella, se acolheram nas suas fortes muralhas.

Demais as janellas de volta redonda que em partes rompiam a parede occidental do templo levam-nos ao *romão*, tão raro em Evora por causa da longa dominação sarracena, ainda representado por alguns detalhes, janellas e capiteis, da velha cathedral, quer dizer no maximo ao seculo 12; ora não temos motivo algum para affirmar que os arabes destruissem, nenhum indicio sequer, ao contrario os arabes na peninsula salvaram e construíram. Se estes não destruíram, e se logo que findou o seu dominio se fizeram as muralhas do templo, então a ruina — a reducção ao estado actual — deve ter sido rapida, muito rapida; temos que ir antes da invasão agarena, devemos limital-a ao dominio gothico, ou á epoca das grandes invasões germanicas, ás evoluções tumultuosas de suevos, vandalos e godos; tão rapida que talvez mais se deva attribuir a violencia extrema, a destruição movida pelo zelo religioso contra o templo pagão, e não ás causas naturaes, pois em volta do templo se não achou, quando se fizeram as excavações, fragmento algum importante de columna, capitel ou estatua; só um pedaço de base de estatua, um dedo de figura colossal, e pequenos fragmentos de folhagem dos bellos capiteis corinthios. Achado ainda assim importante, porque affasta de vez uma hypothese, a de se não ter acabado o templo; porque os vestigios da base e da estatua, assim como os tanques que rodeavam o templo, provam que elle esteve completo, funcionou, e a natureza de taes fragmentos prova que a destruição foi violenta, brutal.

Se a ruina fosse produzida pelo natural desmorrimento em redor encontrar-se-iam vestígios importantes, ou nas edificações proximas teriam aproveitado as peças principaes, e nada d'isto succede.

Em muitos pontos do envasamento ha restos da conhecida argamassa romana formada de fragmentos de tijolo, de extrema rijesa, mostrando que todo o *opus incertum* foi assim revestido primitivamente.

O templo ergue-se isolado a meio de um formoso terreiro em parte arborizado, n'uma quasi completa moldura de grandes recordações historicas e dramaticas; o palacio dos Mellos, antigos marquezes de Ferreira, onde João II, o grande vulto da 2.<sup>a</sup> dynastia, o rei das nobres energias e das lugubres tragedias, teve encerrado o duque de Bragança, Fernando II; do outro lado um paredão pesado e monotono, de construcção relativamente recente, forma uma face inteira do antigo edificio da inquisição; ao sul o paço dos arcebispos, as grandes linhas severas e nobilissimas da velha sé eborense, a mais completa cathedral que temos no paiz; junto d'estes um edificio de paz e de sciencia, a Bibliotheca publica, o grande monumento de Cenaculo.

Em 1841 a duqueza de Palmella cedeu os casarões da inquisição velha que pegavam ao templo; chamavam *inquisição velha* a esses feios pardieiros, então completamente abandonados; *inquisição nova* é a parte que ainda subsiste.

Derribados os pardieiros ficou uma rua larga e o templo isolado, uma edificação singular, pesada, a modo de grande cubello solitario, com suas ameias e um pequeno campanario na face norte, onde mais antigamente estivera collocado o sino municipal, o sino de correr; as columnas emergiam



pouco da muralha bruta; uma porta em ogiva estava na parede norte, sobre a cornija do envasamento (as duas columnas medias foram entalhadas para a installação da porta); janellas de volta redonda rompiam a parede do lado poente.

Era um todo mysterioso, cheio de interrogações; um grande edificio escuro e severo com uma porta alta por onde era impossivel entrar; com aspecto de fortaleza pelas ameias, de igreja pelo campanario, pequeno, singelo e viuvo da sineta.

André de Resende não viu ali o templo, viu apenas que eram restos de um edificio romano, chamou-lhe *portico*. . . e assim fez trazer (refere-se a Sertorio) a agua da Prata a um portico no mais alto da cidade, d'onde se repartia pelas regiões d'ella.

Diogo Mendes de Vasconcellos e Gaspar Estação tambem lhe chamaram portico.

Severim de Faria menciona as *fabricas corinthias* de Sertorio.

Ao padre Fialho, auctor da Evora Illustrada, pertence, segundo parece, a paternidade da denominação — *Templo de Diana* —; e não contente com isto foi affirmando logo ter sido fundado por Sertorio.

Infelizmente não podemos saber a que divindade foi este templo consagrado; existe um fragmento da ara com vestigios da inscripção, inuteis porque os raivosos destruidores apagaram a camarello os caracteres; o que resta é um marmore de 9 decimetros de altura; conserva restos dos relevos da moldura, vê-se que a inscripção tinha sete linhas, apenas na primeira se lêem as letras SAC. . .; vê-se tambem que os caracteres da primeira linha eram maiores que os das seis restantes.

Fernão Lopes descrevendo os tumultos de Evora na acclamação do mestre d'Aviz diz que o povo,

para bater o castello, subiu — á Sé e ao açougue que são logares altos — e d'ali atiravam virotes e disparavam as béstas.

Rodrigo da Cunha (Chronicas, 1643), fallando do mesmo facto diz que os populares subiram á sé . . . «e sobre um postigo antigo que ainda está inteiro do tempo de Quinto Sertorio, onde o aqueducto da agua da prata sohia vir, e agora serve de açougues da carne, que são logares altos d'onde com as béstas podiam empecer».

Esta designação *postigo* tem valor em nossa opinião; explica a porta ogival aberta na face norte; era talvez um postigo do castello quando, antes de 1380, o edificio todo lhe estava annexo.

Em 1836, o administrador geral do districto de Evora, Antonio José d'Avila, depois duque d'Avila e Bolama, baniu o açougue; em 1841, por diligencia de Rivara, isolou-se o edificio pela cedencia e demolição dos pardieiros da inquisição velha. Em 1870, por iniciativa da camara municipal, procedeu-se ao isolamento do romano puro, derribando-se tudo o que era medieval, ou simples alvenaria moderna.

A camara municipal procedeu com muito bom senso; foram consultados os homens conhecidos no paiz pelos seus estudos de historia e archeologia: o presidente da camara, dr. Manuel Vianna foi o promotor d'esta obra que toda a gente illustrada lhe agradece.

O templo é conhecido como de Diana; a verdade é que nada se sabe a tal respeito; a historia da lenda é simples. Resende e depois a sua escola, que, como todas as escolas, teve os defeitos do mestre em maior gráo, e em menor as perfeições, possuiu-se da mania de trazer para Evora, para augmento da sua gloria (mas, como todas as bellezas verdadeiras, Evora não carece de europeis

para seu maior brilho) memorias de Sertorio. Plutarcho falla da corça de Sertorio, logo a sua devoção por Diana; em Evora esteve Sertorio e ha edificios romanos, logo Sertorio fez o templo e consagrou-o a Diana. Assim pensaram, assim procede hoje muita gente boa nos seu raciocinios.

Mas o ultimo termo é posterior a Resende, pois este não suppoz ali o templo, e sim, vagamente, um portico.

Os archeologos fincaram todos no esplendido final; todos, depois de Fialho, lhe chamaram de Diana, e assim modernamente, seguindo o mesmo impulso, temos o largo, o passeio, as ruas de Diana. Mesmo a idéa inicial de que Evora foi a capital da Lusitania em tempo de Sertorio não tem fundamento; outra *sorites*, outra invenção de historiadores sem escrupulos.

Flóro que tratou da guerra sertoriana, Plutarcho que biographou Q. Sertorio, minuciosamente, não mencionam Evora uma só vez.

Flóro fallando das cidades que apoz a morte de Sertorio se renderam á dominação romana, menciona Osca, Termes, Valencia, Calagurris, não falla de Evora, que se então tivesse importancia, se fosse uma capital, os romanos procurariam sem duvida.

A actividade de Sertorio passou-se toda no oriente e nordeste da peninsula; os *lusitanos* são apenas mencionados como os povos que o chamaram á peninsula para lhes ser chefe; mas *lusitanos* nos escriptores greco-latinos é termo geral, que se pode considerar synonimo de povos do occidente da peninsula; mesmo como entidade administrativa a Lusitania da republica é bem diversa da do imperio. Houve aqui uma das taes *sorites* historicas, uma lenda erudita.

Podemos esboçar a lenda creada pela alliança

da sciencia e da phantasia, estudar-lhe a formação. Sertorio chamado pelos lusitanos, é o ponto firme.

Evora cidade notavel da Lusitania, porém de classe inferior a outras; mas aqui os vestigios de grandes obras romanas: dos imperadores? esses beneficiaram Pax-Julia, Emerita, Scalabis, Olistippo, povoações de maior cathegoria official. Dos proconsules dos exercitos republicanos? esses guerrearam, conquistaram, pouco trataram de melhoramentos materiaes; logo de Sertorio seguramente; e Sertorio fez aqui a sua capital politica, e reuniu senado, e fez o templo, a muralha, o aqueducto, e até o seu palacio; os sabedores de latinorios inventaram inscrições e assim responderam de vez aos de fé tibia nas maravilhosas descobertas. Este empenho de alliar á historia d'Evora o nome de Sertorio, assim como os de Viriato, Julio Cesar, etc., chegou a ponto de merecer já no seculo xvii a satyra, por vezes graciosa, chamada — Antiquidades de Evora — de Amador Patricio, pseudonymo de Cardoso de Azevedo.

A lenda erudita fixou-se todavia; tem sido apenas falta de reparo. Para que teria Sertorio duas capitaes, Osca (d'esta ha testemunhos certos) e Evora, a trinta dias de marcha, pelo menos, uma da outra? Evora, quasi no extremo occidental da peninsula, quando elle brigava, — e brigou quasi constantemente, nem elle estava na peninsula para outra coisa, pois o seu fim era derribar o partido aristocratico, — no oriente e nordeste da peninsula.

Na parede dos antigos paços do concelho na praça de Giraldo, estão algumas inscrições agrupadas em todo architectonico, sobre uma base granitica que é um fragmento de architrave e friso com seus triglyphos, florões ou escudos circulares, e caveiras de touro; é possivel que este

fragmento pertencesse ao templo romano. Não devemos todavia esquecer que na praça existiu até ao ultimo quartel do seculo xvi um arco romano, de que poderia fazer parte este fragmento de architrave.

O templo romano pelos seus caracteres artisticos pode classificar-se no 3.º seculo, maior probabilidade porém para o 2.º seculo, quando as influencias de Trajano e de Hadriano alastraram a península de obras de utilidade publica. Já disse-mos que é do typo da *maison carrée* de Nimes, e do templo de Antonino e Faustina, que são do 2.º seculo.

A importancia de Ebora ou Liberalitas Julia, municipio do antigo direito latino, cresceu na paz, na prosperidade material, no dominio dos imperadores, quando a península se cortou de magnificas estradas, os rios se passaram de solidas pontes, e os grandes centros tiveram templos, arcos, circos, como os melhores da Italia, aqueductos, theatros e finalmente direitos e regalias eguaes. Na Lusitania, provincia administrativa limitada no tempo dos imperadores pelo Douro e pelo mar, e alargando-se muito para o interior, Ebora pela sua posição geographica não podia deixar de ter importancia, especialmente commercial. Da capital lusitana Emerita Augusta passava-se por Ebora para ir aos tres grandes portos maritimos mais proximos Salacia, Cetobriga, Olisippo; de todo o *conventus* pacense para ir ao scalabitano era ponto obrigado de transito; nos arredores não ha grandes montanhas nem caudalosos rios; os mercadores, os officiaes do fisco, rendeiros e procuradores publicos, os magistrados nas suas repetidas inspecções e visitas — o machinismo governativo chegou em Roma a uma perfeição enorme, — as tropas nos seus movimentos, tinham esta estação forçada n'um vasto



territorio, situada na mais rica e facil região da Lusitania.

E' mais natural pois que então se tratasse aqui da grande arte, se erguesse o esbelto templo, o arco triumphal infelizmente destruido, o cerco de valentes muralhas de grossos silhares faciados, de que nos restam ainda bellos fragmentos.

Já nos referimos á epoca provavel da ruina do templo, desejamos porém firmar ainda este ponto; o final do 4.º seculo e a 1.ª metade do 5.º viram a destruição de muitos monumentos; não foi só o tumultuar das hordas barbaras invadindo o imperio, antes e ao mesmo tempo houve a reacção violenta, o espirito de seita; o christianismo victorioso, facto perfeitamente natural, lembrou-se das terriveis perseguições que soffrera; e o christão quiz fazer desaparecer da face da terra os templos, as aras, os idolos do paganismo!

Em certas regiões isto effectuou-se não irregular mas systematicamente, por ordem do imperador. — Honorio por exemplo, — ou de seus vigarios e presidentes; em Hespanha, ha testemunhos historicos, os christãos demoliram os templos das divindades pagãs. Ora no templo romano de Evora parecem-nos evidentes os indicios da demolição, que por alguma circumstancia não foi completa, mas que destruiu ainda a inscripção do altar.

O templo romano tem já uma pequena litteratura moderna. Citarei as noticias principaes.

*Voyage en Portugal*, de J. Murphy, tomo 2.º, publicado em 1797. Descripção do templo a pag. 283. Estampa 18; gravura imperfeita, faces norte e nascente. Os entulhos escondiam a base quasi inteiramente; na ogiva da face norte uma porta pequena, rectangular; indica uma escada de 4 a 5 degráus para essa porta.

Artigo — Evora — no *Panorama*, vol. 8.º 1844,



pag. 407, artigo que se refere aos fins de 1839; e feito sobre uma nota de Francisco Antonio de Lima.

Christiano Bellermann — *Erinnerungen aus Sud-europa*, Berlin, 1858, pag. 201.

Emilio Hübner. Not. archeol. trad. pag. 47.

*Archivo Pittoresco*, tomo VIII, pag. 313, com uma gravura que mostra o estado do templo antes de 1870.

A. F. Simões. *Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo*. Evora, 1869. E tambem um extenso artigo, com 2 gravuras, publicado nas Artes e Letras, vol. de 1873, pag. 155 e 166.

A. F. Barata, *Miscellanea historico-romantica*. Barcellos 1878, pag. 185.

Observações de J. H. C. Rivara, no vol. *Noção de alguns filhos da India Portugueza*. Nova Goa, 1874, pag. 160.

Artigos do auctor d'estas linhas na — *Renascença* — vol. de 1879, pag. 107 e seg. com duas gravuras; no jornal — *O Manuelinho d'Evora*, no *Boletim de Archeologia*, —, etc.

A photographia mais perfeita é a de Laurent, antes de 1870, bem tirada e de sufficiente tamanho a mostrar miudezas; não comprehende porém nenhuma das faces inteira; apanha grande parte das faces norte e poente. Indica bem o estado do templo antes da demolição dos paredões que o desfiguravam; as janellas de volta redonda na face do poente, ameias de alvenaria, mas do feitio da crasta da Sé (sec. 14); vestigios na face norte dos pardieiros da inquisição velha que se lhe encostavam.

Ha photographias de Serra, face norte, de Campos, face sul, tiradas depois do isolamento do romano puro, e que serviram para as gravuras publicadas nas *Artes e Lettras*, e na *Renascença*.



## As inscripções lapidares—O museu-Cenaculo

---

As inscripções lapidares romanas existentes em Evora, são as seguintes:

1

D. S. Tvrvbrici / L. V. . onivs / V. S.

2

I. O. M. / In memoriam / L. Atili. Maximi / Severiani. Fil. / Pientissimi / L. Atil. Atilianvs / Et. Artvllia / C. F. Severa. Ex / . . . . senti. Lib. / . . . Posvervnt.

3

Iovi. O. M. / Flavia L. F. Rvфина / Emeritensis. Fla / minica. Provinc. / Lvsitaniae. Item. Col / Emeritensis. Perpet. / Et mvnicipi. Salacien / D. D.

4

D. M. S. / L. I. Polibivs / Ann. LXXII / H. S. E. S. T. T. L.

5

D. M. S. / Mercator / Ann. XXXII / Vxor. Marito / Merenti posvit / H. S. E. S. T. T. L.

6

Lvriae. T. F. Bovtiaae / C. Ivliivs. I. F. Gal. Severvs / Vxori. Sibi. Svisque. F. C.

7

Manilia. C. / Etyasca. H. S. E. / Terentia. M. F.  
Tertylia / Mater. F. C.

8

D. M. S. / L. F. Elicon / An. LXXXV / H. S.  
E. S. T. T. L. / Po. Pialei / Marito. P. F. C.

9

D. M. / Martiali / Secvndina / Soror. F. C.

10

D. M. / Caecilio. P. F. / Hermetiano / V. A. II.  
M. XI. D. XVII / P. Caecilivs / Silicianvs. Frater.  
Ativs. V. A. VII. M. III. D. VI / Hermes / Pater.  
Fecit.

11

Q. Pompeivs / . . . . vari. Lib. / . . . vstus . . . . .

12

D. M. / Mvmivs. Cr / simvs. An / XVI / Mv-  
mia / Fvndana / Liberto. M.. / renti Po . . . / H.  
S. E. S. T. T. L.

13

D. M. S. / Silvanvs. Atil / Priscillae / Vixit Ann  
XXXX / Atilivs Chresinv / Benemerent. Naci /  
A III S. L. S II I II

14

T. Callevs / Marcianvs / An. XX. H. S. E. S. T.  
T. L. / Cas. Marcella / Sobrina. F. C. / Item Ami-  
ci / Vemesiaci / Exlapidesnii / (na base) Emesiaci.

15

D. M. S. / L. Fabivs. Va / Ierianvs / Ann. LVIII /

Ivl. Alexandri / na. Marit. Pien / tissimo. Fecit. /  
H. S. Est. S. T. T. L.

16

Dis. Manib. / L. Comini. / Expectati / Ivstvs /  
Et Augustanus cum / Cominia / Matre / Patri.  
Optimo.

17

L. . . . . / Ebor. Pl. . . . . / Sepvlt. . . . . /  
T. Call. . . . .

18

D. M. S. / M. L. Filia. Cv/pita. Ann XXXXVIII /  
Q. L. N. Marite. Et / Antonia. Fvndana / Et  
Mvmia Rvfina / Filias. Matri. Pi / issime. Posve /  
rvnt / H. S. E. S. T. L.

19

L. C. Gallo. Ann. L. / H. S. E. S. T. C. Vi / ta-  
lis. Sor. Et / M. Fvl. Caeci / lianus Sobri / nvs. C.

20

Ivlia. L. F. Maela / An. Lv. H. S. Est. S. T. /  
T. L.

21

Ivlia. Rvfi. F. / Mvnilla. H. S. / Ivlia. Galla /  
H. S.

22

D. M. S.

(á esquerda)

/ Q. Ivl. Maximo. C. V. / Qvestori. Prov. Sici  
/ liae. Trib. Pleb. Leg / Prov. Narbonens. . . /  
Galliae. (prae) T. Des / Ann. XLVIII / Calpvrnia  
Sabi / na. Marito. Optimo. /

(á direita)

Q. Ivl. Claro. I. IIII. Viro / Viarvm. cyrandarvm / Ann. XXI / Q. Ivl. Nepotiano. C. I. / IIII Viro Viarvm. Cyran / darvm. Ann. XX / Calp. Sabina. Filiis.

23

Qvis o praet. . . . . / Sitam viato. . . . . / Termine legeri. . . . .  
 . . . . . / Me aetatis vicesim. . . . . / Dolebis et si sensvs er. . . . . / Meae qvietis o velasso  
 . . . . . / Tibi dvlcivs precabor. . . . . / Vivas plvribvs et div. . . . . / Nescas quae mi no. . . . .  
 . . . . . / I cyra fruare vita o. . . . . / Eflere Iyat qvi ty in l. . . . . / Iis ann inachvs haec ma. . . . . / To Fac i potivs propera im. . . / segis ipse legeris I Nicea XXV.

24

Manilia. M. F. / Maxvma. An. XII / H. S. E. S. T. T. L. / C. Vibivs. Tanci / nus. Cognatae / Svae F. C.

25

P. Statvs / P. II B / Meridia / nvs. H. S. E.

26

D. M. S. / L. Cae. Si. Vs. Cae. Si A / A. LX. Cae. Si. A. Vernacia / Li. Ber. Ta. F C. | H. S. Est. T. L.

27

. . . . . / Vernacvl. . . / L. P.

28

D. M. S. / Asinivs / Florentin / vs. Anno. XXXV / H. S. E. S. T. T. L.

29

D. M. S. / Clarino A / III M S S



D. M. / Canidiae. Albi / nae. C. M. F. Con /  
Sobrini. Svi. Cati / nia. M. Filia. Aci / liana. C.  
S. P. F.

As inscrições lapidares prestam-se a grande variedade de interessantes estudos, são por vezes eloquentíssimos esses caracteres gravados no mármore; a fôrma das letras pôde dar-nos a data approximada do monumento; temos os nomes proprios e de familia, as variantes orthographicas, as designações de officios e dignidades. A descripção individual das lapides existentes em Evora fôrma o — Catalogo do museu-Cenaculo — que temos prompto; agora vamos simplesmente fazer um estudo geral sobre estas inscrições.

Relacionemos primeiramente os nomes dos individuos; começaremos pelas damas:

Antonia Fundana — Artulia Severa — Caesia Vernacia — Calpurnia Sabina — Canidia Albina — Cassia Marcella — Catinia — Cominia — M. Cupita — Flavia Rufina — Julia Alexandrina — Julia Galla — Julia Macla — Julia Munilla — Lucia Boutia — Manilia Etusca — Manilia Maxuma — Mumia Fundana — Nicea — Priscilla — Secundina — Terenia Tertulia — Vernacula (?) — C. Vitalis.

Vejamos os nomes masculinos:

Asinius Florentinus — L. Atilius Atilianus — Atilius Chresinus — L. Atilius Maximus Severianus — Augustanus — M. Ful. Caecilianus — Caecilius Hermetianus — Caecilius Silicianus — L. Caesius — T. Calleus Marcianus — Q. Julius Clarus — L. Cominius Expectatus — L. F. Elicon — Fabius Valerianus — L. C. Gallus — Hermes — J. Gallus Severus — Justus — Martialis — Meridianus — Mu-

mius Chresimus — Q. J. Maximus — Q. J. Nepotianus — L. V. Nonius — B. Pialeus — L. I. Polibius — Q. Pompeius — Silvanus — Vernaculus (?) Q. Vibius Tancinus — E os amigos Vemesiaci.

A maioria das lapides eborenses são memorias sepulcraes, 3 são votivas; uma d'estas tem o nome de uma divindade local — D. S. Turubrici —; duas são consagradas a Jupiter. Nas tumulares vemos dedicações entre esposos, entre paes e filhos, irmã ao irmão, sobrinha ao tio, mãe ao marido e filhos, marido e filhas á esposa e mãe, senhora ao seu joven liberto, uma senhora consagra uma lapide a seu tio, ajudada por certos amigos do fallecido; uma liberta ao seu antigo senhor.

Abreviaturas e formulas de piedade são todas conhecidas. Algumas inscrições marcam as edades: Polibio tinha 72, Elicon 85 annos; quando se trata de creanças declaram-se annos, mezes e dias com uma minucia que revela grande ternura; o menino Cecilio Hermeciano tinha 2 annos, 11 mezes e 17 dias.

Algumas referem-se a dois mortos, uma a tres.

Mencionam pessoas de todas as posições.

Flavia Rufina era flaminia da Lusitania, do collegio de Merida, e do municipio salaciense.

Os — Vemesiacos — eram *Lapidecinius*.

Q. J. Maximo é o individuo de mais alta posição aqui nomeado; questor da Sicilia, legado da provincia de Narbona, pretor designado na Gallia; os filhos, dois moços fallecidos aos 20 e 21 annos, eram *curatores viarum*, inspectores das estradas, talvez da estrada de Salacia a Eborá, porque a lapide foi encontrada no sitio da Tourega onde ha muitos vestigios romanos, sitio por onde passava provavelmente esta estrada.

Alguns nomes não são vulgares; Luria Boutia,

Manilia Etusca, Elicon, Pialeus, Calleus, Cominia, Artulia, Tancinus, Asinius.

Luria e Boutia ou Boudia apparecem em 3 lapides de Hespanha e sul de França, e em uma de Condeixa.

O nome — Maela — parece peculiar na peninsula hispanica, designando localidades e pessoas; recorde-se o celebre geographo Pomponio Mella, que era natural de Mellaria, na Betica. Mello é nome de um povoado no concelho de Gouvêa.

Temos Germello, Palmella, Mellides, etc.

Na inscripção de Armez figura L. J. Maelo, e n'uma de Condeixa — Maela Bobleni.

Do nome — Turubrici . . . — de uma divindade local, ha fórmãs approximadas como Turobriga (inscripções de Merida e Medellin); lembre-se tambem o nome já mencionado — Tourega, de uma localidade visinha de Evora.

Classificando as lapides eborenses pelas localidades, temos 13 de Evora, 8 de Beja e seu termo, 2 do Redondo (herdade da Capella), 1 da Tourega, 1 de Montemór-o-Novo (S. Matheus), 1 de Arraiollos, 1 de Messines, e 1 do Torrão; as duas ultimas são aras ou memorias votivas consagradas a Jupiter.

De duas é incerta a proveniencia.

No termo de Beja ha dois sitios que teem produzido lapides tumulares e outras antigualhas importantes, são as herdades do Paço do Conde e da Represa. Em Montemór-o-Novo conserva-se ainda a formosissima lapide de Calchisia. As lapides 28 e 30, achadas em Evora, no começo do seculo presente, foram levadas para o pateo de Valverde, passal dos Arcebispos, onde ainda estão; a de Asinius (28), talvez por mais exposta á chuva, está illegivel.

Alem das inscripções mencionadas temos ainda

algumas consideradas falsas, e que por isto não podem servir para base de estudo; na parte d'este trabalho referente ao templo romano indicámos a causa da falsificação.

O museu-Cenaculo foi assim denominado em homenagem ao grande arcebispo de Evora, D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, eminente erudito e archeologo.

Vamos historiar a formação d'este muzeu:

Em Evora, no seculo xvi, André de Resende, o grande antiquario e humanista, reuniu algumas lapides e fragmentos de esculptura, e com essas venerandas reliquias ornou e nobilitou o quintal de sua casa, na rua hoje chamada — do mestre André de Resende.

Estas pedras foram em 1868 cedidas pelo proprietario da casa. Posteriormente a Resende mais algumas pedras se salvaram, avultando, porém, as encontradas no desentulhamento e arranjo dos arredores do templo romano, e no concerto do largo da Misericordia, para o qual foi preciso cortar uma porção de muralha romana.

As lapides 19 e 20, achadas em 1881 na herdade da Capella, termo da villa do Redondo, vieram, a pedido meu, para a collecção epigraphica.

Estas pedras juntas com as lapides e fragmentos de esculptura que em 1868, por diligencia do sr. A. F. Simões, então bibliothecario em Evora, vieram de Beja, formam agora o museu-Cenaculo, a collecção de epigraphia romana mais opulenta do paiz.

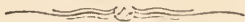
D. fr. Manuel do Cenaculo, entrando na sua diocese de Beja em 1777, tratou com o maior disvelo de salvar e reunir lapides e esculpturas antigas de que ninguem ali fazia caso; reuniu mais de cem objectos, e a essa collecção chamou — Museu Sisenando Cenaculo Pacense.

Em 1802 o insigne erudito, transferido do bispado de Beja para a archidiocese eborense, tencionava trazer tambem todas as suas queridas collecções; as pedras todavia, pelo seu pezo e volume, o transporte sendo então mui difficil, ficaram em Beja. Não posso deixar de fazer aqui umas penosas considerações.

As pedras estiveram depositadas na egreja de S. Sesinando, de Beja; ha bastantes annos resolveram aproveitar o edificio, o templo estava de ha muito profanado, para uma escola; mudaram as pedras para o collegio dos jesuitas: n'essa transferencia, e pelo descuido e desamor antes e depois d'ella, perderam-se muitas pedras; dos cento e tantos objectos do museu-Sisenando restavam 13 apenas, em 1868. Dizendo melhor, restavam reunidas 13, porque ainda em 1878 vi em Beja alguns monumentos; uma lapide com inscripção latina servia de degrao na entrada da estação telegraphica; ante a porta da estação, formando cunhal n'um pequeno muro, vi uma pedra faciada e de singular lavor, que me não pareceu de arte romana; outra lapide conserva-se na base de uma torre, etc.

A maior perda foi, porém, a das lapides com letreros de caracteres desconhecidos, dos chamados celtibericos, achadas em Almodovar e Ourique.

Felizmente, da grande maioria dos objectos do museu-Sisenando restam-nos desenhos cuidadosos e dignos de fé n'um *album* que se conserva na Bibliotheca publica de Evora com a marca  $\frac{129}{1-14}$ . Além d'estes desenhos possui ainda a Bibliotheca na sua opulenta collecção de manuscriptos a — Vida de S. Sisenando — escripta por Cenaculo, onde se encontram muitas referencias ás antiguidades do districto de Beja.









## DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Lisboa, 1876.

Narrativas para operarios. Lisboa, 1879.

Contos de Hans Andersen (trad.) Lisboa, 1879.

---

Dolmens ou antas dos arredores de Evora. Evora, 1875.

Invasões dos normandos na península ibérica (trad.) Evora, 1876.

Notas d'archeologia (Montes fortificados da Colla e Castro Verde. Dolmen furado da Candieira. Ruínas da Citania de Briteiros). Evora, 1879.

---

Plutarcho, biographia de Quinto Sertorio; com um estudo sobre a romanisação da península ibérica. Evora, 1879.

Fragmentos de L. Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, Itinerario de Antonino. Coimbra, 1880.

Plinio e Mella. cap. relativos á península. Evora, 1880.

Livro 3.º da Geographia de Strabão, 1.ª parte. Evora, 1878.

Idem idem 2.ª parte. Coimbra, 1880.

---

Catalogo provisório dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1880.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1881.

---

## ESTUDOS EBORENSES

Antiguidades prehistoricas nos arredores d'Evora—O templo romano—As muralhas romanas—As inscrições romanas—Antiguidades romanas nos arredores—Sant'Anna do Campo—Vestigios godos e arabes—Os edificios eborenses—O Espinheiro, os Loios, a Casa pia, a Bibliotheca, os Museus, a Cathedral, a igreja de S. Francisco, etc.—Judeus e mouros—O Santo officio—A renascença em Evora—Noticias dos archivos, etc.

---

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

1.º fasc. Doc. dos sec. XII e XIII.

GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA ARTE ARCHEOLOGIA

---

EVORA ROMANA

I.ª PARTE

O TEMPLO ROMANO. AS INSCRIPÇÕES LAPIDARES



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1886



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA ARTE ARCHEOLOGIA

---

EVORA ROMANA

I.<sup>a</sup> PARTE

O TEMPLO ROMANO. AS INSCRIÇÕES LAPIDARES



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.<sup>o</sup> 93

---

1886





## ESTUDOS EBORENSES

---

### O templo romano

---

O templo romano de Evora figura entre as principaes antiguidades da peninsula hispanica, a primeira como representante da grande arte greco-latina, uma das melhor conservadas, unica no seu genero em todo o occidente hispanico, porque existem vestigios de varios templos pagãos, de nenhum porém que se approximasse da magestosa construcção romana, em grande estylo, que formava a corôa da cidade municipal Ebora, ou Liberalitas Julia.

O templo é elegantissimo. Sobre um solido envasamento de *opus incertum*, com moldura de grossos silhares formando sócco e cornija, ergue-se a columnata completa na face norte, incompleta nas

de oriente e poente; na oriental ha quatro columnas completas além da angular, na occidental restam duas completas, duas perderam os capiteis, da quinta existe a base apenas.

Sobre todas as completas assenta ainda parte da architrave; os fustes são de granito, estriados de doze meias canas cada um; bases e capiteis de marmore branco, de Estremoz, sendo os capiteis corinthios e bem lavrados; para effeito de perspectiva, para mais elevada e esvelta parecer a columnata, os fustes são ligeiramente curvos ou boleados, isto é, não são perfeitos e regulares troncos de pyramide conica.

E' hexastylo, tem seis columnas na face menor.

E' pyknostylo, quer dizer, o intercolumnio tem diametro e meio de columna; é o mínimo intercolumnio consentido na grande arte romana.

As dimensões principaes são as seguintes:

Altura do envasamento.....	3 <sup>m</sup> ,46
Largura no sócco.....	15 <sup>m</sup> ,25
Comprimento no sócco.....	25 <sup>m</sup> ,18
Altura da columna (total).....	7 <sup>m</sup> ,68
Maior diametro do fuste.....	1 <sup>m</sup> ,00

O intercolumnio varia de 1<sup>m</sup>,35 a 1<sup>m</sup>,68.

A altura total do edificio, ao vertice ou fastigium, seria proxima de 15 metros.

A disposição das columnas, as proporções, recordam a *maison carrée* de Nimes; e o templo de Antonino e Faustina (2.<sup>o</sup> seculo).

O estado actual do templo é, em nosso parecer, o mesmo em que se achava ha muitos seculos; porque no findar da idade media já servia de açougue, e por consequencia muito alheio ao fim para que foram construidos os paredões em que as columnas estiveram embebidas até 1870, e o muro ameiado sobre a architrave; não é de modo

algun provavel que para um mister banal se er-guessem grossas paredes, ou antes muralhas. com sua coroa de ameias; mais verosimil é pois que o templo, tal como existiu até 1870, fizesse primitivamente parte do castello que na idade media occupava a parte superior da cidade, e do qual ainda resta a torre da casa Cadaval (palacio das cinco quinas), a do posto meteorologico, e um lanço de muralha e porta, que parece principal, no edificio da Bibliotheca.

Ora o castello foi tomado pelo povo, queimado, e em parte desfeitos os seus muros por occasião dos tumultos d'Evora na acclamação do mestre d'Aviz, quando alguns dos principaes da cidade, tomando voz por Castella, se acolheram nas suas fortes muralhas.

Demais as janellas de volta redonda que em partes rompiam a parede occidental do templo levam-nos ao *romão*, tão raro em Evora por causa da longa dominação sarracena, ainda representado por alguns detalhes, janellas e capiteis, da velha cathedral, quer dizer no maximo ao seculo 12; ora não temos motivo algum para affirmar que os arabes destruissem, nenhum indicio sequer, ao contrario os arabes na peninsula salvaram e construíram. Se estes não destruíram, e se logo que findou o seu dominio se fizeram as muralhas do templo, então a ruina — a reducção ao estado actual — deve ter sido rapida, muito rapida; temos que ir antes da invasão agarena, devemos limital-a ao dominio gothico, ou á epoca das grandes invasões germanicas, ás evoluções tumultuosas de suevos, vandalos e godos; tão rapida que talvez mais se deva attribuir a violencia extrema, a destruição movida pelo zelo religioso contra o templo pagão, e não ás causas naturaes, pois em volta do templo se não achou, quando se fizeram as excavações,

fragmento algum importante de columna, capitel ou estatua; só um pedaço de base de estatua, um dedo de figura collossal, e pequenos fragmentos de folhagem dos bellos capiteis corinthios. Achado ainda assim importante, porque affasta de vez uma hypothese, a de se não ter acabado o templo; porque os vestigios da base e da estatua, assim como os tanques que rodeavam o templo, provam que elle esteve completo, funcionou, e a natureza de taes fragmentos prova que a destruição foi violenta, brutal.

Se a ruina fosse produzida pelo natural desmorrimento em redor encontrar-se-iam vestigios importantes, ou nas edificações proximas teriam aproveitado as peças principaes, e nada d'isto succede.

Em muitos pontos do envasamento ha restos da conhecida argamassa romana formada de fragmentos de tijolo, de extrema rijesa, mostrando que todo o *opus incertum* foi assim revestido primitivamente.

O templo ergue-se isolado a meio de um formoso terreiro em parte arborisado, n'uma quasi completa moldura de grandes recordações historicas e dramaticas; o palacio dos Mellos, antigos marqueses de Ferreira, onde João II, o grande vulto da 2.<sup>a</sup> dynastia, o rei das nobres energias e das lugubres tragedias, teve encerrado o duque de Bragança, Fernando II; do outro lado um paredão pesado e monotono, de construcção relativamente recente, forma uma face inteira do antigo edificio da inquisição; ao sul o paço dos arcebispos, as grandes linhas severas e nobilissimas da velha sé eborense, a mais completa cathedral que temos no paiz; junto d'estes um edificio de paz e de sciencia, a Bibliotheca publica, o grande monumento de Cenaculo.

Em 1841 a duqueza de Palmella cedeu os ca-

sarões da inquisição velha que pegavam ao templo; chamavam *inquisição velha* a esses feios pardieiros, então completamente abandonados; *inquisição nova* é a parte que ainda subsiste.

Derribados os pardieiros ficou uma rua larga e o templo isolado, uma edificação singular, pesada, a modo de grande cubello solitario, com suas ameias e um pequeno campanario na face norte, onde mais antigamente estivera collocado o sino municipal, o sino de correr; as columnas emergiam pouco da muralha bruta; uma porta em ogiva estava na parede norte, sobre a cornija do envasamento (as duas columnas medias foram entalhadas para a installação da porta); janellas de volta redonda rompiam a parede do lado poente.

Era um todo mysterioso, cheio de interrogações; um grande edificio escuro e severo com uma porta alta por onde era impossivel entrar; com aspecto de fortaleza pelas ameias, de igreja pelo campanario, pequeno, singelo e viuvo da sineta.

André de Resende não viu ali o templo, viu apenas que eram restos de um edificio romano, chamou-lhe *portico*. . . e assim fez trazer (refere-se a Sertorio) a agua da Prata a um portico no mais alto da cidade, d'onde se repartia pelas regiões d'ella.

Diogo Mendes de Vasconcellos e Gaspar Estação tambem lhe chamaram portico.

Severim de Faria menciona as *fabricas corinthias* de Sertorio.

Ao padre Fialho, auctor da Evora Illustrada, pertence, segundo parece, a paternidade da denominação — *Templo de Diana* —; e não contente com isto foi affirmando logo ter sido fundado por Sertorio.

Infelizmente não podemos saber a que divindade foi este templo consagrado; existe um fragmen-



to da ara com vestígios da inscripção, inúteis porque os raivosos destruidores apagaram a camartello os caracteres; o que resta é um marmore de 9 decímetros de altura; conserva restos dos relevos da moldura, vê-se que a inscripção tinha sete linhas, apenas na primeira se lêem as letras SAC...; vê-se também que os caracteres da primeira linha eram maiores que os das seis restantes.

Fernão Lopes descrevendo os tumultos de Evora na aclamação do mestre d'Aviz diz que o povo, para bater o castello, subiu — á Sé e ao açougue que são logares altos — e d'ali atiravam virotes e disparavam as béstas.

Rodrigo da Cunha (Chronicas, 1643), fallando do mesmo factó diz que os populares subiram á sé... e sobre um postigo antigo que ainda está ínteiro do tempo de Quinto Sertorio, onde o aqueducto da agua da prata sohia vir, e agora serve de açougues da carne, que são logares altos d'onde com as béstas podiam empecer.

Esta designação *postigo* tem valor em nossa opinião; explica a porta ogival aberta na face norte; era talvez um postigo do castello quando, antes de 1380, o edificio todo lhe estava annexo.

Em 1836, o administrador geral do districto de Evora, Antonio José d'Avila, depois duque d'Avila e Bolama, baniu o açougue; em 1841, por diligencia de Rivara, isolou-se o edificio pela cedencia e demolição dos pardieiros da inquisição velha. Em 1870, por iniciativa da camara municipal, procedeu-se ao isolamento do romano puro, derribando-se tudo o que era medieval, ou simples alvenaria moderna.

A camara municipal procedeu com muito bom senso; foram consultados os homens conhecidos no paiz pelos seus estudos de historia e archeologia: o presidente da camara, dr. Manuel Vianna



foi o promotor d'esta obra que toda a gente illustrada lhe agradece.

O templo é conhecido como de Diana; a verdade é que nada se sabe a tal respeito; a historia da lenda é simples. Resende e depois a sua escola, que, como todas as escolas, teve os defeitos do mestre em maior gráo, e em menor as perfeições, possuiu-se da mania de trazer para Evora, para augmento da sua gloria (mas, como todas as bellezas verdadeiras, Evora não carece de europeis para seu maior brilho) memorias de Sertorio. Plutarcho falla da corça de Sertorio, logo a sua devoção por Diana; em Evora esteve Sertorio e ha edificios romanos, logo Sertorio fez o templo e consagrou-o a Diana. Assim pensaram, assim procede hoje muita gente boa nos seus raciocinios.

Mas o ultimo termo é posterior a Resende, pois este não suppoz ali o templo, e sim, vagamente, um portico.

Os archeologos fincaram todos no esplendido final; todos, depois de Fialho lhe chamaram de Diana, e assim modernamente, seguindo o mesmo impulso, temos o largo, o passeio, as ruas de Diana. Mesmo a idéa inicial de que Evora foi a capital da Lusitania em tempo de Sertorio não tem fundamento; outra *sortes*, outra invenção de historiadores sem escrupulos.

Flóro que tratou da guerra sertoriana, Plutarcho que biographou Q. Sertorio, minuciosamente, não mencionam Evora uma só vez.

Flóro fallando das cidades que apoz a morte de Sertorio se renderam á dominação romana, menciona Ósca, Termes, Valencia, Calagurris, não falla de Evora, que se então tivesse importancia, se fosse uma capital, os romanos procurariam sem duvida.

A actividade de Sertorio passou-se toda no orien-

te e nordeste da península; os *lusitanos* são apenas mencionados como os povos que o chamaram á península para lhes ser chefe; mas *lusitanos* nos escriptores greco-latinos é termo geral, que se pode considerar synonymo de povos do occidente da península; mesmo como entidade administrativa a Lusitania da republica é bem diversa da do imperio. Houve aqui uma das taes *sorites* historicas, uma lenda erudita.

Podemos esboçar a lenda creada pela alliança da sciencia e da phantasia, estudar-lhe a formação. Sertorio chamado pelos lusitanos, é o ponto firme.

Evora cidade notavel da Lusitania, porém de classe inferior a outras; mas aqui os vestigios de grandes obras romanas; dos imperadores? esses beneficiaram Pax-Julia, Emerita, Scalabis, Olistippo, povoações de maior cathegoria official. Dos proconsules dos exercitos republicanos? esses guerrearam, conquistaram, pouco trataram de melhoramentos materiaes: logo de Sertorio seguramente; e Sertorio fez aqui a sua capital politica, e reuniu senado, e fez o templo, a muralha, o aqueducto, e até o seu palacio; os sabedores de latinorios inventaram inscrições e assim responderam de vez aos de fé tibia nas maravilhosas descobertas. Este empenho de alliar á historia d'Evora o nome de Sertorio, assim como os de Viriato, Julio Cesar, etc., chegou a ponto de merecer já no seculo xvii a satyra, por vezes graciosa, chamada — Antiquidades de Evora — de Amador Patricio, pseudonymo de Cardoso de Azevedo.

A lenda erudita fixou-se todavia; tem sido apenas falta de reparo. Para que teria Sertorio duas capitaes, Osca (d'esta ha testemunhos certos) e Evora, a trinta dias de marcha, pelo menos, uma da outra? Evora, quasi no extremo occidental da

península, quando elle brigava, — e brigou quasi constantemente, nem elle estava na península para outra coisa, pois o seu fim era derribar o partido aristocratico, — no oriente e nordeste da península?

Na parede dos antigos paços do concelho na praça de Giraldo, estão algumas inscrições agrupadas em todo architectonico, sobre uma base granitica que é um fragmento de architrave e friso com seus triglyphos, florões ou escudos circulares, e caveiras de touro; é possível que este fragmento pertencesse ao templo romano. Não devemos todavia esquecer que na praça existiu até ao ultimo quartel do seculo xvi um arco romano, de que poderia fazer parte este fragmento de architrave.

O templo romano pelos seus caracteres artisticos pode classificar-se no 3.º seculo, maior probabilidade porém para o 2.º seculo, quando as influencias de Trajano e de Hadriano alastraram a península de obras de utilidade publica. Já dissemos que é do typo da *maison carrée* de Nimes, e do templo de Antonino e Faustina, que são do 2.º seculo.

A importancia de Ebora ou Liberalitas Julia, municipio do antigo direito latino, cresceu na paz, na prosperidade material, no dominio dos imperadores, quando a península se cortou de magnificas estradas, os rios se passaram de solidas pontes, e os grandes centros tiveram templos, arcos, circos, como os melhores da Italia, aqueductos, theatros e finalmente direitos e regalias eguaes. Na Lusitania, provincia administrativa limitada no tempo dos imperadores pelo Douro e pelo mar, e alargando-se muito para o interior, Ebora pela sua posição geographica não podia deixar de ter importancia, especialmente commercial. Da capital lusitana Emerita Augusta passava-se por Ebora para ir aos

tres grandes portos maritimos mais proximos Salacia, Cetobriga, Olisippo; de todo o *conventus* pacense para ir ao scalabitano era ponto obrigado de transitio; nos arredores não ha grandes montanhas nem caudalosos rios; os mercadores, os officiaes do fisco, rendeiros e procuradores publicos, os magistrados nas suas repetidas inspecções e visitas — o machinismo governativo chegou em Roma a uma perfeição enorme, — as tropas nos seus movimentos, tinham esta estação forçada n'um vasto territorio, situada na mais rica e facil região da Lusitania.

E' mais natural pois que então se tratasse aqui da grande arte, se erguesse o esbelto templo, o arco triumphal infelizmente destruido, o cerco de valentes muralhas de grossos silhares faciados, de que nos restam ainda bellos fragmentos.

Já nos referimos á epoca provavel da ruina do templo, desejamos porém firmar ainda este ponto; o final do 4.<sup>o</sup> seculo e a 1.<sup>a</sup> metade do 5.<sup>o</sup> viram a destruição de muitos monumentos; não foi só o tumultuar das hordas barbaras invadindo o imperio, antes e ao mesmo tempo houve a reacção violenta, o espirito de seita; o christianismo victorioso, facto perfeitamente natural, lembrou-se das terriveis perseguições que soffrera; e o christão quiz fazer desaparecer da face da terra os templos, as aras, os idolos da paganismo.

Em certas regiões isto effectuou-se não irregular mas systematicamente, por ordem do imperador; — Honorio por exemplo, — ou de seus vigarios e presidentes; em Hespanha, ha testemunhos historicos, os christãos demoliram os templos das divindades pagãs. Ora no templo romano de Evora parecem-nos evidentes os indícios da demolição, que por alguma circumstancia não foi completa, mas que destruiu ainda a inscripção do altar.



O templo romano tem já uma pequena litteratura moderna. Citarei as noticias principaes.

*Voyage en Portugal*, de J. Murphy, tomo 2.º, publicado em 1797. Descripção do templo a pag. 283. Estampa 18; gravura imperfeita, faces norte e nascente. Os entulhos escondiam a base quasi inteiramente; no ogiva da face norte uma porta pequena, rectangular; indica uma escada de 4 a 5 degráus para essa porta.

Artigo — Evora — no *Panorama*, vol. 8.º 1844. pag. 407, artigo que se refere aos fins de 1839, e feito sobre uma nota de Francisco Antonio de Lima.

Christiano Bellermann — *Erinnerungen aus Sud-europa*, Berlin, 1858, pag. 201.

Emilio Hübnier. Not. archeol. trad. pag. 47.

*Archivo Pittoresco*, tomo VIII, pag. 313, com uma gravura que mostra o estado do templo antes de 1870.

A. F. Simões. *Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo*. Evora, 1869. E tambem um extenso artigo, com 2 gravuras, publicado nas *Artes e Lettras*, vol. de 1873, pag. 155 e 166.

A. F. Barata, *Miscellanea historico-romantica*. Barcellos 1878, pag. 185.

Observações de J. H. C. Rivara, no vol. *Noção de alguns filhos da India Portugueza*. Nova Goa, 1874, pag. 160.

Artigos do auctor d'estas linhas na — *Renascença* — vol. de 1879, pag. 107 e seg. com duas gravuras; no jornal — *O Manuelhinho d'Evora*, no *Boletim de Archeologia* —, etc.

A photographia mais perfeita é a de Laurent, antes de 1870, bem tirada e de sufficiente tamanho a mostrar miudezas; não comprehende porém nenhuma das faces inteira; apanha grande parte das faces norte e poente. Indica bem o estado do

templo antes da demolição dos paredões que o desfiguravam; as janellas de volta redonda na face do poente, ameias de alvenaria, mas do feitio das da crasta da Sé (sec. 14); vestigios na face norte dos pardieiros da inquisição velha que se lhe encostavam.

Ha photographias de Serra, face norte, de Campos, face sul, tiradas depois do isolamento do romano puro, e que serviram para as gravuras publicadas nas *Artes e Lettras* e na *Renascença*.





## As inscripções lapidares — O museu-Cenaculo

---

As inscripções lapidares romanas existentes em Evora, são as seguintes:

1

D. S. Tvrvbrici / L. V. . onivs / V. S.

2

I. O. M. / In memoriam / L. Atili. Maximi / Severiani. Fil. / Pientissimi / L. Atil. Atilianvs / Et. Artvllia / C. F. Severa. Ex / . . . . senti. Lib. / . . . Posvervnt.

3

Iovi. O. M. / Flavia L. F. Rvfina / Emeritensis. Fla / minica. Provinc. / Lvsitaniae. Item. Col / Emeritensis. Perpet. / Et mvnicipi. Salacien / D. D.

4

D. M. S. / L. I. Polibius / Ann. LXXII / H. S. E. S. T. T. L.

D. M. S. / Mercator / Ann. XXXII / Vxor. Ma-  
rito / Merenti posvit / H. S. E. S. T. T. L.

Lvriac. T. F. Bovtiaie / C. Ivliivs. I. F. Gal. Se-  
veivs / Vxori. Sibi. Svisque. F. C.

Manilia. C. / Etysca. H. S. E. / Terentia. M. F.  
Tertvlia / Mater. F. C.

D. M. S. / L. F. Elicon / An. LXXXV. / H. S.  
E. S. T. T. L. / Po. Pialei / Marito. P. F. C.

D. M. / Martiali / Secvndina / Soror. F. C.

D. M. / Caecilio. P. F. / Hermetiano / V. A. II.  
M. XI. D. XVII / P. Caecilivs / Silicianvs. Frater.  
Ativs. V. A. VII. M. III. D. VI. / Hermes / Pater.  
Fecit.

Q. Pompeivs / . . . . vari. Lib. / . . . vstus . . . .

D. M. / Mvnivs. Cr / simvs. An / XVI / Mv-  
mia / Fvndana / Liberto. M. / renti Po . . . / H.  
S. E. S. T. T. L.

D. M. S. / Silvanvs. Atil / Priscillae / Vixit Ann  
XXXX / Atilivs Chresinv / Benemerent. Naci /  
A III S. L. S. II II

T. Calleus / Marcianvs / An. XX. H. S. E. S. T.  
T. L. / Cas. Marcella / Sobrina. F. C. / Item Ami-  
ci / Vemesiaci / Exlapidesnii / (na base) Emesiaci.

D. M. S. / L. Fabivs. Va / Ierianvs / Ann. LVIII /  
Ivl. Alexandri / na Marit. Pien / tissimo. Fecit. /  
H. S. Est. S. T. T. L.

Dis. Manib. / L. Comini. Expectati / Ivstvs /  
Et Augustanvs cvm / Cominia / Matre / Patri.  
Optimo.

L. . . . . / Ebor. Pl. . . . . / Sepvlt. . . . . /  
T. Call. . . . .

D. M. S. / M. L. Filia. Cv / pita. Ann XXXXIII /  
Q. L. N. Marite. Et / Antonia. Fvndana / et  
Mvmia Rvfina / Filias. Matri. Pi / issime. Posue /  
rvnt / H. S. E. S. T. L.

L. C. Gallo. Ann. L. / H. S. E. S. C. Vi / ta-  
lis. Sor. Et / M. Fvl. Caeci / lianvs Sobri / nvs. C.

Ivlia. I. F. Maela / An. LV. H. S. Est. S. T. /  
T. L.

Ivlia. Rvfi. F. / Mvnulla. H. S. / Ivlia Galla /  
H. S.

D. M. S.

(á esquerda)

/ Q. Ivl. Maximo. C. V. / Qvestori. Prov. Sici  
/ liae. Trib. Pleb. Leg. / Prov. Narbonens. . . /  
Galliae. (prae) T. Des / Ann. XLVIII / Calpyrnia  
Sabi / na. Marito. Optimo. /

(á direita)

Q. Ivl. Claro. I. IIII. Viro / Viarvm. Cvrandarvm  
/ Ann. XXI / Q. Ivl. Nepotiano. C. I. / IIII Vi  
ro Viarvm. Cvran / darum. Ann. XX / Calp. Sa  
bina. Filiis.

23

Qvis o praet. . . . . / Sitam via  
to. . . . . / Termine legeri. . . . .  
. . . . . / Me aetatis vicesim. . . . . / Dole  
bis et si sensvs er. . . . . / Meae quietis o velasso  
. . . . . / Tibi dvlcivs precabor. . . . . / Vivas  
plvribvs et div. . . . . / Nescas quae mi no. . . . .  
. . . . . / I cvra fruare vita o. . . . . / Efle  
re Ivat qvi tv in l. . . . . / Iis ann inachvs haec  
ma. . . . . / To fac i potivs propera im. . . / segis  
ipse legeris I Nicea XXV.

24

Manilia. M. F. / Maxvma. An. XII / H. S. E.  
S. T. T. L. / C. Vibivs. Tanci / nus. Cognatae /  
Svae F. C.

25

P. Statvs / P. II B / Meridia / nvs. H. S. E.

26

D. M. S. / L. Cae. Si. Vs. Cae. Si A / A. LX.  
Cae. Si. A. Vernacia / Li. Ber. Ta. F C. / H. S.  
Est. T. L.

27

. . . . . / Vernacvl. . . / L. P.

D. M. S. / Asinivs / Florentin / vs. Anno. XXXV /  
H. S. E. S. T. T. L.

D. M. S. / Clarino A / III M S S

D. M. / Canidiae. Albi / nae. C. M. F. Con /  
Sobrini. Svi. Cati / nia. M. Filia. Aci / liana. C.  
S. P. F.

As inscripções lapidares prestam-se a grande variedade de interessantes estudos; são por vezes eloquentísimos esses caracteres gravados no mármore; a forma das letras póde dar-nos a data approximada do monumento; temos os nomes proprios e de familia, as variantes orthographicas, as designações de officios e dignidades. A descripção individual das lapides existentes em Evora fórma o — Catalogo do museu-Cenaculo — que temos prompto; agora vamos simplesmente fazer um estudo geral sobre estas inscripções.

Relacionemos primeiramente os nomes dos individuos; começaremos pelas damas:

Antonia Fundana — Artulia Severa — Caesia Vernacia — Calpurnia Sabina — Canidia Albina — Cassia Marcella — Catinia — Cominia — M. Cupita — Flavia Rufina — Julia Alexandrina — Julia Galla — Julia Maela — Julia Munilla — Lucia Boutia — Manilia Etusca — Manilia Maxuma — Mumia Fundana — Nicea — Priscilla — Secundina — Terentia Tertulia — Vernacula (?) — C. Vitalis.

Vejamos os nomes masculinos :

Asinius Florentinus — L. Atilius Atilianus — Atilius Chresinus — L. Atilius Maximus Severianus — Augustanus — M. Ful. Caecilianus — Caecilius Hermetianus — Caecilius Silicianus — L. Caesius — T. Calleus Marcianus — Q. Julius Clarus — L. Cominius Expectatus — L. F. Elicon — Fabius Valerianus — L. C. Gallus — Hermes — J. Gallus Severus — Justus — Martialis — Meredianus — Murnius Chresimus — Q. J. Maximus — Q. J. Nepotianus — L. V. Nonius — B. Pialeus — L. I. Polibius — Q. Pompeius — Silvanus — Vernaculus (?) — Q. Vibius Tancinus — E os amigos Vemesiaci.

A maioria das lapides eborenses são memorias sepulcraes, 3 são votivas; uma d'estas tem o nome de uma divindade local — D. S. Turubrici —; duas são consagradas a Jupiter. Nas tumulares vemos dedicações entre esposos, entre paes e filhos, irmã ao irmão, sobrinha ao tio, mãe ao marido e filhos, marido e filhas á esposa e mãe, senhora ao seu joven liberto, uma senhora consagra uma lapide a seu tio, ajudada por certos amigos do fallecido; uma liberta ao seu antigo senhor.

Abreviaturas e formulas de piedade são todas conhecidas. Algumas inscripções marcam as edades: Polibio tinha 72, Elicon 85 annos; quando se trata de creanças declaram-se annos, mezes e dias com uma minucia que revela grande ternura; o menino Cecilio Hermeciano tinha 2 annos, 11 mezes e 17 dias.

Algumas referem-se a dois mortos, uma a tres. Mencionam pessoas de todas as posições.

Flavia Rufina era flaminia da Lusitania, do collegio de Merida, e do municipio salaciense.



Os — Vemesiacos — eram *Lapidecinius*.

Q. J. Maximo é o individuo de mais alta posição aqui nomeado; questor da Sicília, legado da provincia de Narbona, pretor designado na Gallia; os filhos, dois moços fallecidos aos 20 e 21 annos, eram *curatores viarum*, inspectores das estradas, talvez da estrada de Salacia a Ebora, porque a lapide foi encontrada no sitio da Tourega onde ha muitos vestigios romanos, sitio por onde passava provavelmente esta estrada.

Alguns nomes não são vulgares; Luria Boutia, Manilia Etusca, Elicon, Pialeus, Calleus, Cominia, Artulia, Tancinus, Asinius.

Luria e Boutia ou Boudia apparecem em 3 lapides de Hespanha e sul de França, e em uma de Condeixa.

O nome — Maela — parece peculiar na peninsula hispanica, designando localidades e pessoas; recorde-se o celebre geographo Pomponio Mella, que era natural de Mellaria, na Betica. Mello é nome de um povoado no concelho de Gouvêa.

Temos Germello, Palmella, Melides, etc.

Na inscripção de Armez figura L. J. Maelo, e n'uma de Condeixa — Maela Bobleni.

Do nome — Turubrici . . . — de uma divindade local, ha fórmãs approximadas como Turobriga (inscripções de Merida e Medellin); lembre-se tambem o nome já mencionado --- Tourega, de uma localidade visinha de Evora.

Classificando as lapides eborenses pelas localidades, temos 13 de Evora, 8 de Beja e seu termo, 2 do Redondo (herdade da Capelle), 1 da Tourega, 1 de Montemór-o-Novo (S. Matheus), 1 de Arraiollos, 1 de Messines, e 1 do Torrão; as duas ultimas são aras ou memorias votivas consagradas a Jupiter.

De duas é incerta a proveniencia.

No termo de Beja ha dois sitios que teem produzido lapides tumulares e outras antiguidades importantes, são as herdades do Paço do Conde e da Represa. Em Montemór-o-Novo conserva-se ainda a formosissima lapide de Calchisia. As lapides 28 e 30, achadas em Evora, no começo do seculo presente, foram levadas para o pateo de Valverde, passal dos Arcebispos, onde ainda estão; a de Asinius (28), talvez por mais exposta á chuva, está illegivel.

Alem das inscrições mencionadas temos ainda algumas consideradas falsas, e que por isto não podem servir para base de estudo; na parte d'este trabalho referente ao templo romano indicámos a causa da falsificação.

O museu-Cenaculo foi assim denominado em homenagem ao grande arcebispo de Evora, D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, eminente erudito e archeologo.

Vamos historiar a formação d'este muzeu:

Em Evora, no seculo xvi, André de Resende, o grande antiquario e humanista, reuniu algumas lapides e fragmentos de esculptura, e com essas venerandas reliquias ornou e nobilitou o quintal de sua casa, na rua hoje chamada — do mestre André de Resende.

Estas pedras foram em 1868 cedidas pelo proprietario da casa. Posteriormente a Resende mais algumas pedras se salvaram, avultando, porém, as encontradas no desentulhamento e arranjo dos arredores do templo romano, e no concerto do largo da Misericordia, para o qual foi preciso cortar uma porção de muralha romana.

As lapides 19 e 20, achadas em 1881 na herdade da Capella, termo da villa do Redondo, vie-

ram a pedido meu, para a collecção epigraphica.

Estas pedras juntas com as lapides e fragmentos de escultura que em 1868, por diligencia do sr. A. F. Simões, então bibliothecario em Evora, vieram de Beja, formam agora o museu-Cenaculo, a collecção de epigraphia romana mais opulenta do paiz.

D. fr. Manuel do Cenaculo, entrando na sua diocese de Beja em 1777, tratou com o maior disvelo de salvar e reunir lapides e esculpturas antigas de que ninguem ali fazia caso; reuniu mais de cem objectos, e a essa collecção chamou— Museu Sisenando Cenaculo Pacense.

Em 1802 o insigne erudito, transferido do bispado de Beja para a archidiocese eborense, tencionava trazer tambem todas as suas queridas collecções; as pedras todavia, pelo seu pezo e volume, o transporte sendo então mui difficil, ficaram em Beja. Não posso deixar de fazer aqui umas penosas considerações.

As pedras estiveram depositadas na igreja de S. Sesinando de Beja; ha bastantes annos resolveram aproveitar o edificio, o templo estava de ha muito profanado, para uma escola; mudaram as pedras para o collegio dos jesuitas: n'essa transferencia, e pelo descuido e desamor antes e depois d'ella, perderam-se muitas pedras; dos cento e tantos objectos do museu-Sisenando restavam 13 apenas, em 1868. Dizendo melhor, restavam reunidas 13, porque ainda em 1878 vi em Beja alguns monumentos; uma lapide com inscripção latina servia de degrao na entrada da estação telegraphica; ante a porta da estação, formando cunhal n'um pequeno muro, vi uma pedra faciada e de singular lavor, que me não pareceu de arte romana; outra lapide conserva-se na base de uma torre, etc.

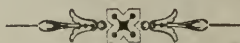
A maior perda foi, porém, a das lapides com le-

treiros de caracteres desconhecidos, dos chamados celtibericos, achadas em Almodovar e Ourique.

Felizmente, da grande maioria dos objectos do museu-Sisenando restam-nos desenhos cuidadosos e dignos de fé n'um *album* que se conserva na Bibliotheca publica de Evora com a marca  $\frac{129}{1-14}$ . Além d'estes desenhos possui ainda a Bibliotheca na sua opulenta collecção de manuscritos a — Vida de S. Sisenando — escripta por Cenaculo, onde se encontram muitas referencias ás antiguidades do districto de Beja.







## ESTUDOS EBOREENSES

- Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas  
nos arredores d'Evora. Evora romana. Inscriptões lapidares,  
muralhas, esculpturas, etc.  
Antiguidades romanas nos arredores.  
Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras.  
A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI.  
Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca.  
Catalogo das pinturas, das curiosidades e objectos d'arte.  
Catalogo do museu Cenaculo.  
Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas.  
A Universidade. C Santo Officio. Os autos da fé.  
A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis.  
Bispos e arcebispos. Factos historicos.  
A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637.  
O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663.  
Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834.  
Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha  
(fr. Marcos de Santo Antonio).  
Balthazar Jorge em Díu. Os papeis dos Azambujas.  
Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.





B  
2  
GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSES

---

---

*Historia e Archeologia*

---

---

EVORA ROMANA

1.<sup>a</sup> PARTE

O TEMPLO ROMANO. AS INSCRIÇÕES LAPIDARES

---

---

**2.<sup>a</sup> Edição**

---

---

PAPELARIA E LIVRARIA  
JOAQUIM DA SILVA NAZARETH  
Praça de Geraldo  
EVORA



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSES

---

---

*Historia e Archeologia*

---

---

EVORA ROMANA

1.<sup>a</sup> PARTE

O TEMPLO ROMANO. AS INSCRIPÇÕES LAPIDARES

---

---

**2.<sup>a</sup> Edição**

---

---

PAPELARIA E LIVRARIA  
JOAQUIM DA SILVA NAZARETH  
Praça de Geraldo  
EVORA

*G. P. Pereira*



## ESTUDOS EBORENSES

---

### O templo romano

---

O templo romano de Evora figura entre as principaes antiguidades da peninsula hispanica, a primeira como representante da grande arte greco-latina, uma das melhor conservadas, unica no seu genero em todo o occidente hispanico, porque existem vestigios de varios templos pagãos, de nenhum porém que se approximasse da magestosa construcção romana, em grande estylo, que formava a corôa da cidade municipal Ebora, ou Liberalitas Julia.

O templo é elegantissimo. Sobre um solido envasamento de *opus incertum*, com moldura de grossos silhares formando sócco e cornija, ergue-se a columnata completa na face norte, incompleta nas

de oriente e poente; na oriental ha quatro columnas completas além da angular, na occidental restam duas completas, duas perderam os capiteis, da quinta existe a base apenas.

Sobre todas as completas assenta ainda parte da architrave; os fustes são de granito, estriados de doze meias canas cada um; bases e capiteis de marmore branco, de Estremoz, sendo os capiteis corinthios e bem lavrados; para effeito de perspectiva, para mais elevada e esvelta parecer a columnata, os fustes são ligeiramente curvos ou boleados, isto é, não são perfeitos e regulares troncos de pyramide conica.

E' hexastylo, tem seis columnas na face menor.

E' pyknostylo, quer dizer, o intercolumnio tem diametro e meio de columna; é o minimo intercolumnio consentido na grande arte romana.

As dimensões principaes são as seguintes :

Altura do envasamento . . . . .	3 <sup>m</sup> ,46
Largura no sócco . . . . .	15 <sup>m</sup> ,25
Comprimento no sócco . . . . .	25 <sup>m</sup> ,18
Altura da columna (total) . . . . .	7 <sup>m</sup> ,68
Maior diametro do fuste . . . . .	1 <sup>m</sup> ,00

O intercolumnio varia de 1<sup>m</sup>,35 a 1<sup>m</sup>,68.

A altura total do edificio, ao vertice ou fastigium, seria proxima de 15 metros.

A disposição das columnas, as proporções, recordam a *maison carrée* de Nimes, e o templo de Antonino e Faustina (2.º seculo).

O estado actual do templo é, em nosso parecer, o mesmo em que se achava ha muitos seculos; porque no findar da idade media já servia de açougue, e por consequencia muito alheio ao fim para que foram construidos os paredões em que as columnas estiveram embebidas até 1870, e o muro ameiado sobre a architrave; não é de modo



algun provavel que para um mister banal se erguessem grossas paredes, ou antes muralhas, com sua coroa de ameias; mais verosimil é pois que o templo, tal como existiu até 1870, fizesse primitivamente parte do castello que na idade media occupava a parte superior da cidade, e do qual ainda resta a torre da casa Cadaval (palacio das cinco quinas), a do posto meteorologico, e um lanço de muralha e porta, que parece principal, no edificio da Bibliotheca.

Ora o castello foi tomado pelo povo, queimado, e em parte desfeitos os seus muros por occasião dos tumultos d'Evora na aclamação do mestre d'Aviz, quando alguns dos principaes da cidade, tomando voz por Castella, se acolheram nas suas fortes muralhas.

Demais as janellas de volta redonda que em partes rompiam a parede occidental do templo levam-nos ao *romão*, tão raro em Evora por causa da longa dominação sarracena, ainda representado por alguns detalhes, janellas e capiteis, da velha cathedral, quer dizer no maximo ao seculo 12; ora não temos motivo algum para affirmar que os arabes destruissem, nenhum indicio sequer, ao contrario os arabes na península salvaram e construíram. Se estes não destruíram, e se logo que findou o seu dominio se fizeram as muralhas do templo, então a ruina—a redução ao estado actual—deve ter sido rapida, muito rapida; temos que ir antes da invasão agarena, devemos limital-a ao dominio gothico, ou á epoca das grandes invasões germanicas, ás evoluções tumultuosas de suevos, vandalos e godos; tão rapida que talvez mais se deva attribuir a violencia extrema, a destruição movida pelo zelo religioso contra o templo pagão, e não ás causas naturaes, pois em volta do templo se não achou, quando se fizeram as excavações,

fragmento algum importante de columna, capitel ou estatua; só um pedaço de base de estatua, um dedo de figura collossal, e pequenos fragmentos de folhagem dos bellos capiteis corinthios. Achado ainda assim importante, porque affasta de vez uma hypothese, a de se não ter acabado o templo; porque os vestigios da base e da estatua, assim como os tanques que rodeavam o templo, provam que ele esteve completo, funcionou, e a natureza de taes fragmentos prova que a destruição foi violenta, brutal.

Se a ruina fosse produzida pelo natural desmoronamento em redor encontrar-se-iam vestigios importantes, ou nas edificações proximas teriam aproveitado as peças principaes, e nada d'isto succede.

Em muitos pontos do envasamento ha restos da conhecida argamassa romana formada de fragmentos de tijolo, de extrema rijesa, mostrando que todo o *opus incertum* foi assim revestido primitivamente.

O templo ergue-se isolado a meio de um formoso terreiro em parte arborizado, n'uma quasi completa moldura de grandes recordações historicas e dramaticas; o palacio dos Mellos, antigos marqueses de Ferreira, onde João II, o grande vulto da 2.<sup>a</sup> dynastia, o rei das nobres energias e das lugubres tragedias, teve encerrado o duque de Bragança, Fernando II; do outro lado um paredão pesado e monotono, de construcção relativamente recente, forma uma face inteira do antigo edificio da inquisição; ao sul o paço dos arcebispos, as grandes linhas severas e nobilissimas da velha sé eborense, a mais completa cathedral que temos no paiz; junto d'estes um edificio de paz e de sciencia, a Bibliotheca publica, o grande monumento de Cenaculo.

Em 1841 a duqueza de Palmella cedeu os ca-

sarões da inquisição velha que pegavam ao templo; chamavam *inquisição velha* a esses feios pardieiros, então completamente abandonados; *inquisição nova* é a parte que ainda subsiste.

Derribados os pardieiros ficou uma rua larga e o templo isolado, uma edificação singular, pesada, a modo de grande cubello solitario, com suas ameias e um pequeno campanario na face norte, onde mais antigamente estivera collocado o sino municipal, o sino de correr; as columnas emergiam pouco da muralha bruta; uma porta em ogiva estava na parede norte, sobre a cornija do envasamento (as duas columnas medias foram entalhadas para a installação da porta); janellas de volta redonda rompiam a parede do lado poente.

Era um todo mysterioso, cheio de interrogações; um grande edificio escuro e severo com uma porta alta por onde era impossivel entrar; com aspecto de fortaleza pelas ameias, de igreja pelo campanario, pequeno, singelo e viuvo da sineta.

André de Resende não viu ali o templo, viu apenas que eram restos de um edificio romano, chamou-lhe *portico*. . . «e assim fez trazer (refere-se a Sertorio) a agua da Frata a um portico no mais alto da cidade, d'onde se repartia pelas regiões d'ella».

Diogo Mendes de Vasconcellos e Gaspar Estação tambem lhe chamaram portico.

Severim de Faria menciona as *fabricas corinthias* de Sertorio.

Ao padre Fialho, auctor da Evora Illustrada, pertence, segundo parece, a paternidade da denominação — *Templo de Diana* —; e não contente com isto foi affirmando logo ter sido fundado por Sertorio.

Infelizmente não podemos saber a que divindade foi este templo consagrado; existe um fragmen-

to da ara com vestígios da inscripção, inuteis porque os raivosos destruidores apagaram a camartello os caracteres; o que resta é um marmore de 9 decímetros de altura; conserva restos dos relevos da moldura, vê-se que a inscripção tinha sete linhas, apenas na primeira se lêem as letras SAC. . . ; vê-se também que os caracteres da primeira linha eram maiores que os das seis restantes.

Fernão Lopes descrevendo os tumultos de Évora na aclamação do mestre d'Aviz diz que o povo, para bater o castello, subiu — á Sé e ao açougue que são logares altos—e d'ali atiravam virotes e disparavam as béstas.

Rodrigo da Cunha (Chronicas, 1643), fallando do mesmo facto diz que os populares subiram á sé. . . «e sobre um postigo antigo que ainda está inteiro do tempo de Quinto Sertorio, onde o aqueducto da agua da prata sohia vir, e agora serve de açougues da carne, que são logares altos d'onde com as béstas podiam empecer».

Esta designação *postigo* tem valor em nossa opinião; explica a porta ogival aberta na face norte; era talvez um postigo do castello quando, antes de 1380, o edificio todo lhe estava annexo.

Em 1836, o administrador geral do districto de Évora, Antonio José d'Avila, depois duque d'Avila e Bolama, baniu o açougue; em 1841, por diligencia de Rivara, isolou-se o edificio pela cedencia e demolição dos pardieiros da inquisição velha. Em 1870, por iniciativa da camara municipal, procedeu-se ao isolamento do romano puro, derribando-se tudo o que era medieval, ou simples alvenaria moderna.

A camara municipal procedeu com muito bom senso; foram consultados os homens conhecidos no paiz pelos seus estudos de historia e archeologia: o presidente da camara, dr. Manuel Vianna

foi o promotor d'esta obra que toda a gente illustrada lhe agradece.

O templo é conhecido como de Diana; a verdade é que nada se sabe a tal respeito; a historia da lenda é simples. Resende e depois a sua escola, que, como todas as escolas, teve os defeitos do mestre em maior gráo, e em menor as perfeições, possuiu-se da mania de trazer para Evora, para augmento da sua gloria (mas, como todas as bellezas verdadeiras, Evora não carece de europeis para seu maior brilho) memorias de Sertorio. Plutarcho falla da corça de Sertorio, logo a sua devoção por Diana; em Evora esteve Sertorio e ha edificios romanos, logo Sertorio fez o templo e consagrou-o a Diana. Assim pensaram, assim procede hõje muita gente boa nos seus raciocinios.

Mas o ultimo termo é posterior a Resende, pois este não suppoz ali o templo, e sim, vagamente, um portico.

Os archeologos fincaram todos no esplendido final; todos, depois de Fialho lhe chamaram de Diana, e assim modernamente, seguindo o mesmo impulso, temos o largo, o passeio, as ruas de Diana. Mesmo a idéa inicial de que Evora foi a capital da Lusitania em tempo de Sertorio não tem fundamento; outra *sortes*, outra invenção de historiadores sem escrupulos.

Flóro que tratou da guerra sertoriana, Plutarcho que biographou Q. Sertorio, minuciosamente, não mencionam Evora uma só vez.

Flóro fallando das cidades que apoz a morte de Sertorio se renderam á dominação romana, menciona Osca, Termes, Valencia, Calagurris, não falla de Evora, que se então tivesse importancia, se fosse uma capital, os romanos procurariam sem duvida.

A actividade de Sertorio passou-se toda no orien-



te e nordeste da península; os *lusitanos* são apenas mencionados como os povos que o chamaram á península para lhes ser chefe; mas *lusitanos* nos escriptores greco-latinos é termo geral, que se pode considerar synonymo de povos do occidente da península; mesmo como entidade administrativa a Lusitania da republica é bem diversa da do imperio. Houve aqui uma das taes *sorites* historicas, uma lenda erudita.

Podemos esboçar a lenda creada pela alliança da sciencia e da phantasia, estudar-lhe a formação. Sertorio chamado pelos lusitanos, é o ponto firme.

Evora cidade notavel da Lusitania, porém de classe inferior a outras; mas aqui os vestigios de grandes obras romanas; dos imperadores? esses beneficiaram Pax-Julia, Emerita, Scalabis, Olisippo, povoações de maior cathegoria official. Dos proconsules dos exercitos republicanos? esses guerrearam, conquistaram, pouco trataram de melhoramentos materiaes: logo de Sertorio seguramente; e Sertorio fez aqui a sua capital politica, e reuniu senado, e fez o templo, a muralha, o aqueducto, e até o seu palacio; os sabedores de latinorios inventaram inscripções e assim responderam de vez aos de fé tibia nas maravilhosas descobertas. Este empenho de alliar á historia d'Evora o nome de Sertorio, assim como os de Viriato, Julio Cesar, etc., chegou a ponto de merecer já no seculo xvii a satyra, por vezes graciosa, chamada — Antiquidades de Evora — de Amador Patricio, pseudonymo de Cardoso de Azevedo.

A lenda erudita fixou-se todavia; tem sido apenas falta de reparo. Para que teria Sertorio duas capitaes, Osca (d'esta ha testemunhos certos) e Evora, a trinta dias de marcha, pelo mence, uma da outra? Evora, quasi no extremo occidental da



peninsula, quando elle brigava, — e brigou quasi constantemente, nem elle estava na peninsula para outra coisa, pois o seu fim era derribar o partido aristocratico, — no oriente e nordeste da peninsula?

Na parede dos antigos paços do concelho na praça de Giraldo, estão algumas inscrições agrupadas em° todo architectonico, sobre uma base granitica que é um fragmento de architrave e friso com seus triglyphos, florões ou escudos circulares, e caveiras de touro; é possível que este fragmento pertencesse ao templo romano. Não devemos todavia esquecer que na praça existiu até ao ultimo quartel do seculo XVI um arco romano, de que poderia fazer parte este fragmento de architrave.

O templo romano pelos seus caracteres artisticos pode classificar-se no 3.º seculo, maior probabilidade porém para o 2.º seculo, quando as influencias de Trajano e de Hadriano alastraram a peninsula de obras de utilidade publica. Já dissemos que é do typo da *maison carrée* de Nimes, e do templo de Antonino e Faustina, que são do 2.º seculo.

A importancia de Eborá ou Liberalitas Julia, municipio do antigo direito latino, cresceu na paz, na prosperidade material, no dominio dos imperadores, quando a peninsula se cortou de magnificas estradas, os rios se passaram de solidas pontes, e os grandes centros tiveram templos, arcos, circos, como os melhores da Italia, aqueductos, theatros e finalmente direitos e regalias eguaes. Na Lusitania, provincia administrativa limitada no tempo dos imperadores pelo Douro e pelo mar, e alargando-se muito para o interior, Eborá pela sua posição geographica não podia deixar de ter importancia, especialmente commercial. Da capital lusitana Emerita Augusta passava-se por Eborá para ir aos

tres grandes portos maritimos mais proximos Salacia, Cetobriga, Olisippo; de todo o *conventus* pacense para ir ao scalabitano era pontô obrigado de transito; nos arredores não ha grandes montanhas nem caudalosos rios; os mercadores, os officiaes do fisco, rendeiros e procuradores publicos, os magistrados nas suas repetidas inspecções e visitas—o machinismo governativo chegou em Roma a uma perfeição enorme, — as tropas nos seus movimentos, tinham esta estação forçada n'um vasto territorio, situada na mais rica e facil região da Lusitania.

E' mais natural pois que então se tratasse aqui da grande arte, se erguesse o esbelto templo, o arco triumphal infelizmente destruido, o cerco de valentes muralhas de grossos silhares faciados, de que nos restam ainda bellos fragmentos.

Já nos referimos á epoca provavel da ruina do templo, desejamos porém firmar ainda este ponto; o final do 4.º seculo e a 1.ª metade do 5.º viram a destruição de muitos monumentos; não foi só o tumultuar das hordas barbaras invadindo o imperio, antes e ao mesmo tempo houve a reacção violenta, o espirito de seita; o christianismo victorioso, facto perfeitamente natural, lembrou-se das terriveis perseguições que soffrera; e o christão quiz fazer desaparecer da face da terra os templos, as aras, os idolos da paganismo.

Em certas regiões isto effectuou-se não irregular mas systematicamente, por ordem do imperador; — Honorio por exemplo, — ou de seus vigários e presidentes; em Hespanha, ha testemunhos historicos, os christãos demoliram os templos das divindades pagãs. Ora no templo romano de Evora parecem-nos evidentes os indicios da demolição, que por alguma circumstancia não foi completa, mas que destruiu ainda a inscripção do altar.

O templo romano tem já uma pequena litteratura moderna. Citarei as noticias principaes.

*Voyage en Portugal*, de J. Murphy, tomo 2.º, publicado em 1797. Descripção do templo a pag. 283. Estampa 18; gravura imperfeita, faces norte e nascente. Os entulhos escondiam a base quasi inteiramente; no ogiva da face norte uma porta pequena, rectangular; indica uma escada de 4 a 5 degráus para essa porta.

Artigo—Evora—no *Panorama*, vol. 8.º 1844. pag. 407, artigo que se refere aos fins de 1839, e feito sobre uma nota de Francisco Antonio de Lima.

Christiano Bellermann—*Erinnerungen aus Sud-europa*, Berlin, 1858, pag. 201.

Emilio Hübner. Not. archeol. trad. pag. 47.

*Archivo Pittoresco*, tomo VIII, pag. 313, com uma gravura que mostra o estado do templo antes de 1870.

A. F. Simões. *Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo*. Evora, 1869. E tambem um extenso artigo, com 2 gravuras, publicado nas *Artes e Lettras*, vol. de 1873, pag. 155 e 166.

A. F. Barata, *Miscellanea historico-romantica*. Barcellos 1878, pag. 185.

Observações de J. H. C. Rivara, no vol. *Noção de alguns filhos da India Portugueza*. Nova Goa, 1874, pag. 160.

Artigos do auctor d'estas linhas na—*Renascença*—vol. de 1879, pag. 107 e seg. com duas gravuras; no jornal—*O Manuelinho d'Evora*, no *Boletim de Archeologia*—, etc.

A photographia mais perfeita é a de Laurent, antes de 1870, bem tirada e de sufficiente tamanho a mostrar miudezas; não comprehende porém nenhuma das faces inteira; apanha grande parte das faces norte e poente. Indica bem o estado do

templo antes da demolição dos paredões que o desfiguravam; as janellas de volta redonda na face do poente, ameias de alvenaria, mas do feitio das da crasta da Sé (sec. 14); vestigios na face norte dos pardieiros da inquisição velha que se lhe encostavam.

Ha photographias de Serra, face norte, de Campos, face sul, tiradas depois do isolamento do romano puro, e que serviram para as gravuras publicadas nas *Artes e Lettras* e na *Renascença*.



## As inscrições lapidares — O museu-Cenaculo

---

As inscrições lapidares romanas existentes em Évora, são as seguintes :

1

D. S. Tvrvbrici / L. V. . onivs / V. S.

2

I. O. M. / In memoriam / L. Atili. Maximi / Severiani. Fil. / Pientissimi / L. Atil. Atilianvs / Et. Artvllia / C. F. Severa. Ex / . . . . senti. Lib. / . . . Posvervnt.

3

Iovi. O. M. / Flavia L. F. Rvfina / Emeritensis. Fla / minica. Provinc. / Lvsitaniae. Item. Col / Emeritensis. Perpet. / Et mvnicipi. Salacien / D.D.

4

D. M. S. / L I Polibius / Ann. LXXII / H. S. E. S. T. T. L.

## 5

D. M. S. / Mercator / Ann. XXXII / Vxor. Marito / Merenti posvit / H. S. E. S. T. T. L.

## 6

Lvriae. T. F. Bovtiae / C. Ivliivs. I. F. Gal. Severvs / Vxori. Sibi. Svisque. F. C.

## 7

Manilia. C. / Etvscā. H. S. E. / Terentia. M. F. Tertvlia / Mater. F. C.

## 8

D. M. S. / L. F. Elicon / An. LXXXV. / H. S. E. S. T. T. L. / Po. Pialei / Marito. P. F. C.

## 9

D. M. / Martiali / Secvndina / Soror. F. C.

## 10

D. M. / Caecilio. P. F. / Hermetiano / V. A. II. M. XI. D. XVII / P. Caecilivs / Silicianvs. Frater. Ativs. V. A. VII. M. III. D. VI. / Hermes / Pater. Fecit.

## 11

Q. Pompeivs / . . . . vari. Lib. / . . . vstus . . . . .

## 12

D. M. / Mvmivs. Cr / simvs. An / XVI / Mvnia / Fvndana / Liberto. M.. / renti Po . . . / H. S. E. S. T. T. L.

## 13

D. M. S / Silvanvs. Atil / Priscillae / Vixit Ann XXXX / Atilivs Chresinv / Benemerent. Naci / A III S. L. S. II I II



T. Calles / Marcianvs / An. XX. H. S. E. S. T.  
T. L. / Cas. Marcella / Sobrina. F. C. / Item Ami-  
ci / Vemesiaci / Exlapidesnii / (na base) Emesiaci.

D. M. S. / L. Fabivs. Va / Ierianvs / Ann. LVIII /  
Ivl. Alexandri / na Marit. Pien / tissimo. Fecit. /  
H. S. Est. S. T. T. L.

Dis. Manib. / L. Comini. Expectati / Ivstvs /  
Et Augustanvs cvm / Cominia / Matre / Patri.  
Optimo.

L. . . . . / Ebor. Pl. . . . . / Sepvlt . . . . . /  
T. Call. . . . .

D. M. S. / M. L. Filia. Cv / pita. Ann XXXXIII /  
Q. L. N. Marite. Et / Antonia. Fvndana / et  
Mvmia Rvfina / Filias. Matri. Pi / issime. Posue /  
rvnt / H. S. E. S. T. L.

L. C. Gallo. Ann. L. / H. S. E. S. C. Vi / ta-  
lis. Sor. Et / M. Fvl. Caeci / lianvs Sobri / nvs C.

Ivlia. L. F. Macla / An. LV. H. S. Est. S. T. /  
T. L.

Ivlia. Rvfi. F. / Mvnulla. H. S. / Ivlia Galla /  
H. S.

D. M. S.

(á esquerda)

/ Q. Ivl. Maximo. C. V. / Qvestori. Prov. Sici  
/ liae. Trib. Pleb. Leg. / Prov. Narbonens... /  
Galliae. (prae) T. Des / Ann. XLVIII / Calpvrnia  
Sabi / na. Marito. Optimo. /

(á direita)

Q. Ivl. Claro. I. IIII. Viro / Viarvm. Cvranda-  
rvm / Ann. XXI / Q. Ivl Nepotiano. C. I. / IIII Vi-  
ro Viarvm. Cvrar / darum. Ann. XX / Calp. Sa-  
bina. Filiis.

23

Qvis o praet..... / Sitam via-  
to..... / Termine legeri.....  
..... / Me aetatis vicesim..... / Dole-  
bis et si sensvs er..... / Meae quietis o velasso  
... .. / Tibi dulcivs precabor..... / Vivas  
plvribvs et div..... / Nescas quae mi no...  
.. .. / I cvra fruare vita o..... / Efle-  
re Ivat qui tv in l..... / lis ann inachvs haec  
ma..... / To fac i potivs propera im.. / segis  
ipse legeris I Nicea XXV.

24

Manilia. M. F. / Maxvma. An. XII / H. S. E.  
S. T. T. L. / C. Vibivs. Tanci / nus. Cognatae /  
Svae F. C.

25

P. Statvs / P. II B / Meridia / nvs H. S. E.

26

D. M. S. / L. Cae. Si. Vs. Cae. Si A / A. LX.  
Cae. Si. A. Vernacia / Li. Ber. Ta. F C. / H. S.  
Est. T L.

27

..... / Vernacvl... / L. P.

D. M. S. / Asinivs / Florentin / vs. Anno. XXXV /  
H. S. E. S. T. T. L

D. M. S. / Clarino A / III M S S.

D. M. / Canidiae. Albi / nae. C. M. F. Con /  
Sobrini. Svi. Cati / nia. M. Filia. Aci / liana. C.  
S. P. F.

As inscripções lapidares prestam-se a grande variedade de interessantes estudos; são por vezes eloquentísimos esses caracteres gravados no mármore; a forma das letras pôde dar-nos a data aproximada do monumento; temos os nomes próprios e de família, as variantes orthographicas, as designações de officios e dignidades. A descripção individual das lapides existentes em Évora fórma o — Catalogo do museu-Cenaculo — que temos prompto; agora vamos simplesmente fazer um estudo geral sobre estas inscripções.

Relacionemos primeiramente os nomes dos individuos; começaremos pelas damas:

Antonia Fundana — Artulia Severa — Caesia Vernacia — Calpurnia Sabina — Canidia Albina — Cassia Marcella — Catina — Cominia — M Cupita — Flavia Rufina — Julia Alexandrina — Julia Galla — Julia Maela — Julia Munilla — Lucia Boutia — Manilia Etusca — Manilia Maxuma — Murnia Fundana — Nicea — Priscilla — Secundina — Terentia Tertulia — Vernacula (?) — C. Vitalis.

Vejamos os nomes masculinos :

Asinius Florentinus—L. Atilius Atilianus—Atilius Chresinus—L. Atilius Maximus Severianus—Augustanus—M. Ful. Caecilianus—Caecilius Hermetianus—Caecilius Silicianus—L. Caesius—T. Calleus Marcianus—Q. Julius Clarus—L. Cominius Expectatus—L. F. Elicon—Fabius Valerianus—L. C. Gallus—Hermes—J. Gallus Severus—Justus—Martialis—Meridianus—Mumius Chresimus—Q. J. Maximus—Q. J. Nepotianus—L. V. Nonius—B. Pialeus—L. I. Polibius—Q. Pompeius—Silvanus—Vernaculus (?) Q. Vibius Tancinus—E os amigos Vemesiaci.

A maioria das lapides eborenses são memorias sepulcraes, 3 são votivas; uma d'estas tem o nome de uma divindade local—D. S. Turubrici—; duas são consagradas a Jupiter. Nas tumulares vemos dedicações entre esposos, entre paes e filhos, irmã ao irmão, sobrinha ao tio, mãe ao marido e filhos, marido e filhas á esposa e mãe, senhora ao seu joven liberto, uma senhora consagra uma lapide a seu tio, ajudada por certos amigos do fallecido; uma liberta ao seu antigo senhor.

Abreviaturas e formulas de piedade são todas conhecidas. Algumas inscripções marcam as edades: Polibio tinha 72, Elicon 85 annos; quando se trata de creanças declaram-se annos, mezes e dias com uma minucia que revela grande ternura; o menino Cecilio Hermeciano tinha 2 annos, 11 mezes e 17 dias.

Algumas referem-se a dois mortos, uma a tres. Mencionam pessoas de todas as posições.

Flavia Rufina era flaminia da Lusitania, do collegio de Merida, e do municipio salaciense.

Os—Vemesiacos—eram *Lapidecinios*.

Q. J. Maximo é o individuo de mais alta posição aqui nomeado; questor da Sicilia, legado da provincia de Narbona, pretor designado na Gallia; os filhos, dois moços fallecidos aos 20 e 21 annos, eram *curatores viarum*, inspectores das estradas, talvez da estrada de Salacia a Eborá, porque a lapide foi encontrada no sitio da Tourega onde ha muitos vestigios romanos, sitio por onde passava provavelmente esta estrada.

Alguns nomes não são vulgares; Lurã Boutia, Manilia Etusca, Elicon, Pialeus, Calleus, Cominia, Artulia, Tancinus, Asinius.

Luria e Boutia ou Boudia apparecem em 3 lapides de Hespanha e sul de França, e em uma de Condeixa

O nome — Maela — parece peculiar na peninsula hispanica, designando localidades e pessoas; recorde-se o celebre geographo Pomponio Mella, que era natural de Mellaria, na Betica. Mello é nome de um pòvoado no concelho de Gouvêa.

Temos Germello, Palmella, Melides, etc.

Na inscripção de Armez figura L. J. Maelo, e n'uma de Condeixa — Maela Bobleni.

Do nome—Turubrici. . . —de uma divindade local, ha fórmãs approximadas como Turobriga (inscripções de Merida e Medellin); lembre-se tambem o nome já mencionado — Tourega, de uma localidade visinha de Evora.

Classificando as lapides eborenses pelas localidades, temos 13 de Evora, 8 de Beja e seu termo, 2 do Redondo (herdade da Capelle), 1 da Tourega, 1 de Montemór-o-Novo (S. Matheus), 1 de Arraiollos, 1 de Messines, e 1 do Torrão; as duas ultimas são aras ou memorias votivas consagradas a Jupiter.

De duas é incerta a proveniencia,

No termo de Beja ha dois sitios que teem produzido lapides tumulares e outras antiguidades importantes, são as herdades do Paço do Conde e da Represa. Em Montemór-o-Novo conserva-se ainda a formosissima lapide de Calchisia. As lapides 28 e 30, achadas em Evora, no começo do seculo presente, toram levadas para o pateo de Valverde, passal dos Arcebispos, onde ainda estão; a de Asinius (28), talvez por mais exposta á chuva, está illegivel.

Alem das inscrições mencionadas temos ainda algumas consideradas falsas, e que por isto não podem servir para base de estudo; na parte d'este trabalho referente ao templo romano indicámos a causa da falsificação.

O museu-Cenaculo foi assim denominado em homenagem ao grande arcebispo de Evora, D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, eminente erudito e archeologo.

Vamos historiar a formação d'este muzeu:

Em Evora, no seculo xvi, André de Resende, o grande antiquario e humanista, reuniu algumas lapides e fragmentos de esculptura, e com essas venerandas reliquias ornou e nobilitou o quintal de sua casa, na rua hoje chamada—do mestre André de Resende.

Estas pedras foram em 1868 cedidas pelo proprietario da casa. Posteriormente a Resende mais algumas pedras se salvaram, avultando, porém, as encontradas no desentulhamento e arranjo dos arredores do templo romano, e no concerto do largo da Misericordia, para o qual foi preciso cortar uma porção de muralha romana.

As lapides 19 e 20, achadas em 1881 na herdade da Capella, termo da villa do Redondo, vie-



ram a pedido meu, para a collecção epigraphica.

Estas pedras juntas com as lapides e fragmentos de escultura que em 1868, por diligencia do sr. A. F. Simões, então bibliothecario em Evora, vieram de Beja, formam agora o museu-Cenaculo, a collecção de epigraphia romana mais opulenta do paiz.

D. fr. Manuel do Cenaculo, entrando na sua diocese de Beja em 1777, tratou com o maior disvelo de salvar e reunir lapides e esculpturas antigas de que ninguem ali fazia caso; reuniu mais de cem objectos, e a essa collecção chamou—Museu Sisenando Cenaculo Pacense.

Em 1802 o insigne erudito, transferido do bispado de Beja para a archidiocese eboiense, tencionava trazer tambem todas as suas queridas collecções; as pedras todavia, pelo seu pezo e volume, o transporte sendo então mui difficil, ficaram em Beja. Não posso deixar de fazer aqui umas penosas considerações.

As pedras estiveram depositadas na igreja de S. Sesinando de Beja; ha bastantes annos resolveram aproveitar o edificio, o templo estava de ha muito profanado, para uma escola; mudaram as pedras para o collegio dos jesuitas: n'essa transferencia, e pelo descuido e desamor antes e depois d'ella, perderam-se muitas pedras; dos cento e tantos objectos do museu-Sisenando restavam 13 apenas, em 1868. Dizendo melhor, restavam reunidas 13, porque ainda em 1878 vi em Beja alguns monumentos; uma lapide com inscripção latina servia de degrao na entrada da estação telegraphica; ante a porta da estação, formando cunhal n'um pequeno muro, vi uma pedra faziada e de singular lavor, que me não pareceu de arte romana; outra lapide conserva-se na base de uma torre, etc.

A maior perda foi, porém, a das lapides com le-

treiros de caracteres desconhecidos, dos chamados celtibericos, achadas em Almodovar e Ourique.

Felizmente, da grande maioria dos objectos do museu-Sisenando, restam-nos desenhos cuidadosos e dignos de fé n'um *album* que se conserva na Bibliotheca publica de Évora com a marca  $\frac{120}{1-14}$ . Além d'estes desenhos possui ainda a Bibliotheca na sua opulenta collecção de manuscritos a — Vida de S. Sisenando — escripta por Cenaculo, onde se encontram muitas referencias ás antiguidades do districto de Beja.



THE HISTORY OF THE  
CITY OF BOSTON

From its first settlement in 1630 to the present time. The city has grown from a small fishing village to one of the largest and most important in the world. Its history is marked by many significant events, including the founding of the Massachusetts Bay Colony, the American Revolution, and the rise of industry.

The city's growth was rapid, and by the late 18th century it was one of the largest cities in the colonies. The American Revolution was fought in Boston, and the city played a central role in the struggle for independence. After the war, Boston became a center of industry and commerce, and its influence spread throughout the world.

Gabriel Pereira

## ESTUDOS EBORENSES

37 fasciculos a \$10 cada

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana. O templo. As inscripções.— 3.º A Casa Pia.— 4.º Loios, azulejos e obras d'arte. — 5.º Bibliotheca Publica. Noticias das collecções.— 6.º Conventos do Paraizo, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. Raczyński. Pintores eborenses. — 8.º e 9.º Vesperas da Restauração.— 10.º Brasão d'Evora.— 11.º A igreja de Santo Antão. Livros parochiaes. Collegiada.— 12.º O archivo municipal.— 13.º A restauração em Evora.— 14.º, 15.º e 16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora.— 17.º Evora e o Ultramar. Balthazar Jorge e Marco Antonio Pessanha. — 18.º, 19.º, 20.º e 21.º Assédios d'Evora em 1663.— 22.º Os Festejos de Evora em 1729.— 23.º Evora nos Lusíadas.— 24.º Procições eborenses — 25.º Exposições de arte ornamental. — 26.º Antiquidades romanas em Evora e seus arredores. — 27.º Roteiro d'um eborense. — 28.º Universidade de Evora. — 29.º As caçadas, 1.ª parte. — 30.º Evora e o ultramar, 2.ª parte. — 31.º Ibn Abdun.— 32.º Os mouros.— 33.º As caçadas, 2.ª parte. 34.º Os estudantes. — 35.º Versos Eborenses do seculo XVIII. — 36.º A volta de Cenacuo — 37.º As questões do pão.

### Documentos Historicos da Cidade de Evora

1.ª Parte — 1 vol.....	1\$80
2.ª » » » .....	2\$20
3.ª » » » .....	\$60
MADRUGADAS, contos, 1 vol. ....	\$30

### JOSÉ CARLOS DE GOUVEIA

<i>Duqueza de Bragança</i> , poema em 8 cantos.....	\$30
<i>Ilusões e devaneios</i> , poesias, 1.ª parte .....	\$30
<i>Miragens da primavera</i> , poesia, 2.ª parte .....	\$30
<i>Afonso a'Albuquerque</i> , poema.....	1\$00

### Antonio Francisco Barata

<i>Homenagem da cidade de Evora a Alexandre Herculano</i> , com inéditos .....	\$30
<i>Evora Antiga</i> , 1 vol. ilustrado.....	\$70

### DR. PEDRO DE CASTRO

<i>Congregações Religiosas</i> .....	\$10
--------------------------------------	------

### CONDE DR. BERNARDO CHOUZAS

<i>Discurso recitado na festa da Virgem do Carmo</i> ... ..	\$40
<i>Orações funebres</i> .....	\$40
<i>Sermão recitado na festa da Virgem das Neves em Viana do Castelo</i> .....	\$40

### J. L.

<i>Sinopse da gramatica franceza — Morfologia</i> .....	\$12
---	------

GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA E ARCHEOLOGIA

---

## CASA PIA

O EDIFÍCIO DO COLLEGIO DO ESPIRITO SANTO,  
DA COMPANHIA DE JESUS, FUNDADO PELO CARDEAL REI EM 1551:  
A EGREJA. A INSTITUIÇÃO DA CASA PIA EM 1836  
E O ENSINO PROFISSIONAL



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 111 A

—  
1885





GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSES

---

---

HISTORIA E ARCHEOLOGIA

---

---

## CASA PIA

O EDIFÍCIO DO COLLEGIO DO ESPÍRITO SANTO,  
DA COMPANHIA DE JESUS, FUNDADO PELO CARDEAL REI EM 1551.  
A EGREJA. A INSTITUIÇÃO DA CASA PIA EM 1836  
E O ENSINO PROFESSIONAL



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 111 A

---

1885



## AOS ALUMNOS DA CASA PIA DE EVORA

Para que elles conheçam a historia da instituição que os amparou, sustentou e educou; do edificio onde entraram crianças debeis e desvalidas, no luto da orphandade, na miseria do abandono, d'onde sahiram aptos para as luctas da vida, para as glorias do trabalho.

O. D. C.

*Gabriel Pereira.*



## ESTUDOS EBORENSSES

---

### A Casa pia

---

A «Casa pia d'Evora» occupa em parte o vasto edificio do antigo Collegio do Espirito Santo, da Companhia de Jesus, situado ao oriente da cidade. Governo civil, Junta geral, Repartição de fazenda do districto e o Lyceu nacional occupam outra parte d'esta grandiosa construcção fundada pelo cardeal rei, quando arcebispo d'Evora, em 1551.

O edificio forma nas suas linhas principaes um quadrado de quasi 100 metros de lado, com a frente para o sul, tendo no angulo de nordeste dois grandes corpos salientes ou galerias.

Na frente encontramos primeiro a igreja com a sua arcada granitica de singela e severa architectura, logo um alpendre de alvenaria, sobre 4 columnas de marmore; era a porta do collegio, e é a entrada commum da Casa pia, Governo civil, Junta geral etc. Segue-se n'um plano inferior a frontaria do Governo civil e Lyceu, occupando este o primeiro pavimento, e as repartições publicas o segundo.

Uma grande quadra toda guarnecida de formosa columnata de marmore, e tres quadras menores rompem e esclarecem o vasto edificio que ou-

tr'ora alojou o collegio dos jesuitas, o seu noviciado, e a universidade de Evora.

Entremos na Casa pia. No frontão do alpendre da entrada está gravada em marmore branco a data da fundação d'este importante estabelecimento «11 de agosto de 1836».

Na nossa frente está o portão d'entrada; mostra-se-nos um extenso corredor; á esquerda temos a comunicação interna com a igreja, á direita a officina typographica, a secretaria, etc.

O corredor geral paralelo á frontaria, e que termina n'uma grande janella voltada a nascente, d'onde se goza um extenso e pittoresco panorama, tem 109<sup>m</sup>,5 de comprimento total, sendo 49<sup>m</sup> o comprimento da 1.<sup>a</sup> parte do corredor, 6<sup>m</sup>,7 o da sala octogona, onde se cruza o corredor norte-sul, e 44<sup>m</sup>,8 o comprimento da galeria, ou corpo saliente voltado ao levante.

Mais comprido seria ainda o corredor norte-sul se não estivesse em grande parte occupado pela Repartição de fazenda e Governo civil, por isso que percorre todo o lado do nascente e o corpo saliente voltado ao norte, onde estão os aposentos das alumnas; o comprimento total d'este corredor é de 140.<sup>m</sup> proximamente, sendo de 96<sup>m</sup>,7 o comprimento da parte pertencente á Casa pia.

Em parte do primeiro pavimento do corpo do nascente está o refeitório; tem 37<sup>m</sup>,4 de comprimento por 8<sup>m</sup>,7 de largo; 8 columnas de magnifico marmore correm no eixo medio do vasto salão sustentando a abobada; bancos e mezas fixos seguem as paredes, que são forradas até certa altura de azulejos do seculo XVI, muito vulgares em Evora; quadrados e quadrilongos, brancos e verdes, formando xadrez. Estão no refeitório dois quadros «A Cêa do Senhor e o milagre dos 5 pães e dois peixes, o milagre de Bethsaida» pinturas a oleo de pouco merito.



Antes de entrar no refeitório vê-se uma fonte de mármore em forma de urna sobre uma taça circular; ha outras fontes no mesmo gosto em varios edificios da cidade; esta é a maior, a taça é formada por uma só pedra.

É tambem do século XVI.

No mesmo pavimento, na primeira quadra, estão as officinas-escolas de carpinteiros, marceneiros, sapateiros e alfayates. Ao norte do edificio, para o lado do seminário, fica um terreiro repartido em largos socalcos: serve para recreação dos alumnos, que tem ali umas reguas parallelas e um portico para exercicios gymnasticos.

No pavimento superior estão os dormitorios, rouparia e outros depositos, aulas de instrucção primaria e de musica vocal e instrumental. A aula de instrucção primaria dos alumnos era a antiga sala de conferencias ou das disputas.

É uma casa ampla, de muito pé direito, com 17<sup>m</sup>.65 de comprido por 8<sup>m</sup> de largo: tem porta para o corredor norte-sul: em frente está a sala de musica que serviu de livraria aos jesuitas. O tecto conserva a antiga pintura; entre folhagens e ornatos veem-se pequenos quadros, emblemas de astronomia, canones, leis, symbolos, maximas, etc.

Entrando nos aposentos do sexo feminino, no corredor, á direita, vê-se uma porta de mármore bem lavrado; é a entrada da capella do cardeal fundador. Soffreu alterações; conserva uns quadros de azulejo apreciaveis, estatuetas dos quatro evangelistas de boa esculptura, e uma imagem da Senhora da Piedade, em barro, de bom trabalho.

A primeira igreja que teve o collegio foi depois transformada em sala de actos publicos: como era interior não podiam as senhoras eborenses assistir ali ás solemnidades religiosas; o cardeal D. Henrique, attendendo aos muitos rogos, fez outra egre-

ja, a que ainda se conserva, com entrada publica. Começou a construcção do templo em 1567, lançando a primeira pedra o arcebispo D. João de Mello; estava concluído em 1574, e foi o cardeal que ali celebrou, em grande solemnidade, a primeira missa.

O corpo da igreja, de uma só nave, tem 25<sup>m</sup>,7 por 11<sup>m</sup>. O cruzeiro 12<sup>m</sup>,20 × 7<sup>m</sup>,28.

Obras de talha, pinturas, ornamentações, são todavia dos seculos XVII e XVIII.

Na capella mór ha curiosos azulejos datados de 1631.

A obra de talha é notavel, dourada e colorida, e de lavra muito elegante; o sacrario imita um pequeno edificio de grande mimo e gentileza.

Duas grades de perfeito trabalho separam o cruzeiro da capella mór, e do corpo da igreja. Altos balaustres de marmore vermelho firmam a grade maior, pequenos balaustres de marmores diversos, em delicado mosaico, apoiam a menor, que é a que separa o cruzeiro da capella mór. O pulpito é singular, formado por uma columnata circular de bronze em base de marmore vermelho; foi presente de uma illustre dama, esposa de Heitor de Pina, fundador do collegio da Madre de Deus.

Mosaicos de marmores de muito merecimento ornam a capella do Senhor da Cana Verde: n'esta capella se conserva um crucifixo, o Senhor Jesus dos queimados, que estava n'uma ermida no rocío de S. Braz, em frente do lugar onde costumavam queimar os relaxados do Santo Officio, em tempos de tristes recordações.

Na capella do Senhor dos Passos notam-se bellos e delicados mosaicos, columnas salomonicas de finissimo marmore, portas almofadadas com ferragens e pregaria amarella, e sobre a grade or-

natos em ferro batido, imitando folhagens, de elegante desenho.

Esta capella estava na igreja do convento da Graça; veio para a Casa pia em 1844, ficando concluida esta melindrosa transferencia em 1845. Toda a despeza correu por conta da irmandade do Senhor dos Passos, a cujo cargo ainda se conserva.

E' o melhor exemplar de marmores embutidos ou incrustados que Evora possui; este genero de trabalho cultivou-se muito aqui (fins do seculo XVII e começo do XVIII), attingindo singular perfeição.

Na capella de S. Ignacio de Loyola outro entalhado dourado e colorido.

Na primeira capella á esquerda está um grande tumulo de marmore, e pedras com escudos d'armas: vieram da igreja de S. Domingos; diz-se que pertenciam a uma capella do marquez de Abrantes.

Tambem de S. Domingos veio o portado de marmore em estylo renascença que está na parede exterior do edificio, a poente: tencionava-se fazer ali a entrada da Casa pia.

E' de muita veneração a imagem do Senhor Jesus dos Desamparados. Na capella do Santissimo ha esculpturas em madeira de grande relevo e perfeição, notando-se o leão e a serpe.

Fronteira a esta capella, está o tumulo onde o cardeal fundador tencionava repousar no somno eterno; não succedeu assim porque o terrivel desastre de Alcacer-Quibir, onde desapareceu seu sobrinho, el-rei D. Sebastião, inesperadamente lhe substituiu o chapéo de cardeal pela corôa de rei.

Em Evora surgem a cada momento recordações historicas.

O tumulo é de marmore branco, singelo mas de nitidissimo trabalho; tem a seguinte inscripção:—

Henricvs Emmanvelis Ivsit. reg. invictiss. et Mariæ piissimæ reginae filivs. s. r. e. card. perpetvvs apostolicæ sedis a latere legatvs et hvivs regni generalis inquisitor ex bracara avg. archiepiscopo necessarias ob causas primvs eborensis deinde olysipponen. ac rursvm eboren. archiep. cænobiorm alcobacien. ac sanctæ crucis conimbricen. commendatarivs. excellens omnis memoriæ princeps sepvltræ locvm hvnc sibi vivens elegerat qvia vbi nvmnis favore non parvm aliorvm consvlverat salvati, ibi animæ svæ per continvata sacrificia et preces non ingratae posteritatis propitium idem fore nymen merito credebat ac sperabat. postea tamen dei. opt. max. mvnere rex ivsta patrem et matrem ac fratres sepeliri cumpvlsvs est.

Sob esta inscripção, na base do tumulo, está o seguinte letreiro, em uma só linha: — Aqvi. jaz. o snor dom. Dvarte. filho. do. iff<sup>te</sup> dom. Dvarte. e. da. iff<sup>te</sup> dona Izabel. fal. a. 28. de novembro de 1576.

Como o cardeal-rei foi sepultado no mosteiro de Belem, aproveitaram este tumulo para jazigo do infante D. Duarte.

Muito deve a cidade de Evora ao cardeal-rei; aqui fundou este vasto edificio do Collegio do Espirito Santo (1551), o da Purificação (actual Seminario 1557), a nova igreja de Santo Antão (1558), a Universidade (1559).

Possuindo collossaes rendimentos de mitras, commendas e mezas conventuaes, tudo dispendeu em grandiosas construcções, merecendo-lhe muitos desvellos os estabelecimentos de instrucção.

D. Henrique nasceu em 31 de janeiro de 1512.

N'essa noite um nevão extraordinario vestiu de branco a cidade de Lisboa.

Aos vinte annos de idade era arcebispo de Braga (1532), depois de Evora (1540), de Lisboa (1564),

outra vez arcebispo de Evora (1575); aclamado rei, por morte de el-rei D. Sebastião, em agosto de 1578. Foi o 17.º rei de Portugal e o ultimo da dynastia de Aviz. Depois de anno e meio de reinado falleceu em Almeirim, em 31 de janeiro de 1580, com 68 annos exactos de idade. Residiu em Evora grande parte da sua vida, sustentando aqui uma grande casa; a cada momento, nos documentos eborenses do seu tempo, se encontram nomes de familiares e dependentes seus. Cultivou as letras, gostava de ter junto de si homens instruidos, e era elle mesmo grande erudito; D. João III empenhara-se na sua educação; sabios estrangeiros de reconhecido merito residiram por bastantes annos aqui, entre outros o celebre humanista Nicoláo Glenardo que nos deixou interessantissimas cartas datadas de Evora, de 1534 a 1537. Pedro Nunes foi seu mestre. André de Resende, o bispo D. João Petit, Ayres Barbosa, Jeronymo Osorio, João Vasco, Maffei e muitos outros formaram então em Evora um conjuncto de eruditos muito notavel e influente

Em outubro de 1551, o cardeal D. Henrique, tendo resolvido fundar em Evora um collegio de jesuitas, mandou vir de Coimbra o padre Simão Rodrigues; veio este acompanhado de 4 sacerdotes, 4 irmãos theologos, e 3 irmãos coadjutores.

Fizeram a jornada a pé descansando nos hospitaes, costume dos jesuitas nos primeiros tempos adoptado para exemplo, propaganda e publica ostentação de humildade e desapego das commodidades terrenas: estando no hospital de Arrayollos receberam ahi a visita do duque de Bragança, D. Theodosio.

O edificio do collegio d'Evora estava começado apenas.



Chegando a Evora foram hospedar-se os padres n'uma casa da Freiria. onde passaram alguns dias; passaram d'ahi para o edificio onde hoje está a Misericordia.

Esta casa pertenceu e foi residencia do infante D. Luiz, duque de Beja, senhor da Covilhã, Moura e Serpa. Condestável de Portugal, governador e perpetuo administrador do priorado do Crato da ordem de S. João de Jerusalem. O infante doou o predio ás freiras da mesma ordem, chamadas vulgarmente — maltezas — para seu mosteiro, em 5 de abril de 1530; as freiras, porem, não acharam no edificio commodos bastantes, de modo que poucos annos aqui estiveram, sendo transferidas para Estremoz. Quando os jesuitas chegaram a Evora estava o predio devoluto, mas ainda pertencia ás freiras e á ordem a quem a confraria da Santa Casa da Misericordia o comprou, em 7 de janeiro de 1552, por 350.000 réis, cedendo, porem, o infante D. Luiz metade d'esta quantia. N'este anno, 1552, mudaram-se os padres para o palacio real de S. Francisco, e ahi começaram os cursos. O noviciado começou a funcionar no edificio do collegio em 1553, e em dezembro de 1554 ahi se installaram definitivamente os jesuitas.

O corpo saliente do norte (parte do corredor N — S, alojamento das alumnas) foi construido em 1646, sendo reitor o padre Francisco Cabral. E o cruzeiro ou sala oitavada onde se encontram os dois grandes corredores, foi arranjado e posto no estado em que actualmente o vemos, em 1726, no tempo do padre Antonio Franco. Ha n'esta sala, nos quatro lados cheios, quadros de azulejos mui curiosos, de notavel desenho, representando a *terra*, a *agua*, o *fogo* e o *ar*. Sobre estes quadros, a certa altura, estão quatro estatuas allegoricas de



anjos da guarda, sustentando escudos com as armas de Portugal, do Cardeal D. Henrique, de Evora, e da Companhia de Jesus.

Atraz da capella mór fica a sacristia; azulejos especialissimos forram as paredes; são de fino esmalte, azul, branco, verde e amarello; o tecto é pintado, de grande trabalho, em quadros que representam scenas da vida de Santo Ignacio de Loyola; tem a data 1599. Conservam-se na sacristia algumas telas a oleo, não de grande merecimento artistico, mas notaveis pelas scenas que representam.

Na escura casa que serve de communicacão da egreja para o corredor e para a sacristia, e ante a porta d'esta, está uma campa rasa, ali n'aquella penumbra triste, no modestissimo isolamento, ante a qual todo o portuguez, e especialmente todo o eborense, deve descobrir-se e inclinar-se.

E' a campa de D. fr. Manuel do Cenaculo.

Tem esta inscriçãõ: em 27 linhas.

Aeternae memoria sacrum D. d. fr. Emmanue-  
lis a Coenaculo Villasboas tertii ordinis S. Fran-  
cisci alumni, primum episcopi julio-pacensis, pos-  
tremo archiepiscopi eborensis: qui ob sedulam ac  
diuturnam operam, sive in serenissimo Brasiliae  
principe D. Josepho instituendo; sive in re litte-  
raria apud sodales et concives ad novam quasi  
vitam revocanda; sive in aliis magnisque reipubli-  
cae et ecclesiae muneribus integerrime obeundis;  
pietate duce ac doctrina, religionem et patriam si-  
bi perenniter devinxit. Obiit vii. kal. febr. c1cDCCCXIV  
aetatis suae anno xc. pontificatus XLIV. desideratis-  
simo preasuli suo bene merenti posuit Antonius  
Iosephus Oliverius.

Antonio José d'Oliveira, bispo de Eucarpia, foi

provisor e amigo de Cenaculo por largos annos.

Fr. Manuel do Cenaculo Villasboas nasceu em Lisboa, em 1 de março de 1724; filho de José Martins, serralheiro, e de Antonia Maria. Aos dezesseis annos professou na regra da 3.<sup>a</sup> ordem de S. Francisco; estudou na universidade de Coimbra, obteve o gráo de doutor em 1749, e entrou no corpo docente; os seus altos merecimentos, o seu muito amor aos estudos, a austeridade do seu viver, a amabilidade do seu character tornaram-no muito notado. O marquez de Pombal, o poderosissimo e reformador ministro de D. José, que tamanha influencia exerceu no cultismo portuguez, tinha o raro instincto, preciosissimo em estadistas, de reconhecer bem os homens de verdadeiro merito, e chamava-os para auxiliares do poder; um dos chamados a collaborar nas arrojadas reformas comprehendidas pelo marquez foi Manuel do Cenaculo, o filho do humilde serralheiro, que principalmente se empregou na reforma dos estudos, organização dos estatutos e regulamentos da Universidade de Coimbra. Confessor e mestre do principe D. José, bispo de Beja (diocese creada expressamente pelo marquez de Pombal para dar condigna collocação a Cenaculo, e compensar-lhe os seus muitos serviços), teve de retirar-se do bulicio da capital, das encontradas paixões da côrte, pela morte d'el-rei D. José e queda do marquez. Retirou-se então á sua diocese, e surgiu o prelado de immortal gloria. Consumia tempo, dinheiro, toda a actividade em espalhar beneficios, elevar espiritos, melhorar characteres, verdadeiramente christão era bom e civilizador; visitava a miudo a sua diocese, não esquecendo a mais pobre e desviada ermidinha; animava e levantava quem quer que via intelligente, honesto, trabalhador; não faltava o conselho benevolo ao que errava; fundou uma bi-

bliotheca; rodeava-se de gente illustrada; fazia conferencias; salvava com raro amor as reliquias, os monumentos do passado; entregava-se a profundos estudos, a trabalhos de alta erudição.

Morrendo o arcebispo d'Evora, Botelho de Lima, foi Cenaculo eleito para o substituir em março de 1802: tinha então 78 annos, mas, exemplar excepcional nos povos meridionaes, conservava toda a energia e frescura do espirito e notavel vigor no corpo: possuia uma organização perfeita, mas podemos seguramente attribuir a sua grande vitalidade aos seus habitos de trabalho e ao seu modo de viver sempre muito regular. O que estraga e arruina rapidamente até as mais fortes compleições é a vida irregular, as intemperanças e abusos, a pouca moralidade, a falta de trabalho e exercicio.

Cenaculo arcebispo d'Evora viu alargar-se ainda mais a sua esphera de actividade; a mitra eborense era então opulentissima, o seu rendimento annual regulava por uns 60 contos: essa grande quantia tornou-se logo renda de todos; encontrou no paço uma collecção de 2:000 e tantos volumes, trez annos depois, em 1805, abria ao publico a Bibliotheca eborense com 30:000 livros; o seu gosto de erudito pelas collecções de medalhas, de manuscriptos, de objectos d'arte, de maravilhas naturaes, auxiliado agora por maiores meios, deu em resultado o museu Cenaculo, onde se encontram preciosidades de primeira ordem, em varios generos, que illustram o paiz, honram e nobilitam sobremaneira esta cidade. Tomba subitamente sobre Evora o horroroso desastre de 1808, a entrada do exercito francez ás ordens de Loison, depois de travado combate; em todos domina o terror, vê-se por toda a parte a morte, o saque, a soldadesca desenfreada, apenas se ergue serena e resi-

gnada a fronte venerabilissima d'esse velho de 84 annos, que fez moderar os impetos dos generaes de Bonaparte, embriagados pela victoria. Insultado depois vilissimamente por gente que elle protejera, na propria cidade de Beja, onde tanto tempo residira, espalhando beneficios e semeando civilisação, resiste ainda, e ainda perdoa e desculpa. O paiz todo sentiu o vil insulto, e a população de Evora, no dia 17 de outubro de 1808, encheu a estrada de Vianna recebendo o seu nobilissimo prelado em triumpho incomparavel.

D. fr. Manuel do Cenaculo publicou algumas obras muito apreciadas, e deixou outras manuscritas que se encontram na Bibliotheca ebo-rensense.

Falleceu em 26 de janeiro de 1814, tendo quasi 90 annos de idade.

Expulsos os jesuitas fechou-se a universidade de Evora, e ficou devoluto o vasto edificio do collegio do Espirito Santo; cedeu-se pouco depois aos chamados padres da congregação da missão; em 1805 residiam no collegio 5 ou 6 padres que educavam alguns porcionistas. As grandes rendas do collegio do Espirito Santo foram todas para a Universidade de Coimbra, e para o collegio dos nobres. Os estudos em Evora chegaram pois a abatimento completo; Cenaculo tratou de remediar tamanha falta, e á custa da mitra chamou mestres regulares e clerigos seculares para o ensino de latim, logica, escriptura santa, dogma, moral e historia ecclesiastica. Elle mesmo, o venerando octogenario, ia frequentemente ao seu collegio, fazia conferencias com os ordinandos, e assistia a miudo ás lições, até nas aulas elementares. Queria o clero instruido e morigerado. Por isto o amor a esta casa; por isto e pela sua modestia, dandonos ainda na sepultura uma solemne lição, quiz

jazer ali, na escura passagem, sob uma campa sem ornatos, sem a minima pompa.

Sobre a entrada da Casa pia, gravada em marmore branco, está a data da fundação — 11 de agosto de 1836 —.

O fundador foi Antonio José d'Avila, depois duque d'Avila e Bolama. Tem aqui natural cabimento o esboço biographico de este notavel homem publico; demais a sua vida encerra exemplo e lição, é uma vida cheia de trabalho.

Antonio José d'Avila, filho de Manuel José d'Avila, nasceu na ilha do Fayal em 8 de março de 1806. Manuel José d'Avila era operario; á força de trabalho e economia conseguiu juntar alguns pequenos meios e veio estabelecer-se na cidade da Horta, principal povoação da ilha; muito honesto e economico alargou um tanto o seu pequeno commercio, não chegando porém nunca a ter fortuna consideravel.

N'este meio de trabalho e parcimonia foi crescendo o filho, Antonio José d'Avila, que logo nos primeiros estudos revelou muita memoria, intelligencia e extraordinaria applicação. Conhecendo isto resolveu-se o pae a mandar o intelligente rapaz seguir estudos superiores.

Aos 15 annos entrou Antonio Avila na Universidade de Coimbra. Annos depois tomava o grão de bacharel e voltava para o Fayal, como professor publico de philosophia e moral.

Em 1831 foi eleito presidente da camara municipal da cidade da Horta. Muitas vezes ouvimos repetir a pessoa competente que uma das razões, e das mais valiosas, da superioridade do duque d'Avila em assumptos de administração, estava no perfeito conhecimento das complicadas engrenagens administrativas, na longa pratica em quasi todos os estadios dos serviços publicos. O presiden-



te de ministros sabia perfeitamente dos deveres do presidente da junta de parochia; o financeiro, o ministro da fazenda, conhecia o trabalho, o machinismo elementar da repartição concelhia.

Em 1832 foi nomeado provedor do concelho da Horta; e pouco depois o imperador D. Pedro IV (feria-se então nos Açores a grande lucta pela liberdade) escolheu-o para sub-perfeito da ilha de S. Miguel.

Em 1834 foi eleito deputado.

As suas qualidades pessoais, os seus conhecimentos, a sua probidade e o seu espirito bem intencionado, chamaram as attensões dos homens publicos mais altamente collocados, sendo logo aproveitado para o desempenho de melindrosas commissões. Onde se carecia de prudencia, de conciliação, de espirito organisador, de trabalho methodico, rigorosa disciplina e bem entendida tolerancia, ali era o lugar de Antonio José d'Avila. Por isto o fizeram administrador geral d'Evora, que muito soffrera material e moralmente nas luctas civis, e depois governador civil do Porto.

Este homem, vivendo n'um periodo agitado, não tomou parte nas contendas politicas; as facções procuravam os seus serviços, cumpria religiosamente o seu dever, o encargo que tomava; que não lhe pedissem o minimo sacrificio da sua probidade, que o não obrigassem a exercer qualquer vingança ou prepotencia: nas horas feridas dos serviços publicos estudava, estudou sempre; fóra das sciencias economico-administrativas não cultivou um determinado ramo scientifico, mas adquiriu grande copia de conhecimentos variadissimos.

Em 1840 entrou pela primeira vez no ministerio, na pasta da fazenda. Sustentou luctas formidaveis, porque teve de recorrer pelo máo estado financeiro do paiz, a medidas rigorosas; não era



orador elevado e correcto como Almeida Garrett, nem brilhante improvisador como José Estevão, não era politico, nem parlamentar, não sabia esconder, disfarçar, nem tinha sangue frio, era sincero, honesto, exacto, verdadeiro, e foi com estes predicados que elle se bateu, e venceu muitas vezes os oradores parlamentares mais afamados; estes commoviam, encantavam como Garrett, arrebatavam como José Estevão, Avila demonstrava, convencia.

Em 1853 figurou honrosamente no congresso de estatistica de Bruxellas. Em 1855 foi escolhido para commissario regio na exposição universal de Paris.

Eleito deputado em todas as legislaturas por varios circulos do paiz, foi nomeado par do reino em março de 1861 e feito conde d'Avila em 1864. O seu nome tornou-se muito honrosamente conhecido no estrangeiro pela parte activa que tomou no congresso reunido em Paris, para tratar da unificação dos systemas monetarios; foi elle que propoz e defendeu a adopção de um unico padrão d'ouro.

Presidente do conselho de ministros em 1868, pela primeira vez; agraciado com o titulo de duque d'Avila e Bolama em 1878, depois de resolvida pela arbitragem dos Estados Unidos a questão entre Portugal e Inglaterra por causa da ilha de Bolama, na Africa occidental; membro do conselho de Estado; presidente do Supremo Tribunal administrativo; governador do Credito predial, e director da companhia das Lezirias; possuia tambem grande numero de condecorações. O duque d'Avila falleceu pelas 9 horas da noite de 3 de maio de 1881.

Pódem variar as opiniões sobre os meritos, e o papel politico do duque d'Avila; como todos os

homens publicos teve admiradores e contrarios; Evora deve-lhe muito, a sua memoria será aqui sempre honrada, o seu nome está ligado á instituição da Casa pia onde centenares de creanças tem entrado no isolamento, na tristeza da orphandade, para sahirem adultos capazes de ser uteis á sociedade.

Em 1836 era ministro do reino Manuel da Silva Passos (nasceu em 5 de janeiro de 1801, morreu em 18 de janeiro de 1862).

O visconde de Almeida Garrett definiu brilhantemente Passos Manuel — o homem de mais sinceras convicções democraticas, e que mais sinceramente as combinou com o respeito e adhesão ás formas monarchicas —.

Todos conhecem a actividade rara, as elevadas intenções, os generosos desejos d'esse grande e inolvidavel democrata; se elle achasse em redor de si vontades como a sua, bons instrumentos para as suas idéas, as reformas de Passos Manuel teriam renovado rapidamente a nação portugueza. Em tudo trabalhou, tudo queria ver melhorar e progredir; a sua generosa iniciativa fez-se sentir na instrucção primaria, secundaria, superior, na organização de museus, academias, bibliothecas; não esqueceu felizmente certos estabelecimentos e recolhimentos pios de diversissimas instituições e tendencias, muitos quasi inuteis, desviados do seu destino, irregularmente administrados; Passos Manuel tratou de introduzir a ordem em taes estabelecimentos, de os tornar proficuos á sociedade.

Antonio José d'Avila, então administrador geral d'Evora, foi, a nosso ver, o unico que respondeu devidamente á generosa iniciativa do grande ministro. Reune os rendimentos de 4 recolhimentos que existiam na cidade, que nenhum satisfazia ao

seu fim, lança mão do edificio do Collegio, e funda a Casa Pia, em 11 de agosto de 1836.

O vastissimo edificio estava em pessimo estado; servira durante algum tempo de quartel de tropas, o templo profanado, tudo em completo desamparo.

Avila arranjou donativos valiosos na cidade e fóra e em poucos mezes estava a casa prompta para receber alumnos.

Em 27 de outubro de 1836 apresentava Passos Manuel á assignatura da rainha D. Maria II o decreto regulamentar da Casa-pia de Evora. O decreto dispõe o seguinte: — N'este estabelecimento serão recolhidos e sustentados, e receberão a instrucção primaria, e a das artes fabris, os expostos, orfãos e meninos abandonados de um e outro sexo, do respectivo districto administrativo e os de pessoas indigentes. Supprime os recolhimentos da Magdalena, Piedade, S. Manços e Collegio dos meninos orfãos.

Os rendimentos d'essas casas e a importancia dos onus e encargos pios de todos os vinculos e capellas do districto que pertenciam ás Casas religiosas extinctas, formam a receita. Os edificios d'esses recolhimentos serão vendidos e o seu producto entra nos fundos da Casa-pia, a qual fica installada no edificio do Collegio do Espirito Santos. Determina que os cargos de administrador e thesoureiro sejam da nomeação do governo sob proposta da auctoridade superior do districto.

Estabelece officinas de alfayates, sapateiros, carpinteiros, abegões e ferreiros.

O decreto regulamentar foi ligeiramente modificado pela Carta de lei de 2 de janeiro de 1838. São gratuitos os cargos de administrador e thesoureiro.

A camara municipal, por via da auctoridade superior do districto, propõe ao governo em listas separadas, de 2 em 2 annos, os nomes de tres pessoas, d'entre os seus membros ou de quaesquer outras residentes na cidade, para os referidos cargos. A entrada dos alumnos deve ser de modo que haja dois terços do sexo masculino, e um terço do feminino. Idade minima para a admissão 7 annos, idade da saida 18 annos.

As meninas se não tiverem familia, ou collocação honesta e de confiança, conservam-se na casa-pia, ainda que tenham terminado a idade, até a encontrar.

De 1836 até ao presente esta humanitaria e utilissima instituição tem funcionado mais ou menos regularmente mas sem interrupção.

Na Casa-pia admittem-se orfãos, ou filhos de paes incognitos, ou de paes indigentes.

A receita annual d'este importante estabelecimento orça por 13 a 14 contos de réis. Com esta verba se sustentam e educam duzentas crianças approximadamente.

Ha duas escolas de instrucção primaria para os dois sexos. Os alumnos que frequentam as officinas teem aula nocturna. Para o sexo masculino ha tambem ensino de musica vocal e instrumental. As officinas são de alfayates, marceneiros e carpinteiros, de sapateiros, e de typographos: permite-se a alguns alumnos o trabalhar em officinas fóra do estabelecimento.

As alumnas alem da instrucção elementar exercitam-se em costuras e trabalhos domesticos.

A despeza media annual por alumno anda por 70000 réis.

Tem pois esta instituição elementos para futuros progressos; muitos serviços tem ella já prestado á sociedade; alguns de seus filhos occupam



elevadas posições, muitos centos de artistas (desde a fundação até ao presente teem saído da Casa-pia uns mil alumnos, approximadamente) ali aprenderam a ganhar o pão de cada dia.

Ligam-se n'aquella Casa em singular evolução as tradições historicas do passado com as muitas esperanças do porvir; por esses compridos corredores passaram o Cardeal D. Henrique e el-rei D. Sebastião; Francisco de Borja ali esteve hospedado (\*); Luiz de Molina, que ali residiu por muitos annos sendo lente na Universidade; fr. Manuel do Cenaculo, o grande prelado eborense, que tentou restabelecer n'este edificio a alta cultura mental. Sumiram-se as pallidas phisionomias, as negras roupetas dos padres da companhia de Jesus, passaram os grandes vultos historicos, cessou de todo a palavra da antiga erudição; o vasto edificio fica por algum tempo deserto e abandonado.

De subito estruge na cidade um tumultuar enorme, um bramir como de violenta tempestade; numerosos grupos de soldados occupam o Collegio, as suas claustras servem de cavallariças, as suas aulas de depositos de armas e munições; é a impetuosa vaga da guerra que passa, é o baquear do velho regimen. e o romper doloroso, a tão penosa victoria das idéas modernas. Terminam as luctas da liberdade, esvaem-se no horizonte as ultimas negruras da noite ao surgir da fresca alvorada, vem a paz, a vida normal, e outra voz faz vibrar as abobadas do vasto edificio, é a voz do trabalho, da instrucção popular, da civilisação moderna, é o

---

(\*) S. Francisco de Borja, o celebre duque de Gandia, depois geral da Companhia de Jesus, esteve em Evora por differentes vezes. Por occasião da visita á Universidade fundada pelo cardeal D. Henrique, a sua estada foi demorada; residiu no collegio e ainda hoje se lê, na verga da porta do aposento em que habitou, a inscripção :

S. Franciscus Borgia / in hoc cubiculo quondam / hospes.

juvenil batalhão de pobres crianças que ao entrar na vida tiveram a indigencia, o luto da orfandade, e ali encontram sustento, amparo e educação; é o beneficio de grande alcance social, porque a melhoria do individuo importa a da collectividade; é a officina-escola, o mais efficaz instrumento do cultismo, que, bem comprehendido, ha de reformar material e moralmente, não a cidade, ou o pequeno grupo isolado, mas a patria portugueza, dando-lhe operarios habeis, instruidos, morigerados que levantem as suas industrias.

Por isto, ao entrar na Casa-pia, ao ver funcionar as suas escolas e officinas, ao ouvir essas vozes frescas e juvenis entoar em cõro a sua oração de graças, ao ver passar na rua o gracioso batalhão de paz e trabalho, sente-se viva, intensa, palpitante a idéa de que ali está uma solida base de civilização, um exemplo eloquentissimo da boa applicação dos verdadeiros principios democraticos, um dos melhores fructos da liberdade.







## DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Lisboa, 1876.

Narrativas para operarios. Lisboa, 1879.

Contos de Hans Andersen (trad.) Lisboa, 1879.

---

Dolmens ou antas dos arredores de Evora. Evora, 1875.

Invasões dos normandos na península ibérica (trad.) Evora, 1876.

Notas d'archeologia (Montes fortificados da Colla e Castro Verde. Colmen furado da Candieira. Ruínas da Citania de Briteiros). Evora, 1879.

---

Plutarcho, biographia de Quinto Sertorio; com um estudo sobre a romanisação da península ibérica. Evora, 1879.

Fragmentos de L. Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, Itinerario de Antonino. Coimbra, 1880.

Plinio e Mella. cap. relativos á península. Evora, 1880.

Livro 3.º da Geographia de Strabão, 1.ª parte. Evora, 1878.

Idem idem idem 2.ª parte. Coimbra, 1880.

---

Catalogo provisório dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1880.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1881.

---

## ESTUDOS EBORENSES

Antiguidades prehistoricas nos arredores d'Evora — O templo romano — As muralhas romanas — As inscrições romanas — Antiguidades romanas nos arredores — Sant'Anna do Campo — Vestigios godos e arabes — Os edificios eborenses — O Espinhoiro, os Loios, a Casa pia, a Bibliotheca, os Muscus, a Cathedral, a igreja de S. Francisco, etc. — Judeus e mouros — O Santo officio — A renascença em Evora — Noticias dos archivos, etc.

---

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

3-4  
GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSES

---

HISTORIA ARTE ARCHEOLOGIA

---

## CASA PIA

O EDIFÍCIO DO COLLEGIO DO ESPIRITO SANTO,  
DA COMPANHIA DE JESUS, FUNDADO PELO CARDEAL REI EM 1551.  
A EGREJA. A INSTITUIÇÃO DA CASA PIA EM 1836  
E O ENSINO PROFISSIONAL



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

---

1886



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA ARTE ARCHEOLOGIA

---

## CASA PIA

O EDIFÍCIO DO COLLEGIO DO ESPIRITO SANTO,  
DA COMPANHIA DE JESUS, FUNDADO PELO CARDEAL REI EM 1551.  
A EGREJA. A INSTITUIÇÃO DA CASA PIA EM 1836  
E O ENSINO PROFISSIONAL.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

---

1886

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS 354

LECTURE 10

LECTURE 10



## AOS ALUMNOS DA CASA PIA DE EVORA

Para que elles conheçam a historia da instituição que os amparou, sustentou e educou; do edificio onde entraram crianças debeis e desvalidas, no luto da orphandade, na miseria do abandono, d'onde sahiram aptos para as luctas da vida, para as glorias do trabalho.

O. D. C.

*Gabriel Pereira.*



## ESTUDOS EBORENSES

---

### A Casa pia

---

A «Casa pia d'Evora» occupa em parte o vasto edificio do antigo Collegio do Espirito Santo, da Companhia de Jesus, situado ao oriente da cidade: Governo civil, Junta geral, Repartição de fazenda do districto e o Lyceu nacional occupam outra parte d'esta grandiosa construcção fundada pelo cardeal rei, quando arcebispo d'Evora, em 1551.

O edificio forma nas suas linhas principaes um quadrado de quasi 100 metros de lado, com a frente para o sul, tendo no angulo de nordeste dois grandes corpos salientes ou galerias.

Na frente encontramos primeiro a igreja com a sua arcada granitica de singela e severa architectura, logo um alpendre de alvenaria, sobre 4 co-

lumnas de marmore; era a porta do collegio, e é a entrada commum da Casa pia, Governo civil. Junta geral, etc. Segue-se n'um plano inferior a frontaria do governo civil e Lyceu, occupando este o primeiro pavimento, e as repartições publicas o segundo.

Uma grande quadra toda guarnecida de formosa columnata de marmore, e tres quadras menores rompem e esclarecem o vasto edificio que outr'ora alojou o collegio dos jesuitas, o seu noviciado, e a universidade de Evora.

Entremos na Casa pia. No frontão do alpendre da entrada está gravada em marmore branco a data da fundação d'este importante estabelecimento «11 de agosto de 1836».

Na nossa frente está o portão d'entrada; mostra-se-nos um extenso corredor; á esquerda temos a comunicação interna com a igreja, á direita a officina typographica, a secretaria, etc.

O corredor geral parallello á frontaria, e que termina n'uma grande janella voltada a nascente. d'onde se goza um extenso e pittoresco panorama. tem  $100^m,5$  de comprimento total, sendo  $49^m$  o comprimento da 1.<sup>a</sup> parte do corredor,  $6^m,7$  o da sala octogona, onde se crusa o corredor norte-sul. e  $44^m,8$  o comprimento da galeria ou corpo saliente voltado ao levante.

Mais comprido seria ainda o corredor norte-sul se não estivesse em grande parte occupado pela Repartição de fazenda e Governo civil, por isso que percorre todo o lado do nascente e o corpo saliente voltado ao norte; o comprimento total d'este corredor é de  $140^m$  proximamente, sendo de  $96^m,7$  o comprimento da parte pertencente á Casa pia.

Em parte do primeiro pavimento do corpo do nascente está o refeitório; tem  $37^m,4$  de comprido

por 8<sup>m</sup>,7 de largo; 8 columnas de magnifico marmore correm no eixo medio do vasto salão sustentando a abobada; bancos e mezas fixos seguem as paredes, que são forradas até certa altura de azulejos do seculo XVI, muito vulgares em Evora; quadrados e quadrilongos, brancos e verdes, formando xadrez. Estão no refeitório dois quadros «A Cêa do Senhor» e o «Milagre dos 5 pães e dois peixes», o milagre de Bethsaida, pinturas a oleo de pouco merito.

Antes de entrar no refeitório vê-se uma fonte de marmore em forma de urna sobre uma taça circular; ha outras fontes no mesmo gosto em varios edificios da cidade; esta é a maior, a taça é formada por uma só pedra.

E' tambem do seculo XVI.

No mesmo pavimento, na primeira quadra, estão as officinas-escolas de carpinteiros, marceneiros, sapateiros e alfayates. Ao norte do edificio, para o lado do seminário, fica um terreiro repartido em largos socialcos: serve para recreação dos alumnos, que teem ahí umas reguas parallelas e um portico para exercicios gymnasticos.

No pavimento superior estão os dormitorios, rouparia e outros depositos, aulas de instrucção primaria e de musica vocal e instrumental. A aula de instrucção primaria dos alumnos era a antiga sala de conferencias ou das disputas.

E' uma casa ampla, de muito pé direito, com 17<sup>m</sup>,65 de comprimento por 8<sup>m</sup> de largo: tem porta para o corredor norte-sul; em frente está a sala de musica que serviu de livraria aos jesuitas. O tecto conserva a antiga pintura; entre folhagens e ornatos veem-se pequenos quadros, emblemas de astronomia, cañones, leis, symbolos, maximas, etc.

Entrando nos antigos aposentos do sexo feminino, no corredor, á direita, vê-se uma porta de marmore bem lavrado; é a entrada da capella do cardeal

fundador. Sofreu alterações; conserva uns quadros de azulejo apreciáveis, estatuetas dos quatro evangelistas de boa esculptura, e uma imagem da Senhora da Piedade, em barro, de bom trabalho.

A primeira igreja que teve o collegio foi depois transformada em sala de actos publicos: como era interior não podiam as senhoras eborenses assistir ahi ás solemnidades religiosas; o cardeal D. Henrique, attendendo aos muitos rogos, fez outra igreja, a que ainda se conserva, com entrada publica. Começou a construcção do templo em 1567, lançando a primeira pedra o arcebispo D. João de Mello; estava concluido em 1574, e foi o cardeal que ahi celebrou em grande solemnidade, a primeira missa.

O corpo da igreja, de uma só nave, tem 25<sup>m</sup>.7 por 11<sup>m</sup>. O cruzeiro 12<sup>m</sup>,20 × 7<sup>m</sup>,28.

Obras de talha, pinturas, ornamentações, são todavia dos seculos XVII e XVIII.

Na capella mór ha curiosos azulejos datados de 1631.

A obra de talha é notavel, dourada e colorida, e de lavra muito elegante; o sacrario imita um pequeno edificio de grande mimo e gentileza.

Duas grades de perfeito trabalho separam o cruzeiro da capella mór, e do corpo da igreja. Altos balaustres de marmore vermelho firmam a grade maior, pequenos balaustres de marmores diversos, em delicado mosaico, apoiam a menor, que é a que separa o cruzeiro da capella mór. O pulpito é singular, formado por uma columnata circular de bronze em base de marmore vermelho; foi presente de uma illustre dama, esposa de Heitor de Pina, fundador do collegio da Madre de Deus.

Mosaico de marmores de muito merecimento ornam a capella do Senhor da Cana Verde: n'esta capella se conserva um crucifixo, o Senhor Je-



sus dos queimados, que estava n'uma ermida no rocío de S. Bras, em frente do logar onde costumavam queimar os relaxados do Santo Officio, em tempos de tristes recordações.

Na capella do Senhor dos Passos notam-se bellos e delicados mosaicos, columnas salomonicas de finissimo marmore, portas almofadadas com ferragens e pregaria amarella, e sobre a grade ornatos em ferro batido, imitando folhagens, de elegante desenho.

Esta capella estava na igreja do convento da Graça; veio para a Casa pia em 1844, ficando concluida esta melindrosa transferencia em 1845. Toda a despeza correu por conta da irmandade do Senhor dos Passos, a cujo cargo ainda se conserva.

E' o melhor exemplar de marmores embutidos ou incrustados que Evora possui; este genero de trabalho cultivou-se muito aqui (fins do seculo XVII e começo do XVIII), attingindo singular perfeição.

Na capella de S. Ignacio de Loyola outro entalhado dourado e colorido.

Na primeira capella á esquerda está um grande tumulo de marmore, e pedras com escudos d'armas: vieram da igreja de S. Domingos; diz-se que pertenciam a uma capella do marquez de Abrantes.

Tambem de S. Domingos veio o portado de marmore em estylo renascença que está na parede exterior do edificio, a poente: tencionava-se fazer ali a entrada da Casa pia.

E' de muita veneração a imagem do Senhor Jesus dos Desamparados. Na capella do Santissimo ha esculpturas em madeira de grande relevo e perfeição, notando-se o leão e a serpe.

Fronteira a esta capella está o tumulo onde o cardeal fundador tencionava repousar no somno eterno; não succedeu assim porque o terrivel de-

sastre de Alcacer-Quibir, onde desapareceu seu sobrinho, el-rei D. Sebastião, inesperadamente lhe substituiu o chapéo de cardeal pela corôa de rei.

Em Evora surgem a cada momento recordações historicas.

O tumulo é de marmore branco, singelo mas de nitidissimo trabalho; tem a seguinte inscripção: — Henricvs Emmanvelis Ivsit. reg. invictiss. et Mariæ piissimæ reginae filivs. s. r. e. card. perpetvvs apostolicæ sedis a latere legatvs et hvivs regni generalis inquisitor ex bracaræ avg. archiepiscopo necessarias ob causas primvs eborensis deinde olysipponen. ac. rvsym eboren. archiep. cænobiorvm alcobacien. ac sanctæ crucis conimbricen. commendatarivs. excellens omnis memoriæ princeps sepvltræ locvm hvnc sibi vivens elegerat qvia vbi nvmnis favore non parvm aliorvm consvlverat salvati, ibi animæ svæ per continvata sacrificia et preces non ingratae posteritatis propitium idem fore nymen merito credebat ac sperabat. postea tamen dei. opt. max. mvnere rex ivsta patrem et matrem ac fratres sepeliri cvmplvsvs est.

Sob esta inscripção, na base do tumulo, está o seguinte letreiro, em uma só linha: — Aqvi. jaz. o snor dom. Dvarte. filho. do iff<sup>te</sup> dom. Dvarte. e. da. iff<sup>te</sup> dona Izabel. fal. a. 28. de novembro de 1576.

Como o cardeal-rei foi sepultado no mosteiro de Belem, aproveitaram este tumulo para jazigo do infante D. Duarte.

Muito deve a cidade de Evora ao cardeal-rei; aqui fundou este vasto edificio do Collegio do Espirito Santo (1551), o da Purificação (actual Seminario 1557), a nova igreja de Santo Antão (1558), a Universidade (1559).

Possuindo collossaes rendimentos de mitras, commendas e mezas conventuaes, tudo dispendeu em

grandiosas construcções, merecendo-lhe muitos desvellos os estabelecimentos de instrucção.

D. Henrique nasceu em 31 de janeiro de 1512.

N'essa noite um nevão extraordinario vestiu de branco a cidade de Lisboa.

Aos vinte annos de idade era arcebispo de Braga (1532). depois de Evora (1540), de Lisboa (1564), outra vez arcebispo de Evora (1575); acclamado rei, por morte de el-rei D. Sebastião, em agosto de 1578. Foi o 17.º rei de Portugal e o ultimo da dynastia de Aviz. Depois de anno e meio de reinado falleceu em Almeirim, em 31 de janeiro de 1580, com 68 annos exactos de idade. Residiu em Evora grande parte da sua vida, sustentando aqui uma grande casa; a cada momento, nos documentos eborenses do seu tempo, se encontram nomes de familiares e dependentes seus. Cultivou as letras, gostava de ter junto de si homens instruidos, e era elle mesmo grande erudito; D. João III empenhara-se na sua educação; sabios estrangeiros de reconhecido merito residiram por bastantes annos aqui, entre outros o celebre humanista Nicoláo Glenardo que nos deixou interessantissimas cartas datadas de Evora, de 1534 a 1537. Pedro Nunes foi seu mestre. André de Resende, o bispo D. João Petit, Ayres Barbosa, Jeronymo Osorio, João Vasco, Maflei e muitos outros formaram então em Evora um conjuncto de eruditos muito notavel e influente.

Em outubro de 1551 o cardeal D. Henrique tendo resolvido fundar em Evora um collegio de jesuitas, mandou vir de Coimbra o padre Simão Rodrigues; veio este acompanhado de 4 sacerdotes, 4 irmãos theologos, e 3 irmãos coadjutores.

Fizeram a jornada a pé descansando nos hospitaes, costume dos jesuitas nos primeiros tempos adoptado para exemplo, propaganda e publica os-

tentação de humildade e desapego das commodidades terrenas: estando no hospital de Arrayollos receberam ahi a visita do duque de Braganca, D. Theodosio.

O edificio do collegio d'Evora estava começado apenas.

Chegando a Evora foram hospedar-se os padres n'uma casa da Freiria, onde passaram alguns dias; passaram d'ahi para o edificio onde hoje está a Misericordia.

Esta casa pertenceu e foi residencia do infante D. Luiz, duque de Beja, senhor da Covilhã, Moura e Serpa, Condestavel de Portugal, governador e perpetuo administrador do priorado do Crato da ordem de S. João de Jerusalem. O infante doou o predio ás freiras da mesma ordem, chamadas vulgarmente — maltezas — para seu mosteiro, em 5 de abril de 1530; as freiras porem, não acharam no edificio commodos bastantes, de modo que poucos annos aqui estiveram, sendo transferidas para Estremoz. Quando os jesuitas chegaram a Evora estava o predio devoluto, mas ainda pertencia ás freiras e á ordem a quem a confraria da Santa Casa da Misericordia o comprou, em 7 de janeiro de 1552, por 350,000 réis, cedendo, porem, o infante D. Luiz metade d'essa quantia. N'este anno, 1552, mudaram-se os padres para o palacio real de S. Francisco, e ahi começaram os cursos. O noviciado começou a funcionar no edificio do collegio em 1553, e em dezembro de 1554 ahi se installaram definitivamente os jesuitas.

O corpo saliente do norte (parte do corredor N — S, antigo alojamento das alumnas) foi construido em 1646, sendo reitor o padre Francisco Cabral. E o cruzeiro ou sala oitavada onde se encontram os dois grandes corredores, foi arranjado e posto no

estado em que actualmente o vemos, em 1726, no tempo do padre Antonio Franco. Ha n'esta sala, nos quatro lados cheios, quadros de azulejos mui curiosos, de notavel desenho, representando a *terra*, a *agua*, o *fogo* e o *ar*. Sobre estes quadros, a certa altura, estão quatro estatuas allegoricas de anjos da guarda, sustentando escudos com as armas de Portugal, do Cardeal D. Henrique, de Evora, e da Companhia de Jesus.

Atraz da capella mór fica a sacristia; azulejos especialissimos forram as paredes; são de fino esmalte, azul, branco, verde e amarello; o tecto é pintado, de grande trabalho, em quadros que representam scenas da vida de Santo Ignacio de Loyola; tem a data 1599. Conservam-se na sacristia algumas telas a oleo, não de grande merecimento artistico, mas notaveis pelas scenas que representam.

Na escura casa que serve de communicação da igreja para o corredor e para a sacristia, e ante a porta d'esta, está uma campa rasa, ali n'aquella penumbra triste, no modestissimo isolamento, ante a qual todo o portuguez, e especialmente todo o eborense, deve descobrir-se e inclinar-se.

E' a campa de D. fr. Manuel do Cenaculo.

Tem esta inscripção: em 27 linhas:

Aeternae memoria sacrvm D. d. fr. Emmanue-  
lis a Coenaculo Villasboas tertii ordinis S. Fran-  
cisci alumni, primum episcopi julio-pacensis, pos-  
tremo archiepiscopi eborensis: qui ob sedulam ac  
diuturnam operam, sive in serenissimo Brasiliae  
principe D. Josepho instituendo; sive in re litte-  
raria apud sodales et concives ad novam quasi  
vitam revocanda; sive in aliis magnisque reipubli-  
cae et ecclesiae muneribus integerrime obeundis;  
pietate duce ac doctrina, religionem et patriam sibi



perenniter devinxit. Obiit vii. kal. febr. cxcvcccxiv  
 aetatis suae anno xc. pontificatus xlv. desideratis-  
 simo preasuli suo bene merenti posuit Antonius  
 Iosephus Oliverius.

Antonio José d'Oliveira, bispo de Eucarpia, foi provisor e amigo de Cenaculo por largos annos.

Fr. Manuel do Cenaculo Villasboas nasceu em Lisboa, em 1 de março de 1724; filho de José Martins, serralheiro, e de Antonia Maria. Aos dezeseis annos professou na regra da 3.<sup>a</sup> ordem de S. Francisco; estudou na universidade de Coimbra, obteve o gráo de doutor em 1749, e entrou no corpo docente; os seus altos merecimentos, o seu muito amor aos estudos, a austeridade do seu viver, a amabilidade do seu character tornaram-no muito notado. O marquez de Pombal, o poderosissimo e reformador ministro de D. José, que tamanha influencia exerceu no cultismo portuguez, tinha o raro instincto, preciosissimo em estadistas, de reconhecer bem os homens de verdadeiro merito, e chamava-os para auxiliares do poder; um dos chamados a collaborar nas arrojadas reformas emprehendidas pelo marquez foi Manuel do Cenaculo, o filho do humilde serralheiro, que principalmente se empregou na reforma dos estudos, organização dos estatutos e regulamentos da Universidade de Coimbra. Confessor e mestre do principe D. José, depois bispo de Beja (diocese creada expressamente pelo marquez de Pombal para dar condigna collocação a Cenaculo, e compensar-lhe os seus muitos serviços), teve de retirar-se do bulicio da capital, das encontradas paixões da cõrte, pela morte d'el-rei D. José e queda do marquez. Retirou-se então á sua diocese, e surgiu o prelado de immortal gloria. Consumia tempo, dinheiro, toda a actividade em espalhar beneficios, elevar espiri-



tos, melhorar caracteres, verdadeiramente christão era bom e civilizador; visitava a miudo a sua diocese, não esquecendo a mais pobre e desviada ermidinha; animava e levantava quem quer que via intelligente, honesto, trabalhador; não faltava o conselho benevolo ao que errava; fundou uma bibliotheca; rodeava-se de gente illustrada; fazia conferencias; salvava com raro amor as reliquias, os monumentos do passado; entregava-se a profundos estudos, a trabalhos de alta erudição.

Morrendo o arcebispo d'Evora, Botelho de Lima, foi Cenaculo eleito para o substituir em março de 1802: tinha então 78 annos, mas, exemplar excepcional nos povos meridionaes, conservava toda a energia e frescura do espirito e notavel vigor no corpo: possuia uma organização perfeita, mas podemos seguramente attribuir a sua grande vitalidade aos seus habitos de trabalho e ao seu modo de viver sempre muito regular. O que estraga e arruina rapidamente até as mais fortes compleições é a vida irregular, as intemperanças e abusos, a pouca moralidade, a falta de trabalho e exercicio.

Cenaculo arcebispo d'Evora viu alargar-se ainda mais a sua esphera de actividade; a mitra eborensense era então opulentissima, o seu rendimento annual regulava por uns 60 contos: essa grande quantia tornou-se logo renda de todos; encontrou no paço uma collecção de 2:000 e tantos volumes, trez annos depois, em 1805, abria ao publico a Bibliotheca eborensense com 307000 livros; o seu gosto de erudito pelas collecções de medalhas, de manuscriptos, de objectos d'arte, de maravilhas naturaes, auxiliado agora por maiores meios, deu em resultado o museu Cenaculo, onde se encontram preciosidades de primeira ordem, em varios generos, que illustram o paiz, honram e nobilitam

sobremaneira esta cidade. Tomba subitamente sobre Evora o horroroso desastre de 1808, a entrada do exercito francez ás ordens de Loison, depois de travado combate; em todos domina o terror, vê-se por toda a parte a morte, o saque, a soldadesca desenfreada, apenas se ergue serena e resignada a fronte venerabilissima d'esse velho de 84 annos, que fez moderar os impetos dos generaes de Bonaparte, embriagados pela victoria. Insultado depois vilissimamente por gente que elle protejera, na propria cidade de Beja, onde tanto tempo residira, espalhando beneficios e semeando civilisação, resiste ainda, e ainda perdoa e desculpa. O paiz todo sentiu o vil insulto, e a população de Evora, no dia 17 de outubro de 1808, encheu a estrada de Vianna recebendo o seu nobilissimo prelado em triumpho incomparavel.

D. fr. Manuel do Cenaculo publicou algumas obras muito apreciadas, e deixou outras manuscritas que se encontram na Bibliotheca eborense.

Falleceu em 26 de janeiro de 1814, tendo quasi 90 annos de idade.

Expulsos os jesuitas fechou-se a universidade de Evora, e ficou devoluto o vasto edificio do collegio do Espirito Santo; cedeu-se pouco depois aos chamados padres da congregação da missão: em 1805 residiam no collegio 5 ou 6 padres que educavam alguns porcionistas. As grandes rendas do collegio do Espirito Santo foram todas para a Universidade de Coimbra, e para o collegio dos nobres. Os estudos em Evora chegaram pois a abatimento completo; Cenaculo tratou de remediar tamanha falta, e á custa da mitra chamou mestres regulares e clerigos seculares para o ensino de latim, logica, escriptura santa, dogma, moral e historia ecclesiastica. Elle mesmo, o venerando octogenario, ia frequentemente ao seu collegio, fa-

zia conferencias com os ordinandos, e assistia a miudo ás lições, até nas aulas elementares. Queria o clero instruido e morigerado. Por isso o amor a esta casa; por isto e pela sua modestia, dando-nos ainda na sepultura uma solemne lição, quiz jazer ali, na escura passagem, sob uma campa sem ornatos, sem a minima pompa.

Sobre a entrada da Casa pia, gravada em mármore branco, está a data da fundação — 11 de agosto de 1836 —.

O fundador foi Antonio José d'Avila, depois duque d'Avila e Bolama. Tem aqui natural cabimento o esboço biographico de este notavel homem publico; demais a sua vida encerra exemplo e lição, é uma vida cheia de trabalho.

Antonio José d'Avila, filho de Manuel José d'Avila, nasceu na ilha do Fayal em 8 de março de 1806. Manuel José d'Avila era operario; á força de trabalho e economia conseguiu juntar alguns pequenos meios e veio estabelecer-se na cidade da Horta, principal povoação da ilha; muito honesto e economico alargou um tanto o seu pequeno commercio, não chegando porém nunca a ter fortuna consideravel.

N'este meio de trabalho e parcimonia foi crescendo o filho, Antonio José d'Avila, que logo nos primeiros estudos revelou muita memoria, intelligencia e extraordinaria applicação. Conhecendo isto resolveu-se o pae a mandar o intelligente rapaz seguir estudos superiores.

Aos 15 annos entrou Antonio Avila na Universidade de Coimbra. Annos depois tomava o gráo de bacharel e voltaya para o Fayal, como professor publico da philosophia e moral.

Em 1831 foi eleito presidente da camara municipal da cidade da Horta. Muitas vezes ouvimos repetir a pessoa competente que uma das razões.

e das mais valiosas, da superioridade do duque d'Avila em assumptos de administração estava no perfeito conhecimento das complicadas engrenagens administrativas, na longa pratica em quasi todos os estadios dos serviços publicos. O presidente de ministros sabia perfeitamente dos deveres do presidente da junta de parochia; o financeiro, o ministro da fazenda, conhecia o trabalho, o machinismo elementar da repartição concelhia.

Em 1832 foi nomeado provedor do concelho da Horta; e pouco depois o imperador D. Pedro IV (feria-se então nos Açores a grande lucta pela liberdade) escolheu-o para sub-perfeito da ilha de S. Miguel.

Em 1834 foi eleito deputado.

As suas qualidades pessoaes, os seus conhecimentos, a sua probidade e o seu espirito bem intencionado, chamaram as attensões dos homens publicos mais altamente collocados, sendo logo aproveitado para o desempenho de melindrosas commissões. Onde se carecia de prudencia, de conciliação, de espirito organisador, de trabalho methodico, rigorosa disciplina e bem entendida tolerancia, ahi era o lugar de Antonio José d'Avila. Por isto o fizeram administrador geral d'Evora, que muito soffrera material e moralmente nas luctas civis; e depois governador civil do Porto.

Este homem, vivendo n'um periodo agitado, não tomou parte nas contendas politicas; as facções procuravam os seus serviços, cumpria religiosamente o seu dever, o encargo que tomava; que não lhe pedissem o minimo sacrificio da sua probidade, que o não obrigassem a exercer qualquer vingança ou prepotencia: nas horas feridas dos serviços publicos estudava, estudou sempre; fóra das sciencias economico-administrativas não cultivou um determinado ramo scientifico, mas adqui-



riu grande copia de conhecimentos variadissimos.

Em 1840 entrou pela primeira vez no ministerio, na pasta da fazenda. Sustentou luctas formidaveis, porque teve de recorrer pelo máo estado financeiro do paiz, a medidas rigorosas; não era orador elevado e correcto como Almeida Garrett, nem brilhante improvisador como José Estevão, não era politico, nem parlamentar, não sabia esconder, disfarçar, nem tinha sangue frio, era sincero, honesto, exacto, verdadeiro, e foi com estes predicados que elle se bateu, e venceu muitas vezes os oradores parlamentares mais afamados; estes commoviam, encantavam como Garrett, arrebatavam como José Estevão, Avila demonstrava convencia.

Em 1853 figurou honrosamente no congresso de estatistica de Bruxellas. Em 1855 foi escolhido para commissario regio na exposição universal de Paris.

Eleito deputado em todas as legislaturas por varios circulos do paiz, foi nomeado par do reino em março de 1861 e feito conde d'Avila em 1864. O seu nome tornou-se muito honrosamente conhecido no estrangeiro pela parte activa que tomou no congresso reunido em Paris, para tratar da unificação dos systemas monetarios; foi elle que propoz e defendeu a adopção de um unico padrão d'ouro.

Presidente do conselho de ministros em 1868, pela primeira vez; agraciado com o titulo de duque d'Avila e Bolama em 1878, depois de resolvida pela arbitragem dos Estados Unidos a questão entre Portugal e Inglaterra por causa da ilha de Bolama, na Africa occidental; membro do conselho de Estado; presidente do Supremo Tribunal administrativo; governador do Credito predial.

e director da companhia das Lezirias; possuía tambem grande numero de condecorações. O duque d'Avila falleceu pelas 9 horas da noite de 3 de maio de 1881.

Pódem variar as opiniões sobre os meritos, e o papel politico do duque d'Avila; como todos os homens publicos teve admiradores e contrarios; Evora deve-lhe muito, a sua memoria será aqui sempre honrada, o seu nome está ligado á instituição da Casa pia onde centenaes de creanças tem entrado no isolamento, na tristeza da orphanidade, para sabírem adultos capazes de ser uteis á sociedade.

Em 1836 era ministro do reino Manuel da Silva Passos (nasceu em 5 de janeiro de 1801, morreu em 18 de janeiro de 1862).

O visconde de Almeida Garrett definiu brilhantemente Passos Manuel — o homem de mais sinceras convicções democraticas, e que mais sinceramente as combinou com o respeito e adhesão ás formas monarchicas —.

Todos conhecem a actividade rara, as elevadas intenções, os generosos desejos d'esse grande e inolvidavel democrata; se elle achasse em redor de si vontades como a sua, bons instrumentos para as suas idéas, as reformas de Passos Manuel teriam renovado rapidamente a nação portugueza. Em tudo trabalhou, tudo queria ver melhorar e progredir; a sua generosa iniciativa fez-se sentir na instrucção primaria, secundaria, superior, na organização de museus, academias, bibliothecas; não esqueceu felizmente certos estabelecimentos e recolhimentos pios de diversissimas instituições e tendencias, muitos quasi inuteis, desviados do seu destino, irregularmente administrados; Passos Manuel tratou de introduzir a ordem em taes estabelecimentos, de os tornar proficuos á sociedade.



Antonio José d'Avila, então administrador geral d'Évora, foi, a nosso ver, o unico que respondeu devidamente á generosa iniciativa do grande ministro. Reune os rendimentos de 4 recolhimentos que existiam na cidade, que nenhum satisfazia ao seu fim, lança mão do edificio do Collegio, e funda a Casa pia, em 11 de agosto de 1836.

O vastissimo edificio estava em pessimo estado; servira durante algum tempo de quartel de tropas, o templo profanado, tudo em completo desamparo.

Avila arranhou donativos valiosos na cidade e fóra, e em poucos mezes estava a casa prompta para receber alumnos.

Em 27 de outubro de 1836 apresentava Passos Manuel á assignatura da rainha D. Maria II o decreto regulamentar da Casa pia de Evora. O decreto dispõe o seguinte: — N'este estabelecimento serão recolhidos e sustentados, e receberão a instrucção primaria, e a das artes fabris, os expostos, orfãos e meninos abandonados de um e outro sexo, do respectivo districto administrativo e os de pessoas indigentes. Supprime os recolhimentos da Magdalena, Piedade, S. Manços e Collegio dos meninos orfãos.

Os rendimentos d'essas casas e a importancia dos onus e encargos pios de todos os vinculos e capellas do districto que pertenciam ás Casas religiosas extinctas, formam a receita. Os edificios d'esses recolhimentos serão vendidos e o seu producto entra nos fundos da Casa pia, a qual fica installada no edificio do Collegio do Espirito Santo. Determina que os cargos de administrador e thesoureiro sejam da nomeação do governo sob proposta da auctoridade superior do districto,

Estabelece officinas de alfayates, sapateiros, carpinteiros, abegões e ferreiros.

O decreto regulamentar foi ligeiramente modificado pela Carta de lei de 2 de janeiro de 1838. São gratuitos os cargos de administrador e thesoureiro.

A camara municipal, por via da auctoridade superior do districto, propõe ao governo em listas separadas, de 2 em 2 annos, os nomes de tres pessoas, d'entre os seus membros ou de quaesquer outras residentes na cidade, para os referidos cargos. A entrada dos alumnos deve ser de modo que haja dois terços do sexo masculino, e um terço do feminino. Idade minima para a admissão 7 annos, idade da saída 18 annos.

As meninas se não tiverem familia, ou collocção honesta e de confiança, conservam-se na Casa pia, ainda que tenham terminado a idade, até a encontrar.

De 1836 até ao presente esta humanitaria e utilissima instituição tem fuccionado mais ou menos regularmente mas sem interrupção.

Na Casa pia admittem-se orfãos, ou filhos de paes incognitos, ou de paes indigentes.

A récita annual d'este importante estabelecimento orça por 13 a 14 contos de réis. Com esta verba se sustentam e educam duzentas crianças approximadamente.

Ha duas escolas de instrucção primaria para os dois sexos. Os alumnos que frequentam as officinas teem aula nocturna. Para o sexo masculino ha tambem ensino de musica vocal e instrumental. As officinas são de alfaytes, marceneiros e carpinteiros, de sapateiros, e de typographos: permite-se a alguns alumnos o trabalhar em officinas fóra do estabelecimento.

As alumnas alem da instrucção elementar exercitam-se em costuras e trabalhos domesticos.

A despeza media annual por alumno anda por 70000 réis.

Tem pois esta instituição elementos para futuros progressos; muitos serviços tem ella já prestado á sociedade; alguns de seus filhos occupam elevadas posições, muitos centos de artistas (desde a fundação até ao presente tem saído da Casa pia uns mil alumnos approximadamente) ali aprenderam a ganhar o pão de cada dia.

Ligam-se n'aquella Casa em singular evolução as tradições historicas do passado com as muitas esperanças do porvir; por esses compridos corredores passaram o Cardeal D. Henrique e el-rei D. Sebastião; Francisco de Borja ali esteve hospedado (\*); Luiz de Molina, que ahi residiu por muitos annos sendo lente na Universidade; fr. Manuel do Cenaculo, o grande prelado eborense, que tentou restabelecer n'este edificio a alta cultura mental. Sumiram-se os pallidas phisionomias, as negras roupetas dos padres da companhia de Jesus, passaram os grandes vultos historicos, cessou de todo a palavra da antiga erudição; o vasto edificio fica por algum tempo deserto e abandonado.

De subito estruge na cidade um tumultuar enorme, um bramir como de violenta tempestade; numerosos grupos de soldados occupam o Collegio, as suas claustros servem de cavallariças, as suas aulas de depositos de armas e munições; é a impetuosa vaga da guerra que passa, é o baquear do velho regimen, e o romper doloroso, a tão penosa victoria das idéas modernas. Terminam as luctas

---

(\*) S. Francisco de Borja, o celebre duque de Gandia, depois geral da Companhia de Jesus, esteve em Évora por differentes vezes. Por occasião da visita á Universidade fundada pelo cardeal D. Henrique, a sua estada foi demorada; residiu no collegio e ainda hoje se lê, na verga da porta do aposento em que habitou, a inscripção:

S. Franciscus Borgia / in hoc cubiculo quondam / hospes.

da liberdade, esvaem-se no horizonte as ultimas negruras da noite ao surgir da fresca alvorada, vem a paz, a vida normal, e outra voz faz vibrar as abobadas do vasto edificio, é a voz do trabalho. da instrucção popular, da civilisação moderna, é o juvenil batalhão de pobres crianças que ao entrar na vida tiveram a indigencia, o luto da orfandade, e ali encontram sustento, amparo e educação; é o beneficio de grande alcance social, porque a melhoria do individuo importa a da collectividade; é a officina-escola, o mais efficaz instrumento do cultismo, que, bem comprehendido, ha de reformar material e moralmente, não a cidade, ou o pequeno grupo isolado, mas a patria portugueza, dando-lhe operarios habéis, instruidos, morigerados que levantem as suas industrias.

Por isto, ao entrar na Casa pia, ao ver funcionar as suas escolas e officinas, ao ouvir essas vozes frescas e juvenis entoar em côro a sua oração de graças, ao ver passar na rua o gracioso batalhão de paz e trabalho, sente-se viva, intensa, palpitante a idéa de que ali está uma solida base de civilisação, um exemplo eloquentissimo da boa applicação dos verdadeiros principios democraticos, um dos melhores fructos da liberdade.





## ESTUDOS EBORENSSES

Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas  
nos arredores d'Evora. Evora romana. Inscriptões lapidares,  
muralhas, esculpturas, etc,

Antiguidades romanas nos arredores.

Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras.

A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI.

Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca.

Catalogos das pinturas, das curiosidades e objectos d'arte.

Catalogo do museu Cenaculo.

Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas.

A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé.

A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis.

Bispos e arcebispos. Factos historicos.

A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637.

O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663.

Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834.

Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha  
(fr. Marcos de Santo Antonio).

Balthazar Jorge em Díu. Os papeis dos Azambujas.

Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.





GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA ARTE ARCHEOLOGIA

---

## CASA PIA

O edificio do collegio do Espirito santo,  
da companhia de jesus, fundado pelo cardeal rei em 1551.  
A igreja. A instituição da Casa Pia em 1836  
e o ensino profissional



\* \* EVORA \* \*  
\* *Minerva Comercial* \*  
\* Rua da Republica, 75 e 77 \*  
\* \* \* 1919 \* \* \*



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA ARTE ARCHEOLOGIA

---

## CASA PIA

O edificio do collegio do Espirito santo,  
da companhia de jesus, fundado pelo cardeal rei em 1551.  
A igreja. A instituição da Casa Pia em 1836  
e o ensino profissional



\* \* EVORA \* \*  
\* *Minerva Comercial* \*  
\* Rua da Republica, 75 e 77 \*  
\* \* \* 1919 \* \* \*



## AOS ALUMNOS DA CASA PIA DE EVORA

Para que elles conheçam a historia da instituição que os amparou, sustentou e educou; do edificio onde entraram crianças debeis e desvalidas, no luto da orphandade, na miseria do abandono, d'onde sahiram aptos para as luctas da vida, para as glorias do trabalho.

O. D. C.

*Gabriel Pereira.*





## ESTUDOS EBORENSSES

---

### A Casa pia

---

A «Casa pia d'Evora» occupa em parte o vasto edificio do antigo Collegio do Espirito Santo, da Companhia de Jesus, situado ao oriente da cidade; Governo civil, Junta geral, Repartição de fazenda do districto e o Lyceu nacional occupam outra parte d'esta grandiosa construcção fundada pelo cardeal rei, quando arcebispo d'Evora, em 1551. — O edificio forma nas suas linhas principaes um quadrado de quasi 100 metros de lado, com a frente para o sul, tendo no angulo de nordeste dois grandes corpos salientes ou galerias.

Na frente encontramos primeiro a egreja com a sua arcada granitica de singela e severa architectura, logo um alpendre de alvenaria, sobre 4 co-

lumnas de marmore; era a porta do collegio, e é a entrada commum da Casa pia, Governo civil, Junta geral, etc. Segue-se n'um plano inferior a frontaria do governo civil e Lyceu, occupando este o primeiro pavimento, e as repartições publicas o segundo.

Uma grande quadra toda guarnecida de formosa columnata de marmore, e tres quadras menores rompem e esclarecem o vasto edificio que outr'ora alojou o collegio dos jesuitas, o seu noviciado, e a universidade de Evora.

Entremos na Casa pia. No frontão do alpendre da entrada está gravada em marmore branco a data da fundação d'este importante estabelecimento «11 de agosto de 1836».

Na nossa frente está o portão d'entrada; mostra-se-nos um extenso corredor; á esquerda temos a communicação interna com a egreja, á direita a officina typographica, a secretaria, etc.

O corredor geral paralelo á frontaria, e que termina n'uma grande janella voltada a nascente, d'onde se goza um extenso e pittoresco panorama, tem 100<sup>m</sup>,5 de comprimento total, sendo 49<sup>m</sup> o comprimento da 1.<sup>a</sup> parte do corredor, 6<sup>m</sup>,7 o da sala octogona, onde se crusa o corredor norte-sul, e 44<sup>m</sup>,8 o comprimento da galeria ou corpo saliente voltado ao levante.

Mais comprido seria ainda o corredor norte-sul se não estivesse em grande parte occupado pela Repartição de fazenda e Governo civil, por isso que percorre todo o lado do nascente e o corpo saliente voltado ao norte; o comprimento total deste corredor é de 140<sup>m</sup> proximamente, sendo de 96<sup>m</sup>,7 o comprimento da parte pertencente á Casa pia.

Em parte do primeiro pavimento do corpo do nascente está o refeitório: tem 37<sup>m</sup>,4 de comprimento

por 8<sup>m</sup>,7 de largo; 8 columnas de magnifico marmore correm no eixo medio do vasto salão sustentando a abobada; bancos e mezas fixos seguem as paredes, que são torradas até certa altura de azulejos do seculo XVI, muito vulgares em Evora; quadrados e quadrilongos, brancos e verdes, formando xadrez. Estão no refeitório dois quadros « A Cêa do Senhor » e o « Milagre dos 5 pães e dois peixes », o milagre de Bethsaida, pinturas a oleo de pouco merito.

Antes de entrar no refeitório vê-se uma fonte de marmore em forma de urna sobre uma taça circular; ha outras fontes no mesmo gosto em varios edificios da cidade; esta é a maior, a taça é formada por uma só pedra.

E' tambem do seculo XVI.

No mesmo pavimento, na primeira quadra, estão as officinas-escolas de carpinteiros, marceneiros, sapateiros e altayates. Ao norte do edificio, para o lado do seminario, fica um terreiro repartido em largos socalcos: serve para recreação dos alumnos, que tem ahi umas reguas parallelas e um portico para exercicios gymnasticos.

No pavimento superior estão os dormitorios, rouparia e outros depositos, aulas de instrucção primaria e de musica vocal e instrumental. A aula de instrucção primaria dos alumnos era a antiga sala de conferencias ou das disputas.

E' uma casa ampla, de muito pé direito, com 17<sup>m</sup>,65 de comprido por 8<sup>m</sup> de largo: tem porta para o corredor norte-sul; em frente está a sala de musica que serviu de livraria aos jesuitas. O tecto conserva a antiga pintura; entre folhagens e ornatos veem-se pequenos quadros, emblemas de astronomia, canones, leis, symbolos, maximas, etc.  
 \* Entrando nos antigos aposentos do sexo feminino, no corredor, á direita, vê se uma porta de marmore bem lavrado; é a entrada da capella do cardeal

fundador. Soffreu alterações; conserva uns quadros de azulejo apreciaveis, estatuetas dos quatro evangelistas de boa esculptura, e uma imagem da Senhora da Piedade, em barro, de bom trabalho.

A primeira egreja que teve o collegio foi depois transformada em sala de actos publicos: como era interior não podiam as senhoras eborenses assistir ahi ás solemnidades religiosas; o cardeal D. Henrique, attendendo aos muitos rogos, fez outra egreja, a que ainda se conserva, com entrada publica. Começou a construcção do templo em 1567, lançando a primeira pedra o arcebispo D. João de Mello; estava concluido em 1574, e foi o cardeal que ahi celebrou em grande solemnidade, a primeira missa.

O corpo da egreja, de uma só nave, tem 25<sup>m</sup>,7 por 11<sup>m</sup>. O cruzeiro 12,20 × 7<sup>m</sup>,28.

Obras de talha, pinturas, ornamentações, são todavia dos seculos XVII e XVIII.

Na capella mór ha curiosos azulejos datados de 1631.

A obra de talha é notavel, dourada e colorida, e de lavra muito elegante; o sacrário emita um pequeno edificio de grande mimo e gentileza.

Duas grades de perfeito trabalho separam o cruzeiro da capella mór, e do corpo da egreja. Altos balaustres de marmore vermelho firmam a grade maior, pequenos balaustres de marmores diversos, em delicado mosaico, apoiam a menor, que é a que separa o cruzeiro da capella mór. O pulpito é singular, formado por uma columnata circular de bronze em base de marmore vermelho; foi presente de uma illustre dama, esposa de Heitor de Pina, fundador do collegio da Madre de Deus.

— Mosaico de marmores de muito merecimento ornam a capella do Senhor da Cana Verde: n'esta capella se conserva um crucifixo, o Senhor Je-

sus dos queimados, que estava n'uma ermida no rocio de S. Bras, em frente do lugar onde costumavam queimar os relaxados do Santo Officio, em tempos de tristes recordações.

— Na capella do Senhor dos Passos notam-se bellos e delicados mosaicos, columnas salomonicas de finissimo marmore, portas almofadadas com ferragens e pregaria amarella, e sobre a grade ornatos em ferro batido, imitando folhagena, de elegante desenho.

Esta capella estava na igreja do convento da Graça; veio para a Casa pia em 1844, ficando concluida esta melindrosa transferencia em 1845. Toda a despeza correu por conta da irmandade do Senhor dos Passos, a cujo cargo ainda se conserva.

E' o melhor exemplar de marmores embutidos ou incrustados que Evora possui; este genero de trabalho cultivou-se muito aqui (fins do seculo XVII e começo do VXIII), atingindo singular perfeição.

Na capella de S. Ignacio de Loyola outro entalhado dourado e colorido.

Na primeira capella á esquerda está um grande tumulo de marmore, e pedras com escudos d'armas: vieram da igreja de S. Domingos; diz-se que pertenciam a uma capella do marquez de Abrantes.

Tambem de S. Domingos veio o portado de marmore em estylo renascença que está na parede exterior do edificio, a poente: tencionava-se fazer ali a entrada da Casa pia.

E' de muita veneração a imagem do Senhor Jesus dos Desamparados. Na capella do Santissimo ha esculpturas em madeira de grande relevo e perfeição, notando-se o leão e a serpe.

Fronteira a esta capella está o tumulo onde o cardeal fundador tencionava repousar no somno eterno; não succedeu assim porque o terrivel de-



sastre de Alcacer-Quibir, onde desapareceu seu sobrinho, el-rei D. Sebastião, inesperadamente lhe substituiu o chapéo de cardeal pela corôa de rei.

Em Evora surgem a cada momento recordações historicas.

— O tumulo é de marmore branco, singelo mas de nitidissimo trabalho; tem a seguinte inscripção: — Henricvs Emmanvelis Ivsit. reg. invictiss. et Mariæ piissimæ reginae filivs. s. r. e. card. perpetvvs apostolicæ sedis a latere legatvs et hvivs regni generalis inquisitor ex bracaræ avg. archiepiscopo necesarias ob causas primvs eborensis deinde olysipponen. ac. rvrsvm eboren. archiep. cænobiorvm alcobacien. ac sanctæ crucis conimbricen. commendatarivs. excellens omnis memoriæ princeps sepvltræ locvm hvnc sibi vivens elegerat quia vbi nvmis favore non parvm aliorvm consvlverat salvati, ibi animæ svæ per continvata sacrificia et preces non ingratae posteritatis propitium idem fore nvmen merito credebat ac sperabat. postea tamen dei. opt. max. mvnere rex ivsta patrem et matrem ac fratres sepeliri cumpvlsvs est.

Sob esta inscripção, na base do tumulo, está o seguinte letreiro, em uma só linha: — Aqvi. jaz. o snor dom. Dvarte, filho. do iff<sup>te</sup> dom. Dvarte. e. da. iff<sup>te</sup> dona Izabel. fal. a. 28. de novembro de 1576.

Como o cardeal-rei foi sepultado no mosteiro de Belem, aproveitaram este tumulo para jazigo do infante D. Duarte.

Muito deve a cidade de Evora ao cardeal-rei; aqui fundou este vasto edificio do Collegio do Espirito Santo (1551), o da Purificação (actual Seminario 1557), a nova egreja de Santo Antão (1558), a Universidade (1559).

Possuindo collossaes rendimentos de mitras, commendas e mezas conventuaes, tudo dispendeu em



grandiosas construcções, merecendo-lhe muitos desvellos os estabelecimentos de instrucção.

D. Henrique nasceu em 31 de janeiro de 1512.

N'essa noite um nevão extraordinario vestiu de branco a cidade de Lisboa.

— Aos vinte annos de idade era arcebispo de Braga (1532), depois de Evora (1540), de Lisboa (1564), outra vez arcebispo de Evora (1575), acclamado rei, por morte de el-rei D. Sebastião, em agosto de 1578. Foi o 17.º rei de Portugal e o ultimo da dynastia de Aviz. Depois de anno e meio de reinado falleceu em Almeirim, em 31 de Janeiro de 1580, com 68 annos exactos de idade. Residiu em Evora grande parte da sua vida, sustentando aqui uma grande casa; a cada momento, nos documentos eborenses do seu tempo, se encontram nomes de familiares e dependentes seus. Cultivou as letras, gostava de ter junto de si homens instruidos, e era elle mesmo grande erudito; D. João III empenhara-se na sua educação; sabios estrangeiros de reconhecido merito residiram por bastantes annos aqui, entre outros o celebre humanista Nicoláo Clenardo que nos deixou interessantissimas cartas datadas de Evora, de 1534 a 1537. Pedro Nunes foi seu mestre. André de Resende, o bispo D. João Petit, Ayres Barbosa, Jeronymo Osorio, João Vaseu, Maffei e muitos outros formaram então em Evora um conjuncto de eruditos muito notavel e influente.

Em outubro de 1551 o cardeal D. Henrique tendo resolvido fundar em Evora um collegio de jesuitas, mandou vir de Coimbra o padre Simão Rodrigues; veio este acompanhado de 4 sacerdotes, 4 irmãos theologos, e 3 irmãos coadjutores.

Fizeram a jornada a pé descançando nos hospitaes, costume dos jesuitas nos primeiros tempos adoptado para exemplo, propaganda e publica os-

tentação de humildade e desapego das commodidades terrenas: estando no hospital de Arrayolos receberam ahi a visita do duque de Bragança, D. Theodosio.

O edificio do collegio d'Evora estava começado apenas.

Chegando a Evora foram hospedar-se os padres n'uma casa da Freiria, onde passaram alguns dias; passaram d'ahi para o edificio onde hoje está a Misericordia.

Esta casa pertenceu e foi residencia do infante D. Luiz, duque de Beja, senhor da Covilhã, Moura e Serpa, Condestavel de Portugal, governador e perpetuo administrador do priorado do Crato da ordem de S. João de Jerusalem. O infante doou o predio ás freiras da mesma ordem, chamadas vulgarmente — maltezas — para seu mosteiro, em 5 de abril de 1530; as freiras porem, não acharam no edificio commodos bastantes, de modo que poucos annos aqui estiveram, sendo transferidas para Estremoz. Quando os jesuitas chegaram a Evora estava o predio devoluto, mas ainda pertencia ás freiras e á ordem a quem a confraria da Santa Casa da Misericordia o comprou, em 7 de janeiro de 1552, por 350\$000 réis, cedendo, porem, o infante D. Luiz metade d'essa quantia. N'este anno, 1552, mudaram-se os padres para o palacio real de S. Francisco, e ahi começaram os cursos. O noviciado começou a funcionar no edificio do collegio em 1553, e em dezembro de 1554 ahi se installaram definitivamente os jesuitas.

O corpo saliente do norte (parte do corredor N — S, antigo alojamento das alumnas) foi construido em 1646, sendo reitor o padre Francisco Cabral. E o cruzeiro ou sala oitavada onde se encontram os dois grandes corredores, foi arranjado e posto no

estado em que actualmente o vemos, em 1726, no tempo do padre Antonio Franco. Ha n'esta sala, nos quatro lados cheios, quadros de azulejos mui curiosos, de notavel desenho, representando a *terra*, a *agua* o *fogo*, e o *ar*. Sobre estes quadros, a certa altura, estão quatro estatuas allegoricas de anjos da guarda, sustentando escudos com as armas de Portugal, do Cardeal D. Henrique, de Evora, e da Companhia de Jesus.

Atraz da capella mór fica a sacristia; azulejos especiallissimos forram as paredes; são de fino esmalte, azul, branco, verde e amarello; o tecto é pintado, de grande trabalho, em quadros que representam scenas da vida de Santo Ignacio de Loyola; tem a data 1599. Conservam-se na sacristia algumas telas a oleo, não de grande merecimento artistico, mas notaveis pelas scenas que representam.

Na escura casa que serve de communicação da egreja para o corredor e para a sacristia, e ante a porta d'esta, está uma campa rasa, ali n'aquella penumbra triste, no modestissimo isolamento, ante a qual todo o portuguez, e especialmente todo o eborense, deve descobrir-se e inclinar-se.

E' a campa de D. fr. Manuel do Cenaculo.

Tem esta inscripção: em 27 linhas:

Aeternae memoria sacrvm D. d. fr. Emmanue-  
lis a Coenaculo Villasboas tertii ordinis S. Fran-  
cisci alumni, primum episcopi julio-pacensis, pos-  
tremo archiepiscopi eborensis: qui ob sedulam ac  
diuturnam operam, sive in serenissimo Brasiliae  
principe D. Josepho instituendo; sive in re litte-  
raria apud sodales et concives ad novam quasi  
vitam revocanda; sive in aliis magnisque reipubli-  
cae et ecclesiae muneribus integerrime obeundis;  
pietate duce ac doctrina, religionem et patriam sibi

perenniter devinxit. Obiit vii. kal. febr. c1cDCCCXIV aetatis suae anno x̄c. pontificatus XLIV. desideratissimo preasuli suo bene merenti posuit Antonius Iosephus Oliverius.

Antonio José d'Oliveira, bispo de Eucarpia, foi provisor e amigo de Cenaculo por largos annos.

Fr. Manuel do Cenaculo Villasboas nasceu em Lisboa, em 1 de março de 1724; filho de José Martins, serralheiro, e de Antonia Maria. Aos dezeseis annos professou na regra da 3.<sup>a</sup> ordem de S. Francisco; estudou na universidade de Coimbra, obteve o gráo de doutor em 1749, e entrou no corpo docente; os seus altos merecimentos, o seu muito amor aos estudos, a austeridade do seu viver, a amabilidade do seu character tornaram-no muito notado. O marquez de Pombal, o poderosissimo e reformador ministro de D. José, que tamanha influencia exerceu no cultismo portuguez, tinha o raro instincto, preciosissimo em estadistas, de reconhecer bem os homens de verdadeiro merito, e chamava-os para auxiliares do poder; um dos chamados a collaborar nas arrojadas reformas comprehendidas pelo marquez foi Manuel do Cenaculo, o filho do humilde serralheiro, que principalmente se empregou na reforma dos estudos, organização dos estatutos e regulamentos da Universidade de Coimbra. Confessor e mestre do principe D. José, depois bispo de Beja (diocese creada expressamente pelo marquez de Pombal para dar condigna collocação a Cenaculo, e compensar-lhe os seus muitos serviços), teve de retirar-se do bulicio da capital, das encontradas paixões da côrte, pela morte d'el-rei D. José e queda do marquez. Retirou-se então á sua diocese, e surgiu o prelado de immortal gloria. Consumia tempo, dinheiro, toda a actividade em espalhar beneficios, elevar espiri-



tos, melhorar caracteres, verdadeiramente christão era bom e civilizador; visitava a miudo a sua diocese, não esquecendo a mais pobre e desviada ermidinha; animava e levantava quem quer que via intelligente, honesto, trabalhador; não faltava o conselho benevolo ao que errava; fundou uma bibliotheca; rodeava-se de gente illustrada; fazia conferencias; salvava com raro amor as reliquias, os monumentos do passado; entregava-se a profundos estudos, a trabalhos de alta erudição.

—Morrendo o arcebispo d'Evora, Botelho de Lima, foi Cenaculo eleito para o substituir em março de 1802: tinha então 78 annos, mas, exemplar excepcional nos povos meridionaes, conservava toda a energia e frescura do espirito e notavel vigor no corpo: possuia uma organização perfeita, mas podemos seguramente attribuir a sua grande vitalidade aos seus habitos de trabalho e ao seu modo de viver sempre muito regular. O que estraga e arruina rapidamente até as mais fortes compleições é a vida irregular, as intemperanças e abusos, a pouca moralidade, a falta de trabalho e exercicio.

—Cenaculo arcebispo d'Evora viu alargar-se ainda mais a sua esphera de actividade; a mitra eborense era então opulentissima, o seu rendimento annual regulava por uns 60 contos; essa grande quantia tornou se logo renda de todos; encontrou no paço uma collecção de 2:000 e tantos volumes, trez annos depois, em 1805, abria ao publico a Bibliotheca eborense com 30:000 livros; o seu gosto de erudito pelas collecções de medalhas, de manuscriptos, de objectos d'arte, de maravilhas naturaes, auxiliado agora por maiores meios, deu em resultado o museu Cenaculo, onde se encontram preciosidades de primeira ordem, em varios generos, que illustram o paiz, honram e nobilitam

sobremaneira esta cidade. Tomba subitamente sobre Evora o horroroso desastre de 1808, a entrada do exercito francez ás ordens de Loison, depois de travado combate; em todos domina o terror, vê-se por toda a parte a morte, o saque, a soldadesca desenfreada, apenas se ergue serena e resignada a frente venerabilissima d'esse velho de 84 annos, que fez moderar os impetos dos generaes de Bonaparte, embriagados pela victoria. Insultado depois vilissimamente por gente que elle protejera, na propria cidade de Beja, onde tanto tempo residira, espalhando beneficios e semeando civilisação, resiste ainda, e ainda perdoa e desculpa. O paiz todo sentiu o vil insulto, e a população de Evora, no dia 17 de outubro de 1808, encheu a estrada de Vianna recebendo o seu nobilissimo prelado em triumpho incomparavel.

D. fr. Manuel do Cenaculo publicou algumas obras muito apreciadas, e deixou outras manuscritas que se encontram na Bibliotheca eborense. Falleceu em 26 de janeiro de 1814, tendo quasi 90 annos de idade.

Expulsos os jesuitas fechou-se a universidade de Evora, e ficou dovoluto o vasto edificio do collegio do Espirito Santo; cedeu-se pouco depois aos chamados padres da congregação da missão: em 1805 residiam no collegio 5 ou 6 padres que educavam alguns porcionistas. As grandes rendas do collegio do Espirito Santo foram todas para a Universidade de Coimbra, e para o collegio dos nobres. Os estudos em Evora chegaram pois a abatimento completo; Cenaculo tratou de remediar tamanha falta, e á custa da mitra chamou mestres regulares e clerigos seculares para o ensino de latim, logica, escriptura santa, dogma, moral e historia ecclesiastica. Elle mesmo, o venerando octogenario, ia frequentemente ao seu collegio, fa-



zia conferencias com os ordinandos, e assistia a miudo ás lições, até nas aulas elementares. Queria o clero instruido e morigerado. Por isso o amor a esta casa; por isto e pela sua modestia, dando-nos ainda na sepultura uma solemne lição, quiz jazer ali, na escura passagem, sob uma campa sem ornatos, sem a minima pompa.

— Sobre a entrada da Casa pia, gravada em marmore branco, está a data da fundação — 11 de agosto de 1836.

— O fundador foi Antonio José d'Avila, depois duque d'Avila e Bolama. Tem aqui natural cabimento o esboço biographico de este notavel homem publico; demais a sua vida encerra exemplo e lição, é uma vida cheia de trabalho.

Antonio José d'Avila, filho de Manuel José d'Avila, nasceu na ilha do Fayal em 8 de março de 1806. Manuel José d'Avila era operario; á força de trabalho e economia conseguiu juntar alguns pequenos meios e veio estabelecer-se na cidade da Horta, principal povoação da ilha; muito honesto e economico alargou um tanto o seu pequeno commercio, não chegando porem nunca a ter fortuna consideravel.

N'este meio de trabalho e parcimonia foi crescendo o filho, Antonio José d'Avila, que logo nos primeiros estudos revelou muita memoria, intelligencia e extraordinaria applicação. Conhecendo isto resolveu-se o pae a mandar o intelligente rapaz seguir estudos superiores.

Aos 15 annos entrou Antonio Avila na Universidade de Coimbra. Annos depois tomava o gráo de bacharel e voltava para o Fayal, como professor publico da philosophia e moral.

Em 1831 foi eleito presidente da camara municipal da cidade da Horta. Muitas vezes ouvimos repetir a pessoa competente que uma das razões,

e das mais valiosas, da superioridade do duque d'Avila em assumptos de administração estava no perfeito conhecimento das complicadas engrenagens administrativas, na longa pratica em quasi todos os estadios dos serviços publicos. O presidente de ministros sabia perfeitamente dos deveres do presidente da junta de parochia; o financeiro, o ministro da fazenda, conhecia o trabalho, o machinismo elementar da repartição concelhia.

Em 1832 foi nomeado provedor do concelho da Horta; e pouco depois o imperador D. Pedro IV (feria-se então nos Açores a grande lucta pela liberdade) escolheu-o para sub-perfeito da ilha de S. Miguel.

Em 1834 foi eleito deputado.

As suas qualidades pessoaes, os seus conhecimentos, a sua probidade e o seu espirito bem intencionado, chamaram as attenções dos homens publicos mais altamente collocados, sendo logo aproveitado para o desempenho de melindrosas commissões. Onde se carecia de prudencia, de conciliação de espirito organisador, de trabalho methodico, rigorosa disciplina e bem entendida tolerancia, ahi era o lugar de Antonio José d'Avila. Por isto o fizeram administrador geral d'Evora, que muito soffrera material e moralmente nas luctas civis; e depois governador civil do Porto.

Este homem, vivendo num periodo agitado, não tomou parte nas contendas politicas; as facções procuravam os seus serviços, cumpria religiosamente o seu dever, o encargo que tomava; que não lhe pedissem o minimo sacrificio da sua probidade, que o não obrigassem a exercer qualquer vingança ou prepotencia: nas horas feridas dos serviços publicos estudava, estudou sempre; fóra das sciencias economico-administrativas não cultivou um determinado ramo scientifico, mas adqui-

riu grande copia de conhecimentos variadissimos.

— Em 1840 entrou pela primeira vez no ministerio, na pasta da fazenda. Sustentou luctas formidaveis, porque teve de recorrer pelo máo estado financeiro do paiz, a medidas rigorosas; não era orador elevado e correcto como Almeida Garrett, nem brilhante improvisador como José Estevão, não era politico, nem parlamentar, não sabia esconder, disfarçar, nem tinha sangue frio, era sincero, honesto, exacto, verdadeiro, e foi com estes predicados que elle se bateu, e venceu muitas vezes os oradores parlamentares mais afamados; estes commoviam, encantavam como Garrett, arrebatavam como José Estevão, Avila demonstrava, convencia.

Em 1853 figurou honrosamente no congresso de estatistica de Bruxellas. Em 1855 foi escolhido para commissario regio na exposição universal de Paris.

Eleito deputado em todas as legislaturas por varios circulos do paiz, foi nomeado par do reino em março de 1861 e feito conde d'Avila em 1864. O seu nome tornou-se muito honrosamente conhecido no estrangeiro pela parte activa que tomou no congresso reunido em Paris, para tratar da unificação dos systemas monetarios; foi elle que propoz e defendeu a adopção de um unico padrão d'ouro.

Presidente do conselho de ministros em 1868, pela primeira vez; agraciado com o titulo de duque d'Avila e Bolama em 1878, depois de resolvida pela arbitragem dos Estados Unidos a questão entre Portugal e Inglaterra por causa da ilha de Bolama, na Africa occidental; membro do conselho de Estado; presidente do Supremo Tribunal administrativo; governador do Credito predial,

e director da companhia das Lezirias; possuia tambem grande numero de condecorações. O duque d'Avila falleceu pelas 9 horas da noite de 3 de maio de 1881.

— Pódem variar as opiniões sobre os meritos, e o papel politico do duque d'Avila; como todos os homens publicos teve admiradores e contrarios; Evora deve-lhe muito, a sua memoria será aqui sempre honrada, e seu nome está ligado á instituição da Casa pia onde centenares de creanças tem entrado no isolamento, na tristeza da orphanidade, para sahirem adultos capazes de ser uteis á sociedade.

— Em 1836 era ministro do reino Manuel da Silva Passos (nasceu em 5 de janeiro de 1801, morreu em 18 de janeiro de 1862).

O visconde de Almeida Garrett definiu brilhantemente Passos Manuel — o homem de mais sinceras convicções democraticas, e que mais sinceramente as combinou com o respeito e adhesão ás formas monarchicas—.

Todos conhecem a actividade rara, as elevadas intenções, os generosos desejos d'esse grande e inolvidavel democrata; se elle achasse em redor de si vontades como a sua, bons instrumentos para as suas idéas, as reformas de Passos Manuel teriam renovado rapidamente a nação portugueza. Em tudo trabalhou, tudo queria ver melhorar e progredir; a sua generosa iniciativa fez-se sentir na instrucção primaria, secundaria, superior, na organização de museus, academias, bibliothecas; não esqueceu felizmente certos estabelecimentos e recolhimentos pios de diversissimas instituições e tendencias, muitos quasi inuteis, desviados do seu destino, irregularmente administrados; Passos Manuel tratou de introduzir a ordem em taes estabelecimentos, de os tornar proficuos á sociedade.

Antonio José d'Avila, então administrador geral d'Evora, foi, a nosso vêr, o unico que respondeu devidamente á generosa iniciativa do grande ministro. Reune os rendimentos de 4 recolhimentos que existiam na cidade, que nenhum satisfazia ao seu fim, lança mão do edificio do Collegio, e funda a Casa pia, em 11 de agosto de 1836.

— O vastissimo edificio estava em pessimo estado; servira durante algum tempo de quartel de tropas, o templo profanado, tudo em completo desamparo.

Avila arranjou donativos valiosos na cidade e fóra, e em poucos mezes estava a casa prompta para receber alumnos.

Em 27 de outubro de 1836 apresentava Passos Manuel á assignatura da rainha D. Maria II o decreto regulamentar da Casa pia de Evora. O decreto dispõe o seguinte: — N'este estabelecimento serão recolhidos e sustentados, e receberão a instrucção primaria, e a das artes fabris, os expostos, orfãos e meninos abandonados de um e outro sexo, do respectivo districto administrativo e os de pessoas indigentes. Supprime os recolhimentos da Magdalena, Piedade, S. Manços e Collegio dos meninos orfãos.

Os rendimentos d'essas casas e a importancia dos onus e encargos pios de todos os vinculos e capellas do districto que pertenciam ás Casas religiosas extinctas, formam a receita. Os edificios d'esses recolhimentos serão vendidos e o seu producto entra nos fundos da Casa pia, a qual fica installada no edificio do Collegio do Espirito Santo. Determina que os cargos de administrador e thesoureiro sejam da nomeação do governo sob proposta da auctoridade superior do districto.

Estabelece officinas de alfayates, sapateiros, carpinteiros, abegões e ferreiros.



O decreto regulamentar foi ligeiramente modificado pela Carta de lei de 2 de janeiro de 1838. São gratuitos os cargos de administrador e thesoureiro.

A camara municipal, por via da auctoridade superior do districto, propõe ao governo em listas separadas, de 2 em 2 annos, os nomes de tres pessoas, d'entre os seus membros ou de quaesquer outras residentes na cidade, para os referidos cargos. A entrada dos alumnos deve ser de modo que haja dois terços do sexo masculino, e um terço do feminino. Idade minima para a admissão 7 annos, idade da saída 18 annos.

As meninas se não tiverem familia, ou collocação honesta e de confiança, conservam-se na Casa pia, ainda que tenham terminado a idade, até a encontrar.

De 1836 até ao presente esta humanitaria e utilissima instituição tem funcionado mais ou menos regularmente mas sem interrupção.

Na Casa pia admittem-se orfãos, ou filhos de paes incognitos, ou de paes indigentes.

A receita annual d'este importante estabelecimento orça por 13 a 14 contos de réis. Com esta verba se sustentam e educam duzentas crianças approximadamente.

Ha duas escolas de instrucção primaria para os dois sexos. Os alumnos que frequentam as officinas teem aula nocturna. Para o sexo masculino ha tambem ensino de musica vocal e instrumental. As officinas são de alfayates, marceneiros e carpinteiros, de sapateiros, e de typographos: permite-se a alguns alumnos o trabalhar em officinas fóra do estabelecimento.

As alumnas alem da instrucção elementar exercitam-se em costuras e trabalhos domesticos.



A despesa media annual por alumno anda por 70\$000 réis.

Tem pois esta instituição elementos para futuros progressos; muitos serviços tem ella já prestado á sociedade; alguns de seus filhos occupam elevadas posições, muitos centos de artistas (desde a fundação até ao presente teem saído da Casa pia uns mil alumnos approximadamente) ali aprenderam a ganhar o pão de cada dia.

Ligam-se n'aquella Casa em singular evolução as tradições historicas do passado com as muitas esperanças do porvir; por esses compridos corredores passaram o Cardeal D. Henrique e el-rei D. Sebastião; Francisco de Borja ali esteve hospedado (\*); Luiz de Molina, que ahi residiu por muitos annos sendo lente na Universidade; fr. Manuel do Cenaculo, o grande prelado eborense, que tentou restabelecer n'este edificio a alta cultura mental. Sumiram-se as pallidas phisionomias, as negras roupetas dos padres da companhia de Jesus, passaram os grandes vultos historicos, cessou de todo a palavra da antiga erudição; o vasto edificio fica por algum tempo deserto e abandonado.

De subito estruge na cidade um tumultuar enorme, um bramir como de violenta tempestade; numerosos grupos de soldados occupam o Collegio, as suas claustros servem de cavallariças, as suas aulas de depositos de armas e munições; é a impetuosa vaga da guerra que passa, é o baquear do velho regimen, e o romper doloroso, a tão penosa victoria das idéas modernas. Terminam as luctas

---

(\*) S. Francisco de Borja, o celebre duque de Gandia, depois geral da Companhia de Jesus, esteve em Evora por differentes vezes. Por occasião da visita á Universidade fundada pelo cardeal D. Henrique, a sua estada foi demorada; residiu no collegio e ainda hoje se lê, na verga da porta do aposento em que habitou, a inscripção:

S. Franciscu; Borgia / in hoc cubiculo quondam / hospes.

da liberdade, esvaem-se no horizonte as ultimas nebruras da noite ao surgir da fresca alvorada, vem a paz, a vida normal, e outra voz faz vibrar as abobadas do vasto edificio, é a voz do trabalho, da instrucção popular, da civilisação moderna, é o juvenil batalhão de pobres crianças que ao entrar na vida tiveram a indigencia, o luto da orfandade, e ali encontram sustento, amparo e educação; é o beneficio de grande alcance social, porque a melhoria do individuo importa a da collectividade; é a officina-escola, o mais efficaz instrumento do cultismo, que, bem comprehendido, ha de reformar material e moralmente, não a cidade, ou o pequeno grupo isolado, mas a patria portugueza, dando-lhe operarios habeis, instruidos, morigerados que levantem as suas industrias.

Por isto, ao entrar na Casa pia, ao ver funcionar as suas escolas e officinas, ao ouvir essas vozes frescas e juvenis entoar em côro a sua oração de graças, ao ver passar na rua o gracioso batalhão de paz e trabalho, sente-se viva, intensa, palpitante a idéa de que ali está uma solida base de civilisação, um exemplo eloquentissimo da boa applicação dos verdadeiros principios democraticos, um dos melhores fructos da liberdade.







## ESTUDOS EBORENSSES

Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores d'Evora. Evora romana. Inscrições lapidares, muralhas, esculturas, etc.

Antiguidades romanas nos arredores.

Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras.

A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI.

Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca.

Catalogos das pinturas, das curiosidades e objectos d'arte.

Catalogo do museu Cenaculo.

Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas.

A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé.

A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis.

Bispos e arcebispos. Factos historicos.

A visita do duque de Bragança em 1635. As alteraçõs de 1637.

O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663.

Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834.

Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha  
(fr. Marcos de Santo Antonio)

Balthazar Jorge em Diú. Os papeis dos Azambujas.

Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

LOIOS

(Antigo mosteiro ou casa de S. João Evangelista)

OS AZULEJOS, O PALACIO CADAVAL, A RENASCENÇA EM  
EVORA NO SECULO XV,  
ELEMENTOS PARA A HISTORIA DA ARTE



EVORA

MINÉRVIA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

—  
1886





GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

LOIOS

(Antigo mosteiro ou casa de S. João Evangelista)

OS AZULEJOS, O PALACIO CADAVAL, A RENASCENÇA EM  
EVORA NO SECULO XV,  
ELEMENTOS PARA A HISTORIA DA ARTE



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

---

1886



## ESTUDOS EBORENSES

---

### LOIOS

(Antigo mosteiro ou casa de S. João Evangelista)

O edificio de S. João Evangelista, ou dos Loios, está situado na parte mais elevada da cidade, proximo do templo romano; é dependencia do palacio Cadaval ou das Cinco quinas.

Actualmente está installado n'este edificio o collegio João de Deus; antes d'este esteve ali outro estabelecimento de instrucção, depois de já ter servido, em largos intervallos, de estação telegraphica, administração do concelho, etc.

Occupa grande parte do recinto do velho castello da cidade destruido em 1384. Apesar das reconstrucções de varias epochas este edificio contém ainda muito do primitivo, e no que resta ha

cousas dignas de muita attenção, de importancia historica ou artistica.

D. Rodrigo de Mello, 1.º conde de Olivença, poz a primeira pedra do mosteiro em 6 de maio de 1485. O povo d'Evora viu n'esse dia com admiração o velho guerreiro d'Africa, o grande de Portugal, carregando a pedra, e tres cestos de terra ás costas.

Casa dos conegos seculares de S. Eloy, ou dos Loyos, assim lhe chamavam, e não convento, porque n'esta instituição não havia completa clausura; de S. Eloy porque era este o orago da primeira igreja que possuiram.

O conde tencionava viver no seu mosteiro como qualquer dos conegos, mas não chegou a vel-o concluido.

D. Alvaro de Bragança, irmão do duque de Bragança D. Fernando, e genro do conde de Olivença, concorreu para a fundação. Concluiu-se em 1491, e celebrou-se ali a primeira missa na noite de Natal d'esse anno.

D. Rodrigo de Mello foi guarda mór d'el-rei D. Duarte e tomou parte activa em todas as guerras d'Africa do tempo de D. Affonso 5.º; foi elle o 1.º capitão de Tanger depois da conquista d'esta celebre praça africana; enviuvando em abril de 1482 encheu-se de pezar, e quiz mitigar a amargura na fundação do mosteiro. Morreu em 25 de novembro de 1487.

A' direita do portal, encostada á parede, sobre uma pequena columna e sob docel de notavel lavor, está uma lapide com a inscripção commemorativa da fundação — Em louvor de Nosso Senhor Deus e do apostolo S. João Evangelista edificou e dotou este mosteiro o magnifico senhor D. Rodrigo de Mello, conde de Olivença, bisneto de Vasco Martins de Mello que deu a vida ao mui virtuoso

senhor rei D. João 1.º; e neto de Martim Affonso de Mello o velho, que grandemente ajudou a ganhar este reino ao dito senhor rei, e filho de Martim Affonso de Mello que bem e lealmente sempre serviu, e foi o dito conde criado do muito esclarecido senhor rei D. Affonso 5.º e quarenta e cinco annos o serviu com sua pessoa e gentes, mui grandemente, e em todas as passagens que o dito senhor rei em Africa fez sempre com elle foi. E tomada a cidade de Tanger logo lh'a entregou e o fez o primeiro capitão e governador d'ella; e treze annos que a teve houve tantas pelepas e fez tantos desbaratos em moiros que muito pouco ficou do termo d'ella que não fez tributario ao dito senhor rei; e entrou com elle nos reinos de Castella com tanta gente e assim corregida que poucos dos môres do reino levaram mais. Finou-se aos 25 dias de novembro da era de Nosso Senhor Jesus Christo de 1487.==

O portico é elegante, dos ultimos tempos do estylo gothico, as molduras ogivães em planos successivos assentando em columnas; os fustes d'estas são de marmore, tudo o mais de granito.

Encontra-se em Evora a cada passo esta combinação do marmore e do granito nas obras d'arte. Reparando no portico vê-se que uma parte está estragada como de receber chuva por muito tempo; effectivamente o alpendre abobadado que hoje abriga o portal, sobre o qual assenta o côro, e o arco d'este na egreja são do seculo 16; é facil de ver que o portal não joga de forma alguma com o artozoadado da abobada, e na egreja vê-se tambem claramente que as pilastras em que se baseia o arco do côro foram construidas posteriormente ao edificio; e quasi toda a egreja foi reconstruida, azulejos, tribuna, e, em grande parte a capella môr, são de data mui posterior á fundação.

No alpendre, ante o portal, está a campa de D. Diogo da Annuniação Justiniano que foi conego da congregação dos Loios, bispo da Serra, arcebispo de Cranganor, provisor e bispo coadjutor do arcebispado, que falleceu em 28 d'outubro de 1713.

Junto d'esta está a campa de Affonso Vaz (1538).

Entrando temos á direita a capella da S.<sup>a</sup> do Rosario; no pavimento estão duas campas unicas em Portugal.

São formadas de chapas de bronze de relevo baixo, nitido, de minuciosa execução. A celebre campa hespanhola de Castro Urdiales é mais antiga, mas de trabalho menos perfeito. As inscrições dispostas em cercadura são as seguintes:— Aqui jaz dona Branca de Vilhana molher que foi de Ruy de Sousa senhor de Sagres, de Beringel, do conselho del-rei dom Affonso o quinto e del-rei dom Joham seu filho, filha de Martim Affonso de Mello, irman do conde d'Olivença que este mosteiro edificou—

Junta está a sepultura do marido— Aqui jaz o manifico Ruy de Sousa senhor de Sagres e Beringel o que a elrey dom Afonso o quinto e elrey Dom Joham seu filho nos grandes feitos em que foram esforçadamente e com muita lealdade sempre serviu e aconselhou; e assi a elrey D. Manuel o primeiro em cujo serviço faleceu em Toledo sendo de idade de 75 annos estando com o dito senhor e com a rainha D. Izabel sua mulher por seu mandado quando os juraram por herdeiros dos reinos de Castela e Aragão, e acabou a 24 dias de maio da era de 1497 annos.—

A campa de Ruy de Sousa é menos lavrada que a de Branca de Vilhana; esta é um lindissimo exemplar do gothico *flamboyant* ou florido, de ornamentação architectural. Uma figura de dama occupa o



centro, aos pés da dama um cão com sua colleira de guisos; figuras de monges em varias attitudes guarnecem as pilastras gravadas aos lados; os sym-bolos dos quatro evangelistas formam os cantos. Está bem conservada, parece todavia que os vãos, os fundos do relevo, eram cheios de algum betu-me ou esmalte, que se obliterou. A ornamentação da campa de Ruy de Sousa consiste em grandes folhagens bem lançadas, nos fundos os mesmos traços cruzados e vestigios do esmalte ou betume. Não eram sós estas campas em Evora; n'um escripto do seculo 17 relativo ao Espinheiro se menciona uma campa de bronze que ali estava então.

Estas campas são de arte flamenga; na Flan-dres, na Allemanha usaram muito as campas de bronze lavrado.

E' na capella mór e no cruzeiro que se encontram outras campas com muito merecimento historico.

Na parede do lado do evangelho está uma lapi-da, ali repousa — D. João de Mello arcebispo de Braga, irmão do conde d'Oliveira fundador d'esta casa. — Mais inferiormente está o tumulo de — D. Luiz Ambrosio de Mello, 2.º duque de Cadaval, genro d'elrei de Portugal D. Pedro 2.º falleceu em 13 de Novembro de 1700. —

Do lado da epistola está — Martim Affonso de Mello e sua mulher D. Margarida de Vilhena pae e mãe do conde de Oliveira fundador. —

A meio do pavimento do cruzeiro está a campa do fundador — Aqui jaz o magnifico senhor D. Rodrigo de Mello conde de Oliveira, o primeiro capitão e governador que foi de Tanger e se fino u aos 25 dias de novembro era de 1487 annos —.

Ao lado jaz a esposa — Aqui jaz a mui virtuosa senhora dona Izabel de Menezes condeça de Oli-

vença e finou-se aos 12 dias do mez d'agosto de 1482 annos --.

São muito curiosas estas campas, ao lado estão outras duas analogas mas sem inscripções, são as sepulturas de D. Alvaro de Bragança e de sua esposa D. Filippa.

Sobre as campas estão riscadas, gravadas, as figuras dos cavalleiros e de suas damas. Os ornamentos são gothicos; as cabeças dos cavalleiros repousam nos elmos; aos lados as espadas e as hachas d'armas.

Os rostos estão de tal modo gravados que parece que o artista teve a intenção de os retratar; ambos sem barbas; o de D. Rodrigo de Mello traduz a velhice e o pezar que o dominou nos ultimos annos da vida. As damas sustentam nas mãos rosarios e livros de horas. Alem da importancia historica, das grandes recordações que suscitam, teem uma certa poesia aquellas campas.

A' porta da sacristia está um letreiro quasi apagado, pode todavia reconstituir-se ainda, jaz ali—D. Rodrigo de Mello 1.º conde de Tentugal e marquez de Ferreira, filho de D. Alvaro e D. Filippa, que falleceu em 17 d'agosto de 1545, e sua mulher D. Brites de Menezes, marquez de Ferreira que falleceu em 10 d'abril de 1585.—

Logo a campa de D. Francisco de Mello segundo marquez de Ferreira e conde de Tentugal, filho de D. Rodrigo primeiro marquez de Ferreira, filho do senhor D. Alvaro de Portugal que foi filho do senhor D. Fernando 2.º duque de Bragança, e filho de D. Lianor de Almeida filha do grande D. Francisco d'Almeida primeiro visorey da India, e sepultura da sua mulher a condessa D. Eugenia filha do duque de Bragança dom Gemes, neto do infante D. Fernando, irmão delrei D. Manuel, e filha da duqueza D. Joanna de Mendonça; falle-

ceu o marquez na era de 1588 no mez de dezembro. —

Como se vê temos aqui alguns letreiros que são preciosos para varios ramos das sciencias historicas.

Aqui está a — Sepultura de D. Nuno Alvares Pereira conde de Tentugal, filho 2.º do marquez de Ferreira D. Francisco de Mello e da condessa de Tentugal D. Eugenia sua mulher, filha do duque de Bragança D. Gemes e herdeira de sua casa, falleceu ao derradeiro de fevereiro de 1597, e da condessa D. Marianna de Castro mulher do dito conde D. Nuno Alvares filha do conde de Altamira D. R. Osorio de Moscoso e da condessa D. Izabel de Castro. E D. Eugenia de Castro falleceu de idade de 16 annos e D. Izabel de Castro de idade de 8 annos, D. João de Mello de idade de dois annos e meio e D. Anna de Toledo de idade de 1 anno e meio. todos filhos do dito conde e da condessa sua mulher. . . A pedra está gasta ao findar mas ainda se póde perceber. . . falleceu a condessa aos 20 de janeiro de 1626 —.

No cruzeiro está D. Catharina d'Eça filha de D. Affonso de Noronha ; e de D. Maria d'Eça mulher que foi de D. Rodrigo. Falleceu em outubro de 1573.

E Alvaro Azedo criado d'elrei e cavalleiro de sua casa que morreu em agosto de 1529.

D. Rodrigo de Mello sacerdote, filho de D. Nuno Alvares Pereira e de D. Marianna de Castro condessa de Tentugal, neto e irmão dos marquezes de Ferreira, D. Francisco, ambos do nome. Morreu em Lisboa em 26 de novembro de 1652.

Logo a — Sepultura de D. Francisco de Mello 3.º marquez de Ferreira, 2.º d'este nome, que falleceu aos 18 dias do mez de Março de 1645 an-

nos e de D. Izabel de Castro e Pimentel sua filha e da marquiza D. Joanna Pimentel.

Este é o celebre marquez de Ferreira que em 1635 recebeu aqui em Evora a visita do duque de Bragança, depois rei de Portugal, facto historico cuja descripção entra n'estes *estudos*. Este foi tambem o que solemnemente, nas ruas e praças da cidade, acclamou D. João 4.<sup>o</sup>, e que depois o acompanhou a Lisboa.

Proxima jaz sua primeira mulher — D. Maria de Toledo e Moscoso marquiza de Ferreira, filha dos condes d'Altamira D. Lopo de Moscoso e Leonor de Sandoval e Roxas, aia que foi d'elrei D. Philippe o 4.<sup>o</sup> e dos infantes seus irmãos, 1.<sup>a</sup> mulher do Marquez D. Francisco de Melo, 2.<sup>o</sup> do nome. Falleceu em Evora aos 5 d'abril de 1630.—

Na capella á esquerda do cruzeiro estão dois tumulos em ediculos de grande importancia artistica. No da direita jaz — Manuel de Mello filho de Martim Affonso de Mello e de D. Margarida de Vilhena sua mulher, falleceu aos 26 de setembro de 1493 annos.

É de marmore de Estremoz, lavrado por um artista insigne, no estylo renascença; até hoje apenas conheço outra obra renascença, no nosso paiz, mais antiga, mas pouco mais do que esta. Nenhuma terra de Portugal contem tantos e tão diversos trabalhos da renascença como Evora; existem na Casa pia, na Sé, no Paraizo, etc. Os trabalhos datados são, excepto um, do 1.<sup>o</sup> quartel da sec. 16 em diante. Ora este ediculo dos Loios é de 1493. O esculptor era habil, mas vê-se ali que executou sem conhecer o estylo; fallaram-lhe em medalhões, columnas e frisos do classicismo, etc., e elle executou, mas deslocando as peças ou exagerando proporções.

Os medalhões que n'este estylo preenchem o

vão triangular formado pela curva do arco e pelo ângulo recto da columna e do friso, deslocou-os elle para a parte superior do arco e sobre este collocou 2 genios.

No vão entre o cofre e o arco estão as armas de Mellos e Vilhenas de perfeita execução.

Fronteiro outro ediculo renascença, mas este já perfeito, completo; ali jaz Francisco de Mello do conselho d'el-rei D. João 4.<sup>o</sup> filho de Manuel de Mello, e D. Brites da Silva sua mulher; falleceu de 46 annos em 27 d'abril de 1536. É um modelo de proporção e de perfeição este ediculo; os bustos bem salientes nos medalhões são admiraveis, attendendo-se demais a que o marmore de Estremoz é de trabalho difficil. Tem as armas de Mellos e Silvas.

Mencionarei ainda outras campas do cruzeiro e da facha entre os estrados, não pela importancia historica ou artistica, sómente pelas especialidades dos cargos.

Ali jazem Francisco Alvares, cavalleiro fidalgo, alcaide do Santo Officio durante 26 annos; morreu em 1594.

Diogo Coutinho Moniz, cavalleiro de Christo, estribeiro do marquez de Ferreira. Antonio d'Oliveira que foi moço da camara de S. M. e porteiro da camara do marquez D. Francisco de Mello.

João Pinto d'Oliveira, criado de D. Rodrigo de Mello. João Rodrigues, correeiro do cardeal; etc.

Sob o guardavento está uma campa do sec. 15; é de Margarida Martins; começa o letreiro gothico pelas sabidas palavras abreviadas — *in nomine domini amen*.

As paredes do templo estão revestidas de azulejos elegantemente desenhados; n'um quadro da parede esquerda vê-se a assignatura e a data —



*Antonius ab oliv fecit 1711.* — Estes azulejos representam a vida de S. Lourenço Justiniano, bispo de Veneza, conego da congregação de S. Jorge em Alga, da qual procedeu a dos conegos seculares de S. João Evangelista. A vida do illustre e austero prelado, assim como algumas particularidades do convento d'Evora, podem vêr-se na obra — O ceu aberto na terra — do P.<sup>e</sup> Francisco de Santa Maria (Lisboa, 1697).

Merece attenção o entalhado antigo da Capella mór, não muito vulgar, assim como o trabalho da tribuna mais moderno mas de sufficiente elegancia; a base da tribuna é de marmore branco de bonita ornamentação.

Na quadra proxima, que merece visitar-se, jazem João Ferreira Barreto, inquisidor que falleceu em dezembro de 1688. D. Gabriel da Annunciação, bispo de Fez, fallecido em março de 1644. O inquisidor Nuno Mascarenhas-de Brito, presidente que foi dos tribunaes de Coimbra e Evora, que morreu em outubro de 1717. Rodrigo de Mendonça e Vasconcellos, deputado e promotor que foi do Santo Officio na inquisição d'Evora, que falleceu em outubro de 1723.

N'esta quadra está um elegantissimo portico geminado; é a entrada da antiga casa capitular e refeitório. N'este portal vê-se um escudo ou braço com um singular relevo que dizem representar a fortaleza de Arzilla, e alludir á tomada da notavel praça africana. Na casa capitular nota-se a abobada caprichosa e elegantemente artezoadada; á entrada do refeitório, que ainda hoje se conserva tal qual o deixaram os conegos, está uma elegante fonte do seculo 16.

A importancia historica d'este edificio é ainda augmentada por se terem ali reunido alguns capitulos geraes da ordem; ali celebraram tambem



bastantes autos da fé quando não havia condemnados á morte ou relaxados ao braço secular.

Egreja e convento chegaram a estar em completo abandono; quando ali esteve a estação telegraphica praticaram-se vandalismos repugnantes. Ha alguns annos celebra-se missa diaria, e nos ultimos tempos as festividades religiosas teem chamado a attenção do publico para a formosa egreja.

A proposito dos bellos azulejos da egreja dos Loios vou reunir alguns dados sobre este ramo d'arte.

#### OS AZULEJOS

Nenhuma povoação do paiz possui tão grande variedade de azulejos como Evora; muitos e optimos exemplares de diferentes épocas.

Alguns estão datados, a outros podemos marcar-lhe época porque fazem parte de obras datadas, sem vestigio ou indicio de alteração ou concerto posterior.

Os azulejos em relevo da capella de Garcia de Resende, na cerca do Espinheiro, são de 1520.

Os da sacristia da Casa pia, 1599.

Capella mór da egreja da Casa pia, 1631.

Egreja de N. S.<sup>a</sup> das Brotas, á porta do Raymundo (recentemente modificada), 1651.

No refeitorio de S. Bento, 1654.

Portaria do Paraizo, 1678.

Santa Martha, 1698.

Em S. Thiago, bellos azulejos representando a historia do filho prodigo, assignados — Gabriel del Barco F. 1699.

(Em S. Pedro, hoje Escola-normal, havia azulejos de gosto e desenho inferior, 1702).

Loios, egreja de S. João Evangelista, assignados — Antonius ab Oliva, 1711.

Misericórdia, Manuel Borges, 1716.

Ermida da Senhora da Cabeça, assignado →  
Oliva, 1736.

Casa pia, no *conventinho*, 1745.

Idem, na porta da aula para a varanda, 1746.

Os bellos azulejos do Espinheiro e das Mercês da segunda metade do seculo passado, assim como os da rotunda da Casa pia.

Do seculo XVI devem ser ainda os de S. Braz. alguns do Espinheiro (escada da cisterna) alguns em relevo em S. Francisco (sacristia), e outros muito notaveis que estavam na arcada da horta do convento do Salvador, de que ha especimens na collecção da Bibliotheca publica.

Tambem do seculo XVI são os seis formosos azulejos que estavam na claustra de S. Bento, de mimoso desenho, representando a = Annunciação =, e que actualmente pertencem á Bibliotheca publica.

A respeito dos da egreja da Misericórdia encontrei que em 1715 se contractou com o azulejador Manuel Borges o fornecimento dos azulejos.

O trabalho agradou, porque em maio de 1716 a Mesa deu-lhe como gratificação, duas duzias de queijos, na importancia de 4800 réis (Livro das despesas dos mezes que principiou em julho de 1712).

Antonio de Oliveira assignou os seus azulejos de bello desenho na egreja dos Loios. Nas capellas lateraes da egreja do Espinheiro ha azulejos com ornatos, figuras, pequenos quadros que são lindissimos. De bom coloridõ vivo e de firme desenho são os da egreja das Mercês, tendo ao mesmo tempo bastante originalidade. O artista representou os symbolos da Virgem, o poço, a torre, o sol, a lua, o espelho, etc., em molduras ellipticas sobre

um todo architectonico, com uma nitidez, um gosto, uma correção admiraveis.

Os da sacristia da Casa pia são originaes tambem, a pintura representa pyramides de base quadrada.

A pequena egreja das Brotas era revestida de azulejos em quadros de bom desenho; muito superiores aos que revestiam a egreja de S. Pedro.

No seculo XVII os ladrilhadores, ou melhor os pintores de azulejos, obedecendo ao gosto da época, tiveram a mania de imitar a ceramica indiana. Temos em Evora muitos exemplos d'isto. Aproveitavam os conhecidos ornatos extravagantes dos jarrões de Malabar e Martavão, as folhagens, os animaes caprichosamente agrupados, as graciosas meudezas dos pratos do Industão. Bastará citar os da entrada da Casa pia, da terceira capella á direita em S. Francisco, outros identicos n'uma capella de S. Vicente, na egreja de S. Antão, na capella da claustra do extincto convento de Santa Monica, etc.

Os azulejos de S. Braz devem ser antigos; o veneravel templo parece ter soffrido poucas alterações ou reparos. As paredes estão revestidas de azulejos e meios azulejos, verdes e brancos, formando xadrez e alguns centros variados, em arabescos. Ora estes azulejos correspondem exactamente aos que revestem ainda hoje no Espinheiro as paredes da pequena escada que leva ao terraço da cisterna.

Ha uma particularidade de fabrico n'estes azulejos que me parece merecer reparo, os brancos são de um barro claro, fino, e nos verdes, fazendo saltar um bocadinho de esmalte, descobre-se um barro finissimo, vermelho vivo, que supponho de Estremoz.

No ponto de vista artistico, principalmente na historia da arte, são de particular importancia os

azulejos relevados; é n'estes que se manifesta bem a influencia mourisca que foi grande no seculo XVI.

Não são raros os azulejos, de brilhante esmalte azulado ou esverdeado com reflexos metallicos: em S. Braz, no Espinheiro, etc. ha muitos exemplares, em construcções do fim do seculo 15, ou começo do 16. Apparecem tambem azulejos com relevos geometricos, gosto mourisco, eguaes aos mais antigos da *sé velha* de Coimbra, aos do paço real de Cintra, etc. Seriam fabricados em Evora, seriam importados de Granada? não sei. Ha muitos documentos da cidade, especialmente municipaes, posturas, etc. que nos provam que nos seculos 14 e 15, oleiros e ladrilhadores eram mouros: o mesmo facto se dava em Hespanha, ainda no começo do seculo 16, como o prova o sr. Juan Riano no seu *Essay on spanish art* (publicado no catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese ornamental art, South Kensington Museum, 1871). N'esse trabalho importante, o sr. Riano é justamente considerado como autoridade superior em historia da arte, affirma-se: = Tiles. «azulejos» painted á *reflets*, are only to be found at the *Cuarto Real* at Granada, and at the *Casa de Pilatos*, at Seville =. Pois Evora conserva bastantes exemplares d'essa raridade.

Diz ainda = During the middle ages *azulejos* had been decorated with a mixture of Arab and Gothic ornamentation. At the *renaissance*, Italian forms began gradually to be adopted =.

Em Portugal, e só em Evora, temos exemplares comprovativos de todas as evoluções, seguiu-se a mesma lei; especimem admiravel do azulejo da renascença é a = Annunciação —, que está na Bibliotheca. Mas logo á influencia da renascença italiana succedeu outra muito poderosa a indiana, ou me-

lhor asiatica, como é natural, n'um paiz que em poucos annos, no primeiro quartel do seculo 16, se viu inundado de porcelanas industanicas.

#### AS OBRAS D'ARTE. A RENASCENÇA

O edificio dos Loios e o palacio contiguo, chamado vulgarmente *das Cinco quinas*, porque a elevadissima torre do lado do norte é de secção pentagonal, pertencem á casa Cadaval, da illustre familia dos Mellos, cuja historia enche muitas paginas gloriosas da vida nacional. O primeiro duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 4.º marquez de Ferreira, 5.º conde de Tentugal, nasceu em Evora a 4 de novembro de 1638. E' actual proprietaria a sr.ª duqueza de Cadaval, D. Maria da Piedade Alvares Pereira de Mello.

El-rei D. Affonso 5.º por alvará passado em Santarem, em 3o de abril de 1446, fez mercê a Martim Affonso de Mello, fidalgo da sua casa e do seu conselho, para elle e seus descendentes, do Castello Velho da cidade, com suas torres, casas, pardieiros, quintaes e arvores; cito as palavras do documento que por extracto se encontra no archivo municipal. O castello tomado e incendiado pelos populares nos tumultos da acclamação do mestre de Aviz, ficára em completo abandono. Os Mellos possuíam já o palacio das Cinco quinas; no terreno dado pelo rei se ergueu mais tarde a egrêja e o mosteiro. Confrontava o *castello velho*— *com o pomar delle dito Martim Affonso de Mello, e da outra parte com o adro (ou terreiro) da sé, e da outra com o quintal de D. Diogo de Castro (mais tarde condes de Basto, páteo de S. Miguel), e da outra com o paço do concelho da cidade (lado sul da bibliotheca publica; antes funcionara o pessoal do concelho na claustra da cathedral).*



Existem ainda vestígios do castello, a sua porta principal, em ogiva, encimada pelo escudo de Portugal, n'um fragmento de muralha escondido no edificio da bibliotheca; e no lado do nascente d'esta vasta construcção, para o lado do Seminario, a porta que deitava para o fosso, e uma notavel sala de armas ou casa de guarda, seguramente medieval; e toda a muralha, com seus cubellos, do lado nascente, é mais que medieval, é romana, em certos pontos completa, perfeitamente conservada.

Ha muito que ver n'este admiravel edificio. Para o pateo da casa Cadaval deitam elegantes janellas mouriscas; na torre quadrangular, no pavimento mais alto, duas singulares janellas geminadas, as molduras de pedra de Arrabida, com labores não vulgares, os columnellos e capiteis de marmore, sendo estes de mimoso e caprichoso trabalho arabe.

Em Evora encontra-se muito lavor em granito; para as peças mais mimosas iam buscar marmore, principalmente o de Estremoz, de uma alvura purissima e de contextura cristallina; n'estas janellas porém empregaram uma rocha conglomerada, da chamada *pedra da Arrabida*, por se encontrar em grande quantidade na serra proxima a Setubal, curiosa formação geologica de calhãos ligados por argilas ferruginosas que se encosta ao calcáreo jurássico que constitue a pittoresca montanha. Circumstancias de certo muito peculiares trouxeram ali as duas janellas.

De modo que n'este vasto edificio existem monumentos de civilisações, de artes bem diversas. Janellas arabes rompem no mais alto da torre, gothica talvez, que domina os reforçados cubellos, os pannos de grossa silharia da muralha romana; e sem deixar o mosteiro ali temos o gothico secun-



dario no portico da igreja; um raro exemplar de gothico *flamboyant*, ou florido, na campa de bronze de Branca de Vilhena; ali o tumulo edicular de Manuel de Mello, do alvor da renascença em Portugal, datado de 1493; em frente o de Francisco de Mello, datado de 1536, exemplar completo da renascença classica; e na linda quadra, do seculo 15, perfeitamente conservada, vem abrir o soberbo portico da casa capitular onde dominam os arcos mouriscos.

O ediculo de Manuel de Mello é o trabalho renascença mais antigo que temos em Evora.

A grande moldura da capella do Esporão, na sé, é de 1529.

O tumulo de D. Alvaro da Costa, na igreja do Paraizo, é de 1535-1536.

O portico do cemiterio, antiga capella de S. Domingos, de 1536-1537.

O côro da sé, uma das maravilhas eborenses, 1562.

Este ediculo renascença datado 1493 obriga-nos a breve reparo; em outro trabalho trataremos com individuação da renascença em Evora, d'esse periodo famoso de João 2.º, Manuel e João 3.º, quando aqui residiram e floresceram architectos, pintores, humanistas dos mais notaveis da epoca.

D. João 2.º, escreve o sr. Ferdinand Denis, era um apaixonado da arte e da gloria. A' Italia mandou elle estudar o architecto Botaca (este Botaca ou Boutaca, o architecto do mosteiro dos Jeronymos, em Belem, liga-se tambem a recordações eborenses).

A Lourenço de Médicis, o magnifico, pediu D. João 2.º que de Florença lhe enviasse o melhor artista. Veio então André Contucci.

==Michelangelo se aver poteva un rivale, non doveva tenerlo che nel Contucci== (Cicognara. Sto-

ria della scultura. V. o notavel prologo do drama —D. João 2.<sup>o</sup>— do sr. conde de Villa Franca).

Este homem eminente, architecto, escultor e pintor, demorou-se nove annos em Portugal. Esteve em Evora na occasião do casamento do principe D. Affonso, e é bem natural que por aqui se demorasse visto que frequentava a côrte.

— Ainda por comprazer a D. João 2.<sup>o</sup> executou o artista italiano, acrescenta Vasari, mais alguns trabalhos *extravagantes e difficeis de architectura, segundo o uso d'aquella terra* —. Referencia sem duvida ao chamado *manuelino*, que em Evora tomou uma feição especial, o *amouriscado*.

Porque o que até agora se tem chamado *manuelino*, não é, não se confunde, com o de Coimbra, ou o das capellas imperfeitas da Batalha, de Thomar, dos Jeronymos, de Cintra. Em Evora as obras d'esse periodo tem, na maioria, muito acentuatadamente a feição *mourisca*. Quer dizer a evolução artistica, do gothico á renascença, foi em Evora analoga á hespanhola.

A respeito da arte hespanhola, diz o sr. Riano (Essay on spanish art): — Nos ultimos annos do seculo 15 a influencia da *renascença* italiana invadiu tudo, e tornou-se origem absoluta da arte nos seculos seguintes. A Hespanha foi o paiz que experimentou esta influencia no mais alto gráo, e produziu maior numero de trabalhos, alem da Italia, porque esta grande epoca de movimento artistico coincidiu com o augmento material do paiz durante os reinados de Fernando e Isabel, e de Carlos V (em Portugal a grande época de João 2.<sup>o</sup> e Manuel). Houve então um periodo de transição que comprehende os ultimos annos do seculo 15 e o começo do 16, conhecido em Hespanha pelo nome *plateresco* (de *platero*, ourives da prata; em Portugal produziu o *manuelino*). Os especimens

d'este estylo são em extremo interessantes, porque apresentam uma variada combinação de elementos italiano e ponteagudo (derivado do gothico), e em algumas occasiões a estes se junta o *mudejar* ou *mourisco*, apresentando uma triplice combinação decorativa, onde os tres elementos procedem todos de boa origem, e são de bello character artistico=.

Em Evora o elemento *mourisco* dominou, e é este facto que torna a arte eborense notavel comparada com o resto do paiz.

A isto vem juntar-se, muito modestamente porrem, a influencia indiana (refiro-me ao seculo 16 em Evora), que nos Jeronymos, e nas capellas imperfeitas da Batalha, no portico especialmente, é muito frisante.

O estudioso encontra nos Loios, na casa dos conegos azues, e no palacio das Cinco quinas, o nobre solar dos Mellos, que nas suas campas monumentaes se davam o tratamento de *magnificos senhores*, variados themes para meditação; o artista pode ahi povoar as folhas de um album com os desenhos do rendilhado capitel arabe, das elegantes janellas mouriscas, do portico ogival ou dos labores delicados das campas de bronze, dos ediculos renascença com os seus medalhões onde sobresaem bustos de fina esculptura, ou do formoso portico amouriscado, de amplas linhas desafogadas e de singular lavor. Poucos edificios ha no paiz que nos apresentem tal conjuncto de primores; ha a *sé velha* de Coimbra, onde o *romão*, o gothico e a renascença se succedem; ha o paço real de Cintra, das construcções medievaes até ás janellas manuelinas, ao precioso fogão de marmore de Carrara, esculpido por Miguel Angelo. Raros, maravilhosos edificios! ahi passaram as gerações, no volver de muitas vidas, deixando como testemunhos e padrões do seu caminhar as suas

obras, as suas artes; ahi os artistas, quasi sempre uns desconhecidos, marcaram a cinzel, ou na combinação das linhas, do traçado ou do lavor, as provas authenticas das phases do cultismo, do gosto e do estylo de mui diversas escolas, dos progressivos modos de sentir e de trabalhar nas differentes epochas.

## NOTAS

### Sobre Contucci

Vasari, Delle vite dei piu eccellenti, etc. fallando no tom. 2.º pag. 169, de Andrea del Monte Sansovino (Contucci), diz = arrivato in Fiorenza, cominciò nel 1500 un s. Giovanni de marmo, etc. = Com este dado fica perfectamente definida a demora do eminente esculptor na côrte portugueza; nasceu em 1460, aos trinta annos veio a Portugal, portanto em 1490, anno do casamento do infeliz principe D. Affonso; em 1500 já trabalhava em Florença, chegado recentemente; esteve pois em Portugal desde 1490 a fins de 1499 ou começo de 1500.

### Azulejos da ermida de N. Sr.ª da Cabeça

Estes azulejos estão datados e assignados; é preciso porem reparar no seguinte; a assign. está nos azulejos proximos do altar; á direita, um pouco antes da porta da sacristia; e a data está no quadro de azulejo na frontaria da ermida; mas estes azulejos são do mesmo auctor, pelo estylo, pela ornamentação e execução deventer a mesma proveniência; são bons; a data é 1736. A assignatura é = An.<sup>10</sup> de oliu.<sup>ra</sup> Bd.<sup>ca</sup> o fes. = Ou desdobrando = Antonio de Oliveira Bernardes o fez =. E' possivel que seja o mesmo Antonio de Oliveira, dos bellos azulejos dos Loios, havendo apenas 25 annos de differença nas datas.

### Raczynski e os azulejos

O conde de Raczynski no livro = Les arts en Portugal =, dá muita attenção aos azulejos. = Les azulejos constituent en partie la physionomie du Portugal = assim começa elle a carta 24.ª datada de Lisboa de 18 janeiro 1845. Todos os estrangeiros admiram muito a variedade e profusão dos azulejos portuguezes; em Evora ha enorme quantidade. Como appendice á carta citada vem uma noticia de Rivara: «*Les azulejos à Evora*». Evora, aussi bien que tout le reste du Portugal possède beaucoup d'azulejos anciens et modernes. Je ne saurais déterminer l'époque où ils furent introduits chez nous. Les plus anciens sont en forme d'échiquier. Plus tard vinrent ceux qui représentent des branches et des fleurs. Vers la fin du XVII.º siècle et le commencement du XVIII.º les azu-

lejos representarían des arabesques. Tels sont ceux qu'on voit dans l'église de Saint-Mamede, á Evora. Les azulejos du couvent des *Loios*, ou du college de Saint Jean Evangéliste, présentent des sujets historiques avec des figures dans de grandes dimensions. Ils sont l'ouvrage d'Antoine de Oliveira, et ont été faits en 1711, ainsi que cela se voit au collège des Jesuites. On y trouve inscrite la date des années 1746 et 1747. Ils représentent des figures et des paysages =. Houve equivoco ou falta de informação, ou talvez salto de algumas phrases, na nota de Rivara. De 1711 são os dos Loios; de 1746-47 os do *conventinho* e da *sala de conferencias* do collegio do Espirito Santo, ou dos Jesuitas, onde ha tambem azulejos de outras épocas como deixei escripto. Em S. Mamede ha tambem azulejos em relevo, do seculo 16.

### A influencia indiana

O sr. J. C. Robinson dá grande importancia á influencia indiana na architectura portugueza.

=But in Portugal the master art—architecture even—at the beginning of the 16<sup>th</sup> century, displays marked evidence of the importation and adoption of Indian forms of ornamentation; a notable instance may be cited in the famous *Capella imperfeita*, the unfinished chapel attached to the great church of Batalha. That florid and ornate structure displays in fact a most extraordinary mixture of transitional Gothic and Hindoo ornamentation. Some time later in the 16<sup>th</sup> century, in the choir of the Jeronymite church at Belem, elephants are introduced as prominent ornamental features. The Emmanuelite style in short, as the peculiar phase is termed, which arose during the reign of the great Portuguese monarch, Don Emmanuel (1495-1521), frequently displays this Indian influence in the most unmistakable manner =.

Na architectura eborense, me parece, só se percebe influencia indiana nas bases do portico da casa capitular dos Loios, do portico do templo de S. Francisco, e outras analogas ás dos tumulos dos reis em Santa Cruz de Coimbra.













## ESTUDOS EBORENSSES

- Dolmens ou antas, antiguidades prehistóricas nos arredores d'Evora. Evora romana. Inscricções lapidares, muralhas, esculpturas, etc,  
Antiguidades romanas nos arredores.  
Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras.  
A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI.  
Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca.  
Catalogos das pinturas, das curiosidades e objectos d'arte.  
Catalogo do museu Cenaculo.  
Misericórdia e Hospital. A Sé. As egrejas.  
A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé.  
A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis.  
Bispos e arcebispos. Factos historicos.  
A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637.  
O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663.  
Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834.  
Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio).  
Balthazar Jorge em Díu. Os papeis dos Azambujas.  
Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

## BIBLIOTHECA PUBLICA

O EDIFICIO. HISTORIA DA FORMAÇÃO E DO PESSOAL DA BIBLIOTHECA.  
O DIARIO DE CENACULO. O BIBLIOTHECARIO CUNHA RIVARA.  
OS DESENHOS DE VIEIRA LUSITANO. PINTURAS EM TELA E EM MADEIRA.  
OBJECTOS DE ARTE, DE ARCHEOLOGIA, DE SIMPLS CURIOSIDADE,  
PRODUCTOS NATURAES. MANUSCRIPTOS,  
A COLLEÇÃO DE MANUSCRIPTOS ULTRAMARINOS, O CATALOGO.  
LIVROS DE PERGAMINHO COM ILLUMINURAS.  
O PENDÃO DO SANTO OFFICIO. O GABINETE RIVARA.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA. RUA D'AVIZ N.º 93

1886



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

## BIBLIOTHECA PUBLICA

O EDIFICIO. HISTORIA DA FORMAÇÃO E DO PESSOAL DA BIBLIOTHECA.  
O DIARIO DE CENACULO. O BIBLIOTHECARIO CUNHA RIVARA.  
OS DESENHOS DE VIEIRA LUSITANO. PINTURAS EM TELA E EM MADEIRA.  
OBJECTOS DE ARTE, DE ARCHEOLOGIA, DE SIMPLES CURIOSIDADE.  
PRODUCTOS NATURAES. MANUSCRIPTOS,  
A COLLECCÃO DE MANUSCRIPTOS ULTRAMARINOS, O CATALOGO.  
LIVROS DE PERGAMINHO COM ILLUMINURAS.  
O PENDÃO DO SANTO OFFICIO. O GABINETE RIVARA.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

---

1886





## ESTUDOS EBORENSSES

---

### **Bibliotheca publica**

Fallecendo em 1643 o arcebispo D. João Coutinho começou a governar a diocese na sé vaga, que se prolongou por muitos annos, o monge de Cister D. fr. Luiz de Sousa, bispo eleito do Porto. Entre outras obras e melhoramentos que empreendeu construiu o edificio que actualmente serve de Bibliotheca, sobre os restos do antigo castello, e abandonadas dependencias da cathedral, e o passadiço que o liga ao paço archiepiscopal, em 1666. Destinou esta construcção para collegio de meninos do côro, ou, como então lhe chamavam, dos moços do côro.

O arcebispo Cenaculo aproveitou o edificio, modificando-o. para bibliotheca e museu.

Até 1844 teve só as duas salas, a principal e a do museu, e um gabinete que se desfez em 1877, para se installar a nova entrada.

A sala principal tem 32<sup>m</sup>,6 de comprimento, por 6<sup>m</sup>,3 de largura, e 4<sup>m</sup>,7 de altura até á cimalha.

A sala do museu tem 19<sup>m</sup>,4 de comprimento, 9<sup>m</sup>,85 de largura, e 5<sup>m</sup>,1 até á cimalha.

A sala nova, ou do norte, construida em 1844, sendo bibliothecario J. H. da Cunha Rivara, tem 9<sup>m</sup>,5 do comprimento, 7<sup>m</sup>,8 de largura, 5<sup>m</sup> á raiz da abobada.

Em 1877 abriu-se a porta para o largo da sé, fez-se um vestibulo espaçoso, e uma escadaria de marmore de Estremoz, que abre na sala principal.

O antigo vestibulo d'esta sala foi aproveitado para secretaria, e recebeu depois os livros de J. H. da Cunha Rivara; é o actual gabinete Rivara; na antiga comunicação para o paço collocaram-se tambem algumas estantes.

No pavimento inferior só está utilizado um antigo celleiro, humido e com pouca luz; os celleiros foram entregues á bibliotheca em 1863, tomando-se a posse em 30 de dezembro. N'este pavimento podem ainda installar-se duas boas salas de que o estabelecimento muito carece.

A sala principal, que serve para leitura, tem 8 janellas para o largo da sé que lhe dão luz sufficiente; no topo está o retrato do fundador pintado em 1872 por Isaiás Newton; em frente sobre a porta do gabinete Rivara, um quadro representando Nossa Senhora, presente da princeza D. Maria Benedicta ao illustre Cenaculo.

As paredes estão forradas de estantes, de numeração romana, divididas em raios ou taboas de numeração vulgar. O tecto é de fasquiado; era antigamente todo pintado, e com uma cercadura formada de alphabetos; d'esta pintura resta o quadro

central que representa a Trindade; este quadro e os apóstolos pintados no passadiço são de Mathias Jose de Castro.

Na sala nova, ou do norte, ha estantes numeradas pelo systema da principal, mas sem relação com ella; as obras modernas occupam algumas estantes; sobre estas estão collocados alguns quadros que merecem attenção; a meio da sala em duas mezas estão os catalogos geral, da sala nova, dos livros do seculo 16 e dos manuscriptos.

A sala do museu teve nova disposição no tempo do bibliothecario dr. A. F. Simões; tem um grande armario central, duplo, coberto de *vitruines* em altura razoavel; n'estes armarios está a preciosa collecção dos manuscriptos e a dos paleotypos; nas vidraças muitos objectos d'arte, e productos naturaes; entre os objectos d'arte ha alguns de 1.<sup>a</sup> ordem.

Outros armarios sem *vitruines* revestem as paredes, contêm livros, e alguns manuscriptos; sobre os armarios alguns productos naturaes de maior volume, bustos romanos, azulejos, ceramicas, etc.

As paredes são revestidas de quadros a oleo, e alguns desenhos; n'esta sala estão tambem uns fragmentos de mosaicos romanos, algumas pequenas lapides, etc.

O gabinete Rivara contem os livros e manuscriptos generosamente doados á bibliotheca pela sr.<sup>a</sup> D. Sabina Placida Monteiro da Silva Rivara, viuva do erudito J. H. C. Rivara; e os dois pequenos armarios do medalheiro que ficou pobrissimo depois do grande roubo feito pelos francezes em 1808.

---

D. fr. Manuel do Cenaculo Villasboas, fundador da Bibliotheca e Museu, nasceu em Lisboa em março de 1724. Aos 16 annos professou a regra

da 3.<sup>a</sup> ordem; revelando grande intelligencia e amor ás lettras estudou em Coimbra, doutorou-se em maio de 1749, entrou no corpo docente, sendo oppositor e lente, de 1751 a 1755.

O marquez de Pombal conhecendo os altos meritos e virtudes de Cenaculo empregou-o muito na reforma da Universidade, e em outros cargos importantes; foi confessor e mestre do principe D. José, e em 1770 cingiu a mitra de Beja, bispado que o marquez criou expressamente para collocar o seu amigo e protegido. Em 3 de março de 1802 foi eleito arcebispo de Evora; prestou grandes serviços á sua diocese; pelo seu talento, animo, e verdadeiro espirito evangelico consegue salvar a cidade da completa ruina na entrada do exercito francez em 29 de julho de 1808, soffre depois grandes desgostos e inquietações, e cansado de trabalhos e soffrimentos fallece em Evora, aos 26 de janeiro de 1814, tendo 90 annos de idade.

A actividade, o zelo nos assumptos ecclesiasticos, a vontade de illustrar o clero e o povo, o amor ás lettras e sciencias do venerando prelado eborense são déveras admiraveis; intelligente, de grande animo generoso, nascendo humilde e chegando novo ainda pelo seu trabalho ás altas posições sociaes, gosando nos ultimos annos de fartos rendimentos, cultivando innumeras relações, com humildes frades do Brazil, da India, da Italia ou da Hespanha, com principes e cardeaes, cortezãos e eruditos, espalhando a sua protecção por todos, em esmola ao pobre, em conselho e lição aos grandes, o illustre prelado destaca como um vulto eminente no clero portuguez, e forma a mais brilhante e pura gloria da mitra eborense. Em Lisboa, Beja e Evora funda ou enriquece bibliothecas de muitos milhares de volumes, museus de objectos d'arte de subido merito, um grande medalheiro

que era de certo importantissimo, uma preciosissima collecção de manuscriptos; a bibliotheca d'Evora é porém a sua principal fundação, a sua *joia* como elle lhe chamava.

Existe na bibliotheca o diario de Cenaculo, que tinha o habito de lançar todos, ou quasi todos os dias, n'um quarto de papel, a lembrança de suas principaes acções. Vamos transcrever os periodos que dizem respeito á bibliotheca.

==7 de dezembro de 1804. Fui levar o painel do Senhor entre os doutores no templo e collocal-o na frontaria da Bibl. por ser o orago da casa e museu, e festejei assim o anniversario da minha sahida de Lisboa.

8 de fevereiro de 1805. Assentou-se a ultima estante da nova livraria.

6 de março de 1805, meu anniversario, se abriram na livraria os primeiros caixotes de livros.

19 de março. Assentou-se por cima da porta da livraria o painel de N. Senhora copia do original de Trevisani mestre de Francisco Vieira portuguez o antigo, a qual copia é feita pela princeza D. Maria Benedicta viuva do meu principe D. José, a qual ella fez e deu a sua mãe a rainha D. Mariana Victoria, mulher d'el-rei D. José, e por morte d'este senhor m'ou deu a mim em 1790 quando voltei para Beja.

25 de março de 1805. Fui pôr o primeiro livro nas estantes da minha livraria; foi o 1.º tomo da polyglota de Ximenes; fui com o vigario geral, capellães e pessoas de familia. Mandei abrir um caixote e o primeiro livro que deparei foi a «Evora gloriosa» o que me pareceu coisa de reflectir==.

O quadro do Menino entre os doutores está agora na sala do museu e o seu antigo lugar occupado pelo retrato do fundador. O quadro é pintado em madeira, flamengo, muito notavel; este e os



outros quadros da mesma escola que estão no paço eram da antiga capella mor da cathedral. Baseando-se em dois monogrammas d'esta pintura attribuiu-os o conde de Raczynski a Christovão de Utrecht.

Outros querem ali ver J. V. E., interpretando João Van Eyck.

Os acontecimentos da epoca contrariaram muito a fundação de Cenaculo; a invasão franceza, a tomada da cidade, e os successos de que foi victima o venerando e octogenario prelado demoraram a organização definitiva. A provisão com os estatutos tem a data de 21 de setembro de 1811: por esta provisão Cenaculo nomeou um prefeito, o dr. Antonio José d'Oliveira, bispo de Eucarpia, seu coadjutor; um vice-prefeito o padre mestre jubila-do fr. José Constancio Lopes da Cruz, religioso da 3.<sup>a</sup> ordem da Penitencia.

Dois bibliothecarios, fr. José da Conceição, religioso de S. Agostinho, e Antonio Estevam de Lima secretario do arcebispo; e um continuo, José de Castro Coelho Marques, seu guarda-roupa.

Cenaculo tencionava reunir á Bibl. o cartorio da mitra e assim ficava aggregado o dr. José Lopes de Mira, secretario do Santo Officio, homem de grande actividade, cujos trabalhos se conservam ainda, em parte na Bibl. e no archivo municipal; não se realisou porem este projecto; e do pessoal nomeado só serviram fr. José Constancio e o continuo José de Castro.

Em 1813 entrou para 2.<sup>o</sup> bibliothecario fr. José de Estrella Marques; d'este é o primeiro grande trabalho da bibl., o antigo catalogo geral em tiras de papel colladas nas folhas de livros de canto-chão inuteis.

Cenaculo falleceu em 26 de janeiro de 1814: succede-lhe D. fr. Joaquim de Santa Clara que nenhum vestigio deixou.



Fr. Patricio da Silva (1820-25) reforma o quadro dos empregados em provisão de 3 de janeiro de 1821, reduzindo-os a um bibliothecario e um continuo, o P.<sup>o</sup> Constancio e José de Castro.

O conego Joaquim Machado entrou como ajudante em 1825.

Em 1827 morreu o P.<sup>o</sup> Constancio.

Soffreu este estabelecimento grandes contrariedades em 1832; fr. Fortunato de S. Boaventura, o illustre escriptor e orador, dominado de opiniões politicas em grande exaltação, despediu bibliothecario e continuo sem prover os logares; felizmente o conego Joaquim Machado resistiu, e salvou a bibliotheca; não evitou todavia que o arcebispo mandasse para Estremoz algumas cargas de livros que não voltaram mais aos seus logares.

Em 1834 foi nomeado bibliothecario o P.<sup>o</sup> Cypriano Antonio Pereira Alho, reitor da collegiada da Misericordia, que falleceu 3 mezes depois de nomeado.

De maio de 35 a dezembro de 38 serviu o conego Francisco de Paula Vellez Campos.

Em 25 de dezembro de 1838 é nomeado bibliothecario o illustre escriptor Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

Todos os eborenses veneram a memoria de Cunha Rivara e fazem justiça ao seu genio trabalhador, ao seu zelo e dedicação pelos melhoramentos de Evora. Rivara consegue reunir á Bibliotheca uns 10:000 volumes do deposito das livrarias dos conventos extinctos, faz as relações dos manuscritos, trabalho vastissimo, e deixa publicado o 1.<sup>o</sup> vol. do catalogo, que se refere ao Ultramar.

Em 1838 começaram os ordenados, ou antes gratificações e muito acanhadas, a ser pagos pelo thesouro.

Rivara deixou a bibliotheca em 1855 por ter sido nomeado secretario geral do governo da India.

A gerencia foi então confiada a João Raphael de Lemos, homem de espirito claro, de notavel bom senso, utilissimo á cidade em certas crises politicas e economicas, e que por muitos annos desempenhou o cargo de administrador do concelho, e por alguns o de reitor do Lyceu; do trabalho do expediente encarregou-se o sr. Jeronymo José de Salles Lobo, actualmente secretario da administração do concelho.

J. R. Lemos morreu em 27 de julho de 1863.

Foi nomeado para lhe succeder o dr. Augusto Filippe Simões, em 23 d'outubro de 1863. Na sua gerencia modificaram-se a sala do norte e a do museu, continuou-se o trabalho de catalogação, e annexaram-se os celleiros.

José de Castro, o velho continuo, o antigo guarda-roupa de Cenaculo, falleceu em 22 de março de 1864.

N'esta gerencia modifica-se o quadro do pessoal. Pela carta de lei de 28 de junho de 1866 foi criado um lugar de official e elevado o ordenado do continuo. E' official o sr. dr. Manuel de Paula da Rocha Vianna, e continuo o sr. Nicolau Joaquim de Salles Lobo.

Em 1873 o sr. Simões deixou este lugar que serviu muito distinctamente para ir occupar uma cadeira na faculdade de medicina na Universidade de Coimbra; succedeu-lhe o sr. dr. Thomaz Fiel Gomes Ramalho. O ordenado do bibliothecario foi elevado a 300,000 réis pela carta de lei de 8 de fevereiro de 1876; se o individuo que tiver este cargo receber outro ordenado pelos cofres publicos só tem direito a 100,000 réis de gratificação.

Alem dos desastres de 1808, e da tempestade de 1833, a livraria ainda soffreu grande contrariedade em 1823. O estado politico do paiz desorganisára a administração.

O governo entendeu, talvez por ter a Bibliotheca sido fundada por Cenaculo, e por este ter sido bispo de Beja, que podia fazer sequestro aqui para pagamento de 3 contos de decima ecclesiastica devida pela mitra de Beja. Note-se porem que Cenaculo fundara em Beja uma bibliotheca que lá ficou, e que naturalmente a de Evora foi feita com o dinheiro da mitra eborense. Houve uma longa questão; afinal o governo conheceu a nenhuma base de tal violencia e o sequestro foi levantado em janeiro de 1825.

A grande maioria dos 50:000 volumes da Bibliotheca foi adquirida por Cenaculo. O arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima tinha no paço uma livraria de 2:314 vol. que foram catalogados ou arranjados por um padre italiano de certa illustração, fr. Miguel de S. Remigio.

Do deposito dos conventos juntaram-se alguns milhares.

Em 1824 teve um legado valioso; o do P.<sup>o</sup> Antonio Baptista Facamello (nasceu em 26 de julho de 1768, morreu em 1 de junho de 1824) deixou á Bibliotheca 1:580 vol.

Em tempo de Rivara fez-se uma aquisição importante, os manuscriptos deixados pelo dr. J. Joaquim Poças; entre elles os 4 vol. da «Evora Illustrada» do P.<sup>o</sup> Fialho, os livros dos cartorios dos jesuitas, e outros manuscriptos e miscellaneas interessantes; houve um presente de alguns volumes feito por José Cardoso Braga.

Modernamente teve a importante e generosa doação da livraria Rivara feita pela sr.<sup>a</sup> D. Sabina Placida Monteiro da Silva Rivara viuva do illustre escriptor, e antigo bibliothecario.

O sr. Vaz Martins, parochó de S. Mamede, offereceu á Bibliotheca alguns manuscriptos curiosos que foram do P.<sup>o</sup> Claudio Farto.



Têm aqui natural cabimento alguns dados biographicos de Cunha Rivara, cujo nome por tantos motivos está ligado á Bibliotheca eborense.

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara nasceu em Arraiolos em 23 de junho de 1809; era filho do dr. Antonio Francisco Rivara e de D. Izabel da Cunha Rivara Feio Castello-Branco.

Matriculou-se na Universidade em 1824, mas só fez acto de formatura em medicina em 1836 em consequencia das luctas civis de 1828 a 1834.

Foi nomeado 1.º official da secretaria da administração geral de Evora em 3 de fevereiro de 1837; e professor de philosophia do Lyceu por decreto de 27 de julho do mesmo anno, exonerando-se do primeiro emprego; nomeado bibliothecario em 25 de dezembro de 1838.

Deputado ás côrtes na legislatura de 1853.

Secretario geral do estado da India por decreto de 3 de junho de 1855.

Commissario regio para a circumscripção das dioceses no real padroado do oriente por decreto de 28 de maio de 1862.

Commissario dos estudos na India em 1868.

Voltou a Evora em 1877, aposentado como secretario geral da India.

Antes de partir para o oriente Rivara serviu em Evora varios cargos electivos; foi vereador, escrivão da Misericordia, membro do conselho de districto, e tambem administrador da Casa pia.

Pouco depois de voltar foi eleito membro da Junta Geral, e seu presidente, assim como da commissão executiva.

Falleceu em 20 de fevereiro de 1879.

Foi socio de varios institutos scientificos nacionaes e estrangeiros, e commendador da Conceição e de S. Thiago.

Escreveu, indagou, trabalhou muito este modelo

de eruditos laboriosos e de funcionarios serios; não desanimou jámais embora soffresse muitos desgostos e contrariedades, pois que ainda por ultimo lhe regatearam a aposentação tendo servido com a sua intelligencia, boa vontade, e admiravel actividade, por 40 annos quasi, sendo 22 no ultramar. Póde ver-se a lista dos seus numerosos e importantes trabalhos no vol. intitulado — Noção de alguns filhos distinctos da India portugueza ordenada por Miguel Vicente d'Abreu. Nova Goa. Imprensa Nacional. 1874.

Além das proveniencias apontadas a Bibliotheca tem crescido apenas por uns pequenos donativos e pelas compras que permite a sua estreita dotação.

A collecção dos quadros pouco augmentou tambem com o espolio dos conventos; porque os paineis dos conventos extinctos foram quasi todos remettidos para Lisboa. O dr. A. Nunes de Carvalho mandou d'aqui em 1835, 443 quadros; 348 em tela e 95 em madeira, para apodrecerem, diz-se, na maioria nos subterraneos da Academia das Bellas Artes.

A collecção de manuscriptos comprehende uns 1:800 codices. Rivara relacionou-os e imprimiu o 1.º vol. do catalogo, que diz respeito ao Ultramar.

Os 2.º e 3.º volumes — Historia e Litteratura —, foram publicados pelo sr. Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos, eborense muito intelligente e trabalhador; falta o 4.º volume.

O medalheiro era importantissimo em numero, belleza e raridade dos exemplares; os francezes em 1808 roubaram-n'ò quasi completamente; o paço e suas dependencias foram saqueadas; «levaram tudo, diz Cenaculo, desde os talheres até ao meu anel». Entre os bronzes ficaram porem algumas moedas de merecimento, das chamadas celtibericas e das proprias da peninsula hispanica

durante o dominio romano, que, talvez por feias e grosseiras não chamaram as attentões dos heroes do imperio.

Cenaculo avaliava a sua bibliotheca e muzeu em 300:000 cruzados: diz elle — que não podia deixar á cidade e á sua diocese joia nem mais util nem de maior valor —. O grande prelado tinha em vista a illustração do clero e do publico — porque estava persuadido que a sciencia das verdades e obrigações a qualquer é precisa, como homem, como christão, e como cidadão —. Reuniu tantos milhares de volumes, e tantos objectos d'arte — á custa de cançadas diligencias e grandes despezas —.

Estimava Evora em muito; n'um dos documentos relativos á bibliotheca falla da cidade — esta nossa querida metropole mãe de tantos sabios de primeira ordem.—

A Bibliotheca eborensis, no 1.º quartel do seculo, tal qual o fundador a deixou, era uma das primeiras da peninsula, não pelo numero de volumes, muito importante sem duvida, mas ainda mais pela qualidade d'elles; livraria organizada por um erudito, com muitos meios pecuniarios, de grandes sympathias pessoas, possuidor de muita informação.

As grandes faculdades antigas, as litteraturas classicas, as provincias do saber mais veneradas então, e a historia, a archeologia, a philologia, estão ali amplamente representadas. Morreu Cenaculo e a livraria estacionou; hoje está muito longe do que deve ser uma bibliotheca publica regular n'uma povoação culta, e difficil será adiantal-a com a sua pequena dotação. Para os bibliophilos, para os amadores de livros raros, para o erudito paciente que precise indagar fontes, os seus paleotypos, a sua opulenta collecção de manuscriptos são material de inestimavel valor.



Mas as sciencias têm soffrido uma evolução enorme nos ultimos decennios; ha sciencias novas, ramos do saber humano vastissimos, e nascidos todavia ha pouco; escolas, theorias, relativamente recentes e que têm já litteraturas especiaes; em livros modernos está pobre a Bibliotheca, e a povoação carece muito d'elles porque são indispensaveis para o moderno cultismo.

Porque nem mesmo as obras officiaes, as impressas á custa do estado, na Imprensa Nacional, as collecções da Academia, as publicações das commissões officiaes, estão aqui regularmente representadas, sendo enviadas *raramente, por excepção*, embora seja esta uma das primeiras bibliothecas do paiz, a mais frequentada pelo publico depois da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e da Portuense (a bibliotheca de Coimbra é frequentada só pelo pessoal academico; a da Academia das Sciencias de Lisboa está quasi sempre deserta) ao passo que taes publicações se deixam apodrecer nos armarios dos ministerios, nos depositos das impressas, ou se vendem a peso nas tendas da capital.

A bibliotheca d'Evora, a principal ao sul do Tejo, isto é, n'uma região vasta e importantissima, merece mais alguma attenção aos poderes publicos.

---

QUADROS. DESENHOS. PINTURAS A OLEO  
EM TELA E MADEIRA

D'esta collecção fizemos um catalogo que formará um folheto dos *Estudos eborenses*. Agora limitamos-nos a simples e rapida noticia de algumas peças mais notaveis.

Desenhos a lapis vermelho de Vieira Lusitano; alguns importantes, quasi todos assignados. A *Assumpção da Virgem*, o *Orpheu nos infernos*, são

composições notaveis. Alguns teem importancia historica, etc. Muitos estão artisticamente dispostos em grupos, formando um todo harmonico, moldurados por aguadas mimosas; o admirador de Vieira Lusitano que fez este trabalho e formou a collecção assignava-se — A. W. — Os dois grandes desenhos de *Eros e Psyche no festim olympico*, e *Jupiter e Juno ouvindo os dois amantes na assembléa dos deuses*, são copias celebres de frescos de Raphael, no palacio Ghigi, em Roma (*Psyche historia Raphaelis opus singulare in palatio vulgo Guisae Romae*. V. Vasari, na vida de Raphael).

Pinturas em cobre, notaveis, *No caminho do Calvario*, *O juizo de Salomão*, a primeira assignada A. Willenhoudt.

Retratos de damas, que dizem ser *princezas portuguezas*, de boa execução; uma está pintando ao cavallete.

Uma pequena tela notavel, um pontifice ajoelhado ante o altar, attribuida a Murillo.

Um alchimista trabalhando á fornalha, em madeira, pintura de bom colorido.

Paizagens em taboa, tom azulado; assig. *Francisco da Silva*: e datadas de 1730-1731.

Um quadrinho flamengo, com 3 figuras, a que o sr. Bredius, conservador do museu da Haya, deu grande apreço.

Pintura em tela, trechos de architectura.

Grande gravura; o *Tumulo de S. Antonio em Padua*; grav. de J. B. Boscarato.

Capricho artistico, caveira, rabeça, pergaminhos com sellos, um rapaz; pintura notavel, talvez flamenega.

Retratos de damas, antigos, *M.<sup>me</sup> Demiers*. *M.<sup>me</sup> Creille*.

Dois quadros, assumptos religiosos, de Pedro Alexandrino.

Grande pintura hollandeza, inverno á beiramar, figuras numerosas, patinadores. O sr. Bredius deu importancia a este quadro attribuindo-o, sem affirmar, a *D. van Alstoot*.

N. S.<sup>a</sup> e o Menino, pint. de processo especial. Jorge White, coronel do 5 de cavallaria, a trouxe de Inglaterra.

O incendio de Troia, os episodios de Enéas, e do cavallo; talvez de Diogo Pereira.

Uma caçada de javalis, grande gravura de *Le Bas*, 1741.

Pintura em madeira, digna de attenção; *Dois bispos*; fim do sec. 15 ou começo do 16; um com as armas de Portugal e Aragão, outro com a *rede de pescador*, divisa da rainha D. Leonor, nas prisões das capas. O sr. Joaquim de Vasconcellos julga que representam D. Affonso, bispo d'Evora, e D. Martinho de Portugal, ou o cardeal D. Affonso, filho de D. Manuel e de sua 2.<sup>a</sup> mulher (Archeologia artistica, vol. 2.<sup>o</sup> fasc. 6.<sup>o</sup>)

Cabeça juvenil, notavel, em tela collada na taboa, *S. Martin Advch Pver et Miles*.

Retratos de D. Manuel de Castello Branco, conde de Villa Nova; de D. Gastão Coutinho, aclamador; de Ruy Lourenço de Tavora.

Retrato de Paulo Orosio. Assig. no verso *Fernan Gonzalez*.

Salteadores junto do lume, scena nocturna; attribuido ao morgado de Setubal.

Gallinha, gato, pratos de estanho e tacho de arame, do morgado de Setubal, José Antonio Benedicto da Gama e Barros, pintor amador.

Retrato de dama; no verso — Hija de Tintoretto —.

Telas hollandezas, inferiores.

Quadro de batalha, notavel, Bourguignon?

Grande quadro flamengo, em madeira. *Jesus*,

*menino, entre os doutores.* Cenaculo collocou este quadro no lugar de honra da bibliotheca, lugar hoje occupado pelo seu retrato. Em dois ladrilhos do quadro, no primeiro plano, estão monogramas em que alguns teem lido J. Van Eyck, e Rackzinski interpretou como iniciaes de Christovão de Utrecht. Em outro ladrilho, em plano affastado, vê-se outro monograma. Esteve na capella mór da sé, antes de edificada a actual, com os outros quadros que hoje estão no paço archiepiscopal, no salão da capella.

Retrato do marquez de Pombal, por Joaquim Manuel da Rocha.

Retrato de fr. Bento de Serpa.

Retrato de fr. Miguel da Annuniação.

Retrato do papa Clemente 14.

Retrato de fr. Ignacio de S. Caetano, bispo de Penafiel, arcebispo de Tessalonica, fallecido em 1782.

Retrato de fr. Alexandre de Gouveia, bispo de Pekim.

Algumas paizagens, de grandes dimensões, de boa pintura; muito damnificadas porem por inhabil e atrevido restaurador.

Tela, erupção vulcanica, de bom effeito, com grupos de pequenas figuras, algumas em situação comica.

Retrato de Voltaire.

Retrato de D. Manuel, busto, com armadura.

S. Ignacio de Loyola distribuindo pão.

Retrato de Carlos 1.º de Inglaterra.

*Cogita mori*, um sabio, um Fausto, meditando, que dizem S. Jeronymo: de origem allemã. Comparavel, ainda que inferior na execução, a um dos quadros mais preciosos da Academia de Bellas Artes de Lisboa, assignado por Alberto Durer. A mesma figura, a mesma posição, o mesmo aspecto



geral; n'este da Bibliotheca ha mais accessorios. Vê-se no quadro pintado um crucifixo, por outro pincel, que nem mesmo soube collocar a cruz na perspectiva conveniente. O mesmo succede em um quadro analogo que está no paço archiepiscopal.

A familia sagrada ceiando; a luz parte de uma vela sobre a meza, que illumina em cheio o Menino. Estudo de luz, com bastante effeito.

Um mendigo, cabeça vigorosa, de boa pintura.

Mulher idosa, contando dinheiro, á luz de uma vela; boa pintura e razoavel estudo de luz.

Retrato de Francisco Retz, 15.º geral da companhia de Jesus.

Retrato de homem novo, com um livro de musica, que dizem ser de um mestre de capella de D. João 5.º

*Os pastores adorando o Menino*; pintura em madeira, sec. 16, que merece attenção. Affasta-se em composição e nos tons dos analogos flamengos; roupagens trabalhadas, episodios e detalhes tratados com mestria.

Retrato do marquez de Abrantes, que pode ser de Vieira Lusitano.

*A castanheira, o rapaz que chora e o que ri*, do morgado de Setubal.

*O cordeiro paschal*, rodeado de flores; de Josefa de Obidos; talvez a melhor pintura d'esta artista.

Retrato de homem, a que tem chamado *retrato de Rubens*; nada se parece com os retratos conhecidos do grande pintor. Seja de quem for este retrato é certo que é notabilissima pintura, cheia de vida, de força. Vê-se, destaca frisantemente em toda a colleccção. Póde affirmar-se que é pintura de 1.ª ordem. Está assignado e datado.—Fecit ex tempore A. de Vris. A.º 1631—. Não encontro em relações de pintores—A. de Vris ---. Existiu uma familia hollandeza de pintores, sabios, etc. muito

conhecida, a familia *Vries*; nenhum dos membros d'esta familia, dos conhecidos, se assignava *A. de Vris*.

Retrato de D. Francisco de Lemos, bispo de Coimbra.

Retrato do grande orador José Estevão. Ass. J. Sleivart. 1862.

*Christo na cruz*; trabalho de bom pincel, tratado porem de modo que impressiona ao pavor. Pertenceu ao Santo Officio.

Retrato do conde da Ericeira.

Retrato do celebre beato Bento Maria de Labre.

Algumas telas hollandezas, inferiores, todavia caracteristicas.

Seguem-se duas cabeças viris, em meia luz, em fundo sombrio; um estudo talvez; pintura finalmente tocada.

Retrato de el-rei D. José.

Retrato do patriarcha Saldanha.

Na sala do *Norte* estão alguns quadros; um d'estes, *Christo com a cruz ao hombro*, é de boa pintura, porem sem expressão, nada sentido.

Gravura sobre setim, theses, trabalho allemão.

No antigo passadiço ainda estão algumas pinturas e gravuras. Ha nã Bibliotheca gravuras de merito, desenhos, etc. em pastas, na sala do museu.

---

OBJECTOS D'ARTE, ARCHEOLOGIA, RAROS E DE  
CURIOSIDADE; PRODUCTOS NATURAES

Esta collecção não é muito numerosa, contem alguns objectos importantes; não está classificada; apenas os objectos analogos agrupados. E' uma reunião de objectos, não uma collecção feita por amator ou estudioso, obedecendo a plano ou methodo, com um fim de estudo determinado. Mui-



tos, e dos mais importantes d'esses objectos foram adquiridos pelo arcebispo Cenaculo por compra ou offerta; no tempo de Rafael de Lemos, de Rivara, de Simões, entraram outros; modernamente as collecções teem crescido lentamente por dâdivas de particulares. Algumas peças de maior volume estão sobre os armarios em redor da sala, outros nas *vitrines*. Mais tarde se publicará um catalogo, e noticia particular de alguns objectos; agora limito-me a simples menção para esclarecimento do visitante.

Sobre o armario, entrando na sala, á direita, está um grupo de azulejos, variados, antigos, alguns no gosto mourisco, outros notaveis por serem pouco vulgares. Um quadro, a Annunciação, em 6 azulejos, de fina pintura, em estylo renascença; estava na claustra do convento de S. Bento. Duas lindas urnas de elegantes fórmãs e de finissimo trabalho. Fragmentos de esculpturas romanas. Uma cabeça juvenil coróada de parras; um fragmento de figura dançando, em relevo, onde o artista deu com o cinzel o effeito de transparencia da tunica fluctuante (a *coa vestis*), bustos romanos; um busto de dama romana, de boa execução, com um singular penteado elegante; um dedo de estatua colossal achado junto do templo romano; esculpturas christãs antigas. E seguindo os armarios, e pelos vãos das janellas, vemos um capitel arabe, duas amphoras romanas, duas inscrições arabes, uma romana, e outra christã ali conservadas por serem de pequenas dimensões; faianças antigas; alguns productos naturaes, exemplares de cristaes; ceramicas antigas; figuras japonicas lavradas em raizes, um *tatou*, uma cabeça de javardo, etc.

Por isto se vê que é uma simples reunião de objectos, um *bric-a-brac*, com os attractivos das surpresas, do acaso.

No chão alguns grandes fragmentos de mosaicos romanos, tijolos romanos; as pesadas peças de ferro de uma charrua antiga; a Bibliotheca possui também, por offerta recente, dois ferros de arado de alta antiguidade.

Na 1.<sup>a</sup> vitrine temos objectos de archeologia, alguns unicos no paiz; por ex. os chamados *estoques*, de cobre, prehistoricos, que parecem ser insignias de commando, mais do que armas, pois não teem gume. São do sul do Alemtejo, d'essa singular região metallifera onde não apparecem os *dolmens*, nem as *armas de pedra polida*, mas onde habitou um povo que trabalhava o cobre, se ornava de objectos de ouro, e fortificou de grandes trincheiras muitos cerros nos arredores de Ourique, de Castro Verde, etc.

Machados de cobre, e de bronze, um machado de dois anneis lateraes, uma adaga de bronze, armas de pedra, em diorite, amphibole, basalto; algumas ardosias lavradas. Idolos egypcios.

Cabrinhas de bronze, votivas provavelmente; pequenas figuras humanas, idolos? de rude trabalho em bronze, com distincção de sexos; settas de cobre e bronze.

No vol. 11 do «Archivo pittoresco», e na «Introducção á Archeologia da peninsula iberica» do dr. A. F. Simões, se encontram gravuras de alguns objectos archeologicos d'esta collecção.

Frascos de vidro, de varios tamanhos e feitios, romanos, vasos de perfumes (ampullas, unguentarios, etc.) uma taça de vidro com ornatos circulares, jarros com aza. Um vaso de bronze com a boca trilobada, um copo de vidro, pequeninos vasos de vidro; tudo achado em sepulturas. Armas de ferro torcidas, romanas ou gregas?, achadas n'um campo mortuario proximo de Alcacer do Sal. Figuras de barro, idolos ou votos, de tosco trabalho.

Lucernas vidradas e não vidradas, com ornatos ou sem elles; umas de barro branco, outras de vermelho; uma de argila branca, fina, com rostos de homem e mulher, egypcios talvez; outra em barro vermelho com duas figuras sustentando um grande cacho de uvas. Vasos de barro, jarros com uma ou duas azas; pequeninos vasos de barro para perfumes, achados em sepulturas.

Na 2.<sup>a</sup> vitrine. Chaves antigas, esporas, acicates, estribos. Ainda outros objectos romanos, alguns interessantes, um javali de bronze, um pequeno cavallo, algumas *fibulas*, uma cabeça de bode em bronze, colheres antigas portuguezas, algumas colherinhas romanas e alguns utensilios talvez de culto religioso. Uma lança, uma alabarda, um espadim de guarda da mão esquerda. Uma collecção de retratos, miniaturas, em laminas de cobre quasi todos. Algumas d'essas miniaturas são de muito mimo. Ha um retrato de Diogo Barbosa Machado, um S. João Baptista junto com o retrato de D. João 4.<sup>o</sup>; retratos de duas damas hespanholas n'um estojo de ferro que foi dourado, com as armas dos Cordovas; uma d'estas miniaturas é finissima, está bem conservada.

Um esmalte bysantino; em cobre, chapa quasi elliptica.

Um quadro bysantino, admiravel, em maravilhosa conservação, peça de 1.<sup>a</sup> ordem; em madeira, coberta de gesso, ou massa branca e fina destinada a receber pintura e dourados. E' o triumpho da Cruz, sustentada por Helena e Constantino; dominam as côres vermelha e verde, e ornatos a ouro. Marca-se-lhe data pela inscripção do reverso. sec. 10.<sup>o</sup>

Na 3.<sup>a</sup> vitrine. Relevô notavel, em lava, scena biblica.

Pan e Pomona, esculptura que merece attenção.

Pequenas pinturas e gravuras em madreperola. Um triptico, pintura em madeira. No centro a familia sagrada, aos lados SS. Ursula, Luzia, Catharina e Apolonia, dois santos; em cima o padre eterno, em baixo um cherubim. Pintura notavel, mimosa, bem conservada. Assig. *Joana Bautista fasiebat.*

A *Thorah*, ou pentateucho em hebraico, em fino pergaminho branco, bem escripto, cabos de marfim. Livro sagrado de synagoga. E' uma tira de pergaminho de 30 metros de comprimento. Veio da Haya, em 1803.

Tem sido muito admirado pelos rabis israelitas que o tem examinado.

Uma taça de marfim com relevos notaveis; uma imagem de Christo em marfim, e outros trabalhos na mesma materia; exemplares de calligraphia microscopica, sendo para mais reparo a *N. S.<sup>a</sup> com o Menino*, tudo em orações, formando gracioso desenho. Pequenos relevos em pedra, talvez indianos.

Uma pintura em um grande fragmento de agatha grosseira.

O triptico de esmalte de Limoges; Jesus no Calvario, o episodio de Longuinhos, a lançada; aos lados Pilatos lavando as mãos; o caminho do Calvario; a descida ao Limbo; Christo resuscitado. Tons azulados e violaceos, os toques de luz dados a traços de oiro; verdes e azues admiraveis; a composição animada, a ornamentação variada, o todo de um aspecto lindo e opulento. Perfeitamente conservado. Esmalte de Limoges, do sec. 16, de 1.<sup>a</sup> ordem. Muito superior aos esmaltes que appareceram na Exposição de Arte Ornamental; admirado por todos os entendedores de obras d'arte.

Podemos affirmar, sem laivos de patriotismo, fundados em opiniões de authoridade, que temos



em Evora obras d'arte de 1.<sup>a</sup> ordem; notaveis não no paiz ou na peninsula, mas em qualquer parte; taes são este triptico, o calix de ouro e o côro da sé, o quadro da S.<sup>a</sup> da Gloria, da capella do paço archiepiscopal.

Pequenos bustos de imperadores romanos, relevos em pedra sobre fundo escuro, em molduras de metal; Caligula, Tiberio, Galba, Othon, Vitellio, Vespasiano, Tito, Domiciano, etc. O missal de Estevam Gonçalves, reproducção chromo-lithographica.

Em outra *vitrine* um tinteiro antigo, uma imagem de coral, camandulas de marfim, sapatos antigos, fragmentos de rendas, cartas de jogar e taboleiro chinez.

Um iman antigo com armadura. Productos naturaes. Fosseis, dentes de javardo, de urso, de grandes felinos, etc. ponta de rhinoceros, presas de phocas, etc.

Um pequeno quadro, pintura em madeira, *Jesus e Maria*, da chamada escola portugueza, que merece reparo.

Dois quadrinhos flamengos, graciosos, em palha.

Cristaes. agatas, malachites, amostras de marmores. Um tijolo romano marcado.

Copias em gesso muito nitidas de *gemmas* gregas e romanas.

Dois fragmentos de camadas de cal, com inscripções, dos carceres do Santo Officio.

Collecção conchiologica offerecida por el-rei D. Pedro V.

Algumas conchas lavradas.

Productos marinhos, sendo alguns exemplares notaveis.

Exemplares de minerios, dendrites.

Finalmente, uma *vitrine* especial, alguns sellos e medalhas.

Em um armario da sala estão algumas armas e insignias, bastões de commando (pouco vulgares) de selvagens, um *unicorne* muito notavel, uma arma ou agulha de espadarte, etc.

---

#### MANUSCRIPTOS

A collecção de manuscriptos da Bibliotheca publica tem mercidamente a fama de numerosa e importante.

Está na grande sala do museu, no armario central, sob as *vitřines* dos objectos d'arte, archeologia, ou de curiosidade. Estão impressos tres volumes do catalogo; falta o 4.<sup>o</sup> Começou este trabalho o fallecido bibliothecario Rivara. «Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca publica eborense, ordenado pelo bibliothecario Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Tomo I que comprehende a noticia dos codices e papeis relativos ás cousas da America, Africa e Asia. Lisboa, Imprensa Nacional, 1850.» Os 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> vol. foram ordenados pelo conhecido escriptor eborense, sr. Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos.

Como se formou esta collecção? Cenaculo reuniu a maior parte, comprou muitos codices, offerceram-lhe outros, fez tirar muitas copias; á sua collecção accresceram papeis da mitra; juntaram-se os dos jesuitas, dos conventos extinctos, etc. Em tempo de J. H. C. Rivara adquiriram-se alguns codices, entre elles os 4 tomos da «Evora Illustrada» do P.<sup>o</sup> Fialho; em 1884 entraram ali bastantes volumes de alguns conventos de frades, S. Francisco, S. Domingos, Ossa, Espinheiro, e outros, que estavam a estragar-se e a encher inutilmente as estantes de um gabinete do governo civil. Mas a maior parte, e em geral a mais im-



portante, d'esses manuscriptos é devida a Cena-culo.

Pelo primeiro vol. do Catalogo se vê como é numerosa e interessante a collecção ultramarina; basta dizer que por vezes os governos se teem soccorrido d'ella n'essas dolorosas e asperas questões de defeza dos nossos territorios coloniaes contra prepotencias estrangeiras.

Estão ali relações de viagens, roteiros, cartas e planos das terras e fortalezas do Ultramar; papeis relativos ao Brazil, ás colonias hespanholas e inglezas na America; a Argel, a Ceuta, Tanger, Arzilla, Fez, Alcacer Seguér, Azamor, Mazagão, Safi; ás Canarias e a Cabo Verde; ao Congo e Angola, á Ethiopia e a Moçambique. Muitos que respeitam ao estado da India, descripções de fortalezas, relações das armadas, dos Vice-Reis, de bispos e arcebispos; papeis do padroado, das ordens religiosas; outros relativos ás linguas india-ticas, ás religiões e costumes; a Ceilão, a Malaca, a Sião, a Macáo, á China e ao Japão; ás Molucas, a Timor, á Persia, etc.

Muitos d'esses documentos são de primeira ordem, como o *Esmeraldo de situ orbis*, de Duarte Pacheco; o roteiro de D. João de Castro, a viagem de D. Alvaro da Costa, os roteiros do Japão, diferentes *artes de navegar*, muitas cartas de missionarios; o livro de Antonio Bocarro «Descripção das fortalezas da India», a vida de Mathias de Albuquerque, e cartas de Affonso de Albuquerque; e muitos papeis do padroado de Portugal nas egrejas ultramarinas.

Em litteratura, linguas classicas, philologia, poetica, tambem é copiosa a collecção. Ha cousas unicas, documentos unicos para a historia das lettras em Portugal, como os papeis das pequenas, algumas bem estravagantes, academias, dos *singulares*,

dos *occultos*, da *scalabitana* e da *setubalense*, da *mariana*, dos *abandonados*, e tambem da *portugueza*, e da *academia real de historia*. Tragedias e comedias das que se representavam no collegio jesuitico d'Evora; e um grande numero de poesias antigas, alguns cancioneiros, e muitas cartas; cartas de jesuitas, de missionarios, do padre Antonio Vieira, e a importantissima collecção da correspondencia diplomatica de D. Vasco Luiz da Gama, o 1.º marquez de Niza, que foi por duas vezes embaixador a França, por el-rei D. João 4.º E' n'esta collecção que se acham as extensas e curiosas cartas do P.º Vicente Nogueira, o fino artista e erudito, que durante muitos annos residiu em Roma carteando-se com o marquez, e comprando livros e musicas para D. João 4.º, cartas que permanecem ignoradas.

Entre os cancioneiros um tornou-se muito conhecido pela publicação feita por um sabio allemão, Victor Eugène Hardung (Cancioneiro d'Evora, publié d'après le manuscrit original et accompagné d'une notice litteraire-historique, par V. E. Hardung, Lisboa, 1875). Sobre este cancioneiro ha estudos especiaes do sr. Theophilo Braga, no vol. *Questões de litteratura e arte portugueza*, e da notavel escriptora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (Miscellen. Zur Litteraturgeschichte. Zum Cancioneiro d'Evora).

Esta mesma senhora publicou e estudou minuciosamente a — *Pratica de tres pastores* — tambem da Bibliotheca (Ein portugiesisches Weihnachtsauto: Pratica de tres pastores. Mit Einleitung und Glossar. Herausgegeben von C. Michaëlis de Vasconcellos, Braunschweig. 1881.) Todavia, póde affirmar-se, a parte litteraria da collecção de manuscritos da Bibliotheca espéra por um especialista que a estude e a faça conhecer.

Não é menos importante a parte historica; ha

n'aquelles armarios numerosos codices e papeis relativos á geographia, a viagens, á chronologia, á historia politica, á archeologia, á bibliographia, e principalmente á historia ecclesiastica, das ordens religiosas e militares, da inquisição. As listas dos *autos da fé* formam tres volumes, Coimbra, Lisboa e Evora; ha tambem collecções de sentenças da inquisição.

A isto juntem-se os livros de linhagens, e as collecções de theologia, jurisprudencia, philosophia, os sermonarios e os cerimoniaes; finalmente biblias em pergaminho dos seculos 13 e 14, e livros de *horas*, verdadeiras joias, dos sec. 15 e 16, ostentando deliciosas miniaturas, versaes artisticamente illuminadas.

A *correspondencia* de Cenaculo enche um armario; n'esses massos de cartas ha autographos preciosos; o grande arcebispo correspondia-se com eruditos, artistas, livreiros, com principes, com humildes frades e missionarios, com centos de protegidos seus que estavam em toda a escala social na Hespanha, na Italia, na India, no Brazil. Existe tambem o *diario* do inolvidavel prelado.

Em alguns armarios estão cartas geographicas, collecções de estampas, desenhos, gravuras, e alguns pergaminhos pertencentes aos antigos mosteiros de S. Francisco, S. Domingos, Espinheiro e ao de S. Paulo da Serra d'Ossa.

---

#### O GABINETE RIVARA

O gabinete Rivara é uma especialidade; é uma bibliotheca que photographa a vida e o character do escriptor erudito e zeloso funcionario. Está ali nos seus traços caracteristicos o homem, o seu viver, a sua esphera mental, o testemunho da sua

actividade. Rivara formou-se em medicina, foi professor de philosophia no Lyceu, bibliothecario, deputado; mais tarde secretario geral da India, e encarregado n'aquelle estado de commissões variadas, entre ellas uma especialissima, a de commissario regio para a circumscripção das dioceses do real padroado no oriente. Ora este homem estudou sempre, a sério, era um erudito da escola de Herculano, um trabalhador por organização; nos aridos campos administrativos estudou como nas variadas provincias litterarias.

Assim no gabinete que tem o seu nome estão os seus livros de medico, de professor, de litterato, de erudito, e de alto funcionario zeloso que se encontrou por vezes em commissões melindrosas.

Ha duas colleções especiaes, a relativa ao padroado portuguez na India, e a de livros anglo-indianos. Pode affirmar-se que nenhuma bibliotheca do paiz possui tão grande numero de publicações inglezas especiaes ao vastissimo paiz gangetico; obras que respeitam ás linguagens, aos costumes, historia, litteratura, administração d'esses povos que sob o dominio ou o protectorado inglez, tem organizações complexas; ha aqui livros, memorias, relatorios, inqueritos, informações officiaes que seria inutil-procural-as em outra parte de Portugal, porque são publicações peculiares, não destinadas á venda, das administrações e funcionarios anglo-indianos, de diversas cathogorias.

No gabinete ha tambem miscellaneas ou colleções de folhetos que tem importancia, alguns livros pouco vulgares, publicações litterarias periodicas que hoje tem estimação, e alguns manuscriptos que se conservam ineditos.

O pendão do Santo Officio é em damasco encarnado, com pesados bordados a ouro; tem d'um



lado a figura de S. Pedro Martyr (Arbués), de tosco desenho, do outro o conhecido escudo da Companhia, a cruz ladeada pela espada e pelos ramos de oliveira; pesadas borlas rematam as compridas pontas do espectacular pendão.

Quando terminou o Santo Officio muitos objectos, entre elles o estandarte dos autos da fé, foram entregues em deposito ao convento de S. Domingos. Acabado este convento foram muitos objectos, imagens, paramentos etc. cedidos a conventos de freiras, e egrejas; certos objectos porem, não do culto, foram para casa de um particular de grande confiança. Esse cidadão falleceu annos depois; esquecera já a lembrança do pendão. João Raphael de Lemos pouco antes de fallecer declarou que em poder da viuva do dito cidadão estava o estandarte da inquisição d'Evora, cuja existencia era completamente ignorada na cidade. Em consequencia da declaração de Lemos, conseguiu-se que o lugubre lábaro dos autos da fé viesse para a Bibliotheca.

---

#### A DATA DO FALLECIMENTO DE JOÃO RAPHAEL DE LEMOS

Ao tratar dos bibliothecarios da Bibliotheca publica referimo-nos á data do fallecimento de João Raphael de Lemos. Embora o facto não seja de importancia historica é sempre conveniente acertar, rectificar ao possivel rigor.

Na inscripção do jazigo no cemiterio de N. Sr.<sup>a</sup> dos Remedios está a data — 26 de julho de 1863 —; Houve engano; João Raphael falleceu pela 1 hora da manhã de 27.—Certifico que no respectivo livro a folhas doze verso se encontra o termo seguinte: «Aos vinte e sete dias do mez de julho do anno de mil oitocentos e sessenta e tres, pela uma hora

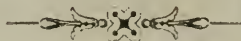
da manhã, em sua casa, no largo da Porta d'Alconchel, d'esta freguezia de Santo Antão, da cidade d'Evora, falleceu, tendo recebido os sacramentos da santa egreja, um individuo do sexo masculino por nome João Raphael de Lemos, solteiro, natural d'esta freguezia e d'ella parochiano, de profissão proprietario lavrador, e actualmente Administrador d'este concelho, de idade de setenta e cinco annos, filho legitimo de Manuel Bernardino de Lemos e de D. Marianna Rita de Cassia, todos naturaes d'esta cidade; não fez testamento, e foi sepultado no cemiterio publico. E, para constar, lavrei em duplicado este assento que assigno. Era *ut supra*. O reitor João Joaquim de Soure.» E' o que consta.

Egreja parochial de Santo Antão d'Evora 3 de julho de 1886. O parcho Antonio Ferreira Sarago. —

Agradecemos ao sr. P.<sup>o</sup> Ignacio Maria Branco, que teve a bondade de nos fornecer esta certidão. As recordações de pessoas da convivencia de João Raphael comprovam este documento.







## ESTUDOS EBOREENSES

Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores d'Evora. Evora romana. Inscriptões lapidares, muralhas, esculpturas, etc,

Antiguidades romanas nos arredores.

Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras.

A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI.

Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca.

Catalogos das pinturas, das curiosidades e objectos d'arte.

Catalogo do museu Cenaculo.

Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas.

A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé.

A typographia. Judeus e mouros. Os feiticieiros. Homens notaveis.

Bispos e arcebispos. Factos historicos.

A visita do duque de Bragança em 1635. As alteraçõs de 1637.

O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663.

Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834.

Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio).

Balthazar Jorge em Díu. Os papeis dos Azambujas.

Historia dos estabelecimentos. e das instituições modernas. Etc.



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

CONVENTOS DE FREIRAS

I.ª PARTE

PARAIZO — SANTA CLARA — S. BENTO

D. ALVARO DA COSTA. RUY DA GRAM.

OBRAS D'ARTE, OURIVESARIA ANTIGA. A IMAGEM DA SENHORA DO PARAIZO.

A ABEADESSA JOANNA PERES. PINTURAS COMICAS EM AZULEJOS.

MILAGRES ANTIGOS. A «EXCELLENTE SENHORA».

OS ALTOS DE S. BENTO.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

---

1886



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

---

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

---

CONVENTOS DE FREIRAS

I.ª PARTE

PARAIZO — SANTA CLARA — S. BENTO

D. ALVARO DA COSTA. RUY DA GRAM.

OBRAS D'ARTE, OURIVESARIA ANTIGA. A IMAGEM DA SENHORA DO PARAIZO.

A ABBADESSA JOANNA PERES. PINTURAS COMICAS EM AZULEJOS.

MILAGRES ANTIGOS. A «EXCELLENTE SENHORA».

OS ALTOS DE S. BENTO.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1886





## ESTUDOS EBORENSSES

---

### Mosteiro do Paraizo

---

A origem do mosteiro de Nossa Senhora do Paraizo é idêntica á dos conventos de Santa Monica e de Santa Catharina. Umas senhoras pelos seus sentimentos de piedade, espirito religioso, desapego ou fastio do mundo, resolvem-se a formar uma associação devota; outras senhoras, no decorrer dos annos, se lhes aggregam; forma-se o recolhimento, começa a vida em communidade, adopta-se uma regra; mais tarde completa-se a clausura, faz-se a profissão solemne, surge completo o mosteiro.

Perfeitamente logica a criação de taes institutos nos seculos 15 e 16, n'uma sociedade eivada de privilegios, de desigualdades, de violentas perturbações, de glorias mescladas de amargos lutos.

Pelos annos de 1430, proxivamente, viviam em Evora trez irmãs, conhecidas pelas Galvoas, de uma familia muito considerada na cidade; parece que um desastre, alguma lançada de mouro ou naufragio nos parceiros africanos, as deixára de subito orphãs e isoladas. Foram estas senhoras que fundaram o recolhimento na sua casa entre as ruas de Machede e de Mendo Estevens. Em 1471 falleceu Brites ou Beatriz Galvoa, a ultima das trez irmãs; succedeu-lhe no governo do recolhimento Mecia Dias. Pouco depois entrou Joanna Correia, senhora de consideraveis haveres; adoptou-se a 3.<sup>a</sup> ordem de S. Domingos, começando as profissões em 1499. Mecia Dias foi a primeira prioreza, e governou até 1508. Em julho de 1517 resolveram as religiosas adoptar a 1.<sup>a</sup> ordem de S. Domingos, e a clausura perpetua.

Teve o mosteiro então um grande protector em D. Alvaro da Costa, armeiro mór do reino, camarheiro d'elrei D. Manuel; era homem de muitos haveres e de animo generoso; á sua custa se dilatou o edificio e se reedificou a egreja. Em agradecimento aos beneficios de D. Alvaro lhe deram as religiosas o titulo de padroeiro.

A disposição actual do edificio é, com variantes de pequena monta, a existente na 1.<sup>a</sup> metade do sec. 16. E' uma construcção irregular, apertada entre as duas ruas de Machede e de Mendo Estevens, assentando em base triangular fortemente inclinada; tem uma pequena quadra muito irregular, um quintal acanhado; todavia o interior não é desagradavel, possui algumas casas espaçosas e de notavel construcção como o refeitorio e a enfermaria, alem dos dois córos.

Sobre a entrada da egreja está o brazão de D. Alvaro da Costa; talvez por ser padroeiro — Costa —, é a abobada do templo arteezoadada em cos-

tellas! nos pontos onde os arcos parallellos cortam a linha media ha florões lavrados e pintados. Azulejos antigos interessantes, lisos com desenhos de arabescos, revestem parte das paredes; os do tumulo de D. Alvaro devem ser da epoca do edicullo, 1536.

Este tumulo está na capella mór; é um formoso exemplar do estylo renascença, mostrando a variante de ter nos medalhões os bustos mui salientes e vasados os fundos; na parte superior do elegante edicullo está a data 1535, e nos lados 1536. Na parede fronteira jazem trez filhos de D. Alvaro, Duarte, Manuel e Rodrigo, que morreram crianças.

Não é este o unico exemplar *renascença* que o mosteiro possui; o refeitorio é no seu genero singular em Evora; como quasi todos os refeitorios dos conventos de freiras é uma casa vasta, escura e humida; ha muito que não serve; mas esta casa escura foi construida com extraordinario cuidado; o tecto é de carvalho lavrado, com suas molduras e ornatos de bom trabalho; pilastras de marmore branco, delgadas, elegantissimas, sustentam o tecto; em baixo teem as 4 faces molduradas com seus medalhões e bustos; a parte superior é lavrada de meias canas que vão morrer n'um esbelto capitel.

O trabalho é perfeito; é exemplar unico em Evora, e talvez no paiz. N'um dos lados da quadra ha uma pequena fonte de marmore tambem *renascença*; a agua sae pela boca de cherubins alados. Provavelmente refeitorio e fonte são obra de D. Alvaro da Costa, e por consequencia de 1530 e tantos.

E' notavel tambem a abobada do côro de baixo; os artezões em pequenos intervallos cortam-se formando xadrez.

N'uma capella d'este côro está uma campa; jaz

ali, dentro do mosteiro de freiras, um homem, e o seu nome pertence á historia. Onde é que em Evora se não acham recordações historicas? é a sepultura de Ruy da Grãa, ou Gram, o chanceller mor de João 2.º por este chamado para o celebre processo do infeliz duque de Bragança. A respeito d'elle diz Damião de Goes no livro 3.º das gerações==Ruy da Gram, filho de Gomes da Gram foi letrado e chanceller mor d'este reino; foi casado com Ignez Correia filha de Alvaro Mendes de quem houve Sebastião Roiz da Gram que mataram os mouros 6.ª feira de endoenças na batalha dos Alcaides, e Alvaro Mendes, e Antonio que foi mudo e mais duas filhas freiras no convento de N. S.ª do Paraizo da cidade d'Evora==.

Ignez Correia logo que enviuvou de Ruy da Gram recolheu-se no Paraizo, onde sua irmã Joanna era prioreza, e fez-lhe doação dos seus bens, obtendo licença para ali depositar, como que esconder n'aquella escura capellinha do côro de baixo, os ossos do severo chanceller mor. N'este côro tambem jaz a prioreza Joanna Correia, fallecida em 1532.

Á imagem da Senhora do Paraizo offerecida por uma dama eborense chamada Izabel Affonso, deve o mosteiro, segundo alguns dizem, a sua denominação. A imagem é de marfim; pode abrir-se a modo de almario ou tryptico, e aberta mostra 9 quadros em grande relevo, todos de marfim, representando o Nascimento, Annunciação, Visitação, Transito, Assumpção, Coroação, Epiphania, Ascensão e Pentecostes.

É um raro trabalho que me parece de proveniência indiana.

Ligam-se a esta imagem lendas monasticas; por acaso partiu-se um dedo do pé do *Menino*, e logo correu sangue; por occasião da terrivel peste de

1596 lembraram-se as freiras de rodear todo o mosteiro de um pavio ou rolo de cera, que vinha terminar ante o altar da Senhora, no côro de cima, e ahí ardia constantemente; uma vez pegou o lume nos paramentos, ardeu o altar, mas a imagem ficou intacta.

No côro de cima, onde se conserva esta preciosa imagem em altar especial, ha ainda alguns paineis e imagens de merecimento, entre ellas a do Menino que chora mostrando um espinho no dedo. É porem n'uma capellinha da claustra que vi algumas imagens em barro de rara perfeição, especialmente a=Ida para o Egypto=.

Como é sabido possue o mosteiro algumas joias de grande valor artistico; na exposição da=Arte ornamental=figurou a custodia (est. 75 do catalogo), a lampada da enfermaria, e a notavel cruz processional, lindissimo exemplar do gothico florido. (Catalogo da Exposição de Arte Ornamental. Cruz. n.º 85 da sala M. pag. 11.—Custodia. n.º 308 da sala N. pag. 37.—Lampada. n.º 300 b. da sala N. Additamento pag. 347.)

No convento do Paraizo guardam-se tradições de muitas virtudes, e tambem de trabalho e aptidão manual. Nas communidades herda-se tambem, passa de geração em geração, certo genero de actividade; por occasião da nossa visita vimos bordados a matiz e ouro, de excellente acabamento, terminados recentemente; todos conhecem os bolos reaes com os seus artisticos ornatos de assucar, e outros doces especiaes que ainda hoje ali se fabricam com muito esmero. Não julguem de pequena importancia estas industrias conventuaes, são industrias, é trabalho; e ainda ha pouco o zeloso e intelligente prelado de Coimbra pedia a manutenção do mosteiro de Cellas, fechado pelo fallecimento da ultima religiosa, fundando-se exactamente na



industria dos doces que ali sustentava muitas mulheres.

O convento do Paraizo é dos que tem menor rendimento na cidade, e todavia, na occasião da minha visita, era o mais povoado, ali viviam 42 senhoras.

---

## O convento de Santa Clara

---

O convento de Santa Clara começou em 1452; foi seu fundador o bispo D. Vasco Perdigão. O bispo, para estabelecer o mosteiro, comprou um predio, então em ruina, a meio da rua d'Alconchel, conhecido vulgarmente na cidade pelo nome — paço dos Falcões. Mais tarde, a communitade comprou alguns predios, que annexou, formando esse todo de casarias, cêrca, vasta quadra e quintaes, inteiramente isolado. Em 1459 entraram algumas religiosas; todavia, o bispo fundador esfriou nas obras, que foram mais tarde continuadas pelo cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa. D. Vasco Perdigão dedicou-se mais especialmente ao Espinheiro, onde tem a sua sepultura.

A meio do seculo XVI foi a egreja augmentada, e construida a capella-mór, por devoção de D. Garcia de Castro; por isto as freiras lhe chamaram padroeiro, e lhe permittiram erguer tumulo na capella. D. Garcia de Castro foi do conselho d'el-rei D. Sebastião, e governador de Mazagão;



falleceu em 1568; sua viuva D. Isabel de Menezes, que tambem ali jaz, falleceu em 1580.

Mais tarde renovou-se a igreja, azulejou-se, fez-se o entalhado das capellas lateraes, e ornou-se o tecto de finissima pintura, que não tem igual em Evora. E' uma pena ver a successiva e rapida destruição d'esse trabalho, tão rico de elegante ornamentação e de mimosos coloridos.

Os bens do convento augmentaram muito no seculo XVI. pela reformação da ordem seraphica, vindo para aqui os predios e direitos do convento de S. Francisco.

N'este convento professou D. Maria Manuel, que se tornou celebre por ter deixado a alta posição social e as grandes riquezas, vindo na clausura esconder a sua formosura e mocidade.

No 1.º assedio d'Evora em 1663, soffreu muito o convento; dizia-se que os hespanhoes mui de proposito lhe apontavam peças e morteiros por n'elle estar soror Brites de Menezes, irmã do conde de Villa Flor, illustre chefe do exercito portuguez; o convento tinha então muita gente, familias de emigrados o procuraram para asylo, e até as freiras do Calvario abandonaram o seu convento, por estar proximo da muralha, e vieram alojarse em Santa Clara; rompe a bombardeamento e em breve se encheu de ruinas o edificio, e de pavor a multidão de senhoras ali recolhida, não havendo, porém, ferimentos a lamentar. Segundo dizem, o terremoto de 1755 sentiu-se em Santa Clara mais que em outro qualquer edificio da cidade.

E' um edificio vastissimo, e bem conservado relativamente a Santa Monica ou a Santa Catharina; a quadra é ampla, alegre; tem quintaes, varandas, bonita cerca. O dormitorio é uma casa enorme; talvez a maior da cidade. O côro de cima

um excellente salão, cercado por bom cadeirado. Vi ahí um -- Ecce homo --, pequeno quadro de fino colorido. O côro parece ter sido restaurado, e talvez augmentado, em 1744.

A capella da Senhora da Assumpção na claustra, é esplendida.

Em todas as capellas da claustra, do pavimento superior, ha trabalhos de talha de merecimento; n'uma vi uma arvore de Jessé, cuja ramaria se alastra pelo tecto, de excellente gosto e trabalho. N'outra d'essas capellas ha azulejos com alguns ornatos dourados, que julgo unicos em Evora. A casa capitular parece uma egreja, tem muitas imagens e quadros, alguns relicarios interessantes.

Era na casa do capitulo que se enterravam as abbadessas.

Na sacristia interna vi umas arcas nada vulgares; e um quadro de fraca pintura, mas de singular assumpto.

Quando visitei o convento estavam ali 38 pessoas. O habito azul e o véo branco é muito agradavel á vista. Jamais esquecerei o aspecto suave e alegre dos grupos das meninas do côro, caminhando pela arcada da quadra; um effeito inesperado, novo para mim, e que jamais, provavelmente, tornarei a ver. A sr.<sup>a</sup> abbadessa tivera a extrema delicadeza de convocar as meninas do côro para as apresentar ás duas damas que nos acompanhavam; soou uma campainha e pouco depois as meninas passavam pela arcada, dirigindo-se ao côro; o habito, a singeleza das dobras, as pregas do véo, o tom azul, realçam as elegancias, as formosuras naturaes; passavam sob a arcada, ora na luz viva, ora nas faxas de sombra; um effeito unico. Depois, quando entrámos no côro, estavam ellas no cadeirado, á nossa direita; a sr.<sup>a</sup> abbadessa, a mãesinha,

doce e significativa designação com que em geral nos conventos tratam as superiores, assentou-se no lado opposto, em cadeira especial; e estabeleceu-se amena conversação.

Não conhecem umas senhoras beatas, mui palradeiras em falsete, fazendo tregeitos mysticos, resando muito e dizendo mal de tudo? pois eu imaginava que nos conventos havia deposito de tal fazenda; erro completo, em todos vi damas de distinctas maneiras e conversação sincera, franca, sem reservas, como nem sempre se encontram em salões de boa sociedade; amaveis e respeitaveis, sem mysticismos nem pieguices.

#### A «EXCELLENTE SENHORA»

Ao convento de Santa Clara liga-se intimamente um capitulo da historia do paiz; ali residiu alguns mezes a «Excelente Senhora».

Todo esse drama enorme, dilatado, fertil de inesperados episodios, de situações tragicas, de singulares contrastes, se relaciona com a historia eborense.

Henrique 4.<sup>o</sup> de Castella declarou em seu testamento por sua filha legitima a princeza D. Joanna; e como tal rainha herdeira dos reinos de Castella; n'esse mesmo notavel documento, ponto de partida de innumeradas calamidades, institue por governador de Castella a el-rei de Portugal D. Affonso V, e pede-lhe que tome por esposa a sobrinha, a princeza D. Joanna. Julgava resolver assim as difficuldades politicas de então; em vez porem de unir Portugal a Castella concorreu para esta se juntar a Aragão, sob o sceptro dos reis catholicos Fernando e Izabel, que estabeleceram a unidade hespanhola.

Os castelhanos, fallecido Henrique 4.<sup>o</sup>, dividiram-se em dois partidos; um por Izabel, outro por Joanna; negavam aquelles que a princeza fosse filha de Henrique 4.<sup>o</sup>, affirmavam que ella era filha adulterina de Beltran de la Cueva, o gentil conde de Ledesma; por isto lhe chamavam *la Beltraneja*, nome por que é conhecida na historia, na litteratura, na tradição popular de Hespanha.

D. Affonso 5.<sup>o</sup> estava em Estremoz quando teve noticia do testamento de Henrique 4.<sup>o</sup>: reuniu conselho, ouviu os grandes e os jurisconsultos do reino, que em parte foram contrarios a tal plano, e desvairado pela miragem da reunião das duas coroas resolveu cumprir as ultimas vontades de Henrique. Aqui nasceram as extraordinarias aventuras do rei portuguez; não podemos nós espaçar-nos em narral-as; seria dilatar extraordinariamente estes trabalhos. A primeira parte da lucta terminou na batalha de Toro, onde correu bastante sangue iborense. D. Affonso 5.<sup>o</sup> e o principe D. João (depois D. João 2.<sup>o</sup>) entraram em Castella; e o rei portuguez celebrou publicos esponsaes com a princeza D. Joana, declarando-se logo rei de Castella, de Leão, etc. Se a batalha de Tóro fosse decisiva, se os contrarios da *Beltraneja* ficassem em completa derrota, muito provavelmente a divisão peninsular seria outra. O Aragão ficaria isolado para o lado da Mediterraneo, como Portugal o está para o lado do Atlantico. Mas Affonso 5.<sup>o</sup> não pode consumir o matrimonio, era tio de D. Joanna e não tinha ainda e nunca obteve a dispensa papal, o que deu origem a alguns episodios da sua peregrinação a França, á côrte do astuto Luiz XI.

Joanna de Castella entrou em Portugal, depois da batalha de Tóro; seguiram-se as negociações de paz, e para se obter esta garantida foi ella obrigada a renunciar aos seus titulos de rainha, princeza e infante, a todos os seus direitos; e a entrar em terçaria ou a professar em uma ordem religiosa.

Entrou em religião; trocou os brocados e sedas pelo austero vestuario das claristas (1479).

E' esta a princeza que na historia portugueza é conhecida pela *Excellente Senhora* (porque não era oficialmente rainha, princeza ou infante), e na hespanhola por *la Beltraneja*.

Pouco tempo depois de ter a princeza hespanhola entrado em Portugal surge um horrivel contagio que em breve se alastra por quasi todo o paiz.

Por causa da peste = Elrey Dom Affonso se foy a Viana d'Alvito (Ruy de Pina. Chronica do senhor rey Dom Affonso V. cap. 208), e o Pryncepe e Prynceza a Beja, e a *Excellente Senhora* porque Santarem da mesma pestenenga foy logo contaminado, com gente de armas que a sempre guardou, foy levada ao mosteiro de Santa Clara d'Evora =.

Mais tarde o contagio apparece em Evora, no verão de 1480, = e foy logo d'ella tirada a *Excellente Senhora*, e levada com sua guarda ao Vymieiro onde o Principe veio, e daly a levaram ao mosteiro de Santa Clara de Coymbra =.

No archivo municipal eborense ha uma carta original do principe D. João (depois João 2.º) dirigida á Camara, fazendo-lhe saber que pelas novas que teve d'esta cidade ordenou que partisse d'aqui a mui *Excellente Senhora*, sua prima, pera o que aviarão tudo com boa diligencia. Em Beja 23 de julho de 1480. Ruy de Pina a fez (Liv. 2.º dos Originaes, fol. 108).

Outro elemento ainda interessante se trava n'esta acção; é D. Anna de Mendonça, a formosa descendente dos Mendonças das = Ave Marias =.

Algumas campas d'esta familia estão na egreja do Espinheiro. Essa mulher era dama da *Excellente Senhora*, e foi amante de D. João 2.º, mãe do principe D. Jorge, duque de Coimbra, grãomestre de Aviz e S. Thiago.

Ahi fica em breves linhas indicada base sufficiente para trabalhos litterarios; aos espiritos possuidos de vocação, gosto ou tendencia para vestir os factos em amenas formas, nas artes ou nas letras, offerece a historia eborense assumptos do maior interesse. Percorram-se os capitulos do bom chronista Ruy de Pina e ver-se-ha surgir a cada passo o nome = Evora = ligado a todos os successos importantes do dramatico reinado de Affonso 5.º Só n'esse episodio que ahi deixo referido que extraordinarios contrastes, que variadas luctas, e que successos de importancia na historia das relações entre Portugal e Hespanha! Domina no quadro um tom de melancolia, aggravado ainda pela lembrança do contagio que por tantos annos devastou o paiz; e todavia, na historia eborense, figura como as horas abafadiças que antecedem o estourar da trovoadá. Até o proprio chronista, poucos annos depois, representou o seu papel na tragedia real. Epoca de maravilhas! que formidavel seiva, que valente sangue girava nas veias d'esses homens! porque, então, aqui nas ruas de Evora, n'esse meio de luctas e de contagio, cruzavam-se os que vinham de Ceuta e Tanger e os que partiam para Arzilla ou á descoberta das terras africanas; o bispo seguido pelos seus homens d'armas cortejava o principe rodeado dos seus pagens, escudeiros e cavalleiros; idyllios suaves, amores violentos desabrochavam em trovas de delicadas sub-



tilezas, de pensamentos viçosissimos; eram trovadores quasi todos esses guerreiros de Africa; nos paços do rei saúdos de extraordinario brilho alternavam com as rudes jornadas de guerra, com as agonias das lugubres tragedias.

---

## Convento de S. Bento de Castris

---

O nome «Castris» indica ter ali havido fortificação; aquelle monte quasi isolado, erguendo-se proeminente nas largas ondulações graniticas, de rapidas vertentes, dominando larguissimo horizonte, prestava-se sem duvida a essas rudes trincheiras de que os povos antigos se serviam. Ha alguns vestigios no Alentejo d'esses velhos arraiaes, na serra d'Ossa, em Castro Verde, na Colla, etc., muitos nas Beiras, em Tras os Montes, no Minho. Os romanos aproveitaram as obras de defeza que encontraram, e o nome que chegou até nós foi o romano, «castrum», arraial fortificado. Nem todos os montes fortificados se chamam castros, ou crastos, em facil corruptela; ha no paiz *castellos* (o da serra d'Ossa, por exemplo), e *cristellos*, e na Galliza apparece a variante *corôa*. Em muitos d'esses castellos e corôas nada apparece que se possa attribuir a romanos; são de construcção mais antiga: de modo que o termo *castro* pode, e no maior numero de casos assim é, designar uma obra pre-romana, aproveitada depois pelos grandes conquistadores.



Do velho arraial fortificado no monte de S. Bento nada resta agora.

A lenda eborense da tomada da cidade aos mouros collocou no mais alto do monte a torre ou atalaya onde estava a vigia sarracena.

Muitas pessoas tem fallado da torre; e hoje ainda ha quem veja, com os olhos da preocupação, vestigios da torre em certo cabouco proximo a um dos moinhos. Nada resta porem, e nenhum documento authenticico se refere a torre no alto de S. Bento; existe porém um documento insuspeito, do seculo XIV, relativo a certa propriedade proxima, em que se allude a uma torre não na parte mais alta, mas no declive nordeste; junto á torre de S. Bento no caminho dos pobres de Santa Margarida, antiga designação da azinhaga do Esborrondadouro.

Segundo as origens litterarias portuguezas o mosteiro de S. Bento é o primeiro de freiras em Portugal, alguns affirmam o primeiro da peninsula.

Não ha duvida que é antiquissimo. A' sua fundação liga-se tambem a lenda. O primeiro bispo d'Evora, depois da tomada da cidade aos mouros, D. Soeiro, em 1169, passando uma noite por aquelle sitio, viu uma luz; de tal brilho era que o bispo a julgou sobrenatural; tomando-a por aviso divino resolveu fundar ali uma casa religiosa; uma dama Urraca Ximenez o coadjuvou no empenho, e surgiu a ermida; quasi um seculo mais tarde, em 1274, Domingas Soeira alargava a primitiva edificação, fazia o mosteiro, adoptando-se a regra de Cister.

Que o convento de freiras começasse no seculo 12 ou 13 é para nós quasi indifferente; é certo que é antiquissimo; e que a egreja, a primitiva ou a restaurada, foi consagrada em 1328.

O edificio actual é vastissimo; o seu aspecto externo não deixa suppor a quantidade de casas e

officinas que formam uma verdadeira povoação; ha 70 annos viviam ali mais de 200 pessoas, a maior parte em casas ou moradas independentes. Chegou a ter 80 freiras. Os seus rendimentos foram sempre avultados. Hoje grande parte da casa jaz em ruinas. Com a cerca particular do convento, a horta, e as terras annexas forma uma das primeiras propriedades ruraes nos arredores de Evora.

Tem soffrido pelos tempos grandes reparos e reconstrucções; do primitivo templo nada resta; o actual é dos ultimos annos do seculo 15 ou principio do 16. O portico é muito interessante; as armas dos Mellos e a esphera de D. Manuel nos fechos das abobadas demonstram, ou pelo menos indicam, que o rei venturoso e algum dos Olivenças, talvez o 1.º conde de Tentugal, na epoca designada, concorreram valiosamente para a construcção da igreja. Mas na claustra ha columnas e capiteis que devem ser de epoca bastante anterior. E' muito ampla a claustra, não ha outra igual na cidade. Os dois pavimentos de duas faces tem arcadas bem conservadas; em um dos lados, no 2.º pavimento, corre uma vasta varanda, que é obra recente—D. Marianna Escolastica abbadesa a mandou fazer em 1825—, diz um letreiro ahi collocado. Outra grande reconstrucção da claustra teve lugar em 1687. N'um capitel vi a esphera de D. Manuel; n'outro o brazão dos Mellos, e as letras— d. p. m.— Mas a outros capiteis não repugna marcar o seculo 13 ou 14.

Vi tambem uma campa com letreiro em gothico que não consegui decifrar (a minha visita foi rapida); pareceu-me porem de grande antiguidade. Nada, nem na parte material, nem pela tradição oral, allusivo á abbadesa Joanna Peres, assassinada na sé por occasião dos tumultos na acclamação do

mestre d'Aviz, tragedia descripta com admiravel vigor pelo chronista Fernão Lopes. (Doc. historicos da cidade de Evora, pag. 76),

Era sobre a porta de uma capella da claustra que estavam os formosissimos seis azulejos, representando a Anunciaçãõ, um mimo da renascença, do genero, que hoje se guardam, com a sua moldura forrada de veludo vermelho, na collecção da bibliotheca publica.

As cosinhas e refeitorio da commuidade não servem ha muito; o refeitorio é uma casa enorme, de abobada, feito ou renovado em 1605. Tem uns quadros em azulejo notaveis, de 1654; o tecto conserva ainda a pintura caracteristica da primeira metade do seculo 17, representando o ar, o fogo, a agua, a terra, os mezes, as estações, etc.

E' a igreja do convento muito formosa; as suas proporções, os seus entalhados, quadros e azulejos formam um conjuncto de aspecto agradavel. Entre os quadros alguns são regulares; merecem porém attenção especial os dois que estão proximos da grade do côro de cima, exactamente os peor collocados para o observador. Não parecem completos, ou talvez sejam os lados de um grande tryptico; principalmente aquelle em que se vê uma comprida escada é de um tom, de finura, de expressão, de uma execução excepcional; era até ha poucos annos inteiramente ignorada aquella joia, agora é já conhecido por bastantes entendedores.

Merécem reparo as suspensões das lampadas, em madeira, de muita elegancia. Nos azulejos ha cousas raras, de uma grande audacia; o pintor não era máo mas esteve de proposito a fazer caricatura, e a inventar symbolos extraordinarios; tinha provavelmente alguma espinha com as freiras e vingou-se no azulejo; o grande pintor de certo

quadro da igreja de S. Francisco vingou-se dos gracejos e desdens de uma dama da cõrte, diz a lenda, pintando-lhe o retrato na figura do demõnio; o dos azulejos de S. Bento tão raivoso estava que foi pintar o Cupido a sahir do diabo, poz uma ratoeira na cabelleira da dama, e outras travessuras mais ou menos frescas que nos tempos antigos, nos bellos e piedosos tempos antigos, se toleravam; e que hoje nos parecem brutaes, grosseiras, em geral, e inteiramente improprias em taes lugares.

E' muito notavel o cõro de baixo, separado da capella mor por uma gradaria de ferro, de espaços largos; a abobada em arcos cruzados formando xadrez, como a do cõro do Paraizo. O cõro de cima é vastissimo; a primeira parte é exactamente a continuação da igreja reconstruida no seculo 16; provavelmente por ter crescido o numero de freiras augmentaram-no muito ao findar do seculo passado, e ainda em 1841 ali se fizeram obras importantes. Vi na estante do cõro um livro curioso = Livro dos hymnos feito no tempo de D. Anna Rita Peregrina do Desterro; em Alcobça, por fr. Rodrigo das Dores, 1798. = Tem suas pinturas e ornatos de algum valor.

Tenho posto de parte n'estas breves descripções dos conventos os milagres, os maravilhosos casos mysticos que nas chronicas monasticas enchem paginas, capitulos inteiros. Não ha convento que não tenha uma farta lista de milagres; hoje passaram de moda; parece que as freiras idosas perderam o geito para os prodigios, só em certos conventos a graça especial ainda se manifesta em bellissimos doces cujas receitas e segredos de fabrico têm provavelmente origem sobrehumana. D'antes não havia convento que se prezasse que não apresentasse uma collecção de visões, musicas celestiaes, estranhos acontecimentos; o Santo Offi-



cio teve de intervir por vezes, curando a energicos tratamentos a febre milagreira. Em Evora floresceu a vocação do prodigio; as chronicas contam dezenas de raridades que tiveram o seu epilogo no caso da beata, invenção dos frades dos Remedios, insignes fabricantes de reliquias cujas fôrmas chegaram até nossos dias. A inquisição liquidou o caso castigando severamente os espertos carmelitanos e todavia aquelle prodigio tinha uma certa novidade, era quasi original; porque, santo Deus, ao ler as chronicas monasticas pasma-se da monotonia, da falta de invenção; sempre as mesmas visões, os mesmos extasis, o crescer da cera nos altares, o crescer do grão na arca, do azeite na talha, sempre a mesma musica celestial. Já a meio do seculo passado o milagre tinha decahido muito, e por isso um prelado eborense escrevia, n'uma celebre questão com as freiras de Vianna, que estava cheio de pezar porque lhes via rebeldia e não piedade; não crescia já a cera nas tochas, nem o azeite no lagar, nos conventos só cresciam os vigarios e os procuradores.

Todavia em S. Bento houve dois milagres que por se affastarem do estylo vulgar mencionarei em breves linhas. Um dia appareceu uma menina no convento, caso nada extraordinario n'aquelles bons tempos; uma menina muito linda, mas com duas linguas; isto assustou a communitade inteira porque, então, já se vê, sendo as mulheres muito falladoras com uma lingua só, o que seria tendo duas linguas?

— Isto, exclamava a abbadessa no capitulo, é capaz de fazer perder a paciencia aos pinheiros da cerca. — Pegaram-se com S. Bento, e dias depois a menina tinha uma só lingua, ou por se terem soldado as duas, ou por uma se ter sumido; isso não conta o chronista.

Existiu em Evora um feiticeiro; tambem passou de moda este genero, tem levado tempo, ha restos ainda; ora mas uns restos que nem de leve dão idéa dos antigos feiticeiros e feitiços tão importantes ha 4 seculos ainda, que nas primeiras constituições impressas do bispado eborense se exaram curiosas disposições a respeito d'elles. O Santo Officio tambem os guerreou a par com as tendencias milagreiras. Mas voltemos ao caso de S. Bento. O tal feiticeiro era muito temido, era um feiticeiro muito máo; um bello dia quiz entrar no convento para envenenar a fonte d'onde as freiras bebiam. Por um pouco não foram victimas do feiticeiro; felizmente andavam na cerca, em passeio, quem tal diria! os dois patriarchas S. Bernardo e S. Bento, ambos com os seus baculos. Costumavam os dois santos, pelo muito que gostavam da cerca, ir de vez em quando espaiar á sombra das oliveiras e azinheiras. Quando o feiticeiro se preparava para o maleficio apparecem os patriarchas; bastava seguramente uma palavra ou um gesto de qualquer d'elles para pôr o feiticeiro a andar; quizeram fazer milagre mais assignalado; com os baculos zurriram-lhe as costas em solfa de fá bordão, a ponto de que o feiticeiro sahiu em braços da cerca e veio para a cidade n'um carro.

#### O ALTO DE S. BENTO

O forasteiro que vier a Evora não deixe de visitar o mosteiro de S. Bento, e suba ao monte proximo, ao alto dos moinhos. E' um passeio bonito, a breve distancia da cidade.

O alto de S. Bento tem 364 metros de altura sobre o nivel do mar, e 120 sobre os terrenos proximos. A estação do caminho de ferro está a 241



metros sobre o nível do mar; muito mais alta que o castello de Palmella; por este dado se pode formar idéa do que é o planalto do Alemtejo central.

Do alto de S. Bento descobre-se vastissimo panorama moldurado pelas longinquas serranias azuladas de Evora-Monte, Ossa, Portel, Vianna, e Alcaçovas. Entre verduras de quintas e hortejos ergue-se a casaria branca da cidade, relevada pelos grandes edificios dos palacios, dos templos e conventos, coroada pelas alterosas torres, pela esbelta cupula gothica da velha cathedral. Proximos da cidade os edificios da Cartuxa e de Santo Antonio; um pouco mais longe, sobresahindo entre os escuros olivedos, o historico mosteiro de N. S.<sup>a</sup> do Espinheiro. Em baixo, passando pela frente, o aqueducto; começa a grande arcada que leva a agua da Prata á cidade. Do começo da arcaria até á sua entrada em Evora ha uma differença de nível de 26 metros; o aqueducto junto de S. Bento está mais alto que o solo no passeio do templo romano, de modo que poderia formar repuxo n'este local. Este aqueducto, construido em tempo de João 3.<sup>o</sup>, tem uns 16 kilometros de extensão.

Nos campos distinguem-se claramente as vastas terras dos cereaes e das pastagens, lindas quando verdejantes na primavera; e as grandes manchas escuras dos montados de azinho e sobro. Nas terras mais nuas fitas de eucalyptos, de verde carregado, marcam as estradas. Branquejam os *montes* de muitas herdades, as casas de Machede, do Redondo, de Vianna.

O castello de Evora-Monte, celebre pela convenção de 1834, avista-se bem, no cerro conico que lhe serve de base; a ermida de S. Gens marca-nos o ponto culminante da serra de Ossa, e a

sudéste avista-se a egreja de S. Pedro de Portel.

O alto de S. Bento tem importancia geologica, é o ponto maximo dos granitos n'uma vasta região; como a serra de Ossa o é dos schistos (649 metros sobre o nivel do mar).

Na ampla collina em que assenta a cidade domina o schisto que se póde ver formando a base natural do templo romano, lado oriental, onde a rocha está a descoberto.









# JOAQUIM FILIPPE PEREIRA ABRANCHES

PRAÇA DE GERALDO, 59, EVORA

Centro de assignaturas de obras portuguezas e hespanholas

## ESTUDOS EBORENSES

- Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores d'Evora. Evora romana. Inscriptões lapidares, muralhas, esculpturas, etc,  
Antiguidades romanas nos arredores.  
Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras.  
A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI.  
Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca.  
Catalogos das pinturas, das curiosidades e objectos d'arte.  
Catalogo do museu Cenaculo.  
Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas.  
A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé.  
A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis.  
Bispos e arcebispos. Factos historicos.  
A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637.  
O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663.  
Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834.  
Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio).  
Balthazar Jorge em Diu. Os papeis dos Azambujas.  
Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.

Diccionario contemporaneo — Francez-Portuguez e Portuguez-Francez, por Domingos de Azevedo — Minho pittoresco — Diccionario universal portuguez — Maravilhas da sciencia, Louis Figuier — Viagens maravilhosas, Julio Verne (edição popular) — Historia da revolução portugueza de 1820, por José d'Arriaga — Illustração — Bibliotheca do povo e das escolas — Anno Christão — Ilustracion Iberica — Bibliotheca universal — La Tierra Santa — Mundo Ilustrado — Galeria dél arte decorativo — El Mexico atravez de los siglos — Egipto.

## MINERVA EBORENSE

DE

JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA

Rua d'Aviz n.º 93

N'este estabelecimento satisfaz-se todo o trabalho typographico com promptidão, economia e perfeição.

As encomendas de fóra d'Evora são remettidas ao seu destino.

### IMPRESSOS PARA ESCRIPTURAÇÃO

Toda a vez que a encomenda seja superior a 10 cadernos, e o modelo em meia folha, importa cada caderno, até 40 ditos, em réis 40, e d'ahi para cima o mesmo preço, mas com a redução de 10 por cento.



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## BELLAS-ARTES

NOTÍCIAS DAS BELLAS-ARTES EM EVORA PELO CONDE DE RACZYNSKI.  
OS QUADROS DO PAÇO ARCHIEPISCOPAL.  
QUADROS ANTIGOS NA SÉ, EM S. FRANCISCO, ETC. A INFLUENCIA FLAMENGA  
FRESCOS. OBRAS DE TALHA. ENTALHADOS POLYCHROMOS  
MOSAICOS DE MARMORE. ESGRAFITOS. FERRAGENS.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1886



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

## BELLAS-ARTES

NOTÍCIAS DAS BELLAS-ARTES EM EVORA PELO CONDE DE RACZYNSKI.  
OS QUADROS DO PAÇO ARCHIEPISCOPAL.  
QUADROS ANTIGOS NA SÉ, EM S. FRANCISCO, ETC. A INFLUENCIA FLAMENGA  
FRESCOS. OBRAS DE TALHA. ENTALHADOS POLYCHROMOS  
MOSAICOS DE MARMORE. ESGRAFITOS. FERRAGENS.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1886



# ESTUDOS EBORENSSES

---

## As Bellas-artes em Évora

NOTÍCIAS DAS BELLAS-ARTES EM EVORA PELO CONDE  
DE RACZYNSKI

---

O conde de Raczynski nasceu em Posen a 2 de maio de 1788. Pertencia a uma familia distinctissima; muito novo entrou na carreira diplomatica. Em 1831 estava em Copenhague como encarregado de negocios da Prussia. Em 1840 era conselheiro de legação: em 1842 veio para Portugal como embaixador da Prussia, logar que deixou poucos annos depois por transferencia para Madrid. Em 1853 obteve a exoneração d'este cargo, sendo pouco depois chamado a occupar um logar hereditario na camara alta. Morreu em 21 d'agosto de 1874, com 86 annos de idade.

O conde de Raczynski chegou a Lisboa em 13

de maio de 1842. As cartas sobre as artes em Portugal vão de dezembro de 1843 a janeiro de 1845.

Viajou bastante pelo nosso paiz examinando, como sabio e fino conhecedor que era, as nossas preciosidades artisticas; o resultado dos seus estudos e excursões são as duas obras — *Les Arts en Portugal, lettres adressées à la société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents* (Paris, 1846); e o *Dictionnaire historico-artistique du Portugal* (Paris, 1847), — que ainda hoje constituem o principal trabalho, copioso, fundamental, ainda que pouco methodico, para a historia da arte portugueza.

Em Portugal e Hespanha comprou bastantes quadros que, juntos com muitos outros que adquiriu nos varios paizes que percorreu, formaram uma galeria de pinturas no seu palacio de Berlim, tão notavel que é muito recommendada pelos guias.

Em Evora esteve no meiado de 1844; conheceu o dr. Cunha Rivara, e João Rafael de Lemos; Henrique O'Neill, illustre cavalheiro de origem ingleza que por algum tempo residiu em Evora na qualidade de recebedor geral da provincia, tambem lhe forneceu algumas indicações.

Na livraria Rivara, tão generosamente cedida á nossa bibliotheca publica pela ex.<sup>ma</sup> viuva do sabio conselheiro, existem as duas obras mencionadas, offertadas pelo proprio conde, e tendo o *diccionario* algumas notas á margem talvez de sua letra.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, professor do lyceu e conservador do museu industrial do Porto, publicou um esboço biographico de Raczyński, que elle conheceu e visitou em Berlim (em outubro de 1871); o conde ainda fallava com muito interesse de Portugal, informando-se dos seus velhos amigos.

É para consolar ver estes estrangeiros que tan-



to se interessam pelas cousas portuguezas, ao passo que a maioria dos nacionaes tudo acha máo e desprezível. A obra do illustre embaixador prussiano ainda hoje não está excedida. N'estes ultimos annos porem tem-se trabalhado alguma coisa e, continuando o impulso, teremos em breve muitos materiaes para a historia da arte em Portugal.

A carta que vamos publicar é a 15.<sup>a</sup> do volume *Les Arts en Portugal*, pag. 353, que diz respeito a Evora.

Em parenthesis irão algumas observações indispensaveis para completa intelligencia do texto, ou necessarias por terem alguns objectos sido deslocados.

Evora, 9 de julho de 1844.

Fiz bem vindo aqui para verificar o que avançára em algumas das minhas cartas, principalmente nas cartas 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> (referem-se mais especialmente á questão Grão-Vasco e antiga pintura portugueza), porque succede que muitas das informações que recebi d'esta cidade não são exactas, e affirmei bastantes erros.

Na minha 10.<sup>a</sup> carta os monogrammas 2 e 5 (referem-se ao quadro em madeira *o menino entre os doutores ou a disputa*, que Cenaculo poz na sala de leitura, e hoje está na sala de quadros; os monogrammas estão nos ladrilhos pintados no quadro, no primeiro plano; ha outro, me parece, tambem num ladrilho mas em plano mais afastado), fundem-se no monogramma 3, em que eu vejo as letras iniciaes de Christovão de Utrecht. Na bibliotheca d'Evora não existe a *Adoração dos Magos*; emquanto á *Disputa* é um quadro que fazia parte da colleccção de doze quadros da vida da Virgem que antigamente ornavam a capella mor da cathedral.

Os outros onze estão agora no palacio archiepiscopal, aos lados e em frente de outro quadro muito maior que representa a Virgem 'num throno rodeada de anjos que tocam diversos instrumentos. A Virgem assim representada é denominada *S. Maria da Gloria*. Este quadro estava no altar mor da Sé; os outros que teem 1<sup>m</sup>,33 por 1<sup>m</sup>,81 occupavam as paredes lateraes. Os assumptos d'estes ultimos são :

- O Nascimento da Virgem.
- A Virgem indo para o templo.
- O Casamento.
- A Annunciação.
- O Sonho de S. José.
- O Nascimento de Christo.
- A Apresentação no templo.
- A Adoração dos Magos.
- A Circumcisão.
- A Fuga para o Egypto.
- A Disputa (na bibliotheca).
- E a Morte da Virgem.

Todos estes quadros têm de modo evidente o cunho da influencia dos Van Eyck. Todavia, se são de Christovão de Utrecht como o monogramma leva a crer, são posteriores aos Van Eyck mais de um seculo.

Eu dou conta simplesmente das minhas supposições, das minhas impressões. não ousou garantir cousa alguma.

Na mesma salla onde se acham estes quadros estão outros seis representando scenas da Paixão. São quadros em madeira de 0,65 por 0,80. São de merito secundario, ainda que offerecem alguma analogia com as obras de Hemmeling (o quadro da Senhora da Gloria está hoje na capella do re-

verendissimo prelado; os onze de que falla primeiro e os seis menores na sala immediata).

O quadro da Virgem rodeada de anjos (a Senhora da Gloria) é inteiramente admiravel! De todos os quadros gothicos que tenho visto em Portugal é este o que acho de maior merecimento. Recorda-me o do altar de Gand. É infinitamente superior aos outros doze, e difficilmente poderia ser obra do mesmo pincel.

O quadro da Virgem foi pouco restaurado, os outros doze estão egualmente bem conservados, excepto a *Disputa* que soffreu mais pelo tempo e pela restauração.

Estes quadros não têm mais analogias com os de S. Bento e Paraiso expostos na academia de Lisboa que a epoca a que pertencem, e a influencia flamenga que a todos é commum.

A fundação da antiga capella sobe a 1270, isto é, a uma epoca anterior 250 annos á dos quadros. O altar mor, como veremos, foi restaurado em 1570; e esta ultima data tambem não coincide com a da actividade artistica de Christovão de Utrecht em Portugal. Este artista morreu em 1557; mas os doze quadros podem muito bem ter sido collocados na capella antes de 1570, e mesmo o do altar mor pode ter sido retirado enquanto duraram os trabalhos da restauração do altar e novamente collocado depois.

A capella foi inteiramente reconstruida por Ludovici, o architecto de Mafra, em 1721. Tiraram então os quadros do seu logar e ficaram mal guardados. Foi o arcebispo Cenaculo que os salvou do olvido e os collocou no seu palacio pelo começo do presente seculo.

A nova capella mor da cathedral é de agradável effeito architectonico; revestida internamente de marmores de differentes côres e de marmore

branco no exterior; mas forma com o edificio o mais frisante disparate.

O actual quadro principal representa a Assumpção da Virgem, e lembra muito as obras de Mengs; comtudo não pode ser d'elle porque este quadro foi encommendado para Roma em 1728, data do nascimento d'este pintor. Tambem não pode ser de Batoni, como se julga aqui, porque este pintor em 1728 tinha apenas 20 annos; demais é de um estylo e trabalho que se não parece ao que eu conheço das obras de Batoni. Custou 700000 réis, os outros quatro da mesma capella que são mais inferiores custaram 270000 réis cada um.

Segundo o livro do Padre Fonseca intitulado *Evora gloriosa*, a cathedral d'Evora foi fundada pelo bispo D. Paio. Os primeiros trabalhos começaram em 1186, e fôï consagrada em 1204. O bispo D. Durando 1.<sup>o</sup> que governou de 1267 até 1281 ou 1283, restaurou a capella mór; e o altar mór foi restaurado em 1570 pelo arcebispo D. João de Mello.

A cathedral tem um ar velho; é um edificio assás vasto, mas não offerece aspecto grandioso e rico.

Internamente revestiram-na de um reboco que me impressionou muito mal.

Ainda peor impressionado fiquei por uns ornamentos grosseiramente pintados e de pessimo gosto que terminam as abobadas, e se veem em todas as paredes. Externamente a cathedral está intacta.

O convento de S. Francisco foi supprimido e despojado de todos os seus quadros. A igreja, fundação de João II e Manuel, ainda conserva muitos. Entre os primeiros havia um certo numero que se attribuia a Grão Vasco, como é uso em Portugal para a maior parte das velhas pinturas que teem um certo ar gothico.

Nos da egreja alguns ha que a tradição attribue ao mesmo pintor e que teem algum merito. Taes são os seguintes: por cima de um dos altares, lado da epistola, um *S. Jeronymo* e outro *santo eremita*; figuras em dois terços do corpo; por cima o Anjo da guarda sustenta o escudo de Portugal, e *S. Miguel* segura na mão uma corrente que vae terminar n'uma nuvem. Esta nuvem substituiu o diabo ao qual, segundo dizem, Grão Vasco pintava uma formosa cara de mulher.

Sobre outro altar está *S. Francisco recebendo os estigmas* e *S. Antonio prégando aos peixes*, e por baixo *S. Clara* e um santo da ordem de *S. Francisco* que tem aos pés tres mitras.

Conta-se uma anedocta a respeito da nuvem que *S. Miguel* segura com a cadeia; accrescente-se esta ás muitas que se referem a Grão Vasco. Segundo esta tradição a figura do diabo seria o retrato de certa dama de uma das mulheres de *D. Manuel*; a dama achando o pintor muito feio gracejava d'elle um dia, vendo, da tribuna em que estava, o artista que pintava este quadro. Por despeito o pintor representou o diabo com o rosto que era o retrato da dama. Esta formosa cara, ha uns cincoenta annos, causava distracções a um frade quando celebrava a missa; e foi este que, sendo guardião do convento, mandou occultar a figura pintando uma nuvem (em nota diz *Raczynski* — não ha necessidade de vos fazer notar o anachronismo — suppondo que Vasco não pintava em tempo de nenhuma das esposas de *D. Manuel*. A lenda tem o cunho de simples anedocta inventada ou improvisada por algum espirituoso; bastaria reformar o rosto do diabo e não tapar-lhe toda a figura; provavelmente este diabo era feio de mais, talvez indecente, porque as idéas de conveniencia eram mui diversas no seculo 16 das do seculo 19).



No frontispício da igreja de S. Francisco que na verdade não é de grande riqueza, nem da melhor conservação, patenteam-se signaes que attestam por seus fundadores os reis João II e Manuel; são o pelicano de João II e a esphera de Manuel.

A bibliotheca contém muitos objectos interessantes. Nos quadros citarei a *Disputa* de que acima fallei tendo os monogrammas X. V.; o Christo caminhando para o supplicio, sob vidro e pintado sobre cobre, com um grande numero de pequenas figuras; parece pertencer á epoca immediatamente precedente á de Rubens (hoje não tem vidro, nem o precisa ter; este quadro está assignado A. Willenhoudt). Muitos quadros do morgado de Setubal que se assignava José Antonio Benedicto de Faria e Barros; os retratos do arcebispo Cenculo e do marquez de Pombal, por Joaquim Manuel da Rocha; um quadro de Josefa de Obidos representando um cordeiro deitado, cercado por uma grinalda de flores; e *incendios* que julgo de Pereira.

Vi em Setubal e Evora muitas pinturas do morgado de Setubal que não augmentaram muito a minha estima pelo seu talento. Vê-se que nasceu com uma certa disposição para apanhar com verdade os caracteres das figuras, mas vê-se tambem que o seu talento não foi sabiamente dirigido. Pintava grosseiramente, ou melhor não sabia pintar, mas ser-lhe-hia muito facil aprender. O quadro de Josefa de Obidos é um dos mais agradaveis que tenho visto d'esta pintora.

O esmalte sobre cobre que se conserva na bibliotheca d'Evora, e de que já fallei, não correspondeu á minha espectativa depois do que tinha ouvido dizer a este respeito. Não é superior, no ponto de vista artistico, aos velhos esmaltes saídos na maioria, segundo creio, das officinas de Limo-



ges. O que é preciso dizer é que está perfeitamente conservado. Representa no centro: Christo sobre a cruz — e nos dois batentes que se fecham sobre o quadro principal: — Pilatos lavando as mãos — a subida ao Calvario — o limbo — e o apparecimento de Christo á Virgem. — O quadro central tem 0,27 por 0,24 (agora, depois das exposições de arte ornamental, considerado de 1.<sup>a</sup> ordem pelos especialistas).

Ha tambem muitos desenhos de Vieira Lusitano, alguns excellentes e até importantes. Todos os feitos a lapis vermelho são, segundo creio, de Vieira Lusitano. Os outros são devidos a artistas diversos. Esta bibliotheca contem muitos manuscritos, e entre outros os do arcebispo Cenaculo, cuja memoria é celebrada no reino, e que morreu em 1814 com 90 annos de idade. O numero dos livros é superior a 50:000.

A bibliotheca possui muitos missaes antigos assim como livros de orações; d'estes ha dois, de pequenas dimensões, que são admiraveis. Um d'elles acaba pelas palavras: *fidelium Deus oms*, e o outro: *opera p. d. n.*

Eis quanto me chamou a attenção n'este estabelecimento. Ha ainda muitos outros quadros de todos os generos, especialmente retratos, mas de pouco merecimento artistico. Outro tanto direi dos quadros da Vestiaria da Cathedral, e de outras collecções de quadros de diversas casas. Na primeira sala do palacio archiepiscopal vê-se um S. José com o menino Jesus em pé sobre os joelhos. Diz-se que é copiado por André Gonçalves do original de Rubens. Pode ter sido pintado por Gonçalves, mas duvido que seja copiado segundo Rubens.

O bibliothecario, sr. Rivara, tem grande cuidado em introduzir alguma ordem n'esta Bibliotheca, e

ha de conseguil-o se não houver novas revoluções; porque estas aqui só sabem parar e destruir o bem que se faz, promettendo novos beneficios.

Na sacristia da igreja da Graça, que está profanada, e transformado o convento em quartel da guarda nacional, conserva-se ainda uma parte de uma vidraça colorida com algum merito, que é, como as que estavam nas janellas do refeitório, de 1542.

A igreja e convento de S. Francisco possuíam tambem uma grande porção de vidraça um pouco mais antiga (1527). Estavam todas em mau estado e foram recentemente transportadas a Lisboa. As vidraças coloridas de S. Francisco eram obra do mestre Francisco Henriques.

Evora possui antiguidades romanas. Entre os fragmentos mais notaveis da architectura d'esta época é preciso citar as columnas de tres faces d'um templo chamado de Diana. Os intervallos entre as columnas estão cheios por antiga alvenaria. Por muitos seculos serviu de açougue, e só em 1834 mudou de destino. Se não utilisassem tão bem este templo nada existiria d'elle (Vide o Templo romano, estudo eborense já publicado).

Outro monumento que se liga aos romanos e a Sertorio, é o aqueducto. Sertorio, embora romano, foi o Arminio de Portugal; foi elle o libertador d'este paiz do dominio romano (Veja-se Biographia de Quinto Sertorio, de Plutarcho, versão portugueza com um estudo sobre a romanisação da península iberica). Do aqueducto em questão só restavam os alicerces, e estes mesmos encobertos; foi preciso achal-os, descobril-os. Foi João III que, seguindo os conselhos de André de Resende (sacerdote, historiador, litterato, e encarregado da educação dos filhos mais novos de D. Manuel), fez construir, sob a direcção de Resende, o aqueducto

que hoje ainda fornece á cidade excellente agua. O novo aqueducto foi construido sobre os alicerces do antigo. João III mandou tambem construir uma fonte sob o arco principal d'um arco de triumpho romano, que então se erguia na praça principal. O cardeal-rei D. Henrique, ultimo soberano da gloriosa dynastia de Aviz, teve a deploravel idéa, sendo ainda arcebispo d'Evora, de mandar demolir arco e fonte. Melhor fizera se os mandasse restaurar, se acaso careciam de reparação. Mandou erguer outra fonte, que é a que ainda hoje se vê na praça, e que embora não seja feia, não desculpa o vandalismo de quem ao mesmo tempo destruiu dois monumentos tão ricos de recordações historicas. Pombal, o grande Pombal, vingou a antiguidade, e destruiu *radicalmente* em Evora as fundações do cardeal D. Henrique, unicamente porque estas respeitavam aos jesuitas. Com a abolição da academia (universidade) que estes ultimos dirigiam na cidade e que por muito tempo floresceu, começou a decadencia da antiga Evora (muitas apreciações precipitadas, talvez devidas a informações pouco exactas, n'estes periodos). A agua da antiga fonte jorrava da boca de cinco grandes leões de pedra que estão agora dispersos em varias fontes publicas e particulares. Dizem que as columnas internas das escolas no convento dos jesuitas, hoje Casa Pia, pertenceram ao antigo arco romano; mas duvido por causa do seu grande numero, e dimensões eguaes. Não posso acreditar que um arco de triumpho romano contivesse tantas columnas pertencendo á mesma ordem de architectura. Talvez se servissem das pedras do arco para fazer estas columnas.

Existe tambem em Evora uma torre do antigo castello que ainda hoje tem o nome de Sertorio, e muitos pannos ou cortinas de muralhas que dizem

ser romanos. E todos os dias se descobrem, na cerca da cidade e nos arredores, inscripções, fragmentos de ornatos architectonicos, etc. Ha bastantes na antiga casa de André de Resende cuidadosamente conservada na rua que tem o seu nome. Vê-se em muitas casas, nas da familia Valença por exemplo, que fórma um ramo da dynastia reinante, ornatos architectonicos do estylo manuelino e formando cornijas ou molduras de portas e janelas.

O que me deixou recordações mais preciosas que as antiguidades romanas, que a architectura e os quadros, foi a benevolencia e o amavel acolhimento do sr. vigario capitular, do administrador do concelho sr. Rafael de Lemos; do sr. Rivara bibliothecario; dos srs. governador civil e barão de Resende, coronel de cavallaria 5, de guarnição em Evora. A respeito do sr. Lemos disseram-me — a ordem e a concordia são inseparaveis d'elle —.

Evora é uma cidade de 11:000 habitantes; tem ruas estreitas e um aspecto antigo e pittoresco, como um vetusto carvalho, cujos ramos tombam pelos seculos. Até mesmo a sua decadencia é já antiga. Data de Pombal que foi para Evora o que o terremoto foi para Lisboa, uma calamidade. Este modo de julgar Pombal não é o geral. Ninguem como elle foi objecto de opiniões divergentes: e ouvi dizer que o grande marquez fizera mal na verdade a Evora pela expulsão dos jesuitas, mas em compensação lhe fizera muito bem pelas suas leis protectoras da agricultura e da industria.

O Alemtejo é na sua maior parte deserto e inculto. Entre Alcacer e Alcaçovas, 5 leguas, só se avistam mattos, e caminha-se na areia. Durante horas, sob um sol ardente, não se encontra alma viva, nem uma arvore, uma casa, uma fonte. Mas viaja-se em segurança e nunca encontrei uma pes-



soa cuja vista me fosse desagradavel. A desmoralisação e os sentimentos ruins não estão no povo; sempre volto a isto. Não se póde amar Portugal e os portuguezes sem lhes desejar que se esquivem á influencia dos intrigantes politicos que pilham o povo. . . e ainda em cima o calumniam. Não vejo ancora de salvação para Portugal senão no throno, e é isto o que o povo conhece bem.

---

NOTAS RELATIVAS A EVORA EXTRAHIDAS DO  
 «DICTIONNAIRE HISTORICO-ARTISTIQUE DU PORTUGAL»  
 PELO CONDE DE RACZYNSKI

Os irmãos Abreu esculptores em madeira e entalhadores, na primeira metade do seculo 18; obras na Cartuxa e no convento (egreja) de S. José (convento novo).

Francisco da Arruda, architecto, mestre das obras do Alemtejo e dos palacios d'Evora, e medidor geral das obras, em 1531. Em 1545 apparece cavaleiro da casa real, e mestre das obras reaes, com a pensão annual de 16,000 réis. Mais tarde outra de 10,000 réis pelas reparações do aqueducto da agua da prata.

Diogo d'Arruda, architecto, mestre das obras d'Evora, depois da morte de Martim Lourenço (1525).

Batoni, Pompeu, 1708-87. Os quadros da egreja da Estrella, são d'este pintor. Dizem que os quadros da capella mór da Sé d'Evora são do seu pincel, mas Raczyński é de opinião contraria (Outros teem fallado de Trevisani. Francisco Trevisani (1656-1746) que em Roma foi mestre do nosso Vieira Lusitano).

A princeza D. Maria Benedicta, tia de João 6.º, falleceu em 1829. Pintou alguns quadros com merito, o melhor é talvez — o coração de Jesus — na Ajuda. Na Bibliotheca d'Evora, sobre a porta do gabinete Rivara, uma — Virgem —, copia do original de Trevisani.

Antonio João Coelho entalhador em Evora. Fez uma banquetta para a Cartuxa que está hoje na Sé. Na Cartuxa havia uma de prata, importante, que foi roubada pelos francezes (As banquetas de prata foram sacrificadas na contribuição de guerra paga em abril de 1808; não foi no saque. É por isto que na Sé, Misericordia, etc. ficaram os crucifixos isolados sem os castiças correspondentes).

Bento Coelho da Silveira, morreu muito velho em 1708. Parece que ha alguns quadros d'elle em Evora. *A ceia*, na egreja de Santo Antão, é de 1697. Citado na vida manuscripta de fr. Luiz da Silva. A talha de Santo Antão é tambem de 1697.

Matheus do Couto, architecto da inquisição. O edificio da inquisição de Evora está delineado no Livro dos planos das inquisições, na Torre do tombo.

Fernão Vaz Dourado, illuminador e cosmographo; fez um atlas que D. Theotonio de Bragança deu á Cartuxa d'Evora.

Fernão d'Evora, architecto. Em 15 de dezembro de 1450, D. Affonso 5.º doou a Fernão d'Evora e seus successores certas casas junto da Batalha, pelos bons serviços que prestara na construção do edificio. Morreu por 1477, succedendo-lhe mestre Guilherme. Era sobrinho de Martim Vasques. Já em 1448 trabalhava na Batalha.

Henrique de S. Jeronymo, segundo Guarienti,



religioso de S. Domingos, que vivia por 1530. Pintou varios quadros em Evora. Depois foi bispo de Cochim, e arcebispo de Goa.

Jorge Guerreiro, entalhador, trabalhou na igreja das Mercês, seculo 18.

Antonio de Hollanda, illuminador, trabalhou em Evora para o convento de Thomar. João 3.<sup>o</sup> deu-lhe uma pensão em 1527. Miguel de Hollanda seu filho, morreu depois de 1549. João Homem de Hollanda foi juiz de fóra em Obidos. Antonio foi o primeiro que fez aguadas e grisalhas, pinturas a claro-escuro, em Portugal. Ha no paço duas grisalhas, scenas de caça.

Francisco de Hollanda, artista insigne, sendo novo esteve em Evora, antes de ir á Italia.

Martinho ou Martin Lourenço, mestre das obras do convento de S. Francisco. Existe um alvará de D. Manuel (1507) mandando a Alvaro Velho, recebedor dos trabalhos de S. Francisco d'Evora, que lhe pague 47000 réis. Outro de 1512. Em 1513 era mestre de todas as obras reaes; na mesma data lhe manda levantar o dormitorio de S. Francisco. Morreu por 1525.

Affonso Lopes, pintor de D. Manuel, esteve em Evora por 1516.

João Luiz, entalhador, por 1750 e antes: trabalhos no Convento novo e Carmo.

Joaquim Monge, entalhador, trabalhos em Santa Catharina e Mercês, seculo 18.

---

Affonso de Moraes, architecto. Querem que o claustro de S. Francisco seja d'elle; isto não parece positivo.

---

Morales (el divino), pintor hespanhol do seculo 16. Guarienti diz que ha em Evora um quadro d'elle (S. Catharina).

---

Morgado de Setubal, José Antonio Benedicto de Faria e Barros; apanhava a natureza facilmente: desenhista fraco, pintava grosseiramente, colorista terroso. Morreu em 1809 antes dos 60 annos. Muitos quadros d'elle nos palacios de Oeiras e do conde de Farrobo, em Setubal e Evora.

---

Margarida de Noronha, professou adoptando o nome de Margarida de S. Paulo, natural d'Evora, filha de D. Francisco de Noronha, conde de Linhares, e de D. Violante d'Andrade. Pintava e desenhava distinctamente. Morreu com 86 annos, em 2 de janeiro de 1636.

---

Francisco Nunes, pintor, natural d'Evora; floresceu por 1600.

---

Josefa de Obidos ou Josefa de Ayala; filha de Balthazar Gomes Figueira, natural de Obidos, e de D. Catharina Ayala y Cabrera, de Castella. Nasceu em Sevilha e veio para Portugal depois da aclamação de D. João IV. Morava na quinta Cappelreira perto de Obidos. Pintava flores e fructos;

tambem trabalhava a pontinho e a martello em prata e ouro; fez retratos, entre outros o da princeza D. Izabel, filha de D. Pedro II. Morreu em 22 de julho de 1684. Está sepultada em S. Pedro de Obidos. O seu melhor quadro é o *cordeiro* de Evora (na Bibliotheca). Era tambem gravadora.

---

Antonio de Oliveira pintor de azulejos, vivia por 1746 (Azulejos dos Loios e na ermida da Senhora da Cabeça).

---

Francisco Xavier, natural d'Evora (1775); foi discipulo de Ignacio de Oliveira Bernardes (quadros da Misericordia, 1737).

---

Oliverio (Olivel) de Gand, entalhador, trabalhou em S. Francisco, em tempo de D. Manuel.

---

João Antonio Padua, esculptor italiano, obras na capella mór da Sé (as estatuas de marmore).

---

José Jacintho, conego d'Evora, discipulo em pintura de Joaquim Manuel da Rocha; a este Rocha se attribuem os retratos de Cenaculo, e do marquez de Pombal, na Bibliotheca (o de Cenaculo em muito máo estado).

---

Martim Vasques d'Evora, architecto, mestre das obras da Batalha; succedeu, parece, a mestre Huet: em 1448 já era fallecido.

---

Francisco Vieira de Mattos (Vieira Lusitano).

Nasceu em Lisboa, a 4 de outubro de 1699, falleceu em 13 de agosto de 1783. O marquez de Abrantes, admirado da sua habilidade para o desenho, indo a Roma como embaixador de D. João V. levou-o comsigo. Esteve 7 annos em Roma, estudou com Lutti e Trevisani, e obteve o 1.º premio da Academia. Mais tarde voltou a Roma. Em 1773 esteve em Sevilha; nomeado depois pintor d'el-rei (Grande collecção de desenhos a lapis vermelho na Bibliotheca e uma grande tela — Santo Agostinho — na igreja de Santo Antão).

---

### Quadros e pintores

O conde de Raczyński attendeu principalmente ás pinturas em madeira que estão no paço archiepiscopal. São importantissimas; todavia merecem reparo muitos outros quadros da cidade. Na Sé, nas capellas lateraes, ha uma — *Piedade* — notavel, uma — *Adoração dos reis* — que merece estudo, e um quadro, infelizmente bastante deteriorado representando — *S. S. Vicente, Sabina e Christeta* —. Os quadros da vestiaria são importantes; entre elles ha duas grandes pinturas imitando triptycos, com um grande quadro central e seis pequenos lateraes com bustos de santos, que tem importancia na historia da arte. As pinturas, é conveniente ponderar, tem diversas especies de importancia: ha quadros de mestre, obras primas d'arte; ha pinturas antigas, ou raras, ou de processo especial; ha quadros que são documentos para a historia da arte, porque nos reproduzem ornatos, utensilios, construcções, ourivesaria, joalheria, rendas, bordados, indumentaria da epoca a que pertencem. Ha ainda na vestiaria outros quadros em madeira, do seculo XVI, que julgo alludirem á jornada do Salado; provavelmente formavam o armario ou maqueteta onde em tempos esteve a reliquia do Santo Lenho. Parece-me que representam elrei D. Afonso 4.º fazendo o voto antes de partir para a guerra con-

tra os mouros, outro quadro maior em largura, mas de igual altura representa a partida, outro quadro igual a este a chegada, e lá se vê o príncipe sarraceno prisioneiro entre os cavalleiros christãos que seguem o rei que ostenta victoriosa a Vera Cruz: o 4.º equal ao primeiro, é o rei cumprindo o voto. Estão bem conservados.

Na pintura flamenga exertam-se os portaes á romana, á renascença, o que lhes marca o começo do seculo 16.

São bem conhecidos os quadros de S. Francisco. Em S. Mamede existe hoje um quadro antigo que estava no extincto convento de Santa Monica. Em Santo Antão o quadro das Almas é de Jeronymo Corte Real; aqui tambem uma tela mais recente o Santo Agostinho, de Vieira Lusitano.

Sobre todos realça a *Sr.ª da Gloria* do paço, com o seu brilhante cortejo de pinturas excellentemente conservadas; mas é preciso não esquecer os 6 quadros menores; hoje tem bem maior importancia da que tinham na occasião da visita do conde. Este escrevia em 1844, ora, pode dizer-se, ha vinte annos apenas que se começaram estudos de intensidade e methodo a respeito dos admiraveis mestres, das prodigiosas escolas de pintura da Flandres e da Hollanda. Em poucas palavras, julga-se que os seis pequenos quadros do paço são de algum dos primeiros mestres flamengos. A — *Ceia* —, é quasi identica á de Thierrí Bouts, da egreja de S. Pedro, em Lovaina. Para os outros quadros falla-se de Gerard David (1460 a 1523), um grande mestre que só ha pouco a critica artistica, na Flandres, achou e soube separar de Memling.

Ha muitos quadros antigos em Lisboa, Coimbra, Vizeu; alguns no convento de Jesus em Setubal: mas é indispensavel vir a Evora, porque se aninham aqui, e bem conservadas, muitas pinturas de inestimavel valor. Ha elementos para a historia da arte, não só da evoluçào ou feiçào portugueza, mas da flamenga, d'essa portentosa erupçào artistica que coincidiu com o cumulo vital, permitta-se-me a expressào, da gente portugueza.

A respeito da influencia flamenga na arte portugueza diz Wanters, depois de fallar de Hespanha, = en Portugal elle est plus frappante encore, ainsi que l'a si bien démontré l'exposition de l'Art ancien á Lisbonne, en 1882. =

= Si l'on s'efforce, dit M. Ch. Yriarte (eminente critico de arte) de voir le plus grand nombre possible de toiles et de panneaux de provenance purement portugaise,



on constatera partout l'influence flamande, et si l'on cherche les preuves dans l'histoire, on les trouvera sans effort. Roger Van der Weyden, Thiérri Bouts, Memling, Quentin Metsys, le bizarre Jérôme Bosch, Michel Coxie, sont les noms que reviennent le plus souvent á l'esprit, en face de tableaux incontestablement peints par des Portugais = . Muitos elementos para o conhecimento da influencia artistica da Flandres em Portugal se encontram nas eruditas publicações do sr. Joaquim de Vasconcellos.

Os quadros flamengos de Evora tem sido vistos nos ultimos annos por Ceuleneer, Bredius, Haupt, etc. e póde dizer-se cada visita de artista ou conhecedor lhe augmenta a importancia.

Os quadros de S. Francisco, da Sé (capellas lateraes), da vestiaria, importam para o estudo da influencia flamenga na arte portugueza.

Documentos directos, precisos, da actividade artistica em Evora, são raros, de pequena importancia, os que até agora nas minhas indagações tenho conseguido descobrir. Todavia encontram-se bastantes nomes de pintores; de alguns se sabe positivamente que pintavam quadros; de outros pode presumir-se pela importancia relativa de sua posição social.

O pintor Affonso Lopes demorou-se em Evora (1516).

Balthazar de Moraes mencionado em 1540.

Francisco Ignacio entrou na irmandade da Misericordia em 1563; era mezario em 1579; tinha criados e escravos; não podia ser pintor insignificante.

Manuel Fernandes, 1570.

Antonio Nogueira, 1575.

José d'Escobar, 1612.

Antonio Vogado, 1631.

Manuel Figueira, 1676.

Diogo Roiz Pinto, 1681.

Francisco Lopes Mendes, 1685.

Francisco Nunes, 1697.

Francisco Ferreira, 1710.

José Henriques, 1715.

Francisco Xavier, 1737.

Algumas d'estas datas são da entrada na irmandade da Misericordia.

Francisco Xavier é o pintor dos quadros em tela, em magnificas molduras de obra de talha dourada que enobrecem a egreja da Misericordia.



Francisco Nunes é conhecido. José d'Escobar pintou uns quadros para a ermida de S. Roque de Valcôvo, que desapareceram.

Em novembro de 1578 finou-se o pintor Estevão Gonçalves. A peste de 1580 matou Francisco de Campos, Jorge Diniz e Manuel Fernandes.

---

## Frescos

Não temos infelizmente frescos de 1.<sup>a</sup> ordem. Se os tivessem feito tinham-se conservado; nos paizes do norte, é quasi impossivel conservar uma pintura a fresco; na Italia é difficil; os grandiosos *frescos* dos antigos chefes de escola esvaem-se dia a dia. Em Evora ha uma coincidência feliz, o clima é pouco humido, e a cal é de qualidade muito especial, de extraordinaria rijeza. A cada passo se vê ahí esboroada a superficie do silhar de granito, intacta e saliente, fazendo moldura, a camada de cal que o fixava. Por isto seguramente se conservaram alguns frescos antigos, completos, em plena côr; infelizmente não os encarregaram a artistas superiores. Notavel o tecto da sacristia da Casa-pia (1599), na sua extraordinaria ornamentação apresenta verdadeiros documentos de trajos, mobilia, etc. De fina pintura e colorido mimoso alguns pequenos quadros no tecto da capella do Santissimo, na igreja da Casa-pia. De boa execução, desenho opulento, fino colorido o tecto de Santa Clara, infelizmente arruinado em parte. Outros frescos nos tectos de S. Mamede, S. Thiago, Paraizo, aula do sexo masculino da freguezia de Santo Antão (antiga igreja de S. Paulo), etc. Frescos notaveis nas salas do pavimento terreo do palacio do pateo de S. Miguel.

---

## Esgrafitos

*Esgrafito*, aportuguezando o italiano *sgraffito*, é uma es-

pecie de desenho traçado com ponteiro, ou cortando com uma colher pequena d'alvanéo, na parede fresca, riscando, formando um ligeiro relevo, que fica em escuro sobre fundo branco, ou na inversa.

Usaram-se muito na Italia; o tempo sujando e estragando as alvenarias fez desaparecer esses ornatos, e por isto o processo está hoje esquecido, ou abandonado. Não em Evora; ainda recentemente se tem feito aqui *esgrafitos*, mais ou menos alterados, na verdade sem belleza nem graça. Seria conveniente arranjar bonitos modelos. O sr. Albrecht Haupt, intelligente e erudito professor de architectura na Academia de Bellas Artes do Hanover, que ha pouco visitou esta cidade, fez-me notar alguns *esgrafitos* antigos bem conservados; outra raridade artistica que temos em Evora. É ainda nas qualidades especiaes da *cal eborense* que está a razão da conservação. Ha *esgrafitos* em São Braz; no palacio do patco de São Miguel; no edificio fronteiro ao adro da Sé, ornando todo o friso; na *Sempre Noiva* uma cercadura completa, bem conservada principalmente no lado do oriente, etc.

---

## Obras de talha

Evora possui uma enorme quantidade de obra de talha, de estylos differentes, do seculo 16 ao 18, da renascença classica ao rococó maximo, onde as volutas, as folhagens recortadas e torcidas, as columnas salomonicas vestidas de pampanos, a furia do ornato, chegou a tapar, a mascarar todas as linhas da construcção. Na igreja da Casa-pia, não é preciso sahir de lá, encontram-se obras de talha de extraordinaria variedade. Na capella mór ha o estylo austero, sobrio, classico, de grande elegancia; o sacratio é um modelo de gentil proporção. Tem a polychromia, especialidade que é preciso notar em Evora, para imitação de pedras preciosas. Examinando as capellas admiram-se entalhados variadissimos, opulentos, quasi todos polychromos; o azul e o vermelho, as côres da saphira e do rubí, dominam. Ha certos fundos carmesim sobre os quaes ressaltam as volutas e as dentaduras das grandes folhagens douradas de forte relevo, produzindo effeito quente, vigoroso,

de um tom opulentissimo em certos toques de luz. Ha obras de talha notaveis em Santo Antão, São Francisco, Mercês, Remedios, Santa Clara. Seria conveniente procurar os meios de salvar alguns d'estes trabalhos; alguns vão perder-se minados pelo caruncho. Os entalhados das capellas das Reliquias e do Santissimo, na cathedral, forrando paredes e abobadas inteiramente, são de um aspecto grave e opulento. Obras de talha antigas, eguaes á da capella mór da Casa-pia, encontram-se na capella mór dos Loyos, e na capella do Esporão na Sé.

### Ferragens

Não são vulgares no paiz obras em ferro antigas, com lavor artistico; em Hespanha são muito mais numerosas e importantes. Em Evora existem ainda algumas grades de janellas, com desenhos especiaes, revelando habilidade manual e um certo bom gosto na ornamentação caprichosa. Ha grades antigas em janellas de um predio na esquina da rua Ancha para a rua Nova, de outro na rua do Menino Jesus; a mais curiosa e antiga é uma janella visinha da ermida da Senhora da Cabeça, no extremo da rua de Mendo Estevens. Subsistem ainda alguns *papagaios* ou supports altos e medios das grades que abrangem duas ou mais janellas; em certo predio da rua d'Alconchel ha dois *papagaios* com *espelhos*, ou ornatos em ferro com seus brincados voltados á frente.

O principal trabalho é a grade do baptisterio da Sé. O braço de suspensão da lampada a meio da nave central é antigo e de curioso lavor.

Existem alguns fragmentos da grade monumental renascença que fechava a capella do bispo D. Pedro, no claustro.

Mais modernas algumas grades de ferro dourado, por exemplo as das capellas do Rosario e Santissimo em Santo Antão. Ainda se conservam tambem algumas grimpas e cataventos antigos, raros porêm os de algum merecimento artistico.

Modernamente os trabalhos em ferro cahiram em banalidade deploravel.

Neste ponto, como infelizmente em muitos outros, estamos em completa decadencia, sem educação artistica, sem o mais rudimentar bom gosto, preferindo furiosamente o vulgarissimo, o mais banal ao trabalho original ou artistico.

---

### Mosaicos de marmores

Na egreja da Casa-pia ha alguns mosaicos de grande perfeição; notam-se os pequenos balaustres da grade que separa o cruzeiro da capella mór: n'uma das capellas lateraes e especialmente na do Senhor dos Passos ha mosaicos de valor. Na egreja de Nossa Senhora do Espinheiro ha exemplares d'este genero de grande trabalho e delicada execução.











# JOAQUIM FILIPPE PEREIRA ABRANCHES

PRAÇA DE GERALDO, 59, EVORA

Centro de assignaturas de obras portuguezas e hespanholas

---

## ESTUDOS EBORENSES

- Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores d'Evora. Evora romana. Inscriptões lapidares, muralhas, esculpturas, etc.  
Antiguidades romanas nos arredores.  
Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras.  
A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI.  
Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca.  
Catalogos das pinturas, das curiosidades e objectos d'arte.  
Catalogo do museu Cenaculo.  
Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas.  
A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé.  
A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis.  
Bispos e arcebispos. Factos historicos.  
A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637.  
O terço velho d'Evora em Montijo. Os assediões de 1663.  
Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834.  
Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio).  
Balthazar Jorge em Dú. Os papeis dos Azambujas.  
Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.

---

Diccionario contemporaneo — Francez-Portuguez e Portuguez-Francez, por Domingos de Azevedo — Min. pittoresco — Diccionario universal portuguez — Maravilhas da sciencia, Louis Figuier — Viagens maravilhosas, Julio Verne (edição popular) — Historia da revolução portugueza de 1820, por José d'Arriaga — Illustração — Bibliotheca do povo e das escolas — Anno Christão — Illustracion Iberica — Bibliotheca universal — La Tierra Santa — Mundo Ilustrado — Galeria del arte decorativo — El Mexico atravez de los siglos — Egipto.

---

## MINERVA EBORENSE

DE

JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA

Rua d'Aviz n.º 93

N'este estabelecimento satisfaz-se todo o trabalho typographico com promptidão, economia e perfeição.

As encomendas de fóra d'Evora são remettidas ao seu destino.

### IMPRESSOS PARA ESCRIPTURAÇÃO

Toda a vez que a encomenda seja superior a 10 cadernos, e o modelo em meia folha, importa cada caderno, até 40 ditos, em réis 40, e d'ahi para cima o mesmo preço, mas com a redução de 10 por cento.

GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## AS VESPERAS DA RESTAURAÇÃO

A VISITA DO DUQUE DE BRAGANÇA AO MARQUEZ DE FERREIRA,  
EM AGOSTO DE 1635. A ETIQUETA NO SECULO 17.  
OS JESUITAS CONTRARIOS Á DOMINAÇÃO HESPAÑHOLA. A CORÔA... DE  
GLORIA. O DUQUE NA UNIVERSIDADE. JEJUNS VESPERAS  
DE GRANDES FESTAS. O GOVERNO HESPAÑHOL. O QUE SE PASSAVA  
EM MADRID. O VELHO CONDE DE BASTO.  
AS ALTERAÇÕES DE 1637.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1886



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## AS VESPERAS DA RESTAURAÇÃO

A VISITA DO DUQUE DE BRAGANÇA AO MARQUEZ DE FERREIRA,  
EM AGOSTO DE 1635. A ETIQUETA NO SEculo 17.  
OS JESUITAS CONTRARIOS Á DOMINAÇÃO HESPAÑHOLA. A CORÔA... DE  
GLORIA. O DUQUE NA UNIVERSIDADE. JEJUNS VESPERAS  
DE GRANDES FESTAS. O GOVERNO HESPAÑHOL. O QUE SE PASSAVA  
EM MADRID. O VELHO CONDE DE BASTO.  
AS ALTERAÇÕES DE 1637.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1886





## ESTUDOS EBORENSES

---

### A visita do Duque de Bragança

Agosto de 1635

---

Na — Historia genealogica da Casa real portugueza — existe a descripção minuciosa da visita do duque de Bragança D. João 2.<sup>o</sup> — depois el-rei D. João 4.<sup>o</sup> — , ao marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello.

É documento muito interessante para a historia d'Evora, pois trata de um factó aqui passado, importante tambem para o estudo da epoca, porque entra em meudezas que raras vezes se encontram em quadro tão completo e definido.

Declara o auctor da Historia Genealogica que obteve tal descripção de um livro de memorias da casa do marquez de Ferreira, e apresenta-a sim-

plesmente como prova da alta consideração em que era tido o fidalgo eborense.

Na verdade, exceptuada uma allusão mal definida, nada apparece na descripção d'esta visita de grandes fidalgos alem da magnificencia e apparatus dos cortejos, e da menção das festas e cortezia da cidade, e de suas importantes corporações, para com o duque.

Taes excessos e apparatus levaram-me porêm a suspeitar que idéas de outra ordem entraram na visita ducal, mui differentes da pura cortezia; outros documentos vieram firmar a minha supposição, e toda a duvida se desvaneceu lendo a breve mas terminante noticia do P.<sup>o</sup> Antonio Franco (Bibl. d'Evora, ms. cod.  $\frac{104}{1-40}$ ).

A viagem do duque teve um fim politico, quando menos o de fomentar resistencia, e avivar as esperanças da nação já impaciente do jugo castelhano.

O motivo ostensivo da jornada foi cumprimentar o marquez depois do seu segundo casamento, segundo diz a Historia Genealogica, ou para ser padrinho do primeiro filho do marquez, segundo o P.<sup>o</sup> Antonio Franco; adopto a primeira explicação porque no documento da casa do marquez, evidentemente contemporaneo, se não allude a baptisado, que demais era impossivel sendo a visita em agosto de 1635, e tendo-se casado o marquez no mesmo anno.

D. Francisco de Mello, 3.<sup>o</sup> marquez de Ferreira, 2.<sup>o</sup> do nome, casou a primeira vez com D. Maria de Toledo e Moscoso, filha dos condes de Altamira, que falleceu em Evora em 5 d'abril de 1630.

Casou a segunda vez em 1635, com D. Joanna Pimentel, sua sobrinha, filha dos marquezes de Ta-

vora. O marquez falleceu em 18 de março de 1645. Elle e as duas esposas jazem na igreja dos Loios.

Esta visita do duque de Bragança a Evora tem passado despercebida; os historiadores ou a ignoram, ou nenhuma importancia lhe attribuem; a nosso ver não se lhe pode negar valor para a historia geral do paiz, e tem-no indiscutivel para a historia d'Evora, porque já em 1635, como logo se verá, dizia um jesuita ao duque: = que se estava em vespervas de *grandes festas* =.

D. João, duque de Bragança, sahiu de Villa Viçosa, quarta feira 8 d'agosto de 1635, em um coche forrado de veludo carmesim todo franjado e guarnecido de galões de ouro; acompanhava-o seu irmão, D. Alexandre.

Adiante vinha um trombeta vestido de grãa guarnecido de passamanes de ouro; seguiam 14 moços da camara em mulas com cochins e maletas mui bem concertadas; vestiam de panno verde com mangas de chamalote azul guarnecidos de botões de ouro. com espadas e adagas, chapéus com transelins, botas de joelheira com canhões; vinham depois 2 estribeiros montados um á gine-ta, outro á brida; 2 moços fidalgos em duas facas e detraz o capitão da guarda muito bem montado. Seguiam 4 cavallos da pessoa acompanhados de 24 moços da estribeira, vestidos de panno verde escuro, mangas de veludo verde com botões de ouro, espadas e adagas, e logo o coche do duque coberto da guarda com que costumava sahir em publico, todos vestidos da mesma libré; ao coche do duque seguiam 5 coches dos officiaes e fidalgos commendadores da ordem de Christo, criados do duque, com pagens e lacaios, que cada um levava proprias librés, e todos com cavallos á mão,

das pessoas de seus amos, com concerto de campo, e á gineta.

No dia antecedente tinham partido 24 cargas com a recamara e guarda-reposta com muita criadagem.

O duque pernoitou em S. Miguel de Machede. Os lavradores de todo aquelle campo, e de varios sitios circumvisinhos lhe foram offerecer de tudo quanto dispunham; o duque agradeceu-lhes a boa vontade, não lhes aceitou cousa alguma, fazendo-lhes ainda algumas mercês; os lavradores a cavallo eram tantos que formavam tropas, e fizeram acompanhamento passando adiante, como demonstração de amor e respeito pelo duque.

No dia seguinte (9 d'agosto de 1635), muito cedo, entrou o duque com seu irmão no coche, e seguiu caminho d'Evora com a mesma ordem com que sahira de Villa Viçosa.

Da cidade sahiu muita gente ao encontro do duque; estradas e campos se viam povoados; o marquez de Ferreira e seu irmão D. Rodrigo de Mello sahiram ambos em um coche; dois creados levavam cavallos á mão; muitos homens de sua casa acompanhavam o marquez, todos mui luzidos, com intento de irem encontrar o duque o mais longe possível.

Logo que o avistaram o marquez e seu irmão se apearam do coche, e parando o do duque, D. Alexandre apeou-se tambem a recbel-os; o duque ficou, chegando-se ao estribo, e o marquez quasi pondo o joelho no chão, lhe quiz beijar a mão, profiando muito; o duque não consentiu.

Vê-se bem da narrativa que taes cortezias não eram de marquez para duque, mas que se queriam prestar honras reaes, que o duque cautelosamente se esquivava a aceitar. D. Alexandre, irmão do duque, offereceu o coche ao marquez que o recu-

sou, e só o aceitou depois de lh'o pedir o duque; este ficou no seu logar, o marquez e D. Alexandre na dianteira, o marquez á esquerda, e D. Rodrigo de Mello na estribeira; continuaram o caminho conversando até que encontraram o conde de Vimioso e outros fidalgos, que vinham receber o duque; este montou então a cavallo para poder assim attender melhor ao obsequio que aquelles senhores lhe faziam, como tambem para se deixar ver da muita gente que sahira da cidade.

Tanto que das torres da sé se descobriu o acompanhamento começaram a repicar os sinos, e em seguida os demais das egrejas e mosteiros da cidade e da Universidade.

Chegando ao chafariz dos Leões estavam as companhias de infantaria das ordenanças, postas em alas, e quando o duque chegou lhe fizeram os alferes cortezia com as bandeiras. O duque adiantou-se do acompanhamento, e tirou o chapéu ao passar pelas muralhas que estavam ornadas de cobertas de diversas sedas, ouvindo-se no alto os ministris, trombetas e charamellas.

O duque dirigiu-se á Cartuxa, do padroado de sua casa; á entrada o esperava o prior com todos os monges, e o levaram á egreja; á porta estava uma alcatifa com duas almofadas e um monge com capa de asperges sob o palio com uma reliquia que o duque e seu irmão beijaram; cantou-se depois *Te-Deum*, foram ao altar do Santissimo a orar, e logo se recolheu o duque ao aposento; esteve ahi algum tempo com o marquez de Ferreira e o conde do Vimioso, e despediu-se d'elles por ser hora de comer. O reitor da Universidade e os prelados dos mosteiros foram cumprimentar o duque que, depois de comer, gastou algum tempo em ver o mosteiro.

Ás 3 da tarde voltou o marquez de Ferreira com



seu irmão para acompanhar o duque a quem pareceu melhor fazer a entrada a cavallo. Montando uma famosa faca ingleza riquissimamente ajaezada, e D. Alexandre em outra não inferior, marcharam em ordem, com todos os seus officiaes, e fidalgos a cavallo, seguindo-se depois o estado e coches.

A porta da Lagoa estava ornada de sedas, as janellas da cidade adereçadas, as ruas alcatifadas de verdura, e as ordenanças formadas com as bandeiras soltas lhe fizeram novas continencias, dando depois uma larga salva de arcabuzaria.

Encaminhou-se todo este vistoso acompanhamento ao palacio do marquez de Ferreira (Cinco quinas), onde ia visitar a marqueza.

Entrou o duque, ella sahiu a recebê-lo á antecâmara, e entrando diante o marquez e seu irmão, e D. Alexandre em seguida, entrou o duque na camara acompanhando a marqueza com especiaes demonstrações de attenção e galanteria que foram reciprocas na attenção.

O estrado da marqueza estava ricamente adereçado com docel precioso no meio, e debaixo d'elle duas cadeiras, e á mão direita, fóra do docel, duas almofadas para a marqueza se sentar: o duque affastou a sua cadeira dando logar a que a marqueza ficasse debaixo do docel; ella recusou, e assim continuou a visita por espaço breve.

O marquez e seu irmão tomaram cadeiras, ficando encostados á parede, á mão esquerda do duque.

O duque deu por finda a visita, e na antecâmara depois de despedir-se da marqueza, se assentou com o marquez e conversou ainda por algum tempo, pouco, porque a governança da cidade havia preparado uma corrida de touros n'essa tarde. O duque assistiu da varanda da Camara (antigos pa-



ços do concelho), na praça principal, que estava com vistosa armação e sitial; a tourada correu bem; houve touros picados a cavallo, e brigas de touros com bufalos; a fonte da praça (a fonte da prata) estava armada com ramos de flores, em vasos de boa proporção; ahi estavam muitos trombetas, atabales e ministris, com grande estrondo. A tourada acabou com uma encamisada; appareceu uma carroça com concerto de musica e instrumentos, que parando ao pé da varanda obsequiaram com agradavel canto o duque.

Acabado o festim recolheu-se á Cartuxa, com o marquez.

Na noite, por ordem do corregedor, escolhidos os melhores musicos da cidade com diversos instrumentos e ministris, se fizeram varios concertos de musica que se repetiam com muitos applausos.

Na manhã seguinte foi o duque com o irmão á Sé; o marquez não o acompanhava; foi recebido com honras reaes: chegando á porta sahia o cabido a recebê-lo (era sé vaga), trazendo debaixo do pállio uma reliquia do martyr S. Lourenço, que n'aquelle dia se festejava; as dignidades e conegos mais antigos pegavam nas varas do pállio; o duque ajoelhou n'uma alcatifa, beijou a reliquia, mas regeitou o pállio. Cantado o *Te-Deum*, entraram na capella da insigne reliquia do santo lenho. A capella estava preparada com alcatifas e almofadas; depois da adoração da reliquia foi o duque para a capella mór; da parte do Evangelho estava disposto o sitial, acima do lugar do arcebispo, com duas cadeiras para o duque e irmão.

Começou-se a missa com grande solemnidade; foram celebrantes os conegos e quartanarios como nos dias de festa de 1.<sup>a</sup> classe, e lhe fizeram as cerimoniaes de o incensar e dar a paz; houve sermão que foi em grande parte um panegyrico, manifes-

tando o orador o gosto e alegria que a cidade tinha em ver o duque.

Isto diz o documento da Historia genealogica. O padre Antonio Franco diz-nos mais: conta-nos mesmo uma phrase do orador que foi o padre Gaspar Correia: concluiu o sermão dizendo que esperava ver o duque com uma coroa... fez pausa e accrescentou — de gloria! — Na multidão que enchia a sé houve tal movimento e applauso que só faltou acclamarem-no rei. Terminada a missa veio o cabido acompanhar o duque até ao coche.

Foi então visitar a Universidade; sahio a recebê-lo o reitor em cerimonia com todos os doutores e mestres com suas insignias, os bedeis e mais officiaes. Á porta da egreja estavam duas figuras vestidas á heroica que eram Pallas, deusa das sciencias, e a Universidade; ambas em breves e elegantes poesias significaram a alegria pela visita.

Da parte de dentro, junto á porta, estava o pál-lio e uma reliquia e em tudo se observou o ceremonial da sé. Caminhando o duque para o cruzeiro descobriram-se oito figuras que estavam em oito tribunas representando as sciencias que se ensinavam na Universidade — theologia, philosophia, rhetorica, poesia, humanidades, grammatica, ler e escrever —, todas vestidas á heroica, e em poesias latinas explicaram o gosto com que a Universidade estimava aquella honra; o duque deteve-se para as ouvir, depois fez oração no altar mor, passou ao tumulto que fez o cardeal-rei, e onde jaz D. Duarte seu tio a quem lançou agua benta, foi á sacristia ver um sanctuario ornado de muitas reliquias; depois desceu ao patio e entrou na sala dos actos publicos. No alto, da banda direita tinham collocado duas cadeiras em que se sentaram o duque e seu irmão; ahi fez um discurso o padre Francisco Freire de Extremoz, em louvor do du-

que. Era já tarde quando se acabou este obsequio; foram logo jantar, não aceitando o duque distincção alguma excessiva; durante a comida repetiram-se discursos e poesias em diversas linguas, chegando a 18.

Conta Antonio Franco um episodio que tem sua graça e significação. Os monges da Cartuxa a todas as comidas só apresentaram peixe, nem podiam fazer outra cousa conforme a sua regra.

— Paciencia, disse o duque, eu me vingarei no collegio.

Mas a visita ao collegio foi na sexta feira: mais peixe.

— Enfim eu vim jejuar a Evora!

Um dos padres respondeu logo:— Senhor, os jejuns são vespervas de grandes festas.

O duque entendeu e gostou da allusão.

Depois de jantar houve enigmas e outros entretenimentos engenhosos em que se passou a sesta; em seguida representou-se no patio publico uma tragicomedia com grande apparatus e fabrica assim de figuras como de excellentes vestidos, com musicas e bailes; era a historia de S. Eustaquio feita pelo padre André Fernandes, mestre de prima, que depois foi confessor do duque, sendo já rei, e mais tarde bispo do Japão.

Era noitinha, quando findou a tragicomedia; o duque despediu-se dos padres do collegio, deu uma volta por fóra da cidade e logo se recolheu á Cartuxa.

No seguinte dia passou a manhã na Cartuxa recebendo visitas, na tarde sahiu a ver alguns mosteiros da cidade, em todos o receberam com pállio e reliquias; no mosteiro do Menino Jesus (S. Monica) se deteve mais, as freiras com excellente musica li-songearam o gosto e inclinação que o duque tinha a esta arte.

Mandou dar esmolas aos mosteiros e a muitos particulares.

Os eborenses tinham preparado touradas e outras festas, mas o duque demourou-se menos do que se esperava, e no outro dia partiu para Villa Viçosa deixando a cidade com tantas saudades, como foi o contentamento que teve em o ver, preludio da felicidade que d'ahi a 5 annos tiveram acclamando-o rei.

Alguem, diz Franco no manuscripto citado, delatou com inveja a el-rei de Castella o que se passára, as honras excessivas prestadas pela cidade, cabido e universidade... que isto era armal-o a rei.

Filippe 3.<sup>o</sup> dissimulou no caso, e mandou escrever ao marquez de Ferreira, ao conde de Basto. e á cidade louvando muito o que se tinha feito em honra dô duque seu primo.

---

### As alterações d'Evora em 1637 e 1638

Relatemos os factos passados em Evora em 1637 e 1638, e a parte que esta cidade tomou e quanto soffreu na lucta pela liberdade; factos importantes na historia portugueza, porque as chamadas *alterações* d'Evora não foram transitorias, d'aqui irradiou a outros pontos do paiz o espirito revolucionario.

Escreptores da maior importancia teem tratado o assumpto baseando-se na relação feita por D. Francisco Manuel de Mello nas suas — Epanaphoras de Varia Historia — . É na epanaphora politica, a primeira do volume, que elle descreve os tumultos d'Evora, suas antecedencias e consequencias, e os meios empregados para lhes pôr termo.

Essa narrativa é a fonte principal das noticias mais ou menos resumidas que se encontram na — Historia genealogica, liv. 7.º pag. 54 —, no Anno Historico, tom. 2.º pag. 568 —, na Evora gloriosa, pag. 158 —, no Portugal restaurado, tom. 1.º pag. 62.

É ainda sobre esta base que Alexandre Herculano fundou dois esplendidos artigos publicados no — Panorama — vol. de 1839, pag. 385 e 394. em que o eminente historiador conta em traços vigorosos os excessos praticados pelo povo eborense reagindo contra o dominio hespanhol.

Como supplemento a estes artigos o conselheiro Rivara publicou tambem no Panorama, vol. de 1840, pag 202, uma interessante nota com o edital assignado por *Manuelinho*, que descobrira casualmente na Bibliotheca eborense.

Da narrativa de D. Francisco Manuel, com mais alguns dados, nasceu a brilhante descripção de Rebello da Silva na sua — Historia de Portugal nos seculos 17 e 18 —, tom. 3.º cap. 5.º.

O fecundo escriptor, sr. Pinheiro Chagas, limitou-se a transcrever os formosos periodos de Rebello da Silva.

O sr. Antonio Francisco Barata, escreveu o — Manuelinho d'Evora —, romance historico, em que descreve o alvoroço de 21 d'agosto de 1637, combinando porém com os dados historicos outros de invenção romantica, necessarios á acção da sua narrativa.

Que venho eu accrescentar?

O leitor ficava certamente melhor se eu lhe transcrevesse aqui o valente escripto de Herculano, respirando animo viril e austera doutrina, ou os elegantes e artisticos periodos de Rebello da Silva (como a fórma e o estylo dos dois escriptos revelam bem as profundas differenças d'aquelles



espíritos, ambos eminentes!) todavia esses trabalhos estão ao alcance de todos, não é rara nenhuma das obras indicadas.

Como se disse já, a fonte primeira é a narrativa de D. Francisco Manuel; de essencial, em todos os escriptos citados, só accresceu o edital de — Manuelinho — datado no dia seguinte ao grande motim.

Nós podemos ajuntar alguns dados de certa importancia para a historia; como de costume vamos já indicar as fontes.

Na collecção de manuscritos da Bibliotheca temos copia do edital de 22 d'agosto; está no cod.  $\frac{105}{1-6}$  fol. 6o.

Foi publicado no Panorama pelo sr. Rivara.

O cod.  $\frac{104}{1-20}$  intitula-se — Das alterações de Evora em 1637. Relação 1.<sup>a</sup> por D. Francisco Manuel — É a epanaphora politica com algumas variantes.

No cod.  $\frac{112}{1-36}$  fol. 262 e seguintes, estão copiados dois documentos assim descriptos no catalogo: — Carta do conde duque ao arcebispo D. João Coutinho sobre os tumultos d'Evora. Madrid, 26 de novembro de 1637.

Segue a — Resposta do arcebispo «que parece apocrypha» segundo diz o incansavel investigador sr. Telles de Mattos em nota á margem. Houve effectivamente equívoco; logo no começo da carta se declara que é resposta dada por um estudante da oitava. E em minha opinião não é de nenhum estudante, e tanto a resposta como a carta do conde duque são apocryphas, talvez da mesma penna que lavrou o edital; são escriptos forjados na occasião para alentar animos e excitar vontades.

Onde porem se encontram documentos mui va-



liosos é no opulento archivo da camara municipal, sem duvida um dos primeiros do paiz, no seu genero; documentos que, á excepção de 3 ou 4 publicados pelo sr. Telles de Mattos, se tem conservado ineditos.

Na descripção da visita do duque de Bragança, depois el-rei D. João 4.<sup>o</sup>, ao marquez de Ferreira, alludi ás tramas politicas que em Evora a nobreza e parte do clero urdiam já em 1635.

A conspiração progrediu e a pessima politica de Castella dia a dia aggravava a posição; mas o rompimento d'Evora teve um cunho especial, e foi muito alem do que desejavam as classes superiores. Como sempre, e como é perfeitamente natural, a nobreza e o clero conspiravam mui disfarçada e occultamente; não se arriscam em aventuras de incertos resultados as grandes casas, os titulos e mercês, os pingues beneficios e as grossas rendas, as altas posições. Criavam difficuldades, embaraçavam os negocios, não ousavam resistir claramente; o povo e a burguezia conheciam isto, gemiam tambem; os que poderiam ser chefes hesitavam, esforçavam-se mesmo por evitar demonstrações; não eram para brincar as alçadas de Castella.

Em Evora agrupavam-se então elementos de grande importancia; a mitra era opulentissima, o arcebispo D. João Coutinho mui respeitado de todos; no cabido havia alguns homens de influencia; as corporações religiosas numerosas, entre ellas a companhia de Jesus tinha o papel principal.

Ao lado do clero estava a nobreza; familias fidalgas de grande nome, de antigas tradições, de fartos cabedaes, residiam na cidade; basta mencionar os marquezes de Ferreira, o conde de Vimioso e os condes de Basto. A nobreza unia-se; no clero havia diversidade de opiniões. Os jesuitas

que em 1580 tanto contribuíram para as desgraças do paiz, eram agora contrarios a Castella; os franciscanos inclinavam-se em sentido contrario.

O que mais compromettia porém a dominação castelhana era a pessima direcção do conde duque.

O colosso hespanhol, o vastissimo imperio onde nunca se via o pôr do sol, esphacelava-se rapidamente; guerra em terra e mar, successivas as perdas, progressiva a desmoralisação. Era um continuo pedir de homens e dinheiro.

Que tristeza não seria para os portuguezes ver as ricas possessões de Africa, Asia e America que tanto sangue haviam custado, tantos heroismos tinham visto, saqueadas e conquistadas, passando rapidamente para o dominio das nações do deve e ha-de haver!

Antes de descrever os acontecimentos de 1637 citaremos alguns documentos que mostram bem a cegueira da politica hespanhola, e as grandes difficuldades com que lutava.

Em 12 de janeiro de 1635 recebia, aqui em Evora, Ruy de Brito Falcão ordem para fazer levar de soldados para a armada que se preparava para soccorrer o Brazil, determinando-lhe que immediatamente levantasse bandeira, tocasse as caixas e lançasse os bandos.

Em 17 de fevereiro seguinte mandou-se que fizesse transportar as levars, sendo toda a despeza de sustento de homens e cavalgaduras por conta das camaras.

Em 12 de julho de 1635 escreve el-rei uma carta á camara d'Evora expondo largamente os desastres do Brazil, a occupação de Pernambuco, pelos inimigos do paiz e da religião, a tomada recente de Parahiba; depois dos queixumes vem o pedido do real d'agua, e o accrescentamento da 4.<sup>a</sup> parte do cabeção ou capitação das sizas; a es-

tes impostos e ao do sal se levantava grande opposição; eram os impostos novos.

Em 12 de setembro do mesmo anno nova carta sobre a mesma materia; accrescia que se tinha obtido um breve pontificio dispensando quaesquer privilegios das pessoas ou corporações ecclesiasticas; era criar um formidavel elemento de opposição; o documento offerece mesmo umas considerações absurdas; affirma que sem o Brazil se não podem sustentar as possessões de Africa e Asia. Todos ficam obrigados ao imposto de 1 real em arratel de carne, 1 real em canada de vinho que se vender publicamente pelo meudo, e a quota do pedido geral que era n'esse anno de 400 mil cruzados: alem dos outros impostos. A parte do pedido que correspondia a Evora orçava por 2:000 ducados.

Em alvará de 8 de outubro manda-se ao corregedor que faça cobrar os novos impostos e execute — sem dependencia alguma das Camaras, usando do direito de regalia, que attentas as precisas e urgentes necessidades, não sómente dá lugar mas obriga a consciencia a usar d'este e outros meios, sem dependencia do consentimento dos povos! —

Os pedidos de dinheiro e de homens eram cada dia mais repetidos e impertinentes. Succediam-se as provisões e alvarás, ora supplicando, ora ordenando, chegando aos excessos e inconveniencias que antecedentemente vimos. Escolhiam-se homens dos mais rispidos para executar as determinações do gabinete de Madrid. Este concentrava cada vez mais o poder; a politica de Olivares tendia a acabar com a sombra de autonomia concedida a Portugal. Clero e nobreza traziam os animos inquietos ao ver as grossas mercês que iam opulentar os cortezãos castelhanos, esquecidos sempre os servidores portuguezes. Os burguezes

viam o seu dinheiro e os seus filhos arrebatados para longe, para ignotas voragens, em guerras do estrangeiro em que não entrava o sentimento nacional.

A cobrança dos impostos novos e antigos, a execução summaria pelo direito de regalia das contribuições em divida, as levas de homens para as armadas repetiram-se ainda em 1636 e 1637. As difficuldades da politica hespanhola nas suas relações externas com a França, Inglaterra e Hollanda eram bem conhecidas. O clero, um elemento colossal então, em contacto com as infimas camadas, com a mais alta nobreza, organismo vastissimo desde a universidade e a cathedral ao mosteiro situado nos campos rodeado de humildes casaes, de pequenas aldêas; desde o opulento prelado ao popular frade mendicante por vezes milagroso e com fama de santo; servindo-se de todos os meios de propaganda e discussão, da profecia ao pulpito, do argumento scientifico á ingenua quadra do sebastianista, ferido e escandalisado como estava, formava poderosa opposição.

Chegára-se ao estado agudo, o minimo incidente podia causar a explosão, romper a crise gravissima que se conservava surda e latente.

Foram as ordens expedidas aos corregedores das comarcas que ateiaram o incendio. A primeira faisca caiu em Evora.

Como diz Rebello da Silva, (não resisto a transcrever, com ligeiras alterações, a narrativa do grande escriptor) assoprou-a o zelo funesto de André Moraes Sarmiento, magistrado servil e violento.

O genio imprudente d'este homem provocou o rompimento. Desejando recommendar-se á còrte convocou a camara, e propoz-lhe a substituição dos novos tributos pela quota parte do subsidio de 500:000 cruzados do anno de 1637, exaltando a



clemencia e suavidade da corôa, em deixar á vontade dos contribuintes o lançamento e repartição.

Os vereadores sobresaltados declinaram a resposta desculpando-se com a indisposição geral. Insistiu o corregedor, e, achando-os firmes, buscou outro meio, chamando a sua casa, no dia 21 d'agosto de 1637, os cabeças populares para os intimidar, e extorquir d'elles a obediencia pelo terror. Acudiram á intimação o juiz do povo Sesinando Rodrigues, borracheiro, e o escrivão João Barradas, barbeiro de espadas; mas não acudiram sós.

Grupos populares, desconfiados e curiosos, os seguiram até á porta, e ficaram na praça esperando o resultado.

O corregedor principiou mansamente, fazendo promessas; vendo porem a firmeza e resolução dos dois magistrados populares recorreu ás ameaças.

João Barradas, homem de juizo superior á condição, allegou que não podia decidir sem o negocio ser communicado aos companheiros. O corregedor, receiando a publicação e truculento por indole, soltou-se em injurias contra os moradores de Evora, e jurou ao juiz do povo e ao escrivão que não sairiam vivos de suas mãos. Acrescentou-se depois que não fallára de leve, porque tinha prevenidos em casa o algoz e seus ajudantes para os enforcar. Invenção sem duvida dos espiritos exaltados, todavia é bem provavel que o corregedor usasse de forte intimidação, de violentos insultos e ameaças.

O que é certo é que os grupos populares, que numerosos demoravam na praça esperando ansiosamente o resultado da conferencia, viram Sesinando Rodrigues apparecer de subito, e em grande agitação, á janella que olhava para a praça, bradando e pedindo soccorro ao povo e dizendo

que morriam pelo livrar dos trabalhos em que o queriam metter os ministros d'el-rei.

Ouvindo as vozes afflictas do tribuno popular os grupos apinharam-se, levantaram-se em ondas tumultuosas, e entre clamores furiosos o povo arremetteu contra a casa.

Voaram as portas, e rebentaram os amotinados pelas escadas, e pelos quartos. Momentos depois traziam em triumpho os magistrados populares, ao mesmo tempo as primeiras lavaredas saltavam dos tectos da casa incendiada. O corregedor salvou-se pelos telhados e foi acolher-se no convento de S. Francisco. O povo crescendo em atrevimento atirava das janellas os moveis, roupas, livros e papeis que ia encontrando. Tudo ardeu n'uma fogueira. Notou-se que em tão grande alvoroço ninguem roubou cousa alguma, embora á rua viessem parar objectos preciosos.

Dividiu-se depois o motim em bandos, e estes, vagueando pelas ruas, rasgaram os registos publicos, espedaçaram as balanças da casa fiscal do real d'agua e dos açougues, soltaram os presos, invadiram cartorios e tribunaes.

As justiças fugiram ou esconderam-se, e a cidade ficou sem leis e sem policia, entregue ao motim.

O rompimento tão subito e violento assustou as pessoas principaes; na igreja de Santo Antão reuniram-se o arcebispo D. João Coutinho, o conde de Basto, o marquez de Ferreira, o conde de Vimioso, D. Francisco de Lencastre, Jorge de Mello, e outros, e deliberaram ácerca do modo mais prudente de socegar tão perigosa agitação.

Pouco depois saiu o arcebispo de cruz alçada, rodeado de muitas pessoas principaes, e empregando palavras brandas intentaram acalmar a maior furia, promettendo interceder pela cidade,



rogando aos mais violentos que entregassem á camara a defeza e conservação de seus privilegios.

Desprezaram os alvoroçados a promessa e o conselho, lançando em rosto aos nobres a fraqueza, com que sempre os tinham visto calcar o povo e a patria aos pés dos exactores, e prognosticando a indifferença com que haviam de offerecer depois o vulgo como victima expiatoria, se elle caísse na simplicidade de os escutar.

A resposta fez recolher intimidada a nobreza á igreja de Santo Antão; os amotinados quasi tão desconfiados dos fidalgos como dos ministros d'el-rei, continuaram nas suas alterações e desvarios.

O motim exaltou-se ainda com as trevas da noite; começado pelo povo sincero e pratriotico aggravou-se então pelo agrupamento de gente baixa, de máos instinctos, de vadios e criminosos sahidos da cadeia. É marcha costumada dos movimentos desvairados; os alvoroçados da manhã são conservadores á tarde, retrogradados á noite; os sinceros e ingenuos agitam-se na luz, os criminosos procuram as trévas.

N'essa noite, noite de 21 d'agosto de 1637, a multidão investiu as moradas dos magistrados mais aborrecidos; insultou alguns vereadores suspeitos, apedrejou as janellas do paço archiepiscopal, e estando no pateo de S. Miguel foi insultar a auctoridade e as cans do velho ministro.

Deu-se então um factó memoravel. D. Diogo de Castro, conde de Basto, fora vice-rei e governador de Portugal, e desempenhára esse alto lugar de modo muito habil, sem quebra de dignidade; retirára-se á vida particular, e ao seu solar provinciano quando viu o crescer incessante das exigencias e oppressões de Castella. Era um velho respeitabilissimo; em Evora era muito estimado e venerado, foi provedor da Misericordia, lugar o

mais honrado da cidade, em cujo exercicio por dilatados annos se succederam os nobres de alta gerarchia, e os grandes prelados que tem illustrado a mitra eborense.

Invadiu a multidão o patio do palacio de S. Miguel, e chegaram á larga escadaria que ainda hoje existe. O velho conde saiu a recebê-la; aos lados vinham escudeiros com tochas accesas; nem uma arma, nem um gesto violento. A presença do conde, o inesperado da scena, deteve a multidão; o tumulto abrandou.

— O que quereis de mim? perguntou elle serenamente. Sou vosso natural. Tres vezes governei este reino sem vos fazer agravo. Se a minha morte pôde servir para vossa quietação, matae-me e socegae-vos, se a minha vida pode ajudar-vos, poupae-m'a; porem não vos esqueça que sois portuguezes e como taes sem mancha até hoje na lealdade. —

Fez-se silencio profundo no ajuntamento; ás ultimas palavras os mais desatinados, arrependidos, curvaram a cabeça e retiraram-se subjugados pelo valor do conde, e pela força de alma com que, açaimando-lhes a braveza, lhes quebrára a insolencia.

Diz Rebello da Silva: « A nobreza d'Evora não se enganava suppondo os populares desconfiados d'ella. Os fidalgos de certo não queriam vender a Olivares o sangue dos sublevados; temiam, porém, que a côrte suspeitasse d'elles, e desejavam que a pacificação da cidade fosse obra sua para argumentarem depois com ella em favor do proprio engrandecimento.

A junta de Santo Antão continuou em correspondencia com a de Madrid, e com os cabeças do povo, trabalhando, embora com pouco fructo, por obter a submissão da cidade.

Progredia entretanto a agitação ufana com os triumphos, e cada dia tomava maiores proporções. Abriu communicações com as terras vizinhas e distantes. e constituiu no seio da anarchia um poder occulto e singular na industria, não menos prompto do que terrivel na execução dos meios.

Os sediciosos, querendo desviar de si as accusações futuras inventaram uma nova fórmula de governo sem responsabilidade. Valeram-se da pessoa de um doudo, conhecido pelas jogralidades, pela extraordinaria corpulencia, e ironicamente chamado — o *Manuelinho*, — e em nome d'elle firmaram todas as convocações, todos os edictos, e todas as ordens. Os auctores das resoluções violentas, escondidos atrás do vulto sem imputação do *Manuelinho* d'Evora, ousaram assoberbar então a cidade.

Todas as manhãs se liam affixados nas praças e esquinas bandos, provisões e decretos, provimentos de empregos, ordens de desterro, e, cousa notavel, nenhum magistrado, nenhum fidalgo se atrevia a resistir».

Não concordamos inteiramente com a opinião do illustre historiador: os documentos municipaes provam-nos que a junta de Santo Antão começou os seus trabalhos regulares, o seu papel de medianeira e de influencia pacificadora, mais tarde, em outubro ou novembro; por outro lado temos o apparecimento do pobre louco, do typo popular sem imputação, a servir de instrumento e mascara na agitação popular, logo no seguinte dia ao levantamento, porque o edital assignado por Manuelinho é datado de 22 d'agosto.

Isto firma-nos ainda a opinião de que havia muito que se conspirava contra o dominio castelhano aqui em Evora.

A violencia de Sarmento produziu explosão

mais rapida e por forma diversa da que a nobreza e o clero planeavam, os grandes duvidaram, hesitaram, os pequenos caminharam e na anarchia os primeiros acharam-se deslocados, e até mal vistos. O povo não marchava todavia á toa, havia certamente um poder occulto, uma direcção que se disfarçava; esse factor revela-se na redacção do edital de 22 d'agosto, e de outro documento de que em breve fallaremos. Mas o edital é o unico documento que chegou até nós dos muitos que na occasião appareceram; o segundo pertence a diversa phase das inquietações; um convento de frades, o collegio da companhia, eram instrumentos formidaveis de propaganda, bastava um intelligente que minutasse o edicto ou o bando, que não faltavam amanuenses para o reproduzir, e companheiros fieis para o vulgarisar.

O edital é o seguinte: «Nós os meninos e rapazes, ministros da divina justiça, com particular providencia de Deus nosso Senhor, e com alçada sobre os traidores e perjuros á patria, executores dos tributos de um rei tiranno; e com poder de executarmos os castigos já decretados no tribunal da divina justiça, com autoridade quasi divina a nós concedida, etc. Fazemos saber que levados nós do christianissimo zelo da honra de Deus, amor da patria, fome de nossos irmãos, pobreza de nossos paes, necessidade de nossos orfãos, pelo perigo a que tambem estão expostos pelas presentes tyrannias, finalmente da grande pobreza de que a nós se queixa todo o estado de gente; desejando nós pela obrigação de nosso officio buscar meio para se atalharem traições e roubos tão publicos e escandalosos, ainda á custa dos proprios barbaros que não conhecem que cousa é Deus e como executores da divina justiça:

Mandamos a toda a pessoa assim seculares, co-



mo frades e clerigos, e aos padres da companhia de Jesus, estejam prestes com suas orações e pessoas para nos acudirerem a executar a sentença que ora se despachou no tribunal da divina justiça para que morra todo o que for traidor á patria, e quizer executar tributos do rei tyranno, ou que der para isso industria alguma; para que com o exemplar castigo de seus vergonhosos feitos não se renovem outros novos Catilinas e Marcos Antonios, para que não venham estes taes a ser queimados por traidores como foi o que queimaram este presente anno por judeu, do que se seguirá virem os portuguezes a acabar de perder o seu valor, e serem infieis a seu Deus, e á sua patria, e a seu rei, sendo christão, e ficarão prevalecendo contra nós os tyrannos que cada dia accrescem, e as fomes, que ha tanto tempo padecemos, sujeitos á servidão de um tão tyranno Pharaó, que parece nos quer vender até a propria lei que temos, não entendendo que ha de pôr Deus seus olhos de misericordia nas lagrimas de um povo, que sempre foi exemplo de christandade como é a nossa illustre cidade d'Evora. Dada aos 22 d'agosto de 1637. E eu Manuelinho secretario o escrevi — .

Mal se disfarça o prégador, e o mestre, não podendo evitar mesmo em documentos de tal ordem, a influencia de erudição de escola; mas habil sem duvida, sabendo fallar ao povo, costumado a prégar-lhe, a ferir-lhe as cordas sensiveis.

Note-se que não allude á nobreza nem ao alto clero, é um documento com inspiração fradesca ou jesuitica; falla da — obrigação do nosso officio, e de — executar castigos já decretados — ; o que nos revela bem uma organização já definida.

Os documentos do cod.  $\frac{112}{1-36}$ , da coll. de ms. da Bibliotheca, mostram já a segunda phase da sedição; mas a origem deve ser a mesma.

O primeiro é a — Cópia da carta do Conde duque ao bispo d'Evora, D. João Coutinho — .

É preciso notar que a còrte de Madrid não teve logo cõhecimento exacto dos tumultos d'Evora, pouca importancia lhes attribuiu. Provavelmente o secretario Miguel de Vasconcellos, e Margarida, duqueza de Mantua, encobriram a gravidade confiando na breve pacificação. A carta destoa dos outros documentos da epoca; foi forjada sem duvida para excitar os animos, exacerbar os odios, e provocar as respostas.

Começa o duque por se lamentar da revolta, por ver n'um reino, tão fiel e cheio de nobreza, bandos de descalços e desarmados ousarem perturbar a paz; que se vê obrigado a derramar sangue; que se lancem immediatamente aos pés delrei; que despreza os 2 ou 3 mil ducados que á cidade cabem no pedido geral d'esse anno, mas é preciso dar um exemplo severo. Reuniu-se o conselho de proposito para tratar do castigo; todos se mostraram decididos a castigar duramente, elle é o mais moderado, e tem empregado todos os esforços para suavisar os espiritos; nem queria ser vivo para ordenar a entrada de soldados em Evora; tem madrugado, nem tem dormido com a inquietação. O reino não deve soffrer... ny parecer es que solo Evora pague, basta que no quede hombre vivo en ella, ny casa, ny heredad, ny convento que en outra parte los hará S. Magd. ny memoria de que assi hubo lugar.

O parecer do cardeal Borja era ainda mais rigoroso.

O segundo documento é a — Resposta que á carta do conde duque fez um estudante da oitava e se lhe deu — .

Já a direcção é curiosa — Ao conde duque D. Gaspar de Guzmão sumilher de corpus, caballerrisso mayor de S. Magd." — .



Que o ministro de Hespanha é um verdadeiro castelhano, cheio de bravatas, e feroz... não nos amedronta com as suas consultas de noites e mananas, arriba e abaixo. — Faz muitas citações bíblicas; revela-se ainda o erudito habil que fez o edital do Manuelinho. Não são descalços os revoltosos, estão calçados de justiça, nobreza e razão pedindo que S. M. guarde as promessas de seu avô. Calçamos de nobreza porque de fraco entender é quem não entende que nós os pequenos somos trombetas dos grandes e que elles por conservarem suas casas e estados fazem Nicodemus em segredo do que nós mostramos em publico.

Desarmados? responde com a historia da cidade, as victorias e heroismos de seus filhos mencionados nas chronicas. Tem alguns pensamentos felizes. Querem-nos captivos para os ajudar a captivar outros; é melhor ser livres, e libertar outros. Que entrem as armas de Castella e verão o velho sangue de Portugal. Os eborenses ficarão com as armas na mão e os castelhanos com as mãos na cabeça. Não poupa o remoque á nobreza: que o começo do dominio hespanhol foi voluntaria entrega da fidalguia portugueza que teve medo das armas do duque d'Alva. E é pena ver um homem tão grande com tão pouco juizo. Isto tudo com seu tempero de erudição, ás vezes em fórma graciosa — de que Paulo Jovio no seu geroglífico fala. A carta do estudante da oitava é datada de 3 de dezembro de 1637.

Para avaliar rigorosamente o estado politico em Portugal, onde as *alterações* d'Evora apparecem como primeiro symptoma revolucionario, insta conhecer a situação de Hespanha n'esta epoca. Veremos mais tarde como o rompimento eborense foi apreciado em Madrid. Na côrte hespanhola lavrava profunda desmoralisação. Vivia-se de expe-

dientes; a politica de Olivares consistia em illuções e mentiras que muito concorreram para o esphacelar rapido do colossal imperio.

Fernandes de los Rios escreve referindo-se exactamente ao tempo de que tratamos — Cuando los males de España penetraban ya en el corazon y su grandeza agonisaba, la corte del Buen Retiro se entregaba á ruinosos festejos á cada victoria esteril, á cada rumor de ella, aunque fuera falso, y aun sin necesidad de pretexto alguno — .

Mais grave ainda a critica do sr. Canovas: — De entre comicos y comicas no salían el rey ni el favorito, sino para entregar-se á nuevos placeres en los jardines y estanques del Retiro, llenos siempre de luminarias e maquinas costosissimas, ó para atentar en lo oscuro de la noche á la honra de las mujeres, huérfanas quizás de los soldados de Flandes, ó para manchar com escandalosas aventuras los regios aposentos, cuando no lugares sagrados.»

No carnaval de 1637, o anno das *alterações* de Evora, percorreu as ruas de Madrid uma *mojiganga* ou mascarada mui numerosa feita por gente principal; ficou celebre esse divertimento pelo cynismo, pela immoralidade de algumas figuras, scenas e dizeres.

A *mojiganga* dividia-se em quadrilhas, todas com seus motes e divisas. Os historiadores não ousaram transcrever todos, e nós apenas mencionaremos alguns dos mais innocentes mas que bastam para definir o tom dos aristocratas mascarados.

Uma era de pessoas com muitas medalhas, cruces das ordens, etc., tinham por divisa — *Estas se venden* — .

A quadrilha dos escrivães trazia sua bandeira: — Todos los de esta cuadrilla - Son los gatos de la villa — .

Um *demonio* corria atraz de um frade, alludindo a certo escandalo recente :

Voy corriendo por la posta  
 Tras el padre Salazar  
 Y juro á Dios y esta crus  
 Que no le puedo alcanzar.

Os portuguezes formavam tambem sua quadri-lha; iam vestidos de pelles de carneiro e levavam o significativo rotulo :

Sisas, alcabalas y papel sellado  
 Me tienen desolado.

As festas carnavalescas da cõrte, n'este anno, custaram 300:000 ducados; a este respeito popularisou-se uma copla :

— Buenos estan los faroles  
 La plazuela y plateado;  
 Medio millon se ha gastado  
 Solamente en caracoles. —

As idéas religiosas, o sentimento das conveniencias sociaes, o pudõr publico tinham desapparecido; era gala a devassidão; o abuso e a violencia venciam todo o direito.

Dos amores licenciosos do rei nasceu um homem que mais tarde encontraremos em Evora — En 17 de abril de 1629 daba á luz Maria Calderona comedianta á D. Juan José de Austria, fruto de sus amores con Felipe IV, y en 6 de mayo de 1646 terminaba su officio de abadesa en el monasterio de Valfermoso — .

Estes escandalos e excessos explicam e justificam a agitação eborense. Veremos como na cõrte

hespanhola, n'esse meio de intriga e vergonha, foi apreciada e tratada a causa d'esta cidade.

### NOTA

#### Sisenando Rodrigues e João Barradas

Ambos foram irmãos da Misericórdia; entraram na irmandade em 14 de novembro de 1644; os seus termos de entrada acham-se no livro 3.<sup>o</sup> dos Irmãos devidamente assignados. O termo de João Barradas, espadeiro, a fol. 163. e o de Sisenando Rodrigues, borracheiro e familiar do Santo Officio, a fol. 160.

Do ultimo temos a data da morte — Em 16 de setembro de 1661: enterrou a Misericórdia a Sisenando Roiz borracheiro e foi um dos dois do povo d'esta cidade nas inquietações d'ella, a que seguiu a aclamação delrei D. João 4.<sup>o</sup> — .











# JOAQUIM FILIPPE PEREIRA ABRANCHES

PRAÇA DE GERALDO, 59, EVORA

Centro de assignaturas de obras portuguezas e hespanholas

---

## ESTUDOS EBORENSES

- Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores d'Evora. Evora romana. Inscricções lapidares, muralhas, esculpturas, etc,  
Antiguidades romanas nos arredores.  
Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras.  
A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI.  
Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca.  
Catalogos das pinturas, das curiosidades e objectos d'arte.  
Catalogo do museu Cenaculo.  
Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas.  
A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé.  
A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis.  
Bispos e arcebispos. Factos historicos.  
A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637.  
O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663.  
Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834.  
Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio).  
Balthazar Jorge em Diu. Os papeis dos Azambujas.  
Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.

---

Diccionario contemporaneo — Francez-Portuguez e Portuguez-Francez, por Domingos de Azevedo — Minho pittoresco — Diccionario universal portuguez — Maravilhas da sciencia, Louis Figuiet — Viagens maravilhosas, Julio Verne (edição popular) — Historia da revolução portugueza de 1820, por José d'Arriaga — Illustração — Bibliotheca do povo e das escolas — Anno Christão — Ilustracion Iberica — Bibliotheca universal — La Tierra Santa — Mundo Ilustrado — Galeria dél arte decorativo — El Mexico atravez de los siglos — Egipto.

---

## MINERVA EBORENSE

DE

JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA

Rua d'Aviz n.º 93

N'este estabelecimento satisfaz-se todo o trabalho typographico com promptidão, economia e perfeição.

As encomendas de fóra d'Evora são remettidas ao seu destino.

### IMPRESSOS PARA ESCRIPTURAÇÃO

Toda a vez que a encomenda seja superior a 10 cadernos, e o modelo em meia folha, importa cada caderno, até 40 ditos, em réis 40, e d'ahi para cima o mesmo preço, mas com a redução de 10 por cento.

GABRIEL PÉREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## AS VÉSPERAS DA RESTAURAÇÃO

II

AS ALTERAÇÕES D'EVORA EM 1637-1638. A JUNTA DE S. ANTÃO.  
A REVOLTA DE VILLA VIÇOSA. O CORREGEDOR JERONYMO RIBEIRO. MISSÃO  
DE FR. MANUEL DE MACEDO. FERNÃO MARTINS.  
BOATOS E INTRIGAS. OLIVARES E A JUNTA D'EVORA. FR. JOÃO  
DE VASCONCELLOS. O VELHO CONDE D. DIOGO DE CASTRO. DOCUMENTOS  
MUNICIPAES RELATIVOS ÁS CONFERENCIAS DE VASCONCELLOS.  
O PERDÃO GERAL. O QUE SE PASSAVA EM MADRID.  
MISSÃO DO CONDE DE LINHARES E D. FRANCISCO MANUEL.  
AS JANEIRAS DE 1638.  
MOVIMENTOS MILITARES EM HESPAÑA.  
O JUIZ SALEMA; A SENTENÇA DA ALÇADA. ETC.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1887.



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## AS VÉSPERAS DA RESTAURAÇÃO

II

AS ALTERAÇÕES D'EVORA EM 1637-1638. A JUNTA DE S. ANTÃO.  
A REVOLTA DE VILLA VIÇOSA. O CORREGEDOR JERONYMO RIBEIRO. MISSÃO  
DE FR. MANUEL DE MACEDO, FERNÃO MARTINS.  
BOATOS E INTRIGAS. OLIVARES E A JUNTA D'EVORA. FR. JOÃO  
DE VASCONCELLOS. O VELHO CONDE D. DIOGO DE CASTRO. DOCUMENTOS  
MUNICIPAES RELATIVOS ÁS CONFERENCIAS DE VASCONCELLOS.  
O PERDÃO GERAL. O QUE SE PASSAVA EM MADRID.  
MISSÃO DO CONDE DE LINHARES E D. FRANCISCO MANUEL.  
AS JANEIRAS DE 1638.  
MOVIMENTOS MILITARES EM HESPAÑA.  
O JUIZ SALEMA; A SENTENÇA DA ALÇADA. ETC.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1887





# ESTUDOS EBORENSSES

---

## As vésperas da restauração

Evora — 1637-1638

### II

Os insultos ao arcebispo e ao velho conde D. Diogo de Castro causaram dolorosa impressão na cidade. Algumas pessoas principaes retrahiram-se offendidas. Durante quasi um mez esteve paralyzada toda a acção de justiça e administração publica. Dominava a duvida, a suspeita. Diz-se que uma parte do clero se empenhava em harmonisar os differentes grupos de nobres e populares no sentido de organisar o governo, mantendo as queixas do povo, defendendo as suas reclamações, protestando todavia contra tumultos perigosos; de algum modo a resistencia dentro da ordem.

Dos jesuitas se affirma tal proposito; mencionam-se até os nomes do dr. Sebastião do Couto, de Alvaro Pires Pacheco, Gaspar Correia e Diogo Lopes.

Da acção directa, clara, e official da Junta de Santo Antão não restam documentos das primeiras semanas das alterações; parece fóra de duvi-

da porêm, pelos successos consequentes. que ella funcionava reconhecida como entidade official.

Os frades dominicos seguiam o parecer da Companhia; as outras ordens religiosas se aborreciam os tumultos não ousavam descobrir-se; no cabido surgiam bandos. De Lisboa não chegavam providencias algumas; a duqueza de Mantua fôra mal informada; o secretario de estado encarregou aos tribunaes ordinarios de castigar os culpados, sem formar juizo exacto da gravidade do conflicto.

D. Francisco Manuel referindo-se a este periodo, conta: — Em tanto os de Evora, não contentes do passado, começaram a gloriar-se de suas acções, em vez de temel-as, e o que parecia e foi mais perigoso contra a paz publica era a communição que por cartas introduziam com os povos visinhos e distantes, a quem conformé a confiança ou correspondencia que com elles tinham, faziam participantes de seus propositos. Direi alguma couso do modo de suas juntas e da maneira que chamavam para sua congregação, para que se veja até donde alcança a industria dos opprimidos, e para que a todos os principes sirva de aviso, a fim de que cuidem de remediar a oppressão dos vassallos antes que elles se disponham ao remedio d'ella.

Fôra poucos annos antes conhecido em aquella cidade (Evora) um homem doido e dizidor e por isso aceitissimo ao povo, cujo nome era Manoel, e por jogo e sua notavel grandeza ironicamente Manuelinho (note-se esta informação; prova ella que — Manuelinho d'Evora — é uma ficção. Existia annos antes, ou residira na cidade, mas no tempo das inquietações não existia ou não estava na cidade; assim nos labores litterarios o apparecimento do louco dizidor pode admittir-se; é uma ficção que reproduz outra; mas a verdade histori-

ca é que esse vulto só apparece pelo nome). Usava fazer praticas pelas ruas ao vulgo, a quem com vozes desordenadas e historias ridiculas excitava sempre a alegria, donde procedeu ser na cidade e seus contornos a pessoa mais conhecida; a cuja lembrança (note-se) recorrendo alguns de aquelles inquietos foi ordenado entre elles que todas as convocações, cartas, editos e ordens, se despachassem debaixo do signal de — Manuelinho de Evora —, por que assim se escusava de ser jámais conhecido o autor d'estas obras: ficando aquelle nome, desde então, constituido por signal publico para que se pudessem entender sem confusão em seus chamamentos. Nesta observancia amanheciam cada dia fixados pelas praças e portas da cidade provisões, bandos e decretos pertencentes ao estabelecimento de sua defesa; debaixo desta forma se escreviam e despachavam cartas ás camaras do reino, se despediam os ministros de seus officios, e se accomodavam nelles outros, em virtude de um simples provimento assignado por *Manuelinho de Evora*. Chegou a tanto a autoridade de seus mandados que bastava para que um cidadão, fidalgo ou ministro deixasse a cidade, casa e officio, ou entregasse a sua fazenda, ser-lhe assim mandado pela incerta voz de Manuel; porque já se sabia que nella era inclusa tacitamente a vontade do povo, a que nenhum poder resistia.

Assim se observou com muitos suspeitosos dando-lhes termos de dias, e desterros, que foram dos condemnados inviolavelmente obedecidos; porque depois do preceito cominavam logo as penas que se seguiam á sua inobediencia, as quaes não eram menos de morte e incendio. Usavam deste artificio nas cousas que tratavam tumultuosamente; mas aquellas que julgavam conforme a seu poder ordinario em publico as resolviam, e com autori-

dade da Camara, que violentada lhe obedecia, eram dispostas. —

É possível haver certo exagero na informação de D. Francisco Manuel; é certo que a cidade se conservou por algum tempo em situação anormal; a carencia de documentos officiaes assim o comprova. É seguro tambem que a revolta se alastrava; inesperadamente assumiu um aspecto melindroso e gravissimo apparecendo em Villa Viçosa, onde a côrte e a poliica hespanholas fitavam de muito tempo olhares desconfiados. O duque D. João ficou inquietissimo pela imprudente explosão.

— Sendo certo, affirma D. Francisco Manuel, que a noite da primeira revolução de Villa Viçosa entraram nella muitos forasteiros, d'entre os quaes se levantaram vozes que acclamavam não só a liberdade do reino, mas a transferencia d'elle a seu senhor (o duque) — .

D. João estava enfermo; ordenou quantos meios podia para reprimir a intempestiva e perigosa inquietação popular; por ultimo mandou que os seus familiares sahisses em grupo pelas ruas da villa levando o duque de Barcellos, depois principe D. Theodosio, então menino de 3 annos, para serenar com a sua presença os animos populares.

A duqueza de Mantua multiplicou avizos para o gabinete de Madrid, a el-rei Felippe; a *junta dos senhores de Evora* informava ao mesmo tempo dos seus trabalhos, do estado politico da região; mas informações e avizos eram contradictorios, por mingua ou exagero; e a côrte de Madrid ainda lhes deu pouca attenção (fins de setembro, começo do outubro), e julgou desnecessario cuidar directamente de remedio prompto, confiando do governo de Lisboa a regularisação d'estes negocios. O secretario Miguel de Vasconcellos esforçou-se em

atalhar a inquietação. Foi difficil encontrar corregedor; a final veio Jeronymo Ribeiro, homem prudente, que já conhecia Évora, onde servira muito estimado.

Desta vez Jeronymo Ribeiro encontrou outros ares; o povo não fazia caso de suas ordens, e elle não tinha força para se fazer respeitar. Os avizos eram diarios para Lisboa; a duqueza, o secretario e os conselheiros de Estado questionavam entre as duas escolas, a violencia e a persuasão. Venceram os moderados, e é preciso notar que na occasião não podia deixar de assim acontecer, porque a pobre duqueza de Mantua estava em Lisboa sem tropa alguma disponível.

Mandaram a Évora fr. Manuel de Macedo, pré-gador afamado, dominicano. O bom do padre veio, pré-gou. conversou, praticou com frades, padres, nobres e populares e perdeu tempo e rhetorica.

— Foi e por mais que empregou a este fim graça, eloquencia e liberalidade, se voltou brevemente a Lisboa timido e queixoso do desprezo com que fora tratado, sem que de sua jornada se tirasse outro interesse que haver mais uma testemunha de credito na informação do perigo. —

A duqueza de Mantua enviou Fernão Martins Freire, fidalgo, natural de Évora, conhecido e aparentado com muitas pessoas de influencia n'esta cidade. Nenhum resultado obteve. Com este homem deu-se o facto aliás trivial do desmerecimento da acção quando a intenção não é pura, e os interesses pessoas se antepõem aos publicos. Pela sua qualidade de grande fidalgo e de natural da cidade pretendeu ser admittido na junta de Santo Antão. Os congregados não lh'o consentiram, allegando — que aquelle congresso estava já com ordem real constituido em pessoas certas, pelo que em sua mão não havia poder para augmental-o com



outros sujeitos; que se Fernão Martins ali se achára ao principio fôra elle o primeiro que chamassem, como reconheciam era o mais capaz de aquelle ajuntamento — .

Estabeleceu-se excisão e intriga entre os da Junta e Fernão Martins.

Este observando que os primeiros poucos e duvidosos esforços empregavam para a completa pacificação começou a lidar com os populares mais salientes, calculando que se a harmonia se obtivesse só pela sua influencia, elle cresceria os seus creditos na opinião do governo e assim levaria vantagem aos outros nobres eborenses.

Nenhum resultado se obteve; as duas influencias estorvavam-se reciprocamente; o estado de desconfiança augmentou: — só as queixas de uns e outros appareciam, insinuando cada qual por suspeitosa a intenção da voz que não seguia — .

Tanto em Lisboa como em Madrid esmoreceram as esperanças de chegar a concordia; tornava-se indispensavel recorrer á força armada.

Ao mesmo tempo surgia uma versão assustadora. Seria plano do conde duque procrastinar a intervenção armada para deixar desmascarar bem a revolta afim de abafal-a depois em sangue, tirando ao paiz a liberdade e autonomia que lhe restavam já bem reduzidas? Era possivel — que o principe ou seus ministros pelo menos, quizessem fazer participante da culpa de uma cidade a toda a nação portugueza a fim de que por uma vez ficassem della seguros — .

Mas em Portugal havia diminutissima força; em Hespanha as attensões militares estavam concentradas para a fronteira franceza, para o alto Ebro, receiando algum movimento imprevisto do exercito de Luiz XIII.

De modo que tambem em Madrid se chocavam



duas opiniões; havia o partido da guerra e o da paz.

— Que sempre o odio dos portuguezes fora natural aos castelhanos, a quem sobre a razão de dominadores aborreciam por uma herdada contração, que em o tempo de seu silencio cessára, mas nunca se extinguiu; e era a razão para que agora se achassem com maiores forças, descansando todo o tempo que se não havia exercitado em acções publicas. Mas que no proprio tempo de sua dissimulação não podiam occultar os signaes de sua falta de obediencia, cujo effeito não tardaria mais que a occasião; como se ia mostrando, tomando-a os povos antes que lh'a dessem.

Que nenhum sisudo esperava a ruina do edificio havendo experimentado o tremor; que já a temperança do imperio hespanhol não tinha causa a que se referisse, nem fundamentos em que a clemencia se estribasse: visto que a sujeição dos subditos resvalava tão cegamente. Que era chegado o tempo em que os reis se viam obrigados a se fazer senhores do proprio, que era seu, já que a malicia presente lh'o mostrava duvidoso; porque elrei na opinião dos portuguezes, mais era hospede que senhor.

E que pois elles se comediavam sómente pelo temor da grandeza sem respeito á magestade, ou amor á pessoa de seu principe, fosse o proprio poder quem os atasse em outas cadeias mais fortes, pois os laços da obrigação os não detinham: que convinha com grande destreza e brevidade atalhar a contágio de seus movimentos antes que corrompesse toda a republica; porque os herpes da sedição não tem outra mésinha que o fogo e o ferro — .

Allegavam os do partido da paz:

— Que estando Hespanha assim combatida de

revoluções externas, não convinha mostrar alguma desconfiança de seus naturaes. Que os movimentos de Portugal eram em a menor provincia do reino; e d'esta só entre a gente mais vil cujo costume é como o das ligeiras nevoas que por si sómente se desfazem antes que o vento as espalhe ou o sol as derreta. Que todas as praças importantes estavam seguras e guardadas de hespanhoes. Que os portuguezes não tinham armas nem quem soubesse governal-as. Que a nobreza do reino era toda dependente do principe porque seus patrimonios não bastavam sem ajudas dos redditos reaes a sustental-a commoda, quanto mais vangloriosamente. Donde se podia ter por certissimo que aquelles a quem o amor não obrigasse a seguir as partes da monarchia os devia obrigar seu interesse; e tambem porque seus grandes não cabiam nos termos e lugares de sua provincia, pelo que os mais eram forçados a buscar a opulencia castelhana. E que por isso mesmo que os portuguezes eram altivos não saberiam humilhar-se a outro que não fosse monarcha.

Que não aconselhava a prudencia que pelo achaque de um braço, com cuja dôr se podia viver, se aventurasse á morte o corpo inteiro.

Que o remedio se devia buscar pela industria e não pela força; porque claro estava que se os vasallos de Portugal antes de provar em uma grande violencia aborreciam o dominio, sem comparação lhês seria mais odioso depois que experimentassem o vergão injurioso que lhês faria o açoute das armas.

Que a natureza ensinára era o melhor freio para o cavallo desbocado largar-lhe as redeas um pouco, a seu alvedrio.

Que havia muitas rasões para entender que se por breve espaço quizesse elrei dissimular com a

execução do novo serviço, passado o ardor d'aquella indignação por penitencia della o proprio povo pediria a mesma carga que ora engeitava — .

Assim questionavam os politicos de Castella. Muito curiosa n'esta situação melindrosa a attitudede dos ministros portuguezes em Madrid, que formavam o conselho supremo de Portugal.

Em Lisboa estava o conselho do Estado junto da authoridade real representada agora pela princeza Margarida, duqueza de Mantua. Os ministros de Portugal residentes em Madrid, os conselheiros supremos, tinham opiniões rigorosas; era preciso mostrar lealdade a elrei D. Felipe. Julgavam elles que por tal proceder e pareceres se justificavam, a si e á nação, ante o poderio castelhano; os ministros, os agentes do rei, observavam-n'os — tendo por mais sospeitoso o mais indignado — . Isto é, entre os estadistas portuguezes que residiam na côrte hespanhola dominavam ideias de rigor.

Sigamos a minuciosa e diplomatica narrativa de D. Francisco Manuel — Entre os requerentes que seguiam a côrte e de continuo a acompanhavam havia boa quantidade de ecclesiasticos, e maior de seculares tanto de fidalgos como de nobres; e como nesta classe de homens se costumam praticar mais certamente os interesses do estado, eram elles segundo suas paixões quem induziam a maior temor ou esperança os ministros ácerca das alterações do Alemtejo, porque aquelles que se davam por favorecidos ou satisfeitos (se pôde haver alguns) julgavam qualquer movimento por indesculpavel, e por extremo insolente: ao contrario os outros que eram mal ouvidos e despachados, agradando-se interiormente do descontentamento publico donde esperavam a emenda do seu particular, exaggeravam a rasão e a potencia dos inquietos; de sorte que a causa commum sempre anda-



va vestida das côres do interesse dos particulares.

Olivares irritava-se dia a dia com a questão alemtejana: parecia-lhe ao conde duque que tocava em offensa da magestade a constancia com que o povo de Evora presistia em sua opinião. Recorrer á força armada era meio prompto, de seguro effeito. Nada facil, como se disse já, nas circumstancias de Hespanha em fins de 1637.

Ainda não mencionei porê m um acaso de importancia. A força militar disponivel estava no alto Ebro. Os chefes ou cabos de guerra eram um italiano, Francisco Carrafa, em primeiro lugar, e em segundo um portuguez, o mestre de campo general Diogo Luiz de Oliveira. Nenhum d'elles, militares intelligentes e valentes, era de confiança para pacificar uma agitação portugueza.

Para utilisar essa força ou exercito era preciso antes de mais pôr-lhe á frente espadas da confiança do gabinete de Madrid; a pessima politica de camarilha de Olivares lançára ao lado, porê m, as primeiras actividades militares de Hespanha.

Olivares todavia começou a fallar de movimentos de tropas, de nomeações de chefes de guerra, intimidando cada vez mais os portuguezes residentes em Madrid.

Quem poderia dizer se todas as duvidas e resistencias se desfariam só com o temor d'um exercito invasor? Cartas e correios vieram, dia a dia, á junta de Santo Antão, — *para que os senhores de Evora estivessem firmes na devoção a elrei* — e ao mesmo tempo para que o povo vendo tal azafama se conservasse distrahido e disposto á pacificação.

Entrementes arranjou-se outro emissario; frei João de Vasconcellos, da ordem dos prégadores.

Era tambem conhecido e aparentado em Evora; pessoa muito considerada. Vem aqui a ponto e a proposito de uma observação de D. Francisco,

Manuel, fazer breve repáro. Escreve da commissão de fr. João de Vasconcellos a Evora — em beneficio da qual foi fama que o conde lhe communicou (ou fossem verdadeiros ou fingidos) todos os designios competentes á authoridade e proveito da monarchia, para que segundo elles se dispuzesse. Tenho por certo lh'os vestiria de tão christans conveniencias que fr. João, entendendo fazer a Deus e a elrei aquelle serviço, aceitou a commissão e partiu a ella sem outra forma de despacho que a conferencia entre elle e o conde duque, o qual com animo de profunda politica nunca consentio que no expediente de toda esta negociação houvesse algum despacho escripto em forma ordinaria, antes tudo se reduzisse a instrucções verbaes, de que depois se lembrasse ou esquecesse segundo os effeitos fossem ou não fossem convenientes.

Esta declaração tem para nós importancia; é uma explicação e demonstração. Diz-nos o motivo de não existirem documentos officiaes, precisos, catheticos, originaes ou registados, de estas complicadas negociações. Olivares jogava com o conselho portuguez de Madrid, com o governo de Lisboa, com a duqueza de Mantua e seus informadores particulares, e com a junta de Evora; no jogo alguém se havia de pôr ás claras; com alguma paciencia se poderia desmascarar algum poderoso, ou mesmo encontrar pretexto de o comprometter, e derrubar de vez.

— Fr. João de Vasconcellos, homem alheio de todo o arteficio, chegado a Evora, começou a sua missão conforme a sua singeleza, e não segundo o espirito de quem o mandava.

— Tres difficuldades se oppunham a seu progresso: a severidade de seu natural, que, cultivado com a profissão de negocios serios, o mantinha sempre austero em aspecto, palavras, e acções: a

segunda o grande interesse em que seus parentes tão conjunctos, como pae e irmão, se achavam com a corôa castelhana: a terceira o modo differente porque se havia n'aquella occurencia, não se valendo de outra alguma pessoa que n'ella o ajudasse; porque, ou tudo temia dos outros, ou tudo fiava de si. Todavia os inquietos movidos da grande authoridade de fr. João e do total poder que lhes insinuava vieram facilmente em ouvil-o; e como a queixa de nova carga de direitos, que não queriam receber, era a mais urgente causa de seu movimento, por isso mesmo allegaram que a segurança do allivio deste novo peso devia ser a primeira cousa sobre que se conferisse, e que antes della satisfeita se não havia de tratar o remedio de outra alguma cousa=.

No archivo municipal existem alguns documentos a respeito d'estas conferencias que vamos aproveitar. São na verdade de importancia secundaria no que diz respeito á essencia da missão de Vasconcellos, todavia dão-nos esclarecimentos da maneira e forma das reuniões que officialmente celebraram para ouvir o emissario do gabinete de Madrid.

O primeiro é um aviso de D. Diogo de Castro, datado: 12 de novembro de 1637.

= Os senhores da Junta sôbre a quietação d'esta cidade, que depois d'amanhã sabbado quatorze d'este, ás oito horas da manhã, se hão de achar na Camara para se verem ali cartas de Sua Magestade, que Deus guarde, que o sr. frei João de Vasconcellos traz para a Camara e para os mestres, e vinte e quatro; que pede o recebimento destas cartas acharem-se presentes todas as pessoas da Governança e os cidadãos a que se costuma mandar recado em semelhantes occasiões, advertindo-se que antes sejam de mais, que de menos,



e aos mesteres, e vinte e quatro, e as mais pessoas que parecer a V.<sup>s</sup> M.<sup>s</sup>

E os recados se darão da parte do srs. da Junta, sobre a quietação d'esta cidade, e se poerá o recado no alto de cada um dos rois por que se houver de chamar, e ao pé d'elles dirá a pessoa que chamar como deu o recado a todos, para que se possa ver se falta alguém dos a que se deu. D.<sup>s</sup> Gd.<sup>e</sup> a V.<sup>s</sup> M.<sup>s</sup> a 12 de Novembro de 1637.

(A.) D. Diogo de Castro.

Está este aviso no Arch. Mun. Liv. 9.<sup>o</sup> dos originaes a fol. 453.

Este simples aviso ensina-nos algumas particularidades. Temos o velho conde de Basto, D. Diogo de Castro avisando, e pela instrucção ultima intimando, a gente da governança, Junta, Camara, mesteres, e vinte e quatro, a comparecerem em sessão para ouvir fr. João de Vasconcellos.

A Junta ia reunir-se com as outras entidades governativas; reuniam-se na Camara.

Os recados, a convocação, faziam-se em nome da Junta, sobre a quietação da cidade. Que outras reuniões se haviam já celebrado como esta em — semelhantes occasiões — .

E ainda, particularidade simplesmente curiosa, que esta reunião solemne se realisaria pelas 8 horas da manhã, o que está longe dos costumes actuaes.

A proposito d'esta reunião temos uma carta de Vasconcellos: preparava terreno; queria prudentemente conferenciar com os da Junta antes da sessão solemne e mais numerosa.

— Sempre obedecerei ao que V.<sup>s</sup> M.<sup>s</sup> me mandarem com mui prompta vontade para servir esta cidade a que por muitas rasões sou mui obrigado a dar a vida pelo bem commum, comtudo é necessario que se tenha o devido comprimento com

os senhores da Junta e assim peço me dem V.<sup>s</sup> M.<sup>s</sup> licença para communicar com elles este escripto; e ámanhan será necessario que se achem na Camara os vinte e quatro do povo com o seu escripto porque para elles trago tambem carta de S. Mag.<sup>de</sup> G.<sup>o</sup> Deus a V.<sup>s</sup> M.<sup>s</sup>

De casa 13 de novembro de 1637.

(A.) Fr. João de Vasconcellos.

(Liv. 9.<sup>o</sup> orig. fol. 451).

O 3.<sup>o</sup> documento é uma carta de D. Diogo de Castro escripta depois da primeira reunião; trata-se de nova conferencia; vê-se que se faziam reuniões parciaes, seguramente de gente principal, sendo preciso ponderar bem projectos e palavras antes de apparecer em plena luz n'uma sessão solemne.

—Estes senhores a que V.<sup>s</sup> M.<sup>s</sup> pedem pelo seu escripto que hontem se recebeu, se achem amanha na Camara, estão n'esta materia com todo o cuidado que se deve ao peso della, tendo por muito importante a brevidade em tudo: esta manhan se ajuntaram e pareceu tratar-se com o sr. fr. João de Vasconcellos d'estas cousas; hoje terça feira era dia de sua sessão, amanha pela manhan nos ajuntamos todos para este effeito, e para com menos detença se poder caminhar n'ellas, e logo apoz isto verão estes senhores o dia que convem vão á camara, e serão V.<sup>s</sup> M.<sup>s</sup> avisados. Ds. G.<sup>o</sup> a V.<sup>s</sup> M.<sup>s</sup> em 17 de novembro de 1637.

(A.) D. Diogo de Castro.

As sessões ordinarias da vereação eram nas terças feiras, dias dos grandes mercados semanaes O apparecimento do velho e respeitavel conde D. Diogo de Castro tem facil explicação, esquecera os insultos do povolêu na primeira noite das alterações; talvez, como homem superior que era, nem

lhes attribuisse imputação. Tratava, como estas cartas provam, de combinar meios para harmonisar. Seguramente era entre os grandes fidalgos ebo-  
renses o melhor visto em Lisboa e Madrid; fôra governador do reino, isto é, o rei tinha n'elle confiança illimitada. Naturalmente com o marquez de Ferreira havia desconfiança; e os Vimiósos, perseguidos nos primeiros annos da dominação hespanhola, viveram depois sempre mui retirados.

A missão de fr. João de Vasconcellos foi inutil. Exforços e diplomacias do frade, dos fidalgos, da junta ficaram frustrados ante a desconfiança, a exaltação dos populares e seus mesteres e bandeiras.

— Todavia os inquietos movidos da grande autoridade de fr. João, e do total poder que lhes insinuava, vieram facilmente em ouvil-o; e como a queixa de nova carga de direitos que não queriam receber, era a mais urgente causa de seu movimento, por isso mesmo allegaram que a segurança do alivio deste novo peso, devia ser a primeira cousa sobre que se conferisse, e que antes d'ella satisfeita, senão havia de tratar o remedio de outra alguma cousa.

Disseram os inquietos, e foi constante esta sua nova queixa: que sendo ouvidas de fr. João as passadas razões logo nesse primeiro congresso que com elles teve, lhes prometteu absolvel-os de todos e quaesquer tributos novos, dos quaes desde então os havia por livres para que nunca mais lhe fossem pedidos; e que com equal liberalidade concedera em nome de elrei, e pelo seu poder que tinha, geral perdão aos commovidos de Evora, com tanto que visto como as necessidades do reino eram tantas, quantas elles conheciam para que estas se podessem remediar em beneficio do mesmo reino, o povo escolhesse voluntariamente algum

modo de donativo, e não tributo, que bastasse para satisfazer os effeitos, que se julgavam necessarios ao remedio de tudo ==.

O tacto político de Vasconcellos falhou tambem; duvidou-se da sinceridade do enviado; surgiram novas intrigas; — bem se via o arteficio do engano a que levavam o povo, pois havendo em Evora tão grandes pessoas, por cuja intervenção tratar o acordo de tudo, se buscára outra para esse effeito, só a fim de que como não havia de ficar entre elles, para sustentar o prometido (como haviam de ficar os senhores da Junta) pudessem mais facilmente, e mais sem perigo, prometter o perdão que não veria cumprir nem quebrantar —.

Os populares ouvindo taes duvidas e suspeitas pediam que o perdão se lhes mostrasse logo assignado da mão real; isto não se fez; appareceram desculpas, difficuldades.

Em breve leremos o perdão geral e por elle veremos claramente os motivos porque semelhante documento se não publicou, e, julgamos nós, nunca o apresentaram ao publico; e, cousa notavel, D. Francisco Manuel que andou n'esta questão, que a descreveu, apresentando na integra ou por extracto cartas, pareceres, etc. que elle viu, parece não ter podido obter copia do perdão geral. E note-se desde já que a missão de Vasconcellos até certo ponto se travou, se engrenou, na do conde de Linhares, cujo companheiro foi Francisco Manuel, facto este que não apparece claramente na Epanáphora politica: escripto que seria ainda, historicamente, de maior valor, se o seu brilhante author tivesse conservado as datas dos documentos que apresenta, o que elle não fez sem duvida pela sua preocupação constante de estylo e elegancia no dizer e methodo de expor.

No gabinete de Madrid causaram surpresa os



avisos do Enviado e da Junta de Santo Antão; era pasmoso o desprezo com que Evora acolhera a piedade do rei.

O conde-duque attribuiu tal resultado á extrema boa fé e liberalidade do enviado: em conselho opinou: = que a elrei não convinha approvar o que o enviado promettera fundando-se no conceito, que como varão pio, podia fazer do animo de um rei, que tinha a religião por sobrenome; porque o espirito de um particular não póde comprehender os profundos segredos do coração do monarcha, sentir com seus sentidos, discursar com seus discursos.

Que a elrei era inconveniente receber a obediencia sobre cautelosa, sollicitada; porque a magnificencia dos principes ha de ser fonte que corra voluntaria, não poço de que se tire á força do braço dos homens = .

A attitude dos portuguezes residentes em Madrid era cada dia mais singular; a ponto de certos politicos e cortezãos hespanhoes dizerem: = que dentre nós mesmos (dos portuguezes) haviam sahido terriveis maximas contra nossa propria quietação; e que o conde duque supposto que nestas materias punha de sua casa a violencia (que só podia achar-se em seu poder) não punha a malicia; porque esta repartida em varias suspeitas lhe ministravam alguns dos nossos pretendentes, que assistiam na côrte, a fim de justificar arditosamente a fidelidade de seus animos, para o futuro acontecimento: sem reparar que a fraudulenta lealdade, é indigna de tal nome e premio: porque primeiro começa a ser desleal aquelle que com enganos e simulações fomenta as suspeitas e desconfianças do principe, contra sua nação e seus naturaes.

D. Francisco Manuel dá-nos integralmente (fal-

ta apenas a data!) uma carta de Olivares a fr. João de Vasconcellos; *copiada do seu original mesmo*, afirma elle.

==No puede llegar mi desconsuelo a más, mi padre Fray Juan, que a ver estas materias, en el estado que las veo: pues quando esperaba lo que solo buscamos, lo que podemos pretender, que es a lo que vuestra paternidad fue: reduzir las cosas al estado que tuvieron, pedir perdon, y venir a pedir el castigo a su Magestad, prostrados a sus piés, por los yerros que hizieron; ver en lugar desto, persistir en su terquedad esos hombres, y responder a su Magestad que haran lo que pudieren, sin bolver a admitir los tributos, porque se levantaron, y dar por repartimiento lo que les pareciere.

Considere vuessa paternidad, le suplico, si con un frayle suyo admitiera este partido? y lo que le puedo assegurar es que si elrey de Francia, la republica de Venecia, ofrecieran a su Magestad, lo que la ciudad de Evora, su Magestad no se ajustara con ellos: y mire vuessa paternidad si quando yo le digo que haré lo que pudiere, y no le digo más, si se dá vuessa paternidad por contente de mi respuesta?

El dano, señor, el descredito de su Magestad y de Espana ya está conseguido, y quando se dixesse que havia capitulado con Evora, que ha obrado tanto mal en estos reynos, fuera notar la acion de su Magestad, con semejante indignidad. y ocasionar con justissima razon no solo a todo lo demás Portugal. sino a todos los reynos suyos de Europa, y las Indias, y India. que hiziesen lo mismo; pues no aventuravan nada en ello, siendo cierto que uma triste ciudad con solo rebelarse havia merecido capitular con muchas ventajas, a todas las otras ciudades ó provincias de Portugal, que se hallan obedientes a su Magestad: pues todas las



otras pagan el real de agua, y caveçon, y estan dando el donativo a parte; y ni pedir un perdon han querido hazer esos picaros, tan desarropados com vuessa paternidad los pinta.

Quien resuscitára a su padre de vuessa paternidade para que hablára sobre este caso!

Ya avrá recebido carta mia en que le adverti que no havia de haver capitulacion, ni de lo mas justo y devido, ni de lo que su Magestad huviesse de hazer a otro dia, por obligacion de conciencia; porque en pediendolo en rebelion perdieron todos los derechos.

En efecto, señor, yo quise en esto votar el postreiro, suplicando al señor cardenal Borja a quien tocava que votasse antes. No puede vuessa paternidad creer como habló y como hablaron todos. Leyeron las instrucciones para ver lo que podia haverse empeñado v. p. y se halló que, expressamente assentaron todos, se reduxesse al estado que tenian, y quando no huviera nada desto, ni aun dezir essas razones en la cartas para su Magestad, sino que haran lo que pudieren, con que no queda nada assentado.

Todos unanimes tienen aconsejado a su Magestad, que no se trate más que castigar a Evora luego; y por su consecuencia, los demás lugares, que la han seguido; y que se eche pregon por essa justicia, y esos Cavalleros, para que se pongan de parte delrey, los unos, y los otros que quisieren ser traydores perescan, y lo mesmo en todos los demás lugares rebelados. Yo despacho este correyo con toda diligencia, dizendo a v. p. que el ultimo desconsuelo de mi vida, y el que no crei ver, y el para que no quisiera ser vivo, es el dia en que se ordenar entren en Portugal las armas de su Magestad: y assi suplico a v. p. con todo el encarecimiento que puedo (crease de mi que no engaño

a nadie) que procure v. p. antes que llegue el correo de acá, que esos hombres desdichados se pongan a los piés de su Magestad com el arrepentimiento que deven, poniendo las cosas como estaban, en primero lugar; y fie de mi que si ellos no son traydores por otra cosa, que por la imposibilidad de hazienda y miseria de frutos, yo serê procurador de su descanso, y no se arrepentiran de haver dexado verlo a su Magestad, como lo deven.

Si son traydores, porque lo quieren ser, alto, no ay más respuesta que la espada, y dar gracias a Dios, por lo que ha querido que veamos.

Si huviera tiempo todo se hiciera bien: no lo ay; porque en este año ha de dar en tierra este gigante de trapos, porque no se haga de piedra ó de hierro. Y suplico á v. p. diga al señor marquez de Ferreira de mi parte, no más de lo que dixè en mi voto primero destas materias, publicamente, y lo firmé de mi nombre: que ninguno le igualaria en la obra, por bien y por mal; y con mi cabeça responderia por el.

Que le suplico yo no malogre mi empeño, ni trate con religiosos, con que no es menester tratar, pues sabe la sangre que tiene, y que ha de morir por elrey; ni es ya tiempo de andar con más platicas con pícaros, como lo verá, y averiguará que lo son, e muy viles.

Digale v. p. tambien por chiste, que quando no fuera por más, que por no dexar que castellanos lo obren, ni vençan a portugueses, lo havia de hazer: por ser más un solo portuguez como el, que toda Castilla junta. En efecto, mi padre Fray Juan, en llegando el correo, no avrá negocio; suplico á v. p. que no vea yo la desdicha que seria derramar sangre, y tanta, y tantas ofensas de Dios juntas, y tanto descredito de nuestra nacion, por solo una rebelion de gente tan baxa, como la que v. p. re-

fiere, y crea v. p. que aunque tirassen piedras, no se atreverian a dar a v. p. con una : porque me hê visto en el mismo estado en Salamanca, y nunca crei, que me havian de acertar, como sucedió : y como v. p. verá que sucede si obligan mis pecados a que llegue este correo sin haverse ajustado las cosas, pues entonces avrá de ser por mal todo; y esos Cavalleros castigar con la espada, si no pudieren prender lo que havia de hazer la justicia.

Y porque sê que dicen los de Evora, que dicen los arrieros estremeños, no daran de comer a la gente castellana, ni ellos entrarán contra los portugueses, sino que antes se sublevaron, que me crean y no los crean, y se asseguren que para remediar sus necessidades no desean otra cosa en este mundo.

Digo esto en risa, porque lo és; sino que esses menguados no ay disparate que no crean en su consuelo, aunque sea tan sin fundamento como este.

Tambien advierto a v. p. que el prosupuesto que haze de que es por quatro años el real de agua, y el caveçon, es equivocacion como consta de los papeles : pero no está en esto el punto, sino en que no és por el huevo, sino por el fuero; y que si el fuero se ajusta, el huevo yo lo tomo a mi cargo.

Por un solo Dios que no se derrame sangre, aunque me cueste la vida. Dios guarde a v. paternidad como deseo == .

Por sua mão, em *postscripto*, juntou Olivares algunas palabras, poucas mas proprias a effeito politico: == Señor mio, v. p. me crea, que si su padre resuscitára abrasára esse lugar, y le hiciera sembrar de sal. Suplico a v. p. le obedesca a su Magestad, y reponga lo hecho == .

De subito chegou ordem para que fr. João, deixando a cidade, e os negocios da sua commissão, se retirasse logo a Lisboa; ao mesmo tempo ordena-se á Junta que prosiga na forma anterior á chegada do enviado, avisando para Madrid dos negocios que surgissem. Logo se cumpriu tudo, despedindo-se fr. João da cidade, tão pouco obrigado do rei como do povo, e não sei (diz F. Manuel) se desobrigado da nobreza.

Este facto, julgo, póde referir-se ao meiado de dezembro; depois, parece provavel, de estar resolvida a vinda do conde de Linhares, em harmonia com os projectos e combinações de Diogo Soares. Mas a situação geral agravou-se com certos pequenos levantamentos ou agitações que de novo romperam em varios pontos do paiz; em Santarem, Tancos, Abrantes, Crato houve tumultos; o governo de Lisboa lançou mão de todos os recursos e conseguiu abafar a sedição; chegou a desguarnecer quasi completamente Cascaes (no dominio hespanhol attendeu-se principalmente á guarnição das praças maritimas) mandando as forças de infantaria que ali estacionavam para Santarem, Tancos e Abrantes.

Em Villa Viçosa houve nova agitação, sem maiores consequencias; no paço dos duques de Bragança estava sempre fito o olhar do gabinete de Madrid, e assim as attenções dos dois secretarios do Estado, Miguel de Vasconcellos (Lisboa) e Diogo Soares (Madrid).

Mesmo entre os portuguezes residentes em Madrid levantaram-se parcialidades: o conde de Linhares, D. Miguel de Noronha, voltando de longo governo na India, fôra nomeado para o conselho supremo de Portugal, e em breve tinha lugar eminente na côrte: = as duas parcialidades dos portuguezes na côrte, que reconhecidas já das al-



terações do reino, cada um procurava arrastar a causa publica até fazel-a servir a seus interesses, e designios, porque o Soares e sua facção fundavam grandes machinas n'aquella desobediencia.

==Dando a entender a el-rei e valido (Olivares) que a segurança de Portugal consistia em tirar o governo da mão aos grandes, e crear outros sujeitos, que devessem a el-rei todo seu ser, e melhor augmento.

Tendo por certo que ao mesmo passo que o reino merecesse a Castella um grande castigo ficaria elle absoluto senhor dos portuguezes, de suas casas, e rendas.

O conde de Linhares e seus partidarios seguiam diverso parecer == que a desesperação dos povos tomára principio em a violencia com que os novos ministros persuadidos do Soares e Vasconcellos opprimiam ao povo.

==Era mais conveniente ao serviço real deixar perder um ou dois ministros aborrecidos do reino, que arriscar á perdição esse mesmo reino, e a Magestade real a um desacato, que fosse tão aspero de castigar como de esquecer.

Em breve se extremaram os dois papeis; o secretario Diogo Soares era pelo rei e pelo valido contra Portugal; o conde de Linhares tentava justificar os clamores dos opprimidos.

A Diogo Soares se attribue a celebre phrase: == que em Portugal não haveria quietação, em quanto não nascessem malvas pelas escadas e patios do paço de Villa Viçosa.==

A inquietação do sul do paiz continuava; procedia-se tumultuosamente na eleição dos cargos de justiça e administração; ao mesmo tempo tentava-se alastrar a revolta em Setubal e Lisboa.

Olivares ia contemporisando emquanto não podia apresentar em campo forças militares respeitaveis.



Desejava a todo o custo terminar o estado indeciso dentro do anno de 1637.

Provavelmente a sua idéa era executar um golpe de armas rapido no Alemtejo durante o inverno, de modo que na primavera de 1638 as forças pudessem estar de volta nas fronteiras do Pyreneus.

O exercito francez não tomava a offensiva n'aquellas regiões cobertas de neve, erichadas de montanhas, sulcadas de caudalosas correntes, antes de abril ou maio. As forças militares receberam ordem de marchar de Biscaya á Rioja, depois a Leon, para em seguida descer á Extremadura, até Badajoz.

Partiram 8:000 homens; ao entrar na Extremadura eram pouco mais de 4:000, tal fora o numero de deserções. Eram terços de infantaria, alguma cavallaria e artilheria; entre esses corpos vinha um de=nova milicia=, era um regimento de dragões, importado da Alemanha.

O duque de Bejar, rapaz de dezeseite annos, foi nomeado general d'este exercito=que por ser o maior senhor da Extremadura, onde o exercito se juntava, lhe competia o posto=; era modo de ver bem vulgar então nas questões militares.

Simultaneamente organisava-se outro exercito na Andaluzia, ás ordens do duque de Medina Sidonia, para guarnecer a fronteira do Algarve.

Da parte dos portuguezes ninguem tratava de defeza;=antes como naturalmente se perturbem todas aquellas acções em que concorrem muitas vontades, até a propria inquietação se ia por si mesmo moderando, e de todo chegára a ser desfeita; porque os populares já cansados do continuo ocio, perdendo o tempo servil dos exercicios do campo e artes mecanicas de que se sustentavam, foram a grande passo desamparando o corpo da

multidão; e desta falta se começava a produzir o arrependimento do que haviam obrado: porque segundo a sentença dos philosophos a destruição de umas cousas é principio de outras, não sendo menos certa nos affectos que nas creaturas==.

=A junta de Santo Antão, que tudo observava, havia de novo por esta causa concebido firme esperança de quietação, e já tinha por certo que lhe seria mais difficultoso socegar o animo do Conde-duque, que o do povo: porque mostrando este até aquelle tempo que para haver logar a clemencia do rei bastava só a reducção dos inquietos, agora pedia a reducção por modo de arrependimento; e que os tributos se recebessem e tornasse o povo ao mesmo estado em que se achava antes do tumulto.

Olivares já que movera a força militar de sorte deixaria agora o povo sem castigo e sem obediencia completa.

Retrata menos mal a feição politica de Olivares a seguinte carta dirigida á junta de Santo Antão.

=Señores. Confieso a V. Señorias que a mi no me queda que decir en esta materia, que sentir si, cierto y tanto que quando mi vida fuera muy larga no llegára a enxugar las lagrimas que me causa ver en mis dias una desdicha á que no sê hallar exemplar que ajuste a ella en ninguna historia antiga ni moderna. Pues en un Reyno tan fertile, tan lleno de nobleza, quieren descalços, desarmados, hazer cuerpo e mantenerse y pretender capitular con su rey; sin tener oy respecto ni á la justicia, ni a la nobleza, ni a la piedad de su Magestad; y que forçadamente nos quieran obligar a derramar sangre de vassallos propios, y poner nota en la fidelidad espanola.

Este correo despacho de pura piedad, y sin orden, como cristiano y como cavallero; entretanto

que se firma la consulta de anoche, y sube a su Magestad (que no está aqui) y hazen los despachos della.

Asseguro a V. S.<sup>as</sup> que una hora mas de dilacion no es possible ni conveniente, y que los cuidados de afuera, obligan a no dexar esso imperfeto.

Pero si he de recibir de V. S.<sup>as</sup> alguna merced, sea que se obre sin sangre, y que estos dos dias ô tres se reduzga essa gente a conocer su perdicion forçosa, aunque tuviessen quantos sucessos desean, y quan impossibles son.

Pero yo queria que mientras llega la orden de su Magestad y la resolucion de la consulta, ellos reconociesen lo que ha de ser el dia seguinte, y se pongan a los piés de su Mag. y en su obediencia, y se reduzgan los tributos al estado en que estaban. Y si se ponen en essotro en que se ven, por la necessidad que padecen. yo salgo por fiador de V. S.<sup>as</sup> que no passaran necessidad, y soy de fiar por la sangre con que naci, y tambien lo soy, por el lugar en que su Mag. (Dios lo guarde) aunque indignamente, me tiene.

Que ya ve V. S. si su Magestad necessita de dos ô tres mil ducados que paga el casco de Evora en estes tributos ó en los otros, pero vale a su Mag. en esto los de todos sus reynos enteramente, no solo de Portugal sino de todas partes; que al exemplo de quedar esos rebelados sin otro titulo ninguno, libres de los tributos y consiguiendolo por esse camino, no abria lugar, provincia ô reyno que no intentasse lo mismo, saliesse con ello; con razon y justicia si su Mag. lo huviesse desimulado. Ay, sabe Dios, que a costa de quanto sangre tengo en las venas, tomára que esso se remediará sin sangre.—

As duas opiniões = el-rei perdoa = e = el-rei castiga —, definiam e dividiam perfectamente as

duas parcialidades que se chocavam e embaraçavam na côrte de Madrid.

Olivares agora simulava mais que nunca o muito que lhe custava recorrer ás armas, agora que tinha conseguido pôr os terços e regimentos em marcha; evidentemente o plano de Olivares descobri-se no seu proceder n'esta occasião; desejava ver bem comprometidas algumas grandes casas de Portugal, o reino todo eivado do espirito de revolta; Evora correu o gravissimo risco de servir de pretexto para a completa extincção da bem estreita autonomia consentida ao paiz.

O conde duque tratou de justificar a intervenção armada. Inesperadamente todos os ministros, prelados, titulares, fidalgos portuguezes que se achavam em Madrid, foram chamados ao paço, aos aposentos do poderoso e arto ministro; todos ignoravam o motivo da convocação.

E' curiosa a maneira porque Olivares dava as suas grandes audiencias.

Reuniam-se os convocados em comprida galeria em cujo fim havia uma *alcova portatil e escura*, ou especie de gabinete armado de tapeçarias; de modo que mal se via o famoso ministro, e só as pessoas proximas ouviam o que elle dizia; era um scenario de oraculo; terrivel, porque dessa mysteriosa sombra sahiam frequentemente raios de ira e sangue que fulminavam provincias inteiras; ás vezes o rei estava encoberto ao lado do valido.

Estavam quasi 50 pessoas na galeria do paço, entre ellas alguns ministros de Castella, ou do conselho de Estado. Estava todo o conselho supremo de Portugal; o conde de Linhares, D. Francisco Mascarenhas, Manuel de Vasconcellos, e Cide d'Almeida. Estavam Luiz Alvares de Tavora, conde de S. João e seu filho, o bispo de Portalegre João Mendes de Tavora. Proxima da cadeira



do conde duque havia uma meza onde escreviam os dois secretarios, em cadeiras rasas; todas as outras eram de espaldas.

Os dois secretarios eram D. Fernando Ruiz de Contreiras, e o famoso Diogo Soares, o que desejava ver cheios de malvas os patios e as escadarias do paço de Villa Viçosa.

Os portuguezes estavam tomados de surpresa, de receio, de susto.

Ia decidir-se seguramente da sorte de Evora, provavelmente do Alemtejo, quem sabia se do paiz por alguma medida geral?

Occuparam todos os seus logares, e por alguns instantes, reinou um silencio completo, oppressivo.

Ergueu-se o secretario Diogo Soares, e começou a ler uma proposição, relatorio diríamos hoje, escripta em hespanhol. mas duvidando um pouco na pronuncia seguiu na leitura o outro secretario Contreiras. Fazemos alguns extractos d'essa memoravel sessão tão importante para a historia eborense.

—Que sua Magestade attentando á inconcussa fidelidade dos portuguezes, e entendendo que de presente alguns homens villissimos pretendiam perturbar a paz commum, e impedir os effeitos de seu serviço, notificando por insuportavel o pezo dos novos tributos, que ao reyno se impunham por causa das novas guerras e necessidades que todos reconheciam... Pela qual commoção a justiça perdera a sua auctoridade, e os nobres tomaram medo aos inquietos, desistindo de se lhes oppor, como delles se esperava... Vendo por outra parte quão perverso seria este exemplo para as mais nações de que se compunha a monarchia..... mandára que se juntassem... para conferir qual seria o melhor meio e forma para a redução dos inquietos, e castigo dos que os perturbavam... Terminava o papel com palavras amaveis aos presen-



tes... e que desejava (el-rei) de os ver avantajados e não remissos, por ter occasião de lhes fazer novas mercês... etc.

Queria dizer que deixassem matar e opprimir á vontade que elle os recompensaria.

Ergueu-se o bispo de Portalegre; vejamos algumas palavras d'este Tavora = Grande era a nova obrigação que se devia reconhecer ao monarcha! o qual podendo convocar os nobres para que ouvissem ler um terrivel decreto contra o povo, os chamava para fazer com sua presença e á vista de sua fidelidade mais digno o perdão que lhe concedia = .

Entre muitas phrases de artificios rhetoricos, nojentas de adulação, o bispo affirmava:— que o peso das novas e inescusaveis imposições (os tributos) era mais sensivel para el-rei que para o povo; tanto sentia suas cargas. Mas pois sua Mag. se accomodava com a dor, se accomodassem os vassallos com a contribuição, que esta era sem duvida a menos grave parte, pois a el-rey tocava no coração e ao reino no hombro. E era justissimo quando o príncipe se não escusava da molestia de seu peso, que os subditos lh'a fizessem leve, empregando suas forças em seu descargo.

... qual de vós haverá tão ingrato que a tal rei, a tal senhor, a tal pae, negue alguma parte do amor?

... que o principal instrumento que el-rei queria occupar na reducção d'aquella provincia, e mais lugares, era a mesma nobreza delles, de quem se achava satisfeito... Pois desde logo todos deveis dispor-vos, a sollicitar a moderação, emenda e satisfação de aquella monstruosa gente (a de Evora), que como vibora peçonhenta quer ser homicida da propria mãe, que lhe deu o ser e acode com o alimento; para que por virtude de vossa diligencia, e

intelligencia, com amigos e parentes que no reino tendes, mereçam aquelles povos o perdão que sua Mag. lhes offerece=.

Quando o bispo terminou a sua dilatada oração tomou a palavra o conde duque; louvou as razões do bispo; affirmou que era muito o amor do rei pelo reino de Portugal... era preciso que os povos tomassem sobre si, e revogassem com publico arrependimento os destinos passados... que a nobreza tomasse a seu cargo a reducção d'aquella gente vil... que de tudo se d'esse parte ao duque de Bragança... esperando que o duque por sua grande auctoridade fosse o instrumento mais proporcionado da concordia, cooperando com a Junta d'Evora=.

Assim que Olivares acabou, todos aquelles nobres se ergueram e fizeram grandes mesuras e inclinações... *não tinham que propôr ou pedir senão a mão de sua Mag.<sup>do</sup> para beijar...* e dentre si escolheram tres para ir á presença real agradecer; o conde de Linhares, o bispo de Portalegre e o conde de Figueiró foram os eleitos.

Para aplanar todas as difficuldades, especialmente a questão de dinheiro, o arcebispo d'Evora D. João Coutinho, e com elle o cabido, offereceram=a pagar de suas proprias rendas aquelle excesso que de novo se impunha á cidade sobre os antigos direitos, o qual excesso então se avaliava em 3 contos de réis. Da mesma sorte a Camara convinha em satisfazer por seus proprios e bens comuns o serviço pedido ás pessoas particulares. Com o qual ajustamento o povo ficava não pagando mais do ordinario, el-rei servido, e a cidade contribuindo com tudo o que se lhe havia imposto=.

Não satisfez inteiramente a proposta; Olivares agora reforçava o pedido; havia questão de dinheiro e revolta declarada=e a elrei mais lhe convinha a emenda que o interesse=.

Outra complicação surgia em Madrid; os proprios nobres portuguezes ali residentes se intrigavam; o conde de Linhares assumira certa importancia na côrte que o secretario Diogo Soares não podia tolerar; este tratou de pôr o conde fóra da côrte, e para isto começou a indicar que só este poderia, com sua intervenção pessoal, trazer a gente de Evora á submissão completa, e resolver esses incommodos negocios. A intriga foi rapida e saiu a favor dos projectos de Diogo Soares e tambem do conde duque, que tinha confiança em que o conde viria perturbar ainda mais a questão—já se sabia que mais aceita lhe seria (ao conde duque) a desordem que a concordia de Evora, para que pudesse assim introduzir a forma de governo que desejava se conseguisse em Portugal.

Veio o conde Linhares, acompanhado por D. Alvaro de Mello de Bragança, e o inquisidor Antonio da Silveira Menezes; ambos naturaes e mui conhecidos em Evora; veio tambem o celebre D. Francisco Manuel, então homem de 26 annos, já sympathico por muitos respeitos, onde o sangue fidalgo, o gentillissimo espirito, a alta cultura, a vida de côrte, de aventuras e de batalhas, constituíam opulenta concentração de qualidades raras.

Ao mesmo tempo nomeavam-se conselhos especiaes em Badajoz e Ayamonte, para melhor disposição do que se ía fazer no socego das alterações. O duque de Bejar estava em Badajoz prompto a entrar com força militar. Olivares montava a machina do pleno dominio; o leão de Castella preparava o salto.

Era uma preza real! a nobreza compromettida; o povo, quer dizer a nação, a descoberto! o duque de Bragança ía sem duvida ajudar Philippe 3.º no castigo da gente de Evora, de Villa Viçosa. Mas era conveniente prever tudo; as justiças, os tribu-

naes, a nobreza estavam quasi por completo submissas; ah! faltavam as ordens militares, ainda importantes porque comprehendiam muita gente da primeira plana.

—Dom Felippe, etc. como governador e perpetuo administrador que sou dos Mestrados de Cavallarias e Ordens de N. Senhor Jesus Christo, S. Thiago da Espada e S. Bento de Avis. Faço saber a vós (fulano) que para em caso que se cheguem a castigar os povos desobedientes (se antes se não reduzem pelos meios de que tenho mandado que se use) hei resolvido que se avise a todos Commendadores e cavalleiros das ditas ordens, moradores ou assistentes n'essa comarca, que estejam promptos para quando se lhes der recado.

N'esta conformidade vos encommendo e encargo muito, e mando, que logo que esta receberdes, e com a maior diligencia que fôr possivel, aviseis na fórma referida a todos os ditos commendadores e cavalleiros ainda que seja em logares de donatarios, e me deis conta de assim o ter feito, etc.—

Todas as ordens se cumpriram.

Chegou o dia da partida do conde de Linhares, que foi á ultima hora, conferenciar com o rei em pessoa, recebendo ahi instrucções ultimas do seu proceder; as oraes eram diversas das escriptas, e estas quasi impossiveis de satisfazer. Tudo se preparava para dilatar a questão. Quando Linhares chegou a Merida veio ahi um postilhão de Madrid, com um aviso do conde duque mandando que D. Alvaro de Mello e Antonio da Silveira tornassem immediatamente para a côrte, por urgencia do serviço real. O conde apenas acompanhado por D. Francisco Manuel seguiu para Evora, muito desgostoso—Ao Linhares, se disse logo em Madrid, iam privando de todos os meios da obra que lhe



encarregavam para que tropeçando n'ella crescesse novos motivos a sua calúnia, ou a justificasse com adversos acontecimentos.

Chegando a Elvas o conde annunciou que el-rei dava á cidade logar no primeiro banco das côrtes, em agradecimento á sua constancia e fidelidade.

No primeiro banco tinham assento Lisboa, Evora, Porto, Coimbra e Santarem. A cidade de Elvas respondeu ao favor fazendo solemne procissão de acção de graças, pela conservar quieta.

Houve conferencia depois de varios recados e cortezias com o duque de Bragança em Villa Viçosa. O duque prometteu que a tudo a que conviesse sua intervenção não faltaria; nem os povos nem os vassallos d'aquelle Estado (de Bragança) fariam menos ou menores demonstrações de arrependimento das que fizessem os vassallos e povos d'el-rei.

A gente de Evora, a Junta de S. Antão, recebia avisos de todos os passos de Linhares.

Entrou enfim o conde (seguimos a narrativa de D. Francisco Manuel) e foi recebido com moderado applauso dos grandes; porém os pequenos não souberam dessimular a estranheza ainda que reprimiram a ira. supposto que sua acção ou estava aprendida ou estudada; mas como a gente popular é a que menos sabe fingir, suas obras se dispõem melhor ao atrevimento que á cautela.

Trataram-n'o como homem que temiam e os congregados da Junta de S. Antão o visitaram com mostras de grande confiança dando-lhe parte das resoluções presentes.

Só o arcebispo, por antigos motivos, não correu á urbanidade da visitação; nem o conde D. Diogo de Castro, a quem seus annos, e mais sua austeridade, tinham apartado até do trato dos filhos. Comtudo se lhe mandou offerecer para o que conviesse no serviço do principe.



Alguem disse—que D. Diogo, alheio do modo da vinda do Linhares (que com elle os mais de Evora não haviam percebido) sentira interiormente a jornada do conde.

Todavia fizeram-se conferencias, e julgava-se a parte importante do negocio, a do imposto, resolvida pela offerta do arcebispo, cabido e camara a que nos referimos já; e tambem pelo perdão que a Junta havia tido. Então começou o enviado a expor a segunda parte da sua missão; el-rei queria demonstrações publicas, sollemnes, de arrependimento popular.

Em resumo o conde duque desejava—que assim como as nações estrangeiras, livres ou obedientes, tinham ouvido e visto os movimentos e inobedencias de aquelles povos de Portugal, vissem e ouvissem tambem seu arrependimento e penitencia, a que promettia commutar-lhes o castigo.

—Que dos logares inquietos fossem apparecer na côrte castelhana os dois magistrados populares, juiz e procurador; os quaes todos juntos, vestidos de sacco, e cordas arrastando, entrassem em publica audiencia a pedir perdão por seus povos. Que el-rei em auto de singular Magestade, assistido de grandes, principes e embaixadores, ouvisse os rógos dos povos, para que d'esta maneira fosse igual o brado do arrependimento ao grito da revolta que já se estendia pela Europa, com gloria dos inimigos da Hespanha, e alvoroço de outras provincias. Sem isto el-rei não podia acabar de conceder o perdão, que havia mais insinuado que promettido.

Logo se espalhou que os enviados populares teriam sorte bem diversa em chegando á côrte; as auctoridades de Castella os processariam; o perdão espectacular se transformava em aspero castigo. Naturalmente surgia o receio, o terror, a duvida, nos culpados e nos innocentes. O conde de Linha-

res compromettia-se pela palavra real; offereceu até a ficar em refens pela vida e liberdade de Sesinando Rodrigues e João Barradas.

Tanto se empenhou que os dois magistrados populares chegaram a prometter fazer a perigosa e dolorosa jornada.

Participou-se isto a varias localidades, e o conde chegou a julgar inteiramente resolvido o melindroso problema. E não o estava.

O povo de Evora em novo ajuntamento declarou não consentir na sahida dos seus magistrados; foi uma resolução subita, um movimento repentino que deitou por terra as esperanças do conde, que se exaltou immenso; soltou expressões violentas, ameaças terriveis envolvendo em todos estes successos o clero, a nobreza, a Junta. Em poucos momentos viu desfeitas as possibilidades de um accordo: e publicamente, em brados, disse aos populares—que ou se aparelhassem á jornada ou ao castigo; que advertissem que para ser crime capital bastava resistir um vassalo ao chamado de seu rei.

Isto passou-se na manhã de 30 de dezembro de 1637. De tarde havia ajuntamento na praça; pelos bairros da cidade passeavam grupos que se avolumavam á proporção que a noite se approximava. D. Francisco Manuel foi conferenciar com os jesuitas; nenhum resultado obteve. Ninguem sabia agora onde iria parar o movimento; o povo não fazia caso dos nobres nem dos padres. A noite passou-se em sobresalto.

Na manhã de 31 o povo em grande massa entulhava a praça grande; todos bradavam—que se o Linhares não sahisse da cidade elles o expulsariam—. O corregedor Jeronimo Ribeiro confessava não ter força para dissolver o ajuntamento.

—Havia-se visto gente armada junto á casa de

Linhares... n'aquella noite que nós dizemos do Anno bom (noite de 1 de janeiro de 1638) a fim de cantarem certas *benções è rogativas*, (costume de nossos anciãos que de nome *Janeiras*, entoavam placidamente pelas portas dos mais caros amigos) se congregou grande numero de povo... A casa se poz em armas, sendo desesperada a defeza; e com repartidas sentinellas e rondas se passou a noite de que dou fé (é D. Francisco Manuel que falla) pela parte que me tocou do trabalho e receio.

Amanheceu e fomos livres; podia ser que o povo mais considerado do que costuma não quizesse empregar o golpe da ira...

O conde desconfiado com os nobres e insultado do povo deixou Evora para Lisboa, d'onde enviou directamente D. Francisco Manuel para Madrid. Estavam agora completamente derrotados todos os projectos de concordia. Olivares estava satisfeito.

O novo tumulto de Evora, as *janeiras* de 1638, produziram grande irritação em Madrid; a todos ficou manifesto que instava recorrer sem demora a castigo rigoroso; os postilhões partiram com ordens de campanha para os duques de Bejar e de Medina Sidonia. Ao mesmo tempo espiões disfarçados de varios modos eram mandados a percorrer o paiz; entre outros D. Miguel de Salamanca. militar conhecido, vestido de peregrino, visitava Evora e Villa Viçosa; a sua presença flamenga e a facilidade com que fallava o allemão ajudavam o disfarce. Antes do meiado de janeiro já se sabia em Evora que as forças militares de Badajoz se preparavam para entrar em Portugal.

Filippe 4.<sup>o</sup> (3.<sup>o</sup> em Portugal), tendo ouvido o conselho supremo ordenava á princesa Margarida, duqueza de Mantua, enviasse a Evora um corregedor da côrte, com alçada especial.

Na Junta de S. Antão, no clero e nobreza dominava a anciedade.

Pode avaliar-se o estado dos espiritos por uma carta de fr. João de Vasconcellos, a que já alludimos. Ella prova tambem que fr. João, ainda depois da missão do conde de Linhares, continuava em Lisboa importando-se com os negocios eborenses.

—Muito sinto as novas que Vossas Mercês me dão dos receios que n'essa cidade pode haver, e dera de boa vontade o sangue por lhe acudir; ainda que a saude é pouco mais que a com que me parti d'essa terra, não reparára eu n'isto para logo obedecer a Vs. Ms. mas considero que de presente não vejo para que ahi possa ser de proveito, e que n'esta cidade o poderei ser de mais, aonde Vs. Ms. tem mais falta de solicitador que n'essa: pois ahi estão esses senhores e cá não ha ninguem a quem as cousas d'essa cidade doam tanto como a mim, que n'ellas sou mais empenhado que todos Vs. Ms.

E assi aqui as trato com gram calor e procuro ver se se pode dar remedio aos inconvenientes que se temem.

Por este respeito me não abalo logo; se comtudo Vs. Ms. virem outra cousa para que minha assistencia n'essa cidade possa ser de proveito, e assim parecer tambem a esses senhores avisem-me que em nada repararei por servir a essa cidade. G. Deus a Vs. Ms. De S. Domingos de Lisboa, 27 de janeiro de 1638 (A) fr. João de Vasconcellos.

N'esta data já a alçada estava organizada; veio o corregedor Diogo Fernandes Salema, com seus officiaes, empregados, meirinhos, e homens armados bastantes para sua segurança. Em Evora sabia-se que o exercito estava prompto a marchar; o sinistro sequito da alçada entrou na cidade sem ouvir um brado; dominava agora o terror; bastantes familias, muitos dos enthusiasts da revol-



ta, os proprios magistrados populares abandonaram a cidade; = começaram todos a desordenar-se confusos e temerosos sem saber que meio seguiriam =.

Eis alguns documentos importantes relativos á alçada do corregedor Salema.

### Perdão geral

Eu El-Rey faço saber a todos os meus vassallos e subditos visinhos e moradores da cidade de Evora, e a todos e quaesquer ministros e officiaes da justiça e mais pessoas a que o conhecimento deste pertencer que havendo-se-me representado que o povo e moradores da dita cidade de Evora se hão redusido unanimes com toda a humanidade e reconhecimento a aceitar o Real d'agoa, e quarta parte do Cabeção das sizas que ali estão impostos para o soccorro e restauração do Brazil, e agora se haviam deixado de pagar com occasião dos alborotos que n'aquella cidade houve movidos e fomentados de alguns maos homens, que fazendo-se cabeças de bando e cerrando os olhos á sua obrigação e á razão intentaram violar a lei da obediencia e manchar a antiga nobreza e fidelidade dos Reinos de Portugal com alterações; tendo eu consideração ao muito que convem não deixar misturado o trigo com a sizania, e antepondo o amor de pai ao justo rigor de que devia e podia usar pelo officio de Rey castigando geralmente estas alterações e desconcertos, usando de minha costumada clemencia, e olhando pela honra dos ditos reinos e vassallos; Hey por bem que pelo dito caso das alterações que houve em Evora se não inquiram nem pergunte por culpado algum nelas, nem se proceda em nenhuma forma contra suas pessoas e bens agora nem em nenhum tempo, e



sómente mando que se proceda contra as pessoas e bens d'aquelles que foram cabeças e principaes movedores dos ditos excessos que em outra provisão minha expressamente irão declarados, e aos taes exceptuados se não admittirá depoimento, nem se escreverá o que disserem, ainda que elles queiram culpar a outros que não sejam elles mesmos; e porque como é justo castigar os culpados principaes o é também fazer mercês e honras aos que á vista dos máos hão conservado a lealdade e amor que como fieis vassallos me devem; tenho mandado se me avise das pessoas que nestes movimentos houverem feito alguma acção e serviço particular em opposição dos promovedores para lh'o mandar agradecer e premiar como merecerem; e este Alvará se registará nos Livros da Camara da dita cidade para que a todo o tempo conste do conteúdo nelle, o qual quero e mando que se cumpra sem embargo de quaesquer leis e ordenações que haja em contrario que todas aqui hei por expressas e derogadas, ainda que de seu teor se não faça menção sem embargo da ordenação do L.º 2.º Tit. 44, e que valha posto que não passe pela Chancellaria e seu effeito haja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação do mesmo L.º 2.º tit. 39 e 40 que o contrario dispoem. Diogo Teixeira o fez em Madrid aos 20 dias do mez de janeiro de 1638 annos. Diogo Soares o fez escrever. — Rey — O duque de Villa hermosa.

Alvará por que V. Magd.º manda que se não proceda contra nenhuma pessoa pelos alborotos que succederam em Evora, se não somente contra as cabeças declaradas em outra Provisão tudo pela maneira que acima se contem. Pera V. Magd.º ver todo.

## Provisão da Alçada

Eu El Rey faço saber a todos os meus ministros e a outras quaesquer justiças officiaes e pessoas de qualquer sorte e qualidade que sejam a que o conhecimento deste meu alvará pertencer a todos em geral e a cada um em particular que por quanto em outro Alvará de 20 de Janeiro d'este anno, em que concedo perdão a todas as pessoas que houvessem tido culpa nos alvorotos e motins que houve na cidade de Evora, exceptuei e reservei do dito perdão algumas pessoas cujos nomes se diz no dito Alvará que se declarariam em outra Provisão minha, pera que contra elles e seus bens se pudesse proceder na forma conteuda no mesmo Alvará; houve por bem de mandar declarar como por este declaro, que na dita cidade de Evora sejam os exceptuados Sesinando Rodrigues, borracheiro, e João Barradas, barbeiro de espadas, e contra os quaes se procederá breve e summariamente a declaração e execução das penas em que houvessem incorrido, e hei por bem e mando que os juizes com que se hão de sentenciar em Alçada os ditos exceptuados sejam tres, a saber, o corregedor, o provedor da comarca, e o juiz de fóra da dita cidade, e que estando ahi corregedor do crime da côrte seja elle o principal juiz, e tome dois dos outros por adjuntos para fazer o numero de tres juizes como fica dito, aos quaes dou todo o poder, jurisdicção, e alçada que em direito se requer pera que contra as pessoas dos ditos exceptuados e suas fazendas possam proceder, e procedam até mór alçada de pena capital e confiscação de bens sem mais appellação nem agravo. E este alvará e o conteudo n'elle se cumprirá sem embargo de quaesquer leis ou ordenações que em contrario haja, que todas aqui hei por expressas e declaradas, ainda que de seu theor

se não faça menção sem embargo da ordenação do Liv. 2.º tit. 44, e me praz que valha posto que não passe pela Chancellaria sem embargo da Ord. Liv. 2.º tit. 39 que o contrario dispõe. Manuel Pereira o fez em Madrid aos 20 dias do mez de fevereiro de 1638 annos. Diogo Soares o fez escrever.—Rey.—O duque de Villa Hermosa -- Conde de Ficalho.

Alvará que V. Mgd.º manda passar sobre as pessoas exceptuadas que se hão de castigar na cidade de Evora pelos motins que n'ella houve, e juizes que nisso hão de concorrer. Pera V. Magd.º ver.

### Alçada do Salema

Doutor Diogo Fernandes Salema. Eu El Rey vos envio muito saudar. Tanto que esta receberdes vós ireis logo á cidade de Evora não entrando ali antes dos 5 do mez de março que vem, por ser o dia em que tenho ordenado se publique o perdão de que pelo que toca áquella cidade se ha de usar, e não prejudicar a vossa ida á prisão das cabeças que se exceptuaram, de que primeiro se ha de tratar, absentando-se com a noticia de que vos encaminhaes pera li; e chegado áquella cidade chamareis a vós o Corregedor da Comarca della que vos entregará o Alvará pelo qual haveis de proceder contra as ditas cabeças, e ou estejam presas, ou se hajam ausentado, se sentenciará o processo com termos por heras como requer delicto tão grave, sentenciando e executando-se a sentença como se dispõe pelo dito Alvará, e contra os absentes se procederá até declaração de pena de morte de forza, confiscação de bens, arrasando e derrubando-se-lhes as casas, e semeando-as de sal, e as mais penas, em que conforme o direito leis e

ordenações do reino hão incorrido para nota da sua deshonra e de seus filhos, e memoria perpetua disto, e pera exemplo dos mais; e acabando esta execução em Evora passareis logo á villa do Crato onde na mesma maneira procedereis contra as cabeças; que ali mandei exceptuar do perdão, e pera tudo o sobredito vos dou por esta commissão e poder em toda a bastante forma que cumprir; e por que os custos da Alçada hão de ser pagos á custa dos culpados, quando elles não tiverem fazenda pera satisfazer o pagarão as Camaras como cabeças d'aquelles membros; e tendo concluido nestas duas partes me dareis logo conta, e assim m'a dareis tambem logo por mãos do meu conselho que assiste em Badajoz. Escripta em Lisboa a 27 de fevereiro de 1638.— Margarida.— Pera o Dr. Diogo Fernandes Salema.

### Sentença da Alçada

Accordão em Alçada. Vistos estes autos, Provisão do dito Senhor e cartas de Sua alteza pelas quaes manda sentenciar breve e summariamente por horas aos exceptuados João Barradas, barbeiro de espadas e Sizenando Rodrigues, borracheiro, reos absentes accusados á revelia, libello da justiça, termo de judiciaes feito a sua revelia, devassa junta, mostra-se que os ditos réos foram no anno de 637 Procurador e Escrivão do Povo desta cidade de Evora, e sendo commettido pelo dito senhor ao Corregedor da Comarca que no tal tempo era o L.<sup>o</sup> André de Moraes Sarmiento uma diligencia do serviço do dito senhor, os réos exceptuados convocaram e amotinaram o povo d'esta cidade fazendo-o ajuntar na praça d'ella: mostra-se que tanto que o povo foi junto se foram os ditos réos exceptuados a casa do dito Corregedor, e com pa-



lavras descompostas lhe requereram que parasse com a diligencia que em effeito estava fazendo, e que não parando o povo que estava junto se havia de levantar; mostra-se que feito o dito requerimento o réo João Barradas exceptuado chegou á janella do dito Corregedor, e em voz alta chamou ao povo, o qual como estava junto amotinando-se todo atirou muitas pedradas ás janellas, portas e casas do dito Corregedor nas quaes foi entrando muita parte d'elle com deliberação de o matarem, e em effeito o fariam se o dito Corregedor se não acolhera pelos telhados ao mosteiro de S. Francisco d'esta cidade onde se foi recolher e esconder, mostra-se outrosim que entrando muita parte do povo dentro nas casas do dito Corregedor lhe bôtu o fato, livros, provisões e papeis que lhe acharam pelas janellas fóra, e na praça publica foi tudo queimado; mostra-se mais que este levantamento e motim foi ordenado todo e originado pelos ditos exceptuados, e foi de calidade que obrigou ao Arcebispo accudir a elle com sua cruz alçada, e os condes D. Diogo de Castro e seu filho, o conde de Basto e o Marquez de Ferreira, e os mais fidalgos existentes nesta dita cidade, a que os réos e o mais povo d'ella os obrigou a recolherem na egrêja de Santo Antão; mostra-se que por ordem mandado e contemplação dos réos exceptuados se fizeram grandes insolencias commettendo entrada de algumas casas dos julgadores, ministros da justiça, e vereadores, e tirar as balanças dos açougues, fazendo-se os réos tão absolutos que as justiças não ousavam a exercitar seus officios com medo e temor do povo que os seguia: mostra-se que os réos andavam tão absolutos que diziam nas praças e lugares publicos que elles haviam de libertar este povo de todos os tributos, e que nenhum haviam de pagar, e que sobre os não pagarem haviam de



morrer; mostra-se que não contentes os réos com as inquietações de que foram causa neste povo, escreveram cartas ás camaras desta comarca em que as excitavam e amoestavam que fizessem o mesmo que elles haviam feito n'esta cidade; mostra-se outrosim que os réos foram cabeças de motins e levantamentos que em muitas partes d'este reino houve feitos á imitação das que estes réos nesta cidade fizeram; o que tudo visto, qualidade e publicidade da prova, atrocidade dos delictos, que se hão commettido, e risco em que puzeram este reino, se o dito senhor não usasse com os vassallos delle de sua catholica e real clemencia; condemnam aos ditos réos exceptuados João Barradas e Sizenando Rodrigues que com baraço e pregão pelas ruas publicas e costumadas d'esta cidade sejam levados á praça publica della, na qual se levantará uma forca, e nella serão enforcados e morrerão morte natural cruelmente, e todos seus bens confiscados para a Casa Real, posto que filhos tenham, os quaes declaram por infames e inhabeis para sempre para que não tenham honras nem officios, tudo na forma da Ordenação do dito senhor, e que suas casas sejam arrasadas e derrubadas e semeadas de sal: e feita nos ditos réos a execução de baraço e pregão e forca, e as mais penas impostas nesta sentença, mandam que na praça della se fixe o treslado, e se dê outra que se registará na Camara desta dita cidade para que a todos seja notorio; e mandam outrosim e encommendam ás justiças do dito senhor façam por prender os ditos réos exceptuados para em suas pessoas se fazer a execução desta sentença, pela qual os hão por banidos, e paguem as custas. Evora 16 de Março ás quatro da tarde de 638.—Salema. Ribeiro. Sebastião de Faria.

Todos estes documentos estão registados no livro 5.<sup>o</sup> dos Registos, do Archivo Municipal.

E' facil imaginar o estado mental, a cólera surda e terrivel dos eborenses vendo infamados e justicados em estatua os seus magistrados populares, Sesinando Rodrigues e João Barradas. Contiveram-se. Mezes depois surgia a revolta na Catalunha; um pouco mais e estourava victoriosa a de Lisboa, em 1 de dezembro de 1640; festejada, como ella seria festejada! aqui em Evora na madrugada do dia 2.

—As alterações de Evora, diz D. Francisco Manuel, como fausto e elegante preludio da redempção lusitana. . . =; vasto preludio! de dolorosos soffrimentos, que durou mezes de duvidas, de surpresas, de intrigas, de receios, de violencias, de profundas anciedades; essa resistencia constitue uma pagina gloriosa na historia portugueza; preludio sim do *terço velho de Evora* em Montijo, da matança de Alcrovisca, dos tragicos assedios em 1663, porque sempre para os hespanhoes, na longa campanha da restauração, Evora, ou a gente de Evora, constituiu objectiva predilecta.

Vibrára d'aqui o primeiro grito de liberdade!





GABRIEL PEREIRA

## ESTUDOS EBORENSES

Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores de Evora. Evora romana. Inscricões lapidares, muralhas, esculpturas, etc. Antiguidades romanas nos arredores. Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras. A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI. Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca. Catalogos das pinturas, das curiosidades e objectos d'arte. Catalogo do museu Cenaculo. Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas. A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé. A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis. Bispos e arcebispos. Factos historicos. A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637. O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663. Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834. Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio). Balthazar Jorge em Diu. Os papeis dos Azambujas. Historia dos estabelecimentos, e das instituicões modernas. Etc.

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro.
- 2.º Evora romana, 1.ª parte. O templo romano. As inscrições lapidares.
- 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A egreja. A instituicão da Casa pia em 1836.
- 4.º Loios.
- 5.º Bibliotheca Publica.
- 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento.
- 7.º Bellas artes.
- 8.º Vesperas da restauração.
- 9.º Idem, 2.ª parte.

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão impressos os seguintes fasciculos :

- I. Documentos dos sec. XII e XIII. — II. Documentos do sec. XIII. — III, IV e V. Documentos do sec. XIV. — VI. Extractos referentes a 1350-1450. — VII. Posturas municipaes dos fins do seculo XIV. — VIII. Posturas municipaes do seculo XIV e Regimento da cidade do tempo d'elrei D. João 1.º — IX. ultimo da 1.ª parte. Regimento da cidade. Indice.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

## DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

## O BRASÃO D'EVORA

EXCERPTOS DE VARIOS ESCRIPTORES SOBRE O BRASÃO.

ANDRÉ DE RESENDE, P.<sup>o</sup> FIALHO, MARIZ, CAMÕES,  
QUEVEDO, ETC. O FEITO DE GIRALDO *sem pavor*. BRASÕES ANTERIORES  
A DOCUMENTOS ESCRIPTOS. O BRASÃO DA SÉ,  
O DA CASA DE VER-O-PÊSO. A = MEMORIA = DOS ANNAES DO MUNICIPIO.  
A TORRE DE S. BENTO.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.<sup>o</sup> 93

---

1887



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## O BRASÃO D'EVORA

EXCERPTOS DE VARIOS ESCRITORES SOBRE O BRASÃO.

ANDRÉ DE RESENDE, P.<sup>o</sup> FIALHO, MARIZ, CAMÕES,

QUEVEDO, ETC. O FEITO DE GIRALDO *sem pavor*. BRASÕES ANTERIORES

A DOCUMENTOS ESCRITOS. O BRASÃO DA SÉ,

O DA CASA DE VER-O-PÊSO. A — MEMORIA — DOS ANNAES DO MUNICIPIO.

A TORRE DE S. BENTO.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.<sup>o</sup> 93

1887



## ESTUDOS EBORENSSES

---

### Excerptos varios sobre o brasão d'Evora

---

Mestre André de Rezende, *Historia da antiguidade da cidade d'Evora*, no capitulo 14.

. . . . A cidade traz por divisa e armas um cavalleiro armado a cavallo com a espada levantada e duas cabeças cortadas uma de homem outra de mulher moça. Alguns por não saberem a historia cuidam que é Santiago que está matando mouros. Outros fingem não sei que Evora e Evorinho, e outros outras fabulas.

Diogo Mendes de Vasconcellos, *Antiguidades d'Evora*, pag. 101.

Escreve de Geraldo sem pavor — «O retrato do



qual vestido de armas em seu cavallo, levando na espada nua espetada a cabeça do mouro, e pendurada da mão esquerda a cabeça da filha, tomaram os eborenses por brazam de sua notavel nobreza, e ainda hoje sam armas da cidade».

*Evora Illustrada*, pelo P.<sup>o</sup> Mestre Manuel Fialho da Companhia de Jesus. 1.<sup>o</sup> tomo. Ms. da Bibl. cod.  $\frac{130}{1-8}$  2. 55o.

Descreve a tomada d'Evora; depois:—Agradecida quiz a cidade ter sempre á vista este seu libertador; e para sua melhor defensa tomou por armas ao mesmo Giraldo para melhor brazão de sua nobreza; por armas o tem pintado e ainda de relevo em os logares mais publicos, por armas o traz pintado e ainda bordado na sua bandeira; e está elle e anda bem armado e catafracto em o seu cavallo, e com a espada nua na mão direita, e na esquerda as duas cabeças barbaras, do pay e da filha, por elle degolados. Pelas mesmas causas sam ainda hoje alferes mores da cidade os Pestanas que consta serem descendentes do mesmo Giraldo.

Mariz. *Dialogos de varia historia*; dial. 1.<sup>o</sup> cap. IV.

Evora nobre sepultura do romada Sertorio tem em campo branco um homem armado a cavallo com uma espada nua e na outra mão uma cabeça de uma moura moça pelos cabellos<sup>o</sup>

Rodrigo Mendez Sylva. *Poblacion general de España*. Madrid, 1675; a pag. 117.

Civdad de Eborá. Armas — en escudo de plata el mismo Gerardo armado a cavallo, espada desnuda en una mano y en outra las dos barbaras cabeças (del padre y hija).

Camões — *Lusiadas*, Canto 8.<sup>o</sup> est. 21.

Olha aquelle que desce pela lança  
 Com as duas cabeças dos vigias  
 Onde a cilada esconde, com que alcança  
 A cidade por manhas e ousadias:  
 Ella por armas toma a semelhança  
 Do cavalleiro que as cabeças frias  
 Na mão levava; feito nunca feito!  
 Giraldo sem pavor é o forte peito.

Vasco Mousinho de Quevedo — *Affonso Africano*, Canto 3.<sup>o</sup>

Vem d'aquella cidade antiga e nobre  
 Emula um tempo da soberba Roma  
 Que do grande Sertorio as cinzas cobre  
 Que n'ella assento contra a patria toma:  
 Por divisa das armas que descobre  
 Um cavalleiro armado em branco assoma  
 Que uma cabeça arrastra que cortada  
 Foi dos fios cruceis da sua espada.

No cod.  $\frac{144}{1-8}$  da Bibl. publica d'Evora.

. . . . Por armas um homem a cavallo por nome Gerardo com a espada em uma mão nua, e na outra duas cabeças barbaras e o campo do escudo ha de ser de prata.

No mesmo codice uma longa inscripção latina relativa á historia d'Evora, que se collocou sob a estatua da cidade no portico triumphal feito em Lisboa na recepção da rainha Maria Sophia Izabel de Neubourg, segunda esposa de D. Pedro 2.<sup>o</sup>, em 11 d'agosto de 1694.

Na *Corographia portugueza* do P.<sup>e</sup> Antonio Carvalho da Costa. Lisboa, 1708. T. 2.<sup>o</sup> pag. 420.

Armas -- Um homem a cavallo em campo branco armado todo com uma espada nua em uma mão, e na outra duas cabeças de homem e mulher alludindo a esta façanha de Giraldo donde teve principio sua restauração e liberdade.

*Evora gloriosa*, do P.<sup>e</sup> Francisco da Fonseca. Roma, 1728. Epilogo dos 4 tomos da *Evora Illustrada* do P.<sup>e</sup> Fialho: a pag. 42.

Armas — . . . que são a atalaya ou torre, e Giraldo a cavallo com a cabeça das sentinellas em uma mão e na outra a espada nua ensanguentada.

Indagações historicas rigorosas são difficeis; insta separar o trigo do joio, despir a verdade das lendas e phantasias originadas ou na boa fé, ou pela mania de ampliar, não raro pela vangloria. E' proloquio popular — quem conta um conto acrescenta um ponto —; temos na historia portugueza muitos exemplos, e, sem deixar o assumpto. vou citar um.

A chronica dos godos, mencionando a tomada d'Evora, diz que a cidade foi conquistada por Giraldo sem pavor com os seus companheiros: nada mais sobre o conquistador d'Evora; os escriptores começaram a variar sobre o thema, e fr. Bernardo de Brito (*Chronica de Cister*, Liv. 5.<sup>o</sup> cap. XII) descrevendo o facto diz que a cidade foi entrada por um homem de geração nobilissima, natural da Beira, chamado Giraldo Giraldes, phantasiando logo muitos episodios da tomada sem fundamento algum historico.

E o padre José Lopes de Mira (Livro do P.<sup>o</sup> J. L. de M. no archivo municipal, a fol. 8. E' um volumoso tomo de copias feitas por este infatigavel trabalhador) já lhe chama D. Giraldo Giraldes de Pestana, neto ou bisneto d'aquelle famoso D. João Pestana, etc. Com a mania da hyperbole foi inventar o parentesco do guerreiro e do tal João Pestana.

O brazão da cidade allude incontestavelmente ao feito de Giraldo: a chronica dos godos é um dos documentos medievaes mais authenticos, tem um cunho de verdade innegavel; dos termos concisos e formaes só podemos concluir que um guerrilheiro, um chefe de bando, de nome Giraldo, de audacia singular, *sine pavore*, tomou Evora aos mouros em 1166, por surpresa nocturna, *noctu ingressa*, e depois a entregou a D. Affonso Henriques.

As referencias ao castello de Montemuro, á torre de S. Bento, etc. são excecencias ou aproximações relativamente modernas, criadas pelos escriptores mais de imaginação que de verdade.

Ha documentos medievaes que nos provam a existencia de uma torre proxima do antigo mosteiro de S. Bento; é certo tambem que na doação aos pobres da' pobre vida de Montemuro (em 1421), se allude aos restos do *castro*, que ainda existem, chamando-lhes = castello de Girall sem pavor =, todavia faltam noticias de rigor para nos levarem a attribuir papel historico a essas construcções, na tomada da cidade aos sarracenos.

Ha dois documentos de valor sério que não indicam isto; as chronicas breves de Santa Cruz e o primeiro foral dizem que Evora foi tomada por Affonso Henriques; mas aqui não devemos sujeitar-nos ao texto; todos sabem ser de uso corrente synthetisar no rei, no general, a acção do vassallo, o valor do soldado, etc.

O chamado livro da Noa, outro documento medieval, diz vagamente que o Senhor deu a el-rei a cidade d'Evora. Attribuo pois inteira verdade historica ás palavras da chronica dos godos; Evora tomada por Giraldo.

E as duas cabeças? teem a sua explicação na lenda, mas lenda de origem não scientifica, isto é. lenda popular, tradição local, de origem muito remota, o que é sempre respeitavel: o que o documento historico diz é que a cidade foi entrada de noite, evidentemente uma surpresa, provavel logo a morte dos vigias, e assim explicado o guerreiro a cavallo, e as duas cabeças. E' das lendas scientificas, das phantasias dos eruditos, que mais se deve desconfiar em estudos historicos.

As cabeças são de homem e mulher, do mouro e da moura.

E' ainda a tradição local que o ensina; são as cabeças de pae e filha que vigiavam na noite da surpresa; tradição local antiquissima, persistente, respeitavel, de valor maior que todos os testemunhos do sec. 16 para cá, que podemos seguir até uma epoca em que, sem maiores esforços, é natural suppor ainda viva e fresca a lembrança da tragica surpresa nocturna.

Os nossos documentos escriptos referentes ao brasão da cidade partem da 2.<sup>a</sup> metade de sec. 16, mas restam-nos felizmente outros nonumentos que merecem muita attenção: os antigos brasões da claustra da Sé, da casa subterranea á entrada da rua do Raymundo, e o que esteve em tempos na frontaria da antiga casa da camara, e hoje se guarda no museu Cenaculo,

Creio não errar muito attribuindo o brasão que está na parede sul da sé, sobre a varanda da claustra, ao seculo 13; o da casa n.º 4 da rua do Raymundo ao sec. 14; o que está no museu Cenaculo



tem as espheras de D. Manuel; proximaente principios do sec. 16.

Estudando objectos d'estes cumpre observar que na antiguidade se dava enorme importancia ao symbolismo; não se confundia um cavalleiro com um escudeiro, um bêteiro do conto com um mesnadeiro ornatos, attributos, quaesquer incidentes nas esculpturas medievaes fallam, teem significação, symbolisam alguma cousa.

Merece estudo o brasão que se conserva na sé.

O brasão que está na parede sul da sé, sobre a varanda da claustra, é o mais remoto, e tanto os alcaides e vereadores, como os bispos e os conegos eborenses dos sec. 13 ou 14, eram certamente muito escrupulosos em assumptos d'estes. Os symbolos, os emblemas tinham então importancia real, significação bem distincta, não eram vãos ornamentos. O brasão da sé mostra-nos Giraldo a cavallo, galopando á esquerda, a mão direita erguida com a espada nua, no campo do escudo, superiormente, a cabeça da moura á esquerda, a do mouro á direita, tudo mettido n'um todo architectonico ogival.

O guerreiro está perfectamente harmonico com a base historica; está sem elmo, sem peças d'armadura, sem escudo, veste um largo gibão, e tem um manto pequeno; não é um *cavalleiro*, tal como a idade media applicava a palavra, é um chefe de bando a cavallo.

As armas da casa n.º 4 da rua do Raymundo, antigo *ver-o-peso*, já differem muito; as que se guardam hoje no museu Cenaculo ainda differem mais; n'estas Giraldo sem pavor já nos apparece armado e catafracto, como diz o padre Fialho, na *Evora Illustrada*.

O brasão do — *ver-o-peso* — está n'uma casa subterranea, a certa altura, com pouquissima luz; e

estavam os relevos quasi sumidos em consequencia das successivas caiaduras. Vendo que o brasão era mui curioso consegui obter um molde em gesso, depois de limpar o marmore das grossas camadas de cal.

Os emblemas como no escudo da sé estão n'um todo ogival; o cavalleiro armado, de espada erguida, galopa á esquerda. A escultura é grosseira, ingenua mas minuciosa. A cabeça da moura á esquerda, a do mouro á direita. Até aqui só differe do brasão da sé em estar Giraldo armado como cavalleiro. Mas differe ainda em ter superiormente o escudo das armas reaes sem corò, e inferiormente, sob o cavallo, outras duas cabeças mouriscas.

O escudo do cavalleiro mostra cinco objectos tão rudemente feitos que não se percebe o que representam. O escudo dos Cogominhos tem cinco chaves, porque pretendiam elles ter sido um Cogominho que levou a Affonso Henriques as chaves das cinco portas da cidade de Evora. Não sei se haverá relação entre o escudo dos Cogominhos e o de Giraldo.

O escudo real collocado na parte superior allude ou significa talvez que n'esta cidade se reuniram côrtes e residiram reis. Este escudo ainda tem as quinas em cruz. Foi João II que mandou endireitar as quinas; e affirma-se que isto se fez pela primeira vez na moeda lavrada em 1485.

Por este dado temos marcada a epoca no sec. 15. Mas como nos não apparece a cruz d'Aviz, e pelo numero de castellos, temos de ir muito mais longe e marcar-lhe quando menos o reinado de D. Fernando, bem antes do findar do sec. 14. Como vemos a tradição já não estava pura como no brasão da sé.

Parece estar na sua primeira posição este escu-

do; encimava talvez um portal em ogiva de que apparecem vestigios na parede.

Porque está ali n'aquella casa subterranea, este notavel brasão da cidade?

Era o *ver-o-peso*.

No tomo 1.<sup>o</sup> das escripturas da Misericordia, a fol. 260, está um instrumento lavrado em 1555 que diz respeito a um predio situado á entrada da rua dos Mercadores, á esquerda: — com a condição d'elle (o comprador) e seus herdeiros terem as abobadas das ditas casas quanto o que á parte d'ellas cabe providas, feitas e reparadas em maneira que esteem seguras que não caiam. . . porquanto debaixo das ditas abobadas está o *a ver o peso* n'esta cidade — .

Encontrei depois a descripção minuciosa d'esta casa n'um volume interessantissimo do archivo municipal, o Tombo de 1536: — Tombo das demarcações do termo d'esta cidade d'Evora e das propriedades rendas e direitos que ao concelho d'ella pertencem o qual foi acabado na dita cidade aos 5 de fevereiro de 1536 — .

A fol. 38 está o assento seguinte :

### Casa do peso

Tem mais a dita cidade a casa do peso que está na rua do Reimondo, indo da praça á mão direita, com o vão do arco que está diante da porta da dita casa, a qual é terrea e serve-se para a dita rua, e é deputada para se nella metterem e pesarem a fructa secca, ferro, aço, pez, tamaras, grãos, assucar e outras semelhantes cousas que se vendem per peso e que vem de fóra. Seguem as confrontações; para ocidente, lado da praça, estavam as boticas ou tendas que tambem pertenciam á cidade; pelo norte confrontava com a rua de

Villa Nova, que depois se chamou rua dos Mercadores. A velha rua dos Mercadores começou no sec. 16 a chamar-se rua do Paço. A casa do *ver o peso* e as boticas da cidade tinham suas arcadas.

Vejamos agora o brasão que está no museu Cenaculo.

O brasão que está no museu Cenaculo offerece maiores differenças: Giraldo galopa á direita, as cabeças no campo do escudo são ambas imberbes, não se conhece bem a masculina e a feminina. As armas reaes occupam grande parte do escudo, sobre ellas a corôa real aberta; ao lado uns florões, d'estes pendem as espheras de D. Manuel, sob as espheras estão as cabeças. O artista era rude, o trabalho é todo imperfeito. Este brasão esteve nos antigos paços do concelho, e como tem as espheras manuelinas não deve exceder 1520. Assim é ainda muito anterior ao 1.º documento escripto sobre o brasão. Não é facil explicar as grandes divergencias entre estes brasões e os varios escriptos sobre as armas da cidade. Não se reparou, não examinaram esses velhos escudos? Logo veremos que ainda modernamente se deu um facto identico.

A indagação directa é por vezes difficil, incommoda. O escriptor *A* affirma um erro, o escriptor *B*, confiando em *A*, continuou no engano, e forma-se muitas vezes uma serie falsa porque é inexacto o 1.º termo.

Da descripção de Resende não se conclue bem se as cabeças mouriscas estão aos lados do escudo, no campo, se na mão de Giraldo; das outras memorias escriptas resultam variações que só podem attribuir-se a capricho, sem idéa firmada em documentos.

Vejamos os documentos da camara. Na capa do livro dos Evangelhos (1678) está uma chapa de



prata com o brasão da cidade. É uma gravura grosseira representando Giraldo, armado de cavalleiro, galopando á esquerda, a espada erguida, e uma cabeça no chão.

No retabolo pintado atraz da cadeira da presidencia, n'um quadrinho do friso, está o emblema da cidade. Giraldo com uma cabeça na mão, a espada erguida, uma torre ao lado.

No chamado — livro verde — (Livro de cartas, provisões, alvarás que o senado da Camara d'esta cidade mandou tresladar no anno de 1696) temos um aguarella grosseira representando Giraldo sem barbas, de vestuario caprichoso, a mão direita erguida sustentando as cabeças; ao lado, sobre um monte, a torre ou atalaia. Mas aqui como no quadrinho do retabolo os artistas, parece, tiveram só em vista pintar os emblemas da cidade em forma de quadro, e não o seu escudo.

No livro intitulado — Annaes do Municipio — a fol. 1 v. está uma — Memoria ácerca do genuino brasão das armas da cidade escripta por pessoa competente e que por ser ponto averiguado se lança n'este lugar —. Attribute-se esta noticia a João Raphael de Lemos.

Começa contando a lenda da conquista da cidade por Giraldo sem pavor. Falla da torre — cujas ruinas ainda hoje vemós junto ao mosteiro de S. Bento —.

Vou deter-me um pouco n'este ponto. Auctores e lendas não se referem a uma torre junto do mosteiro, sim no alto de S. Bento; desejo chegar a certa exactidão. N'esse alto o que alguns velhos mostram como vestigios de torre, entre o moinho e o angulo da cerca, um pouco ao norte, não vale attenção alguma, é simplesmente um afloramento mais compacto de granito que estouraram em parte, mais ou menos remotamente, para empregar a



pedra provavelmente na construcção do moinho ou do muro da cerca.

Tanta gente ali tem ido procurar a torre, e com tantos desejos de descobrir alguma cousa, que afinal formaram tradição, e os moradores do sitio começaram a chamar restos de torre ao que é simplesmente penedia partida.

Mas o que é mais notavel é que effectivamente existiu uma torre junto do mosteiro de S. Bento, mas cá em baixo, ao caminho que vai do convento para Santa Margarida, Esborrondadouro, etc., caminho antigamente chamado dos — pobres da provincia de Santa Margarida —; é assim que elle apparece designado em documentos do sec. 14 e 15, onde se menciona tambem em uma confrontação — a torre de Castris — junto d'essa estrada.

O author da memoria menciona depois a ida do cavalleiro Cogominho a Coimbra, para entregar a Affonso Henriques as chaves da cidade. Já alludimos a esta lenda ou tradição que não tem fundamento historico.

E' certo que a antiquissima familia dos Cogominhos usava no brasão as 5 chaves, já na idade media, como se vê do formoso tumulo na igreja de S. Francisco, 1.<sup>a</sup> capella á direita. No interessante palacete da Torre de Coelheiros, hoje pertencente segundo creio ac marquez de Monfalim, ha uns quadros a oleo, do seculo passado, que se referem aos Cogominhos e á entrega das chaves d'Evora. Não conheço porem documento de authoridade que constitua prova; deve ser tradição analoga á que existia na familia Pestana que se dizia descendente de Giraldo, e por este motivo tiveram os seus membros por muito tempo o cargo de alferes môres da cidade.

Na — memoria — que vamos seguindo descreve-se o perdão dos crimes de Giraldo, citam-se

passagens da Evora illustrada — do padre Fialho e da — Evora gloriosa — do padre Fonseca, e conclue-se — é este pois o brasão genuino das armas da cidade, o cavalleiro com a espada erguida na mão direita, e as duas cabeças mouriscas, de homem e mulher, na esquerda... mas a camara sempre tem usado nos seus sellos e no seu estandarte ou bandeira, do cavalleiro com a espada na mão e as duas cabeças no chão, aos pés do cavallo, como mostra a gravura que está em prata na capa do livro dos Evangelhos, impresso em Evora em 1678. E do mesmo modo está bordado o cavalleiro com as cabeças aos pés do cavallo no estandarte ou bandeira que é circumdado por esta legenda — Haec Giralde suis per te reddita sacris perpetuae laudis dat monumenta tibi —.

«A rasão d'esta alteração não consta, e eu (o auctor da — memoria —) supponho que não tem outro fim senão o de salvar a inverosimilhança de apresentar o cavalleiro com as duas mãos occupadas e o cavallo abandonado».

Depois de se referir ao — Livro verde — já mencionado, continua :

«Em muitos logares publicos vi eu as armas da cidade pintadas por esta maneira, tendo o cavalleiro a espada na mão direita e as cabeças na esquerda, mas em todas que vi em relevo tem o cavalleiro a espada na mão direita e as cabeças aos pés do cavallo (?) e são estas as de que usa a camara nos seus sellos ha seculos.

A --- *memoria* — é n'este ponto completamente inexacta ; os tres brasões em relevo, os mais antigos da cidade, e os mais authenticos e importantes, não tem as cabeças mouriscas aos pés do cavallo, sim no *campo* do escudo, aos lados.

Os *brasões* da cidade feitos modernamente (porta do Raymundo, portões do mercado, entrada do

paço do concelho) estão em harmonia com a — memória — dos annaes do Municipio, e com a maioria dos escriptores; o mais recente (entrada da Camara) parece ter sido feito segundo o desenho publicado por Vilhena Barbosa, simplesmente emendado nas cabeças mouriscas, que no brasão da Camara são de homem e mulher, e no desenho referido são ambas barbadas.

Não estão em harmonia com os primeiros brasões da cidade, todos anteriores aos testemunhos escriptos, consagrados na tradição local, e de authenticidade respeitavel por terem estado collocados em edificios da maior significação official.

As variantes — a torre, a espada na mão ou na bainha, as cabeças na mão ou no chão, uma, duas ou quatro cabeças, cabeças de homem e mulher ou duas cabeças de homem, são provenientes a meu ver da phantasia ou ignorancia de escriptores ou artistas.

Temos visto as armas em campo azul; os escriptores são concordes porêm no campo branco ou de prata.

Ainda uma observação. Como disse, classifico os brasões mais antigos da cidade na seguinte forma, 1.º o da claustra da Sé, 2.º o da casa de *Ver-o-peso* na rua do Raymundo; em 3.º lugar o que está no museu Cenaculo.

Já fallámos do 2.º e 3.º, reparemos agora no 1.º. Está collocado no angulo formado pelas paredes sul da sé, e do cruzeiro, na pequena parede de uma escada, de ha muito inutilisada, a certa altura da varanda da claustra. Se a pedra occupa hoje a sua primeira posição deve ser anterior á claustra, e esta é do ultimo quartel do seculo 14.

A escultura indica ao mesmo tempo alta antiguidade.

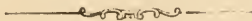
Porque está ali aquelle brasão?

O padre Fonseca, na sua *Evora gloriosa*, affirma que a Camara esteve na sé, fundando-se em Resende.

Vejam os que diz o padre Fialho que tanto escreveu das antiguidades eborenses: diz que é muito forte a tradição de que em umas casas pegadas á sé estivera o senado, alliando ali os antigo o governo politico ao ecclesiastico; mas que não tendo documentos nada d'isso affirma como infallivel.

André de Resende, no cap. 15 das antig. d'Evora, diz: — entre tanto a sé se edificava os divinos officios se celebraram em um edificio que para isso logo ahi junto se fez, que depois serviu de camara da cidade e logar da relação. E não sei com quanta honestidade a cidade o deu ao secretario para usos profanos, estando dentro muitas sepulturas de muitos que partiram de seus bens com a igreja —.

Resende parece referir-se a alguma das edificações proximas da porta do norte; vê-se que nem André de Resende nem o padre Fialho conheceram documento directo e definitivo sobre o local da *relação* ou *senado*; hoje são conhecidos documentos que se referem aos antigos paços do concelho, e outros que provam que no sec. 14 (1390) se faziam audiencias na claustra, e ahi se celebravam muitos contractos, e actos officiaes alheios á igreja, e esta a razão de ahi se encontrar o mais antigo e veneravel brasão da cidade.









GABRIEL PEREIRA

## ESTUDOS EBORENSES

Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores de Evora. Evora romana. Inscriptões lapidares, muralhas, esculpturas, etc. Antiguidades romanas nos arredores. Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras. A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI. Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca. catalogos das pinturas, das curiosidades es objectos d'arte. Catalogo do museu Cenaculo. Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas. A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé. A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis. Bispos e arcebispos. Factos historicos. A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637. O terço velho d'Evora em ontijo. Os assedios de 1663. Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834. Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio). Balthazar Jorge em Diu. Os papeis dos Azambujas. Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro.
- 2.º Evora romana, 1.ª parte. O templo romano. As inscripções lapidares.
- 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836.
- 4.º Loios.
- 5.º Bibliotheca Publica.
- 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento.
- 7.º Bellas artes.
- 8.º Vesperas da restauração.
- 9.º Idem, 2.ª parte.
- 10.º Brasão d'Evora.

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão impressos os seguintes fasciculos :

- I. Documentos dos sec. XII e XIII. — II. Documentos do sec. XIII — III, IV e V. Documentos do sec. XIV. — VI. Extractos referentes a 1350-1450. — VII. Posturas municipaes dos fins do seculo XIV. — VIII. Posturas municipaes do seculo XIV e Regimento da cidade do tempo d'elrei D. João 1.º — IX. ultimo da 1.ª parte. Regimento da cidade. Indice.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

### DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## A EGREJA DE SANTO ANTÃO

Ó TEMPLO PRIMITIVO. A ALBERGARIA DE SANTO ANTONINHO.  
RAÇOEIROS E COLLEGIADA. CRIAÇÃO DO REITORADO. CONSTRUÇÃO  
DO TEMPLO ACTUAL. A QUEDA DA ABOBADA.  
A FONTE DA PRAÇA E O ARCO ROMANO. O APOSTOLADO DO ALTAR MÓR  
O FRONTAL RICO. AS CAPELLAS. UM QUADRO DE JERONYMO CORTE REAL.  
CONTAS DA OBRA DO SEC. XVI. A CASA DOS MELLOS.  
OS PRIMEIROS LIVROS DE REGISTO PAROCHIAL. OS RETRATOS  
DOS SUPPLICIADOS DO SANTO OFFICIO.  
EXTRACTOS DO LIVRO DAS — RESOLUÇÕES DA COMMUNIDADE. —  
REGIMEN DA COLLEGIADA. IMAGENS DA SR.<sup>a</sup> DA SAUDE  
E DA SR.<sup>a</sup> DOS PRAZERES. A COLLEGIADA EM 1820-1828. ALTERAÇÕES  
DAS PAROCHIAS DA CIDADE EM 1340.  
O REGISTO PAROCHIAL.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1887



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

## A EGREJA DE SANTO ANTÃO

O TEMPLO PRIMITIVO. A ALBERGARIA DE SANTO ANTONINHO.  
RAÇOEIROS E COLLEGIADA. CRIAÇÃO DO REITORADO. CONSTRUÇÃO  
DO TEMPLO ACTUAL. A QUEDA DA ABOBADA.  
A FONTE DA PRAÇA E O ARCO ROMANO. O APOSTOLADO DO ALTAR MÓR.  
O FRONTAL RICO. AS CAPELLAS. UM QUADRO DE JERONYMO CORTE REAL.  
CONTAS DA OBRA DO SEC. XVI. A CASA DOS MELLOS.  
OS PRIMEIROS LIVROS DE REGISTO PAROCHIAL. OS RETRATOS  
DOS SUPPLICIADOS DO SANTO OFFICIO.  
EXTRACTOS DO LIVRO DAS—RESOLUÇÕES DA COMMUNIDADE.—  
REGIMEN DA COLLEGIADA. IMAGENS DA SR.<sup>a</sup> DA SAUDE  
E DA SR.<sup>a</sup> DOS PRAZERES. A COLLEGIADA EM 1820—1828. ALTERAÇÕES  
DAS PAROCHIAS DA CIDADE EM 1340.  
O REGISTO PAROCHIAL.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

—  
1887





## ESTUDOS EBORENSSES

---

### A igreja de Santo Antão

Não me limitarei no presente *estudo* a descrever a igreja parochial de Santo Antão. Ha subsidios, elementos de especial valor, que vou aproveitar para apresentar alguns factos de historia parochial, cujo conhecimento poderá ser util.

Nos — Documentos historicos da cidade d'Evo-  
ra—publiquei extractos dos velhos pergaminhos da  
albergaria do Corpo de Deus de Santo Antoninho.  
Cresceu a informação pelo favor de um dos heí-  
deiros do ultimo deão, dr. Abilio de Oliveira, mos-  
trando-me alguns papeis do fallecido, onde encon-  
trei, entre apontamentos mui curiosos, noticias re-  
ferentes a Santo Antão. Depois obtive o — Livro  
da razão do reitor de Santo Antão, José Lucio Lim-  
po Pimentel e Sancas — ; contêm lembranças par-  
ticulares, contas, notas de familia, e algumas ver-

bas interessantes especiaes á egreja. O actual reitor, sr. dr. Saramago, confiou-me o livro chamado—Das resoluções da commuidade—, onde colhi mais noticias, especialmente sobre a vida da collegiada e parochia, n'um periodo assaz dilatado.

E como na minha vida de estudo e indagação não tenho encontrado noticias analogas, resolvo-me a condensar no presente trabalho o resultado do exame dos documentos citados, ligando-o á descripção da egreja; assim teremos aqui bastantes factos da historia do edificio, da collegiada, e da vida parochial da egreja de Santo Antão.

Santo Antoninho, o primitivo Santo Antão, era templo muito antigo; pequeno, o portal voltado a poente, tendo annexa a albergaria.

Para o lado da praça e em frente do portal tinha o seu adro, certamente muito mais espaçoso que o actual porque, como se vê de um documento interessantissimo para a historia eborense, publicado no 2.<sup>o</sup> fasciculo dos *Documentos Historicos*, no dia 6 de fevereiro de 1286 ahi esteve D. Diniz, com a sua côrte, ajustando certa convenção com o concelho, alcaide, juizes, homens bons, vassallos, e representantes dos arraballes da cidade: documento que nos prova que já no seculo XIII era a praça considerada sitio principal da cidade, embora estivesse fóra da cerca velha. Para o lado do norte deitava a albergaria para a rua dos Gayos; a construcção da nova egreja fez desaparecer essa rua, mas ainda hoje, pela disposiçáo dos edificios proximos se reconhece a sua direcção parallelá á do Imaginario, indo da rua direita da Porta Nova, depois rua Ancha, á sua dos Caldeireiros.

Na idade media os contractos para maior solemnidade celebravam-se nos adros das egrejas, nas crastas, ou mesmo nos baptisterios. Certa escriptu-

ra do hospital de Jerusalem, em 1382, fez-se no adro de *Santantoninho*.

A albergaria do Corpo de Deus tinha confraria com seus alcaides, mordomos, escrivão e bastantes confrades.

No começo do seculo XV essa confraria estava prospera porque mandava fazer grandes peças de prata; e por causa do emprestimo das pratas travou-se questão enorme com o bispo D. Vasco e o cabido. O bispo chegou a exommungar os confrades, a fazer-lhes terriveis ameaças, oppondo-se até a que na igreja se ensinasse doutrina aos meninos; o rei deu razão á confraria. N'esta albergaria acolhiam-se tambem engeitados, cuidando-se do seu sustento, e do amparo e casamento das meninas.

Diz o padre Manuel Fialho que aos primeiros priores chamavam abbades; e segundo uma nota do reitor Sancas, que viu provavelmente algum documento (era homem instruido e escrupuloso) em 1333 havia ali um capellão com obrigação de cura d'almas e missa aos domingos e dias santos, a que se chamava o vigario; logar creado pelo bispo D. Martinho Gil. Em 1380 se nomearam os primeiros raçoeiros, que mais tarde fizeram collegiada. O arcebispo D. João de Mello criou o reitorado em 28 de abril de 1565. Na carta de criação diz:—Vagando ora o priorado de S. Antão pela renuncia do M.<sup>e</sup> Bento Varela, ultimo prior d'essa igreja, por ser de nossa collocção e provisão e ter por freguezia muito grande parte da cidade... tendo rendimento bastante para outros tres beneficiados... com o consentimento do meu cabido criamos... tres beneficios curados... o reitor ficará com a obrigação de prior... dizendo missa nos dias solemnes... os beneficiados dirão as outras missas... para o serviço divide a freguezia em quatro quadrellas... etc., etc.

Este arcebispo D. João de Mello foi o primeiro prelado eborense que se chamou prior de Santo Antão; o segundo foi o cardeal rei quando, pela segunda vez veio a Evora. Então levou a effeito a grande obra da reconstrucção do templo. O modo de ver e de pensar tem variado muito; hoje gostaríamos immenso de ver o primitivo, no simples e austero estylo gothico, cheio de velhos ediculos, e de antigas memorias. O cardeal destruiu tudo para erguer o actual templo, vasto, de pesada architectura, de grande fachada sem character religioso.

E para aggravar ainda nos sentidos historico, archeologico e artistico lançou por terra o arco romano, a fim de desaffrontar a egreja. Quando o cardeal infante esteve na mitra eborense pela primeira vez fez a reconstrucção; dirigiu os trabalhos o mestre Manuel Pires; a obra começou em 1557, e ficou o templo consagrado em 1563. Mas a abobada cahiu em 17 d'abril de 1568. A este respeito Manuel Fialho obteve algures um apontamento interessante = Terça feira da semana santa no anno de 1568 tremeu a terra em Evora muito, e logo na quarta de trevas se apregouu que os patações valessem tres réis, e os 5 réis valessem real e meio. Os patações então valiam 10 réis. No sabbado seguinte, alleluia, 17 d'abril, caiu a egreja e abobada de Santo Antão e matou 8 ou 9 homens =.

Emquanto duraram a ruina e as obras esteve a freguezia em Santa Martha.

Segundo os apontamentos do deão A. Oliveira, Manuel Castro que era o procurador do cardeal, comprou em 1549 a Roque d'Almada e outros, varias casas na rua Ancha para o alargamento da egreja. Foi na segunda obra que se desfez o arco e se ergueu a fonte que embora mui notavel no seu genero não compensa a perda do monumeto romano.



Carta do cardeal infante á camara sobre a fonte da praça e demolição do portico romano—Juiz, vereadores e procuradores da cidade d'Evora, Eu o cardeal infante vos envio muito saudar. Affonso Alves cavalleiro fidalgo de minha casa, vai a essa cidade de mandado de el-rei meu senhor, a dar ordem ao assento da fonte que tem mandado fazer no logar da praça, aonde comvosco e com o provedor do cano praticarão conforme a tenção de S. Alteza, e tambem para mandar desfazer o arco da rua Ancha que a atravessa e o chafariz e portico, aonde agora corre a agua da prata até ao fundamento para ficar terreiro diante da porta principal da igreja de Santo Antão, e porque ha-de mandar levar para o collegio da Companhia as columnas grandes e as mais que servirem do portico vos agradecerei parecer-vos bem porque el-rei meu senhor me tem d'ellas feito mercê. Cintra, 21 d'agosto. Lourenço de Figueiredo a fez, anno de 1570. O cardeal infante.

Em grande lapide de granito sobre o portal do centro lê-se a inscripção—D. Antonio Archimandritae Sacrum. D. Emmanuelis Lusitaniae Regis Pii Felicis Invicti Filius Henricus S. R. E. Praesbiter Cardinalis Primus Eborensis archiepiscopus, priore diruto, novum hoc, longe capacius, forma structura que augustius, religionis erexit — .

Nada resta do templo antigo? da sua albergaria? apenas um pedaço de parede, ao lado direito da capella-mór, onde se vê um busto saliente a que se póde attribuir grande antiguidade, sem importancia porém; e, julgamos nós, ainda que não conhecemos prova authentica, a esculptura do altar mór é uma esculptura em marmore representando o apostolado; está completa, perfeitamente conservada.

Os apostolos estão assentados, discutindo, ou conversando; as posições ingenuas, as dobras das

roupagens, o estylo e a maneira do trabalho fazem marcar a esta notavel esculptura data muito remota; o sec. XIII talvez; do sec. XIV ha obras d'arte muito mais desenvolvidas e complexas.

E' possivel até, comparando aquelle estylo archaico com os exemplares que nos ministram varias obras de iconographia christã, attribuir-lhe época mais remota que o sec. XIII.

Por ser esculptura que importa á historia da arte, monumento de archeologia christã, vamos descrevel-a com mais individuação.

É um marmore de 2<sup>m</sup>,02 × 0<sup>m</sup>,5. Moldura tosca, singela, rudimentar, cérca a esculptura. Onze apóstolos e S. Paulo estão assentados em banco raso, sem espaldar, sem o minimo ornato. A meio, e superiormente, a cruz, de braços eguaes dilatados para os extremos, quasi a cruz de Jerusalem, ou *croix pateé*, sendo esta porém completamente formada por arcos de circulo, com o mesmo raio.

S. Pedro e S. Paulo estão ambos á direita da cruz, S. Pedro mais proximo; este tem só uma chave, e S. Paulo tem a espada erguida, o que é raro na symbolica do christianismo. 8 tem livro, 4 não; S. Pedro e S. Paulo não tem livro, o que é notavel, e contrario ao costume, porque existem escriptos de ambos. Costumam representar-se com livro os apóstolos que deixaram escriptos, e com o *volumen* do prophetismo, o rolo de papyro, aquelles que não escreveram. S. Pedro não é calvo, mas está já proximo do typo adoptado na iconographia, nos sellos dos papas, tem o cabello e a barba curtos e revoltos. Faltam completamente os symbolos dos martyrios de cada um d'elles; e é por isto que a figura á direita de S. Pedro, tendo a espada, a barba comprida, me parece S. Paulo, e não S. Thiago maior, que tambem se representa com a espada com que o decapitaram.

A symbolica é parte interessantissima na archeologia christã; em Evora ha bastantes exemplos dignos de estudo; para a historia da arte, e até para a da evolução do pensamento, fornece ella muitos elementos. Nos seminarios deviam ensinar estes agradaveis conhecimentos; a nosso ver nos seminarios portuguezes faltam duas disciplinas, archeologia christã, e agricultura.

Como ha todavia em Evora muitos sacerdotes que talvez possam empregar umas horas em leituras de arte e symbolica do christianismo, vou indicar alguns livros de preços moderados.

— *Manuel classique d'archeologie chrétienne*, par l'abbé Poussin. Paris, 1869.

*Iconographie chrétienne, ou étude des sculptures, etc.* par Mgr. Crosnier. Tours, 1876.

*Archéologie chrétienne*, par l'abbé J. Bourassé. Tours, 1875.

No tomo 2.<sup>o</sup> dos *Monuments anciens et modernes* de Jules Gailhabaud está representado o apostolado do côro da cathedral de Tréves; é no estylo romão, seculo XI; os apóstolos tem os nimbos ou grandes resplendores circulares; roupagens mui singelas; tem livros, não tem instrumentos de martyrio; recorda bastante o apostolado de S. Antão, tendo este porém um tom mais primitivo. No mesmo volume se pode ver a frente do altar mór da igreja de Combourg; no meio está Jesus; aos lados em duas linhas os apóstolos; uns com livros outros com os rolos de papyro; não tem symbolos, excepto S. Pedro que tem a chave; roupagens variadas, inscrições, ornamentação opulenta; julga-se ser do fim do seculo XII, pois denuncia uma arte muito mais adiantada do que a do altar de Santo Antão. Roupagens tão variadas e estudadas como as das figuras do altar de Combourg só se encontram na estatuaría portugueza no seculo XIV.

Muito parecido com o altar de Santo Antão é o da igreja de Avenaz (Saône et Loire, França) reputado como preciosidade pela archeologia franceza; na *Archeologie de Caumont*, — *Ere romaine secondaire*, a pag. 297, está a gravura; julga-se da 2.<sup>a</sup> metade do seculo XII. O Salvador no meio; os apóstolos assentados; quasi todos com livro, S. Pedro com uma chave; sem symbolos de martyrio; o altar de Avenaz está completo; a grande pedra dianteira fica entre duas grossas columnas. Por estes dados, attendendo á relação entre a iconographia portugueza na idade media com a franceza, ao estylo nas roupagens, posições e symbolica, póde attribuir-se o altar de Santo Antão ao fim do seculo XII.

O visitante deve procurar ver o frontal rico; segundo uma noticia do reitor Sancas este frontal e a capa do santo vieram no seu tempo para a igreja, provavelmente da sé ou do paço archiepiscopal, a pedido do conego Miguel Remigio. A capa do santo está completa, o frontal é formado por sebastos de capas que se estragaram; conservando-se as bandas por causa das bordaduras. O frontal está um tanto em ruina, mas ainda assim é obra d'arte notavel; é bordado a ouro sobre forte linhagem; rostos, mãos e pés das figuras a seda pintada; são 22 figuras; no centro o Senhor com a cruz, e a flagellação. Aos lados figuras de santos, nimbados, com symbolos, S. Pedro, S. Paulo, S. André, S. Thiago, S. José, etc.

O corpo da igreja tem 33<sup>m</sup> de comprimento por 17 de largura; columnas muito singelas e bastante pesadas, de granito, inteiramente rebocadas, sustentam as abobadas das suas tres naves.

Na capella mór está a imagem de Santo Antão, orago da freguezia; o trabalho de talha não é de primeira ordem; é do fim do seculo XVII, tempo



do arcebispo D. Luiz da Silva, que empregou sommas consideraveis em obras da igreja. No cruzeiro, á esquerda, a capella de Nossa Senhora do Rosario; antigamente de Nossa Senhora dos Prazeres. A capella do Rosario tem muito trabalho em marmores; veiu do convento de S. Domingos. Merecem reparo as grades de ferro d'esta capella e da do Santissimo. As capellas do lado esquerdo são da Senhora dos Remedios (cruzeiro), Senhora dos Prazeres (antigamente de Sant'Anna), de S. Crispim e S. Crispiniano, onde está a sagrada familia, a da Senhora da Alegria; e o baptisterio.

Do lado direito, subindo, a Senhora da Purificação, Jesus dos Terremotos, antigamente Senhor dos Reis, das Almas, Senhora da Saude (cruzeiro), e Santissimo.

O quadro da capella das almas é uma pintura em madeira de grandes dimensões; parece ter sido retocado, parcialmente, por differentes vezes. Não é obra d'arte de primeira, nem de segunda ordem, todavia o effeito não é desagradavel; algumas phisionomias parecem retratos. Este quadro é de Jeronymo Corte Real, o illustre auctor do *Segundo cerco de Diu*, do *Naufragio de Sepulveda*, etc. Assim o affirma Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana.

Jeronymo Corte Real, senhor do morgado da Palma, era filho de Manuel Corte Real e de D. Brites de Mendonça, dama do rainha D. Catharina. Depois de servir a patria pelas regiões asiaticas e africanas, capitão de uma armada, retirou-se a uma quinta do seu morgado, no termo d'Evora; em sitio altissimo com muitas pedras toscas, o que parece indicar alguma das quintas do sitio de S. Bento. Foi provedor da Santa Casa da Misericordia em 1586. Julga-se que falleceu em 1593. Era poeta, musico e pintor este homem que foi tam-



bem capitão de armada nos mares asiaticos; um dos admiraveis typos portuguezes do seculo XVI. Existe a sua assignatura, em 1—12—1586, a fol. 130 v. do Livro dos Acordãos da letra A no archivo da *Misericordia*.

O admiravel quadro de Santo Agostinho deve ser de Francisco Vieira de Mattos, conhecido pelo Vieira Lusitano. E' a mesma composição, desenho, colorido e perfeita execução do quadro 119, sala C. do museu nacional das Bellas Artes (no palacio das Janellas Verdes; pag. 25 do catalogo provisório).

«Livro da despeza que se faz na obra da igreja de Santo Antão do dinheiro que o sr. arcebispo e o cabido para isso mandam dar, que se começou aos 7 de julho de 1572 annos» é o titulo de um livrinho em sua capa de pergaminho, onde lançavam as contas da obra, lembranças e registos de contractos com os fornecedores, etc. O padre Manuel do Valle, beneficiado de Santo Antão era o recebedor e pagador; o arcebispo e cabido tinham seus representantes especiaes que formavam a inspecção da obra. A mitra contribuia com a quantia annual de 266<sup>7</sup>660, o cabido com metade, completando assim 400<sup>7</sup>000 réis. A obra em 1572 estava muito adiantada; Braz Godinho era então o mestre; rebocavam-se as paredes, columnas e capellas; construíam-se os portaes e o adro ou taboleiro. Poderíamos dilatar muito estes apontamentos, julgamos porém desnecessario, não se trata aqui de obra d'arte de ordem superior. O moio de cal custava um cruzado. O carpinteiro Manuel Gonçalves fez as portas, de carvalho de Flandres, e grades de bordo para as capellas que foram mais tarde substituidas pelas de ferro que

ha pouco se tiraram. Cada braça de guarnição do côro custou 120 réis. Cada braça de peitoril de tijolo francez ao redor da igreja 550 réis.

A braça das cimalthas nas ilhargas e frontaria 300 réis com obrigação de não cobrir a pedraria. As columnas tinham ficado de pé na queda da abobada. Fizeram-se tambem então os remates na torre da banda de D. Jorge (rua d'Alconchel). O plano primitivo, como ainda hoje se vê, era collocar as torres aos lados da capella mór, como na igreja do collegio do Espirito Santo. O trabalho de escoda dos portaes e pedraria da frente importou em 8000 réis. Fez-se tambem um campanario para a garrida do cruzeiro. Os canteiros usavam certos signaes que abriam nas pedras, degraos, silharias, etc. que serviam para o pagamento do trabalho, depois do assentamento. E' provavelmente esta a significação de muitos signaes, alguns de singular desenho, nas construcções antigas, na sé por ex., a que algumas pessoas querem dar estranhas significações. Essas marcas serviam para a avaliação de trabalho e maneira de collocação. A pedra d'alvenaria que sahiu dos desmanchos da agua da prata vendeu-se por 30600 réis para a obra da igreja de S. Thiago, que então começava a reconstruir-se.

Falleceu D. João de Mello, voltou para esta diocese o cardeal infante, e pouco depois estava a obra concluida. A ultima conta com Braz Godinho, do lageamento e degrãos do taboleiro, tem a data de 20 de junho de 1577.

#### Noticias varias

Por alvará de 9 de julho de 1557 se fez mercê a D. Jorge de Mello (possuidor da casa apa-

laçada agora residencia da familia Rosado) de que havendo-se de correr touros na praça de Évora o tapigo que se fizesse na rua d'Alconchel se fizesse em parte que não tirasse a vista das suas janellas para d'ellas se poderem ver correr os ditos touros.

Em 13 d'outubro de 1590 lavrou-se escriptura da obrigação que D. Antonio de Mello fez ao senado da Camara d'Évora de não alargar o passadiço das suas casas nobres na entrada da Praça para a rua d'Alconchel, que vai até ao taboleiro de Santo Antão, por cima do chafariz dos cavallos, e que não alargará o dito passadiço mais que o vão da parede, e para assim observar e cumprir obrigou os seus bens. . .

O primeiro livro de registo parochial, baptisados e obitos, começa em janeiro de 1535. Os livros finidos formam um cartorio numeroso e bem ordenado no seminario.

E' no registo dos obitos que serviu de 1797 a 1837, a fol. 69 v. e seg. que está a relação dos mortos na freguezia de Santo Antão na entrada dos francezes.

Está publicada na *Évora lastimosa*, a folha 332-339.

Diz o padre Fialho «Estão ali os retratos dos castigados pelo Santo Officio o que me aborrece e parece indecencia.»

Infelizmente houve mais alguém da opinião do padre Fialho e os retratos desapareceram. Seria hoje uma galeria unica, interessantissima.

Porque estavam em Santo Antão esses retratos?

porque durante muito tempo foi no adro d'esta igreja que se armaram as mezas e tablados para os autos da fé, do Santo Officio; ali se constituia o tribunal, se liam as sentenças, se proclamavam as culpas e os castigos, se relaxavam os criminosos principaes ao braço secular. Nos primeiros tempos fazia-se a fogueira no meio da praça. Depois a fogueira passou para o rocío.

Segundo a collecção de listas dos autos da fé, feita por Barbosa Machado, a maioria d'essas tragicas sessões passou-se no adro de Santo Antão.

A primeira é de 23 de setembro de 1543; entram 66 pessoas, sendo 6 condemnadas á fogueira.

O solemne auto da fé, em 1572, a que assistiu D. Sebastião celebrou-se no mesmo sitio; entraram 79 pessoas; 17 foram relaxadas ao fogo entrando n'este numero 4 mulheres.

Uma das listas mais interessantes é a do auto da fé, em 8 d'agosto de 1806, pelas notas e observações que escreveram nas margens.

Que tragedias, que abominaveis crimes cometeu essa gente em nome da santa religião! para maior gloria de Deus! Deixemos o tristissimo assumpto.

No dia 6 de fevereiro de 1286 el-rei D. Diniz com algumas pessoas de sua familia, officiaes da còrte, ricoshomens e vassallos, esteve no adro de Santo Antão para assentar na concordata ou composição com o concelho d'Evora representado pelo alcaide, juizes, vereadores, homens bons e delegados dos arrabaldes ou bairros da cidade. Eram quatro esses arrabaldes; da porta d'Alconchel, de S. Francisco, da porta de Moura, e de S. Mamede. (V. n.º 22 dos *Documentos historicos da cidade d'Evora*).



Nos *Documentos historicos* publiquei alguns extractos relativos á albergaria do Corpo de Deus de Santo Antoninho. Por elles consta que em 1381 vivia em Evora um ourives, Estevam Annes, que lavrava e dourava grandes peças de prata.

Por causa das pratas da albergaria houve de 1455 a 1458 grande lucta entre os confrades e o bispo. A tal ponto chegou a questão que os confrades se queixaram a el-rei, dizendo do bispo «que os escandalisava mandando lançar seus filhos fóra da egreja, e que não lhes ensinasse em ella, como a filhos de herejes pondo defeza ao administrador da cura da dita egreja que não desse sacramentos a alguns confrades e freguezes. . . não lhe querendo dar a communhão em dia de Paschoa, nem depois, dizendo ainda o dito sr. bispo que não daria ordens nem crisma a seus filhos e que se vingaria d'elles em qualquer cousa que lhes podesse fazer agravos e os puniria gravemente e sem piedade».

Na historia eborense encontram-se outras questões violentas, algumas attingindo a tragedia sangrenta, por exemplo a prolongada lucta entre o bispo D. Áffonso de Portugal e o conde de Olivença. Amigos e creados d'ambos andavam em bandos armados pela cidade, em *voltas*, encontros e assaltos nocturnos, como nos dizem as curiosas relações do juiz Jorge Fernandes, que veio a Evora para devassar de tantos crimes.

Vê-se pelo documento que mencionámos que em Santo Antão se ensinava, talvez *doutrina*, talvez *carta*, leitura ou grammatica, aos filhos dos confrades da albergaria do Corpo de Deus. N'esta albergaria acolhiam tambem crianças engeitadas, e não só as criavam como cuidavam tambem do seu futuro. N'um instrumento de obrigação feito



em 1475 os confrades entregam a certa dama uma engeitada, de 7 annos, e que vindo a moça a casar-se a dama lhe ponha a casa determinando-se as roupas e utensilios (V. *Documentos historicos*, pag. 110 e 111).

**Extractos do livro intitulado «Das resoluções da commuidade»  
começado em 17 de novembro de 1757, pelo reitor  
Domingos Cardoso**

Este livro serviu principalmente para termos dos beneficiados da collegiada parochial, autos de posse, termos de eleições de apontadores, priostes, fabriqueiros, economos; isto é, movimento do pessoal da collegiada. Aproveitaram-no tambem para n'elle lavrarem algumas noticias, ou lembranças, termos de responsabilidade, etc. onde se colhem alguns dados que vamos utilizar.

Para exemplo transcrevo na integra um termo de eleição dos cargos da collegiada:—Aos 24 dias do mez de junho de 1760 annos n'esta parochial igreja de Santo Antão, acabadas as horas do côro, convocou o rev.<sup>do</sup> reitor a commuidade e poz em votos quem havia de ser apontador primeiro e segundo, e procurador dos proprios, e fabriqueiro, e sahiram eleitos a mais votos para primeiro apontador o rev.<sup>do</sup> beneficiado Thomaz de Abreu, e para segundo o rev.<sup>do</sup> beneficiado Antonio Correia Vieira, e procurador dos proprios e fabriqueiro o rev.<sup>do</sup> beneficiado Thomaz de Abreu a quem o rev.<sup>do</sup> reitor deu o juramento debaixo do qual lhe encarregou as suas obrigações e por verdade fiz este que assignei, etc. seguem as assignaturas.

Estas eleições faziam-se quasi sempre em 23 de junho.

Em 22 de novembro de 1763 a junta communi-

dade na secretaria d'esta igreja se propoz e resolveu que as duas missas de S. Miguel e do officio das almas que pertencem ao R. Reitor, como não tem de estipendio ou de esmola mais de 120 réis, não fossem por distribuição em rota, por não ficar defraudado o Padre que as cantasse mas sim em falta do R. Reitor seria obrigado a cantal-as o beneficiado que n'esse dia estivesse de capitulação, de que se fez este termo que todos assignaram, (n. á margem: mais tarde o reitor e os curas resolveram que as celebrasse o parochio da semana).

As vezes accumulavam cargos; em 1766 o padre Thomaz de Abreu foi eleito primeiro apontador, prioste e fabriheiro.

Em fevereiro de 1770, sendo já fallecido o reitor dr. Domingos Cardoso, foi provido na commendação do reitorado o dr. José Joaquim Cardoso; em junho foi nomeado reitor o dr. João Justiniano Farinha, sendo-lhe dada a posse pelo beneficiado mais velho, José Antonio de Menezes e Sousa.

O ben. Manuel Moreira Bello foi prioste da porta do celleiro de Santo Antão.

Em 12 d'agosto de 1770 convocados . . . na sancristia . . . para se resolverem algumas cousas em que havia abuso se resolveu por unanime consenso de todos, que sendo uso e costume de todas as mais collegiadas d'esta cidade não cantarem os priores *calenda* senão em vespera de Natal, e vespera do Orago da mesma igreja, se praticasse o mesmo com o r. reitor d'esta, não ficando este com obrigação de a cantar, senão em vespera de Natal e vespera de S. Antão; e que as mais calendas de todo o anno as ficasse cantando d'aqui em diante o que estivesse de primeiros versos.

Em julho de 1772 falleceu o p. Francisco Cardoso Tavares, ben. curado; entrou na vaga o p.

Manuel José de Carvalho, como encomendado.

Em julho de 1773 falleceu o p. Pedro da Costa Cardoso, economo de um beneficio simples da collegiada; n'esta vaga entrou o p. Jacintho José Guarino Faisco.

Em 6 de janeiro de 1774, o reitor dr. João Justiniano Farinha, dezembargador da relação ecclesiastica, vigario geral e provisor em todo este arcebispado, vendo a falta de perfeição com que se cantavam os officios divinos, e se officiavam as missas cantadas n'esta igreja por falta de não haver n'ella um padre que fôsse professor de canto-chão houve por bem, com approvação da communnidade, que de hoje em diante ficasse servindo no coro, aos officios divinos e missas cantadas, com os mais padres em todas as funcções a que os mais são obrigados a assistir, Francisco de Borja, o qual entrará a ganhar em todos os benesses a que assistir, conformando-se em tudo com as constituições, e tudo para maior honra e gloria accidental de Deus nosso Senhor e perfeição da sua igreja. . .

Em janeiro de 1774 enfrou o p. dr. Antonio Saraiva Leitão, na vaga do p. Cardoso Tavares.

Em 12 de maio de 1775 entrou o p. Francisco José de Campos, beneficiado curado, que renunciou pouço depois, sendo substituido pelo p. dr. João Baptista Duarte.

Em fevereiro (29) de 1776 foi promovido em um beneficio curado o P.<sup>o</sup> Bonifacio Gomes de Carvalho.

Em 11 de novembro de 1776 . . . não havendo na collegiada pessoa instruida em canto-chão . . . foi convidado a assistir aos officios, e missas cantadas, Manuel de Almeida.

Em 1776 — novembro — o quartanario Lourenço Saraiva como procurador do P.<sup>o</sup> José Maria

Beleor Piscina, clérigo in minoribus e familiar do Em. Cardeal arcebispo. . . para posse de um beneficio simples.

Seguem outros termos que julgamos insignificativos. Às vezes os beneficiados não chegavam a acordo na nomeação dos cargos; intervinha então o arcebispo. A fol. 20 v. — Portaria do prelado de 30 de junho de 1794 = Tendo-se para nós devolvido a eleição do prioste da freguezia de S. Antão por não se haverem n'ella coalhado os votos, e não haver por isso a pluralidade d'elles em algum dos votados; querendo Nós providenciar n'este caso como se nos pede e como devemos Nomeamos para prioste ao rev.<sup>do</sup> ben. Joaquim José Martins. . . etc. =

Em 20 abril 1794 — veio o desembargador Manuel de Jesus Lamego, com procuração do p. João Luiz da Silva, a tomar posse de um beneficio simples que n'elle tinha provido S. Mag.<sup>de</sup> na vaga do p. José da Silva Coutinho.

23 abril 1795, o dr. João Limpo Pimentel toma posse, por provizão do arcebispo. da reitoria da collegiada.

24 novembro 1796, entra na collegiada o p. José Lucio Limpo Pimentel.

31 outubro 1797, o p. José Lucio Limpo Pimentel entra na reitoria pela deixassão de seu irmão João Limpo Pimentel. Para a collegiada entrou o p. João Antonio de Sá.

Maio de 1799. . . João dos Reis Guimarães como rendeiro da ex.<sup>ma</sup> Mitra. Antonio José Pestana como procurador do rendeiro da Patriarchal, Bernardino Fiuza tambem procurador do rend. da terça Patriarchal. . . nomeação do prioste dos dizimos, prioste da porta do celleiro José Fernandes Migueis, escrivão do celleiro Henrique José de Almeida Salema, e os priostes da Abedoueira, da quadrella de S. Manços, e dos farrejaes. . .



Fevereiro de 1800 — p. João Antonio Vellez encomendado em um beneficio.

Em maio de 1800 houve duvida na eleição dos priostes, que foi resolvido pelo cabido..

Em 23 de agosto de 1801 . . . o ben<sup>do</sup> José Lopes de Mira com o notario Antonio Ignacio Goleite o qual apresentou uma procuração do ill.<sup>mo</sup> D. João de Aguilar e Menezes para o effeito de tomar posse do beneficio que era do ben. José Maria, a qual graça lhe fez o ex.<sup>mo</sup> sr. nuncio, como mostrava o d.<sup>o</sup> notario.

Havia beneficiados que não serviam, o que originava ás vezes difficuldades. . . em 1801 conseguiu-se que os que não serviam se fizessem substituir, D. João de Aguilar pelo p. Joaquim Ribeiro de Sousa, e José Lopes de Mira por seu afilhado Francisco José Rosado.

Em 16 de maio de 1802, sé vaga, por ordem do cabido se fez a eleição dos priostes.

Um dos padres que para facilidade de indagação fez notas á margem, rubricas ou verbas. ou simples indicações, arranjou taes variantes orthographicas em abreviaturas da palavra *economio*, que elle provavelmente pronunciava *iconomio*, e onde entendeu dever meter um *h*, *ichonomio*, que reduzindo, abreviando, chegou a escrever *ichmmo* e até *ich* extravagante phase ultima da palavra apenas explicavel pela encontro das differentes evoluções.

24 dezembro 1803, entrou o p. José Bernardo Camacho pela renuncia de D. João de Aguilar e Menezes.

22 abril 1804. . . sendo reitor José Lucio Limpo Pimentel, beneficiados curados Francisco José Pinto, Ignacio Pedro Simões, e João Antonio de Sá, ben. simples Joaq.<sup>m</sup> José Martins e José Ber-



nardo Camacho. . . foi sagrada esta igreja pelo ex.<sup>mo</sup> arcebispo D. fr. Manuel do Cenaculo Villasboas. . .

Em 1804. . . com a prata velha e sem uso da igreja mandaram fazer vasos para os santos oleos de crisma e cathecumenos, vaso para o sal bento, e uma vieira para baptisar, pelo ourives Antonio Nunes d'esta cidade.

Depois do saque de 1808 a igreja emprestou calices ao convento de S. Domingos, e á freg. de S. Thiago.

A fol. 32 v. Nota de estarem vagos beneficios pela morte dos p.<sup>es</sup> Ignacio Pedro Simões, João Antonio de Sá, José Bernardo Camacho da Silva e Joaq.<sup>m</sup> Ribeiro de Sousa, na entrada dos francezes.

Sentença contra D. José de Mello sobre a serventia do concelho e adro da igreja — 4 setembro 1809 — em casa do desembargador Manuel de Jesus Lamego, procurador geral da Mitra, presente o reitor de Santo Antão, José Lucio Limpo Pimentel Sancas. . . uma sentença tirada do processo no juizo da almotaçaria. . . sobre o engradamento no adro della livre de toda a servidão que das casas do ex.<sup>mo</sup> D. José de Mello se pretendia ter pelo dito adro e pela qual pretendera este impedir a porta e feixo do gradamento. . . teve sentença contra que julgou a favor da liberdade da igreja, e se confirmou pelo senado da Camara em 17 julho 1799. — Como por costume, estilo e pratica geral do reino attestada pelos doutores que escreveram na materia póde o juis mandar proceder na continuação da obra embargada quando lhe consta, por inspecção ocular, que o denunciante não tem prejuizo e direito para a impedir. . . constando da deposi-

ção dos louvados que do engradamento lauçado á roda do adro de Santo Antão não resulta prejuizo ao embargante, nem de se lhe pôr a porta que lhe falta lhe resulta damno. . . A Camara afirma que o adro de Santo Antão á todo da egreja. . . A grade tinha sido mandada fazer pelo arcebispo Botelho de Lima. A confirmação da Camara assignada = Cordovil Lobo, Borges, Ramalho. O auto pelo reitor, e pelo conego Miguel Remigio, etc.

Só em 1813-14 apparecem alterações do pessoal priosteiro. Lourenço Gomes Chaves rendeiro da mitra, Bernardino José Fiuza rendeiro da terça patriarchal, Alvaro José da Silva da quadrella da Budocira, Caetano Leiria, para a de S. Manços, Ignacio de Jesus para os farrejaes; Antonio Fortunato Ferreira procurador do rendeiro da mitra; Antonio Felizardo Lobato procurador da terça patriarchal.

Abril 1814 — José Joaquim Victoria, armador da cidade, nomeado para armador da egreja em vez de Jachome Pedro Victoria.

Maio de 1814 — O dr. José Lopes de Mira renunciou o seu beneficio a favor de Manuel de Mira Vidigal. . .

Em 23 de dezembro de 1815 se collocou n'esta egreja parochial o guardavento, que o fez acabar e collocar á sua custa o ill.<sup>mo</sup> conego da sé Miguel Remigio de Lima; o qual guardavento teve seu principio no governo do ex.<sup>mo</sup> arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima que deu as madeiras. . . e foi mandado continuar pelo ex.<sup>mo</sup> D. fr. Manuel do Cenaculo, e tendo este fallecido deixando a obra incompleta o dito conego a fez concluir. . . o mesmo conego Miguel Remigio com o ill.<sup>mo</sup> conego Lourenço Saraiva fez o coro e cadeiras de baixo,

e guarneceu as portas da igreja e sacristia com reposteiros, e poz na sacristia a meza dos calices, e outras obras de menor custo, como a collocação do retabulo de S. Roque na sacristia. . .

13 agosto 1816 — Havendo quasi caducado a irmandade das Almas . . . que fôra erecta de antigos tempos com bula da Santa Sé, e jubileu na 2.<sup>a</sup> domingo de novembro, achando-se reduzida a um simples e precario devoto . . . o reitor Sancas chamou homens probos . . . e formou irmandade que em breve estava prospera; ennobreceram e ornaram a capella, estabeleceram missa d'alva aos domingos e dias santos, e a festa das Almas.

Em a 3.<sup>a</sup> domingo de julho de 1816 se collocou na capella de S. Roque d'esta igreja de S. Antão a imagem de N. S.<sup>a</sup> da Saude que os mordomos mandaram fazer e repararam magnificamente a mesma capella, ficando á direita S. Roque orago d'ella, e á esquerda S. Eloy, e abaixo d'estes S. André Avelino e o patriarcha S. Domingos, na mesma ordem. Costumam os mordomos fazer a festividade com pompa e magnificencia como nenhuma outra se pratica hoje n'esta cidade. . .

2 setembro 1816, tomou posse do beneficio o p.<sup>o</sup> Bento Affonso Cabral Godinho, conego da sé, por ser provido pela Santa Sé, e o metteu em posse o p.<sup>o</sup> Angelo Pio Agostinho Fazenda, notario apostolico.

1 maio 1817. . . José Rodrigues Guerra rendeiro da mitra, Antonio Fortunato Ferreira seu procurador; Paschoal da Costa Guimarães rendeiro da terça patriarchal, Fernando José Barbosa seu procurador. . .

Em agosto de 1817. . . o beneficiado Francisco

José Pinto restituiu á egreja a imagem de prata de N. S.<sup>a</sup> dos Prazeres que tantos annos esteve arrecadada em casa de Francisco José Ribeiro, o qual a entregou por temor que os francezes na invasão d'este reino lh'a tirassem, a qual imagem recebeu o ben. Pinto, e quando os francezes saquearam esta cidade em 1808 para a salvar a lançou no seu poço donde se tirou depois mas sem a coroa que se perdeu; o reitor d'esta collegiada não a quiz entregar quando no governo de Junot se exigiram as pratas das igrejas do reino... (a imagem esteve por muitos annos em casa do ben. Pinto como penhor da divida de 37<sup>7</sup>/<sub>400</sub> réis.)

Em 1819, José Maria Sergio da Fonseca, procurador das duas rendas da mitra e patriarchal; depois José Barbosa de Oliveira.

Fol. 44 v. Dom fr. Patricio da Silva, da ordem de Santo Agostinho... arcebispo eleito... achando-nos presentemente na indispensavel necessidade de residirmos ainda por algum tempo nesta cidade de Lisboa... nomeio governador interino com toda a jurisdicção o dr. Antonio Mauricio Ribeiro mestre escola da cathedral, e que tem servido na vacancia de vigario capitular... Em Lisboa, convento de N. S.<sup>a</sup> da Graça, 17 abril de 1820.

Junho 1820 — José Abilio de Oliveira toma posse de um beneficio simples.

2 maio 1822 — se collocou na capella de S. Chrispim e S. Chrispiniano a imagem do S.<sup>or</sup> Jesus da Canaverde que é da irmandade do Santissimo.

13 julho 1822... tendo fallecido o p. Miguel Remigio de Lima, italiano de nação, e conego coadjutor na Santa Sé desta cidade, deixou a esta nossa igreja a quem foi magnifico bemfeitor, a preciosa reliquia do lenho santo para nella perpetuamente se venerar como testemunho de sua piedade, e de



amísade com o reitor José Lucio Pimentel Sarcas que mandou lavrar este termo para eterno monumento de nossa gratidão. (A) o ben.<sup>do</sup> Antonio Joaquim Galvão.

1 outubro 1823 entrou para uma economia o clerigo in minoribus José Jeronimo da Silva.

Em 8 de novembro de 1822 . . . o reitor . . . por ordem do arcebispo . . . communicada pelo bispo de Eucarpia provisor, tomou juramento aos parochos, beneficiados e padres da collegiada, assim como a todos os outros residentes nesta parochia, e que o não prestam em outra qualquer a que estejam obrigados, de guardarem e fazerem guardar a constituição politica d'esta monarchia na forma prescripta no decreto de 10 outubro deste anno pelas côrtes nacionaes e extraordinarias . . . de cujo acto remetteu certidão, etc.

21 de setembro de 1823 — . . . á estação da missa conventual foi publicado o aviso regio e portaria . . . do arcebispo D. fr. Patricio . . . D. fr. Patricio da Silva, etc. fazemos saber que S. Mag.<sup>de</sup> tendo sempre em vista o decoro e esplendor da Santa Religião que professamos, cujos ministros lhe são tão agradaveis e tão preciosos quando se esmeram no desempenho das obrigações do seu estado, quanto lhe são desagradaveis e indecorosos á mesma religião quando se esquecem dellas e profanam sacriligamente o seu character, foi servido dirigir-nos o avizo do theor seguinte = Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Em addição ao aviso de dous do corrente he S. M.<sup>de</sup> servido ordenar que os clerigos empregados em curatos, encommendações ou outros beneficios não collados, e que com oprobrio da religião, escandalo dos povos, e directa violação das leis da igreja assentaram praça nas guardas civicas, se-



jam expulsos do serviço da igreja como indignos de gosar os benefícios d'aquella santa mãe, cujas leis tanto ultrajaram e desprezaram; e quanto aos possuidores dos benefícios collados ordena o mesmo Augusto Senhor que se lhes forme processo para serem sentenciados segundo as leis canonicas, dando V. Ex.<sup>a</sup> em todo o seu arcebispado a necessaria publicidade a estas reaes determinações para satisfação daquelles ministros fieis que guardaram intacta a sam moral e a doutrina religiosa, para confusão dos discolos, exemplo dos povos, e reparação de tantas e tão perniciosas offensas e ultrages. D. G. etc. Palacio da Bemposta, 12 de setembro de 1823. Manuel Marinho Falcão de Castro — Ao sr. Arcebispo d'Evora. — E para que tão sabia e providente medida tenha a sua devida execução Mandamos que esta seja publicada e lida em todas as parochias do nosso arcebispado, em um domingo á estação da missa conventual, e depois registada no competente livro de cada uma das mesmas parochias; etc., etc.

11 março 1827. . . nos foi communicada uma carta da secretaria de Estado dos Neg. Eccl. e de Just. dimanada do sr. Bispo de Bugia ao reitor d'esta collegiada. . . em a qual acerbamente se queixa e reprehende pelas repetidas representações que alguns magistrados das provincias deste reino aos individuos do clero assim secular como regular que declamam contra as bases constitucionaes e estado presente do governo actual estabelecido pelo sr. D. Pedro 4.<sup>o</sup> Nosso Magnanimo e Legitimo Rei. Outrosim manda que os rev.<sup>dos</sup> parochos todos os domingos na occasião da missa conventual, façam uma pratica aos seus freguezes em que lhe mostrem as vantagens do governo actual, e mandado pelo dito Senhor: por cuja obediencia e

fidelidade á legitima e bem entendida autoridade se passou ordem ao prioste da igreja para logo comprar o impresso da Carta Constitucional da Monarchia Portugueza e com promptidão se fazerem os discursos mandados pelas reaes ordens. O ben.<sup>do</sup> Joaquim José de Macedo. — O arcediago reitor José Lucio Limpo Pimentel.

E para melhor intelligencia houve o acordão de que n'este livro se copiasse a dita Carta, e Ordem Regia dimanada da secretaria de Estado dos Neg.<sup>os</sup> eccl.<sup>os</sup> que he a seguinte — Constando á Serenissima Senhora Infanta Regente pelas repetidas representações de diversos governadores e magistrados das Provincias do reino, que alguns parochos e outros clerigos, assim seculares como regulares, prostergando os mais sagrados deveres do seu ministerio e profissão religiosa, em lugar de instruirem o povo e persuadir-lhe amor e obediencia ao nosso magnanimo e legitimo rei o sr. Dom Pedro 4.<sup>o</sup> e ás sabias leis e instrucções politicas por elle tão generosamente outorgadas, usam declamar contra ellas não só no pulpito e lugares publicos mas até no confissionario, inculcando com refalsada hypocrisia que são oppostas ás santas maximas da religião catholica romana que felizmente professamos; procurando com tão escandalosa calumnia e astuciosa perversidade introduzir no espirito do povo simples e sincero erroneas e absurdas preocupações com que o arrastam á rebelião e guerra civil que desgraçadamente se tem manifestado em algumas povoações do reino; Manda Sua Alteza em Nome de ElRei que o reverendo bispo de Bugia passe as ordens necessarias debaixo de suas penas a todos os parochos da diocese de Evora, para que todos os domingos na occasião da missa conventual façam aos seus freguezes uma pratica com que lhes mostrem as vantagens da forma do

Governo actual dádo por ElRei na Carta Constitucional; explicando-lhes em termos convenientes cada um dos artigos d'ella, a suá conformidade com os sagrados principios da nossa religião, a obrigação que temos todos de obedecer-lhe e a enormidade do delicto da desobediencia; que debaixo das mesmas penas encarregue as autoridades suas delegadas de averiguar quaes são os ecclesiasticos da mesma Diocese que tem tomado parte na rebelião, ou seja vociferando contra a Carta, e proferindo em publico ou particular abominaveis doutrinas, ou sendo adherindo ou induzindo aos rebeldes; e porque se não pode sem grave prejuizo do estado, offensa da egreja, e escandalo dos fieis, consentir que continuem no exercicio de suas funcções aquelles sacerdotes que tão infamemente houverem abusado da seu ministerio; He Sua Alteza servida haver por muito recommendado ao rev. bispo de Bugia que suspenda das faculdades de prégar e confessar os que achar cúmplices implicados na rebelião, demittindo de seus cargos as justiças e auctoridades suas delegadas, que, por conivencia ou omissão culposa, tiverem cooperado para os mesmos crimes, encarregando as obrigações de uns e outros a sacerdotes que pelas suas virtudes e saber sejam capazes de as desempenhar dignamente. Palacio da Ajuda, em 2 de maio de 1827. Luiz Manuel de Moura Cabral.

Remettido o avizo, por ordem do bispo de Bugia. . . para inteiro cumprimento sob pena de immediata suspensão de ordens; pelo escrivão da cam. eccl. Pedro Paulo de Vasconcellos, em 9 de março de 1827.

Outubro de 1828 — Entrou para bene.<sup>do</sup> o p.<sup>e</sup> Antonio José Bacelar, que sahiu um anno depois para a freg.<sup>a</sup> da Repreza.

Em 1 de Novembro de 1830, provido em capellão cantor o p. José Aleixo Duarte.



Junho de 1832, entrou o p. Francisco Luiz de Vargas.

1 de Novembro 1832, entrou o P.<sup>e</sup> Miguel Pereira.

Em 2 de julho de 1830 era vigario capitular o conego Manuel Affonso Madeira. Em outubro de 1833 governava o arcebispado o dr. Joaquim José Poças.

A fol. 64 está registado um requerimento que o reitor e beneficiados fizeram ao Perfeito da Provincia para se repartir um beneficio simples da collegiada que estava vago; por onde se vê que os ben. curados faziam 60000 réis por anno, e os economos uns 16000 réis. Era perfeito interino da Provincia José Maria Grande (despacho em 15 julho de 1835). Manda ouvir o Provedor do Concelho que era Carlos Vieira.

20 de junho de 1835 — Joaquim José de Sousa, herdeiro e testamenteiro do bispo de Bugia entregou diversas joias que este bispo deixára para ornato da imagem da S.<sup>a</sup> dos Prazeres... bispo de Bugia D. Antonio Mauricio Ribeiro... confiando a fiscalisação e guarda ao reitor e á pessoa que trata do ornato, etc. da imagem, que era D. Anna Joaquina de Sousa mulher do dito Joaquim José de Sousa.

Em 10 de julho de 1834 entrou p.<sup>a</sup> ben.<sup>do</sup> curado o P.<sup>e</sup> Mestre Vicente Pinheiro, no seculo, e do Bom Successo na religião.

Era governadar do arc.<sup>do</sup> Manuel Joaquim Cardoso Castello Branco.

Em novembro de 1836, para thesoureiro, o p. Tiburcio José da Silva, egresso, corista que foi da extincta provincia dos Algarves, ordem dos Menores de S. Francisco.

Era gov. e vig. cap. do arc. Joaquim Placido Galvão Palma.

Antes do P. Tiburcio fora thesoureiro (julho de 1834) Antonio Maria, leigo, ex-capucho.

Em fev. de 1835 entrou o p. Antonio Maria Lança, vulgo Branco.

Em 16 janeiro de 1838 — o padre mestre João de Deus Torres, vigario de S.<sup>ta</sup> Clara, deu á egreja a veneravel imagem de J. C. Nosso Salvador de fundição de bronze primor da arte — opus materiam superavit — .

Em 4 de março de 1838 se tresladou processionalmente para S. Antão a Sacra familia de Jesus Maria José da irman.<sup>de</sup> dos carpinteiros precedendo despacho da junta do governo.

Nesta época houve contenda demorada entre a nova administração parochial e o reitor José Lucio Limpo Pimentel Sancas. Era presidente da junta de parochia Luiz Antonio da Paixão; e administrador do concelho Antonio Telles Monteiro, e escrivão Joaquim Francisco de Salles Lobo; houve inventario minucioso, exame de livros, etc.

A nova administração, junta de parochia, ou commissão da fabrica e culto divino, nomeada em junho de 1835 pela provedoria do concelhó municipal; composta, a 1.<sup>a</sup> junta, por José Maria de Aboim; Sebastião José Fernandes Migueis, Thomas José de Aquino, Antonio Fortunato Lobato; era escrivão da provedoria Jeronimo Emiliano de Campos.

Em abril de 1838 era secretario da administração geral Alves do Rio.

Em 6 de maio de 1838 — se jurou a constituição politica da monarchia... o reitor e os dois coadjutores.



27 maio 1838 — o gov. do arc. Dr. Joaquim Plácido Galvão Palma ordenou que os parochos façam homilias, explicando os evangelhos, á estação da missa do dia; que de tarde façam a catechése ensinando meninos; que havendo na freguezia pretendentes a ordens os parochos os façam cursar a aula de moral. . . era vigario geral, o dr. José Joaquim de Moura.

24 outubro de 1840 — Creação da nova parochia de S. Pedro no templo de S. Francisco.

D. Manuel Pires de Azevedo Loureiro, bispo eleito de Beja, gov. vig. cap. do arc. d'Evora, etc. pela portaria de 4 de maio de 1840. . . tendo em vista as disposições da port. de 20 de novembro de 1839. . . se fizesse a trasladação da parochia de S. Pedro para o magnifico templo de S. Francisco. . . na extincta egreja de S. Thiago podia conservar-se a collegiada. . . em portaria de 23 de julho ultimo (1840) se tratava da divisão. . . que as 5 parochias se reduzam a 4. . . a parochia de S. Thiago tinha 65 fogos. . . S. Pedro tinha 59. . . passa a pia baptismal etc, para S. Francisco. . . da freguezia da Sé tiram terreno com 321 fogos dos 892 que tem dentro dos muros da cidade, por que com os de fóra erigimos a egreja do extincto convento do Espinheiro em capella annexa da parochia da eg. metrop. para que cada hum dos doze parochos que tem vão por turno de semana ou de mez dizer missa e instruir os parochianos. . . da par. de S. Antão tira 300 fogos dos 991 que tem. . . para haver igualdade entre as freg. intramuros. . . a S. Mamede que tinha 300 junta mais 328 fogos (seguem os limites que são os actuaes, — por extensos não se transcrevem), a Sé tinha 550 fogos no campo. . . S. Pedro ficou com 625. S. Mamede 628. Começou a vigorar a divisão no

domingo 29 novembro 1840. Publicada na missa do 1.º domingo do dito mez.

Neste tempo o arcediogo reitor Limpo Pimentel Sarcas tinha 78 annos de idade, e 44 de parochio em S. Antão; o arc. nomeou coadjutor o P.º Ambrosio Metella, prior da extincta parochia de S. Pedro. Ambrosio Metella Villasboas.

Em setembro de 1841. João de Mesquita Pimentel pede para transferir para o cemiterio publico dos Remedios os despojos mortaes de seu pae Fernando de Mesquita, que foi morador na freg. de S. Antão, e foi sepultado no antigo cemiterio de S. Antonio, lugar commum de deposição, aonde cada um parochio exerce igualdade de direito, e porque o supp.º (o p. Manuel de Mira Calado, coadjutor de S. Antão) deseja viver em boa harmonia com os rev.ºs parochos. . . (despacho) = Como é transferir os restos mortaes de um cemiterio que foi commum para outro commum, ao supp.º como parochio proprio da pessoa de quem são os restos mortaes lhe pertence a mudança visto que no cemiterio commum a muitas freguezias o direito dos mesmos parochos se deve decidir pela authoridade que estes tinham sobre as pessoas durante a sua vida, que não perdem depois de mortos, visto que o cemiterio se considera como comprehendido em cada huma das freguezias por ser commum a todas ellas; por tanto nesta conformidade se passe a licença. Evora 7 de setembro de 1841. (A) M. B. El. de Beja, G. V. C.ºr (Manuel bispo eleito de Beja, governador e vigario capitular; era Manuel Pires de Azevedo Loureiro).

9 de julho de 1843. D. Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho, Arcebispo d'Evora, etc. — Aos parochos do arcebispado. . . Uma experiencia funesta nos tem feito conhecer que em

muitas parochias deste nosso arcebisado se tem abusado da obrigação de trazer correntes os livros dos assentos dos baptismos, matrimonios, e obitos, muitos dos quaes fariam vergonha aos vindouros que os examinassem. Não apontamos os males actuaes para não fazermos corar as faces dos culpados presentes, porem deixamos á consciencia de cada um o reconhecer a sua culpabilidade e emendal-a. Refere-se em seguida aos exforços dos seus antecessores neste ponto, especialmente ao arc. Botelho de Lima (pastoral de 1791). Ségue a transcripção da pastoral. . . sendo uma das obrigações parochiaes declaradas no sagrado concilio de Trento. . . haver. . . nas parochias. . . livros authenticos em que os parochos com toda a distincção e clareza façam os termos dos baptismos, matrimonios e obitos. . . sendo esses termos tão uteis á posteridade e ao bem publico, como necessarios para a boa economia das dioceses, e para acautelar os absurdos que a malicia e sagacidade humana tem muitas vezes praticado. . . . . pertencendo ao nosso ministerio vigiar igualmente sobre o resguardo e boa arrecadação d'aquelles livros, depois de ter mostrado a experiencia a ruina e a dilaceração em alguns delles, a introducção do vicio em outros, e total perdimento de muitos, vindo destes principios a louvavel pratica que achamos nesta diocese de se estabelecer e criar um cartorio commum dos livros findos com escrivão destinado para a sua guarda. . . e para passar certidões. . . séguem instrucções para o modo de lavar os termos, cousas que nelles se devem mencionar, etc. 9 d'Abri! de 1791. Subscripta pelo escrivão da cam. eccl. Rodrigo de Sá Coelho.

---









GABRIEL PEREIRA

## ESTUDOS EBORENSSES

Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores de Evora. Evora romana. Inscriptões lapidares, muralhas, esculpturas, etc. Antiguidades romanas nos arredores. Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras. A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI. Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca. Catalogos das pinturas, das curiosidades es objectos d'arte. Catalogo do museu Cenaculo. Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas. A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé. A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis. Bispos e arcebispos. Factos historicos. A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637. O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663. Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834. Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio). Balthazar Jorge em Díu. Os papeis dos Azambujas. Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro.
- 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lap.<sup>res</sup>
- 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836.
- 4.º Loios.
- 5.º Bibliotheca Publica.
- 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraizo, Santa Clara e S. Bento.
- 7.º Bellas artes.
- 8.º Vesperas da restauração.
- 9.º Idem, 2.ª parte.
- 10.º Brasão d'Evora.
- 11.º A igreja de Santo Antão.

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão impressos os seguintes fasciculos :

- I. Documentos dos sec. XII e XIII. — II. Documentos do sec. XIII — III, IV e V. Documentos do sec. XIV. — VI. Extractos referentes a 1350-1450. — VII. osturas municipaes dos fins do seculo XIV. — VIII. Posturas municipaes do seculo XIV e Regimento da cidade do tempo d'elrei D. João 1.º — IX. ultimo da 1.ª parte. Regimento da cidade. Indice.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

### DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itenerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão. Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

## O ARCHIVO MUNICIPAL

A COLLECÇÃO RIVARA. O LIVRO DO PADRE MIRA.  
O LIVRO *verde*. POSTURAS ANTIGAS. O TOMBO DO CONCELHO EM 1536  
— VOLUMES DE PERGAMINHOS.  
REGISTOS ANTIGOS. COLLECÇÃO DOS ORIGINAES.  
EMENTAS E ACTAS.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

---

1887



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

## O ARCHIVO MUNICIPAL

A COLLECÇÃO RIVARA. O LIVRO DO PADRE MIRA.  
O LIVRO *verde*. POSTURAS ANTIGAS. O TOMBO DO CONCELHO EM 1536  
VOLUMES DE PERGAMINHOS.  
REGISTOS ANTIGOS. COLLECÇÃO DOS ORIGINALS.  
EMENTAS E ACTAS.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

—  
1887





# ESTUDOS EBORENSES

---

## O archivo municipal

---

São opulentos os archivos eborenses; ha n'elles muito que estudar. Tendo a cidade soffrido crises enormes, basta lembrar 1637, 1663, 1808, 1828, 1834, 1846, é devéras para admirar que chegasse até nossos dias tal somma de documentos, geralmente em bom estado de conservação. Os archivos eborenses teem importancias especiaes que faremos conhecer condensando algumas noticias nos nossos *estudos*. Começaremos pelo archivo municipal.

Teve este archivo a singular fortuna de ter inspirado sympathia em varias epochas a individuos empregados na Camara, e mesmo a estranhos, que lhe consagraram annos de trabalho. Julgamos poder affirmar que o primeiro escrivão que ali pres-

tou grandes serviços foi Tristão de Souto Mayor, no meião do seculo XVI.

Um seculo depois encontramos o escrivão Cabral d'Almada coordenando, copiando, reduzindo a livros alguns antigos documentos de maior importancia administrativa então, e que hoje a têm historica. Seculo e meio depois apparece o padre José Lopes de Mira, trabalhador enorme que, segundo creio, passou o melhor da sua vida a copiar e a extractar documentos, ás vezes, valha a verdade, sem exactidão escrupulosa; as suas copias formam um grosso volume no archivo municipal, trabalho curioso porque alem dos documentos municipaes elle copiou e juntou documentos do cabido, noticias das chronicas, etc. Logo fallaremos d'este volume. A este segue-se o conhecido erudito Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara; não careço de empregar a respeito de Rivara qualquer adjectivo, basta empregar numeros. Que fez Rivara no archivo municipal? Foi aos livros dos Originaes, aos Registos, ao livro do P.<sup>o</sup> José Lopes de Mira e copiou ou fez copiar os documentos na integra; fez tambem bastantes copias na Torre do Tombo de documentos relativos a Evora, classificou estes documentos chronologicamente e fez volumes.

Não satisfeito com isto fez extractos dos documentos e mandou copiar esses extractos que formam outra collecção.

A collecção Rivara forma 14 volumes!

O 1.<sup>o</sup> intitula-se — Documentos pertencentes á Camara de Evora.

O 2.<sup>o</sup> — Documentos pertencentes á cidade de Evora.

Os outros tem o titulo geral — Documentos do archivo municipal eborense — e estão numerados de 1 a 12.

1.º vol. contem copias de documentos de 1167 a 1449.

2.º — 1450 a 1485.

3.º — 1486 a 1500.

4.º — 1501 a 1529.

5.º — 1530 a 1563.

6.º — 1564 a 1600.

7.º — 1601 a 1634.

8.º — 1635 a 1650.

9.º — 1651 a 1674.

10.º — 1675 a 1700.

11.º — 1701 a 1729.

12.º — 1730 a 1800.

A collecção d'extractos tem 5 volumes, com o titulo — Collecção d'extractos de todas as leis, alvarás, posturas, regimentos, diplomas, e mais documentos que se encontram no archivo da Camara d'Evora. ordenada pelo dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara nos annos de 1850-51 —. O numero dos documentos extractados é de 6064! O tomo 1.º contem de n.º 1 até 1106; o ultimo do tomo 5.º é o n.º 6064, datado de 15 d'abril de 1801.

Já fallei no livro do P.º José Lopes de Mira. E' um grosso volume de folio grande com 362 folhas numeradas, mais 11 de indice sem numeração: intitula-se: «Elogios historicos e chronologicos dos reis de Portugal com as leis, decretos, provisões, alvarás e cartas que escreveram ás republicas ecclesiastica e secular da cidade de Evora; transcripto e recopilado tudo tanto de uma chronica antiga manuscripta que trata dos ditos reis até Afonso V e existe no cartorio da Camara, como dos mais papeis que se conservam no mesmo cartorio e no da cathedral da dita cidade.» O vol. está completo; tem um erro de paginação de fol. 160 a fol. 181, provavelmente porque deslocaram os cadernos ao encadernar. Entre outros assumptos

refere-se ao aqueducto extensamente. O ultimo documento transcripto é de 12 de setembro de 1635.

Existe ainda no archivo outro volume de traslados denominado o — *Livro Verde*.

E' um vol. de 143 fol. encadernado em taboas forradas de couro lavrado.

Na folha de guarda ha ornamentação grosseira em aguarella; na parte superior o emblema da cidade pintado muito irregularmente.

Tem o titulo — Livro de cartas, provisões e alvarás que o senado da Camara d'esta cidade mandou trasladar no anno de 1696 —.

A fol. 1. Alvará authorisando a vereação a fazer trasladar antigos documentos em máo estado ou de difficil leitura, por um tabellião, sendo os traslados concertados e conferidos com outros dois tabelliães, para fazerem fé; isto a pedido da vereação; 13 de dezembro de 1696.

Foi encarregado de dirigir este trabalho o tabellião Vicente Ramalho de Sousa. Não tem indice. Contem copias de documentos dos seculos XV e XVI, respectivos á administração, policia, privilegios, cerimonial, aboletamento de tropas, fortificações, etc.

São sempre muito interessantes os documentos de legislação municipal; revelam os costumes, a vida social; servem mais que outros quaesquer para marcar o progredir dos povos. Evora pode apresentar a sua legislação municipal quasi completa.

Ao foral dado por Affonso Henriques seguem-se os foros, juizos e costumes d'Evora. Existiu no archivo municipal o primeiro foral; o p.<sup>o</sup> J. L. Mira ainda viu restos de esse interessante documento; isso mesmo desapareceu depois. Existe porem uma traducção feita no seculo XVI. Felizmente não nos prejudicou o desaparecimento do foral



porque foi publicado nos — Monumenta historica —.

Alguns dos — Fóros, juizos e costumes de Évora — estavam publicados em parte nos — Ineditos da Academia —.

Ora no archivo existem posturas do seculo XIV, algumas dos primeiros annos do seculo XV, e por isso podemos affirmar que Evora possui um corpo de legislação municipal completo.

Foral, fóros, usos e costumes, posturas e regimento antigo, tudo está hoje impresso na 1.<sup>a</sup> parte dos — Documentos historicos da cidade d'Evora —.

Em breve fallarei das posturas mais antigas existentes no archivo em diversos volumes; agora descreverei os 3 primeiros volumes de posturas.

1.<sup>o</sup> — Posturas antigas —. E' um vol. com 80 folhas de papel em capa de pergaminho branco. Declara-se na 1.<sup>a</sup> folha — Este livro escreveu Fernão Lopes de Carvalho, cavalleiro, cidadão, no anno de 1466, no qual anno elle teve cargo de escrivão da Camara. acabou em 1467. — Não está completo, algumas folhas perderam-se; o que até nós chegou deve-se ao escrivão Cabral d'Almada que em 1662 reduziu os cadernos a volume. As 80 folhas que restam contem porem muitas posturas interessantes, algumas datadas dos ultimos annos do seculo XIV.

2.<sup>o</sup> — Posturas de 1500 —. Tem seu proemio; havia muitas posturas em diversos livros, resolveram reunil-as para facilitar indagações. Está escripto até fol. 95 seguindo-se muitas em branco.

A fol. 47 está o — Regimento d'el-rei N. Senhor — feito em Évora, aos 20 de julho de 1497. A ultima postura aqui trasladada é de 1591.

3.<sup>o</sup> — Posturas de 1600 —. Grosso volume, numerado até fol. 475, escripto por varias letras, sem muita ordem. Tem um indice antigo a fol. 19.

Folhas em branco por meio do volume. A fol. 313 está um documento de 1730. Na maioria documentos do seculo XVII, mas tem alguns do seculo XVI.

E' importante tambem a collecção dos *Registos*.

O 1.º vol. d'esta collecção não é propriamente um registo, é um tomo; Tombo das demarcações do termo d'esta cidade d'Evora e das propriedades, rendas e direitos que ao concelho d'ella pertencem o qual foi acabado na dita cidade aos 5 dias do mez de fevereiro do anno de N. S. J. Christo 1536 —.

A fol. 1 v. transcreve a ordenação de D. João III para se descreverem as propriedades, direitos, etc. das communidades e bens dos concelhos... feito e compilado pelo licenciado Francisco Dias do Amaral corregedor, e escripto por Tristão de Souto Mayor, escrivão.

E' um bello volume, interessantissimo, bem conservado.

De fol. 2 a 11 indice alphabetico.

A fol. 12. O termo da cidade (descripção).

A fol. 19. O aguilhão da Cegonha, pedaço do termo sobresaltado entre Vianna e Oriolla, e o ribeiro de Odivellas.

A fol. 24 — Officios da cidade — Vereadores, almotacés e seu escrivão, chanceller, alferes, thesoureiro, mordomo de S. Lazaro, partidores, homem da Camara (continuo), porteiro, corrector, porteiros dos orfãos, escrivão da limpeza, porteiros da almotaçaria, escrivão das bravas (escrivão dos autos que se fazem contra as bravas sem mantimento).

A fol. 29. Rendas do concelho. Almotaçaria, coimas nas vinhas e partes do curral, renda da Cegonha e Angrinhal, penas das pessoas que rom-

pem extremas entre herdades, cortarem arvores ou lenha em terra alheia, trouxerem gados sem chovalho, lançarem fogos sem licença, lançarem barbasco em rios, ou segarem junça antes de tempo; do ver o peso, da vareagem (1 real por vara de pano de linho, ou 3 varas de pano por carga), afilador das medidas de cobre ou páo, e provimento de pesos e medidas, do mal pesar, da pedra de cal, do farrejal das caeiras, do curral, das bravas (que pelejam ou bradam com outras mulheres, ou lavam em poços ou chafarizes), dos talhos da carne, das penas dos que não vão ás procissões, forros, etc.

A fol. 35 — Descrição dos paços do concelho, cadeia, boticas ou tendas da cidade, casa de ver o peso, casa do poço, açougues, rocio, etc.

A fol. 46 — Bens foreiros.

A fol. 190 — Olarias.

A fol. 196 — Farrejaes.

A fol. 213 — Chafarizes (Bravas, á porta do Raymundo, d'el-rei, do chão domingueiros, da estrada á porta d'Aviz, chamado depois dos leões).

A fol. 215 — Poços.

A fol. 216 — Capitulos do regimento do tombo.

A fol. 221 — Escripturas da cidade. Entre estas uma sentença de D. Pedro I em 1363, por causa de um oleiro mourisco.

A fol. 223 — Carta dos açougues.

A fol. 224 — Carta do rocio.

A fol. 228 — Chão e assento de casas tomadas para a obra do aqueducto da agua da prata.

E' um volume interessantissimo.

Passemos ao segundo volume. Tem na lombada o titulo — L.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup> do Registo. 1549 a 1577 —.

E' um tomo de 286 folhas.

Nas primeiras folhas ha um inventario dos documentos que estavam no cartorio. Estavam ar-

rumados em arcas e em sacos, estes marcados pelo alphabeto, o sacco A, o sacco B, etc.

De fol. 30 a 32 está um indice dos documentos registados, antigo, muito irregular.

Tem reg. de doc. pertencentes á distribuição da agua pelos mosteiros, privilegios de estudantes, e da Universidade d'Evora, etc. Alem d'estes que occupam muitas folhas ha doc. curiosos; lembremos-nos que estamos no meiado do sec. XVI.

Taixa do pão, a fol. 43. Livros hereticos, fol. 44 v. Peccado nefando, fol. 47 v. Bandeiras nas procissões, fol. 49. Celleiro e deposito geral do pão, 51. Sal, 59. Carta do capitão mor, 61 v. Obras do Cardeal infante, 72. Calçadas, 78. Armeiros, 69. Oleiros, 87 v. Ordenanças, 88. Mantimentos dos encarcerados, e officiaes do Santo Officio, 99. Coudel das eguas, 102. Regimento da saude, 106. Devassas das alcoviteiras, 114. Licenças para caçar e ter cães, 124. Tendas nos vãos das arcadas, 124. Casa das convertidas, 125. Ordenação sobre armas, cavallos, lobos e ciganos, 129, e seguintes. Privilegios dos infanções, 151. Privilegios do cidadão do Porto, 153. Dito de Lisboa, 155. Ciganos, 156. Pedintes pobres, 168 v. Obras dos collegios. 174. Provisões do aqueducto, 185. Cães, perdigões, armadilhas, 188 v. Lei das sedas, 197. Lei das moedas, 202. Mordomo de S. Lazaro, 223. Mercado na 3.<sup>a</sup> feira, 231. Privilegio da Universidade, 237. Mõndas, 246 v. Pastores serranos, 247. Moedas, 269.

3.<sup>o</sup> Registo. Livro do Registo de 1577 até 1627.

Tem indice antigo. Ordenado em tempo de Gaspar Dias de Landim. Julgamos excusado entrar em meudesas; é claro que muitas das cousas já mencionadas apparecem novamente, confirmadas, reformadas, etc. Notaremos apenas alguns pontos.

Regimento do celleiro commum, fol. 13. Engei-



tados, 20. Limpeza, 21, 22. Vistorias sanitarias, ordenações de saude; vinda dos medicos Ramires e Alfaro a Evora para estudar as pestes, e examinar as condições da cidade, por ordem regia, 30 e seg. Fisico da cidade. Ordem que se ha-de ter quando S. Mag. entrar na cidade (1583) fol. 60. Privilegios de estrangeiros (framengos, allemães, francezes, bretões). Alvará para se recolher a ova-da e semente dos gafanhotos, 66. Resgate de captivos. Concessão da barbacan á condessa de Tentugal. Vadios e homiziados. Alferes da cidade. Obras de S. Vicente, 182. Cartas de jogar, 256. Privilegios da ordem e milicia de S. João de Jerusalem, 261. Calçadas da cidade, 276.

4.º Registo. Livro dos registos da Camara. Anno de 1603. Doc. de 1603 a 1629.

E' um grande vol. de 284 fol. Indice antigo no começo. A fol. 220 está a relação da vinda de Philippe II a Evora em 1619.

5.º Registo. Livro dos registos que teve principio em 1631 e fim em 1694. Fol. gr. Indice antigo e deficiente. Entre muitos documentos importantes os relativos aos ultimos tempos da dominação hespanhola, ás alterações d'Evora de 1637-38; á acclamação de D. João IV, aos successos das guerras da restauração, á fortificação da cidade.

6.º Registo. Vol. de 373 fol. 1665 a 1722.

Restam fragmentos de um indice antigo.

7.º Registo. Gr. vol. de 507 fol. sem indice. Doc. de 1722 a 1757. Regulamentos, disposições policiaes, etc. Regulamento de procissões, etc.

8.º Registo. 1756 a 1769. Indice incompleto. 247 fol.

9.º Registo. 1769 a 1828. Sem indice. 398 fol.

Foral d'Evora, dado por D. Manuel. E' um livro com 17 folhas de pergaminho; o texto do foral ter-



mína a fol. 15 v. De fol. 16 a 17 o indice. Encadernado em taboas forradas de veludo verde; ornatos de cobre dourado, nos cantos as espheras armillares, no meio o escudo real, as mesmas armas nos dois fechos; no rosto da capa o letreiro — Ebura. Colonia romana — em caracteres dourados. Este letreiro foi copiado d'uma pintura de que já vamos fallar. Em 1.º lugar deve escrever-se Ebora e não Ebura; em 2.º lugar Ebora, Liberalitas Julia, foi municipio de direito latino e não colonia; em 3.º lugar tal titulo parece-nos deslocado n'aquelle volume; devia ter o letreiro — Foral d'Evora, dado por D. Manuel.

No verso da antiga guarda de pergaminho, agora collada á taboa, está uma pintura grosseira, de má execução, mas importante e curiosa como documento; representa uma vista da cidade no seculo XVI.

A vista é tirada do lado do chafariz das Bravas.

No alto a sé; a torre dos sinos termina em terraço com ameias, não tinha ainda os coruchéos que hoje lhe vemos; a muralha ameiada da claustra chega á sé, ainda não existia o edificio da vestiaria; do lado norte apparecem indicadas pequenas edificações susbtituidas em tempo dos arcebispos D. João e D. José de Mello pelo paço archiepiscopal. Mostra-se bem o coruchéo dos azulejos; na parte inferior d'esta torre indica-se um cruz, era o *Christo da Sé*, curiosa e antiquissima esculptura em pedra, que deslocaram depois e hoje se guarda n'uma capella da claustra; está em obras o edificio de S. Francisco, apparece completa a galilé; n'um elevado terraço vê-se um grande guindaste armado; uma bandeira quadrada bipartida diagonalmente, branca e vermelha, com a esphera armillar dourada, indica os paços reaes cujos restos vemos no passeio; o estandarte encima o torreão ou mirante;

indica-se a galilé ou arcada do edificio, vê-se que era coberto por telhado de duas aguas.

O desenho como já notei é ingenuo, muito grosseiro.

Ao lado da sé vê-se o antigo templo romano; parece um grande cubello isolado, com arcada alta e esguia na face sul; mostra o campanil do sino de correr.

Vê-se bem no desenho a antiga muralha, toda ameçada, assim como a respectiva barbacan; as grandes torres ou cubellos quadrados da muralha, a porta d'Alconchel, e a porta ou buraco do Ray-mundo; indica tambem com certa miudesa o convento de S. Domingos; e a meio um pequeno templo com fachada voltada a occidente, é provavelmente a primitiva igreja de Santo Antão. No primeiro plano mostra a rude pintura o chafariz das Bravas com o seu grande tanque, e pouco acima a ermida de S. Sebastião.

Como se vê é importante a pintura embora de execução imperfeita, muito mais imperfeita que a illuminura do rosto da fol. 1. Grande cercadura de flores e folhagens sobresaem no fundo dourado; na parte superior as armas reaes taes como D. Manuel as usou; aos lados as espheras; dois anjos sustentam o escudo real; nos cantos superiores medalhões representando a Annunção. As flores empregadas na ornamentação são cravos e rosas; folhagens de phantasia desenhadas como as dos paquifes na armaria, em rosa ou violaceo, de boa execução, se combinam com as flores que são acompanhadas das suas folhas normaes. Uma *serpe* elegantemente lançada, em verde e amarello, forma o D inicial. Nas outras folhas do livro todas as iniciaes teem labores de phantasia.

O foral é extenso e de bastante interesse.

Regimento do aqueducto da agua da prata.

Vol. de pergam. encadernado em marroquim vermelho. Na folha de guarda tem as armas reaes e o titulo — Regimento das fontes, aqueductos, e fabrica da agoa da prata da cidade d'Evora, reformado e acrescentado per el-rei dom Philippe segundo nosso senhor no anno de 1606.

A fol. 1. o alvará d'el-rei que manda ao lic.<sup>do</sup> Pedro Alvares Sanches para tratar do aqueducto. Refere-se á historia da edificação em tempo de João III, e ainda ao aqueducto romano *que de todo se destruiu sem ficar d'elle mais que alguns pequenos vestigios.*

O livro está escripto até fol. 66, seguindo-se algumas fol. brancas.

O regimento foi assignado em 17 d'abril de 1606. A assignatura de el-rei está a fol. 40 v.

A fol. 41 uma relação das fontes proprias que tem o aqueducto. Nas folhas seguintes transcreveram em varias epocas alvarás, cartas regias, etc. relativas ao aqueducto.

A fol. 56 está o regimento da feira de S. João para a cobrança dos terradegos; este regimento é de 1700.

1.º Livro de pergaminho.

Vol. de gr. form. 144 fol.

O volume é formado de antigos cadernos diversos, inventarios, relações de bens municipaes, registos de cartas regias, de posturas, muitos aforamentos.

O 1.º caderno incorporado no volume é curiosissimo, é um inventario dos documentos mais importantes do archivo feito em 1392.

Começa a fol. 1 v. — Em nome da santa trindade. . . . . era de 1430 (1392). . . . . sendo en a dicta cidade o mui nobre e mui alto principe D.

João rei. . . etc. — Johane Mendes de Gooes corregedor da sua corte por bom ordenamento e regimento da dicta cidade mandou fazer inventario de todallas escripturas e privilegios e possissões e outras cousas que o concelho da dicta cidade havia e ha por se nom alhearem nem mudarem e pera o concelho saber quaes e quejandas erom e pera esto mandou a mim Johan Affonso escrivam da camara do dito concelho que fizesse liuro en que fossem escriptas as ditas cousas que pollo dicto corregedor foram encommendadas. . . etc.

Começa o inventario a fol. 2. O primeiro doc. era o foral da cidade dado por D. Affonso Henriques, *roborado e com o sello de plumo*. Estava *no alquife que jaz dentro na arca*.

O doc. n.º 3 eram os foros e costumes do concelho de Evora confirmados por Affonso II.

Infelizmente desapareceram ha muito do archivo estes dois documentos capitaes da vida municipal eborense. No tempo do p.º J. L. Mira só existiam uns restos do venerando foral.

Quasi todos os doc. mencionados no inventario se perderam ha longos annos; eram algumas cartas dos Sanchos, algumas dos 1.ºs Affonsos, muitas de D. Diniz, D. Affonso 4.º, D. Pedro e D. Fernando.

Este inventario termina a fol. 10 v.

A fol. 11 começa o rol dos doc. modernos então, isto é, das cartas de D. João I, segue até fol. 16. Estes roes offerecem ás vezes indicações singellas, algumas vezes porem summariam.

A fol. 16 v. está um interessante rol de portagens.

A fol. 18 outro indice.

A fol. 19 v. Carta regia de 12 de março de 1482 sobre a procissão commemorativa da batalha de Toro. A fol. 20 v. a descripção da batalha.



A fol. 22. Carta regia de 1 de março de 1491 mandando que se não faça a procissão.

A fol. 23. Rol das possessões do concelho, mui curioso, feito nos 1.<sup>os</sup> annos do sec. 15. Ahi se mencionam as duas torres, do Caroucho e do Anjo, que existiam na praça. Seguem aforamentos quasi sem interrupção, 1.<sup>a</sup> metade do sec. XV.

A fol. 84. Carta para o escrivão da camara ter fé publica; é de 1428. A fol. 93, carta do relojoeiro Lopo Affonso, 1433.

A fol. 99. Ordenação da caça de perdizes e lebres, 1435.

Fol. 108. Carta de D. Affonso V declarando traidores e quebrando privilegios a todos os que estiveram com o infante D. Pedro na batalha da Alfarrobeira. A carta é de 12 d'outubro de 1449.

Fol. 112. Em certo aforamento se menciona a gafaria dos judeus, junto da rua do Raymundo; estava pois dentro da cidade.

Fol. 137 v. 20 d'outubro de 1475. D. Affonso per graça de Deus rei de Castella, de Leão, de Portugal, de Toledo, de Galiza, de Sevilha, de Cordova, de Jaen, de Murcia, dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, de Gibraltar, das Algeziras, Senhor de Biscaya e de Molina. Carta dada em Samora. Faz adiantado da comarca d'entre Tejo e Odiana ao conde de Farão e Odemira, senhor d'Aveiro, em attenção aos seus muitos e grandes serviços.

A fol. 139 v. está o termo do auto publico da leitura d'esta carta, em 12 de novembro de 1475, em Evora, no paço real, em presença do principe D. João, tratado no doc. como Sua Alteza. O principe, estando reunidos os officiaes e nobres de sua casa, a vereação da cidade e muitos homens bons, manda ler a carta do pae, em voz bem alta; e apoz a leitura elle proprio recommenda á gente da cidade o conde de Farão.



A fol. 149. Um documento interessantissimo, de que em outro lugar nos occuparemos mais detidamente: parece-nos ser o antigo, provavelmente o primeiro compromisso ou estatuto do hospital e confraria de S. João de Jerusalem, fundado em Evora por D. Affonso Henriques. O que nos resta é a copia ou registo feito no meiado do sec. 15 do doc. que já então estava illegivel ou arruinado em partes, como se vê dos claros que o copista deixou. O portuguez do doc. é notavelmente antiquado, do sec. XIII sem duvida; ora, n'elle se declara que foi vertido em linguagem; ao mesmo tempo a forma do documento é tambem muito antiquada; isto é, existia um estatuto primordial em latim, que no sec. XIII foi posto em linguagem; este documento arruinando-se e sendo de difficil leitura, foi copiado no caderno de pergaminhos, no sec. XV.

E' certamente no seu genero um dos mais notaveis monumentos do paiz.

Approveitaram as primeiras folhas do caderno para transcrever algumas cartas antigas; assim a fol. 142 v. está uma carta de D. Diniz, de 1311, ao cabido e vigarios da sé d'Evora, sobre privilegios de clérigos.

O liv. 2.º de pergaminhos é muito menos importante; tem 87 folhas, comprehende cartas de aforamentos dos 1.ºs annos do sec. XVI.

O livro 3.º de pergaminhos tem 179 fol. Pouco importante tambem. Na 1.ª folha — Tombo de propriedades, cousas meudas, foros e liberdades que ha nesta camara, feito pelo escrivão Pero Estação — São escambos, aforamentos, etc. de 1509 a 1525.

Liv. 4.º de pergaminho, grosso vol. formado de

cadernos diversos com o mesmo formato. Em bom estado até fol. 320, seguem umas 30 fol. em máo estado, ou mais exactamente os restos de umas 30 fol.

Os primeiros cadernos são registos de capitulos de côrtes, de provisões e alvarás.

Os 1.<sup>os</sup> capitulos registados são de D. Affonso V.

A fol. 4 v. cap. de D. João II.

A fol. 44. cap. de D. Manuel.

A fol. 50. Cartas regias de D. Manuel.

A fol. 67 v. Carta de D. João III.

A fol. 73. Começam escripturas de aforamentos, consentimentos de contractos, etc. que podem fornecer alguns esclarecimentos para a antiga topographia da cidade.

*Livro pequeno de pergaminho.* Cadernos de pequeno formato que reuniram em tomo. 108 fol.

De fol. 101 em diante em branco.

O 1.<sup>o</sup> doc. é importante; termina a fol. 46 v.

E' uma ordenação administrativa, instrucções para a organização da administração da cidade, regulamentos e posturas.

Joanne Mendes, corregedor da côrte, vindo a Evora fazer correição, achou que a cidade e seus moradores não tinham regimento, os officiaes não sabiam que haviam de fazer, os mosteiros não tinham regras, os bens do concelho andavam mal administrados, não havia tombo de escripturas, privilegios, fóros, sentenças; não se curava dos bens dos orphãos; o corregedor estabelece regras para os varios ramos de serviço. Indicarei os pontos principaes:

Fol. 2 v. Do procurador do concelho.

3 v. — Vereadores.

6 v. — Regedores.

8 — Almotacés.

11 v. — Juizes.

15 — Alcaide.

21 — Geiras e pousadas. Furtos e córtés de madeira.

22 — Lenha d'oliveira. Coimas do verde da cidade.

Começam os roes de mesteiraes para as taxas. Em primeiro logar os sapateiros: até fol. 24 um extenso rol de calçado, muito minucioso, especificando o calçado de homem, mulher e crianças.

24 — Ferradores.

25 — Alfayates.

26 — Carvoeiros. Tecelões e tecedeiras.

26 v. — Alfayates de pano de burel.

27 — Oleiros.

27 v. — Ordenamento dos homens de serviço.

28 v. — Carpinteiros e alvaneos. Lagares de azeite.

29 — Forneiros e forneiras. Padeiras. Moleiros. Seguem os regimentos dos almocreves, pescadeiras, vendedeiras, regateiras, carniceiros e enxerqueiros, pesos da carne, medidas de pão e vinho, dos vendedores de pão, vinho, azeite e sal, das esterqueiras, do linho que maçam e adubam na cidade, das lavandeiras, das bravas, dos que criam porcos na cidade, dos albardeiros, dos cães, finalmente dos que teem armas, lanças e escudos, dos bésteiros.

Seguem registos de ordenações e cartas.

Fol. 60 v. — Cartas de D. Duarte.

64 — Idem de D. João II.

Mais algumas posturas.

Fol. 81. v. — Regimentos das procissões da cidade, Corpo de Deus, milagre da cêra, Santa Maria de Agosto pelo vencimento da batalha real d'Aljubarrota, e procissão do anniversario da batalha entre Toro e Samora.

Liv. 1.<sup>o</sup> dos *Originaes*. São alvarás, provisões,

*etc.* encadernados em volume. Tem 457 folhas, muitas das quaes são brancas, capas das cartas. Sem indice.

Na 1.<sup>a</sup> folha — 1.<sup>o</sup> tomo das provisões da Camara da cidade de Evora as quaes por especial provisão de S. Magd.<sup>e</sup> ajuntei, numerei e rubriquei em 1662. Francisco Cabral d'Almada —.

Comprehende doc. do sec. XV ao XVIII, que mais immediatamente respeitam á administração; os doc. estão dispostos em relação aos varios ramos de serviço por ordem alphabetica: alferes da cidade, almotaçaria e almotacés, aposentadorias, *etc.* *etc.*

Liv. 2.<sup>o</sup> d'Originaes. 206 fol. Aqui reuniram doc. que não tem immediata relação com a administração da cidade, mas de importancia historica. O ultimo documento é uma carta de D. Duarte, de Cintra em 25 d'agosto de 1433, sobre a morte de João I e as demonstrações de dó. Ha n'este volume muitos documentos curiosos, alguns bem conservados; são doc. do sec. XV.

Liv. 3.<sup>o</sup> d'Originaes, encadernado em 1706. Tem 216 folhas. Doc. de 1489 a 1505.

Liv. 4.<sup>o</sup> d'Originaes. No dorso diz — Alvarás de 1502 a 1530 — o que não é exacto. 181 fol.

A maioria dos doc. é na verdade dos primeiros annos do sec. XVI, mas ha alguns doc. do sec. XV; e as fol. 158 e 159 são um fragmento de um regimento de D. Fernando, sobre moedas, infelizmente mal conservado; é da era 1416 (anno 1378).

Liv. 5.<sup>o</sup> d'Originaes. Alvarás de 1531 a 1549. 258 fol. algumas em branco. A fol. 255 está uma copia de um doc. de 1267 (1229).

Livro 6.<sup>o</sup> d'Originaes. Alvarás de 1550 a 1639. 478 fol. Muitos doc. da dominação hespanhola.

Liv. 7.<sup>o</sup> d'Originaes. Alvarás de 1571-1706. 404 fol. algumas em branco.

Liv. 8.º d'Originaes. Alvarás de 1646 a 1706. 507 fol.

Liv. 9.º d'Originaes. Alvarás de 1313 a 1677. 555 fol. Na maioria doc. da 2.ª metade do sec. XVII; no fim alguns doc. do sec. XVI. 1313 é a data do foral de Monsarás aqui transcripto.

Liv. 10 d'Originaes. Sentenças e mais papeis importantes e aforamentos de 1491 a 1649. 519 fol. Indicador no começo.

Liv. 11 d'Originaes. Aforamentos e escripturas de 1652 a 1693. 600 fol. Indice no começo.

Liv. 12 d'Originaes. Eleições de cidadãos. Capitulos de côrtes e regimentos politicos. 402 fol. Indicador. Tem algumas pautas das vereações (1500 a 1706); collecção muito incompleta.

Liv. 13 d'Originaes. Cartas de 1677 a 1707. 625 fol.

A collecção de originaes segue depois regularmente até ao presente.

No vol. 12 ha algumas pautas de vereações; ha ainda duas collecções d'estas pautas em duas pastas separadas; creio que a pauta mais antiga n'estas pastas é de 1526.

A collecção de *ementas* ou actas não vai longe, e tem algumas faltas ou saltos importantes. Muitas folhas em ruina. Foi encadernada recentemente.

Muitas das *ementas* são apenas rapidos apontamentos ou lembranças, de uma concisão extrema,

O 1.º vol. começa em 1568; 2.º 1581-82; 3.º 1582-83; 4.º 1583-84; 5.º 1585-86; 6.º 1596-98; 7.º 1598-1604; 8.º 1604-1605; 9.º 1617-1618; 10.º 1621-22; 11.º 1627-29; 12.º 1629-32; 13.º 1639-40; 14.º 1641-42; 15.º 1643-47; 16.º 1647-50; 17.º 1650-53; 18.º 1653-56; 19.º 1656; 20.º 1660-64; 21.º 1664-69; 22.º 1672-76; 23.º 1676-81; 24.º 1686-89; 25.º 1694-97; 26.º 1697-1700; 27.º 1700-1703.



A serie continúa regularmente até ao presente.

Além d'estas collecções possui o archivo, como é facil de suppor, muitos livros diversos que não mencionamos porque são de interesse mais especial; livro de «exequias, acclamações, entrada de reis», começando nas exequias de D. João IV; registos de signaes de pannos de mercadores, e de marcas de ourives, inventarios, tombos, prôcessos, etc. Alguns de taes volumes teriam verdadeiro merecimento se estivessem completos, ou attingissem epochas mais remotas; são ainda assim doc. valiosos para a historia local.









GABRIEL PEREIRA

## ESTUDOS EBORENSES

Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores de Evora. Evora romana. Inscriptões lapidares, muralhas, esculpturas, etc. Antiguidades romanas nos arredores. Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras. A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI. Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca. Catalogos das pinturas, das curiosidades es objectos d'arte. Catalogo do museu Cenaculo. Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas. A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé. A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis. Bispos e arcebispos. Factos historicos. A visita do duque de Bragança em 1635. As alteraçõs de 1637. O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663. Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834. Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio). Balthazar Jorge em Díu. Os papeis dos Azambujas. Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal.

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão impressos os seguintes fasciculos :

- I. Documentos dos sec. XII e XIII. — II. Documentos do sec. XIII — III, IV e V. Documentos do sec. XIV. — VI. Extractos referentes a 1350-1450. — VII. osturas municipaes dos fins do seculo XIV. — VIII. Posturas municipaes do seculo XIV e Regimento da cidade do tempo d'elrei D. João 1.º — IX. ultimo da 1.ª parte. Regimento da cidade. Indice.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

## DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio.

Fragments de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itenerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## A RESTAURAÇÃO EM EVORA

1610-1615

ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO IV. AGRADECIMENTO D'EL-REI.  
ORGANISAÇÃO DE FORÇAS DE CAVALLARIA E INFANTERIA. A QUESTÃO  
ECONOMICA. D. JOÃO IV VEM A EVORA. O CRUCIFIXO DO MILAGRE.  
ENTRADA SOLEMNE. VISITA AO COLLEGIO DOS JESUITAS.  
FALTA DE SEGURANÇA NA CIDADE. A RONDA D'EL-REI. A PORTA FALSA  
DO PALACIO DOS BASTOS. LOPO TAVARES E LUIZ MATTOSO.  
UM DUELO DO ALCAIDE MATTOSO.

OS DOIS CAUDILHOS POPULARES DAS «ALTERAÇÕES».  
MONTIJO. O TERÇO D'EVORA. O «S. JORGE» D'EVORA NO DIA DA BATALHA  
O DESASTRE DO 2.º TERÇO, OU TERÇO NOVO D'EVORA,  
NA ALCARAVIÇA.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 13

1887



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## A RESTAURAÇÃO EM EVORA

1640-1645

ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO IV. AGRADECIMENTO D'EL-REI.  
ORGANISAÇÃO DE FORÇAS DE CAVALLARIA E INFANTERIA. A QUESTÃO  
ECONOMICA. D. JOÃO IV VEM A EVORA. O CRUCIFIXO DO MILAGRE.  
ENTRADA SOLEMNE. VISITA AO COLLEGIO DOS JESUITAS.  
FALTA DE SEGURANÇA NA CIDADE. A RONDA D'EL-REI. A PORTA FALSA  
DO PALACIO DOS BASTOS. LOPO TAVARES E LUIZ MATTOSO.  
UM DUELO DO ALCAIDE MATTOSO.  
OS DOIS CAUDILHOS POPULARES DAS «ALTERAÇÕES».  
MONTIJO. O TERÇO D'EVORA. O «S. JORGE» D'EVORA NO DIA DA BATALHA  
O DESASTRE DO 2.º TERÇO, OU TERÇO NOVO D'EVORA,  
NA ALCARAVIÇA.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1887



## ESTUDOS EBORENSES

---

### A restauração em Évora

1640-1645

---

Nos primeiros cinco annos da restauração soffreu esta cidade difficeis e dolorosas provas. Expulsára-se o dominador estranho, enlevaram-se os espiritos no triumpho alcançado tão facilmente, na liberdade patria, e imagina-se o que seria essa explosão em Évora apoz as *alterações*, os dilatados terrores da justiça de Castella, que durante os ultimos annos preoccupava todos os espiritos na cidade; vivia-se no susto, na desconfiança, no perpetuo receio da devassa, da alçada extraordinaria. Como um sonho, varrera-se de subito a cerração afflictiva e apparecia o velho céu azul da independencia; a cidade tinha o seu rei natural que o povo eborense estimava pessoalmente, e a nobreza bradava o nome de D. João IV, seu amigo, parente e



chefe, que poucos annos antes estivera aquí no convívio entusiasta das grandes familias fidalgas então residentes em Evora, a ponto de serem precisos disfarces para evitar desconfianças do conde duque.

Livres, independentes, mas o paiz soffrera sessenta annos de miseria crescente, e na cidade dominára o terror; e agora a fronteira não estava longe; na lucta que sem duvida iria travar-se Evora seria presa appetecida; era preciso preparar a defesa, armar-se e precaver-se para manter a liberdade.

Foram de muita aspereza esses primeiros tempos da restauração.

N'estes trabalhos temos procurado fazer historia fiel, sem preocupação de fórma, sem influencia de phantasia; para nós *historia* exclue imperativamente *invenção*; e apertemos ainda o thema pretendendo completa imparcialidade. sem tendencia alguma para elevar certo facto deixando outro na sombra; sem sympathias, sem intenções além da verdade. Baseamo-nos em documentos que os nossos meios de critica apuram como authenticos e de fé. Visam dois alvos estas palavras.

Primeiro, não reproduzimos qualquer historiadador, aproveitando materiaes publicados e dando-lhes nova fórma e disposição; ha muito de inedito, de desconhecido, no nosso trabalho. Demais os historiadores modernos, do seculo XVI para cá (exceptuando o conde da Ericeira), e os contemporaneos ignoram Evora.

No que vae ler-se é fonte importante a *Evora Illustrada*, do padre Manuel Fialho, manuscripto da bibliotheca; esse vastissimo trabalho, por vezes demasiadamente prolixo é caudal de noticias eborenses; mas não é pura toda a agua d'essa fonte; ha determinadas sympathias no auctor; porém

para os factos que ora nos vão occupar a *Evora Illustrada* tem grande valor porque o padre Fialho (1643-1718) conheceu ainda os eborenses que estiveram em Montijo e Alcaraviça, os soldados dos primeiros annos d'essa longa campanha, os valentes do *terço velho* d'Evora; ainda aproveitou documentos particulares que não chegaram até nós.

Outra série de dados, do maior merito, encontra-se no archivo municipal, que o auctor da *Evora Illustrada* pouco explorou ou desconheceu.

O segundo ponto que temos em vista é affirmar a nossa inteira imparcialidade historica; não se julgue que por ser eborense o auctor fique eivada de preocupação patriótica a narrativa de factos eborenses; não nos cega, nem nos enleva o amor pela patria, procuramos a verdade, basta-nos a justiça; porque em nossa racional convicção não carece de ornatos nem de encarecimentos a historia da cidade.

A noticia da revolução de Lisboa e aclamação d'el-rei D. João IV chegou a Evora na madrugada de 2 de dezembro, por um postilhão dirigido ao marquez de Ferreira; o marquez estava ao corrente da conspiração e esperava com anciedade a noticia; tinha avisado alguns amigos, sem declarar o motivo, e as pessoas de seu serviço e dependencia passaram essa noite no palacio. Immediatamente fez espalhar a nova pela cidade; e montando a cavallo, acompanhado pelo conde de Vimioso e outras pessoas notaveis, arvorou, como alferes-mór, a bandeira da cidade; veio ao adro da sé, á praça, e ás ruas principaes, crescendo de momento para momento a massa popular, aclamando todos el-rei D. João IV, entre repiques e vivas.

Ás 7 da manhã, encarregando o Senado eboren-

se de continuar na solemnidade da acclamação, partiu para Villa Viçosa.

Na noite d'esse mesmo dia, no paço de Villa Viçosa, escrevia el-rei ao juiz, vereadores e procurador da cidade d'Evora, participando officialmente a sua acclamação na capital, a restauração das liberdades portuguezas, pedindo aos eborenses a sua coadjuvação, para as difficuldades que, sem duvida, iam surgir, e em particular, diz el-rei aos magistrados eborenses: — *confio de vós que n'essa terra se veja isto com muitas vantagens, para que eu tenha ainda mais que vos agradecer.*

Assim patenteava el-rei ao povo eborense a sua gratidão pela maneira affectuosissima com que fôra aqui recebido, sendo simplesmente D. João II duque de Bragança. em 1635, e mais principalmente, e já como primeira entidade politica do paiz, o seu reconhecimento a esta cidade, que, em 1637, tão energica e desassombradamente reagira contra a impolitica e mal pensada oppressão hespanhola.

No dia seguinte, 3 de dezembro, e ainda em Villa Viçosa, pouco antes da partida para Lisboa, escreveu el-rei a D. Rodrigo de Castro, ordenando-lhe que organisasse força armada, uma companhia de cavallaria, ou mais exactamente de arcabuzeiros couraçados a cavallo, nomeando-o capitão de *carallos de coiraças*, como então se dizia.

Esses homens iriam agora defender a sua patria, e não bater-se n'essas longas luctas odiosas de Flandres e da Catalunha.

Poucos dias depois passava por Evora o Marquez de Ferreira, voltando de Lisboa, e dirigindo-se a Villa Viçosa, a buscar a rainha; demorou-se esta aqui dois dias, em meio de festas ruidosas e sinceras, e retirou-se para Lisboa levando consigo a marquezia de Ferreira.

A posição central d'Evora nos vastos campos

alemtejanos, quasi a meio entre a capital e a fronteira hespanhola, ponto de passagem obrigado para muitas praças então de importancia militar, e onde nos mezes proximos se iriam passar surpresas, tentativas isoladas de guerra, porque não era de esperar exercito em campanha pela estação invernosa, e pela guerra da Catalunha, que estava absorvendo todas as forças hespanholas. motivou que n'esta cidade se entrasse em grande actividade militar, reunindo-se forças, bastecimentos, material de guerra, organisando-se companhias, que logo organisadas, armadas e abastecidas, logo se enviaram ás praças mais ameaçadas ou expostas a surpresa, pela visinhança da fronteira.

O conde de Vimioso foi nomeado general das armas do Alemtejo, e D. João da Costa, depois conde de Soure, encarregado de levantar e armar o *terço* da cidade, ou, diriamos hoje, o seu regimento d'infanteria. Houve então terços pagos e terços de voluntarios ou auxiliares; todos eram moveis, e as companhias d'esse primeiro terço levantado em Evora, depois celebre e vulgarmente chamado o *terço velho d'Evora*, foram logo mobilisadas e enviadas para guarnecer a praça d'Elvas.

D. João da Costa, muita conhecido e popular em Evora, aqui residente (actualmente o palacio Amaral, proximo do templo romano), mandou tocar as caixas, e armou a meza do alistamento no meio da praça; inscreveu-se muita gente; mandou depois armar as mezas em varios pontos da cidade, alistando-se muitos individuos, especialmente na meza que esteve em frente do collegio do Espirito Santo, da companhia de Jesus.

Admittiu-se então o serviço por um anno aos estudantes, especie do que se chama actualmente voluntariado d'um anno. Esses estudantes entra-

ram no terço, servindo como os outros individuos, com excepção de tempo; alguns ficaram porém no serviço militar, subindo postos; só mais tarde se organisaram corpos especiaes, com os academicos de Évora e Coimbra, terminando o corpo eborense, depois de muitos serviços e perigos, na fatal explosão de Juromenha.

Em 13 de dezembro, de Lisboa, escrevia el-rei ao juiz, vereadores e procurador da cidade d'Évora, sobre a sua solemne acclamação, terminando a carta com as seguintes palavras: — *estando certos de que todos meus desejos e acções se hão de encaminhar sempre a vos defender e governar com justiça e amor de pae sem perdoar a trabalho ou perigo algum que convenha para conseguir este intento.*

A questão economica surgia ao mesmo tempo; em outros escriptos se podem ler as difficuldades, os sacrificios d'esse periodo. A intriga politica veio em breve complicar a organização da defensiva. Havia fidalgos, prelados despeitados, gente grada avida do oiro hespanhol, houve traidores, conspirou-se contra o rei e a liberdade; todos conhecem a historia, e o desfecho tragico da conspiração; alguns fidalgos pagaram com as vidas e o arcebispo de Braga e outros prelados com a prisão. Não tratamos, porém, de historia geral; cingimo-nos, quanto possivel, aos factos eborenses.

Em 22 de dezembro ordenou-se que se continuasse a arrecadação do real d'agua e da 4.<sup>a</sup> parte do cabeção (capitação, imposto pessoal), até á proxima reunião de còrtes.

Os tres estados, clero, nobreza e povo, deviam fazer còrtes em Lisboa em 20 de janeiro (1641). Évora mandou ahí dois procuradores.

D. João da Costa, em 24 de janeiro, recebeu instrucções para a nomeação dos capitães, e cousas particulares das levas de tropas, alojamentos dos



soldados. etc. Em 29 do mesmo mez o conde do Vimioso, D. Alfonso de Portugal, capitão general, nomeou o dito mestre de campo, D. João da Costa, capitão-mór d'Evora, enquanto aqui residisse, com jurisdição sobre todos os logares da correição, no que respeitasse a negocios de guerra.

Nas côrtes de Lisboa agitára-se a questão de meios; era manifesto que as contribuições ordinarias não podiam bastar, recorreu-se a um imposto extraordinario; chamaram-lhe *donativo voluntario*; então, e anteriormente, ao imposto além do ordinario chamava-se donativo; Philippe III, nos ultimos annos do seu dominio, teve muitos *donativos voluntarios*. Clero e nobreza n'essas côrtes de Lisboa manifestaram, com algumas excepções, caracteres mesquinhos, regatearam os meios; o *donativo* foi organizado como um imposto de rendimento, mas então havia innumeradas isenções nas classes privilegiadas. O que então se fez, bem estudado, revela, que ha n'este paiz defeitos chronicos, de raça. Não houve só fidalgos e prelados traidores. houve orçamentos errados, mentirosos, e má direcção politica. Chegaram a calcular 1.800:000 cruzados para sustentar 20:000 homens e 4:000 cavallos, de tropas pagas, empregadas na defeza do reino, por tres annos. Na distribuição do donativo vê-se, sente-se a tendencia para combater a industria; quem tiver 1:000 cruzados de renda predial paga mil réis; da industrial paga o dobro; todos os officios e industrias ficaram sujeitos a imposto de rendimento, chamado donativo voluntario. Em março de 1641 já se conhecia que isto não bastava; eram precisos 2.400:000 cruzados. A camara e o povo d'Evora não fizeram resistencia ao imposto; já então se pagava bem aqui, mas levantou-se uma questão com a mitra. O arcebispo, em 1637, para ver se continha o povo alterado

na obediencia hespanhola, promettera pagar pela renda da mitra a 4.<sup>a</sup> parte do cabeção; a promessa foi solemne, no capitulo do convento de S. Domingos, ante delegados do povo e nobreza. Agora, que se tratava de defender a patria o povo exigia o cumprimento da promessa, e a mitra apresentava hesitações.

D. João da Costa não descançava na organização do terço eborense; logo que teve algumas companhias armadas e exercitadas, marchou para Elvas, deixando em via de organização as restantes. No mesmo tempo levantava-se o terço de auxiliares, e armavam-se algumas companhias de ordenanças, para guarnição e policia da cidade; nas ordenanças entravam individuos de qualquer condição, de 15 a 70 annos, constituindo forças locais, não obrigadas a mobilisação; puramente, a *nação armada*, a *leva em massa*, o que os allemães chamam *landsturm*; isto, porém, não chegou a realisar-se completamente, era mesmo impossivel pela falta de armamento; aqui em Evora levantaram-se apenas duas companhias de ordenanças; á custa da cidade e d'alguns particulares se armou o terço de auxiliares.

Em 21 de julho de 1641 recebeu-se a boa nova das pazes com a França e a Hollanda; fizeram-se festejos publicos na cidade, em harmonia com as disposições contidas na certidão do *rei d'armas Portugal principal*, enviada á vereação eborense.

Na fronteira davam-se frequentes encontros e escaramuças sem importancia; algumas praças preparavam-se para defeza; todavia, os trabalhos militares não corriam bem; por felicidade, em Hespanha succedia o mesmo; as luctas da Catalunha absorviam todas as forças, e em Madrid, nos primeiros mezes de 1641, não se deu grande vulto aos acontecimentos de Portugal; tanto assim, que de-

pois da surpresa de Villa Nova, o general hespanhol da Extremadura ficou satisfeito de ver os seus derrotados, para que em Madrid se convencessem por uma vez de que era séria a revolta de Portugal, e de que forças portuguezas estavam na fronteira, e já ousavam invadir o territorio hespanhol.

A respeito da morosidade e difficuldades na organização da defeza escreveu a camara municipal de Lisboa á d'Evora um carta (provavelmente circular, porque á cidade d'Evora mal cabiam os reparos que ali se fazem), lamentando os desconcertos dos povos, temendo que o inimigo cobre forças, vendo tanto descuido nos meios de defensão.

Aqui só houve descuido na fortificação da cidade, devido isso a circumstancias alheias á localidade; mas o terço d'Evora fôra o primeiro organizado no paiz, e esse estava de ha muito na fronteira, e raro seria o encontro importante em que não tivesse parte; mais tarde veremos um documento muito especial, que nos indica perfeitamente os trabalhos do *terço velho* d'Evora, ou como officialmente se dizia então, o terço de D. João da Costa, porque estas forças não se designavam por numeros, ou nomes locaes, sim pelos nomes dos commandantes.

Era, porém, evidente que logo que cessasse a lucta de Catalunha, a Hespanha daria attenção á guerra com Portugal; e por vir tarde, não seria menos de recear o ataque do leão de Castella; era preciso organizar energicamente a defeza; ao mesmo tempo a França instava para que se tomasse a offensiva, para distrahir para cá as forças de Philippe IV; e com essas instancias mandava navios, armas, e officiaes distinctos.

Foi para activar a offensiva, que el-rei resolveu deixar por algum tempo a capital, e estabelecer-se em Evora. Partiu de Lisboa no domingo, 19 de

julho de 1643, para Aldeia Gallega; a jornada até Montemór foi penosa e mais demorada do que se suppunha, pelo extremo calor que não deixava caminhar pelas horas do sol; na manhã de quarta feira, 22 de julho, chegou o aviso ao senado da chegada de S. M. a Montemór; el-rei passou ahí as horas da calma, e partiu pelas 4 da tarde; mandou dizer que dispensava todo o ceremonial, addiando para mais tarde a sua entrada solemne; todavia, sahio muita gente a esperal-o a mais d'uma legua; quando o cortejo chegou a par de S. Mathias, encontrou ahí uma grande multidão eborense, anciosa por ver e acclamar o novo rei; na cidade havia grande animação, nos conventos de religiosos nem se guardou a clausura, de modo que n'essa noite frades e noviços andavam em grandes grupos; as ruas com espadanas, as janelas armadas de sedas e damascos, com tochas e luminarias; sobre a formosissima corôa da fonte da praça collocaram um Menino Jesus, vestido de volante, com uma palma na mão; tropas pagas e auxiliares, da cidade e de fóra, e companhias de ordenanças estavam em armas, desde as 3 horas da tarde; deviam ser numerosas, talvez 3 a 4 mil homens, porque formavam alas desde a porta de Alconchel até ao pateo de S. Miguel.

Eram 9 da noite quando el-rei chegou á porta de Alconchel; como a entrada não era solemne, não houve demora, nem entrega de chaves; soaram logo os pifanos e tambores das companhias; as tropas abateram armas e bandeiras; os sinos repicaram. El-rei trazia consigo muita gente, guarda real de cavallaria, muitos fidalgos, e algumas forças militares. Um objecto chamou a attenção de todos; umas andas, especie de liteira, cobertas de ricas tapeçarias; traziam o crucifixo do milagre em Lisboa, que no dia da acclamação de D.

João IV despregou o braço direito. Aos lados das andas vinham D. Pedro de Menezes, bispo de Miranda, e D. Diogo de Sousa, esmoler-mór e bispo de Leiria, que depois foi arcebispo d'Evora. Atraz das andas, a cavallo, vinha o conde do Redondo com estandarte real; seguia-se el-rei com a sua guarda de cavallaria. D. João IV trazia uma *coura*, ou gibão sem mangas, com abas, de couro lavrado ou estampado, peça de vestuario meio-guerreira, com a vantagem de incommodar menos que as couraças; plumagem branca no chapéo; na direita o bastão de general; mostrava-se muito alegre e reconhecido pelo sincero enthusiasmo que em todos via; cortejava muito para o povo, para as tropas e para as janellas. Os repiques dos sinos, os toques de pifanos, tambores e clarins, as salvas de mosquetaria enchiam o ar de fortes sonoridades festivas e guerreiras. Entrou no palacio dos condes de Basto (pateo de S. Miguel) e foi logo a uma janella ver a illuminação do collegio; na parede que olha a poente grandes caracteres luminosos diziam — Viva elrey D. João IV.

Áquelle velho palacio dos Bastos ligam-se recordações historicas de muita veneração; ali, em 1637, teve logar o interessante episodio do velho D. Diogo de Castro, ex-governador do reino, applacar, pela sua serenidade, indifferença para a morte, e respeitabilidade dos muitos annos, a sanha popular; em 1643 ahi se reuniram conselhos de Estado, se resolveram negocios de guerra, estabelecendo-se os meios de garantir por uma vez a independencia nacional. Quantas vezes a essas lindas janellas do nascente, de elegante estylo mourisco-manuelino, agora escondidas em toscas alvenarias, se assomaria el-rei com os seus chefes de guerra, espraçando olhares no vastissimo panorama terminado, muito ao longe, pelas faxas azuladas das



serranias: ahí, mal pensavam elles, estava o theatro da longa campanha; a tragedia começara apenas; as cumeadas que d'essas janellas se avistam escondem nos seus valles, nas suas dobras, os campos de muitas acções de guerra, de muitas luctas sangrentas, e perto, bem perto, n'essa mancha escura de arvoredos, onde sobresahe a alvura do mosteiro do Espinheiro, ahí começaria, 20 annos depois, esse duello de morte, entre duas das primeiras espadas da época, D. João d'Austria e Schomberg, que foi terminar nos campos do Ameixial, um pouco para lá dos ultimos contrafortes septentrionaes da serra d'Ossa. Tem muito para fazer pensar esse grande horizonte, onde destacam proximos o cume de S. Gens, ainda com vestigios de fortificações prehistoricas, e o negro cerro onde assenta o castello d'Evora Monte, a terra da convenção.

Logo no dia 23, n'uma sala do palacio dos Bastos, el-rei presidiu a conselho d'Estado e de guerra; recebeu depois em audiencia para negocios, e mais tarde em recepção official havendo beijamão.

A primeira corporação recebida foi o cabido: para não gastar muito tempo, em occasião de elle ser tão preciso, resolveu-se que as recepções officiaes das corporações fossem em dias successivos.

No dia 24 foi recebida a Universidade; professores, empregados, collegiaes; era então reitor do collegio e universidade o padre Diogo Pereira; el-rei gostou muito de os ver, complimentou-os muito affavelmente, e mandou ao bispo de Miranda que trouxesse o crucifixo do milagre; mostrou-se a imagem com muita devoção, sendo beijada por todos os presentes. El-rei recebia na sala do docel, em pé, junto d'um bofete.

Na terceira recepção entrou a communitade de S. Francisco; depois a inquisição, etc.

Em 3o fez-se a entrada publica e solemne. Na cidade trabalhava-se muito em ornatos, figuras, inscripções; el-rei, segundo parece, não gostava muito de tantos apparatus; quando se luctava em questões importantes, e soldados portuguezes se batiam na fronteira; pediram-lhe para addiar a entrada, mas D. João IV insistiu, apesar de não estar ainda tudo preparado.

— Falte o que faltar, - aos 31 hei de ir assistir, em publico, á festa de Santo Ignacio.

No dia 3o, pelas 4 da tarde, sahiu em um coche com 3 parellas, cortinas corridas, e foi por fóra da cidade a Nossa Senhora dos Remedios. Logo montou a cavallo; todos os fidalgos se apearam; ergueu-se o estandarte real e caminharam para a porta de Alconchel; o vereador mais velho fez uma breve falla e entregou as chaves. Armou-se o pallio de tela encarnada, e poz-se em marcha o cortejo, indo os fidalgos adiante, e todos em alas da guarda real. As tropas abatiam armas, tocavam charamellas, clarins, trombetas, pifanos, rufavam os tambores e repicavam sinos; troavam salvas de mosquetaria, e de 4 peças que estavam no terreiro de S. Miguel.

No dia 31 de julho foi el-rei assistir á festa de Santo Ignacio, na egreja do collegio da Companhia de Jesus; o docel estava armado ao lado do Evangelho, na capella-mór. D. João IV chegou á porta da egreja pelas 8 e meia da manhã; muitas pessoas da côrte, e do governo, muitos officiaes do exercito, bastantes prelados formavam cortejo; todo o pessoal superior do collegio e universidade estava presente; o corpo academico era, porém, muito reduzido; era tempo de férias, e algumas dezenas de rapazes militavam nas fronteiras. Para a

solemne visita os padres tinham arranjado figuras e fabricado grande copia de versos latinos, emphaticos, de nulla inspiração. Ao lado esquerdo da porta principal appareceu a figura da Universidade; um esbelto collegial, vestido de *Pallas armada*; as tendencias ou preoccupações eruditas obrigavam os padres a representar a sua universidade por uma figura pagã. *Pallas* tinha elmo dourado, nas mãos a penna d'ouro e a lança; no escudo uma corôã, e sobre a corôã uma pombã, insignia da Universidade consagrada ao Espirito Santo. Assim que el-rei se aproximou, *Pallas* começou a declamar versos latinos. O padre Fialho conservou-nos esses versos, que alguém traduziu em portuguez; não os publicamos, por serem de total insignificancia.

E' bem conhecida a egreja do collegio; agora differe apenas em ter uns quadros a oleo, de nenhum valor, e algumas pinturas muraes horrorosas a brigarem com os formosos entalhados polychromaticos; de melhor tem a mais a capella do Senhor dos Passos, de precioso mosaico de marmores.

As tribunas estavam todas encobertas por colchas carmezins; assim que o rei entrou, correu de subito a da primeira tribuna, á direita, deixando ver D. Affonso Henriques; um collegial mettido em armadura de lata; o glorioso fundador da monarchia rompeu logo a declamar latim; terminou; correu a cortina da tribuna opposta, e appareceu o anjo custodio do reino, com mais versos latinos. Nas segundas tribunas assomaram as figuras de D. João I e do grande condestavel Nuno Alvares Pereira; nas terceiras Portugal e França. Esta era uma figura de mulher, tambem com armas, e no seu latim promettia auxilio e alliança.

Ouviu-se então enorme estrondo de tambores,

de tiros, de tinir de ferros, como de grande batalha; correu a colcha da quarta tribuna, á esquerda, e surgiu a figura de Castella, vencida, gemendo e soluçando.

Não terminára ainda a famosa solemnidade religiosa e guerreira, nem o bombardeamento dos versos latinos; no cruzeiro á direita via-se uma grande bola; abriu-se a bola e mostrou tres figuras, a Victoria tendo aos lados S. Ignacio e S. Francisco Xavier.

Quando o santo missionario das Indias terminou a sua provisão de versos ajoelhou el-rei e preparou-se para orar, como costumava fazer sempre que entrava em templos; não parára ainda todavia o entusiasmo declamatorio dos padres; as figuras desceram das tribunas e vieram todas interrompel-o; ainda o condestavel disse mais cousas, e formando cortejo levaram el-rei para o docel.

Começou a musica da capella real executando uma *sonata* apropriada a celebrar a gloria, e seguiu regularmente a festividade religiosa; lançou a benção o bispo de Fez.

Deixemos os padres da companhia, as suas figuras e versos latinos, as suas declamações emphaticas em tempos de lucta e perigo.

No dia 7 de agosto foi el-rei encoberto a Lisboa para visitar a rainha que deixara em vespervas de parto; havendo ainda demora, e estando o rei empenhado na organização das forças, voltou a Evora poucos dias depois. Tratava-se de formar um exercito que pudesse sahir a campo nos primeiros dias de setembro; as forças concentravam-se em Elvas; o exercito sahiu a campo no dia 6; comandava-o o conde de Obidos. As forças contavam 12:000 infantes e 2:000 cavallo. A artilheria tinha 10 peças e 2 morteiros. A cavallaria 14 companhias portuguezas e 5 regimentos estrangeiros, 3 holandezes e 2 francezes.

Com o exercito ia o celebre engenheiro, o jesuita João Paschasio Cosmander, flamengo de Lovaina, que depois esteve em Evora, dirigindo trabalhos de fortificação.

Como já dissemos, não entramos aqui na historia geral; esse exercito fez uma campanha de aventura; depois da surpresa de Valverde marchou o conde d'Obidos sobre Badajoz, gastou sangue e munições, sem vantagem alguma, fazendo uma retirada mal dirigida; o terço d'Evora esteve e perdeu gente em Valverde e Badajoz. El-rei, desgostoso, tirou o commando ao conde d'Obidos, e deu-o a Mathias d'Albuquerque; D. João da Costa passou a commandar a artilheria, e do terço d'Evora foi nomeado chefe D. João de Saldanha.

O exercito, passado pouco tempo, entra outra vez em campanha, incommoda seriamente algumas praças da fronteira hespanhola, toma e saqueia Montijo, villa rica e importante.

Estava imminente uma acção, forças hespanholas consideraveis se concentravam em Badajoz; Mathias d'Albuquerque, ao partir de Montijo, com o exercito embaraçado pelos muitos carros de bagagens, dispoz as suas forças de modo a evitar surpresas. Dispunha de 6:000 homens, 1:100 cavallos e 6 peças. O marquez de Torrecusa, general das armas de Casteila, confiara ao barão de Mollingen, que estava em Badajoz, 6:000 infantes e 2:000 cavallos, Os dois exercitos avistaram-se a pouca distancia de Montijo, ás 9 da manhã de 26 de maio (1644).

Permitta-se-nos uma ligeira digressão para contar alguns episodios eborenses d'este tempo. Elvas era o centro das operações de guerra na fronteira, Evora o arsenal, o armazem, a administração, o laboratorio; durante mezes aqui esteve el-rei e grande parte do pessoal superior do governo. As



levas de voluntarios e auxiliares, os corpos estrangeiros (francezes e hollandezes ou flamengos), aqui se organisavam, armavam e recebiam a precisa instrucção; é facil de suppôr a grande accumulacão de gente mui diversa na cidade, e que esforços seriam necessarios para o governo, a disciplina, para manter a segurança publica onde abundavam bisonhos e aventureiros armados. Repe-tiam-se as desordens, as violencias, os assassinatos. Quando chegou el-rei adoptaram-se disposições mais rigorosas, todavia os tumultos eram frequen-tes; havia escandalos; nem todas as auctoridades cumpriam os seus deveres. D. João IV resolveu intervir directamente na parte policial; mandou abrir uma antiga escada secreta que dava para os fossos no palacio dos Bastos, e fóra de horas. depois do sino de correr, que tocava nos açougues (templo romano), ás vezes por noite alta, ia sósi-nho, mui rebuçado, rondar pela cidade.

Uma noite encontrou o meirinho Lopo Tavares n'uma viela do bairro de S. Mamede; trocaram-se as palavras do estylo; o rebuçado fez alto, o meirinho aproximou-se, o rei negou-se ao reco-nhecimento; Tavares deu a voz de preso, em nome d'el-rei; então o rebuçado, em voz baixa, pe-diu-lhe para mandar afastar os da ronda, inven-tou um caso, instou, offereceu dinheiro; o meiri-nho aceitou a bolsa e deixou ir o cavalheiro em paz.

El-rei seguiu na sua ronda; encontrou o celebre alcaide Luiz Roiz Mattoso, ao arco de D. Isabel; o alcaide estava só. A mesma conversa, instan-cias, offerecimento de dinheiro; o alcaide recusa, dá a voz de preso; el-rei quiz ver até onde chega-va o animo do alcaide; estavam sós, ameaça-o, e arranca da espada; o alcaide salta ao lado, de-sembuça-se, põe-se em guarda e desarma em bre-

ve o cavalheiro, sem lhe fazer damno; toma-lhe o braço, com força, e leva-o para a cadeia; só á entrada da cadeia el-rei se deu a conhecer.

— Cumpri as ordens de vossa magestade, limitou-se a dizer o alcaide.

No outro dia, meirinho e alcaide, eram chamados ao paço. Tavares foi logo demittido; a Luiz Mattoso fez el-rei elogio publico, e confirmou-lhe a posse do officio para os filhos.

Este alcaide Luiz Roiz Mattoso é um typo sympathico, e vou contar-lhes outra aventura, embora se refira a uma época anterior. Foi alcaide por muitos annos, era o homem para os casos difficeis; muito popular e respeitado, valente e prudente.

Em seguida ao rompimento das inquietações de 1637 as auctoridades empenharam-se em o ter por alcaide, embora lhe conhecessem as suas opiniões patrioticas.

Em certo dia houve uma desordem grave, fizeram-se algumas prisões; ficou entre os presos um creado ou escudeiro d'um fidalgo conhecido pelo Castro das seis aruelas, que morava ao adro de S. Domingos; o fidalgo era orgulhoso, insolente, ficou irado ao saber da prisão do rapaz; tomou o chapéo e a espada e foi procurar o alcaide. Encontrou-o na praça grande; dirigiu-se-lhe altivamente, exigindo que ao rapaz se dêsse logo liberdade; o alcaide recusa; não póde, não deve ceder a tal pedido: o Castro esbraveja, insulta; Mattoso não perde o espirito, executa simplesmente o que lhe mandam, não vae além do seu dever; ao mesmo tempo pede ao fidalgo que se modere; elle, alcaide, embora filho do povo, está ali como ministro d'el-rei; não póde ser insultado por um fidalgo. Castro, irado, mais se irrita com os conselhos do alcaide; junta-se muita gente; os dois estão no

meio de denso circulo de homens; o alcaide ainda pede, o outro clama, ameaça.

Luiz Mattoso diz-lhe que elle, o fidalgo, póde reconsiderar e retirar-se, nada perdendo da sua posição e brilho, elle, official d'el-rei, não póde retirar-se. Castro louco de ira arranca da espada, cresce para o alcaide em impeto de raiva; Mattoso defende-se com a sua, trava-se um duello terrivel, e momentos depois a espada do alcaide varava o coração do orgulhoso fidalgo, que logo tombou, na convulsão da agonia. O caso fez grande bulha; a familia Castro era poderosa; o povo e as auctoridades, em harmonia n'este ponto, queriam o alcaide. Mattoso foi chamado a Lisboa; não o demittiram, mas insistiram com elle para que prendesse Sezinando Rodrigues e João Barradas. As auctoridades sabiam, perfeitamente, que elles estavam nos arredores de Evora, e que vinham á cidade.

Ambos eram casados, e as mulheres, por todos consideradas como muito honradas, residiam na cidade, e havia pouco que ambas tinham baptisado filhos. O alcaide prometteu empregar todos os meios de os prender, mas, segundo parece, avisou-os a tempo; as mulheres sahiram da cidade, e não tornou a haver noticias dos dois condemnados, até á aclamação.

Já vimos o caso d'el-rei com o alcaide Mattoso em 1644; vamos contar dos dois revolucionarios na mesma epoca. El-rei quiz vel-os; o conde de Vimioso, que era grande amigo d'elles, apresentou-lh'os. D. João IV tratou-os muito bem, e quiz fazer-lhes mercês.

Sezinando Rodrigues, o borracheiro, era um artista independente. não quiz aceitar cousa alguma; fizeram-n'o depois familiar do Santo Officio, o que dava certos privilegios; João Barradas, disse

que aceitaria qualquer officio ou cargo publico para os filhos; el-rei deu-lhe um officio de tabelião em Santarem.

Mais tarde um dos filhos de João Barradas foi beneficiado em Santo Antão; este foi um dos informadores do padre Fialho, no que respeita a este periodo.

Em 14 de novembro de 1644 entraram os dois para irmãos da Misericordia; existem os termos d'entrada, devidamente assignados. Sezinando Rodrigues falleceu em setembro de 1661.

Tomemos agora o fio da nossa narrativa: estamos nas planuras de Montijo, em 26 de maio de 1644.

A batalha de Montijo travou-se ás 9 horas da manhã.

Mathias d'Albuquerque dispunha de 6:000 homens, 1:100 cavallos e 6 peças. O exercito hespanhol, commandado pelo barão de Molligen, era pouco superior em infantaria, mas tinha 2:000 cavallos. Provavelmente o barão estava bem informado d'este facto, e aproveitou-se d'elle começando por uma carga sobre o flanco esquerdo. Em breve os esquadrões portuguezes e as mangas de mosqueteiros se viram esmagados no impeto do combate; cederam; tudo se confundiu, houve panico. Muitas das tropas portuguezas haviam entrado até então em escaramuças, surpresas, acções de pequena importancia; agora, pela primeira vez, tomavam parte em batalha campal. A cavallaria, fugindo, vem cahir sobre os corpos de infantaria, e tudo se baralha; perde-se a artilheria.

A cavallaria do flanco direito não espera pelo choque, e retira em massa. Mathias d'Albuquerque, fóra de si, esforça-se quanto possivel por impedir a vergonhosa debandada; matam-lhe o cavallo; a pé, com a espada nua, lucta ainda; reu-

nem-se alguns officiaes, um d'estes cede-lhe o cavallo; o general encontra-se então com D. João da Costa, que se lembra do terço de Evora, agora commandado por D. João de Saldanha.

O terço d'Evora estava reunido sobre uma pequena elevação com algum arvoredor, e ali se sustentara no meio do desastre; D. João da Costa, seu organisador e primeiro commandante, exercia sobre elle grande influencia; o terço obedeceu-lhe, marchou firme; a batalha entrou na sua segunda phase. Algumas companhias dos terços de Ayres de Saldanha, de Martim Ferreira e d'outros, com uns 40 cavallos, reúnem-se ao terço d'Evora, e formam um nucleo firme e resolvido a bater-se.

Ao mesmo tempo deu-se um facto imprevisto, como tantos que a historia menciona frequentemente, um acaso, um equivoco, que bastou para transtornar o plano de Mollingen, e comprometter o exercito hespanhol.

Um dos chefes da cavallaria hespanhola, vendo retirar do campo a cavallaria portugueza do flanco direito, galopando para o sul, julgou que tal movimento teria por fim occupar a estrada de Montijo para Badajoz, cortando a retirada ao exercito hespanhol. Immediatamente fez voltar os esquadrones ás suas ordens, para evitar esse resultado; o resto de cavallaria segue, abandonando quasi toda o campo. A infantaria hespanhola confiando na acção da cavallaria, e parecendo já definitiva a derrota portugueza, saltára sobre os carros das bagagens, espalhando-se em grupos desordenados. É n'esta occasião que o terço d'Evora, com os fragmentos dos outros corpos que se lhe tinham reunido, toma a offensiva. Os primeiros momentos foram de felicidade; os hespanhoes, colhidos por surpresa, retiraram; bastantes soldados portuguezes, dispersos pelo campo, reúnem-se e engrossam



a força; correndo com grande impeto algumas companhias retomam a artilheria, que logo entra a metralhar as forças hespanholas dispersas, não lhes permittindo que se reorganizem. Depois alguns esquadrões hespanhoes voltam a carregar; era tarde, porém; agora as tropas estavam dominadas pelo enthusiasmo, pela furia da guerra; resistiram, venceram, mas o combate fôï aspero, correu muito sangue. A's 3 horas da tarde a victoria estava definitivamente em mãos portuguezas.

Todos conhecem os immensos resultados Moraes da batalha de Montijo, elevando o espirito do exercito, fortalecendo a confiança, robustecendo o brio nacional. Pois essa victoria deve-se em grande parte ao terço eborense; teve a honra do combate, mas á custa de grandes perdas; era raro o soldado incolume, muitos officiaes estavam gravemente feridos.

Na mesma occasião passava-se em Evora um facto curioso, que o espirito da época logo relacionou á batalha, explicando-o por influencias sobrenaturaes.

O dia 26 de maio era o de *Corpus Christi*; a proeissão solemne, desde muito considerada a da cidade, percorria, pela manhã, as ruas e praças; como de costume o cavallo que levava a imagem de S. Jorge, era manso, escolhido de proposito; de subito o cavallo enfurece-se, empina-se, salta, escoucêa, põe em borburinho todo o cortejo, sem que ninguem pudesse explicar tal braveza. Durou muito tempo o tumulto, e todos admiraram como a imagem se manteve firme na sella. Dois dias depois chegou a noticia da batalha, das proezas gloriosas do terço eborense, e dos muitos filhos da cidade que lá ficavam para sempre nos plainos de Montijo. E então os espiritos crentes e piedosos attribuiram á protecção de S. Jorge a victoria, ex-

plicando o successo da procissão por manifesta prova da milagrosa influencia.

Quiz o destino que os eborenses soffressem provação mais cruel e menos gloriosa, se se deve falar de gloria maior ou menor onde só houve fatalidade. O terço d'Evora, organizado por D. João da Costa, depois conde de Soure, e que em Montijo se batera commandado por João de Saldanha, perdendo muita gente, reconstituiu-se em breve; esse é o celebre *terço velho d'Evora*, considerado como um dos primeiros corpos na longa campanha da restauração. Alem d'este se organisara na cidade um terço de auxiliares, que foi mobilisado em outubro de 1645, em consequencia de haver noticia de se approximarem da fronteira forças inimigas, e de Lisboa não poder com promptidão apresentar reforços.

A meio d'outubro o terço d'auxiliares eborense estava em Estremoz. No dia 25 soube-se que o marquez de Legunez, com forças consideraveis, estava sobre Olivença.

O conde de Castello Melhor tomou logo disposições para defender a fronteira, e para marchar contra o exercito hespanhol; teve de lançar mão de todos os recursos. N'um dos ultimos dias do mez, talvez em 29, o terço eborense sahiu de Estremoz para Elvas. Contava 400 homens: artistas, quintaneiros, proprietarios, mercadores; pessoas das primeiras familias da cidade tinham postos nas companhias; a grande maioria era perfeitamente bisonha nas armas; o chefe, o sargento-mór, era João da Fonseca Barreto, pessoa de grande consideração pessoal, mas leiga em assumptos militares.

Pelas 10 da manhã ia a força a 2 legoas d'Estremoz, á venda da Alcaraviça. Terreno um tanto dobrado, alguns arvoredos; a estrada, em certo

posito, atravessa um espaço aberto, seguindo o lado de uma pequena altura; a pouca distancia uma tapada, com seu muro de pedra ensossa.

Provavelmente algum piquete de cavallaria hespanhola espiara os movimentos do terço eborense.

De subito um tropel; os auxiliares páram, surpresos; em breve se avista uma grande força de cavallaria hespanhola; eram 600 cavallos que o barão de Mollingen mandára a explorar as estradas d'Extremoz para Elvas e Villa Viçosa. O sargento-mór perdeu o sangue frio; podia retirar para a tapada, onde a cavallaria não entrava facilmente, e defender-se com o muro e o arvoredado; alguns, poucos, ainda fizeram isso; a quasi totalidade da força dividiu-se em grupos; a cavallaria hespanhola em breve os envolveu acutillando sem mercê.

O desastre foi completo, o terço ficou aniquilado.

Se occupassem a tapada, poderiam resistir por algum tempo, e o ruido da fusilaria chamaria D. Rodrigo de Castro, que n'essa occasião marchava com 700 cavallos, a pouca distancia, caminho de Villa Viçosa; pelo menos venderiam caras as vidas. Ruy Mendes de Vasconcellos, com um pequeno grupo, ainda fez alguns tiros na tapada; em pouco umas dezenas de cavalleiros rodearam o grupo, acutillaram-n'o, fazendo prisioneiro o moço capitão.

Com este homem deu-se alguns dias depois uma tragedia horrivel.

Os hespanhoes internavam, como é natural, os officiaes prisioneiros; Vasconcellos foi encontrar-se no carcere (a historia não nos conservou o nome da povoação) com outro capitão portuguez, prisioneiro de Olivença. Era um official conhecido no exercito pela sua corpulencia e força herculea; chamavam-lhe o *Canastreiro* de Portalegre. Entregára o forte de Santo Antonio, -segundo parece, sem ter exgotado todos os recursos. Ruy Mendes

era novo e franzino. Os dois capitães tinham genios mui differentes; houve altercações; o *Canastreiro* abusava da superioridade physica. Um dia trocaram-se insultos, e chegaram á violencia; foi um duello horrivel n'aquelle carcere; a força nervosa e a agilidade d'um luctavam com o poder athletico do outro; naturalmente este acabaria por vencer, mas a mão de Ruy Mendes achou de repente o cabo d'uma sovela, e cravou o ferro na garganta do *Canastreiro*; rolaram ambos pelo chão, n'uma briga de feras, n'um tumultuar de gritos e arrancos; o hercules succumbiu.

O official hespanhol governador do castello admirou a coragem e o brio de Ruy Mendes; deu-lhe homenagem na fortaleza, e conhecendo então de perto o animo de perfeito cavalheiro do moço capitão, tanto o estimou, que lhe deu licença para vir sósinho a Evora arranjar a sua troca por algum official hespanhol aqui prisioneiro, dada a palavra de honra de que voltaria á prisão, se não o conseguisse. Felizmente estavam em Evora bastantes prisioneiros, e realisou-se a troca sem difficuldade.


Annos depois outras situações dramaticas se deram aqui em consequencia do desastre de Alcaraviça. Fonseca Barreto (ou Barneto) veio residir para a cidade; Ruy Mendes de Vasconcellos e mais alguns dos que tinham escapado áquella fatalidade queriam vingar-se no ex-sargento mór. Houve esperas, desordens entre senhores e criadagens, e durante alguns mezes durou o estado de exaltação.

O desastre d'Alcaraviça foi completo; uma horrivel matança.

A historia imparcial e austera tem de registrar victorias e derrotas, paginas de gloria e paginas de lucto; a surpresa de Alcaraviça foi uma fatali-

dade que encheu de viuvez e orphandade, de tran-  
ses de angustia, a população eborense; e todavia  
não lhe esmoreceu o animo. Quanto não teria pa-  
decido esta cidade em alarma constante, por vezes  
repleta de estranhos, de soldadesca armada, satis-  
fazendo requisições violentas de impostos, de ge-  
neros, de gados? alguns dos seus filhos tinham fica-  
do nos plainos de Montijo, e agora grande numero  
de seus naturaes tombara na funebre valla d'Alca-  
raviça, e não desanimou, as lagrimas do lucto não  
lhe dissolveram a coragem: outro terço de auxilia-  
res se organisou em poucos dias. e a vereação ebo-  
rense em 6 de dezembro de 1645 arrancava do  
seu magro cofre a verba de 600.000 réis para  
compra d'armas «para reparo das muitas armas  
que na occasião de Alcaraviça perderam com os  
castelhanos os naturaes d'esta cidade».

Não era ainda esta a ultima provação que o  
destino nos marcára na lucta pela liberdade. crise  
mais grave, mais dolorosa ainda, estava guardada  
á vetusta cidade alentejana; os assedios de 1663  
lhe trouxeram até ao amago os terrores dos assal-  
tos. as mais rudes scenas de guerra.







GABRIEL PEREIRA

## ESTUDOS EBORENSSES

Dolmens ou antas, antiguidades prehistoricas nos arredores de Evora. Evora romana. Inscricções lapidares, muralhas, esculpturas, etc. Antiguidades romanas nos arredores. Monumentos e edificios. Conventos de frades, e de freiras. A renascença em Evora. Os eruditos do seculo XVI. Os autos de Gil Vicente representados em Evora. Bibliotheca. Catalogos das pinturas, das curiosidades es objectos d'arte. Catalogo do museu Cenaculo. Misericordia e Hospital. A Sé. As egrejas. A Universidade. O Santo Officio. Os autos da fé. A typographia. Judeus e mouros. Os feiticeiros. Homens notaveis. Bispos e arcebispos. Factos historicos. A visita do duque de Bragança em 1635. As alterações de 1637. O terço velho d'Evora em Montijo. Os assedios de 1663. Os francezes. Os acontecimentos de 1828 a 1834. Evora e o ultramar. Os papeis de Marco Antonio Pessanha (fr. Marcos de Santo Antonio). Balthazar Jorge em Díu. Os papeis dos Azambujas. Historia dos estabelecimentos, e das instituições modernas. Etc.

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645.

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão impressos os seguintes fasciculos :

- I. Documentos dos sec. XII e XIII. — II. Documentos do sec. XIII — III, IV e V. Documentos do sec. XIV. — VI. Extractos referentes a 1350-1450. — VII. Posturas municipaes dos fins do seculo XIV. — VIII. Posturas municipaes do seculo XIV e Regimento da cidade do tempo d'elrei D. João 1.º — IX. ultimo da 1.ª parte. Regimento da cidade. Indice.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

## DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio.

Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## O ARCHIVO DA Santa Casa da Misericórdia d'Evora

1.<sup>a</sup> PARTE

FUNDAÇÃO DA CONFRARIA. O 1.<sup>o</sup> LIVRO  
DOS IRMÃOS. LIVROS DOS ACORDÃOS E ACTAS. PRIVILEGIOS.  
DOCUMENTOS DAS ALBERGARIAS MEDIEVAES.  
O LIVRO DO ACENHEIRO. O COMPROMISSO. ANTIGOS INVENTARIOS  
DA SANTA CASA E DO HOSPITAL.  
LEGADOS PIOS. DOTES. MERCELIAS DE D. JOANNA DA GAMA.  
OPITUARIOS. PRESOS E ENGEITADOS. TITULOS DE  
PROPRIEDADES. TOMBOS. NOTICIAS DIVERSAS.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.<sup>o</sup> 93

1888



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## O ARCHIVO DA Santa Casa da Misericordia d'Evora

FUNDAÇÃO DA CONFRARIA. O 1.º LIVRO  
DOS IRMÃOS. LIVROS DOS ACORDÃOS E ACTAS. PRIVILEGIOS.  
DOCUMENTOS DAS ALBERGARIAS MEDIEVAES.  
O LIVRO DO ACENHEIRO. O COMPROMISSO. ANTIGOS INVENTARIOS  
DA SANTA CASA E DO HOSPITAL.  
LEGADOS PIOS. DOTES. MERCEEIRAS DE D. JOANNA DA GAMA.  
OBITUARIOS. PRESOS E ENGEITADOS. TITULOS DE  
PROPRIEDADES. TOMBOS. NOTICIAS DIVERSAS.



EVORA  
MINERVA EBORENSE  
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1888





A

*Ignacio da Conceição Ferreira*

*em testemunho de muita consideração  
pelo seu caracter e saber; em lembrança de dezesseis annos de  
camaradagem, boa, leal, incomparavel.*



## ESTUDOS EBORENSSES

---

### O ARCHIVO DA SANTA CASA DA MISERICORDIA D'EVORA

---

Não pertendemos dar uma noticia minuciosa d'este archivo, seria longa e fastidiosa a descripção; procuramos dar uma noção geral das collecções de documentos que n'elle se guardam, particularisando apenas alguns volumes de maior importancia.

Julgamos util a descripção de um archivo de Misericordia; tem maior significação do que á primeira vista parece; casas de caridade, instituições que levam a sua benefica influencia ás ultimas camadas sociaes, guardam nos seus archivos documentos que patenteiam os effeitos das crises politicas e economicas, a evolução moral da sociedade.

Serei breve, pondo de parte quaesquer ampliações ou divagações.

A confraria da Santa Casa da Misericordia d'E-

vora foi fundada pela piedosa rainha D. Leonor e logo muito favorecida por el-rei D. Manoel; instituição sympathica, confraria onde, como em nenhuma outra, se juntaram e aliaram nobres, burguezes e mecanicos, logo no seu começo attingiu tal apreço e venerabilidade que os seus provedores e escrivães sahiam sempre da classe mais elevada; grandes do reino pertenceram á irmandade; e por largos annos chegou a julgar-se que a cadeira de provedor só poderia ser digna e convenientemente occupada pelos arcebispos.

No primeiro seculo da sua existencia teve rapido incremento; ás esmolas succederam as instituições, os legados, a propriedade dando um rendimento seguro e avultado; foi-lhe entregue a administração do hospital do Espirito Santo em 1567; e mais tarde tomou o encargo da criação dos expostos e governo da casa de S. Lazaro, antigo hospital de lazarus ou gafos, que durante algum tempo andou ora a cargo da Camara ora da Misericordia, até que lhe foi definitivamente confiado em 1647.

Entremos no archivo.

Existe ainda o primeiro livro de matricula dos confrades, é o *Livro 1.º dos Irmãos*; tem 138 folhas numeradas no rosto. Serviu até 1579, porque é d'esta data o *Livro 2.º dos Irmãos* organizado pelo escrivão Roque de Almada. Os nomes são escriptos pelo escrivão ou assignaturas autographas.

A fol. 3 v. está a memoria da fundação da Santa Casa que transcrevo modernizando a orthographia.—Anno do nascimento de N. S. Jesus Christo de 1499 annos, a 7 dias do mez de dezembro, vespera da Conceição, se começou a santa confraria da misericordia em esta cidade de Evora, a qual foi receber o convento de S. Francisco á porta da Lagoa, com procissão e grande solemnidade



e pregação que logo se fez no dito mosteiro, e as despesas que n'isto se fizeram mandou pagar el-rei D. Manoel N. Senhor, e o principio desta santa confraria foi a senhora rainha D. Leonor irman del-rei N. Senhor=.

Os primeiros irmãos nomeados são: el-rei, a rainha D. Maria, a rainha D. Leonor, o mestre de S. Thiago, o Conde de Tentugal.

A fol. 5, começam os irmãos da freguezia da Sé, entre elles o bispo d'Evora, D. Affonso; D. Fernando de Castro, o capitão Fernão Martins Mascarenhas, o coudelmor, Garcia de Resende e sua mãe, etc. Nos primeiros annos admittiram senhoras na confraria. A fol. 20 esta a abbadessa de S. Bento, D. Violante de Mello, com todas as suas freiras. O registo está feito por freguezias; primeiramente as da cidade, depois as do campo, mencionando os irmãos, pedidores e memposteiros.

Como se vê tem este livro capital valor historico na Santa Casa, é a base da Confraria.

O livro 2.<sup>o</sup> dos Irmãos e pedidores foi organizado em 1579 pelo escrivão Roque d'Almada. O 3.<sup>o</sup> data de 1616, o 4.<sup>o</sup> de 1676 e chega a 1817; etc.

Livros da maior importancia em qualquer archivo de corporação, confrarias, cabidos, camaras municipaes, etc. são os das actas, acordãos, resoluções, capitulos, termos, lembranças ou ementas, pois de todas estas maneiras podem apparecer designados os livros em que as collectividades lavravam as suas disposições.

No archivo da Misericordia d'Evora existem volumes de acordãos e lembranças que atingem o seculo 16.

O mais antigo tem o titulo de = Acordãos da letra A = começa em 1553 e acaba em 1640.

O segundo = Acordãos da letra B = de 1640 a 1664.

O 3.º = Acordãos da letra C = de 1664 a 1738.

Não são propriamente livros d'actas, são assentos e resoluções de mesa e definitórios, termos de empregados, acceitação e expulsão de irmãos, etc. resoluções tomadas e assentadas mas sem a descripção do acto.

O = Livro 1.º das lembranças = parte de junho de 1596 e chega a 1602.

O = Livro 2.º = de 1602 a 1604.

O 3.º de 1604 a 1607.

Ha nove d'estes volumes, chegando a 1708. Seguem os *livros de acordãos em serie* não interrompida até aos modernos *livros das actas*.

Em qualquer archivo tem preeminencia as collecções de documentos officiaes originaes; alvarás, provisões, breves e bullas, cartas regias, etc. Indices com summarios conscienciosos de taes volumes constituem muitas vezes a historia das corporações. O archivo da Misericordia tem tres volumes de originaes; podem dizer-se bem conservados.

O 1.º e principal intitula-se = Privilegios da Misericordia d'Evora; é um grosso tomo de 562 folhas.

O summario d'este volume contem muitos dados historicos. Á Misericordia d'Evora foram concedidos os privilegios da de Lisboa; d'estes existem certidões authenticas passadas em varias epochas, principalmente em 1617. Assim estas certidões, juntas ás peças officiaes proprias da Misericordia eborense, constituem um corpo de documentos de 1.ª ordem para a historia dos estabelecimentos pios. A data mais remota é de 1498. O volume contem perto de 200 documentos dos seculos 16 e 17.

O 2.º intitula-se = *Pareceres, alvarás, e provisões da Santa Casa* = tem uns 50 doc. dos sec. 16, 17 e 18.

O 3.<sup>o</sup> é o—*Livro dos privilegios do Hospital real e do hospital dos lazarus d'esta cidade d'Evora*—, tem uns 60 doc: das mesmas epochas.

Estes volumes tem indices e summarios feitos modernamente e que esperamos ver em breve publicados.

Existem no archivo documentos relativos aos antigos hospitaes da cidade, attingindo o sec. 14.

Nas Chronicas breves de Santa Cruz de Coimbra se menciona a fundação do hospital de S. João de Jerusalem, em Evora, por D. Affonso Henriques; não podemos affirmar se antes d'este existiram outros hospitaes ou albergarias em Evora, mas sabemos que no sec. 14 havia um numero consideravel d'estas casas na cidade, e que algumas estavam em ruinas, ou haviam cahido em abandono, o que lhes prova consideravel antiguidade.

No sec. 14 tornou-se necessario agrupar alguns de taes estabelecimentos para que juntos os bens se facilitasse a administração; mais tarde reuniram-se alguns ao hospital do Espirito Santo; por bastantes annos se conservou ainda separada a administração da casa de S. Lazaro, como já tive occasião de dizer.

Muitos pergaminhos d'esses velhos albergues se salvaram das annexões, mudanças, estragos do tempo e dos homens; cadernos ou doc. avulsos que hoje formam 4 gr. vol. recentemente encaderados com os seguintes titulos — Pergaminhos do Hospital de Jerusalem.—Perg. das albergarias do Corpo de Deus da Sé, Santo Espirito, S. Bartholomeu e S. João.—Perg. do Corpo de Deus de S. Antoninho.—Perg. de S. Lazaro.

Contém escripturas e aforamentos, poucos documentos mais particulares; ainda assim o investigador pode respigar ahi muitas noticias para a historia da cidade e das velhas albergarias, e algumas relativas a artes e costumes.

Christovão Rodrigues Acenheiro, conhecido chronista eborense, fez em 1537 extractos d'estes livros para facilitar indagações relativas aos domínios directos. Os cadernos do Acenheiro chegaram até nós em menos máo estado; foram também recentemente encadernados formando um volume de 227 folhas. O numero total dos doc. em pergaminho approxima-se de 700; na maioria são documentos da 1.<sup>a</sup> metade do sec. 15; algumas desenhos pertencem á 2.<sup>a</sup> metade do sec. 14.

Fóra d'estas collecções tem o archivo uma de 40 pergaminhos, que, por suas mui diversas dimensões, se collocaram em uma grande pasta de papelão, tendo internamente tiras de linho bastante forte, onde os documentos foram cosidos por sua ordem, de modo a não impedir a leitura, conservandô-se direitos: é a maneira tenho adoptado e que recommendo para a melhor conservação e facil consulta de estes monumentos. Estes doc. são de 1437 a 1628; bullas, breves, cartas regias, instrumentos de doação ou instituição, etc. Entre elles estão alguns que não dizem respeito á Misericórdia, mas vieram ao archivo com os doc. dos testadores.

A confraria adoptou o compromisso da Misericórdia de Lisboa; existe a copia d'este compromisso manuscrita, em papel, com letra de tal egualdade que parece de fôrma. A confraria de Lisboa foi instituida em agosto de 1498 = per premissos e consentimento e mandado da illustrissima e muy catholica senhora rainha dona Lianor. = Menciona depois as obras de misericórdia, e seguem os capitulos até fol. 15 v. A fol. 16 v. apparece outra letra terminando a transcripção da confirmação regia; a esta succedem os privilegios da Misericórdia de Lisboa, e a fol. 19 v. a ordem para que o compromisso se observe na Misericórdia de Evo-

ra, dada em 27 de Julho de 1519. A fol. 20 e seg. menciona as memoriaes de D. Manoel, D. Leonor e D. Maria, terminando em fol. 21, v. Está bem conservado.

Sabendo-se que a Santa Casa teve em breve propriedade urbana e rural, que estes predios rendiam dinheiro ou generos, e que de taes rendimentos se satisfazião as capellas e instituições, e diversos encargos especiaes como pensões de merceiras, dotações de donzellas, processos de presos pobres, etc. facilmente se conclue que muitos e mui diversos devem ser os volumes que constituem o seu archivo. Existem antigos inventarios da Santa Casa e do Hospital, livros de causas e capellas, de legados pios não cumpridos, livros de obras da igreja (1553), da secretaria (1653), obras do Hospital, e dos montes ou casaes das herdades; notas de testamentos, arrendamentos; dotes e termos das donzellas dotadas; sendo o livro de dotes da instituição de D. Alvaro da Costa de 1549; e o de D. Maria de Vilhena de 1563.— Livros de registo e termos de pensionistas da instituição do P.<sup>o</sup> Manoel Guterres; das merceiras de D. Joanna da Gama, auctora do curioso livrinho intitulado=Ditos da freira.—

Livros de contas, contas da fazenda da Santa Casa, das capellas do conego Diogo Vieira Velho; contas da botica, do cofre, da massadeira, da cerca, de esmolos, etc.

A serie dos livros de causas ou questões judiciaes começa em 1570. A serie dos livros de acceitação de enfermos no hospital começa em 1554, e comprehende uns 60 vol. A serie dos obituarios, livros de defuntos, começa em 1547, seguindo sem interrupção.

Os livros de contas do celleiro mencionando proveniencias, estado dos pagamentos, formam uma



serie de mais de 200 vol. a datar de 1580. Outra collecção tambem numerosa e quasi completa é a dos livros de receita e despeza da Misericordia e do Hospital; começa em 1570; em muitos ha contas tambem da casa de S. Lazaro; comprehende uns 300 vol.

As contas das *Mordomias, esmolas e despezas avulsas*, datam de 1578 e formam uma serie de 90 vol.

A serie dos livros dos *Engeitados* começa em 1568 e contem uns 200 vol.

Os livros dos *Presos*—Receita e despeza com os presos do rol da Misericordia—começam em 1569 e seguem até 1826, formando uma collecção de 176 volumes.

E' claro que qualquer dos pontos indicados se presta a considerações, a reparos, a desenvolvimentos. Dos obituarios se podem extrahir dados sobre a mortalidade, as epidemias; dos livros dos presos noticias de certo interesse sobre a criminalidade, porque em alguns, por ex. no de 1594 a 1596, ha longas relações dos criminosos, natureza dos crimes, e penas que tiveram. De muitos outros volumes se vê o que nós podemos chamar a historia da miseria, das afflicções das camadas sociaes mais numerosas. Nenhuma povoação do paiz tem tido vida mais dramatica do que Evora; os seus dias de gloria e ventura alternam-se com os dias de desgraça; quasi todas as grandes crises da historia nacional deram aqui effeitos da maior gravidade, e sem ir mais longe basta recordar as guerras da restauração, os dois assedios da cidade em 1663, a tomada pelo exercito francez em 1808; aqui veio terminar em 1834 a longa lucta civil, e ainda em 1846-47 a cidade soffreu immenso, chegando a ser cercada e bombardeada; todas estas grandes crises se reflectiram na vida social. Não nos afflastaremos porem agora em amplificações de

qualquer ordem, e limitar-nos-hemos a descrever o archivo.

Testamentos, instrumentos de Instituições, cartas de compra, de aforamentos primordiaes e reconhecimentos de foreiros, de vendas a rétro, de captaes mutuados. etc. formam numerosa collecção de volumes grossos nas suas capas de pergaminho amarellecido.

Ha uma collecção especial de testamentos, outra de escripturas da Santa Casa, outra de escripturas do Hospital; e do conego Diogo Vieira Velho, do Zagallo, do Manuel Ramalho, do morgado de Ervidel, etc. N'esses volumes encontram-se alguns, poucos relativamente, papeis do sec. 15; a grande maioria é dos 16 e 17. Muitas vezes com os testamentos, instituições, etc. vinham documentos diversos; os interessantes papeis indiatricos de Antonio Pessanha, de Balthazar Jorge, de Antonio Resende, encontram-se nesses volumes.

Ha tombos importantes; o chamado *Tombo 2.º da fazenda*, é antes um registo de instrumentos, lavrados na integra, com uma notavel correcção e execução calligraphica. trabalho esmerado do tempo de D. João 3.º O *Tombo novo*, na ordem chronologica o 4.º da Santa Casa, offerece grande copia de noticias seguras.

Para mostrar a estudiosos que genero de informações se póde achar n'um archivo de Casa de Misericordia, eu vou publicar algumas das minhas notas colhidas no d'Evora. Nos= Documentos historicos= começou já a publicação dos diplomas: agora apenas agruparei alguns de mais particular curiosidade.

### Carta de Antonio de Resende Falcão

Difficilmente alcança entendimento humano as

variedades do tempo; quem cuidara que os filhos do primeiro Garcia de Resende, e os muitos de seu irmão e meu pai Jorge de Resende levaria a morte com tantos legitimos herdeiros, e viesse este morgado ao menor filho seu. lançado ha tantos annos e esquecido cá neste ultimo oriente, e me seja forçado soccorrer-me a essa Santa Casa, não só mãi dos pobres mas acolheita e amparo de todos os que padecem necessidades. . . comprirem as obras da misericordia ao bem geral do proximo quando não encontra o serviço do senhor. Soube este anno ser fallecida dona Jeronima de Resende filha do morgado Francisco de Resende, meu primo irmão, e de minha irman casada com Fernão Gonçalves Cogominho; e por seu fallecimento fica seu morgado a mim miseravel velho que tantas mortes de irmãos e de parentes tenho visto. e conforme ao tempo mais se achara nessa terra quem mal pretenda o morgado. que quem em justa causa me ajude no que é meu como filho de filho, pelo que toda minha esperança ponho nos senhores provedor e irmãos desta Santa Casa que por serviço de Deus pedindo e alcançando em meu nome a posse deste morgado do rendimento lhe concedo o que a suas mercês parecer decente, que em suas boas consciencias o deixo, cortando antes por mim porque o que nisso ordenarem lhe concedo livremente e dou á Santa Casa de voluntaria esmola para ajuda do remedio de muitos e continuos pobres que a Santa Casa provê. E porque a Santa Casa faz as obras de misericordia puramente por amor de Deus e não por palavras as escuso nesta pedindo a Nosso Senhor. dê a Vs. Ms. larga vida e saude pera seu serviço. Escripta em a cidade de San Tomé em 3o de setembro de 1609. Com esta mando procuração que vai per quatro vias.

(a) A.º de R.º Falcão.

Os dizeres da procuração informam-nos:—nesta cidade do apostolo são Thomé de Mayllapor em Coromandel, nas pousadas de Antonio de Resende Falcão, aqui casado e morador. . . para tomar posse de um morgado que está no termo entre Montemor-o-Novo e Evora, que se chama o morgado da Anta. . . por morte de D. Jeronima mulher que foi de Fernão Gonçalves Cogominho defunto, e sobrinha d'elle Antonio de Resende, filha de seu primo coirmão Francisco de Resende filho de Garcia de Resende, o qual Garcia de Resende, pai d'elle Antonio de Resende. . . que a Misericordia tome para si parte do que arrecadar para os pobres, e lhe mandem a demazia por letra á cidade de Cochim, a Manuel de Lacerda Pereira seu genro.

(Este Garcia de Resende, irmão de Jorge de Resende, foi o chronista, o pagem da escrivanhinha, de João 2.<sup>o</sup>, o famoso colleccionador do=Cancioneiro geral=; Garcia e Jorge tiveram as suas campas na pittoresca ermida da cêrca de N. Sr.<sup>a</sup> do Espinheiro).

(Liv. 3.<sup>o</sup> das Rendas de conego Diogo Vieira Velho, folha 492 e seg.)

### Inventario de um proprietario lavrador no sec. 16

Fez-se este inventario por morte de Leonor Bota, veuva, em 1565.

Era casa abastada; com residencia no seu *monte*, e suas pousadas em Evora, Montemor-o-novo, e Arraiollos. Ha certos inventarios que mostram o *meio*, a *cultura*; está o de Leonor Bota n'este caso.

Tinha em casa as suas arcaas, como ainda hoje em qualquer residencia de lavrador. Uma arca de

castanho com o tampão de pinho, e outras arcas grandes e pequenas, e arcas encoiradas, almarios, e cofres de *frandes*.

No celleiro havia trigo anafil, tremez, trigo galego, centeio, milho.

Na mobilia figuram uma cadeira d'espaldar, meza d'engonços, dobadoiras.

No *monte*, então mais que hoje, eram precisas armas: havia 2 lanças, chuças grandes, alabarda, 2 espadas, duas béstas com seus virotos, umas coiças de laminas com seu capacete, adaga, espada larga, espingarda grande com seus frascos, polvorinho e forca, outra mais pequena sem forca.

Na ucharia: facas, espetos, cutelos, caldeiras, e tachos de cobre e latão. O *arame* como se diz também. Bacias de estanho, graes de pedra, almofarizes de bronze, alguidares, tavoleiros, bacias d'Aragão.

Para cavalgar havia: estribeiras douradas, cabeçadas douradas, esporas mouriscas, esporas mouriscas pretas, capa de sella alaranjada.

No calçado e vestuario apparecem = sapatos amarellos, botas de *frandes*, de cordovão, de carneiro, cobertores de escarlatim, e outros verdes, vermelhos, amarellos; e cobertores brancos da terra, cobertas e cobricama, gabam, uma loba d'arbim d'estrada, pelote e capa do mesmo arbim, pelote e gabão de saragoça, peças de estamenha, chapeos e barretes, gorra preta, calças e calções, vasquinha de mulher, jaleca de coiro, gibão e manto, alcatifas, panno d'armar de figuras já velho, cochins e chumaços de lã e de pena, fronhas d'almofada de camilha lavrados de carmesim, grogeiras de rede; vasquinhas, camisas e lenços de Holanda; mangas de tafetá. Esparavel de panno de linho e uma esteira pintada.

Alem dos cereaes mencionam-se outros produ-



ctos agricolas: 700 molhos de linho (não é de ha muito cultivado no Alemtejo central), pedras de lam cardada, quartos de tomentos e de linho fiado, e tomentos em rama; mostarda; queijos de ovelhas em um borracham; sacas de canhamço, de estopa, cera.

Mencionam-se tambem os cães, gatos e cavallos de ferro, das arcas e das barras.

Na ferramenta da abegoaria: machado de dois gumes, sacholas, grozas, limas, torquez, martellos, serrões de mão, podão, unha, rebotes, barenas, esçoporos, alferces d'esmoutar, enchadas, cutello de cortiços, sovelão, agulhas, almarrada, formaes, ferros de marcar vaccas, cabras e ovelhas, cedeiro de linho; e estribeiras de gineta, cabresto de ferro de cavallo, brida de mula, torneis de ferro; thesouras, verrumas, enchós simples e de martello, tradós, torneza. foices de segar, cunhas, cadeias, apeiros de carreta, apeiros de bois d'arado.

Um tavoleiro d'emxadrez com seus trebelhos.

Algumas joias; anneis, arrecadas de ouro com seus pensamentos.

Nas suas propriedades mencionam, como em qualquer inventario de casa do lavrador—proprietario, de vulto, na actualidade: herdades, terras, cerrados, vinhas, olivaes, farrejaes, montados, pomares.

Havia gados no casal e por causa de partilhas indicam minuciosamente: o boi borquilho, o boralho; a mulla com a sua sella, a vacca barrenha, a egua castanha, o asno pardo; e os bois estrello, cartaxo, galego, espingardo, gamito, bragado, marmelo, ilhado, ligeiro, camarinho, esperto, laranja, brochado, piloto, rosado, verdoso, escuro, tostado, zagalo, lombardo, carrasco, caldeiro, azeitono, bo-calvo, dourado, malano, murzello, toupeiro, castanho, sirgueiro, cordeiro. E as vaccas: redonda, qua-

drada, cigana, chamusca, coleta, biscaia, cotovia, laranja, alvarinha, donzella, baiona, morena vermelha, garrida, papalva.

Tinham ovelhas paridas com sua criação, ovelhas fôrras, carneiros de dois annos, carneiros de semente, anojaes, novillos e novilhas, o aral rabalvo, duas aralas.

O touro avaliado, em 4.500. O annojo em 1.400. Os bois avaliados de 3.000 a 5.000. Tinham porcos, colmeas, etc.

Como se vê encontram-se aqui muitos e variados materiaes para o estudo da *cultura*, da *vida* portugueza.

FIM DA 1.<sup>a</sup> PARTE



GABRIEL PEREIRA

## ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraíso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645. — 14.º O archivo da Santa Casa da Misericórdia d'Evora, 1.ª parte.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte — fasciculos I a IX — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capitulos de Fernão Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º — 2.ª parte, fasciculos X, XI e XII — Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericórdia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Évora.

À venda em Lisboa na livraria Bertrand.

## DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio.

Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Seylax e Hamon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## O ARCHIVO DA Santa Casa da Misericórdia d'Evora 2.<sup>a</sup> PARTE

O TESTAMENTO DE UMA GRANDE DAMA DO SÉCULO 16.  
AS INSTITUIÇÕES PIEDOSAS.  
A TENDENCIA ARTISTICAL. ESCRAVOS DE RAÇAS DIVERSAS.  
EXTRACTOS DE UM ANTIGO OBITUARIO.  
A PROPRIEDADE ANTES DA DESAMORTISAÇÃO. UMA ESTATISTICA  
CRIMINAL. NOTICIAS DIVERSAS.



EVORA  
MINERVA EBORENSE  
DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 13

1888





GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSES

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

## O ARCHIVO

DA

Santa Casa da Misericórdia d'Evora

2.<sup>a</sup> PARTE

O TESTAMENTO DE UMA GRANDE DAMA DO SÉCULO 16.  
AS INSTITUIÇÕES PIEDOSAS.  
A TENDENCIA ARTISTICA. ESCRAVOS DE RAÇAS DIVERSAS.  
EXTRACTOS DE UM ANTIGO OBITUARIO.  
A PROPRIEDADE ANTES DA DESAMORTISAÇÃO. UMA ESTATISTICA  
CRIMINAL. NOTICIAS DIVERSAS.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

—  
1888



## ESTUDOS EBORENSES

---

### O ARCHIVO DA SANTA CASA DA MISERICORDIA D'EVORA

#### 2.<sup>a</sup> PARTE

---

#### O testamento de uma grande dama do seculo 16

O testamento de D. Maria de Vilhena, rica e nobre dona, é exemplo normalmente significativo do estado material e moral de uma casa abastada e fidalga da primeira metade do sec. 16. Uma dama viuva, nobre, piedosa, podendo dispor de predios, joias, moveis; tinha parentes, criados, escravos.

Vou fazer extracto rapido. Falleceu em 1562. Era viuva de Simão da Silveira.

Quer ser enterrada no Carmo (N. S.<sup>a</sup> do Carmo, á porta da Lagoa, destruido nos assédios da cidade. em 1663), no capitulo, junto da sepultura de Simão da Silveira. enquanto se não fizer a capella mór,

ella e o marido cada um em seu archete. . . de pedra de Estremoz bem lavrado com seus letreiros; archetes em que se metterão os moimentos. Vê-se que archete era o ediculo, o pequeno arco usado no gothico e na renascença para conter ou abrigar o cofre ou sarcophago; ha muitos exemplares em Evora. Aos frades do Carmo farto legado.

Para a sua capella deixa prata para se fazer uma cruz da grandura, feição, obra, lavor e peso da cruz de S. Francisco d'esta cidade (Evora), e para as duás lampadas da feição e peso, etc. da do mosteiro de N. Sr.<sup>a</sup> da Graça, . . . e um thuribulo . . . e um caliz com suas campainhas como o de S. Francisco que serve nas festas. . . e mais o seu caliz pequeno, e o porta paz dourado com uma N. Sr.<sup>a</sup> de coral, e a bacia d'agua ás mãos com seu gomil. . . e quatro alcatifas, duas com ouro e prata que servirão de frontaes, e duas de Castella, das maiores que tem em casa.

Os seus vestidos de seda para ornamentos. Quatro pannos de armar de figuras, um grande de Troia, 4 guademecis azues e 4 guarda portas. A traça da capella mór, se diz no testamento, está em poder de Balthazar Fernandes, pedreiro, e o retabolo que será de obra romana como se ora constuma (1562 é a data do côro do sé).

== E mais deixo a Jeronymo de Carvalhaes meu tio a minha mula em que ando com todo o seu apparelho e gualdrapa de panno tosado e o negrinho Christovão que nasceu em casa. . . e uma cama com um leito dourado e um paramento de escarlata.

Mas o que n'este testamento mais nos desperta o interesse e a curiosidade é o grupo de serviçaes de diferentes raças, que dão idéa de uma collec-



ção anthropologica; d'Asia e Africa os parentes tinham mandado escravos de presente á nobre dama opulenta e piedosa, e ella ao fazer do testamento distribuiu aquelle grupo heterogeneo, amos- tra de muitos outros que na epoca existiam no paiz. Recordem-se as observações de Nicoláo Glenardo a proposito da escolta de escravos com que alguns grandes senhores se apresentavam em publico, na epoca em que elle residiu em Evora, 1534—1536.

Notemos a collecção de D. Maria de Vilhena. — Deixo forra a Maria Fialha, mulher india. . . forra Mecia d'Abreu mulher branca e Genebra escrava india, e Guiomar escrava parda, e Catharina escrava india, e Margarida escrava preta, e Miguel escravo mulato, Izabel escrava mourisca, e Antonio china azamel, Diogo e Heitor escravos (não diz a raça), Salvador escravo mourisco; André, Maria e Luiz ficam á irman D. Leonor. Alem dos escravos tinha diversos creados dos dois sexos.

Esta dama instituiu dois morgados, em Sancho de Tovar, filho de Pedro de Tovar, e em Sancho de Faria filho de sua irman D. Leonor de Vilhena.

Tinha parentes em casas religiosas, a tia D. Anna de Monterroio que era freira em N. Sr.<sup>a</sup> da Rosa de Lisboa, e D. Beatriz, freira no mosteiro das Chagas, de Villa Viçosa.

O testamento é perfeito typo da epoca; a nobre dama dispoz da massa dos seus bens instituindo morgados, estabelecendo ou fixando a garantia de vida na familia, tratou da alma e mandou erguer a artistica e pomposa capella; forrou e distribuiu os seus escravos de varias castas; tratou tambem da caridade immediata; mandou que vestissem pobres: dando aos homens gabões, pelotes, camisas, sapatos, e carapuças de panno pardo da terra; e ás mulheres duas camisas a cada uma, uma saia de baetilha,

sapatos, pantufos, e mantos. Este testamento foi feito em 23 d'outubro de 1562.

Ha testamentos da mesma época mui notaveis, mais importantes pela vastidão das instituições ou legados, mas considéro este um typo notavel; aqui estão representados varios topicos do tempo; a religião, a arte, a instituição vincular, a extravagante composição do pessoal caseiro.

E' o testamento de uma grande dama do meiado do seculo 16. E em 1562 florescia em Evora a brilhante renascença; é a data do maravilhoso côro da sé, a obra de entalhado mais artistico e de melhor execução que temos no paiz.

#### Extractos de um livro de obitos e enterros

Os confrades tinham direito ao enterro feito pela Irmandade; outras pessoas deixando esmolas ou legados á Santa Casa eram tambem acompanhadas solemnemente. Por isto nos obituarios das Misericordias se podem achar datas de fallecimentos, nomes de familia, e circumstancias ou qualificativos interessantes á biographia, ou mesmo á cultura, e a usos e costumes.

Vou escolher alguns exemplos.

Em dezembro de 1547. Diogo de Sequeira, livreiro. Manuel Vaz, cirurgião do infante (o cardeal infante D. Henrique, arcebispo d'Evora).

Agosto, 1548. Nicola franceze (sic).

Janeiro, 1549. Pero Fernandes, ourives do cardeal. André Mendes, almoxarife das obras de N. S.<sup>a</sup> da Graça. Um escravo do Acenheiro (o chronista).

Junho, 1549, aos 2 dias enterrou a Misericordia a ossada de Mateus d'Aranda que veio de Coimbra. Era o infeliz mestre de musica da Universidade.

Em 21 do mesmo mez, dia do Corpo de Deus, enterrou-se Diogo da Silveira, provedor da Santa Casa.

Em novembro do mesmo anno. Diogo do Valle, homem de virtude. Um escravo do cardeal que mataram. A mulher que matou seu marido nas casas do conde de Vimioso.

11 de dezembro de 1549. D. Francisco de Portugal, primeiro conde do Vimioso.

Pouco depois, Maria Fernandes, morta por um escravo a S. Vicente.

24 de maio de 1550. Uma irmã de Christovão Falcão (Crisfal).

Em dezembro de 1552, Marta Gonçalves, mãe de Diogo d'Azambuja (muitos documentos dos Azambujas existem no archivo).

Maio, 1553, Duarte de Camões, morador á Porta de Moura.

Dezembro, 1554, Jorge de Mello da Silva, marido de D. Izabel de Mendonça.

Novembro, 1573. Balthasar Gines, livreiro; e um escravo de André de Burgos.

Em dezembro, Francisco Fernandes, carcereiro da inquisição.

Abril, 1574, menciona-se Antão Buitaca

Maio, 1574, um escravo de Francisco Ignacio, pintor. A mulher de Estevam de Guoante (Gand?)

Em outubro, uma filha de André Parvi. Esta familia Parvi teve diversos representantes em Evora; eram — Le Petit — de origem franceza (Petit-Parvus). Nicoláo Clenardo, nas suas notabilissimas cartas datadas de Evora (1534-1537) refere-se a D. João Petit, erudito humanista.

Em maio de 1575, menciona-se o escrivão da cosinha do cardeal. Pouco depois, Lucrecia, escrava do conde de Vimioso. Em setembro, o pintor Antonio Nogueira.

Março de 1576. Toribio de Gamoz, livreiro.

Agosto. Maria de La Penha, castelhana; da familia, provavelmente, do La Penha, celebre feiti-ceiro.

Outubro, 1576. André Gonçalves, cosinheiro mór do cardeal.

Novembro, do mesmo anno; o rey de Cogulos (sic) Duarte Garcia. Uma alcunha, sem duvida: Cogulos é o bairro do N. E. da cidade. E' denomi-nação muito antiga; como a de Farroubo, do bairro SO.

Em 29 de novembro de 1576 enterrou-se o sr. Dom Duarte.

Em dezembro seguinte, uma filha de Gil Vicen-te, de Benafilé.

Em fevereiro de 1577. Joanne Mendes de Vas-concellos, senhor das Vidigueiras.

Em maio, Durão francez.

Por differentes vezes, n'esta epoca, apparecem pessoas do nome Contreiras. Na cidade ha uma travessa com este nome.

Novembro, 1578. Genevra de Tavora, na rua da Lagoa. Estevam Gonçalves, pintor, homem po-bre. Brites Fernandes que vende as pescadas abai-xo do Chão das covas.

6 março 1579. Joanna do Salvador, freira.

23 maio 1570. Maria Nunes das casas de mes-tre Resende.

Junho, 1579. Enterrou-se André de Burgos im-primidor.

Julho. João Vaz, na rua do Tinhoso, defronte de Antão Buitaca.

Dezembro. Um pobre pastor que morreu na praça desamparado.

Julho, 1580. Francisco de Campos, Jorge Diniz, pintores. Fr. Jeronymo, frade dos descalços, que confessava pela cidade. Manuel Fernandes, pintor.

1581, fevereiro; enterrou-se Antão Butaqa (sic).

Aqui ficam duas variantes do nome Boutaca, o do famoso architecto do mosteiro dos Jeronymos, de Belem, de quem provavelmente a familia Boutaca, d'Evora, era proxima descendente.

### A instituição e os seus primeiros incrementos

O desenvolvimento das Misericordias no seu primeiro seculo, o desabrochar rapido d'estas instituições de caridade, não completamente officiaes, nem completamente religiosas, note-se bem, foi prodigioso. Tem de religiosa ou melhor de catholica, o tom, o apparatus, o aspecto, a gravidade; tem de official a inspecção, a acção directa da autoridade superior, como entidade fiscal, protectora, mantenedora dos privilegios e garantias; nunca fazendo parte da *meza*, da entidade governadora e administrativa. Na confraria, no seu começo admittem se todos, fidalgos, ecclesiasticos, burguezes, plebeus, damas, freiras, mulheres vulgares; mais tarde limitam-se a admittir homens, e como na confraria entra nobreza e povo meudo, assim na *meza* ao lado do letrado, do burguez rico, do padre, do mercador se assenta e falla o irmão plebeu, o operario. Na cadeira de provedor está o prelado ou o fidalgo, o conde de Vimioso, o conde de Basto, D. Simão da Gama. . . . Em 1613 o Marquez de Ferreira era mezario da Misericordia.

Mas fallando dos principios da instituição devemos notar a maneira como no seculo 16, no seculo da renascença, da expansão colonial, das glorias, do poder e das catastrophes, aqui em volta da modesta *meza* da Misericordia se harmonisam as classes sociaes, e concorrem para o progresso da confraria, instituição de caridade, mais propriamente de assistencia publica.



A receita era no principio inteiramente eventual. Para compensar o enorme desequilibrio dos meios e dos encargos a authoridade real concedeu privilegios civis aos irmãos, aos mesarios; o papa concedeu privilegios ecclesiasticos.

Só a Misericordia pedia para presos pobres, para entrevados e pobres envergonhados.

Parte das aprehensões de contrabando e de cousas falsas, pannos por exemplo, eram para a Misericordia. Tinha, por privilegio, mealheiros pelas casas da cidade. Recebia esmolas por enterros.

Não tem propriedade mas recebe legados como testamenteira de piedade, e aceita instituições logo nos primeiros annos.

Depois começa, a authoridade fechando os olhos, a receber propriedade. Foi problema de resolução difficil. Muito naturalmente, na epoca, receiaram que a instituição, que tinha seus pontos de contacto, no modo de ser, com as antigas ordens militares-religiosas, pudesse um dia constituir um estado no estado. Aqui na Misericordia d'Evora em 1559 se instou pela licença para possuir bens de raiz que foi concedida, por alvará de 19 de março de 1561. Ora nessa petição refêrem-se aos bens deixados por Francisco Homem Angerino, Vasco da Silveira, Cecilia Falcoa, Izabel da Silveira, Izabel Fuseira, Paio Roiz, Izabel Alvares, Diogo da Silveira, Jeronymo de Mello, D. Joanna de Mello e Diogo Rodrigues.

Em 1568 ordena-se que a fazenda da Casa se arrecade como fazenda real. Um anno antes tomára posse da administração do Hospital do Espirito Santo; 6 abril 1567.

Em 27 de setembro de 1568, Pio 5.<sup>o</sup> dá em Roma um Breve com extraordinarias indulgencias, perdões, privilegios espirituaes, aos irmãos enteradores *humeris aut manibus, ac cruce luminaria, seu intortilia, et inopia ipsius confraternitatis.*

Nesta época formam-se as bases da futura prosperidade da Casa.

No 1.º quartel do século 17 houve no paiz uma lucta curiosa entre a companhia de Jesus e as Misericordias. Em S. Roque de Lisboa os jesuitas instituíram uma confraria piedosa que em breve tinha 800 officiaes que pagavam entrada ou joia; os da companhia ministravam confessores, praticas semanaes; os confrades tinham meza, conselheiros, visitadores e pedidores. Em breve inauguraram outra congregação para gente nobre, damas fidalgas. . . e assim combatiam as Misericordias.

Em Evora a lucta chegou a tomar character grave. Os jesuitas constituiram no Collegio uma irmandade com a invocação de N. S.ª da Assumpção; usurpavam funcções da Misericordia e cercavam as esmolas.

Em 1627 a Santa Casa vence finalmente a demanda.

E' uma feição curiosa da companhia de Jesus em Evora; viveu sempre a chupar a mitra e o cabido, e a brigar com a Camara Municipal e a Misericordia.

Passada esta época difficil a Santa Casa seguiu em regular desenvolvimento, alargando muito a sua benefica esphera d'acção.

#### Propriedades da Santa Casa da Misericordia d'Evora, antes da desamortisação

HERDADES — Abrilonguinhos, Adaval, Albarção, Alamos de baixo e de cima, Almargem, Alvazis, Amorcirinha, Anniello, Annuadiuha, Aroeira de baixo, Azambujeiro, Azinheira (1.ª e 2.ª). Azinheira de Valle do Pereiro, Baioa, Barbosa. Bencafede, Borrasciro, Cabaços, Cachopinhos, Caeira

ou Saltada, Camparrão, Carrapateira, Carvalho, Cheminé, Corte Romeira, Courella da Fornalha, Coval, Diege, Figueira, Fonte de Valle Diogo, Francelheirinha, Freixo do Salto, Freixos, Ganhoteira, Gato-Pedral, Hospital, Lameiras, Lazara, Lazaros, Mercieiras ou Valladas de Patafim, Mouro ou Campo da Palheta, Monte das Pedras, Mouta, Murteiras, Outeiro do Amaro da Vinha, Outeiro do Falle, Pardiellas, Parrachinha, Parreira de S. Braz, Parreira de S. Manços, Pesseninhas, Pombal, Porto de Estremoz, Pouca-farinha, Ribeira de Vide, Rigueira, Taboleiros, Valle de Santarem, Varandas.

A Misericordia tinha dominio util no termo d'E-vora, em 20 ferregeaes, 4 hortas, uma quinta e dois predios urbanos.

Possuia 327 fóros impostos em casas, 26 em courelas, 31 em ferregeaes, 32 em herdades; 34 quinhões e 4 pensões tambem em herdades; 2 fóros em hortas, 2 em lagares, 11 em moinhos, 22 em oliveas, 10 em pomares, 23 em quintas, 5 em quintaes, 3 em cerrados, 6 em terras, 162 em vinhas, e 1 em marinha.

Em 1867 a propriedade foi avaliada

da em.....	225:997#400
Os foros, quinhões, etc. ....	89:224#446
	<hr/>
	315:221#846

Restam poucas herdades, ainda não vendidas por condições especiaes de legados. Quinhões importantes estão vendidos tambem. Essas vendas e os destractos d'alguns capitaes teem produzido perto de 900 contos em inscrições. Muitos fóros teem sido vendidos, na maioria com grande prejuizo da Santa Casa.

Como se falla muito em propriedade, nas modernas fortunas, vou apresentar um exemplo.

A herdade da Ganhoteira andou muito tempo na renda de 200\$000; depois por 270\$000. Em 1872 por 601\$000. Anunciada para venda em abril de 1874, avaliada em 4:920\$000.

Era impossivel acceitar tal avaliação. Reclamou-se. Fez-se nova avaliação. Em julho de 1874 appareceu novo annuncio, avaliada a herdade em 14:600\$000! Foi vendida em praça por 30:400\$000!!

Muitas das herdades vendidas, quasi em massa, em 1868-69, são hoje de primeira ordem pela producção da cortiça. O Estado e os estabelecimentos pios teriam lucrado immenso se a desamortisação se não effectuasse tão arrebatadamente.

O que resta por vender pode dizer-se o rabisco; muitos fóros pouco importantes; e a desamortisação faz-se todavia ainda deploravelmente; fazem-se vendas em 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> forma; com 60, 70, 80 por cento de abatimento sobre as 20 prestações e laudemio. A *praça*, a *hasta publica*, é inutil formalidade porque os pretendentes evitam de se ferir mutuamente. O estado e os estabelecimentos ficam prejudicados.

### Casa e igreja da Misericordia. Utensilios e alfaias; pratas e paramentos

Não conheço a historia da actual casa ou edificio da Misericordia antes do sec. XVI. Ha vestigios ainda de construcção antiga. A escada de caracol que dá communicação da pharmacia para a habitação do pharmaceutico é antiga, e está na linha da muralha romana.

Quando em 1884 se modificou a capella onde hoje está a Senhora da Piedade, que pertenceu ao extincto convento de Santa Catharina de Sena,



encontrou-se embebida na grossa parede uma ogiva tosca.

O infante D. Luiz, duque de Beja, senhor da Covilhan, Moura e Serpa, condestavel d'estes reinos, governador e perpetuo administrador do priorado do Crato da Ordem de S. João de Jerusalem, fez doação ás freiras do Hospital (eram as chamadas — maltezas —, que depois foram para Estremoz) d'esta casa para seu mosteiro, em 5 d'abril de 1530.

Querendo as freiras retirar-se, a Misericordia comprou este predio em 7 de janeiro de 1552, por 350.000 réis, cedendo as *maltezas* metade da quantia. Era então provedor Jorge de Mello da Silva, do conselho d'el-rei.

— Doação no liv. 8.<sup>o</sup> dos testamentos, fol. 11. E a escriptura no liv. 4.<sup>o</sup> das Esc. fol. 234. — N'este documento se declaram as confrontações. . . . na rua que vai da rua da Sellaria pela porta de Gonçalo de Sousa para o poço da Porta de Moura, e da outra parte com rua ou alarcova que vai do terreiro de Alvaro Velho para a porta de Moura; e da banda da praça parte com o dito terreiro de Gonçalo de Sousa, e da banda do dito poço da porta de Moura com casas e quintaes de Christovão Nunes.

Desejamos ser breve, de contrario só estas linhas nos levariam a muitas considerações.

Primeiramente temos a depois chamada rua dos Valdevinos cujo seguimento a norte da Misericordia, se chamou de São Joãosinho (S. Joanninho, e S. Joannico). E agora lembro aquella curiosa pedra dos Valdevinos, dois navegadores separados por uma ancora, que está no pátco dos srs. Monteiros, da rua de Burgos. A capellinha ou nicho de S. Joannico está hoje no Hospital.

A casa de Gonçalo de Sousa, onde hoje está um



hotel, pertenceu ultimamente ao marquez de Monfalim, e agora ao sr. Simões Paquete. Lá está ainda o braço. Tem uma formosa escada e varanda com sua columnata elegante, bom exemplar das construcções á romana, do sec. XVI.

Em Evora ha documentos escriptos em papel e pergaminho, e ainda mais talvez em marmore, granito e solidissima alvenaria.

Alvaro Velho é nome que figura muito em documentos eborenses do tempo de D. Manuel, por exemplo nos que se referem ás obras do grandioso templo de S. Francisco.

As casas de Christovão Nunes. . . talvez as da actual habitação do sr. Soure, com a sua bem antiga e mui graciosa arcada, e ameias, e corucho, e janella de cunhal, que formam um conjuncto raro e pittoresco.

Vou resumir algumas noticias.

Em 1653 fez-se grande obra para melhor accommodação do consistorio e secretaria. A casa do despacho concluiu-se em 1654.

Em agosto de 1693 se diz — o cruzeiro da igreja da Santa Casa ora novamente feito.

Em 1765, Gregorio das Neves, mestre canteiro, fez o portado da igreja, em bello marmore e de elegante estylo, por 2407000 réis.

No anno seguinte o entalhador João da Matta lavrou a tribuna do Santissimo.

Em 1767 fizeram-se obras importantes na botica; terminou-se a renovação de todo o edificio, e em 1768 — 1769 compraram-se cortinados para a sala de despacho, de damasco com suas franjas e galões.

Os quadros da igreja foram avivados em 1787.

Vê-se que n'esta epocha se tratava muito de restauração, e de apparencias. Feitas as obras, compradas as custosas cortinas, tratou-se das sumptuosas pratas. Em 1788 — 1792 compraram-se pratos, gomis, lampadas e navetas.

A grande banquetta de prata (de que resta a cruz) custou 1:790\$000 réis.

Em 1795 compraram ornamentos roxo e preto.

Em 1798 veio a linda cadeira do Provedor, talvez a mais elegante que existe no paiz; custou em Lisboa 124\$640 réis.

Em 1802 comprou-se o candieiro das trevas por 96\$000 réis.

De subito a entrada dos francezes em Portugal, a pesada contribuição de guerra que *limpou* num momento as pratas das egrejas; escaparam poucas; e aqui em Evora, trez mezes depois de paga a contribuição, a tentativa de restauração attrahe a furia franceza que se veio fartar de sangue e roubo. A porta chapeada da casa forte da Misericordia ainda mostra os golpes de coronhas e machados que a forçaram.

De modo que as primeiras economias da gerencia de 1808—1809 foram applicadas ao concerto de portas, janellas, vidraças e do cofre que os francezes haviam destruido.

### Os provedores deste século

Nos ultimos annos do seculo 18 a provedoria foi sempre occupada pelos prelados; ao cardeal da Cunha succedeu o caridoso arcebispo Botelho de Lima. O cardeal da Cunha no desempenho de altos cargos na governança do Estado raro residia em Evora. Botelho de Lima assignalou a sua provedoria por fartos donativos.

D. Fr. Manuel do Cenaculo Villasboas governou a Misericordia sem interrupção de 1802 a 1814.

D. fr. Joaquim de Santa Clara, em 1815.

Carlos Cardoso Moniz Evangelho, em 1816.

Fernando de Mesquita Pimentel, 1817.

Monsenhor João Limpo Pimentel, 1818.

Bispo de Eucarpia, 1819.

D. fr. Patricio da Silva, 1820-24.

Bispo de Bugia, 1825-29.

O Deão José Joaquim de Moura. 1830-33 (falleceu arcebispo de Braga).

Dr. Manuel Joaquim Cardoso Castello Branco, 1834-35.

O chantre Antonio Joaquim da Silva e Sousa, 1836.

Francisco de Paula Cordovil, 1837-38.

O deão Moura, 1839.

D. Manuel Pires Azevedo Loureiro, bispo eleito de Beja e governador do arcebispado d'Evora. 1840.

O deão Moura 1841. Entrou uma commissão presidida pelo conego José Antonio da Matta e Silva, mais tarde arcebispo. Foi eleito provedor, logar que occupou até 1845.

João Barreiros Galvão da Gama, 1846.

O conego D. João da Annunciada, 1847.

Francisco de Paula Cordovil, 1848 a 1851.

José Sebastião de Torres Vaz Freire, 1852-53.

F. P. Cordovil, 1854-56.

J. S. T. V. Freire, 1857.

Dr. A. J. Cunha e Sá, 1858.

Jacintho da Rosa Abrantes d'Oliveira, 1859-60.

Dr. Manuel Joaquim Barradas, conego da sé, 1861.

Balthazar Cavalleiro Lobo Limpo de Vasconcellos, 1862.

J. S. T. V. Freire, 1863-64.

Joaquim Epifanio da Silveira, 1865.

Em 1866 entrou uma commissão presidida por João Pedro Carneiro, depois por João Joaquim de Soure; esteve até 1868.

J. S. T. Vaz Freire, 1869.

J. E. Silveira, 1870.

Antonio Coelho Villas Boas, 1871.

Entrou uma commissão presidida primeiramente pelo conego da sé, dr. Abel Martins Ferreira; em seguida pelo dr. Augusto Filippe Simões.

Em janeiro de 1872 procedeu-se a eleição, ficando provedor Francisco Lopes.

J. E. Silveira entrou novamente para provedor em 1873. Procedeu-se á reforma do Compromisso. Silveira falleceu sendo provedor.

Ficou substituindo-o Joaquim Norberto de Sousa Barreto Ramires.

M. J. Barradas, 1877-1878.

José Sebastião de Torres Vaz Freire, 1879-1881.

A meza foi dissolvida, em julho de 1881. Entrou uma commissão presidida pelo dr. Manuel Joaquim Barradas.

Este sahi sendo substituido por J. N. S. B. Ramires, a quem succedeu, em breve espaço, o P.<sup>o</sup> Francisco Augusto Guerreiro Branco; depois eleito provedor, logar que occupou até pedir, com a meza, a sua exoneração em março de 1886.

Entrou uma commissão presidida pelo visconde da Serra da Tourega, que foi eleito provedor em julho de 1886.

Ao escrever esta relação de nomes recordei-me com saudade de algumas pessoas aqui nomeadas que descançam já sob os cyprestes. . . . de Augusto Filippe Simões, escriptor, erudito, sobretudo honestissimo character. . . . de Joaquim Epiphania da Silveira, esbelta figura viril, de genio brioso e intenções sempre bondosas. . . . de José Sebastião de Torres Vaz Freire, fidalgo de antiga familia alemtejana, e de nobilissimo coração, que tanto gostava de ser provedor da Misericordia, unico logar que se comprazia de exercer por mais harmonico ao seu character. . . . de Joaquim Norberto

de Sousa Barreto Ramires, funcionario modelo, austero e methodico, homem de bem ás direitas com tanto horror á acção menos honesta como á poeira ou ao pingo de lama. . . . . sympathicos, bons amigos que tanto me honraram com a sua confiança, e de que eu conservo bem gratas recordações.









GABRIEL PEREIRA

## ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645. — 14.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora, 1.ª parte. — 15.º Idem, 2.ª parte.

À venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte — fascículos I a IX — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capitulos de Fernão Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Azenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º — 2.ª parte, fascículos X, XI e XII — Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do e-litor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

À venda em Lisboa na livraria Bertrand.

## DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão. Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

---

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

---

## O ARCHIVO DA Santa Casa da Misericordia d'Evora

3.<sup>a</sup> PARTE

INSTITUIÇÕES DIVERSAS. O ASYLO DE INVALIDOS OU «LAZAROS».  
UMA RELAÇÃO DO CRIME DOS FINIS DO SEC. XVI.  
MÓUROS E JUDEUS EM EVORA.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

—  
1888





GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

---

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

---

## O ARCHIVO

DA

## Santa Casa da Misericordia d'Evora

3.<sup>a</sup> PARTE

INSTITUIÇÕES DIVERSAS. O ASYLO DE INVALIDOS OU «LAZAROS».  
UMA RELAÇÃO DO CRIME DOS FINES DO SEC. XVI.  
MOUROS E JUDEUS EM EVORA.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 63

—  
1888

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

1911

1911

1911

1911

1911

# ESTUDOS EBORENSSES

---

## O ARCHIVO DA SANTA CASA DA MISERICORDIA D'EVORA

### 3.<sup>a</sup> PARTE

---

#### Instituições diversas

*Dotes.* São de instituição antiga os dotes a orphans bem comportadas. Chegou a haver 23 dotes de 7 instituições diferentes.

De Ayres Falcão Pereira, 1 de . . . . .	30\$000 réis
» Francisco Jorge Boto, 3 de . . . . .	20\$000 »
» D. Alvaro da Costa, 5 de . . . . .	12\$000 »
» Manuel Ramalho, 6 de . . . . .	12\$000 »
» Luiz Fernandes Cordova, 1 de . . . . .	12\$000 »
» D. Maria de Vilhena, 4 de . . . . .	10\$000 »
» Condessa de Pontevel, 3 de . . . . .	25\$000 »

Hoje figura no orçamento a verba de 355\$000

réis para dotes, e costuma dividir-se em 5 partes iguaes.

E' claro que não se podem hoje dar quantias de 10, 12, 20, ou mesmo 30 mil réis para dote razoavel, sendo a idéa inicial o arranjo de casa, d'lar, a mobilia, os utensilios, e o enxoval da orphan pobre. Quantias taes eram significativas quando o trigo custava a 30 ou 40 réis o alqueire.

D. Alvaro da Costa foi o padroeiro do convento de N. S.<sup>a</sup> do Paraizo, onde jaz na capella-mór em elegante ediculo de estylo renascença.

A condessa de Pontevel era D. Izabel de Mendonça, mulher de Jorge de Mello da Silva, filha de D. Beatriz de Mendonça.

O morgado *Vasco da Silveira*, deixou certos bens para dos seus rendimentos se darem cirios ou velas das Candeias,

Antigamente a palavra *candeia* significava *vela*.

A *candelaria* é o dia de N. S.<sup>a</sup> da Purificação, ou a S.<sup>a</sup> das Candeias, a 2 de fevereiro, que em Evora tem culto popular com feira e festa religiosa. Apparecem as fogaças de fructas, os ramos de laranjas; e a feira de *ceramicas*, louças caseiras, bonecos de barro de Estremoz, etc.

*Fernão da Silveira* doou á Misericordia duas propriedades para do seu rendimento se esmolarem os presos e captivos d'Evora.

D. *Leonor d'Athayde* tem a sua sepultura no cruzeiro da egreja da Santa Casa, com o brazão do seu nobilissimo appellido; falleceu em 20 de março de 1589.

Esta dama era de summa piedade; por vezes, em occasiões difficeis, deu avultadas esmolas á Misericordia, e em seu testamento legou 4.000

cruzados. Uma vez mandou um donativo curioso; — oito pannos de raz, duas guarda-portas tambem de raz de montaria e verduras, e uma alcatifa da India—L.

O arcebispo *D. Joaquim Xavier Botelho de Lima* foi por muito tempo provedor da Misericordia. A mitra tinha então fartas rendas. Alludindo á sua caridade, no retrato que d'elle se conserva na vestiaria da cathedral, o pintor representou no primeiro plano um alentado sacco de peças de ouro, entornando-se sobre o tapete.

Não se deve esquecer que este prelado começou a fazer bibliotheca no paço; reuniu uns 2:000 volumes, apenas, mas em geral todos os livros que apparecem com a sua marca são edições de valor.

Botelho de Lima foi provedor da Misericordia; na sua gerencia houve difficuldades financeiras, que elle vencia pelos seus donativos.

Em 30 de março de 1795, deu 2:880\$000 réis.

Em 10 de fevereiro de 1796, deu 846\$400 rs.

Em 13 de dezembro, mais 3.000 cruzados.

Em 18 de junho de 1797; 2:400\$000 réis.

(Livro do Estrella, fol. 309 v.)

Existem na Bibliotheca alguns papeis particulares d'este prelado; dava muito aos pobres, a clérigos, a conventos, etc. mas o que mais admira é a somma de donativos á rainha; recordo-me de uns presentes de milhares de moedas a D. Maria I.

*Domingos de Medeiros e Pina*, falleceu em 1742. Deixou certa renda para a lampada de N. S.<sup>a</sup> da Piedade que está no pátio da Misericordia, na arcada da pharmacia.

(Liv. 13. Esc. Mz.<sup>a</sup> fol. 429 v.)

*Balthazar Mendes dos Reis*, doação para a Ca-



pella dos Reis dos presos, no canto das casas dos Estãos, em 1594.

E' a capella em frente da cadeia, no angulo cortado do grande predio pertencente ao sr. Mattos. Um capellão da Misericordia ali celebra missa aos domingos e dias sanctificados.

*O P. Manuel Guterres*; instituiu duas porcionistas nos conventos de religiosas d'Evora.

(Liv. 8. Esc. Mz.<sup>a</sup> fol. 528. — Tombo 4.<sup>o</sup> fol. 351.

*José Elias Ramalho*, instituidor dos chamados *lazaros do lavrador*. São pensões mensaes a 3 individuos. Devem ser preferidos os velhos e cegos. Providos por proposta apresentada á *meza* por um medico do hospital, pelo capellão do mesmo estabelecimento, e pelo thesoureiro (hoje fiscal, ou mezarario delegado) tambem do Hospital.

(Acta de 2 de março de 1838.)

*Joanna da Gama*, beata recolhida no convento do Salvador, falleceu em 21 de setembro de 1586.

Procedendo-se a obras na igreja da Misericordia em 1873 encontrou-se a campa que ficou collocada na base da janella do côro. Desta senhora é a instituição das *merceeiras*, ou pensionistas com obrigação religiosa. Por testamento feito em 19 de junho de 1586 ella deixou á Misericordia parte da herdade das Valladas de Patalim, cujo rendimento se divide por trez mulheres de boa conduta e das melhores condições, isto é, de vida honesta, e de boa familia; com obrigação de ouvirem missa por ella testadora na primeira 4.<sup>a</sup> feira de cada mez, na igreja da Santa Casa. Esta herdade foi vendida em junho de 1867 por 5:811\$000 réis. As tres merceeiras recebem aos semestres, cada uma 21\$385 réis.

*Antonio Ferreira da Silva*, falleceu em 12 de janeiro de 1864, tendo feito testamento em 10 de dezembro de 1861, e codicilio em abril de 1863; deixou 4:500,000 réis para se dar uma pensão mensal a Josepha de Jesus, e por morte d'esta reverter para sustento dos lazarus do Hospital.

*Bento Pereira Machado*, falleceu em 21 de junho de 1863. Este notavel bemfeitor deixou 4 herdades: Carvalho, Coval, Annuadinha e Azinheira de Val Pereiro, com obrigação da Santa Casa dar á sua viuva 600,000 réis annuaes, em prestações mensaes de 50,000, pagos no começo dos mezes; por fallecimento da viuva serão as herdades vendidas, o seu producto posto a juros, e estes applicados aos lazarus ou asylados do Hospital.

*D. Monica Arsenia Ludovina de Mira Jonseca*, falleceu em 4 de janeiro de 1864. Em seu testamento de 24 de março de 1860 instituiu a missa na igreja de N. S.<sup>a</sup> dos Remedios (cemiterio), nos domingos e dias sanctificados, pelas 10 horas da manhan.

*Conego Antonio Rozado Bravo*, padroeiro do extincto convento de religiosas de S. José e S.<sup>ta</sup> Thereza, vulgo Convento Novo. Jaz na capella-mór d'essa igreja em magnifico tumulo. Falleceu em outubro de 1733. Deixou certos bens ao convento com encargos, chamando a Misericordia á sua administração e posse na falta de cumprimento. Foram entregues á Santa Casa, por sentença de 16 de março de 1885.

*Francisco José dos Santos*, fallecido em novembro de 1880. Legado importante sobre que houve dilatado litigio obtendo a Misericordia sentença favoravel em 23 de fevereiro de 1885.

(Gazeta da Relação, n.<sup>o</sup> 75. Parecer n.<sup>o</sup> 20:434).

*Antonio da Costa*, falleceu em 19 de janeiro de 1875. Deixou a terça parte de seus bens (1:200.000 réis) para conservação e augmento dos lazarus do Hospital.

*Desiderio Julio Castão Farto*, conego, deixou um legado de 5:760.000 réis.

Outros bemfeitores se teem lembrado modernamente da Santa Casa, como Joaquim Antonio da Costa, José Agostinho Segurado, Manuel Gabriel Lopes, José Maria Diniz Perdigão, etc.

*Infanta D. Maria*, filha d'el-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor; é a fundadora do mosteiro de Santa Helena do Monte Calvario, tão celebre, tão sympathico, na sua humilde pobreza, na tradição eborense. A infanta deixou á Misericordia um padrão de juros para que se dêsse semanalmente ás religiosas uma pensão de 4.000 réis. Esta infanta, celebre na historia portugueza pela sua influencia cultista e piedosa viveu sempre em questões por causa da sua grande e complexa fortuna; affirmase até que a não deixaram casar para lhe não pagar o dote.

O que é mais notavel é terem as questões sobrevivido á sua morte. Só em 1632 se decidiu a respeito d'este padrão de juros. Em bom direito a Misericordia não é obrigada á pensão; mas de ha muito dá 12.000 réis mensaes ás religiosas do Calvario que vivem de esmolos e teem sempre conservado na cidade a sympathia de todos, e a reputação de austeras virtudes, de rigorosa observancia da sua apertada disciplina monastica.

Estou a lembrar-me agora da minha visita ao Calvario. A minha ante-impressão era de que iria encontrar ali umas senhoras mysticas, de voz la-

murienta. de gestos estudados, falsos. . . Encontrei tres religiosas de grande simplicidade de fallas, de gestos francos e cortezes, bem na posse dos seus espiritos, sem vislumbre de hypocrisia. sympathicas, respeitaveis no seu humilde vestuario cinzento escuro, e no grande veu negro que lhes escondia as cabeças e rostos.

Depois, recebendo-nos na clara, acieada, modesta sala conventual, d'uma nitidez unica, aquellas senhoras, levantados os véus a pedido do digno prelado que nos acompanhava, causaram-nos uma surpresa singularissima.

Imagine-se um estrado forrado d'esteira; um escabello simples onde se assentou a abbadessa, no degráo do estrado, ao lado da abbadessa, as outras duas religiosas.

Nas feições, no tom, na voz, nas maneiras uma grande suavidade; physionomias brancas, mimosas de senhoras de idade abrigadas em convento; mas especialmente um *quid*, indizivel de fineza, de alta educação, de cortezia rara. Pareceu-me que estava fallando com algumas princezas que por um prodigio se houvessem desligado de telas antigas, e lembrei-me da descripção que o cardeal Alexandrino fez da visita de cerimonia á infanta D. Maria, á fundadora do Calvario, e ficou no meu espirito gravada a ideia de que n'este humilde mosteiro se fixou a maneira, a cortezia, a educação principesca mas de extrema affabilidade, que naturalmente se usava no extraordinario salão da infanta D. Maria.

### Os lazarus ou azilados do Hospital

Por alvará do Cardeal Infante, D. Henrique, passado em Lisboa, a 8 d'outubro de 1567, entrou



a Misericórdia d'Evora a administrar a casa de S. Lazaro.

Poucos leprosos havia já, e da renda ficava boa parte disponível que se applicava ora á sustentação dos engeitados, ora a obras de utilidade publica; por isto, durante muitos annos, andou esta administração oscillante entre a Camara e a Misericórdia, juntamente com certa renda especial do municipio a que chamavam a *renda da Cego-nha*.

Em 1601 foi a gafaria aproveitada para casa de saude durante algum tempo, e ainda em 1647 serviu de hospital militar; é d'este anno o ultimo auto de posse, tomada pela Misericórdia, da velha gafaria e da sua horta. Parece que em 1663 foram estas construcções arrasadas pelos defensores ou pelos sitiantes da cidade, ou talvez por motivo da construcção do baluarte do buraco do Raymundo onde hoje está a formosissima matta do nosso passeio publico.

Desapareceu o edificio, muito antes cessara felizmente a causa da instituição; hoje, em Evora, ninguem liga ao nome *lazaro* a idéa de leproso, sim a de invalido que a Misericórdia acolhe no asylo annexo ao Hospital do Espirito Santo.

Actualmente são 47 os asylados de ambos os sexos; d'estes são 20 da instituição da Santa Casa; e 27 são filhos da caridade moderna, de nossos dias por assim dizer!

D. Marianna Joaquina d'Azevedo e Moura que falleceu em 16 de fevereiro de 1847, sendo o seu testamento datado de 1846, criou 6 logares; antes porém tinha esta insigne bemfeitora celebrado um contracto com a Misericórdia (15 novembro 1843) tomando por base da sua generosa instituição a quantia diaria de 200 réis por lazaro ou asylado.

No livro especial d'estes lazarus alguém, natu-



valmente commovido, escreveu = Vedes? pois fizei! =

José Joaquim de Moura esposo d'esta illustre bemfeitora, instituiu tambem 6 asylados (testamento de 26 de setembro de 1832, codicilio de 1 de setembro de 1841). Entraram os primeiros lazarus em agosto de 1847. Que esplendido monumento ergueram estes esposos!

Pois ainda temos outra instituição equal, a de D. Anna Jacintha do Carmo Mendes Pinto.

Esta piedosa senhora criou um lugar de lazaro pela doação de 23 de março de 1858, ampliada a 6 logares em seu testamento de 1860.

Manoel Joaquim da Costa instituiu um lugar por testamento de 27 de novembro de 1848.

D. Monica Arsenia Ludovina de Mira Fonseca outro em test. de 24 de março de 1860.

José Joaquim Ramos (1877) e João Antonio Camões (1873) cada um o seu.

D. Maria Innocencia de Mattos Carneiro 2 logares na sua generosa doação de 27 de junho de 1874, e outro pelo seu testamento.

As sr.<sup>as</sup> D. Maria Amalia Bulhões Guerreiro e D. Angelica Aureliana de Bulhões Guerreiro um lugar por doação de 25 de janeiro de 1880.

Joaquim de Sant'Anna Machado Figueiras. pharmaceutico estabelecido em Lisboa, onde falleceu no dia 20 de junho de 1886, tambem em seu testamento, datado de 9 de abril de 1884, deixou á Misericordia d'Evora o capital de 1:200.000 réis para creação de um lugar de lazaro.

Onde as palavras de bastante louvor para estas sympathicas instituições que amparam o invalido dando-lhe abrigo, descanso, alimento?! que maior. que mais intimo e santo jubilo que praticar taes acções em vida? e que mais gloriosa lembrança se poderá deixar no mundo? que outro desejo mais

santo que o de perpetuar assim o proprio nome ligando-o a uma eterna acção de caridade?

### O rol dos presos pobres em 1595

(ELEMENTO DE ESTATISTICA CRIMINAL.)

Talvez a muitos pareça inutil, insignificante, a transcripção na integra d'este rol de presos: não o julgo assim; é documento pouco vulgar; não conheço outro d'esta epoca ou mais antigo onde a qualidade dos crimes esteja declarada. É elemento valioso para o estudo da sociedade.

Este, como outros documentos que ahi ficam impressos n'esta noticia do archivo da Misericordia, mostram claramente que em taes archivos, até hoje ignorados de historiadores e estudiosos, se encontra grande numero de informações ou elementos que debaldé se procurarão n'outras collecções de documentos.

Rol dos presos que a Misericordia livrou este anno que começou dia de N. S.<sup>a</sup> da Visitação de 1595 até 1596 sendo mordomos das cadeas Martin Rodrigues Matoso e Domingos Fernandes.

- 1 Fernão Gomes, por vadio e jogador.
- 2 Antonio Jorge, cardador, pelo soldo que devia a el-rei.
- 3 Alonso de Figueiredo, castelhano, por se dizer ser Simão Ferreira, d'Arraiollos.
- 4 André Pires. por um ferimento.
- 5 Francisco Varella, id.
- 6 Sebastião Dias, tosador, por dividás.
- 7 Aleixo Paes. mulato, por ladrão.
- 8 Margarida Dias, por ladra.
- 9 Izabel França, por adulterio.

- 10 Agostinho Fernandes, por ladrão.
- 11 Valerio, mulato, por furto.
- 12 Manços Luiz, por furtar roupa.
- 13 Paschoal Pires, por furtar porcos.
- 14 Affonso Alvares, do Santo Officio.
- 15 Margarida Gonçalves, por morte.
- 16 Diogo Dias, por umas dividas.
- 17 Magdalena Pires, por ferimento.
- 18 Luiz Esteves, por furtar o macho do arcebispo.
- 19 Nicolao, por furtar fato.
- 20 Francisco Fernandes, cigano, por ladrão.
- 21 Sebastião, cigano. id.
- 22 Pero Fernandes Ginete, por ferimento.
- 23 Antonio Luiz, por dividas.
- 24 Martim Gonçalves, por um farragoulo.
- 25 Pero Gonçalves, carvoeiro, por morte de homem.
- 26 Francisco Pires, carvoeiro, id.
- 27 Constança Fernandes Barbosa, pelo furto do Aguilar.
- 28 Fernão d'Ayres, por uma egoa.
- 29 João Ferreira, por ferimento.
- 30 Braz Lopes, por dividas.
- 31 João de Castro, por furtar um porco.
- 32 João, moço, por umas gallinhas.
- 33 Agostinho Vieira, por dividas.
- 34 Marta Gil, por morte.
- 35 Paulo Fernandes, por furtar uns bois.
- 36 e 37 Duas filhas de Gaspar Pires por resistencias (sic).
- 38 André Freire, padeceo por justiça aos 5 de dezembro de 1595 em alçada com que veio Gaspar Fernandes de Ferreira; por ladrão famoso.
- 39 Um filho de Gonçalo Estevens por uns carneiros.
- 40 Matheus Nunes, por morte.

- 41 João Vaz, cardador, por ladrão.  
 42 Christovam Peres, roubou egrejas.  
 43 João Moreno, por ladrão.  
 44 Santiago de Cirão, cigano, id.  
 45 Pero Fernandes de Lisboa, id.  
 46 Antonio Gonçalves, roubar egrejas.  
 47 Antonio da Brotea, id.  
 48 Paulo Fernandes, ladrão.  
 49 Antonia de Serpa, ferimento.  
 50 Gaspar da Chan, id.  
 51 Pero Homem da Costa, morte.  
 52 Fructuoso da Costa, idem.  
 53 Belchior Rodrigues, por quatro bois.  
 54 Manuel Fernandes, por bois.  
 55 Antonio Fernandes Machado, furto.  
 56 Pero Lopes, oleiro, ferimento.  
 57 Antonio Simões, resistencias.  
 58 Silvestre Fernandes, resistencias e morte.  
 59 Bastião Roiz de Paiva, por um cavallo.  
 60 Francisco d'Aguilar, castelhano, padeceu por  
 justiça aos 29 de dezembro de 95, na alçada de  
 Gaspar Fernandes Ferreira, por ter roubado egre-  
 jas.  
 61 Diogo Lopes, por *furtar* carneiros.  
 62 Manuel Dias, por umas forças.  
 63 Lourenço, pelo pecado infando.  
 64 Francisco Fernandes, pisioeiro, por um ca-  
 vallo.  
 65 Lucas Falagre, por ladrão.  
 66 Domingos Gonçalves, id.  
 67 Antonio Fernandes, id.  
 68 Francisco Lopes, id.  
 69 João Fernandes, carvoeiro, por morte.  
 70 Diogo Roiz, o bello, por dous asnos.  
 71 Francisco Lourenço, por morte.  
 72 Pedro Fernandes, do meirinho, id.

- 73 Agostinho Fernandes, furtar gallinhas em S. Bento.
- 74 André Dias, furto de carneiros.
- 75 Antonio Fernandes, furto de uvas.
- 76 Domingos Fernandes, pastor, por umas ovelhas.
- 77 Antonio Dias, por uns porcos.
- 78 Domingos. . . por fato.
- 79 Catharina, cigana, por um asno.
- 80 Francisco Velho, por ferimento
- 81 Simão Figueiras, id.
- 82 Garcia d'Oliveira, id.
- 83 Pero Nunes, ferimento,
- 84 Paulo de Macedo, por bois.
- 85 Miguel Antunes
- 86 Domingos Barbosa
- 87 Jeronymo Luiz, por pesos falsos.
- 88 Manuel Gomes Galvão.
- 89 João Fernandes, por morte.
- 90 Antonio Fernandes, sacador dos roes dos rendeiros.
- 91 Ighes Gomes, de Monsaraz.
- 92 Antonio Gomes, de Monsaraz.
- 93 Duarte, patife da praça (ou mariolla, moço de fretes ou recados), por ferimento.
- 94 Helena Fernandes de Lavra, por morte de seu marido,
- 95 Gonçalo Fernandes, cigano, furtos.
- 96 Manuel Velho.
- 97 Antonio Dias, por furtar gallinhas.
- 98 Francisco, moço, id.
- 99 Pero Fernandes, por morte.
- 100 João Fernandes, id.
- 101 Alonso Martins, castelhano, por adulterio.
- 102 Pero Fernandes de Machede, por morte.
- 103 Lopo Fernandes, por furto de solas.
- 104 Fernão Gomes, por ferimento,



- 105 Pero Fernandes. pastor. furto de gallinhas.  
 106 Sebastião. cigano, ladrão.  
 107 Pedro, negro. id.  
 108 Gregorio Lopes. id.  
 109 Antonio Fernandes, id.  
 110 Pero Martins, por um carneiro.  
 111 Um negro. forro. por bebedo.
- .....
- 113 e 114. 2 patifes da praça. por furto de favas  
 115 Simão. patife. por ferimento.  
 116 Maria Dias. galega. por vadiar.  
 117 Izabel Fernandes. id.  
 118 João Barbosa, ladrão.

E' preciso notar que em 1595 a população ebo-  
 rense devia ser igual ou pouco superior á actual.  
 A ausencia da côrte, e as terriveis e repetidas in-  
 vasões da peste no findar do sec. 15 e por todo o  
 16 tinham enfraquecido a povoação. Por conse-  
 quencia este rol de 118 criminosos, pobres, soccor-  
 ridos pela Santa Casa. significa um grande mal-  
 estar social. Estão ahí 15 ferimentos, 16 presos  
 por assassinatos, 4 roubos de egrejas. Alguns não  
 teem indicação de crime.

Podemos interpretar que não tinham crime de-  
 finido.

Muitos documentos provam as prepotencias da  
 authoridade, a immoralidade da justiça n'esses  
 tempos antigos. Havia pouca segurança na cidade  
 e nos campos. Appareciam frequentemente cada-  
 veres nas ruas cuja identidade era inverificavel.

E repare-se tambem que n'esta relação só figu-  
 ram os presos pobres que a Misericordia tomava  
 á sua tutela; faltam os que tinham meios de pa-  
 gar.

E havia ainda o *aljube*. E lá estava o Santo Of-  
 ficio em plena actividade. com os seus carcerees e

covas, potros e polés, punindo os crimes de judaismo, de bigamia, de pecados nefandos, os sacrilegios, os feitiços e bruxedos, os falsos milagres.

Fazendo todos os descontos possiveis pode calcular-se, me parece, a quantidade do crime no quadruplo do que hoje é.

### Judeus e mouros. Elementos para a historia do povo eborense nos sec. XIV e XV

Nos --- Documentos historicos da cidade d'Evo-  
ra — publiquei extensos e minuciosos extractos dos  
pergaminhos das antigas albergarias, e do livro do  
Acenheiro, pertencentes ao archivo da Misericor-  
dia. Esses documentos fornecem numerosos dados  
para o estudo do povo eborense, especialmente no  
tempo decorrido de João I a Affonso V. Combina-  
dos os elementos fornecidos pelo archivo da Mise-  
ricordia, ás curiosas posturas municipaes, ao regi-  
mento da cidade feito por Joanne Mendes, e a outros  
dados que nos fornece o archivo municipal temos  
a vida popular e a cidadan nos seus traços princi-  
pales, no findar do sec. XIV.

Os pergaminhos das antigas albergarias dão-nos  
nomes pessoaes e locaes, officios, condições e na-  
tureza de propriedade, particularidades indivi-  
duaes, organização social, e documentos historicos  
que debalde se procurariam n'outra parte.

Ao percorrer esses documentos, com um grão-  
sito de imaginação; desfilam ante nós mercadores  
e mesteiraes, cavalleiros e homens d'armas, bés-  
teiros do conto, clérigos, frades, officiaes de justiça.

Alem dos officios hoje mais triviaes havia na  
cidade serigueiros, espadeiros, barbeiros de espa-  
das e alfagemes, pantufeiros e chapineiros, lavran-  
tes de ouro e prata, douradores, entalhadores, gi-  
beteiros e malagueiros.

Na turba enxameam judeus e mouros; estes na maioria cultivadores de hortas, ferregeaes e vinhas; alguns sapateiros, ferreiros, oleiros; os judeus negociantes, mercadores, curandeiros e astrologos, rabis; bastantes com officios, feltreiros, tecelões, esmaltadores, alfaiates, gibeteiros, espicieiros.

Os documentos, na sua sinceridade, até nos conservaram certos pontos comicos; alguns d'esses mestiraes mercadores, ou officiaes tinham alcunhas expressivas, tão conhecidos alguns que figuravam em doc. publicos isolados do nome, Vasco Affonso bem na busca, Ruy Pires brita-barras, a moura Moreyma da guedelha, Rodrigo Annes espadarrão, Fernão d'Ennes papa-natas, João Martins cabeça d'asno, Salomão busca-vida, e o beicudo, o mata-mouros, o piquinimates, o ceivacedo, barbancho, o sobraboa, o ganhobom.

Mouros e judeus occupavam bairros especiaes, geralmente, e tinham suas communas organisadas, com seus alcaides, ou arrabis, mesquita, ou esnoga (synagoga), com seus talhos e albergarias.

Um documento municipal mostra-nos que ainda em tempo de D. João I, na mesquita da mouraria, o *almuadden* fazia a invocação exterior.

Mas são os muitos pergaminhos do archivo da Misericórdia que nos conservam lembranças das communas mouriscas e judaicas.

A este elemento mourisco é preciso dar attenção quando se trata de *costumes* ou de *cultura*, porque em todo o sul de Portugal teve influencia profunda; no termo d'Evora abundam os nomes mouriscos, as ribeiras Xarrama, Degebe; Almansor, os sitios de Machede, Manizola, Bencafede, Benafilé-Bénsafrim, etc.

Quando no resto do paiz, na época manuelina, o gothico e a renascença se casavam produzindo maravilhas de architectura, em Evora triumphava

va a janella mourisca, a grade de tijolo, imprimindo character especial aos edificios.

Em 1408 tiveram de ampliar a judaria, as casas estavam carrissimas, leis rigorosas prohibiram que os judeus morassem fóra da sua communa; já muitos, affirma um documento, tinham emigrado para Hespanha.

A judearia ficou então comprehendendo algumas das ruas e travessas entre a rua de Alconchel e a rua Direita de Villa Nova, mais tarde rua Nova dos Mercadores, e do sec. xvi até hoje só — Mercadores —, por ter a primitiva passado a chamar-se rua do Paço,

Percorrendo os doc. parece que a colonia hebraica seria mais importante que a mourisca, mais numerosa mesmo; é preciso considerar que muitos mouros habitavam os campos; e os judeos apenas o seu bairro da cidade; e pela sua indole de raça o hebraico conservava-se isolado no povo, quando o mourisco ferreiro, sapateiro, cortidor, oleiro, hortelão ou vinhateiro vivia perfeitamente misturado com as camadas populares.









GABRIEL PEREIRA

## ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645. — 14.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora, 1.ª parte. — 15.º Idem, 2.ª parte. — 16.º Idem, 3.ª parte.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte — fasciculos I a IX — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capítulos de Fernão Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º — 2.ª parte, fasciculos X, XI e XII — Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

## DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio.

Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella.

Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.

GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSES

HISTÓRIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## EVORA E O ULTRAMAR

LALTHAZAR JORGE EM BIL. O TESTAMENTO E O INVENTARIO.  
OS NEGÓCIOS, AS ARMAS E OS LIVROS.  
OS PAPEIS DE MARCO ANTONIO PESSANHA OU FREI MARCOS DE S. ANTONIO.  
GUERREIRO E FRADE. EBORENSES EM ORMUZ.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1888



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSSES

---

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

---

## EVORA E O ULTRAMAR

BALTHAZAR JORGE EM DIU. O TESTAMENTO E O INVENTARIO.

OS NEGOCIOS, AS ARMAS E OS LIVROS.

OS PAPEIS DE MARCO ANTONIO PESSANHA OU FREI MARCOS DE S. ANTONIO.

GUERREIRO E FRADE. EBORENSSES EM ORMUZ.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

—  
1888





## ESTUDOS EBORENSSES

---

### Evora e o Ultramar

---

Balthazar Jorge de Valdez

Enlevados pela grandeza das façanhas portuguezas nos seculos xv e xvi, contaram-nos chronistas e poetas esses prodigios de audacia e perseverança, mas esqueceram dizer-nos a parte humana dos heroes; aprazem-se na descripção minuciosa das conquistas, das pelejas, das pompas triumphaes, na contagem dos despojos, e bem pouco nos referem do viver, do meio, d'esses homens de rija tempera, cuja memoria cercará sempre em luminoso nimbo o nome portuguez.

Agora, como em reacção, procuram alguns estudiosos resolver o problema, despir o heroe do seu manto de gloria, mas forçando de mais a intenção e talvez por influencia do gosto da epocha que deseja o contraste, relevam o lado mais feio, os pon-

tos que parecem fracos e escuros, e frequentemente mostram-nos, presumindo realidade, o heroe convertido em repugnante criminoso.

Uns negam as manchas do sol, pretendem outros que essas manchas bastem a empañar-lhe o intenso brilho. Insta ter sempre em vista que o espirito humano não estaciona, progride em mysteriosa lei, em curvas mui complexas; o seculo xvi não é o seculo xix; mesmo no seculo xvi, e só neste cantinho europeu, soffreu singulares alterações a corrente mental; agora ainda entre povos cultos, vivendo lado a lado, differe muito o espirito publico. Este toléra espectaculos que outro acha repellentes.

Que facto mais inesperado e mais para fazer pensar do que esse que nos deram ha pouco ainda nações europeas, possuidoras de centros da maior cultura, onde quasi no mesmo dia turbas populares brigam por novas idéas ainda mal definidas, e outras massas apedrejam e arrastam judeos, como em plena idade media!

Que admira que no seculo xvi certos capitães e homens de guerra, na adusta Africa ou nas margens dos golfões asiaticos, combatendo raças diversas na côr, no idioma, nas crenças, fossem por vezes crueis e pouco escrupulosos, usando manhas e traças d'aquellas que a justiça mais trivial sempre condemnou, se estamos vendo povos que blasonam de mui cultos e avançados a empregar meios analogos!

Eram homens, tinham defeitos e manchas, mas sobram-lhes as esforçadas acções para encher as lacunas, e brilho que a custo deixa perceber os pontos negros.

Em culpa grave se podem achar os chronistas, ou de carencia de informação ou de propositada má fé, pois frequentemente pelos documentos que jazem nos archivos vemos que elles ou

ignoraram ou occultaram factos de primeira ordem, e esquecem de mencionar nomes illustres. Era impossivel a imparcialidade no chronista funcionario publico ou palaciano escrevendo na dependencia de superiores pouco escrupulosos; e frequentemente se encontraria na impossibilidade de obter documentos e noticias de sucessos passados em regiões longinquas.

E, naturalmente, occultavam-se os desastres, os dias de lucto; os longos trabalhos, os sacrificios innumeraveis.

Ao ver agora as difficuldades com que luctam nações poderosas, dispondo de armadas e exercitos, de instrumentos de morte de rara perfeição, de maravilhosas machinas, do vapor e da electricidade, e que todavia páram ante obstaculos e recuam nesse batalhar contra a barbarie; ao ver os italianos derrotados na Abyssinia, os inglezes a soffrirem revêzes na Africa e na Asia, os francezes dando de frente com difficuldades enormes no Tonkin, pasma-se da audacia portugueza, desses prodigios alcançados nas suas frageis caravellas, nas toscas e pesadas náos, nas fustas, gallés e galeças, armados de berços e falcões, de panellas de polvora e bombardas de mão, *às toas*, pelas costas africanas, pelos mares asiaticos.

Tiveram manchas como homens; fizeram prodigios incomparaveis.

Aqui temos nós um eborense cujo nome não apparece nas chronicas mais conhecidas, Balthasar Jorge de Valdez. Ha documentos relativos a este homem que nos mostram a sua vida, o seu *meio*, e até o seu estado mental, a sua illustração: era guerreiro, negociante, funcionario publico e lia nas horas vagas Petrarca, Erasmo, Valerio Maximo, e as boas chronicas do Cid, e do Santo Condestavel.

Esses documentos vão mostrar-nos não o capitão que incendiou palmares e rompeu tranqueiras e matou e captivou mouros, mas o *homem*, o seu viver.

Não se trata de um capitão de primeira ordem, de um grande nome; Balthazar Jorge era simples cavalleiro da casa d'el-rei e falleceu juiz da alfandega de Diu.

Desgostos de familia levaram-no a sahir de Evora e do reino; foi para alem-mar, era a corrente da epocha; navegou, guerreou, fez negocios de noz, pimenta e canella; voltou a Evora onde se demorou algum tempo. De novo o assaltam desgostos de familia, cil-o que parte outra vez para a India, nomeado capitão da nau Grifo; chegou á India em 1542.

Gaspar Correia, nas—Lendas da India—, menciona a chegada da *Gryfo*. «Em 20 d'outubro de 1542 chegaram a Goa as naus de Lisboa; a 1.<sup>a</sup> foi a Graça, que era de Vicente Gil. Chegaram depois a Burgaleza onde ia Lopo Ferreira, e a Gryfo, de Balthazar Jorge.

A capitania da não para a torna viagem deu-a o governador a D. Estevão da Gama, e Balthasar foi para juiz da alfandega de Diu; quatro annos depois, em abril de 1546, começa o celebre cerco de Diu, o segundo, estando a praça governada por D. João Mascarenhas.

E' escusado fallar agora dessa maravilhosa de-feza que assombrou a Europa. Em 6 de novembro avista-se a armada de D. João de Castro, e dá-se a grande batalha no dia 11; ahi morreu Baltazar Jorge.

«... e assy foy morto Baltazar Jorge, juiz d'alfandega, de hum só golpe de traçado, que lhe deu hum mouro por cima de hum hombro, com que



lhe cortou huma saya de malha e o braço com toda a espadao, conta Gaspar Correia.

(Lendas da India, tom. iv pag. 561)

Balthazar Jorge tinha bens e negocios; deixou testamento feito em 14 de outubro de 1546. . . . *n'esta fortaleza de Diu, estando cercada da gente d'el-rei de Cambaya com quem o governador tem guerra apregoada, havendo seis mezes e meio que o dito cerco é posto no qual cerco dêz o principio me eu Baltazar Jorge achei. . . .*

Terminado o cerco tudo voltou ao modo normal; fez-se inventario e procedeu-se á venda publica do espolio do fallecido, conforme o testamento. Deixou legitimado um filho natural, e, lembrando-se da patria, legou á Misericordia de Evora a sua terça para que se dividisse em dotes a nove orphans. Este o motivo porque existem no archivo da Misericordia de Evora o testamento, inventario e outros documentos do defensor de Diu (Liv. 19 *das escripturas*, e liv. 3.º de *Vieira*).

Este homem tinha alguns meios; vê-se pelos documentos que levou para a India alguns milhares de pardãos.

Pelo emprego vencia 500 pardãos por anno e os mantimentos, arroz, pardão e meio de azeite para tochas; e o soldo e mantimento de dois piães da alfandega, um que servia de lingua e outro de maynato e comprador; tinha cada um o seu arroz, peixe e lenha, e um pardão por mez.

Elle tinha negocios em Goa, Cochim, Chaul, Bassorá, Aden; negocios por sua conta ou de commissão; no testamento declara varios generos ou fazendas que tinha em seu poder para commercio, de differentes pessoas.

Note-se que os costumes de Diu differem bastante dos de Goa, e é exactamente por isto que os

documentos que ora estudamos teem sua importancia especial; o fallecido conselheiro Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, tão conhecedor de assumptos indianos, a quem tivemos occasião de os mostrar, achou-os muito notaveis. Repare-se tambem que os pesos e medidas eram de extraordinaria variedade; na mesma localidade mudam conforme o genero de que se trata.

Por exemplo *candil* póde ser peso (460 kilos) ou medida de capacidade (280 litros). *Bar* ou *bahar* é um peso variavel; ha *bar da India* e *bar de Banda*. Todos os nomes especiaes que vamos empregar se encontram nos dictionarios.

Declara ter em casa 17 *mãos* grandes de peso em sandalo.

6 *bares* de marfim, e 7 *barcas* de camphora da China que teem 28 *mãos* e 34 *séres*.

22 quintaes e uma arroba de nóz em 17 saccos e meio.

De *calaym*, cobre, 9 quintaes e uma arroba em 15 pães grandes e 2 fechaduras de contrapeso.

De anfião (amphião, opio) em uma jarra martavão, 5 mãos e meia, e 4 séres; e nota que este opio é de Aden.

105 candis de arroz.

Em Cochim tinha 11 mãos de amendoas. Em casa de Francisco Marques, de Cochim, tinha um roupão acolchoado, e duas bocetas da China douradas.

Em casa de Diogo de Lisboa, tambem em Cochim, 4 jarras martavão grandes, e duas capoeiras de dois andares.

Declara que tem em casa um mealheiro com alguma esmola dentro, e pede que lh'o mandem a N. S.<sup>a</sup> da Annunciada, de Lisboa, na Carreira dos Cavallos.

Tinha em casa 6 guazés de velludo roxo que pertenciam a Nacocha Feraz.

3 espingardas lavradas, o cabide das lanças e uma adarga forrada de setim azul: 10 rodellas de Cochim, com seus abraçamentos; e outras 24 rodellas que lhe mandára Jorge Cabral.

Declara dever a um certo Bartholomeu Dias 120 *sultany*s (nos dictionarios encontro *sultanim* ou sultanino); hão de pagar-lh'os a 40 perogins — tanto valem agora os pardãos de ouro.

O inventario começou em 22 de novembro; diz no principio, referindo-se ao fallecido «por ser morto na batalha que o senhor governador D. João de Castro deu aos mouros aos dez dias do mesmo mez». Gaspar Correia, como já vimos, marca o dia 11.

Vejamos as verbas do inventario.

Tinha o seu predio de casas, ou melhor uma ruina, depois d'aquelles seis mezes de bombardadas. — Casas na rua direita que vem do terreiro das casas do capitão para a igreja, e partem da banda de cima com casas de Domingos Affonso, provedor dos defunctos, debaixo com travessa que vae para a cava e para a cisterna, por detraz com a mesma cisterna; estão muito damnificadas e derribadas, tem sômente em pé a casa dianteira e a torre, e essas mesmas muito arruinadas —.

Os primeiros moveis inventariados foram os escravos.

1 escravo guzarate, de nove annos, chamado Pedro.

1 escravo jáo, pequeno, chamado Salvador.

Outro guzarate, Jeronymo.

Um jáo, Antonio, alfayate.

E um cafre, Lopo, vindo do reino, de trinta annos.

Tinha outro em Goa, em casa do boticario João Roiz, aprendendo o officio de alfayate.

Segue a relação do recheio da casa. Colheres e garfos de prata. Salseirinhas, 9, a modo de taça e 18 mais pequenas.

Jarras, tachos, caldeirão e barril. Um barril de cobre que servia para agua rosada. Candieiros de cobre e de latão. Machado e manchil. Escova e penteadores. Utensilios de cosinha, de estanho.

Um copo de prata de Portugal, doirado. Castiças de prata. Toalhas de mesa do reino, e toalhas de Maldiva, com lista de seda. 3 bategas de Diu, sendo duas doiradas.

Uma batega fechada grande, com 12 bategas pequenas dentro, aqui da terra.

Um buzio para beber.

Cofre grande de Flandres.

Outro de trataruga e prata.

Outro de madeira e madreperola.

2 rodellas malabares.

Barras de ferro e cadeiras de espaldas e outras rasas.

Vê-se que era uma casa bem posta. Para as horas de folga uma viola na sua caixa, e um tavelheiro de jogar tavolas.

Temos agora as verbas das roupas e vestuario onde os artigos do reino se combinam com os de todo o Oriente.

Cabaya branca, acolchoada, de canequim. Duas colchas, uma de Cachemir. Uma colcha de tefisira de Cambaya forrada de bregantil vermelho. Mogim (não diz *mogi*, nem *mongi*) e loba de chamalote azeitonado. Uma capa frisada. Jaqueta de gran. Calções pretos. 7 barretes pretos, um forrado de velludo, outro de tafetá, outro de meia volta. 4 gibões da terra. Saio de chamalote forrado de panno de Portugal. Calções de tafetá verde; touca de panno com bandas de seda. Botas roxas, borzequins amarells, outros pretos, pantufos de vellu-

do. Cordão de seda preto para cingir. Parece que era um elegante, o nosso eborense.

Para as horas de calma seus abanos da China e de Ormuz.

Havia joias na casa; uma pera d'oiro, anneis de oiro, cadeia com chave de boceta e anel de sinete; contas de aguila finas; 25 perolas e um ranjel; anel de turqueza; ramal de contas de alambres, outro de cristal; 6 ramaes de contas de alaquequa (ou laquega); outras alaqueguas de sinetes.

Algumas dezenas de pardãos em dinheiro portuguez de oiro, sultany, e outras moedas.

Alem das armas referidas no testamento menciona este inventario umas couraças com suas escarcellas e gorjal de malha, postas em velludo azul, sendo o gorjal guarnecido de prata.

3 ferros de chuça dourados aqui em Dia. Uma espada. Corna e corninho, de trataruga, da polvorra e mecha da espingarda.

Tinha suas devoções religiosas, os seus numes protectores, este bom eborense, que a sorte levou tão longe da patria. Já vimos que tinha em casa um mealheiro para esmolas de devoção.

No inventario apparece a pintura do Crucificado, em sua caixa; talvez um triptico; e um retabulo de Nossa Senhora da Annunciada.

Possuia tambem alguns livros; é esta a parte mais curiosa e significativa do inventario. Pelas verbas que ficam descriptas podemos imaginar o homem vivendo bem, folgadamente, com meios sufficientes, os seus escravos, as suas joias, o seu vestuario custoso; não devemos esquecer que estamos em Diu, em meiado do sec. xvi. Perfeitamente harmonica a devoção religiosa nessas vidas dramaticas, de acaso e provação; ao lado do Crucificado e do retabulo piedoso tinham seu lugar Os



*Evangelhos, Flos Sanctorum, o Livro das epistolas de S. Jeronimo, a Vita Christi, o Livro da exposição dos psalmos.*

E junto d'estes estavam outros livros de diversa significação; uma pequenina bibliotheca, nem se podia esperal-a vasta em Diu, em casa d'um cavalleiro empregado em logares de commissão.

Naturalmente conservava apenas os seus livros predilectos, os amigos intimos da sua intelligencia.

Que livros usava então o juiz da alfandega, cavalleiro, negociante, e homem de bem viver; como se alimentava o seu espirito? tinha o *Beatus vir*, e o *Livro da lingua de Erasmo*; o *Valerio Maximo historiador*, o celebre livro que tanta influencia teve; as *epistolas de Seneca*, e um *livro em que estão juntamente Francisco Petrarca, o Cid Ruy Dias, o conde D. Nuno Alvares Pereira e a Destruição de Rhodes.*

Éra um *culto* evidentemente este Balthazar Jorge, seria difficil na epoca arranjar collecção melhor para as varias exigencias de um espirito civilisado. Lia os *casos* de Valerio Maximo que tanto ornam o espirito e lhe dão alimento para a conversação; enlevava-se na pura poezia de Petrarca; pensava com Erasmo; o seu patriotismo folgava com os feitos do santo condestavel.

É' admiravel a collecção do eborense; não nos surprehende muito todavia; Evora foi um extraordinario centro de cultura na primeira metade do sec. xvi; e talvez Balthazar Jorge tivesse frequentado os Rezendes, o Clenardo, e tantos outros humanistas distinctos; Erasmo era bem conhecido em Evora n'essa época; e os trovadores dos paços reaes, dos Vimiosos, dos Olivenças, sabiam de cór os versos de Petrarca.

Vejam as verbas que se referem a artigos de negocio.

Havia 4 mãos de seda da China. 60 resmas de papel de Bassorá. Paus de sandalo; papeis de almiscar; uma porção de ambar.

Peças de velludo pardo, e de setim azul, de Mecca. Tafetá de Chaul. Negalhos e meadas de linha e retroz. Baetilhas finas, tapadas, e ralas de de Bengala. Opio de Aden. Bejoim, noz, calaym, marfim e arroz em grandes porções.

Termina o inventario com uma relação de papeis e documentos particulares que não offerecem especialidade alguma. Era credor de varios.

Um papel de Pedro Noronha declarando levar para Lisboa um escravo para o licencceado Fernão Mendes, recebendo mil réis pelo frete. Outro de Cid Mamede Tayma, devedor de 36 covados de panno preto de Portugal. Uma carta ácerca do retabulo que Balthazar Jorge mandou para a ermida do Santo Espirito de Moçambique.

São estas as verbas principaes do testamento e inventario do eborense Balthazar Jorge de Valdez juiz da alfandega de Diu, morto ao findar do segundo cerco, no ardor da famosa batalha.

Ao ler estes documentos vimos em Balthazar Jorge um typo d'aquella brilhante epoca: mostram-nos as circumstancias do viver do illustre eborense que ao lado das suas lanças e espingardas tinha os seus livros de meditação religiosa, de historia, de Erasmo e de Petrarca, a *Vita Christi* e a chronica de Nun'Alvares, o santo condestavel.



## Marco Antonio Pessanha

O nome de Marco Antonio Pessanha, depois na religião frei Marcos de Santo Antonio, não figura entre os primeiros da epopéa portugueza.

Não se trata de um grande vulto, de um poderoso viso-rei, ou almirante que merecesse a um chronista larga menção e elogio. Como elle muitos outros *fazendo de capitães e soldados* batalharam na India e soffreram os rijos vendavaes dos golphos asiaticos; como elle alguns, cheios de amarguras, esvaidas as esperanças, largaram as armas, despiram as malhas e as couraças, e procuraram esquecer-se na quietude claustral.

Como Balthazar Jorge se nos afigura um typo interessante da 1.<sup>a</sup> metade do sec. xvi; homem de armas e de negocio, activo e illustrado, morrendo na epica batalha que terminou o 2.<sup>o</sup> cerco de Diu; este nos parece egualmente interessante, conservando-se puro, prompto a ser capitão ou soldado, no cahir do mesmo seculo, no meio da corrupção que invadia rapida a nacionalidade portugueza, e termina em seguida á morte de D. Sebastião, refugiando-se no pequeno mosteiro franciscano de Malaca, para cuja construcção elle mesmo contribue.

Leia-se em Herculano aquelle estudo sobre a de-

cadencia rapida do character, da honestidade portugueza, no sec. xvi, e este guerreiro que dá em frade, empregando parte dos seus meios em ajudar na construcção do mosteiro, largando outra parte a uma irmã e a uma instituição de caridade da sua patria, levanta-se ante nossos olhos como um character superior, convicto no serviço da patria, puro no meio da decadencia e da corrupção, enfastiado depois, descrente, crivado de decepções. e perdendo esperança e dominado pelo desconso-lo, embuçando-se n'um pedaço de burel, e mettendo-se no mosteiro de Bocachina, de cujo eirado se avistam as praias, as escarpas, as agras, onde troára a voz de Albuquerque, e aquelle mar onde elle servira e estivera prestes a succumbir ás frechadas dos mouros. Não quiz voltar a Portugal.

Marco Antonio Pessanha era natural de Evora; pertencia a familia com fóros fidalgos.

Por alvará de 25 de março de 1563 foi nomeado moço da camara, com moradia, do infante D. Luiz.

Em 1564 foi para a India com o capitão Mathias de Albuquerque. Voltou a Portugal em 1575. Pouco depois da chegada acompanhou D. Sebastião na viagem ás costas do Algarve, o prefacio de Alcacer Quibir, com Ayres de Saldanha, capitão mór da costa de Portugal.

Voltou de novo á India, nomeado em fevereiro de 1576 feitor, alcaide-mór, provedor dos defunctos e vedor das obras de Diu; era cargo para 100,000 réis annuaes, alem dos emolumentos por tres annos; mais tarde a feitoria foi-lhe concedida em sua vida.

Porem pouco tempo a desfructou; e tomou o habito no mosteiro de Nossa Senhora da Bocachina, da ordem S. Francisco, em Malaca, adoptando o nome de Marcos de Santo Antonio.



O mosteiro estava em principio, e elle no acto da profissão deu uma somma para as obras e para a cerca, e legou os proventos da feitoria a sua irmã Vera Pessanha, moradora em Evora, e por morte della á Santa Casa da Misericordia da mesma cidade, alem de outro legado á Misericordia de Goa.

E' por este motivo que os papeis originaes do guerreiro e frade se acham hoje no archivo da Misericordia de Evora. Com o testamento vieram papeis particulares que felizmente se conservaram; entre esses papeis vem uma exposição de seus serviços, por occasião de requerer certa mercê, e taes serviços são documentados por certidões authenticas, das quaes algumas são verdadeiras noticias de episodios do cruzeiro portuguez na India, na 2.<sup>a</sup> metade do sec. xvi; narrativas de successos indiaticos feitas pelos chefes e não por chronistas. Vamos transcrever as mais interessantes, e como exemplares curiosos a exposição de serviços, uma carta dirigida ao cardeal-rei, e outra de Antonio Moniz Barreto, dirigida a elle Marco, que bem mostra a consideração em que eram tidos os serviços de guerra deste filho de Evora, que foi morrer no mosteiro de Malaca.

Comecemos pelo memorial que dirigiu a el-rei D. Sebastião.

Por esta relação se vê que genero de serviços, que actividade e extensão de cruzeiro desempenhava então a marinha portugueza nos mares asiaticos.

—Diz Marco Antonio Pessanha vosso moço da camara que ha doze annos continuos que nas partes da India serve a V. Alteza de soldado e capitão como se verá das certidões.

No anno de 1564 se embarcou com Gonçalo

Pereira capitão mór de Malabar pelo visorey D. Antão de Noronha, com o qual andou até 3 de maio de 65, . . . . . no anno de 65 foi ao estreito ná armada de D. Diogo Pereira, capitão mór della por mandado do dito visorei D. Antão, e com D. Nun'Alvares Pereira se recolheo a Goa em 28 d'abril.

. . . . em 1566 se embarcou com Alvaro Paes de Souto Maior capitão mór do Malabar pelo dito visorei, sem soldo, e com elle se tornou a recolher a Gôa em 67. . . . . no mesmo anno se embarcou com João Peixoto capitão mor, e por sua morte succedeu D. Francisco Mascarenhas capitão mór de Malabar pelo dito visorey, e com elle se recolheu a Gôa aos 27 d'abril de 1568.

. . . em 68 se embarcou com Martim Affonso de Miranda capitão mor do Malabar por mandado do dito visorey, e por sua morte succedeu D. Diogo de Menezes com o qual se recolheu a Goa na era de 69 como consta das certidões de D. Diogo. . . e da certidão geral do visorey D. Luiz de Athayde». . . . e logo se tornou a embarcar com o dito D. Diogo de Menezes capitão mór do Malabar por mandado do visorey D. Luiz de Athayde no 1.º de maio de 69, e invernou em Cochim, e de ahi sahiu com elle em agosto, a guardar a costa, e se recolheu a Goa em sua companhia a 7 de maio de 1570.

. . . no anno de 70 se embarcou com D. Diogo de Menezes capitão mor do Malabar por mandado do dito visorei, com o qual se recolheu a Goa aos 15 de feveário de 71.

. . . com o dito D. Diogo de Menezes capitão mor de toda a armada pelo visorei D. Luiz andou na guarda dos rios de Goa como consta da certidão. . . e d'outra certidão de Manoel Dias Picoto o qual succedeu capitão mor pelo ferimento de D. Diogo de Menezes.

... no anno de 71 se embarcou com Mathias d'Albuquerque capitão mor do cabo de Comorim pelo visorei D. Antão de Noronha, sem soldo, com o qual se recolheo a Goa aos 15 d'abril.

... no anno de 72 se embarcou com o dito Mathias d'Albuquerque capitão mor do Malabar, ... e entrou em Goa em 20 de março de 73.

... depois com D. Antonio de Menezes que foi aò Malabar e voltou a Goa em 25 de fevereiro de 1574.

... no anno de 75 chegou a este reino no galeão S. Lourenço, do qual se embarcou em companhia de V. Alteza para o Algarve com Ayres de Saldanha, onde andou até se recolher a esta cidade de Lisboa.

... em todo este tempo que na India servio a V. A. lhe não foi posta verba em seo titulo como consta da certidão de Francisco da Carvalhosa escrivão da matricula geral.

... e assim se verá não dever nada aos almozanos e contos de V. A. .... e não lhe ser feita mercê nenhuma da fazenda...

Pelo que P. a V. A. havendo respeito a estes serviços tão continuos e despezas lhe faça mercê de juiz d'alfandega de Goa, por tres annos, ou de tres viajens de Ceilão, ou capitão mor da costa de Melinde por tres annos porque assim possa melhor servir a V. A. — E R. Mercê.

Estes os serviços militares do eborense que foram recompensados com a feitoria de Diu. Quando entrou na religião dispoz da mercê, que fora pela vida, e a este respeito escreveu uma carta ao cardeal rei.—

— Senhor. Elrei D. Sebastião, que Deus tem, vosso sobrinho, me fez mercê por meus serviços da feitoria de Diu e de acrescentamento a cavalleiro fidalgo, e sendo minha mercê para a India

vim com Mathias d'Albuquerque a servir-o nesta empreza de Malaca e o tornei a servir de novo com muita despeza como pelas certidões e carta do governador se verá, e vendo eu ser-me mais necessario a salvação da alma que todas as outras cousas por mercê de nosso sr. Jhs. Xpo. me meti nesta religião dos capuchos descalços novamente fundada nesta cidade de Malaca, e na profissão fiz testamento e deixo o cargo e os mais serviços á Santa Misericordia de Evora minha patria, e a minha irman Vera Pessanha, o que posso fazer por provisões do dito senhor que na India estão, e testar como proprio como foi mercê feita por serviços, com elles a mereci e com sangue, como se pode ver de todos os papeis que á Santa Misericordia mando. Peço a V. Mag.<sup>e</sup> queira trespassar e conceder á Santa Misericordia nomeada e á dita minha irman o dito cargo da feitoria de Diu, e o mais que merecer pelos novos serviços para descargo de minha consciencia, e com isto a hei para com Deus descarregada e ao provedor e irmãos da Santa Casa e á dita minha irman dou todo meu poder para o requererem a V. M.

Nosso Senhor sua muito alta e poderosa pessoa guarde, vida e estados acrescente por muitos largos annos, amen.

fr. Marcos de S. Antonio.

Aqui temos agora a carta do governador Antonio Moniz Barreto que nos mostra bem a muita consideração que lhe mereciam os serviços do ebo-  
rense illustre.

Magnifico Senhor.

Mathias de Albuquerque me escreveu de como servieis el Rei meu S.<sup>or</sup> com obrigação de soldados e despeza, e que do reino viereis em sua companhia para essa empreza.



Creio de vós pela informação que de vós tenho que nessa, e em toda a outra queprehenderdes, fareis muito por vencer a opinião que de vós se tinha em soldado, que não era pequena, e de tudo que virdes que cumpre avisar-me o fazei por extenso porque pelo que me escreverdes concertando com as lembranças do capitão mor hei de ordenar e prover aquillo que relevar á conservação de essas partes. Nosso S.<sup>o</sup> vossa magnifica pessoa guarde.

De Goa a 23 de 577 (não menciona o mez) (A)  
Antonio Moniz Barreto. — Sobrescripto :

«Ao Mag.<sup>o</sup> Señor. Marco Ant.<sup>o</sup>

Do governador.»

Em 1577 o nosso eborense estava alcaide-mór, e feitor em Diu.

Para os incidentes do cruzeiro indiatico onde Marco Antonio tomou parte, tem especial importancia as certidões, algumas muito extensas e em forma de narrativa, que elle mandou para o archivo da Misericordia da sua patria.

Vamos transcrever algumas, modernizando a orthographia para que o geral dos leitores entenda melhor as curiosas narrativas.

==Certifico eu Gonçalo Pereira que andando por capitão mor da costa do Malabar dos 13 d'outubro de 1564 que sahi de Goa até 3 de maio de 1565 que me recolhi á mesma cidade, tendo todo este tempo muito trabalho dando guarda e segurando o mar o melhor que pude a muitos navios de chatins, defendendo aos inimigos que não levassem mantimentos ao reino de Cananor, tomando-lhe e queimando-lhe alguns paros de bico revolto e paguéis que estavam varados em Tarnate, querendo dar em Cananor por me Dom Payo capitão da dita fortaleza e o goripo jamguada della muito nosso amigo afirmarem que não podia ser por es-



tar forte e cheio de gente em Jerabaleapatão meia legua das casas delrei, e dentro no mesmo rio onde por estar em terra das 7 horas da manhã até ás 4 depois do meio dia não fazendo outra coisa senão cortar-lhe muitas palmeiras e queimando-lhe alguns pagodes, ao recolher apertaram os mouros commigo rijo ferindo e matando alguns homens, e os lancei de mim com lhe matar muitos como depois se soube. E vendo que com as galiotas não podia tomar paros me passei ás fustas a tempo que logo tomei seis em Capocate cinco leguas pelo rio dentro tendo-lhe já corrido pela costa quatro leguas; e no rio quebrando-lhe uma ponte tomei quatro paros, que os tinham passado por baixo de semmasteados, nos quaes tomei um falcão pedreiro, e dois berços de metal alem de outra artilheria de ferro. E correndo a costa até Cochim com novas de uns paros que para lá iam, me pediu o capitão João da Fonseca e o bispo e a cidade que socorresse a Ceilão, entendendo quão perto estava de se perder a costa tão cheia de fidalgos e soldados e artilheria, mandei meu irmão Ruy Vaz Pereira com quatro fustas, e me fui apoz elle com dezoito despedindo no mesmo dia para o mar Manuel de Brito, que fosse guardando a costa e acompanhando muitos navios de chatins que iam para Goa, sendo já perto do cabo de Comorim achei novas certas que o cerco era levantado, e antes de tornar a costa por me Bernardo da Fonseca capitão de Coulam e dous padres da Companhia pedirem que castigasse aquelles logares d'elrei de Travancor, por amigos que eram dos mouros e pelo mal que faziam aos christãos que na sua terra viviam, dei em Coulleche onde lhe matei alguns mouros e cortei muitas palmeiras queimando-lhe algumas casas e mesquitas; ao outro dia desembarquei em Tengapatão, feitoria do Aderajão no mesmo reino,

em que pelos muitos mouros e pela desembarcação ser muito trabalhosa por causa dos grandes mares que ha sempre naquelle porto, foi a desembarcação de perigo e trabalho, fugindo os mouros, matando alguns, foi queimado todo o logar e as mesquitas com alguns pagueis e embarcações que estavam varadas. Em Brimião mandei queimar o logar e as mesquitas com alguns pagueis que estavam em terra, cortando algumas palmeiras, e vim correndo a costa até Cananor onde Alvaro Paez, capitão que então era da fortaleza, me mandou dizer por Diogo Brandão, que lhe parecia tempo para cortar um palmar que estava dentro nas tranqueiras dos mouros, por quão necessario era cortalo por o que depois se determinava fazer; sahi ás dez horas da noite com toda a gente da fortaleza deixando signal ás fustas para que, como fosse em terra, arremettessem á praia alem das casas do Aderejão para a cidade, como que queriam desembarcar, porque acodindo lá os mouros mais á nossa vontade entrassemos as tranqueiras; as quaes entramos o capitão e eu ante manhan com os capitães e soldados, e ainda que os mouros eram muitos, mais dos que cuidavamos, recolhemo-nos muito de dia e de vagar matando-nos e ferindo-nos alguns homens. em que feriram Marco Antonio de uma espingardada num joelho, por fazer como se delle esperava e se achar em tudo isto, lhe mandei passar esta para seu requerimento, hoje 10 de janeiro de 1566. Gonçalo Pereira.

\* \* \*

Certifico eu Dom Nuno Alvares Pereira que partindo de Goa a 15 de janeiro de 1565 por capitão de um galião, em companhia de Dom Diogo Pereira, capitão mór da armada do estreito, por mandado da visorey dom Antão de Noronha, a

esperar as náos do Achem ás ilhas de Maldiva, donde tivemos vista de duas que depois soubemos serem náos ás quaes demos caça, e por anoitecer as perdemos, e nos fizemos na volta de Sacotorá donde estivemos alguns dias, onde se determinou tornarmos para Goa, por ser assí mais serviço de S. A. e fazendo nossa viagem, na altura de Sarapatam, nos deu uma tórmenta que durou quatro dias com suas noites, de cada vez mais temerosa, na qual se perdeu o capitão mór e Manuel Freire capitão de uma caravella e duas fustas, donde os outros gáliões ficaram todos destroçados e desaparelhados, e ao meu lھے cortei os mastros e reparei o melhor que pude, donde se teve muito trabalho alem de muitas fomes e sedes que na jornada se padecerãñ, e entramos em Goa aos 28 de abril da dita era, e porque Marco Antonio Peçanha se achou em todos estes trabalhos e perigos lھے passei esta para seu requerimento aos 20 de outubro de 1571. (a) Dom nunalvrs per.<sup>a</sup>

\* \* \*

Certifico eu D. João Pereira que vindo em companhia de sr. visorey dom Antão de Noronha quando veio a destruir a rainha de Mangalor, me mandou na dianteira com a bandeira da banda do rio acometter os inimigos que estavam fortificados na cidade de Ullala, com muros e tranqueiras feitas, as quaes cometti e entrei e os puz em desbarato, com largarem a cidade e fugirem pela terra dentro seguindo-os, com lھے matar e ferir muita gente e cortar muitos palmares, e depois deste successo estando o dito sñor vizorei mandando fazer a fortaleza de S. Sebastião de Mangalor, me mandou por duas vezes com vinte e tantas fustas a cortar e destruir muitas palmeiras, e achei muita gente nos passos onde desembarquei com tran-

queiras e valos feitos e lh'os entrei matando-lhe e ferindo-lhe muita gente, e porque Marco Antonio se achou em todas estas cousas lhe passei esta certidão para seu requerimento. Em Mangalor aos 20 de março de 1568. (a) Dom Joam Per.<sup>o</sup>

\* \* \*

Certifico eu Dom Diogo de Menezes capitão mor da armada do Malabar, que eu parti de Goa por mandado do visorey D. Luis de Atayde em o primeiro de maio de 1569 a invernar a Cochim, com cinco galês, tres galeotas, e vinte fustas, para d'ahi sair a guardar a costa o verão seguinte, onde cheguei a 10 do dito mez, e estive até 27 de agosto, que foi o tempo em que sahi pela barra fóra, e em todo o inverno que ali estive, que foram tres mezes e meio, por meu mandado se vigiou todalas noites a armada a quartos pelos capitães e soldados della, pela não queimarem os negros, em cujo tempo se teve muito trabalho pela invernada ser grande; e depois na guarda da costa tomei em diferentes partes sessenta e cinco paráos, trinta de esporão e os outros revoltos, em que matei, cativei e puz a banco nas minhas galês perto de mil mouros, assim nos navios que tomei no mar, como nas saídas que fiz em terra; e porque em Nillychirão me não quizeram entregar uns paráos que se me acolheram ao rio, por ser a terra de gente muito bellicosa e esforçada, mandei por cinco vezes dar nella por oito fustas da minha armada, onde lhe queimaram a cidade e lh'a assolaram, pondo a ferro e a fogo toda a cousa que acharam dentro nella, e lhe mataram muitos mouros que se quizeram defender, e muito gado, e lhe cortaram muitos palmares, destruindo-lhe a terra toda; e assim mandei tambem dar no Rio da Pedra mais acima onde outrosim lhe queimaram a povoação,



e lhe mataram muitos mouros, e fiz ao rei da terra tomar o dinheiro todo que tinha tomado delrei nosso senhor, que ia para a pimenta da carga das náos do reino, por cuja causa lhe mandei fazer este damno e guerra que foi muito grande.

E assim dei em Pudeangale, uma legoa de Calicut, botando gente em terra, onde lhe queimaram uma náos de Méca e muita parte de sua povoação, e lhe mataram muitos mouros que com muita espingardaria fizeram valorosa resistencia, e metendo-os pela terra dentro tornei a recolher a minha gente com muito pouco damno, e a tornei logo a mandar desembarcar no outro logar mais acima deste contra Calicut, onde tambem lhe queimaram outra náos de Méca, e mataram muitos mouros e houve muitas bombardadas de parte a parte, por ser a terra de gente mui bellicosa, em que houve muito perigo e risco de vida.

E assim mandei dar mais em outra povoação pequena entre Capocate e Coulete que logo foi queimada e saqueada, e recolhidos os soldados soube que estavam na bahia de Coulete duas náos de Méca. Mandei entrar dentro dez fustas e lhas tomaram, e assim mais dois paros que estavam em terra, onde houve uma briga muito cruel e perigosa de espingardaria e bombardadas de parte a parte, e com morte de muitos mouros me trouxeram as náos e os paros.

E assim mandei dar em Hubafala, capitão no reino de Mangalor, por não querer obedecer á fortaleza delrei nosso senhor, cujo vassalo era, onde lhe mataram muitos mouros e lhe captivei perto de duzentas almas, e depois de saqueada e queimada a sua povoação recolhi a minha gente com ordem e muito pouco damno ás embarcações, onde andei guardando em todo o reino de Calicut as náos de Meca que não navegassem nem pudes-



sem fazer viagem, ás quaes tolhi sua navegação que nenhuma foi este anno excepto dois paguéis muito pequenos, sendo uso partirem cad'anno 16 e 18 náos, em que elrei nosso sñor recebeu muito grande serviço e proveito em suas alfandegas, e elrei de Calecut muita perda e damno em seu estado, e lhe cerrei os portos aos mantimentos em todo o seu reino de que o povo recebeu muito detrimento.

E assim por muitas vezes cheguei e pelejei ás bombardadas em Capocate, Tiracolle, Coulete, Pudiangale, Pananne e Callect, que são logares bellicosos situados na garganta do Malabar, sem em todo o tempo da minha navegação que foram oito mezes e meio que entrei em Goa, a 7 de maio, me matarem mais de quatro homens, e porque Marco Antonio Pessanha andou todo este tempo nesta armada, e em todas as vigias e trabalhos sempre prestes na minha galé, offerecido com sua pessoa e armas para todo o serviço de S. A. lhe passei esta certidão para seu requerimento, por mim assignada em Goa hoje 25 de junho de 1572.  
(a) Dom Diogo de Menezes.

\* \* \*

Certifico eu D. Diogo de Menezes, capitão mor da costa do Malabar, partir de Goa a 25 de setembro de 1570 por mandado do visorey Dom Luiz de Atayde, com 3 galés e 15 fustas, com a qual fui correndo a costa e fortalezas della; e chegando a Challe tive por novas serem no cabo de Comorim alguns paros, pelo que fiz prestes a Fernam de Mendonça com uma galé e seis fustas, para dar guarda aos navios que vinham da outra costa a trazer a cáfila; e despedido soube por espias minhas, que entre inimigos trazia, ser sahido Cotipocra-marca, que era capitão mór de Samo-

rim, imperador do Malabar, com uma armada muito guerreira assim de gente d'armas como de munições, o qual fui buscar, e sendo tanto ávante como o ilheu de Tremapatam, houve vista d'elle que estava bombardeando a cidade e fortaleza de Cananor, o qual vinha de queimar a fortaleza e povoação de Mangalor, trazendo consigo alguns captivos christãos afóra os que matou. e assim o recheio que na terra achou, e vindo triumphando deste successo, sendo o primeiro que os Malabares desta qualidade commetteram, lhe dei caça até o quarto de prima donde rendido o matei e desbaratei de todo o seu poder, havendo uma briga muito travada assim de bombardas, espingardas, panelas de polvora, como de todos os instrumentos de guerra, e por elles pelejarem tão valorosamente que se não quizeram render, na qual me feriram e queimaram parte da minha gente, e dos que cativei soube escapar um capitão por nome Cutiale, com dois navios, de quem o Çamorim fazia grande conta, grandissimo corsario, e entre elles grande conselho e muito ardiloso, e toda noite o segui e amanhecendo me cheguei a terra e houve vista d'elle que com o outro navio vinha a varar acima de Coulete, e antes de lá chegar o tomei com todo o recheio e gente, e do outro se salvou com me ficar o navio, e logo me fui a Cananor onde puz a banco nas minhas galés todos os cativos que na briga tomei, que com os mortos foram passante de setecentos mouros, afóra remeiros de que não faço menção.

D'aqui fiz volta a Challe; correndo a costa soube que em Coulete estavam quatro parãos fazendo-se prestes para saltarem nossos navios; arribei a elles e deitei gente em terra e lhe cortaram as regeiras, donde se travou uma briga mui perigosa por serem muitos os nossos e muitas as bombar-

dadas e espingardadas, e gente mui bellicosa, e ser em defensão do seu e na sua terra, e por ser um logar este reservado das armadas desta costa por lhe não poderem fazer nenhum nojo pelo grande damno que recebem delle, e assim a tornei a recolher sem damno nenhum e me trouxeram os paros, e chegando a Cananor achei Fernão de Mendonça com a cáfila, a qual lhe tomei e o tornei a mandar ao cabo por assim ser necessario, e pelos paros que lá andavam não fazerem algum damno aos navios que do sul vem, e com ella me fui correndo todas as fortalezas, levando todos os navios de mercadores chatins, e dé mantimentos que nelas havia por serem muito necessarios a Goa que estava em cerco do Hidalcão, com todo o seu poder sobre ella; donde me tornou a mandar o visorey Dom Luiz de Atayde á mesma costa, e chegando a Challe foi commettido do dito Çamorim lhe fizesse pazes pelos muitos damnos e perdas que lhe tinha feito, assim no mar como na terra, e estando em termos de se acabarem tive dois recados do mesmo visorey em que me mandava que logo me fosse ver com elle a Goa, que assim cumpria ao serviço de S. A. o que fiz pelo que não tiveram as pazes effeito; dondê entrei aos 15 dias do mez de fevereiro de 1571; e pelo mesmo visorey me foi dada a guarda destes rios de Goa, por ser a mais importante cousa que para a defensão desta ilha havia, e logo reparti os meus navios pelos passos mais necessarios e perigosos para defenderem aos inimigos a passagem; no que se teve muito trabalho, vigiando e pelejando continuamente até fim de maio por não ser mais necessario, e porque Marco Antonio Pessanha se achou em todos estes successos no Malabar em minha companhia, e no inverno nos que succederam, muito prestes com sua pessoa e armas para todo o

serviço de S. A. lhe passei a presente certidão, por mim assignada, para seu requerimento; em Goa hoje 20 de julho de 1572. (a) Dom Diogo de Menezes.

\* \* \*

Certifico eu Manuel Dias Picoto que sendo capitão mor por provisão e patente do visorey Dom Luiz de Athayde de vinte e dois navios na guerra e cerco que Hidalcão moveu a esta ilha de Goa. com os quaes invernei na guarda e vigia dos rios de Benastarim até Racol, e assim no verão quando os capitães do dito Hidalcão passaram o rio para a dita ilha, me achei na passagem delles com uma parte dos meus navios, com os quaes do romper da lua pelejei com elles defendendo-lhes o dito rio, donde lhe matei e afoguei muitos delles, perdendo alguns suas armas, até que sobreveio um muito grande vento que me apartou das tranqueiras, pelo qual me foi necessario vir com cinco navios, por uma volta de um esteiro, buscar os ditos capitães e gente que eram quatro mil homens, que já estavam fortificados em uma ilhota que de baixa mar se passa a pé enxuto á ilha de Goa; donde achei o visorey Dom Luiz de Athayde que me estava esperando e me mandou encher os navios de gente que comsigo tinha, dizendo-me que fosse e pelejasse com elles e os botasse do logar donde estava fóra porque se ahí ficassem podiam-se reforçar de muita gente na noite que sobrevinha, por onde Goa padeceria muito trabalho porque a acometeriam por muitas partes, e com o favor divino, com cento e vinte homens que em minha companhia levei, houve victoria notavel delles e os desbaratei e puz em fugida diante do dito visorey. onde morreu Soleimão Aguar capitão mor de todo o campo do dito Hidalcão e outros capitães e mui-



ta gente morta e ferida e captiva, e na volta que fizeram ao passar do rio para o seu arraial foram acabados de desbaratar; e por outras muitas vezes desembarquei nas suas tranqueiras tomando-lh'as, e assim do mar continuadamente matando-lhe e ferindo-lhe muita gente e alguns capitães, isto por espaço de seis mezes, e lhe queimei muitas embarcações e tomei outras que tinham para passar o rio, pelo que tive muito trabalho o inverno e verão na defensão desta ilha com as vigias e cometimentos que com elles tive de dia e de noite, pelo que lhe matei a maior parte da gente; e porque Marco Antonio Pessanha se achou commigo em todos estes sucessos e assim na vigia do passo de Goasaim estando por capitão na tranqueira delle Chitacam com 25000 homens os melhores do campo do Hidalcão, e assim se achou nos trabalhos e vigias da fortaleza de Racol muito prestes com sua pessoa por armas para todo o serviço de S. A. lhe passei esta certidão, para seu requerimento, por mim assignada, hoje 7 de julho de 1572. (a) Manuel Dias Picoto.

\*  
\* \* \*

Certifico eu Mathias d'Albuquerque que andando por capitão mor no cabo de Comorim embarcar-se na minha gallé de Cochim, Marco Antonio Pessanha, aos 17 dias de dezembro de 1571, sem quartel, donde me acompanhou continuamente; e não sendo necessario dar-se mais guarda aos navios dos chatins que da outra costa vem, por se acabar a monção parti do dito Cochim com toda a cáfila, dando-lhe guarda até Goa donde se recolheu, e porque o viso rey Dom Antão de Noronha por certos respeitos tinha mandado a Dom Diogo de Menezes, capitão mor do Malabar, que castigasse o rio de Sangesor, me tornei a juntar



com elle em Angediva, donde com todas as fustas da sua armada entrou nelle deixando as galés fóra e o mandou assolar e queimar em tres dias que ahi esteve; e assim entrou uma fortaleza que estava 4 legoas pelo rio acima na qual se captivaram 50 mouros, que elle poz a banco nas suas galés, e mataram e feriram alguns, e se tomaram muitas armas, em que entraram 16 roqueiras, e assim lhe queimaram muitos paros com os quaes fazia muito damno saindo a roubar todas as embarcações que por aquella paragem passavam, ao qual effeito me o capitão mor mandou com toda a gente, o que tudo acabado me recolhi a Goa por mandado de D. Diogo de Menezes, por se ir a minha galé ao fundo, donde entrei aos 16 dias de abril de 1572; e porque o dito Marco Antonio Pessanha me acompanhou em todo este tempo e assim nas saídas deste rio sempre prestes para todo o serviço de S. A. lhe passei a presente certidão para seu requerimento, por mim assignada, hoje 23 de junho de 1572. (a) Mathias d'Albuquerque.

\* \* \*

Mathias d'Albuquerque capitão mor do mar de Malaca e mais partes do sul por elrei nosso Sñor. Certifico partir do porto da dita cidade aos 2 dias de dezembro de 1576 com duas galeáças, um galeão, tres galés, seis fustas e quatro dantins, a entrar o estreito de Singapura e dar guarda á não da China, e tomar Jor, se estivesse em disposição para isso, o que deixei de fazer por ter dentro em si 10:000 homens de peleja, e a armada do Achem estar no rio, segundo soube das espias que pela minha de remo mandei tomar ao mesmo rio, e estando surto de frente da barra o capitão mór dos Achens me veio dar uma vista com 36 galés grandes e setenta embarcações pequenas, o qual fui re-

ceber com a minha ás toas por não haver vento, e depois de estarmos a bataria por espaço de tres horas, havendo de parte a parte muitas bombardadas com as quaes lhe matei alguma gente o fui seguindo, e no alcance lhe tomei duas galés e uma fusta, das quaes era uma a sotacapitaina em que morreram 500 mouros com alguns que mandei pôr a banco nas galés de minha companhia, e lhe tomei 12 peças d'artilheria, e depois de ser o inimigo recolhido ao Achem me vim recolhendo á cidade de Maláca. com a não e junco que da China vieram aos 18 de fevereiro, e porque Marco Antonio Pessanha andou por capitão de uma fusta de minha companhia, acompanhando-me sempre com trinta soldados que continuo trouxe, e assim levou á toa a galeaça pequena com a sua fusta, até a pôr com os inimigos, e na briga o feriram de duas frechadas da galé sota-capitaina, que ajudou a render fazendo officio de soldado e capitão, como se delle esperava, lhe mandei passar esta certidão por mim assignada para seu requerimento, em Maláca aos 9 de outubro de 1577. (a) Mathias d'Albuquerque.

Estas certidões não só nos contam os feitos de armas em que entrou o eborense Pessanha, mas ainda constituem documentos de certo valor para a historia dos cruzeiros indiaticos.

Vimos Balthazar Jorge em Diu, e Marco Antonio Pessanha em Goa e Maláca, e poderíamos ainda mencionar os nomes de muitos eborenses nas epopéas asiaticas.

Apezar de ir já longo este *estudo* não resisto a publicar uma carta de Ormuz. Tambem aqui, n'esta celebre praça, e no sec. XVI, morriam filhos de Evora.

É uma carta do provedor e mezarios da Misericordia de Ormuz dirigida á Santa Casa d'Evora.

— Nesta fortaleza de Ormuz falleceu um soldado por nome Ignacio da Fonseca; em seu testamento declarou era natural d'essa cidade d'Evora; deixou a essa Santa Casa da Misericordia por sua herdeira de tudo o que se achasse; depois de seus legados cumpridos lhe ficaram liquidos 2:544 pardãos de larins, e tres larins e dois sádís, que no deposito d'esta Santa Casa estão, os quaes podem V. Mercês mandar arrecadar pela ordem que melhor, mais segura e breve lhe parecer.

Estão mais no deposito desta Santa Casa 76 cruzados e tres tostões os quaes pertencem aos herdeiros de João Nogueira. Declarou este ser natural d'essa cidade; seu pae morava na rua d'Aviz; viera do reino no anno de 83 (1583); havendo herdeiros d'elle que pretendam seus bens os avisem vs. ms. que mandem buscar o dinheiro. Misericordia da fortaleza de Ormuz, 20 de setembro de 1611. Seguem as assignaturas.

Ha uma grande poesia nestes singelos documentos. Eram valentes e bons esses eborenses mais ou menos illustres que iam morrer tão longe, e que nas suas derradeiras disposições se lembravam dos pobres e humildes da sua patria.





GABRIEL PEREIRA

## ESTUDOS EBORENSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraiso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645. — 14.º O archivo da Santa Casa da Misericórdia d'Evora, 1.ª parte. — 15.º Idem, 2.ª parte. — 16.º Idem, 3.ª parte. — 17.º Evora e o Ultramar.

A venda em Lisboa na livraria Bertrand — Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte — fasciculos I a IX — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capitulos de Fernão Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º — 2.ª parte, fasciculos X, XI e XII — Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Évora.

A venda em Lisboa na livraria Bertrand.

## DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.



GABRIEL PEREIRA

# ESTUDOS EBORENSES

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

## OS ASSÉDIOS D'EVORA EM 1663

### 1.ª PARTE

O EXERCITO DE D. JOÃO D'AUSTRIA. MARCHA SOBRE EVORA.  
GUARNIÇÃO DA CIDADE. ESTADO DAS FORTIFICAÇÕES. A LUCTA.  
DESTRUIÇÃO DO PRIMITIVO CONVENTO DO CARMO.  
CAPITULAÇÃO. O EXERCITO PORTUGUEZ OCCUPA O ALANDROAL.  
ERROS DE D. JOÃO D'AUSTRIA. AGITAÇÃO EM LISBOA.  
O MARQUEZ DE MARIALVA, COM ALGUMAS FORÇAS, PASSA AO ALEMTEJO.  
OS HESPANHOES AUGMENTAM AS FORTIFICAÇÕES  
DA CIDADE.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

1889



GABRIEL PEREIRA

---

# ESTUDOS EBORENSES

---

---

HISTORIA — ARTE — ARCHEOLOGIA

---

---

## OS ASSÉDIOS D'EVORA EM 1663

○ O EXERCITO DE D. JOÃO D'AUSTRIA. MARCHA SOBRE EVORA.  
GUARNIÇÃO DA CIDADE. ESTADO DAS FORTIFICAÇÕES. A LUCTA.  
DESTRUIÇÃO DO PRIMITIVO CONVENTO DO CARMO.  
CAPTURAÇÃO. ○ EXERCITO PORTUGUEZ OCCUPA O ALANDROAL.  
ERROS DE D. JOÃO D'AUSTRIA. AGITAÇÃO EM LISBOA.  
○ MARQUEZ DE MARIALVA, COM ALGUMAS FORÇAS, PASSA AO ALENTEJO.  
OS HESPAÑHOES AUGMENTAM AS FORTIFICAÇÕES  
DA CIDADE.



EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

---

1889



## ESTUDOS EBORENSSES

---

### Os assédios d'Evora em 1663

---

Nos ultimos dias do mez d'abril de 1663 achavam-se concentradas nos arredores de Badajoz forças hespanholas mui consideraveis. Castella ia vibrar o golpe decisivo na independencia de Portugal, restaurada brilhantemente no 1.º de dezembro de 1640, sustentada com extraordinario valor e perseverança durante vinte e tres annos; agora podia chamar as suas tropas engajadas em Italia e Allemanha, reunir um exercito numeroso e aguerrido, commandado pelas mais gloriosas espadas da monarchia, e esmagar de vez a pequena nação que tanto ousara resistir ao temivel colosso.

D. João d'Austria, o illustre guerreiro tantas vezes victorioso, commandava esse exercito escolhido; podia apresentar em campo mais de 15:000 infantes, 6:500 cavalleiros, e 20 peças de varios ca-



libres; 5:000 carros com mantimentos e munições acompanhavam as forças.

As ordens de D. João d'Austria vinha como governador das armas o duque de S. German, e o conde de Almenara commandava a artilheria. A infantaria dividia-se em trinta e dois terços; 19 hespanhoes, 8 italianos, 5 allemães. A' frente d'esses corpos estavam espadas de grande fama e nomes das mais fidalgas familias de Castella; os Medina de las Torres, os Cordovas, o conde de Escalante; entre os italianos vinham o conde de Sartirana, o duque de Lanzano, e Fabricio Rossi; os coroneis dos regimentos allemães eram os condes de Schern, de Losenstein, os barões de Karstein, e Francisco Franck.

Os 32 terços formavam 17 corpos. A formação dos exercitos, as designações militares eram então diversas das modernas.

A cavallaria do exercito hespanhol formava 94 batalhões, commandados por 4 tenentes generaes; grupos de numero variavel de batalhões formavam os troços assim designados: da Extremadura, de Feria, das Ordens, de Flandres, de Roussillon, de Catalunha, de Borgonha, de Milão, de Freixinal; etc.

A cavallaria da guarda do general em chefe era commandada pelo marquez de Espinardo; havia companhias especiaes de arcabuzeiros e couraceiros.

Forasteiros especuladores, soldados de aventura, seguiam D. João d'Austria; entre elles vinha um certo Monsieur de Langres, empregado na artilheria; pouco tempo antes estivera este aventureiro ao soldo portuguez; um papel d'esse tempo se lhe refêre bem pouco lisongeiramente: «veio aprender o que vae ensinar a nossos inimigos; pois não trazendo mais que a casaca de um ignorante ris-

gador, com o nosso dispendio, não conhecendo as obrigações a quem lhe deu o ser, serve ao partido contrario.»

Em 5 de maio prepararam-se as tropas para entrar em marcha: a vanguarda era formada por 9 esquadrões; nos claros dos esquadrões seguia a artilheria; atraz da reserva formavam 3 corpos extensísimos a bagagem, a provedoria, e o hospital.

Era um exercito formidavel para a época; a bagagem enorme devia difficultar os movimentos; D. João d'Austria não cuidava muito de tal; em poucos dias teria Evora, mais 3 marchas e estaria em frente da capital; as pequenas praças alemtejanas não podiam oppor resistencia séria, nem estorvar a marcha triumphal do grande guerreiro; Villa Flor tinha um pequeno exercito; com audacia e confiança em 8 dias estariam prostradas as capitaes, e a bandeira de Castella tremularia na foz do Tejo. Não contou com o animo firme do soldado portuguez, com a sua extraordinaria capacidade de soffrimento, com o seu character, tantas vezes manifesto na historia, capaz da acção brilhante, subita, temeraria, e apto tambem para as obscuras dedicações; para a mais completa abnegação, para a coragem que mais se firma na adversidade; esqueceu ao famoso militar que as forças portuguezas combatiam pela patria e pela liberdade.

No dia 6 de maio o exercito hespanhol acampou no sitio da Atalaia do Mexia, a uma legua d'Elvas, para o lado de Campo-maior.

No dia 7 avançou 2 leguas; chegou á Torre do Sequeira; o tempo tornára-se de repente muito chuvoso.

No dia 8 estava na Fonte dos Sapateiros, sobre Villa Viçosa.

O conde de Villa Flor conhecendo estes movi-

mentos, e julgando que o primeiro golpe iria ferir Villa Viçosa mandou logo para ali o mestre de campo Lobato Pinto, com 500 infantes. Todavia o movimento sobre Villa Viçosa não continuou; o exercito, no dia 9, alojava-se na Alcaraviça, e a 10 estava á vista de Estremoz. N'este dia houve algumas ligeiras escaramuças; os chefes portuguezes tiveram occasião de calcular bem o exercito invasor; mas este continuava a sua marcha, o primeiro golpe não se destinava a Estremoz; no dia 11, deixando Estremoz á esquerda, D. João d'Austria vinha procurar a ribeira do Ter, dirigindo-se claramente sobre Evora.

O tempo continuava muito chuvoso; as marchas, e os transportes estavam mui difficéis.

Villa Flor e Schomberg trataram de guarnecer Evora, immediatamente.

Estavam na cidade mil infantes dos terços do Algarve e Trás-os-montes, ás ordens dos mestres de campo Manuel de Sousa de Castro, e Francisco de Moraes Henriques; e quatrocentos cavalleiros commandados por D. Luiz da Costa, tenente general de cavallaria; tropa apenas sufficiente para fortalecer o animo dos moradores, mas incapaz de séria resistencia ao exercito hespanhol.

Pelo caminho da Serra d'Ossa marchou a reforçar a guarnição d'Evora o mestre de campo Pedro de Opessinga, com 2:000 infantes de diversos terços, alguns auxiliares de Ourique e Santarem, e duzentos cavallos.

A guarnição ficou então assim composta:

O terço de Opessinga . . . . .	800
Dito de Manuel de Sousa . . . . .	600
Dito de Roque da Costa . . . . .	600
Dito de João de Sá . . . . .	400
Os auxiares de Setubal, Ourique e Santarem	600
Infantes . . . . .	3:000

As forças de cavallaria que estavam na cidade antes de chegar o reforço eram as companhias de Antonio Mendes de Abreu, e do capitão C. Rafael; com os regimentos francezes de mr. de Chouet, e de mr. de la Betiniere attingiam uns 700 cavallos.

O governo da cidade pertencia de propriedade a Luiz de Mesquita Pimentel, fidalgo mui distincto e opulento, mas que nunca servira militarmente; tinha aquelle logar pelo privilegio de familia; agora, em aperto de tal urgencia, esse privilegio tornou-se logo em difficuldade, e deu origem talvez a occorrencias bem penosas: o conde de Villa Flor nomeou governador Manuel de Miranda Henriques, antigo mestre de campo e militar experimentado, que foi muito bem recebido pela guarnição; todavia, mesmo em frente do inimigo, houve duvidas e despeitos d'aquelles que herdando os privilegios e os illustres appellidos não souberam conservar os fortes animos dos maiores.

Ao mesmo tempo que os reforços entravam na cidade recebia Manuel Freire d'Andrade ordem para marchar com as forças disponiveis da Beira, a reunir ao exercito de Villa Flor.

Apezar dos longos annos que durara já a guerra com Hespanha, e de todos saberem que a cidade soffreria qualquer dia o choque directo d'um exercito, não estava ella ainda preparada para uma defeza energica e demorada. Podemos ainda hoje seguir passo a passo as fortificações da cidade; a chamada *cerca fernandina* fora de principio condemnada; nos lados sul e sueste, e ainda parte do nascente resolveram encostar baluartes á velha cortina; nos outros lados fortes e baluartes destacados deviam defender a cidade; mas de todas essas fortificações projectadas apenas estavam feitos alguns movimentos de terras.

Os trabalhos do forte de Santo Antonio haviam

começado annos antes; em maio de 1663 estava apenas levantada a terra para dois baluartes e sua cortina.

Entre o convento de Santo Antonio e a porta da Lagoa estava o convento do Carmo; as suas paredes podiam abrigar atiradores mas eram incapazes de resistir por muito tempo a tiros de artilheria.

Da porta da Lagoa á d'Alconchel, de que fica bem proximo o edificio que foi convento da Nossa Senhora dos Remedios, de carmelitas descalços, havia apenas começado um reducto, proximo dos Telhaes, de que ainda hoje se conhecem vestigios.

Entre o buraco chamado do Raymundo e a porta do Rocio não se fez reducto ou forte destacado; ahi estava a fortificação muito mais adiantada: a linha abaluartada seguia a velha cerca fernandina com pequenas variantes, como ainda hoje podemos verificar minuciosamente; são os baluartes em que actualmente vemos o passeio publico; affirma-se que o desenho e fundação d'estes baluartes se deve ao principe D. Theodosio.

Da porta do Rocio de S. Braz á de Machede está va apenas movida a terra para 4 baluartes; e d'esta ultima á de Aviz via-se um baluarte começado, o da Senhora da Natividade; para outro estava terreno preparado, e bastante adiantado o de S. Bartholomeu. Era este o estado das fortificações da praça nos primeiros dias de maio de 1663.

Algumas peças, uns velhos *trens* armavam mal as antigas muralhas não destinadas ao embate dos canhões, e as novas fortificações apenas esboçadas.

O tempo continuava desabrido, muito chuvoso, as terras encharcadas, as ribeiras cheias; o exercito hespanhol encontrou esta primeira difficulda-



de; a sua enorme bagagem movia-se lentamente, com mil trabalhos; demais o exercito tão precipitadamente internado em paiz inimigo, entre praças mais ou menos importantes, todas guarnecidas, e tendo em Estremoz forças inimigas consideraveis, marchava preparado para qualquer ataque ou surpresa. Só no dia 13 entraram as forças hespanholas nas chapadas da Venda do Duque; chegando ali mandou D. João d'Austria ao general D. Diogo Caballero avançar sobre Évora com 3:000 cavallos, começando logo os seus movimentos de modo a ir tomando successivamente as estradas da cidade.

O chefe hespanhol destacou n'esse mesmo dia uma força a Evora Monte; estava ahi Paulo Freire d'Andrade com alguns infantes e populares armados; Paulo Freire respondeu arrogantemente ao official hespanhol, que veiu logo contar a D. João de como eram asperas as ladeiras da villa.

Na madrugada de 14 appareceram no Espinheiro as primeiras forças hespanholas, que logo occuparam o mosteiro.

Os ultimos dias tinham sido de anceo e de fadiga para os habitantes da cidade e tropas que a guarneciam. Só ficaram abertas as duas portas do Rocio e Aviz, e estas defendidas com fossos, cortinas, etc.

A pessoas da maior confiança, valor, e serviços militares se entregou a defeza d'estas portas.

Na do Rocio cuidava D. Miguel de Portugal, conde do Vimioso, natural da cidade e um dos seus mais eminentes defensores, que prestára já grande serviço fazendo armar forças de voluntarios da terra.

Frades e padres trabalhavam tambem e devéras; dava-lhes exemplo o proprio governador do arcebispado, D. fr. Luiz de Sousa, bispo eleito do

Porto e esmoler mór d'el-rei, que n'estes dias ter-  
riveis se mostrou de grande actividade e resolução.

Na tarde do dia 14 a cavallaria hespanhola to-  
mava todas as estradas da cidade, o cerco era  
completo; a cavallaria da praça ainda quiz resis-  
tir, e travou escaramuça mas teve de ceder pela  
grande desigualdade numerica. O general D. Diogo  
Caballero aquartellou-se na Cartuxa.

Às onze horas da manhã do dia 15 chegava D.  
João d'Austria, com o grosso do exercito, aos cam-  
pos do Espinheiro; os terços de infanteria marcha-  
vam encobertos com as eminencias do terreno.

O governador da praça entendeu que não podia  
sustentar a posição do forte de Santo Antonio, ape-  
nas começado como se disse; e guarneceu com cem  
homens o convento do Carmo (á porta da Lagôa)  
porque este se podia flanquear pela mosquetaria  
e artilheria da muralha proxima.

No dia seguinte, 16, o inimigo entrava pois, sem  
resistencia, no convento de Santo Antonio, e im-  
mediatamente ali collocou 4 peças e 1 trabuco de  
grande calibre; esta bateria atirava principalmente  
sobre a porta d'Aviz, não causando prejuizos con-  
sideraveis.

Ninguem ignora os enormes progressos da arti-  
lheria nos tempos modernos, ou melhor nos ulti-  
mos 30 annos. Em 1663 as peças collocadas em  
Santo Antonio pouco molestavam a muralha da  
porta de Aviz, a 400 metros.

Ao mesmo tempo atacaram os hespanhoes o  
convento dos Remedios, apenas defendido por 30  
homens, que o largaram com pouca resistencia.

O vasto convento da Cartuxa foi logo transfor-  
mado em hospital de sangue; no mosteiro de  
Nossa Senhora do Espinheiro installou-se D. João  
d'Austria, com as dependencias immediatas do  
commando. A infanteria acampou nas hortas e

quintas dos arredores da cidade, e a cavallaria estabeleceu-se ao sul, com a vanguarda em S. Braz.

E' escusado lembrar que era bem pequeno então o alcance das armas de fogo, a precisão do tiro quasi nulla; por isto se explicam as distancias indicadas.

Houve seguramente tambem grande desleixo na direcção militar da cidade. As barbacans que se erguiam ainda, com certeza, no começo do seculo 16, tinham desaparecido ou estavam rotas e deruidas; os fossos quasi completamente entulhados.

Logo no dia 17, grupos de soldados vieram picar as muralhas; alguns napolitanos com singular arrojo picaram a chamada Torre *moucha*, na muralha do poente, aos Penedos.

Onde a briga se tornou mais violenta foi no convento do Carmo; começada entre pequenas forças foram pouco a pouco chegando reforços dos dois lados; na tarde era grande o numero de combatentes e ferocissima a lucta.

Na noite de 17 para 18 o governador da praça julgou inutil a continuação da resistencia no Carmo; o que fôra amena e silenciosa mansão estava reduzido a montão de ruinas; dêmais pouco damno resultaria á cidade de cahirem esses rotos paredões em mãos inimigas. Na madrugada de 18 entraram ahí os hespanhoes que na lucta tiveram perdas mui sensiveis.

Em breve rompeu o fogo contra a porta da Lagoa e muros proximos outra bateria de 5 peças; na eminencia dos Penedos, ao norte do sitio das Olarias, onde ainda hoje se conhece movimento de terras, assestaram outra bateria de 4 peças.

Ambas as baterias fizeram grande damno ás de-beis muralhas da velha cerca fernandina; em breve começaram a formar bréchas.

A situação da cidade era hora a hora mais dif-

ficif. O conde de Villafior mandava avisos sobre avisos promettendo soccorros e animando os defensores; alguns entraram na praça, outros foram tomados pelos hespanhoes. Ao mesmo tempo surgiam difficuldades entre os chefes militares, e entre estes e os principaes da cidade. O governador Miranda Henriques adoeceu gravemente; mas nenhum dos outros cabos de guerra quiz tomar sobre si o governo em tão perigosa conjunctura; de momento para momento rasgavam-se as bréchas, algumas estavam já capazes de assalto; em varios pontos havia minas atacadas promptas a fazer voar pelos ares pannos de muralhas, ou cubellos já fendidos.

Um valente official francez com cem homens do regimento de cavallaria do conde de Schomberg tentou entrar na cidade á viva força; conseguiram de facto entrar alguns, debaixo das espadas inimigas, mas o valente official ficou prisioneiro, e muitos companheiros mortos; foi o derradeiro soccorro.

Nos principios do assédio o conde de Villafior tinha concentrado em Estremoz 5:000 infantes e 2:500 cavalleiros, força insufficiente para entrar em campanha com o exercito hespanhol; tratou de levantar gente das guarnições das praças; por este meio chegou a ter nove mil homens de infantaria e 3:000 cavallo; demorou-se ainda esperando o reforço da Beira, do commando de Manuel Freire. Villafior, e todos os chefes militares, julgavam que Evora, embora estreitamente cercada e rijamente combatida resistiria mais alguns dias; que demorando um pouco mais, esperando com prudencia, engrossariam as suas forças e ao mesmo tempo diminuiriam e cançariam os inimigos. Todavia instando cada vez mais as más noticias, resolveu abandonar Estremoz e marchar sobre Evora.

Mas o perigo, a anciedade, a desesperança do-

minavam nos defensores da grande cidade alemtejana. Sempre n'estes grandes desastres ha pontos duvidosos, reticencias suspeitas; quando as empresas falham e os planos resultam errados muitos tratam logo de alijar responsabilidades.

E' da condicção natural de homens e cousas. Não restam documentos para apreciar bem os factos; é certo que se não vê razão clara para justificar a repentina capitulação; é certissimo tambem que ella causou enorme desgosto e profunda impressão e surpresa no exercito de Villafior.

No dia 19, pela manhã, começou a praça a tratar da capitulação; as bases alegadas eram as bréchas já muito largas, e as minas abertas pelos napolitanos ao serviço de Castella, atacadas e promptas a voar. Todavia, segundo nos manifesta um documento da epocha, não eram estes perigos que desmaiavam os defensores mas sim outras faltas que haviam posto em estrema difficuldade a grande cidade alemtejana. Como houvesse ainda esperanças de soccorro efficaz as condições propostas pelos defensores foram exageradas; D. João de Austria não as aceitou; por isto, na tarde de 19, voltaram ás armas e continuaram as operações militares.

Segundo parece dos documentos existentes, as tropas hespanholas, n'esta tarde de 19, receberam ordens de empregar ainda maior energia; tornou-se enorme o borborinho das vozes, o ruido do troteio, o estrondear dos canhões e dos trabucos.

Na grande confusão, no perigo enorme e de cada momento, no susto constante de ver entrar de subito os castelhanos por alguma brécha, ou de ver voar n'um estoiro, e n'uma nuvem de pó, uma torre, um cubello, ou um panno de muralha, nenhuma esperança, nenhum aviso de soccorro apparecia. O animo dos defensores esmoreceu ainda



mais com a morte de João de Figueiredo de Sá, o valente mestre de campo, que n'estes dias de combate mostrára coragem e perseverança incomparaveis. Sem soccorros, vendo doentes, feridos, ou mortos os seus melhores capitães, os defensores encetaram novamente a capitulação.

Os artigos de capitulação estabeleciam que as forças militares sahisses da praça com as honras de guerra, a infantaria armada, a cavallaria montada; logo que estivessem fóra das muralhas os infantés entregariam as armas, e os cavalleiros os seus cavallos; todos os soldados, e os officiaes até ao posto de capitão, seriam immediatamente internados em Castella, onde permaneceriam até fim de outubro; os officiaes de capitão para cima iriam para o exercito; concedeu-se tambem, em signal de honra, uma peça de quatro; os moradores ficariam na cidade, querendo; e não querendo tinham tres mezes para retirarem suas fazendas; as munições existentes na praça ficavam ao vencedor que apenas cedia a carga da peça; finalmente D. João d'Austria concedeu que sahisses livremente tres embuçados, provavelmente hespanhoes que estavam ao serviço de Portugal.

Executaram-se rigorosamente os artigos da capitulação; em 22 de maio Évora estava nas mãos dos castelhanos.

N'este mesmo dia o exercito portuguez de Sancho Manuel, que marchava em soccorro de Evora, acampou na ribeira do Ter; no dia seguinte, 23, encostava-se ás alturas de Evora Monte; a perda da cidade causou impressão profundissima no exercito; parecia erro, sonho, ou infame traição. As opiniões dos chefes militares variavam; Henrique de Miranda, general de artilheria, queria marchar sobre Evora immediatamente. O conde do Sabugal foi de parecer opposto. Considerou que o

exercito hespanhol estava agora victorioso, reunido em Evora, e numericamente superior ás forças portuguezas. Se D. Sancho Manuel marchasse immediatamente sobre a cidade corria risco de um revez; ficaria perdido o exercito, continuaria perdida a praça; uma batalha campal dada nos arredores da praça seria em extremo perigosa porque os campos proximos prestam-se aos movimentos de cavallaria, que os hespanhoes possuíam mais numerosa, melhor organizada, e de melhor manejo; conservando o exercito portuguez entre Evora e a fronteira ficaria D. João d'Austria cortado, sem poder receber reforços, internado em paiz inimigo, e ao mesmo tempo reservada nos ficaria a vantagem de escolher campo para combate se acaso o hespanhol viesse buscar as forças portuguezas.

Prevaleceu o parecer do conde, e os cabos de guerra escolheram para acampamento provisório os campos do Alandroal pela abundancia de agoas e forragens, muitos arvoredos, accidentado dos terrenos e por ficar a posição exactamente encobrindo a fronteira hespanhola.

No dia 24 Villa flor estava no Redondo, em 25 no Alandroal.

As operações militares de D. João d'Austria só se podem explicar pela extrema confiança na sua estrella; senhor de Evora, cortado da sua base de operações, com um exercito numeroso e uma bagagem enorme, em poucos dias lhe surgiram as difficuldades. Parece que imaginou que tomada a grande cidade alemtejana as outras povoações da provincia lhe abririam as portas; começou a destacar forças de cavallaria, em correrias pelas vastissimas gandaras, sem alcançar proveito algum, antes damno e enfraquecimento. Os cavalleiros voltavam cançados, abatidos das penosas e inuteis jornadas; as povoações ruraes resistiam como po-

diam, os montes ermaram-se; as terras mais importantes, como Beja e Aviz, fizeram recuar os troços hespanhoes. Sobre Alcacer destacou uma força importante, 3:000 homens. Tudo isto enfraqueceu rapidamente o exercito hespanhol. D. João de Austria viu em breve que á entrada arrogante, á andaz invasão, ia seguir-se uma lucta seria, a resistencia tenaz; attacára com muito impeto, alcançára em poucos dias uma praça importante, e, por assim dizer, logo depois da grande victoria achava-se na necessidade da defensiva. Convencido d'isto tratou immediatamente de augmentar as fortificações da cidade.

E' difficil imaginar o que então se passou em Evora; se esta cidade não tivesse muitos outros titulos de gloria que tão saliente tornam o seu nome na historia portugueza, bastariam os soffrimentos dos seus habitadores n'esses terriveis dias para lhe affirmar o seu direito ao respeito da nação. Acabava de soffrer um terrivel assédio, os seus campos estavam desolados, muitos dos seus filhos jaziam mortos ou prisioneiros, os conventos transformados em hospitaes de sangue, casas, ruas e praças atulhadas de tropas insolentes pela victoria, logo desesperadas pela resistencia e pelas difficuldades.

Todos os habitantes válidos, de ambos os sexos, foram obrigados a trabalhar nas fortificações. O primeiro trabalho de que o invasor tratou foi pôr em estado de defeza o forte de Santo Antonio.

Augmentou a inquietação entre os hespanhoes. O povo de Lisboa ao saber da perda d'Evora rompeu em desordem; tudo attribuia aos máos chefes, á má direcção, á indolencia dos ministros: houve insultos gravissimos. Felizmente o tumulto serenou e os chefes do estado trataram de organizar reforços rapidamente.

A proximidade das tropas hespanholas em Alcaccer do Sal em vez de causar o panico em que o chefe castelhano muito confiava, tivera como resultado uma explosão de patriotismo que obrigou os chefes a maior actividade.

O conde de Castello Melhor redobrou de diligencias; o marquez de Marialva logo passou a Aldeia-Gallega e ahi recebia tropas de Lisboa que ia organisando em exercito; o mestre de campo Pedro Jacques de Magalhães com 2:500 infantes e 500 cavallos passava para o sul do Tejo.

D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, descreve-nos os trabalhos dos hespanhoes nas fortificações de Evora.

No forte de Santo Antonio havia dois baluartes promptos para a defeza; d'elles partiam duas linhas de communicação que rematavam nas portas de Aviz e da Lagoa, com fossos altos, e principio de estrada coberta.

Ao lado direito d'esta obra se levantava, a S. Bartholomeu, outro baluarte ainda imperfeito; D'este partia uma cortina que fechava na linha do forte de Santo Antonio e acabava na porta de Aviz.

A este baluarte succedia o dos Apostolos que estava quasi completo; seguia-se-lhe um reducto antigo sem obra nova mas em boa defeza; e em igual distancia corria outro da mesma qualidade, que fechava em um baluarte, que cobria o antigo *castello* ou os *castellos*. São os baluartes, ainda existentes, chamados da Senhora da Natividade, do Assa, e do Picadeiro.

Na ermida da invocação de S. Braz accrescentaram os castelhanos ao plano de fortificação portuguez, uma obra cornua, a que chamavam *ornaverque*, do inglez *hornwork*, que estava em boa defeza.

Seguia, no lado sul da cidade, o baluarte do Príncipe.

Proximo ao convento de Nossa Senhora dos Remedios levantaram outro *ornaverque*; com sua linha que rematava na porta de Alconchel.

Cobrindo a cerca fernandina entre as portas de Alconchel e da Lagoa estava o baluarte dos Penedos; tinha duas frentes acabadas, como esta obra ficava um tanto desviada da muralha, deixando uma góla ou intervalo consideravel, fizeram uma cortadura de pedra e cal, guarneçada de fortes estacadas.

D'este sitio até á porta da Lagoa não levantaram fortificação alguma, por ser a parte considerada menos perigosa, e porque as ruinas do convento do Carmo cobriam ainda a linha de comunicação entre o forte de Santo Antonio e a porta da Lagoa.

Em 1882, procedendo-se á terraplenação na propriedade proxima a Santo Antonio, lado occidental, se encontraram restos de um forte muro de suporte, que teve de ser desfeito.

Era este muro em parte formado de fragmentos de esculpturas, bocados de columnelos, de campas sepulcraes: testemunhas da destruição, e da precipitação com que se fabricaram as obras de defeza; aquelles fragmentos pertenciam provavelmente ao destruido convento do Carmo.

FIM DA 1.<sup>a</sup> PARTÉ









GABRIEL PEREIRA

## ESTUDOS EBORENSSES

Estão publicados :

- 1.º O mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro. — 2.º Evora romana, 1.ª p. O templo romano. As inscrições lapidares. — 3.º A Casa pia. O edificio do collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus, fundado pelo Cardeal rei em 1551. A igreja. A instituição da Casa pia em 1836. — 4.º Loios. — 5.º Bibliotheca Publica. — 6.º Conventos, 1.ª parte, Paraíso, Santa Clara e S. Bento. — 7.º Bellas artes. — 8.º Vesperas da restauração. — 9.º Idem, 2.ª parte. — 10.º Brasão d'Evora. — 11.º A igreja de Santo Antão. — 12.º O archivo municipal. — 13.º A restauração em Evora, 1640-1645. — 14.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora, 1.ª parte. — 15.º Idem, 2.ª parte. — 16.º Idem, 3.ª parte. — 17.º Evora e o Ultramar. — 18.º Assédios d'Evora, 1.ª parte.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand—Livraria Academica e livraria do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

## DOCUMENTOS HISTORICOS DA CIDADE D'EVORA

Estão publicados :

- 1.ª parte— fasciculos I a IX — Foraes, costumes. Documentos municipaes dos sec. XII e XIII. Documentos do Cabido. O livro dos herdamentos. Capitulos de Fernão Lopes. Extractos dos inventarios municipaes do sec. XIV. Extractos dos documentos das albergarias. O livro do Acenheiro. Posturas antigas da camara. Regimento da cidade em tempo de D. João 1.º— 2.ª parte, fasciculos X a XIV— Documentos municipaes. Ordens religiosas. Cartulario da cathedral eborense. Documentos da Misericordia.

Assignam-se no estabelecimento do editor J. F. Pereira Abranches, praça do Geraldo, Evora.

A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

## MADRUGADAS

A' venda em Evora em casa do editor Abranches.

### DO MESMO AUCTOR

Contos singelos. Narrativas para operarios. Contos de Andersen (trad.). Notas d'archeologia. Biographia de Quinto Sertorio. Fragmentos de Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, Aurelio Victor, Scylax e Hannon, itinerario de Antonino, Plinio e Mella. Livro 3.º da Geographia de Strabão.

Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra.











GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00043 9261



